O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 1

ADI PARVA

Ou

O LIVRO DO INÍCIO

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli [1883-1896]

Traduzido para o português por Eleonora Meier [2005-2011] e
Brevemente revisado pela tradutora em 2016 para alterações gramaticais, para a inclusão de marcadores e para a correção do aviso abaixo.

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

Prefácio da Tradução Inglesa

O objetivo de um tradutor deve ser sempre espelhar a obra do autor. Sendo assim, seu dever principal é representar tanto quanto possível a maneira na qual as ideias do autor estão expressas, retendo se possível, pelo sacrifício da expressão idiomática e elegância, todas as peculiaridades das imagens do autor e da língua também. Em relação a traduções do sânscrito nada é mais fácil do que apresentar de maneira atrativa as ideias hindus, assim como fazê-las agradáveis para gosto inglês. Mas o esforço do presente tradutor tem sido dar nas páginas seguintes uma versão tão literal quanto possível da grande obra de Vyasa. Ao leitor puramente inglês há muito nas páginas seguintes que soará ridículo. Aqueles não familiarizados com nenhuma língua exceto a sua são geralmente muito exclusivos em questões de gosto. Não tendo conhecimento de outros modelos além daqueles que encontram na sua própria língua o padrão que eles formaram de pureza e critério em composição deve ser necessariamente estreito. O tradutor, no entanto, cumpriria mal o seu dever se, pelo motivo de evitar o ridículo, ele sacrificasse a fidelidade ao original. Ele deve representar o autor como ele é e não como ele deveria ser para satisfazer o gosto estreito daqueles não familiarizados com ele. O senhor Pickford, no prefácio da sua tradução inglesa do Mahavira Charita, defende habilmente uma aderência precisa ao original mesmo com o sacrifício do idioma e elegância, contra as pretensões do que tem sido chamado de 'Tradução Livre', o que significa vestir o autor em um traje estranho para contentar aqueles a quem ele é apresentado.

No prefácio da sua tradução clássica do Niti Satakam de Bhartrihari e Vairagya Satakam, o sr. C. H. Tawney diz, 'Eu sou consciente de que no presente empreendimento eu retive muito do colorido local. Por exemplo, as ideias de adoração aos pés de um deus ou de grandes homens, embora ocorra frequentemente na literatura indiana, sem dúvida causarão o riso dos homens ingleses não familiarizados com o sânscrito, especialmente se ocorrer de eles pertencerem àquela classe de leitores que deleitam sua atenção no incidental e permanecem cegos ao essencial. Mas certa medida de fidelidade ao original mesmo com o risco de se fazer ridículo é melhor do que a desonestidade estudada que caracteriza tantas traduções de poetas orientais'.

Nós concordamos totalmente com o que está escrito acima, embora, deve ser observado, a censura enviada à classe indicada de tradutores é um tanto imerecida, não havendo nada como uma 'desonestidade estudada' em seus esforços, que procedem somente de uma visão errada dos seus deveres, e como tais revelam apenas um erro da cabeça e não do coração. Há mais de doze anos atrás quando Babu Pratapa Chandra Roy, com Babu Durga Charan Banerjee, foi ao meu retiro em Seebpore para me contratar para traduzir o Mahabharata para o inglês eu fiquei assombrado com a grandeza do esquema. Meu primeiro questionamento a ele foi de onde viria o dinheiro, caso a minha competência para a tarefa. Pratapa então desdobrou para mim os detalhes do seu plano, as esperanças que ele podia legitimamente nutrir de ajuda de diferentes partes. Ele estava cheio de entusiasmo. Ele me mostrou uma carta do Doutor Rost, o qual,

ele disse, tinha lhe sugerido o empreendimento. Eu conhecia Babu Durga Charan há muitos anos e tinha a mais elevada opinião sobre a sua erudição e senso prático. Quando ele calorosamente tomou o lado de Pratapa para me convencer da viabilidade do esquema eu o escutei pacientemente. Os dois queriam completar todos os arranjos comigo no mesmo dia. Com isso eu não concordei. Eu tirei o tempo de uma semana para considerar. Eu consultei alguns dos meus amigos literários, o principal entre eles era o recentemente falecido Dr. Sambhu C. Mookherjee. O último, eu percebi, tinha sido visitado por Pratapa. O Dr. Mookherjee me falou de Pratapa como um homem de energia e perseverança indomáveis. O resultado da minha reunião com o Dr. Mookherjee foi que eu escrevi para Pratapa pedindo a ele para ir me ver novamente. Naquela segunda entrevista as estimativas foram esboçadas, e tudo o que dizia respeito à minha parte no trabalho foi planejado. Meu amigo deixou comigo um exemplar da tradução que ele tinha recebido do professor Max Müller. Esse eu comecei a estudar, cuidadosamente comparando-o frase por frase com o original. Sobre o seu caráter literal não podia haver dúvida, mas ele não tinha fluência e, portanto, não poderia ser lido com prazer pelo leitor comum. A tradução tinha sido realizada trinta anos atrás por um jovem alemão amigo do grande sábio. Eu tive que retocar cada frase. Isso eu fiz sem prejudicar em absoluto a fidelidade ao original. A minha primeira 'cópia' foi impressa e uma dúzia de folhas foi tirada. Essas foram submetidas ao julgamento de diversos escritores eminentes, europeus e nativos. Todos eles, eu fiquei contente em ver, aprovaram o exemplar, e então a tarefa de traduzir o Mahabharata para o inglês havia começado a sério.

Antes, no entanto, do primeiro fascículo ser distribuído, surgiu a questão se a autoria da tradução deveria ser reconhecida publicamente. Babu Pratapa Chandra Roy foi contra o anonimato. Eu fui a favor. As razões que eu apresentei eram principalmente fundadas sobre a impossibilidade de uma pessoa traduzir todo o trabalho gigantesco. Apesar da minha resolução de cumprir até a máxima extensão o dever que eu havia começado eu podia não viver para terminá-lo. Levaria muitos anos antes que o fim pudesse ser alcançado. Outras circunstâncias além da morte poderiam surgir por consequência das quais a minha ligação com o trabalho poderia cessar. Não era desejável pôr em circulação fascículos sucessivos com os nomes de uma sucessão de tradutores aparecendo nas páginas de rosto. Essas e outras considerações convenceram meu amigo de que, afinal, o meu ponto de vista estava correto. Foi consequentemente resolvido omitir o nome do tradutor. Como um meio-termo, no entanto, entre os dois pontos de vista, foi resolvido pôr em circulação o primeiro fascículo com dois prefácios, um com a assinatura do editor e o outro intitulado 'Prefácio do tradutor'. Isso, supunha-se, protegiria eficazmente contra concepções erradas de todo tipo. Nenhum leitor cuidadoso então confundiria o editor com o autor.

Embora esse plano tivesse sido adotado, ainda antes que um quarto da tarefa tivesse sido concluída um influente jornal indiano caiu sobre o pobre Pratapa Chandra Roy e acusou-o abertamente de ser um partícipe de uma grande impostura literária, de posar perante o mundo como o tradutor do trabalho de Vyasa quando, realmente, ele era apenas o editor. A acusação veio o sobre meu

amigo como uma surpresa, especialmente porque ele nunca fez segredo da autoria em sua correspondência com estudiosos orientais de todas as partes do mundo. Ele escreveu prontamente ao jornal em questionamento, explicando as razões que havia para o anonimato, e apontando os dois prefácios com os quais o primeiro fascículo tinha sido dado ao mundo. O redator logo admitiu seu erro e se desculpou satisfatoriamente.

Agora que a tradução foi terminada não há mais nenhuma razão para reter o nome do tradutor. A tradução inteira é praticamente o trabalho de uma mão. Em partes do Adi e do Sabha Parvas eu fui ajudado por Babu Charu Charan Mookerjee. Cerca de quatro partes do Sabha Parva foram feitas pelo professor Krishna Kamal Bhattacharya, e cerca da metade de um fascículo durante a minha doença foi feita por outra mão. Eu devo declarar, no entanto, que antes de passar para a impressora a cópia recebida desses cavalheiros eu comparei cuidadosamente cada frase com o original, fazendo as alterações que eram necessárias para manter uma uniformidade de estilo com o resto do trabalho.

Eu devo aqui observar que ao traduzir o Mahabharata para o inglês eu derivei muito pouca ajuda das três versões em bengali que supostamente foram realizadas com cuidado. Cada uma delas está cheia de inexatidões e gafes de todos os tipos. No Santi em particular, o qual é de longe o mais difícil dos dezoito Parvas, foi feita uma confusão pelos sábios que o traduziram. Centenas de gafes ridículas podem ser apontadas nas seções Rajadharma e Mokshadharma. Algo disso eu indiquei em notas aos pés das páginas.

Eu não posso clamar por infalibilidade. Há versos no Mahabharata que são extremamente difíceis de traduzir. Eu derivei muita ajuda do grande comentador Nilakantha. Eu sei que a autoridade de Nilakantha não é incapaz de ser desafiada. Mas quando é lembrado que as interpretações dadas por Nilakantha vieram a ele de preceptores dos tempos antigos deve-se pensar duas vezes antes de rejeitar Nilakantha como guia.

Sobre as versões que adotei eu devo dizer que quanto à primeira metade do trabalho eu geralmente aderi aos textos bengalis; quanto à última metade, à edição impressa de Bombaim. Às vezes seções individuais, como se acham nas edições de Bengala, diferem amplamente, em relação à ordem dos versos, das correspondentes na edição de Bombaim. Nesses casos eu aderi aos textos bengalis, convencido de que a sequência das ideias está mais bem preservada nas edições de Bengala do que nas de Bombaim.

Eu devo expressar as minhas dívidas específicas para com Ram Pandit Nath Tarkaratna, o autor de 'Vasudeva Vijayam' e outros poemas, Pandit Shyama Charan Kaviratna, o douto redator de Kavyaprakasha com o comentário do professor Mahesh Chandra Nayaratna, e Babu Aghore Nath Banerjee, o gerente da Bharata Karyalaya. Todos esses estudiosos foram meus árbitros em todos os pontos de dificuldade. A sólida erudição de Pandit Ram Nath é conhecida por aqueles que entram em contato com ele. Eu nunca apresentei a ele uma dificuldade que ele não pode aclarar. Infelizmente ele não estava sempre por perto

para consultar. Pandit Shyama Charan Kaviratna, durante a minha residência em Seebpore, me ajudou a examinar as seções Mokshadharma do Santi Parva. Despretensioso ao extremo, Kaviratna é realmente o exemplo de um Brahman erudito da Índia antiga. Babu Aghore Nath Banerjee também, de tempos em tempos, me prestou ajuda valiosa em aclarar minhas dificuldades.

Gigantesco como o trabalho é, teria sido extremamente difícil continuá-lo se eu não tivesse sido encorajado pelo senhor Stuart Bayley, senhor Auckland Colvin, senhor Alfred Croft, e entre os eruditos orientais pelo falecido Dr. Reinhold Rost, e Mons. A. Barth de Paris. Todos esses homens eminentes sabiam desde o início que a tradução estava procedendo da minha caneta. Apesar do entusiasmo com o qual meu pobre amigo, Pratapa Chandra Roy, sempre se esforçou para me encher, eu estou certo de que as minhas energias teriam esmorecido e a paciência se esgotado sem as palavras animadoras que eu sempre recebi desses patrocinadores e amigos da iniciativa.

Finalmente eu devo mencionar meu chefe literário e amigo, o Dr. Sambhu C. Mookherjee. O gentil interesse que ele tomou em meus trabalhos, as repetidas exortações que ele me dirigiu inculcando paciência, o cuidado com o qual ele lia cada fascículo assim que era publicado, notando todas aquelas passagens que lançavam luz sobre tópicos de interesse antigo, e as palavras de elogio que ele proferia quando alguma expressão particularmente feliz encontrava seus olhos, serviram para me estimular mais do que qualquer outra coisa a continuar com uma tarefa que às vezes me pareceu interminável.

Kisari Mohan Ganguli

Calcutá.

Anukramaṇī[1] Parva

1

Om! Reverenciando Narayana e Nara, o mais sublime ser masculino, e também a deusa Sarasvati, a palavra Jaya deve ser proferida.

Ugrasrava, filho de Lomaharshana, de sobrenome Sauti, bem versado nos Puranas, curvando-se com humildade, um dia se aproximou dos grandes sábios de votos rígidos, reunidos tranquilamente em assembleia, que tinham ajudado no sacrifício de doze anos de Saunaka, de sobrenome Kulapati, na floresta de Naimisha. Aqueles ascetas, desejando ouvir suas narrações extraordinárias, logo começaram a se dirigir a ele que tinha assim chegado àquela reclusa residência dos habitantes da floresta de Naimisha. Tendo sido acolhido com o devido respeito por aqueles homens santos, ele saudou aqueles Munis (sábios) com as palmas unidas, todos eles, e perguntou sobre o progresso do seu ascetismo. Então, todos os ascetas estando sentados novamente, o filho de Lomaharshana ocupou humildemente o assento que lhe foi designado. Vendo que ele estava confortavelmente sentado e recuperado da fadiga, um dos rishis, iniciando a conversa, lhe perguntou, 'De onde tu vens, ó Sauti de olhos de lótus, e onde tu tens passado o tempo? Conta a mim, que te pergunto, em detalhes'.

Talentoso em discurso, Sauti, assim questionado, deu em meio àquela grande assembleia de Munis contemplativos uma resposta completa e adequada em palavras consoantes com o seu modo de vida.

Sauti disse, "Tendo ouvido as diversas histórias sagradas e maravilhosas que foram compostas por Krishna-Dwaipayana em seu Mahabharata, as quais foram narradas integralmente por Vaisampayana no sacrifício de cobras do nobre sábio de grande alma Janamejaya, e na presença também daquele principal dos príncipes, o filho de Parikshit, e tendo vagado, visitando muitos rios e santuários sagrados e santos, eu viajei para o país venerado pelos Dwijas, (duas-vezes-nascidos) chamado Samantapanchaka, onde antigamente foi lutada a batalha entre os filhos de Kuru e Pandu, com todos os comandantes da terra alinhados de ambos os lados. De lá, ansioso para vê-los, eu vim até a sua presença. A vocês sábios veneráveis, todos os quais são para mim como Brahma; vocês imensamente abençoados que brilham neste lugar de sacrifício com o esplendor do fogo solar, vocês que terminaram as meditações silenciosas e alimentaram o fogo sagrado; e vocês que estão sentados sem preocupações, qual, ó Dwijas, eu devo repetir: eu devo relatar as histórias sagradas reunidas nos Puranas contendo preceitos do dever religioso e do lucro mundano, ou os atos dos santos ilustres e soberanos da humanidade?"

O rishi respondeu, "O Purana, primeiro promulgado pelo grande rishi Dwaipayana, e que depois de ser ouvido pelos deuses e Brahmarshis foi muito estimado, sendo a narrativa mais eminente que existe, diversificado em dicção e

---

[1] ["Esse é o nome correto do primeiro (sub-)parva, chamado erroneamente de *Anukramaṇikāparva* em edições modernas". – V. S. Sukthankar, *Critical Studies in the Mahābhārata*].

divisão, possuindo significados sutis logicamente combinados, e colhido dos Vedas, é uma obra sagrada. Composto em linguagem elegante, ele contém os assuntos dos outros livros. Ele é elucidado por outros Shastras, e compreende o sentido dos quatro Vedas. Nós estamos desejosos de ouvir aquela história também chamada Bharata, a composição sagrada do admirável Vyasa, a qual dissipa o medo do mal, exatamente como ela foi alegremente recitada pelo rishi Vaisampayana, sob a direção do próprio Dwaipayana, no sacrifício de cobras do Raja Janamejaya!”

Sauti então disse, “Tendo me curvado ao ser primordial Isana, a quem multidões fazem oferendas, e que é adorado pela multidão; que é o verdadeiro incorruptível, Brahma, perceptível, imperceptível, eterno; que é ambos: um ser não-existente e um ser existente-não-existente; que é o universo e também distinto do universo existente e inexistente; que é o criador do alto e do baixo; o antigo, exaltado, inesgotável; que é Vishnu, beneficente e a própria beneficência, digno de toda preferência, puro e imaculado; que é Hari, o regente das faculdades, o guia de todas as coisas móveis e imóveis; eu declamarei os pensamentos sagrados do ilustre sábio Vyasa, de atos notáveis e adorado aqui por todos. Alguns bardos já publicaram essa história, alguns a estão ensinando agora, e outros, de maneira semelhante, vão promulgá-la daqui em diante sobre a terra. Ela é uma grande fonte de conhecimento, estabelecida por todas as três regiões do mundo. Ela é possuída pelos duas-vezes-nascidos em formas detalhadas e resumidas. Ela é o deleite dos eruditos por ser embelezada com expressões elegantes, conversações humanas e divinas, e uma variedade de ritmos poéticos.

Neste mundo, quando ele era desprovido de claridade e luz, e envolto por toda parte em total escuridão, formou-se, como a causa primária da criação, um ovo potente, a única semente inesgotável de todos os seres criados. Ele é chamado Mahadivya, e foi formado no início do Yuga, no qual nós estamos manifestados. Ele era a verdadeira luz Brahma, o ser eterno, extraordinário e inconcebível presente igualmente em todos os lugares; a causa invisível e sutil, cuja natureza partilha de entidade e não-entidade. Daquele ovo saiu o senhor Pitamaha Brahma, o único Prajapati; com Suraguru e Sthanu. Então apareceram os vinte e um Prajapatis, Manu, Vasishtha e Parameshthi; dez Prachetas, Daksha, e os sete filhos de Daksha. Então apareceu o homem de natureza inconcebível a quem todos os rishis conhecem, e então os Viswedevas, os Adityas, os Vasus, e os gêmeos Asvins; os Yakshas, os Sadhyas, os Pisachas, os Guhyakas, e os Pitris. Depois desses foram produzidos os sábios e os mais santos Brahmarshis, e os numerosos Rajarshis distintos por todas as qualidades nobres. Então a água, os céus, a terra, o ar, o firmamento, os pontos dos céus, os anos, as estações, os meses, as quinzenas, chamadas Pakshas, com dia e noite em devida sucessão. E dessa maneira foram produzidas todas as coisas que são conhecidas pela humanidade.

E o que é visto no universo, seja animado ou inanimado, das coisas criadas, no fim do mundo, e depois do término do Yuga, será novamente misturado. E, no começo de outros Yugas todas as coisas serão renovadas, como os vários frutos da terra sucedem uns aos outros na devida ordem de suas estações. Assim

continua perpetuamente a girar o mundo, sem início e sem fim, essa roda que causa a destruição de todas as coisas.

A geração dos Devas, em resumo, foi de trinta e três mil, trezentos e trinta e três. Os filhos de Div eram Brihadbhanu, Chakshus, Atma Vibhavasu, Savita, Richika, Arka, Bhanu, Asavaha, e Ravi. Desses Vivaswans de antigamente Mahya era o mais jovem cujo filho era Devavrata. O último teve por seu filho Suvrata que, nós sabemos, teve três filhos, Dasajyoti, Satajyoti, e Sahasrajyoti, cada um deles produzindo numerosa prole. O ilustre Dasajyoti teve dez mil, Satajyoti dez vezes esse número, e Sahasrajyoti dez vezes o número da prole de Satajyoti. Desses são descendentes a família dos Kurus, dos Yadus, e de Bharata; a família de Yayati e de Ikshwaku e também todos os Rajarshis. Numerosas também foram as gerações produzidas, e muito abundantes eram as criaturas e seus lugares de residência. O mistério que é triplo, os Vedas, Yoga, e Vijnana Dharma, Artha, e Kama, também vários livros sobre o assunto de Dharma, Artha, e Kama, também regras para a conduta da humanidade, também histórias e discursos com vários srutis, todos os quais, tendo sido vistos pelo rishi Vyasa, são aqui mencionados na devida ordem como um exemplar do livro.

O rishi Vyasa publicou essa massa de conhecimento em uma forma detalhada e em uma forma resumida. É o desejo dos eruditos do mundo possuir os detalhes e o resumo. Alguns leem o Bharata começando com o mantra inicial (invocação), outros com a história de Astika, outros com Uparichara, enquanto alguns brâmanes estudam o total. Homens de erudição expõem os seus vários conhecimentos dos institutos em comentários sobre a composição. Alguns são habilidosos em explicá-lo, enquanto outros, em relembrar seus conteúdos.

O filho de Satyavati (Vyasa) tendo, por meio de penitência e meditação, analisado o Veda eterno, compôs subsequentemente esta história sagrada. Quando aquele Brahmarshi erudito de votos severos, o nobre Dwaipayana Vyasa, filho de Parasara, tinha terminado essa mais grandiosa das narrações, ele começou a considerar como poderia ensiná-la para seus discípulos. E o possuidor dos seis atributos, Brahma, o preceptor do mundo, sabendo da ansiedade do rishi Dwaipayana, foi pessoalmente ao lugar onde o último estava para gratificar o santo e beneficiar o povo. E quando Vyasa, cercado por todas as tribos de Munis, o viu, ele se surpreendeu e, permanecendo com palmas unidas, ele se curvou e ordenou que um assento fosse trazido. E Vyasa, tendo circungirado a ele que é chamado de Hiranyagarbha sentado naquele assento notável, ficou perto dele, e sendo ordenado por Brahma Parameshthi ele sentou-se perto do assento, cheio de afeição e sorrindo alegremente. Então o imensamente glorioso Vyasa, dirigindo-se a Brahma Parameshthi, disse: 'Ó Brahma divino, por mim um poema foi composto, o qual é muito respeitado. O mistério do Veda e outros assuntos foram explicados por mim; os vários rituais das Upanishads com os Angas; a compilação dos Puranas e histórias formadas por mim, e que receberam o nome das três divisões de tempo, passado, presente, e futuro, a determinação da natureza da decadência, medo, doença, existência e inexistência, uma descrição dos credos e dos vários modos de vida, regras para as quatro castas, e a significação de todos os Puranas; a importância do ascetismo e dos deveres de

um estudante religioso; as dimensões do sol e da lua, os planetas, constelações, e estrelas, junto com a duração das quatro eras; o Rik, Sama e Yajur Vedas; também o Adhyatma; as ciências chamadas Nyaya, Ortoepia e o Tratamento de Doenças; caridade e Pasupatadharma; nascimento celeste e humano para propósitos específicos; também uma descrição de lugares de peregrinação e outros lugares sagrados de rios, montanhas, florestas, o oceano, as cidades celestes e os kalpas; a arte da guerra; as diferentes espécies de nações e línguas, a natureza dos costumes do povo; e o espírito que permeia tudo, tudo foi relatado. Mas, afinal, nenhum escritor desse trabalho é encontrado na terra'.

Brahma disse, 'Eu te estimo pelo teu conhecimento dos mistérios divinos, perante todo o grupo de Munis célebres eminentes pela santidade de suas vidas. Eu sei que tu tens revelado a palavra divina, mesmo desde a sua primeira expressão vocal, na linguagem da verdade. Tu chamaste o teu presente trabalho de poema, pelo que ele será um poema. Não haverá poetas cujos trabalhos possam se igualar às descrições desse poema, assim como os três outros modos chamados Asrama são sempre desiguais em mérito ao Asrama familiar. Que Ganesa seja considerado, ó Muni, para o propósito de escrever o poema'.

Sauti disse, “Brahma, tendo falado dessa maneira para Vyasa, retirou-se para a sua própria residência. Então Vyasa começou a se lembrar de Ganesa. E Ganesa, o removedor de obstáculos, disposto a realizar os desejos dos seus devotos, imediatamente ao pensamento dirigiu-se ao lugar onde Vyasa estava. E quando ele havia sido saudado, e estava sentado, Vyasa se dirigiu a ele assim, ‘Ó guia dos Ganas! Sê tu o escritor do Bharata o qual eu formei em minha mente, e que estou prestes a repetir’.

Ganesa, após ouvir as palavras que lhe foram dirigidas, respondeu assim, 'Eu me tornarei o escritor do teu trabalho, contanto que a minha caneta em nenhum momento pare de escrever’. E Vyasa disse àquele deus, 'Onde houver qualquer coisa que tu não compreendas para de continuar a escrever'. Ganesa, tendo expressado seu assentimento por repetir a palavra Om, começou a escrever, e Vyasa iniciou (a recitação), e por meio de desvio ele uniu os laços da composição muito firmemente, e fazendo isso ele ditou esse trabalho segundo a sua promessa.

Eu (Sauti continuou) conheço oito mil e oitocentos versos, e assim é com Suka, e talvez com Sanjaya. Por causa do caráter misterioso do significado deles, ó Muni, ninguém é capaz, até hoje, de penetrar nesses slokas difíceis intimamente entrelaçados. Até o onisciente Ganesa tomou um momento para considerar; Vyasa, no entanto, continuou a compor outros versos em grande abundância.

A sabedoria deste trabalho, como um instrumento de aplicar colírio, tem aberto os olhos do mundo inquisitivo cegado pela escuridão da ignorância. Como o sol dissipa a escuridão, assim o Bharata com seus discursos sobre religião, lucro, prazer, e libertação final, dissipa a ignorância dos homens. Como a lua cheia por meio de sua luz suave expande os brotos do nenúfar, assim este Purana, por expor a luz da Sruti, tem expandido o intelecto humano. Pela lâmpada da história,

que destrói a escuridão da ignorância, toda a mansão da natureza é devidamente e completamente iluminada.

Este trabalho é uma árvore, da qual o capítulo de conteúdos é a semente; as divisões chamadas Pauloma e Astika são as raízes; a parte chamada Sambhava é o tronco; os livros chamados Sabha e Aranya são os poleiros para as aves; os livros chamados Arani são os nós dos ramos; os livros chamados Virata e Udyoga o cerne; o livro chamado Bhishma, o ramo principal; o livro chamado Drona, as folhas; o livro chamado Karna, as flores formosas; o livro chamado Salya, seu perfume doce; os livros intitulados Stri e Aishika, a sombra refrescante; o livro chamado Santi, o fruto vigoroso; o livro chamado Aswamedha, a seiva imortal; o denominado Asramavasika, o lugar onde ela cresce; e o livro chamado Mausala é um epítome dos Vedas e considerado com grande respeito pelos brâmanes virtuosos. A árvore do Bharata, inesgotável para a humanidade como as nuvens, será como uma fonte de vida para todos os poetas eminentes.

Sauti continuou, “Eu vou falar agora das produções eternas floridas e frutíferas dessa árvore, que possuem sabor puro e agradável, e que não podem ser destruídas nem pelos imortais. Antigamente, o determinado e virtuoso Krishna-Dwaipayana, pelas injunções de Bhishma, o filho sábio de Ganga, e de sua própria mãe, tornou-se o pai de três meninos que eram como três chamas por meio das duas esposas de Vichitravirya; e tendo assim gerado Dhritarashtra, Pandu e Vidura ele voltou para a sua residência reclusa para dar seguimento ao seu exercício religioso.

Não foi até depois que eles nasceram, cresceram, e partiram na viagem suprema que o grande rishi Vyasa publicou o Bharata nesta região da humanidade; quando, sendo solicitado por Janamejaya e milhares de brâmanes, ele instruiu seu discípulo Vaisampayana, que estava sentado perto dele, e ele, sentando-se junto com os Sadasyas, recitou o Bharata, durante os intervalos das cerimônias do sacrifício, sendo repetidamente incitado a prosseguir.

Vyasa descreveu totalmente grandeza da casa de Kuru, os princípios virtuosos de Gandhari, a sabedoria de Vidura, e a constância de Kunti. O nobre rishi também descreveu a divindade de Vasudeva, a retidão dos filhos de Pandu, e as práticas más dos filhos e partidários de Dhritarashtra.

Vyasa realizou a compilação do Bharata, exclusiva dos episódios originalmente em vinte e quatro mil versos; e tanto somente é chamado pelos eruditos como o Bharata. Depois ele compôs um epítome em cento e cinquenta versos, consistindo na introdução com o capítulo de conteúdos. Esse ele ensinou primeiro ao seu filho Suka; e depois ele o comunicou a outros dos seus discípulos que possuíam as mesmas qualificações. Depois ele realizou outra compilação, consistindo em seis milhões de versos. Desses, três milhões são conhecidos no mundo dos Devas, um milhão e quinhentos mil no mundo dos Pitris, um milhão e quatrocentos mil entre os Gandharvas, e cem mil nas regiões da humanidade. Narada recitou-os aos Devas, Devala aos Pitris, e Suka os difundiu para os gandharvas, yakshas, e rakshasas, e neste mundo eles foram recitados por Vaisampayana, um dos

discípulos de Vyasa, um homem de princípios justos e o principal entre todos aqueles familiarizados com os Vedas. Saibam que eu, Sauti, também tenho repetido cem mil versos.

Yudhishthira é uma árvore vasta, formada de religião e virtude; Arjuna é seu tronco; Bhimasena, seu ramos; os dois filhos de Madri são seus frutos e flores crescidos; e suas raízes são Krishna, Brahma, e os brâmanes.

Pandu, depois de ter conquistado muitos países por meio de sua sabedoria e bravura tomou residência com os Munis em certa floresta como um esportista, onde ele causou a si próprio uma desgraça muito grave por ter matado um veado que copulava com sua companheira, o que serviu como uma advertência para a conduta dos príncipes da sua casa enquanto eles viveram. As mães deles (dos Pandavas), para que os decretos da lei pudessem ser cumpridos, admitiram como substitutos para seus abraços os deuses Dharma, Vayu, Sakra, e os deuses gêmeos Asvins. E quando seus filhos cresceram sob os cuidados de suas duas mães na sociedade dos ascetas, no meio de arvoredos sagrados e santas residências reclusas de homens religiosos, eles foram conduzidos por rishis até a presença de Dhritarashtra e seus filhos, seguindo como estudantes no hábito de Brahmacharis, tendo seu cabelo amarrado em nós em suas cabeças. ‘Estes nossos pupilos’, disseram eles, 'são como seus filhos, seus irmãos, e seus amigos; eles são Pandavas'. Assim dizendo, os Munis desapareceram.

Quando os Kauravas os viram apresentados como os filhos de Pandu a classe eminente de cidadãos gritou muito de alegria. Alguns, no entanto, disseram que eles não eram os filhos de Pandu; outros disseram que eles eram; enquanto uns poucos perguntaram como eles podiam ser filhos dele, visto que ele estava morto há tanto tempo. Ainda assim por todos os lados vozes eram ouvidas gritando: 'Eles são totalmente bem-vindos! Pela Divina Providência nós vemos a família de Pandu! Que as suas boas vindas sejam proclamadas!' Quando essas aclamações cessaram os aplausos de espíritos invisíveis, fazendo os pontos dos céus ressoarem, foram tremendos. Houve chuvas de flores de perfume doce, e o som de conchas e timbales. Essas foram as maravilhas que aconteceram na chegada dos jovens príncipes. O barulho alegre de todos os cidadãos, em expressão de sua satisfação na ocasião, foi tão grande que alcançou os céus em aplausos calorosos.

Tendo estudado a totalidade dos Vedas e vários outros shastras os Pandavas residiram lá, respeitados por todos e sem receio de ninguém.

Os homens dirigentes ficaram satisfeitos com a pureza de Yudhishthira, a coragem de Arjuna, a atenção submissa de Kunti para com seus superiores, e a humildade dos gêmeos, Nakula e Sahadeva, e todo o povo se regozijava com suas virtudes heroicas.

Depois de algum tempo Arjuna obteve a donzela Krishnâ no swayamvara, no meio de uma multidão de Rajas, por realizar uma façanha muito difícil de tiro com arco. E daquele tempo em diante ele se tornou muito respeitado neste mundo entre todos os arqueiros, e em campos de batalha também, como o sol, ele era

difícil de ser olhado pelos inimigos. E tendo derrotado todos os príncipes vizinhos e toda tribo considerável ele realizou tudo o que era necessário para o Raja (o rei, seu irmão mais velho) realizar o grande sacrifício chamado Rajasuya.

Yudhishthira, depois ter, pelos sábios conselhos de Vasudeva e pela bravura de Bhimasena e Arjuna, matado Jarasandha (o rei de Magadha) e o orgulhoso Chaidya, obteve o direito de realizar o grandioso sacrifício Rajasuya, rico em provisões e oferendas, e repleto de méritos transcendentes. E Duryodhana foi àquele sacrifício; e quando ele viu a vasta riqueza dos Pandavas espalhada por toda parte, as oferendas, as pedras preciosas, ouro e joias, a abundância em vacas, elefantes, e cavalos, as curiosas texturas, peças de roupa, e mantos, os preciosos xales e casacos e tapetes feitos da pele de Ranku ele se encheu de inveja e ficou muito descontente. E quando ele viu a sala de reuniões elegantemente construída por Maya (o asura arquiteto) seguindo o estilo de uma corte celeste ele ficou cheio de raiva. E tendo caído em confusão por causa de certas ilusões arquitetônicas dentro daquela construção ele foi ridicularizado por Bhimasena na presença de Vasudeva, como alguém de descendência inferior.

E foi relatado para Dhritarashtra que seu filho, enquanto compartilhava de vários objetos de prazer e diversas coisas preciosas, estava ficando magro, doentio e pálido. E Dhritarashtra, algum tempo depois, por afeição por seu filho, deu seu consentimento para o jogo de dados (com os Pandavas). E Vasudeva, vindo a saber disso, ficou extremamente irado. E estando descontente ele não fez nada para impedir as disputas, mas deixou acontecer o jogo e vários outros procedimentos horríveis e injustificáveis surgidos desse, e a despeito de Vidura, Bhishma, Drona, e Kripa, o filho de Saradwan, ele fez os kshatriyas matarem uns aos outros na guerra terrível que se seguiu.

E Dhritarashtra, ouvindo as más notícias do êxito dos Pandavas e se lembrando das resoluções de Duryodhana, Kama, e Sakuni, ponderou por um momento e dirigiu a Sanjaya o seguinte discurso:

'Presta atenção, ó Sanjaya, em tudo o que eu vou dizer, e não te ficará bem me tratar com desprezo. Tu és bem-versado na arte dos shastras, inteligente e dotado de sabedoria. A minha inclinação nunca foi para a guerra, nem eu me deleitei na destruição da minha família. Eu não fiz distinção entre os meus próprios filhos e os filhos de Pandu. Meus próprios filhos eram propensos à teimosia e me desprezavam porque eu sou velho. Cego como eu sou, por causa da minha situação miserável e por afeição paterna eu tolerei tudo aquilo. Eu fui tolo assim como o imprudente Duryodhana sempre cheio de tolice. Tendo sido um observador das riquezas dos filhos poderosos de Pandu o meu filho foi ridicularizado por seu embaraço enquanto percorria a mansão. Incapaz de tolerar isso e incapaz ele mesmo de vencer os filhos de Pandu no campo, e embora um soldado sem vontade de obter fortuna por seu próprio esforço, com a ajuda do rei de Gandhara ele planejou um jogo de dados injusto.

Ouve, ó Sanjaya, tudo o que aconteceu depois e que veio ao meu conhecimento. E quando tu tiveres ouvido tudo o que eu disser, relembrando

como tudo aconteceu, tu então me reconhecerás como uma pessoa de visão profética. Quando eu soube que Arjuna, tendo curvado o arco, tinha trespassado o curioso alvo e o trazido ao solo, e levado embora em triunfo a donzela Krishnâ, na visão dos príncipes reunidos, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Subhadra da família de Madhu, depois de captura forçada, tinha se casado com Arjuna na cidade de Dwaraka, e que os dois heróis da linhagem de Vrishni (Krishna e Balarama, os irmãos de Subhadra) sem se ressentirem disso entraram em Indraprastha como amigos, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna, por meio de suas flechas celestes impedindo a chuva de Indra o rei dos deuses, tinha satisfeito Agni por dar a ele a floresta de Khandava, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os cincos Pandavas com sua mãe Kunti tinham escapado da casa de laca, e que Vidura estava empenhado na realização dos planos deles, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna, depois de perfurar o alvo na arena tinha ganhado Draupadi, e que os bravos Panchalas se uniram aos Pandavas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Jarasandha, o principal da linhagem real de Magadha, e resplandecente em meio aos kshatriyas, tinha sido morto por Bhima somente com seus braços nus, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que em sua campanha geral os filhos de Pandu conquistaram os chefes da terra e realizaram o grandioso sacrifício Rajasuya, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Draupadi, com sua voz sufocada pelas lágrimas e coração cheio de agonia, no período de impureza e vestida com uma única peça de roupa, tinha sido arrastada para a corte e, embora tivesse protetores, foi tratada como se não tivesse nenhum, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o patife vil Duhsasana, se esforçando para despi-la daquela única peça de roupa, só tirou do corpo dela uma grande pilha de tecidos sem ser capaz de chegar ao fim, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Yudhishthira, vencido por Saubala no jogo de dados e privado do seu reino como consequência disso ainda era servido por seus irmãos de bravura incomparável, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os Pandavas virtuosos chorando aflitos tinham seguido seu irmão mais velho para a selva e se esforçado de várias formas para mitigar seus desconfortos, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito.

Quando eu soube que Yudhishthira foi seguido à selva por brâmanes Snatakas e de nobres almas que viviam de esmolas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna, tendo, em combate, agradado ao deus dos deuses, Tryambaka (o de três olhos) no disfarce de um caçador, obteve a grande arma Pasupata, então ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o justo e renomado Arjuna, depois de ter ido às regiões celestes, obteve lá armas celestes do próprio Indra então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna venceu em seguida os Kalakeyas e os Paulomas orgulhosos com a bênção que tinham obtido e que os tornava invulneráveis até para os celestiais, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna, o castigador de inimigos, tendo

ido para as regiões de Indra para a destruição dos asuras voltou de lá bem sucedido, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Bhima e os outros filhos de Pritha (Kunti), acompanhados por Vaisravana, tinham chegado àquele país que era inacessível para os homens, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que meus filhos, guiados pelos conselhos de Karna, durante a sua viagem de Ghoshayatra foram capturados pelos Gandharvas e libertados por Arjuna, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Dharma (o deus da justiça), tendo tomado a forma de um yaksha propôs certas questões para Yudhishthira então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que meus filhos falharam em descobrir os Pandavas sob os seus disfarces enquanto residiam com Draupadi nos domínios de Virata, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os principais homens do meu lado foram todos derrotados pelo nobre Arjuna com uma única carruagem enquanto residia nos domínios de Virata então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Vasudeva da linhagem de Madhu, que cobriu esta terra inteira com um passo, estava entusiasticamente interessado no bem-estar dos Pandavas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o rei de Matsya ofereceu sua filha virtuosa Uttarâ para Arjuna e que Arjuna a aceitou para seu filho, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Yudhishthira, derrotado nos dados, desprovido de riquezas, exilado e separado de suas conexões ainda tinha reunido um exército de sete akshauhinis, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu ouvi Narada declarar que Krishna e Arjuna eram Nara e Narayana e que ele (Narada) os tinha visto juntos nas regiões de Brahma, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Krishna, ansioso pela paz, pelo bem-estar da humanidade, tinha se dirigido aos Kurus e ido embora sem ter sido capaz de realizar o seu propósito, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que quando Kama e Duryodhana resolveram aprisionar Krishna ele mostrou em si mesmo todo o universo, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que na hora da sua partida, Pritha (Kunti) estando de pé, cheia de tristeza perto de sua carruagem recebeu consolo de Krishna, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Vasudeva e Bhishma, o filho de Santanu, eram os conselheiros dos Pandavas, e que Drona, o filho de Bharadwaja, pronunciou bênçãos sobre eles, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando Kama (Karna) disse a Bhishma: ‘Eu não lutarei enquanto tu estiveres lutando’ e, deixando o exército, foi para longe, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Vasudeva e Arjuna e o arco Gandiva de destreza incomensurável, aqueles três de energia aterradora tinham se reunido, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que após Arjuna ser tomado pelo remorso em sua carruagem e estar disposto a declinar Krishna mostrou a ele todos os mundos dentro do seu corpo, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Bhishma, o desolador de inimigos, matando dez mil quadrigários todo dia no campo de batalha não tinha matado nenhum dos Pandavas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Bhishma, o virtuoso filho de Ganga, indicou os meios da sua própria derrota no campo de batalha e que os

mesmos foram realizados pelos Pandavas com júbilo, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna, tendo colocado Sikhandin diante de si em sua carruagem, feriu Bhishma de coragem infinita e invencível em batalha, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o velho herói Bhishma, que reduziu os números da tribo de Shomaka a uns poucos, dominado por vários ferimentos estava jazendo em um leito de flechas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Bhishma enquanto jazia no chão ficou sedento por água e Arjuna, sendo requisitado, perfurou o solo e aliviou sua sede, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando Bayu junto com Indra e Suryya se uniram como aliados para o sucesso dos filhos de Kunti, e os animais predadores (por meio da sua presença inauspiciosa) estavam pondo medo em nós, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando o admirável guerreiro Drona, exibindo vários modos de luta no campo, não matou nenhum dos Pandavas superiores, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os Maharathas Sansaptakas do nosso exército designados para derrotar Arjuna foram todos mortos pelo próprio Arjuna, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que a nossa disposição de tropas, impenetrável para outros, e defendida pelo próprio Bharadwaja bem armado, tinha sido forçada e penetrada pelo corajoso filho de Subhadra sozinho, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os nossos Maharathas, incapazes de derrotar Arjuna, com rostos jubilantes tinham juntos cercado e matado o menino Abhimanyu, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os cegos Kauravas estavam gritando de alegria depois de terem matado Abhimanyu e que após isso Arjuna furioso fez seu discurso célebre referente a Saindhava então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando soube que Arjuna tinha prometido a morte de Saindhava e cumprido o seu voto na presença de seus inimigos, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que, quando os cavalos de Arjuna ficaram cansados, Vasudeva soltando-os fez com que eles bebessem água e os trouxe de volta e pôs novamente os arreios neles e continuou a guiá-los como antes, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que enquanto seus cavalos estavam fatigados, Arjuna, permanecendo em sua carruagem, deteve todos os seus atacantes, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Yuyudhana da linhagem Vrishni, depois de ter jogado em confusão o exército de Drona insuperável em bravura devido à presença de elefantes, se retirou para onde Krishna e Arjuna estavam, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Karna teve Bhima em seu poder e permitiu que ele escapasse depois de apenas se dirigir a ele em termos desdenhosos e de arrastá-lo com a ponta de seu arco, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Drona, Kritavarma, Kripa, Karna, o filho de Drona, e o valente rei de Madra (Salya) permitiram que Saindhava fosse morto, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que a Sakti celeste dada por Indra (para Karna) foi, pelas maquinações de Madhava, lançada sobre o rakshasa Ghatotkacha de rosto pavoroso, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que no combate entre Karna e Ghatotkacha aquela Sakti foi lançada contra Ghatotkacha por Karna, a mesma que sem dúvida teria

matado Arjuna em batalha, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Dhristadyumna, transgredindo as leis de batalha, matou Drona quando ele estava sozinho em sua carruagem e decidido a morrer, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de sucesso. Quando eu soube que Nakula, o filho de Madri, tendo na presença do exército inteiro se engajado em duelo com o filho de Drona e se mostrado igual a ele dirigiu sua carruagem em círculos, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando após a morte de Drona seu filho fez mau uso da arma chamada Narayana, mas falhou em realizar a destruição dos Pandavas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Bhimasena bebeu o sangue de seu irmão Duhsasana no campo de batalha sem ninguém ser capaz de impedi-lo, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o infinitamente bravo Karna invencível em batalha foi morto por Arjuna naquela guerra de irmãos misteriosos até para os deuses, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito.

Quando eu soube que Yudhishthira o justo superou o heroico filho de Drona, Duhsasana, e o feroz Kritavarman, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o bravo rei de Madra que sempre desafiava Krishna em batalha foi morto por Yudhishthira, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de sucesso. Quando eu soube que o perverso Suvala de poder mágico, a causa do jogo e da animosidade, foi morto em batalha por Sahadeva, o filho de Pandu, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Duryodhana, cansado, tendo ido para um lago e feito um refúgio para si próprio dentro das suas águas, estava jazendo lá sozinho, sem forças e sem uma carruagem, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os Pandavas foram àquele lago acompanhados por Vasudeva e permanecendo em sua margem começaram a se dirigir desdenhosamente ao meu filho que era incapaz de tolerar afrontas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que enquanto mostrando em círculos uma variedade de modos curiosos (de ataque e defesa) em um combate com maças, ele foi morto injustamente segundo os conselhos de Krishna, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o filho de Drona e outros, por matarem os Panchalas e os filhos de Draupadi em seu sono, cometeram um ato horrível e infame, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Aswatthaman, enquanto era perseguido por Bhimasena, tinha disparado a principal das armas chamadas Aishika, pela qual o embrião no útero (de Uttarâ) foi ferido, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que a arma Brahmashira (disparada por Aswatthaman) foi repelida por Arjuna com outra arma sobre a qual ele tinha pronunciado a palavra "Sasti" e que Aswatthaman teve que desistir da excrescência semelhante a joia em sua cabeça, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que, após o embrião no útero da filha de Virata ter sido ferido por Aswatthaman com uma arma poderosa, Dwaipayana e Krishna pronunciaram maldições sobre ele, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito.

Ai! Gandhari, desprovida de filhos, netos, pais, irmãos e parentes, é de dar pena. Difícil é a tarefa que foi realizada pelos Pandavas: por eles um reino foi recuperado sem um rival.

Ai! Eu soube que a guerra só deixou dez vivos: três do nosso lado e sete dos Pandavas. Naquele conflito terrível dezoito Akshauhinis de kshatriyas foram mortos! Tudo ao meu redor é escuridão total, e um tipo de desmaio me assalta: a consciência me deixa, ó Suta, e a minha mente está confusa'.

Sauti disse, "Dhritarashtra, lamentando o seu destino nessas palavras, foi dominado por angústia extrema e perdeu os sentidos por algum tempo; mas sendo reanimado ele se dirigiu a Sanjaya nas seguintes palavras.

'Depois do que aconteceu, ó Sanjaya, eu desejo pôr fim à minha vida sem demora; eu não encontro a menor vantagem em mantê-la mais'.

Sauti disse, "O filho sábio de Gavalgana (Sanjaya) então se dirigiu ao angustiado senhor da Terra no momento em que ele assim falava e lamentava, suspirando como uma serpente e arquejando repetidamente, em palavras de profundo significado.

'Tu ouviste, ó Raja, a respeito dos homens imensamente poderosos de vastos esforços, citados por Vyasa e pelo sábio Narada, homens nascidos em grandes famílias reais, resplandecentes com qualidades dignas, versados na ciência das armas celestes e nos gloriosos emblemas de Indra; homens que tendo conquistado o mundo pela justiça e realizado sacrifícios com oferendas dignas (aos brâmanes) obtiveram renome nesse mundo e no final sucumbiram ao domínio do tempo. Assim foram Saivya, o valente Maharatha, Srinjaya, grande entre os conquistadores, Suhotra, Rantideva e Kakshivanta, grandes em glória; Valhika, Damana, Saryati, Ajita, e Nala; Viswamitra o destruidor de inimigos; Amvarisha, grande em força; Marutta, Manu, Ikshaku, Gaya, e Bharata; Rama o filho de Dasaratha; Sasavindu e Bhagiratha; Kritavirya, o imensamente afortunado, e Janamejaya também; e Yayati de bons atos que realizou sacrifícios, sendo ajudado nisso pelos próprios celestiais, e por cujos altares e estacas sacrificais essa terra com suas regiões habitadas e inabitadas foi completamente marcada. Esses vinte e quatro Rajas foram antigamente citados pelo rishi celeste Narada para Saivya quando ele estava muito aflito pela perda de seus filhos. Além desses, outros Rajas morreram antes, ainda mais poderosos do que eles, quadrigários poderosos de mente nobre, e resplandecentes com todas as qualidades louváveis. Esses eram Puru, Kuru, Yadu, Sura e Viswasrawa de grande glória; Anuha, Yuvanaswu, Kakutstha, Vikrami, e Raghu; Vijava, Virihorta, Anga, Bhava, Sweta, e Vripadguru; Usinara, Sata-ratha, Kanka, Duliduha e Druma; Dambhodbhava, Para, Vena, Sagara, Sankriti, e Nimi; Ajeya, Parasu, Pundra, Sambhu, e o santo Deva-Vridha; Devahuya, Supratika, e Vrihad-ratha; Mahatsaha, Vinitatma, Sukratu, e Nala, o rei dos Nishadas; Satyavrata, Santabhaya, Sumitra e o chefe Subala; Janujangha, Anaranya, Arka, Priyabhritya, Chuchi-vrata, Balabandhu, Nirmardda, Ketusringa e Brhidbala; Dhrishtaketu, Brihatketu, Driptaketu e Niramaya; Abikshit, Chapala, Dhurta, Kritbandhu e Dridhe-shudhi; Mahapurana-sambhavya,

Pratyanga, Paraha e Sruti. Esses, ó chefe, e outros Rajas, nós ouvimos enumerados às centenas e milhares, e outros ainda aos milhões, príncipes de grande poder e sabedoria, abandonando prazeres abundantes encontraram a morte como os teus filhos fizeram! Suas façanhas divinas, coragem e generosidade, sua magnanimidade, fé, verdade, pureza, simplicidade e piedade, são difundidos para o mundo nos registros dos tempos antigos por bardos santos de grande conhecimento. Embora dotados de todas as virtudes nobres eles perderam suas vidas. Teus filhos eram malévolos, cheios de ira, avarentos, e de disposição muito má. Tu és versado nos Sastras, ó Bharata, e és inteligente e sábio; nunca caem sob desgraças aqueles cujas mentes são guiadas pelos Sastras. Tu és conhecedor, ó príncipe, da indulgência e severidade do destino; essa ansiedade, portanto, pela segurança dos teus filhos é inapropriada. Além do mais não cabe a ti te afligir pelo que deve acontecer, pois quem pode evitar, por meio de sua sabedoria, os decretos do destino? Ninguém pode deixar o caminho marcado para ele pela Divina Providência. Existência e Inexistência, prazer e dor, todos têm o Tempo como sua base. O Tempo cria todas as coisas e o Tempo destrói todas as criaturas. É o Tempo que queima as criaturas e é o Tempo que extingue o fogo. Todos os estados, o bem e o mal, nos três mundos são causados pelo Tempo. O Tempo ceifa todas as coisas e as cria novamente. Somente o Tempo está desperto quando todas as coisas estão adormecidas; de fato, o Tempo é incapaz de ser superado. O Tempo atravessa todas as coisas sem ser retardado. Sabendo, como tu sabes, que todas as coisas passadas e futuras e tudo o que existe no momento presente são o resultado do Tempo, não cabe a ti perder tua razão'.

Sauti disse, “O filho de Gavalgana tendo dessa maneira dado consolo ao nobre Dhritarashtra dominado pela dor por causa de seus filhos então devolveu sua mente à paz. Tomando esses fatos como seu assunto, Dwaipayana compôs uma Upanishad sagrada que tem sido divulgada para o mundo por bardos sábios e santos nos Puranas sagrados compostos por eles.

O estudo do Bharata é um ato de devoção. Aquele que lê mesmo uma margem inferior (de uma página dele) com fé tem os seus pecados totalmente eliminados. Aqui Devas, Devarshis e Brahmarshis impecáveis de boas ações são mencionados; e igualmente yakshas e grandes uragas (nagas). Aqui também é descrito o eterno Vasudeva possuidor de seis atributos. Ele é o verdadeiro e justo, o puro e santo, o eterno Brahma, a alma suprema, a verdadeira luz constante, cujos atos divinos os sábios e eruditos relatam; de quem veio o universo não-existente e o universo existente-não-existente, com princípios de geração e progressão, e nascimento, morte e renascimento. Aqui também é tratado do que é chamado Adhyatma (o espírito superintendente da natureza), que compartilha dos atributos dos cinco elementos. Aqui também é descrito quem é Purusha que está acima de tais epítetos como 'imanifesto' e semelhantes; também aquilo que os principais yatis livres do destino comum e dotados do poder da meditação e Tapas contemplam vivendo em seus corações como uma imagem refletida no espelho.

O homem de fé, dedicado à piedade, e constante no exercício da virtude, ao ler este capítulo fica livre do pecado. O crente que constantemente ouve recitada esta

parte do Bharata, chamada de Introdução, desde o início, não cai em dificuldades. O homem que repete alguma parte da introdução nos dois crepúsculos é durante tal ato libertado dos pecados contraídos durante o dia ou à noite. Esta seção, o corpo do Bharata, é verdade e néctar. Como a manteiga entre as coalhadas, o brâmane entre os bípedes, o Aranyaka entre os Vedas, e o néctar entre os remédios; como o mar é eminente entre os receptáculos de água, e a vaca entre os quadrúpedes; como são esses (entre as coisas mencionadas) assim é considerado o Bharata entre as histórias.

Para aquele que faz mesmo uma única margem dele ser recitada para brâmanes durante um Sradha as oferendas de alimento e bebida para os espíritos dos seus ancestrais se tornam inesgotáveis.

Por meio da ajuda da história e dos Puranas o Veda pode ser interpretado; mas o Veda teme alguém que tem menos informação do que deveria[2]. O homem erudito que recita para outro este Veda de Vyasa colhe vantagens. Ele pode sem dúvida destruir até o pecado de matar o embrião e semelhantes. O que lê este capítulo sagrado da lua lê todo o Bharata, eu penso. O homem que diariamente ouve esta obra sagrada com reverência obtém vida longa e renome e ascende para o céu.

Nos tempos passados, tendo colocado os quatro Vedas de um lado e o Bharata do outro eles foram pesados na balança pelos celestiais reunidos para esse propósito. E, como o último era mais pesado do que os quatro Vedas com seus mistérios, desde aquele período ele tem sido chamado no mundo de Mahabharata (o grande Bharata). Sendo considerado superior em substância e gravidade de significação ele é denominado Mahabharata por causa de tal substância e importância de significação. Aquele que conhece o seu significado é salvo de todos os seus pecados.

Tapa (disciplina) é inofensivo, estudo é inofensivo, a ordenança dos Vedas prescrita para todas as tribos é inofensiva, a aquisição de riquezas por meio de esforço é inofensiva; mas quando esses são excessivos em suas práticas é então que eles se tornam fontes de males.

2

Parva-sangraha Parva

Os rishis disseram, “Ó filho de Suta, nós desejamos ouvir um relato completo e circunstancial a respeito do lugar mencionado por você como Samanta-panchaya.”

Sauti disse, “Ouçam, ó brâmanes, às descrições sagradas que eu irei proferir, ó melhores dos homens, vocês são dignos de ouvir a respeito do lugar conhecido como Samanta-panchaka. No intervalo entre os Yugas Treta e Dwapara, Rama (o filho de Jamadagni) grandioso entre todos os que manejam armas, impelido por impaciência pelos males, atacou repetidamente a classe nobre de kshatriyas. E

[2] “O Veda teme aquele que é deficiente em tradição, pensando 'ele me danificará”. *Vayu Purana,* 1.1.181.

quando aquele meteoro flamejante, por meio da sua própria bravura, aniquilou toda a tribo de kshatriyas, ele formou em Samanta panchaka cinco lagos de sangue. Nós ouvimos que, a sua razão estando dominada pela raiva, ele ofereceu oblações de sangue para os espíritos dos seus antepassados, permanecendo no meio das águas cor de sangue daqueles lagos. Foi então que os seus antepassados, dos quais Richika era o principal, tendo chegado lá se dirigiram a ele desta forma, 'Ó Rama, ó abençoado Rama, ó filho de Bhrigu, nós estamos gratos pela reverência que tu tens demostrado pelos teus ancestrais e por teu grande heroísmo, ó poderoso! Que bênçãos estejam sobre ti. Ó ilustre, pede a bênção que desejas'.

Rama disse, 'Se, ó pais, vocês estão dispostos favoravelmente em relação a mim, o benefício que eu peço é que eu seja absolvido dos pecados gerados por ter aniquilado os kshatriyas em fúria, e que os lagos que eu formei possam se tornar famosos no mundo como santuários sagrados’. Os Pitris então disseram, 'Assim será. Mas fica apaziguado’. E Rama consequentemente ficou pacificado. A região que se encontra próxima desses lagos de água sangrenta daquele tempo em diante é célebre como Samanta-panchaka, a sagrada. Os sábios declaram que todo país deve ser distinguido por um nome significativo de alguma circunstância que possa tê-lo tornado famoso. No intervalo entre os Yugas Dwapara e Kali aconteceu em Samanta-panchaka o combate entre os exércitos dos Kauravas e dos Pandavas. Naquela região sagrada, sem asperezas de nenhum tipo, foram reunidas dezoito Akshauhinis de soldados ávidos pela batalha. E, ó brâmanes, tendo ido até lá, eles foram todos mortos no local. Assim o nome daquela região, ó brâmanes, é explicado, e o país descrito para vocês como sagrado e encantador. Eu mencionei tudo referente a como a região é famosa em todos os três mundos.

Os rishis disseram, “Nós desejamos saber, ó filho de Suta, o que é implicado pelo termo Akshauhini que é usado por ti. Conta-nos integralmente qual é o número total de cavalos e soldados de infantaria, carruagens e elefantes, que compõem uma Akshauhini, pois tu estás completamente informado”.

Sauti disse, “Uma carruagem, um elefante, cinco soldados de infantaria e três cavalos formam uma Patti; três pattis fazem um Sena-mukha; três sena-mukhas são chamados de Gulma; três gulmas, de Gana; três ganas, de Vahini; três vahinis juntas são chamadas de Pritana; três pritanas formam uma Chamu; três chamus, uma Anikini; e dez anikinis formam, como é chamada por aqueles que conhecem, uma Akshauhini. Ó melhores dos brâmanes, matemáticos calculam que o número de carruagens em uma Akshauhini é de vinte e um mil oitocentos e setenta. A quantidade de elefantes deve ser fixada no mesmo número. Ó puros, vocês devem saber que o número de soldados de infantaria é cento e nove mil trezentos e cinquenta, o número de cavalos é sessenta e cinco mil seiscentos e dez. Esses, ó brâmanes, como totalmente explicados por mim, são os números de uma Akshauhini como dito por aqueles familiarizados com os princípios dos números. Ó melhores dos brâmanes, segundo esse cálculo foram compostas as dezoito Akshauhinis dos exércitos Kaurava e Pandava. O Tempo, cujos atos são extraordinários, os reuniu naquele local e, tendo feito dos Kauravas a causa, destruiu a todos. Bhishma conhecedor de uma grande variedade de armas lutou

por dez dias. Drona protegeu os Vahinis Kaurava por cinco dias. Kama o desolador de exércitos hostis lutou por dois dias e Salya por metade de um dia. Depois durou metade de um dia o combate com maças entre Duryodhana e Bhima. No fim daquele dia Aswatthaman e Kripa destruíram o exército de Yudhishthira à noite enquanto dormia sem suspeitar do perigo.

Ó Saunaka, esta melhor das narrações chamada Bharata que começou a ser repetida no teu sacrifício foi antigamente repetida no sacrifício de Janamejaya por um discípulo inteligente de Vyasa. Ele é dividido em várias seções; no início são Paushya, Pauloma, e Astika parvas, descrevendo integralmente a coragem e o renome dos reis. Essa é uma obra cuja descrição, dicção, e sentido são variados e esplêndidos. Ele contém relatos sobre vários costumes e ritos. Ele é aceito pelos sábios como o estado chamado Vairagya é aceito por homens desejosos da libertação final. Como o Ser entre as coisas a serem conhecidas, como a vida entre as coisas que são preciosas, assim essa história que fornece os meios de chegar ao conhecimento de Brahma é o principal dentre todos os sastras. Não há uma história circulante neste mundo que não dependa dessa história assim como o corpo dos pés que ele usa. Como os senhores de boa linhagem são sempre servidos por empregados desejosos de promoção assim o Bharata é apreciado por todos os poetas. Como as palavras que constituem os vários ramos de conhecimento concernentes ao mundo e os Vedas mostram somente vogais e consoantes, assim essa história excelente mostra somente a mais elevada sabedoria.

Escutem, ó ascetas, aos resumos das várias divisões (parvas) dessa história chamada Bharata, dotada de grande sabedoria, de seções e bases que são admiráveis e variadas, de significados sutis e conexões lógicas, e embelezadas com a substância dos Vedas.

O primeiro parva é chamado de Anukramanika; o segundo, Sangraha; então Paushya; então Pauloma; o Astika; então Adivansavatarana. Então vem o Sambhava de incidentes extraordinários e emocionantes. Então vem Jatugrihadaha (a queima da casa de laca) e então Hidimbabadha (a morte de Hidimba) parvas; então vem Baka-badha (morte de Baka) e então Chitraratha. O próximo se chama Swayamvara (escolha de marido por Panchali), no qual Arjuna pelo exercício de virtudes kshatriyas obtém Draupadi como esposa. Então vem Vaivahika (casamento). Então vem Viduragamana (chegada de Vidura), Rajyalabha (aquisição do reino), Arjuna-banavasa (exílio de Arjuna) e Subhadra-harana (o rapto de Subhadra). Depois desses vem Harana-harika, Khandava-daha (o incêndio na floresta de Khandava) e Maya-darsana (encontro com Maya o asura arquiteto). Então vem Sabha, Mantra, Jarasandha, Digvijaya (campanha geral). Depois de Digvijaya vem Raja-suyaka, Arghyaviharana (o roubo do Arghya) e Sisupala-badha (a morte de Sisupala). Depois desses Dyuta (jogo), Anudyuta (o jogo seguinte), Aranyaka, e Krimira-badha (destruição de Krimira). O Arjuna-vigamana (as viagens de Arjuna), Kairati. No último é descrita a batalha entre Arjuna e Mahadeva no disfarce de um caçador. Depois disso Indra-lokavigamana (a viagem às regiões de Indra); então aquela mina de religião e virtude, o muito emocionante Nalopakhyana (a história de Nala). Depois desse último Tirtha-yatra

ou a peregrinação do sábio príncipe dos Kurus, a morte de Jatasura, e a batalha dos yakshas. Então a batalha com os Nivata-kavachas, Ajagara, e Markandeya-Samasya (reunião com Markandeya). Então o encontro de Draupadi e Satyabhama, Ghoshayatra, Mirga-Swapna (sonho do veado). Então a história de Brihadaranyaka e então Aindradrumna. Então Draupadi-harana (o sequestro de Draupadi), Jayadratha-bimoksana (a libertação de Jayadratha). Então a história de 'Savitri' ilustrando o grande mérito da castidade conjugal. Depois desses a história de 'Rama'. O parva que vem em seguida é chamado de 'Kundala-harana' (o roubo dos brincos). Aquele que vem em seguida é 'Aranya' e então 'Vairata'. Então a entrada dos Pandavas (na cidade de Virata) e o cumprimento da sua promessa (de viver incógnitos por um ano). Então a destruição dos 'Kichakas', então a tentativa de roubar o gado (de Virata pelos Kauravas). O próximo é chamado de 'o casamento de Abhimanyu com a filha de Virata'. O seguinte, vocês devem saber, é notabilíssimo parva chamado Udyoga. O próximo deve ser conhecido pelo nome de 'Sanjaya-yana' (a chegada de Sanjaya). Então vem 'Prajagara' (a insônia de Dhritarashtra devido à sua ansiedade). Então Sanatsujata, no qual se encontram os mistérios da filosofia espiritual. Então 'Yanasaddhi', e então a chegada de Krishna. Então a história de 'Matali' e então de 'Galava'. Então as histórias de 'Savitri', 'Vamadeva', e 'Vainya'. Então a história de 'Jamadagnya e Shodasarajika'. Então a chegada de Krishna na corte, e então Bidulaputrasasana. Então a reunião das tropas e a história de Sheta. Então, vocês devem conhecer, vem a briga de Karna de grande alma. Então a marcha para o campo das tropas de ambos os lados. O seguinte é chamado de 'contando os Rathis e Atirathas'. Então vem a chegada do mensageiro Uluka que acendeu a ira (dos Pandavas). O próximo, vocês devem saber, é a história de Amba. Então vem a emocionante história da instalação de Bhishma como comandante-chefe. O próximo é chamado de 'a criação da região insular Jambu'; então Bhumi; então o relato sobre a formação de ilhas. Então vem a 'Bhagavat-gîtâ'; e então a morte de Bhishma. Então a instalação de Drona; então a destruição dos 'Sansaptakas'. Então a morte de Abhimanyu; e então a promessa de Arjuna (de matar Jayadratha). Então a morte de Jayadratha, e então de Ghatotkacha. Então, vocês devem saber, vem a história da morte de Drona de força surpreendente. O próximo é chamado de 'o disparo da arma chamada Narayana'. Então, vocês sabem, vem Karna, e então Salya. Então vem a imersão no lago, e então o combate (entre Bhima e Duryodhana) com maças. Então vem Saraswata, e então as descrições de santuários sagrados, e então genealogias. Então vem Sauptika descrevendo incidentes vergonhosos (para a honra dos Kurus). Então vem o 'Aisika' de incidentes dolorosos. Então vem 'Jalapradana', oblações de água para os espíritos dos mortos, e então as lamentações das mulheres. O próximo deve ser conhecido como 'Sraddha', descrevendo os ritos fúnebres realizados para os Kauravas mortos. Então vem a destruição do rakshasa Charvaka que tinha assumido o disfarce de um brâmane (para enganar Yudhishthira). Então a coroação do sábio Yudhishthira. O próximo é chamado de 'Grihapravibhaga'. Então vem 'Santi', então 'Rajadharmanusasana', então 'Apaddharma', então 'Mokshadharma'. Aqueles que seguem se chamam respectivamente 'Suka-prasna-abhigamana', 'Brahma-prasnanusana', a origem de 'Durvasa', e as disputas com Maya. O próximo deve ser conhecido como 'Anusasanika'. Então a ascensão de Bhishma para o céu. Então o sacrifício de

cavalos, o qual quando lido elimina todos os pecados. O próximo deve ser conhecido como 'Anugita', no qual há palavras de filosofia espiritual. Os que vêm em seguida se chamam 'Asramvasa', 'Puttradarshana' (o encontro com os espíritos dos filhos falecidos), e a chegada de Narada. O próximo é chamado de 'Mausala', que é cheio de incidentes terríveis e cruéis. Então vem 'Mahaprasthanika' e a ascensão para o céu. Então vem o Purana que é chamado de Khilvansa[3]. Nesse último estão contidos 'Vishnuparva', divertimentos e façanhas de Vishnu como uma criança, a destruição de 'Kansa', e finalmente, o maravilhoso 'Bhavishyaparva' (no qual há profecias com relação ao futuro).

Vyasa de grande alma compôs esses cem parvas dos quais acima há somente um resumo, tendo-os dividido em dezoito; o filho de Suta os recitou consecutivamente na floresta de Naimisha como segue:

No Adi parva estão contidos Paushya, Pauloma, Astika, Adivansavatara, Samva, o incêndio da casa de laca, a morte de Hidimba, a destruição do asura Vaka, Chitraratha, o Swayamvara de Draupadi, seu casamento depois da derrota de rivais em guerra, a chegada de Vidura, a restauração, o exílio de Arjuna, o sequestro de Subhadra, a doação e recebimento do dote do casamento, o incêndio na floresta de Khandava, e o encontro com (o asura arquiteto) Maya. O Paushya parva trata da grandeza de Utanka, e o Pauloma, dos filhos de Bhrigu. O Astika descreve o nascimento de Garuda e dos nagas (cobras), o batimento do oceano, os incidentes relativos ao nascimento do corcel celeste Uchchaihsrava, e finalmente, a dinastia de Bharata, como descrita no sacrifício de cobras do rei Janamejaya. O Sambhava parva narra o nascimento de vários reis e heróis, e do sábio Krishna Dwaipayana, as encarnações parciais de divindades, a geração de danavas e yakshas de grande bravura, e serpentes, gandharvas, aves, e de todas as criaturas; e por fim, da vida e aventuras do rei Bharata, o progenitor da linhagem que recebe seu nome, o filho nascido de Sakuntala no eremitério do asceta Kanwa. Esse parva também descreve a grandeza de Bhagirathi, e os nascimentos dos Vasus na casa de Santanu e sua ascensão para o céu. Nesse parva também é narrado o nascimento de Bhishma unindo em si mesmo porções das energias dos outros Vasus, sua renúncia da realeza e adoção do modo de vida brahmacharya, sua fidelidade aos seus votos, sua proteção a Chitrangada, e depois da morte de Chitrangada a proteção ao seu irmão mais novo, Vichitravirya, e a colocação do último no trono; o nascimento de Dharma entre os homens por causa da maldição de Animandavya; os nascimentos de Dhritarashtra e Pandu através da potência das bênçãos de Vyasa e também o nascimento dos Pandavas; as conspirações de Duryodhana para enviar os filhos de Pandu para Varanavata e os outros conselhos sombrios dos filhos de Dhritarashtra em relação aos Pandavas; então o conselho dado para Yudhishthira em seu caminho pelo benquerente dos Pandavas, Vidura, na língua mlechchha, a escavação do buraco, a queima de Purochana e da mulher adormecida da casta de caçadores, com seus cinco filhos, na casa de laca; o encontro dos Pandavas na floresta pavorosa

[3] [O apêndice do *Mahabharata*, chamado *Harivamsa* e composto das três partes aqui citadas. Ele não faz parte dessa tradução].

com Hidimbâ, e a morte do irmão de Hidimbâ (chamado Hidimba) por Bhima de grande heroísmo. O nascimento de Ghatotkacha; a reunião dos Pandavas com Vyasa e de acordo com seus conselhos sua permanência disfarçados na casa de um brâmane na cidade de Ekachakra; a destruição do asura Vaka, e o assombro do povo à visão; os nascimentos extraordinários de Krishnâ e Dhrishtadyumna; a partida dos Pandavas para Panchala em obediência à injunção de Vyasa, e movidos igualmente pelo desejo de ganhar a mão de Draupadi ao ouvirem as notícias sobre o swayamvara dos lábios de um brâmane; a vitória de Arjuna sobre um gandharva, chamado Angaraparna, na margem do (rio) Bhagirathi, a contração de amizade com seu adversário, e a audição do gandharva da história de Tapati, Vasishtha e Aurva. Esse parva trata da viagem dos Pandavas em direção a Panchala, a obtenção de Draupadi no meio de todos os Rajas, por Arjuna, depois de ter acertado o alvo com sucesso, e na luta seguinte a derrota de Salya, Kama, e de todos os outros chefes coroados nas mãos de Bhima e Arjuna de grande heroísmo; a averiguação por Balarama e Krishna, à visão daquelas façanhas inigualáveis, que os heróis eram os Pandavas, e a chegada dos irmãos à casa do ceramista onde os Pandavas estavam permanecendo; o desânimo de Drupada ao saber que Draupadi deveria se casar com cinco maridos; a notável história dos cinco Indras relatada na sequência; o casamento extraordinário e divinamente ordenado de Draupadi; o envio de Vidura pelos filhos de Dhritarashtra como mensageiro aos Pandavas; a chegada de Vidura e sua visão de Krishna; a residência dos Pandavas em Khandava-prastha, e então seu governo sobre metade do reino; a fixação de turnos pelos filhos de Pandu, em obediência à injunção de Narada, para união conjugal com Draupadi. De modo semelhante a história de Sunda e Upasunda é recitada nele. Esse parva então trata da partida de Arjuna para a floresta de acordo com a promessa, ele tendo visto Draupadi e Yudhishthira juntos quando entrou no quarto para pegar armas para salvar as vacas de certo brâmane. Esse parva então descreve o encontro de Arjuna no caminho com Ulupi, a filha de um naga (serpente); e ele então relata suas visitas a vários lugares sagrados; o nascimento de Vabhruvahana; a libertação por Arjuna das cinco donzelas celestes que tinham sido transformadas em jacarés pela imprecação de um brâmane, o encontro de Madhava e Arjuna no local santo chamado Prabhasa; o rapto de Subhadra por Arjuna, incitado a isso pelo irmão dela, Krishna, no maravilhoso carro que se movia na terra e na água, e pelo ar, de acordo com o desejo do passageiro; a partida para Indraprastha, com o dote; a concepção no útero de Subhadra daquele prodígio de coragem, Abhimanyu; Yajnaseni dando nascimento a filhos; então segue a viagem de divertimento de Krishna e Arjuna para as margens do Jamuna e a obtenção por eles do disco e do célebre arco Gandiva; a queima da floresta de Khandava; o resgate de Maya por Arjuna, e a fuga da serpente, e a geração de um filho por aquele melhor dos rishis, Mandapala, no útero da ave Sarngi. Esse parva é dividido por Vyasa em duzentos e vinte e sete capítulos. Esses duzentos e vinte e sete capítulos contêm oito mil oitocentos e oitenta e quatro slokas (versos).

O segundo é o extenso parva chamado Sabha ou a assembleia, cheio de importância. Os assuntos desse parva são a fundação da grandiosa mansão pelos Pandavas; o exame dos seus retentores; a descrição dos lokapalas por Narada

bem familiarizado com as regiões celestes; os preparativos para o sacrifício Rajasuya; a destruição de Jarasandha; a libertação por Vasudeva dos príncipes confinados na passagem da montanha; a campanha de conquista geral pelos Pandavas; a chegada dos príncipes ao sacrifício Rajasuya com tributo; a destruição de Sisupala na ocasião do sacrifício, em relação à oferenda de arghya; Bhimasena zombando de Duryodhana na assembleia; a tristeza e inveja de Duryodhana à visão da magnificente escala na qual os arranjos tinham sido feitos; a indignação de Duryodhana em consequência, e os preparativos para o jogo de dados; a derrota de Yudhishthira no jogo pelo astuto Sakuni; a libertação por Dhritarashtra de sua nora aflita Draupadi mergulhada em um mar de angústia causado pelo jogo, como de um barco atirado por ondas tempestuosas. Os esforços de Duryodhana para envolver Yudhishthira novamente no jogo; e o exílio do derrotado Yudhishthira com seus irmãos. Esses constituem o que foi chamado por Vyasa de Sabha Parva. Esse parva é dividido em setenta e oito capítulos, ó melhor dos brâmanes, e em dois mil, quinhentos e sete slokas.

Então vem o terceiro parva chamado Aranyaka (referente à floresta). Esse parva trata da viagem dos Pandavas à floresta e dos cidadãos seguindo o sábio Yudhishthira, a adoração de Yudhishthira ao deus do dia; de acordo com as injunções de Dhaumya, para ser dotado do poder de manter os dependentes brâmanes com comida e bebida; a criação de alimento através da graça do Sol, a expulsão por Dhritarashtra de Vidura que sempre falava para o bem de seu senhor; a ida de Vidura aos Pandavas e seu retorno para Dhritarashtra por solicitação do último; as conspirações do vil Duryodhana para destruir os Pandavas que vagavam na floresta, sendo incitado a isso por Karna; o aparecimento de Vyasa e a dissuasão da determinação de Duryodhana de ir para a floresta; a história de Surabhi; a chegada de Maitreya; sua declaração para Dhritarashtra do rumo de ação, e sua maldição sobre Duryodhana; Bhima matando Kirmira em combate; a ida dos Panchalas e dos príncipes da linhagem Vrishni até Yudhishthira ao saberem da sua derrota no jogo injusto por Sakuni; Dhananjaya acalmando a fúria de Krishna; as lamentações de Draupadi diante de Madhava; Krishna encorajando-a; a queda de Sauva também é aqui descrita pelo rishi; também Krishna levando Subhadra com seu filho para Dwaraka; e Dhrishtadyumna levando o filho de Draupadi para Panchala; a entrada dos filhos de Pandu na fantástica floresta Dwaita; conversa de Bhima, Yudhishthira, e Draupadi; a ida de Vyasa aos Pandavas e dotando Yudhishthira do poder de Pratismriti; então, depois da partida de Vyasa, a remoção dos Pandavas para a floresta de Kamyaka; as viagens de Arjuna de bravura imensurável à procura de armas; sua luta com Mahadeva no disfarce de um caçador; seu encontro com os lokapalas e recebimento de armas deles; sua viagem para as regiões de Indra em busca de armas e a consequente ansiedade de Dhritarashtra; as lamentações de Yudhishthira na ocasião do seu encontro com o venerável grande sábio Brihadaswa. Aqui se encontra a sagrada e muito emocionante história de Nala ilustrando a paciência de Damayanti e o caráter de Nala. Então a obtenção por Yudhishthira dos mistérios dos dados do mesmo grande sábio; então a chegada do rishi Lomasa dos céus onde os Pandavas estavam, e o recebimento por aqueles moradores de grande alma nas florestas das notícias trazidas pelo rishi do

seu irmão Arjuna que estava nos céus; então a peregrinação dos Pandavas para vários lugares sagrados de acordo com a mensagem de Arjuna, e sua obtenção de grande mérito e virtude consequentes de tal peregrinação; então a peregrinação do grande sábio Narada ao santuário Putasta; também a peregrinação dos Pandavas de grande alma. Aqui há a privação de Karna de seus brincos por Indra. Aqui também é recitada a magnificência sacrifical de Gaya; então a história de Agastya na qual o rishi come o asura Vatapi, e sua ligação conjugal com Lopamudra pelo desejo de filhos. Então a história de Rishyasringa que adotou modo de vida brahmacharya desde sua infância; então a história de Rama de grande bravura, o filho de Jamadagni, na qual é narrada a morte de Kartavirya e Haihayas; então o encontro entre os Pandavas e os Vrishnis no local sagrado chamado Prabhasa; então a história de Sukanya na qual Chyavana, o filho de Bhrigu, faz os gêmeos Asvins beberem, no sacrifício do rei Saryati, o suco Soma (do qual eles tinham sido excluídos pelos outros deuses), e no qual, além disso, é mostrado como o próprio Chyavana obteve juventude perpétua (como uma bênção dos gratos Asvins). Então é descrita a história do rei Mandhata; então a história do príncipe Jantu; e como o rei Somaka por oferecer seu filho único (Jantu) em sacrifício obteve cem outros; então a história excelente do falcão e do pombo; então o exame do rei Sivi por Indra, Agni, e Dharma; então a história de Ashtavakra, na qual ocorre a disputa, no sacrifício de Janaka, entre aquele rishi e o principal dos especialistas em lógica, Vandi, o filho de Varuna; a derrota de Vandi pelo grande Ashtavakra, e a libertação pelo rishi de seu pai das profundidades do oceano. Então a história de Yavakrita, e então a do grande Raivya; então a partida (dos Pandavas) para Gandhamadana e sua residência no retiro chamado Narayana; então a viagem de Bhimasena para Gandhamadana a pedido de Draupadi (em busca da flor de perfume doce). O encontro de Bhima em seu caminho, no bananal, com Hanuman, o filho de Pavana de grande bravura; o banho de Bhima no tanque e a destruição das flores naquele local para obter a flor de perfume doce (que ele estava procurando); sua consequente batalha com os poderosos rakshasas e os yakshas de grande destreza incluindo Hanuman; a destruição do asura Jata por Bhima; o encontro (dos Pandavas) com o sábio nobre Vrishaparva; a partida deles para o retiro de Arshtishena e residência lá; o incitamento de Bhima (para atos de vingança) por Draupadi. Então é narrada a subida das colinas de Kailasa por Bhimasena, sua magnífica batalha com os yakshas poderosos liderados por Hanuman; então o encontro dos Pandavas com Vaisravana (Kuvera), e o encontro com Arjuna depois que ele tinha obtido muitas armas celestes para o propósito de Yudhishthira; então o terrível combate de Arjuna com os Nivatakavachas que moravam em Hiranyaparva, e também com os Paulomas, e os Kalakeyas; sua destruição nas mãos de Arjuna; o começo da exibição das armas celestes por Arjuna diante de Yudhishthira, o impedimento do mesmo por Narada; a descida dos Pandavas de Gandhamadana; a captura de Bhima na floresta por uma poderosa serpente enorme como uma montanha; sua libertação das espirais da cobra após Yudhishthira responder a certas questões; a volta dos Pandavas para as florestas Kamyaka. Aqui é descrita a reaparição de Vasudeva para ver os filhos poderosos de Pandu; a chegada de Markandeya, e vários recitais, a história de Prithu o filho de Vena, narrada pelo grande rishi; as histórias de Saraswati e do rishi Tarkhya. Depois dessas a história de Matsya; e

outras velhas histórias recitadas por Markandeya; as histórias de Indradyumna e Dhundhumara; então a história da esposa casta; a história de Angira, o encontro e conversa de Draupadi e Satyabhama; a volta dos Pandavas para a floresta de Dwaita; então a procissão para ver os bezerros e a prisão de Duryodhana; e, quando o patife estava sendo raptado, seu resgate por Arjuna; aqui se encontra o sonho de Yudhishthira com o veado; então a reentrada dos Pandavas na floresta de Kamyaka, aqui também há a longa história de Vrihidraunika. Aqui também é recitada a história de Durvasa; então o sequestro por Jayadratha de Draupadi do retiro; a perseguição do raptor por Bhima veloz como o ar e a raspagem imprópria da cabeça de Jayadratha pela mão de Bhima. Aqui há a longa história de Rama na qual é mostrado como Rama matou Ravana em batalha por meio de sua destreza. Aqui também é narrada a história de Savitri; então a privação de Karna por Indra de seus brincos; então o oferecimento a Karna pelo grato Indra de uma Sakti (arma míssil) que tinha a virtude de matar somente uma pessoa contra quem ela fosse lançada; então a história chamada Aranya na qual Dharma (o deus da justiça) dá conselhos para seu filho (Yudhishthira); na qual, além disso, é narrado como os Pandavas depois de terem obtido uma bênção vão em direção ao oeste. Esses estão todos incluídos no terceiro Parva chamado Aranyaka, composto de duzentos e sessenta e nove capítulos. O número de slokas é onze mil, seiscentos e sessenta e quatro.

O extenso Parva que vem em seguida é chamado Virata. Os Pandavas chegando nos domínios de Virata veem em um cemitério nos arredores da cidade uma grande árvore shami na qual eles guardam suas armas. Aqui é narrada a sua entrada na cidade e a sua estadia lá disfarçados. Então a morte por Bhima do vil Kichaka que, irracional pela luxúria, procurou Draupadi; a designação pelo príncipe Duryodhana de espiões inteligentes; e seu envio para todas as partes para localizar os Pandavas; o fracasso deles em descobrir os filhos poderosos de Pandu; o primeiro roubo do gado de Virata pelos Trigartas e a terrível batalha que se segue; a captura de Virata pelo inimigo e seu resgate por Bhimasena; a libertação também do gado pelo Pandava (Bhima); o roubo do gado de Virata novamente pelos Kurus; a derrota em batalha de todos os Kurus por Arjuna sozinho; a libertação do gado do rei; a concessão por Virata de sua filha Uttarâ para aceitação de Arjuna em nome de seu filho com Subhadra, Abhimanyu, o destruidor de inimigos. Esses são os conteúdos do extenso quarto Parva, o Virata. O grande rishi Vyasa compôs nele sessenta e sete capítulos. O número de slokas é os dois mil e cinquenta.

Ouçam então (os conteúdos do) quinto Parva que deve ser conhecido como Udyoga. Enquanto os Pandavas, desejosos de vitória, residiam no lugar chamado Upaplavya, Duryodhana e Arjuna foram ao mesmo tempo até Vasudeva, e disseram, ‘Você deve nos ajudar nessa guerra’. E Krishna de grande alma, após essas palavras serem proferidas, responde, ‘Ó principais dos homens, um conselheiro em mim mesmo que não lutará e uma Akshauhini de tropas, qual desses eu darei para qual de vocês?’ Cego para os seus próprios interesses o tolo Duryodhana pede as tropas; enquanto Arjuna solicita Krishna como um conselheiro que não lutaria. Então é descrito como, quando o rei de Madra estava

indo ajudar os Pandavas, Duryodhana, tendo-o iludido no caminho por meio de presentes e hospitalidade o induz a conceder um benefício e então solicita sua ajuda na batalha; como Salya, tendo dado sua palavra a Duryodhana, vai até os Pandavas e os conforta por narrar a história da vitória de Indra (sobre Vritra). Então vem o envio pelos Pandavas do seu Purohita (sacerdote) aos Kauravas. Então é descrito como o rei Dhritarashtra de grande coragem, tendo ouvido a palavra do purohita dos Pandavas e a história da vitória de Indra decide enviar seu purohita e ao final despacha Sanjaya como mensageiro aos Pandavas por desejar a paz. Aqui é descrita a insônia de Dhritarashtra por ansiedade ao saber tudo sobre os Pandavas e seus amigos, Vasudeva e outros. Foi nessa ocasião que Vidura dirigiu ao rei sábio Dhritarashtra vários conselhos que eram cheios de sabedoria. E foi aqui também que Sanat-sujata recitou para o ansioso e entristecido monarca as verdades excelentes da filosofia espiritual. Na manhã seguinte Sanjaya fala, na corte do rei, da identidade de Vasudeva e Arjuna. É então que o ilustre Krishna, movido por bondade e desejo de paz, vai ele mesmo à capital Kaurava, Hastinapura, para trazer paz. Então vem a rejeição pelo príncipe Duryodhana da missão diplomática de Krishna, que tinha chegado para pedir paz para o benefício de ambos os partidos. Aqui é narrada a história de Damvodvava; então a história da procura de Matuli de grande alma por um marido para sua filha; então a história do grande sábio Galava; então a história do treinamento e disciplina do filho de Bidula. Então a exposição por Krishna, perante os Rajas reunidos, dos seus poderes de Yoga após saber dos planos perversos de Duryodhana e Karna; então Krishna colocando Karna em sua carruagem e lhe oferecendo conselho, e a rejeição de Karna do mesmo por orgulho. Então o retorno de Krishna, o destruidor de inimigos, de Hastinapura para Upaplavya, e sua narração para os Pandavas de tudo o que tinha acontecido. É então que aqueles opressores de inimigos, os Pandavas, tendo ouvido tudo e deliberado devidamente entre si fazem toda a preparação para a guerra. Então vem a marcha de Hastinapura, para a batalha, de soldados de infantaria, cavalos, quadrigários e elefantes. Então a contagem das tropas de ambos as partidos. Então o despacho pelo príncipe Duryodhana de Uluka como enviado aos Pandavas no dia anterior à batalha. Então a contagem de quadrigários de diferentes classes. Então a história de Amba. Isso tudo é descrito no quinto Parva chamado Udyoga do Bharata, cheio de incidentes referentes à guerra e paz. Ó ascetas, o grande Vyasa compôs cento e oitenta e seis capítulos nesse Parva. O número de slokas também compostos nele pelo grande rishi é seis mil, seiscentos e noventa e oito.

Então é narrado o Bhishma Parva repleto de incidentes admiráveis. Nele é narrada por Sanjaya a formação da região conhecida como Jambu. Lá é descrita a grande depressão do exército de Yudhishthira, e também uma batalha violenta por dez dias sucessivos. Nele Vasudeva de grande alma por meio de fundamentos baseados na filosofia da libertação final acaba com os escrúpulos de Arjuna surgidos da consideração do último por seus parentes (a quem ele estava prestes a matar). Nele o magnânimo Krishna, atento ao bem-estar de Yudhishthira, vendo a perda infligida (ao exército Pandava), desce rapidamente da sua carruagem e corre destemido, com seu chicote de guiar na mão, para efetuar a morte de Bhishma. Nele Krishna também atinge com palavras cortantes Arjuna, o

manejador do Gandiva e o principal em batalha entre todos os manejadores de armas. Nele o principal dos arqueiros, Arjuna, colocando Shikandin à sua frente e perfurando Bhishma com suas flechas afiadas o derruba da sua carruagem. Nele, Bhishma jaz estendido em seu leito de flechas. Esse Parva extenso é conhecido como o sexto do Bharata. Nele foram compostos cento e dezessete capítulos. O número de slokas é cinco mil, oitocentos e oitenta e quatro como contado por Vyasa conhecedor dos Vedas.

Então é narrado o admirável Parva chamado Drona, cheio de incidentes. Primeiro vem a instalação no comando do exército (Kuru) do grande instrutor em armas: Drona; então o voto feito por aquele grande mestre de armas de capturar o sábio Yudhishthira em batalha para agradar Duryodhana; então a retirada de Arjuna do campo perante os Sansaptakas, então a derrubada de Bhagadatta como um segundo Indra no campo, com o elefante Supritika, por Arjuna; então a morte do herói Abhimanyu em sua adolescência, sozinho e sem ajuda, nas mãos de muitos Maharathas incluindo Jayadratha; então, depois da morte de Abhimanyu, a destruição por Arjuna, em batalha, de sete Akshauhinis de tropas e então de Jayadratha; então a entrada, por Bhima de braços poderosos e por aquele principal dos guerreiros em carruagem, Satyaki, nas fileiras Kaurava impenetráveis até para os deuses, à procura de Arjuna em obediência às ordens de Yudhishthira, e a destruição do resto dos Sansaptakas. No Drona Parva se encontra a morte de Alambusha, de Srutayus, de Jalasandha, de Shomadatta, de Virata, do grande guerreiro em carruagem Drupada, de Ghatotkacha e outros; nesse Parva, Aswatthaman, excitado além dos limites pela morte de seu pai em batalha, dispara a terrível arma Narayana. Então a glória de Rudra em relação à queima (das três cidades). Então a chegada de Vyasa e a narração por ele da glória de Krishna e Arjuna. Esse é o grandioso sétimo Parva do Bharata no qual todos os chefes e príncipes heroicos citados são enviados para a sua prestação de contas. O número de capítulos nesse Parva é cento e setenta. O número de slokas compostos no Drona Parva pelo rishi Vyasa, o filho de Parasara possuidor do conhecimento verdadeiro depois de muita meditação, é oito mil novecentos e nove.

Então vem o magnífico Parva chamado Karna. Nele é narrada a nomeação do sábio rei de Madra como quadrigário (de Karna). Então a história da queda do asura Tripura. Então o uso um para com o outro por Karna e Salya de palavras duras em sua saída do campo, então a história do cisne e do corvo narrada em alusão insultante; então a morte de Pandya nas mãos de Aswatthaman de grande alma; então a morte de Dandasena; então a de Darda; então o risco iminente de Yudhishthira em duelo com Karna na presença de todos os guerreiros; então a ira mútua de Yudhishthira e Arjuna; então a pacificação de Arjuna por Krishna. Nesse Parva, Bhima, em cumprimento de sua promessa, tendo aberto o peito de Dussasana em batalha bebe o sangue do seu coração. Então Arjuna mata o grande Karna em duelo. Os leitores do Bharata chamam esse de oitavo Parva. O número de capítulos nele é sessenta e nove e o número de slokas é quatro mil, novecentos e sessenta e quatro.

Então é recitado o admirável Parva chamado Salya. Depois que todos os grandes guerreiros tinham sido mortos o rei de Madra se torna o líder do exército (Kaurava). Os combates um depois do outro, de quadrigários, são aqui descritos. Então vem a queda do grande Salya nas mãos de Yudhishthira o justo. Aqui também se encontra a morte de Sakuni em batalha nas mãos de Sahadeva. Após só um pequeno resto das tropas permanecer vivo depois do imenso massacre Duryodhana vai para o lago e criando para si próprio um espaço dentro de suas águas se deita esticado lá por algum tempo. Então é narrado o recebimento dessa notícia por Bhima dos caçadores; então é narrado como, movido pelas palavras insultuosas do inteligente Yudhishthira, Duryodhana sempre incapaz de suportar afrontas sai das águas. Então vem o combate com maças entre Duryodhana e Bhima; então a chegada, na hora de tal combate, de Balarama; então é descrita a santidade do Saraswati; então a continuação do combate com maças; então a fratura das coxas de Duryodhana em batalha por Bhima com (um terrível arremesso de) sua maça. Isso tudo é descrito no maravilhoso nono Parva. Nele o número de capítulos é cinquenta e nove e o número de slokas compostos pelo grande Vyasa, o propagador da fama dos Kauravas, é três mil duzentos e vinte.

Então eu descreverei o Parva chamado Sauptika de incidentes pavorosos. Após os Pandavas terem ido embora, os poderosos quadrigários Kritavarman, Kripa, e o filho de Drona vão ao campo de batalha à noite e veem lá o rei Duryodhana jazendo no chão, com as coxas quebradas e coberto de sangue. Então o quadrigário formidável, o filho de Drona, de ira terrível, promete: 'Sem matar todos os Panchalas incluindo Drishtadyumna e os Pandavas também com todos os seus aliados eu não tirarei a armadura'. Tendo falado essas palavras os três guerreiros deixando o lado de Duryodhana entram na grande floresta exatamente quando o sol estava se pondo. Enquanto sentados sob uma grande árvore banian (figueira de bengala) à noite, eles veem uma coruja matando numerosos corvos um depois do outro. À visão daquilo Aswatthaman, com o coração cheio de raiva ao pensar no destino de seu pai, resolve matar os Panchalas adormecidos. E dirigindo-se ao portão do acampamento ele vê lá um rakshasa de aparência aterrorizante, sua cabeça alcançando os próprios céus, guardando a entrada. E vendo aquele rakshasa obstruindo todas as suas armas o filho de Drona rapidamente pacifica por meio de adoração o Rudra de três olhos. E então acompanhado por Kritavarman e Kripa ele mata todos os filhos de Draupadi, todos os Panchalas com Dhrishtadyumna e outros, junto com seus parentes, que dormiam sem suspeitar à noite. Todos perecem naquela noite fatal exceto os cinco Pandavas e o grande guerreiro Satyaki. Esses escaparam devido aos conselhos de Krishna, então o quadrigário de Dhrishtadyumna leva aos Pandavas a notícia do massacre dos Panchalas adormecidos pelo filho de Drona. Então Draupadi aflita pela morte de seus filhos e irmãos e pai se senta diante de seus maridos decidida a se matar por meio de jejum. Então Bhima de bravura terrível, movido pelas palavras de Draupadi, se decide, para satisfazê-la, e pegando sua maça rapidamente segue em fúria o filho de seu preceptor em armas. O filho de Drona por medo de Bhimasena e impelido pelo destino e movido também por raiva dispara uma arma celeste dizendo, 'Isso é para a destruição de todos os Pandavas'; então Krishna dizendo, 'Isso não acontecerá', neutraliza as palavras de Aswatthaman. Então

Arjuna neutraliza aquela arma por meio da sua própria. Vendo as intenções destrutivas do vil Aswatthaman, Dwaipayana e Krishna pronunciam maldições sobre ele as quais o último responde. Os Pandavas então privam o poderoso guerreiro em carruagem Aswatthaman da joia em sua cabeça, e ficam muito satisfeitos, e, orgulhosos de seu sucesso, fazem um presente dela para a entristecida Draupadi. Assim o décimo Parva, chamado Sauptika, é recitado. O grande Vyasa o compôs em dezoito capítulos. O número de slokas também compostos (nele) pelo grande narrador das verdades sagradas é oitocentos e setenta. Nesse Parva foram colocados juntos pelo rishi os dois Parvas chamados Sauptika e Aishika.

Depois disso é recitado o Parva muito emocionante chamado Stri; Dhritarashtra de visão profética, aflito pela morte de seus filhos, e movido por inimizade em relação a Bhima, quebra em pedaços uma estátua de ferro destramente colocada diante dele por Krishna (como substituta de Bhima). Então Vidura, removendo a afeição do aflito Dhritarashtra por coisas mundanas por meio de argumentos aludindo à libertação final consola aquele monarca sábio. Então é descrita a ida do angustiado Dhritarashtra acompanhado pelas senhoras de sua casa para o campo de batalha dos Kauravas. Aqui seguem os lamentos emocionantes das esposas dos heróis mortos. Então a ira de Gandhari e Dhritarashtra e sua perda de consciência. Então as damas kshatriya veem aqueles heróis, seus filhos, irmãos, e pais que não retornariam, jazendo mortos no campo. Então a pacificação por Krishna da fúria de Gandhari angustiada pela morte de seus filhos e netos. Então a cremação dos corpos dos Rajas falecidos com os ritos devidos por aquele monarca (Yudhishthira) de grande sabedoria e o principal também de todos os homens virtuosos. Então, depois que o oferecimento de água aos espíritos dos príncipes falecidos tinha começado, a história da confissão de Kunti de que Karna era seu filho nascido em segredo. Tudo isso é descrito pelo grande rishi Vyasa no emocionante décimo primeiro Parva. Sua leitura atenta comove todo coração sensível com tristeza e até tira lágrimas dos olhos. O número de capítulos compostos é vinte e sete. O número de slokas é setecentos e setenta cinco.

Décimo segundo em número vem o Santi Parva, que aumenta a compreensão e no qual é narrado o desalento de Yudhishthira por ter matado seus pais, irmãos, filhos, tios maternos e parentes matrimoniais. Nesse Parva é descrito como do seu leito de flechas Bhishma explica vários sistemas de deveres dignos do estudo de reis desejosos de conhecimento; esse Parva explica os deveres relativos a emergências, com indicações completas de época e motivos. Por compreendê-los se obtém conhecimento perfeito. Os mistérios também da emancipação final são descritos com detalhes. Esse é o décimo segundo Parva, o favorito dos sábios. Ele consiste em trezentos e trinta e nove capítulos, e contém catorze mil, setecentos e trinta e dois slokas.

Próximo em ordem é o excelente Anusasana Parva. Nele é descrito como Yudhishthira, o rei dos Kurus, foi reconciliado consigo mesmo após ouvir a exposição dos deveres por Bhishma, o filho de Bhagirathi. Esse Parva trata de regulamentos em detalhes e de Dharma e Artha; então das regras de caridade e seus méritos; então das qualificações dos donatários, e das doações supremas

relativas a transportes. Esse Parva também descreve os cerimoniais de dever individual, as regras de conduta e o mérito inigualável da veracidade. Esse Parva mostra o grande mérito de brâmanes e vacas, e elucida os mistérios dos deveres em relação a tempo e lugar. Esses estão incorporados no Parva excelente chamado Anusasana de incidentes variados. Nele é descrita a ascensão de Bhishma para o Céu. Esse é o décimo terceiro Parva o qual declara com precisão os vários deveres dos homens. O número de capítulos nele é cento e quarenta e seis. O número de slokas é oito mil.

Então vem o décimo quarto Parva, Aswamedhika. Nele está a excelente história de Samvarta e Marutta. Então é descrita a descoberta (pelos Pandavas) de tesouros preciosos; e então o nascimento de Parikshit que foi revivido por Krishna depois de ter sido queimado pela arma (celeste) de Aswatthaman. As batalhas de Arjuna, o filho de Pandu, enquanto segue o cavalo sacrifical solto, com vários príncipes que em fúria o apanham. Então é mostrado o grande risco de Arjuna em seu combate com Vabhruvahana, o filho de Chitrangada (com Arjuna) a filha designada do chefe de Manipura. Então a história do mangusto durante a realização do sacrifício de cavalo. Esse é o Parva notabilíssimo chamado Aswamedhika. O número de capítulos é cento e três. O número de slokas compostos (nele) por Vyasa de conhecimento verdadeiro é três mil, trezentos e vinte.

Então vem o décimo quinto Parva chamado Asramvasika. Nele, Dhritarashtra, abdicando do reino, e acompanhado por Gandhari e Vidura vai para as florestas. Vendo isso a virtuosa Pritha também, sempre empenhada em cuidar de seus superiores, deixando a corte de seus filhos, segue o velho casal. Nele é descrito o fenomenal encontro, por bondade de Vyasa, do rei (Dhritarashtra) com os espíritos de seus filhos mortos, netos, e outros príncipes, retornados do outro mundo. Então o monarca abandonando suas tristezas alcança com sua esposa o fruto mais elevado dos seus atos meritórios. Nesse Parva, Vidura, depois de ter confiado na virtude durante toda a sua vida alcança o estado mais meritório. O filho erudito de Gavalgana, Sanjaya, também de paixões sob total controle, e o principal dos ministros, alcança, nesse Parva, o estado abençoado. Nesse Yudhishthira o justo encontra Narada e ouve dele a respeito da extinção da linhagem dos Vrishnis. Esse é o notável Parva chamado Asramvasika. O número de capítulos nele é quarenta dois, e o número de slokas compostos por Vyasa conhecedor da verdade é mil quinhentos e seis.

Depois disso, vocês sabem, vem o Maushala de incidentes dolorosos. Nele, aqueles heróis de coração de leão (da linhagem Vrishni), com as cicatrizes de muitos campos (de batalha) em seus corpos, oprimidos pela maldição de um brâmane, enquanto privados de juízo pela bebida, impelidos pelo destino, matam uns aos outros nas margens do Mar de Sal com a erva Eraka que (nas mãos deles) se torna (dotada dos atributos fatais do) raio. Nele, Balarama e Kesava (Krishna) depois de causarem o extermínio de sua linhagem, sua hora tendo chegado, eles mesmos não se elevam acima do domínio do Tempo todo-destrutivo. Nesse, Arjuna, o principal entre os homens, indo para Dwaravati (Dwaraka), vê a cidade desprovida de Vrishnis e fica muito abalado e

extremamente triste. Então depois do funeral do seu tio materno Vasudeva, o principal entre os Yadus (Vrishnis), ele vê os heróis da tribo Yadu jazendo estirados mortos no lugar onde eles tinham estado bebendo. Ele então faz a cremação dos corpos dos ilustres Krishna e Balarama e dos membros principais da linhagem Vrishni. Então quando ele estava viajando de Dwaraka com as mulheres e as crianças, os velhos e os decrépitos, os remanescentes da tribo Yadu, ele é encontrado no caminho por uma grande calamidade. Ele testemunha também a desgraça de seu arco Gandiva e a inauspiciosidade de suas armas celestes. Vendo tudo isso Arjuna fica abatido e, conforme o conselho de Vyasa, vai até Yudhishthira e solicita permissão para adotar o modo de vida Sannyasa. Esse é o décimo sexto Parva chamado Maushala. O número de capítulos é oito e o número de slokas compostos por Vyasa conhecedor da verdade é trezentos e vinte.

O próximo é Mahaprasthanika, o décimo sétimo Parva. Nele, aqueles principais entre os homens, os Pandavas, abdicando de seu reino partem com Draupadi em sua grande jornada chamada Mahaprasthana. Nisso eles cruzam com Agni, tendo chegado à margem do mar de águas vermelhas. Nesse, pedido pelo próprio Agni, Arjuna reverenciando-o devidamente devolve a ele o excelente arco celeste chamado Gandiva. Nesse, deixando seus irmãos que caíram um depois do outro e Draupadi também, Yudhishthira segue sua jornada sem olhar nenhuma vez para trás para eles. Esse décimo sétimo Parva é chamado de Mahaprasthanika. O número de capítulos nele é três. O número de slokas também compostos por Vyasa conhecedor da verdade é trezentos e vinte.

O Parva que vem depois desse, vocês devem saber, é o extraordinário chamado Svarga de incidentes celestes. Vendo o carro celeste vindo para levá-lo Yudhishthira movido por bondade em relação ao cão que o acompanhava se recusa a subir nele sem seu companheiro. Observando a firme aderência do ilustre Yudhishthira à virtude, Dharma (o deus da justiça) abandonando sua forma canina se mostra ao rei. Então Yudhishthira ascendendo para o céu sente muita aflição. O mensageiro celeste mostra a ele o inferno por meio de um ato de ilusão. Então Yudhishthira, a alma da justiça, ouve os lamentos de partir o coração de seus irmãos vivendo naquela região sob a disciplina de Yama. Então Dharma e Indra mostram a Yudhishthira a região designada para os pecadores. Então Yudhishthira, depois de deixar o corpo humano por meio de um mergulho no Ganges celeste alcança aquela região que as suas ações mereciam, e começa a viver em alegria, respeitado por Indra e todos os outros deuses. Esse é o décimo oitavo Parva como narrado pelo ilustre Vyasa. O número de slokas compostos, ó ascetas, pelo grande rishi nesse Parva é duzentos e nove.

Acima estão os conteúdos dos Dezoito Parvas. No apêndice (Khita) estão o Harivansa e o Vavishya. O número de slokas contidos no Harivansa é doze mil. Estes são os conteúdos da seção chamada Parva-sangraha.

Sauti continuou, "Dezoito Akshauhinis de tropas se reuniram para lutar. O combate que se seguiu foi terrível e durou dezoito dias. Aquele que conhece os quatro Vedas com todos os Angas e as Upanishads, mas não conhece esta

história (Bharata), não pode ser considerado como sábio. Vyasa de inteligência incomensurável falou do Mahabharata como um tratado a respeito de Artha, Dharma, e Kama. Aqueles que ouvem essa história nunca podem aguentar ouvir outras, como, de fato, aqueles que escutaram a voz doce do Kokila (cuco) macho nunca podem ouvir a dissonância do grasnado do corvo. Como a formação dos três mundos procede dos cinco elementos, assim as inspirações de todos os poetas procedem dessa composição excelente. Ó brâmanes, como as quatro espécies de criaturas (vivíparas, ovíparas, nascidas da umidade quente e vegetais) são dependentes do espaço para a sua existência, assim os Puranas dependem dessa história. Como todos os sentidos dependem para seu exercício das várias modificações da mente, também todos os atos (cerimoniais) e qualidades morais dependem deste tratado. Não há uma história corrente no mundo que não dependa desta história, assim como o corpo do alimento que recebe. Todos os poetas tratam o Bharata assim como empregados desejosos de promoção sempre servem a patrões de boa linhagem. Assim como o abençoado Asrama familiar nunca pode ser superado pelos outros três Asramas (modos de vida) assim nenhum poeta pode superar este poema.

Ó ascetas, livrem-se de toda inação. Que os seus corações se fixem na virtude, porque a virtude é o único amigo daquele que vai para o outro mundo. Mesmo o mais inteligente por criar riqueza e esposas nunca pode fazer desses sua propriedade, nem essas posses são duráveis. O Bharata proferido pelos lábios de Dwaipayana é sem paralelo; ele é a própria virtude e sagrado. Ele destrói o pecado e produz o bem. Aquele que o ouve enquanto está sendo narrado não tem necessidade de um banho nas águas sagradas de Pushkara. Um brâmane, quaisquer pecados que ele possa cometer durante o dia através de seus sentidos, é liberto deles todos pela leitura do Bharata à noite. Quaisquer pecados que ele possa cometer também durante a noite por ações, palavras, ou mente, ele fica livre deles todos por ler o Bharata no primeiro crepúsculo (aurora). Aquele que dá cem vacas com chifres engastados com ouro para um brâmane bem informado nos Vedas e todos os ramos de conhecimento, e aquele que ouve diariamente as narrações sagradas do Bharata adquirem mérito igual. Como o vasto oceano é facilmente transitável por homens que têm navios, assim é esta extensa história de grande excelência e profunda importância com a ajuda deste capítulo chamado Parva sangraha.

Assim termina a parte chamada Parva-sangraha do Adi Parva do Mahabharata abençoado.

3

Paushya Parva

Sauti disse, “Janamejaya, o filho de Parikshit, estava, com seus irmãos, se dedicando ao seu longo sacrifício nas planícies de Kurukshetra. Seus irmãos eram três, Srutasena, Ugrasena, e Bhimasena. E quanto eles estavam sentados no sacrifício chegou lá no local um filho de Sarama (a loba celeste). E espancado pelos irmãos de Janamejaya ele correu para sua mãe, chorando de dor. E sua

mãe vendo-o chorando muito perguntou, ‘Por que tu choras assim? Quem te bateu?’ E sendo assim questionado ele disse à sua mãe, 'Eu fui espancado pelos irmãos de Janamejaya'. E sua mãe respondeu, 'Tu cometeste alguma falha pela qual tu apanhaste!' Ele respondeu, 'Eu não cometi nenhuma falha. Eu não toquei na manteiga sacrifical com a língua, nem mesmo lancei um olhar sobre ela'. Sua mãe Sarama ouvindo aquilo e muito angustiada pela aflição de seu filho foi ao local onde Janamejaya com seus irmãos estavam no sacrifício de longa duração. E ela se dirigiu a Janamejaya com raiva, dizendo, 'Meu filho não cometeu nenhum erro; ele não olhou para a tua manteiga sacrifical, nem a tocou com a língua. Por qual razão ele apanhou?' Eles não disseram uma palavra em resposta; depois do que ela disse, 'Como vocês bateram no meu filho que não cometeu nenhuma falha, portanto o mal virá sobre vocês, quando vocês menos o esperarem’.

Janamejaya, assim abordado pela loba celeste, Sarama, ficou muito alarmado e abatido. E depois do sacrifício ter acabado ele voltou para Hastinapura, e começou a ter grandes tormentos na procura por um Purohita que pudesse, por obter absolvição para o seu pecado, neutralizar o efeito da maldição.

Um dia Janamejaya, o filho de Parikshit, enquanto caçava, observou em uma parte específica de seus domínios um eremitério onde morava certo rishi famoso, Srutasrava. Ele tinha um filho chamado Somasrava profundamente engajado em devoções ascéticas. Estando desejoso de nomear aquele filho do rishi como seu Purohita, Janamejaya, o filho de Parikshit, saudou o rishi e se dirigiu a ele, dizendo, 'Ó possuidor dos seis atributos, que esse teu filho seja meu Purohita'. O rishi respondeu, 'Ó Janamejaya, esse meu filho, profundo em devoções ascéticas, ilustre no estudo dos Vedas, e dotado de toda a força do meu ascetismo, é nascido (do útero de) uma cobra fêmea que bebeu meu fluido vital. Ele é capaz de te absolver de todos os delitos salvo aqueles cometidos contra Mahadeva. Mas ele tem um hábito particular, ele concederá para qualquer brâmane o que quer que seja pedido dele. Se tu puderes suportar isso, então tu o levarás'. Janamejaya assim abordado respondeu ao rishi, ‘Será assim mesmo’. E aceitando-o como seu Purohita ele voltou para sua capital e então se dirigiu aos seus irmãos, dizendo: 'Este é o homem que eu escolhi para meu mestre espiritual; qualquer coisa que ele possa dizer deve ser realizada por vocês sem exame'. E seus irmãos fizeram como foram instruídos. E dando essas ordens para seus irmãos o rei marchou em direção a Takshyashila e trouxe aquele país sob sua autoridade.

Por essa época havia um rishi de nome Ayoda-Dhaumya. E Ayoda-Dhaumya tinha três discípulos, Upamanyu, Aruni, e Veda. E o rishi mandou um destes discípulos, Aruni de Panchala, tapar uma brecha em um curso d’água de certo campo. E Aruni de Panchala, assim ordenado por seu preceptor, dirigiu-se ao local. E tendo chegado lá ele viu que não podia tapar a brecha no curso d’água por meios comuns. E ele estava aflito porque não poderia cumprir a ordem de seu preceptor. Mas finalmente ele viu um jeito e disse, ‘Bem, vou fazer desse jeito’. Ele então desceu na brecha e se deitou lá. E a água foi assim contida.

Algum tempo depois o preceptor Ayoda-Dhaumya perguntou aos seus outros discípulos onde Aruni de Panchala estava. E eles responderam, ‘Senhor, ele foi

enviado por você mesmo dizendo, ‘Vai, tapa a brecha no curso de água do campo’. Assim lembrado, Dhaumya, se dirigindo aos seus pupilos, disse, ‘Então vamos nós todos para o local onde ele está’.

E tendo chegado lá ele gritou, ‘Ó Aruni de Panchala! Onde tu estás? Vem aqui, meu filho’. E Aruni ouvindo a voz de seu preceptor saiu rapidamente do curso d’água e ficou diante de seu preceptor. E dirigindo-se ao último, Aruni disse, ‘Aqui estou eu na brecha do curso d’água. Não tendo sido capaz de encontrar quaisquer outros meios, eu mesmo entrei para o propósito de impedir que a água escape. E foi somente ao ouvir a tua voz que deixando-a e permitindo que as águas escapem eu estou diante de ti. Eu te saúdo, mestre; me dize o que eu tenho que fazer’.

O preceptor, assim abordado, respondeu, ‘Porque ao levantar do fosso tu abriste o curso d’água, daqui em diante tu te chamarás Uddalaka como um símbolo da proteção do teu preceptor. E porque as minhas palavras foram obedecidas por ti tu obterás boa sorte. E todos os Vedas brilharão em ti e todos os Dharmasastras também’. E Aruni, assim tratado por seu preceptor, foi para o país para o qual queria ir.

O nome de outro dos discípulos de Ayoda-Dhaumya era Upamanyu. E Dhaumya o designou dizendo, 'Vai, meu filho Upamanyu, cuidar das vacas'. E segundo as ordens de seu preceptor ele foi cuidar das vacas. E tendo-as vigiado o dia inteiro ele voltou à noite para a casa de seu preceptor e ficando diante dele o saudou respeitosamente. E seu preceptor vendo-o em boa condição de corpo perguntou, 'Upamanyu, meu filho, do que tu te sustentas? Tu estás muito roliço'. E ele respondeu, ‘Senhor, eu me sustento por pedir esmolas’. E o preceptor disse, ‘O que é obtido em esmolas não deve ser usado por ti sem oferecê-lo a mim’. E Upamanyu, assim abordado, foi embora. E tendo obtido esmolas ele ofereceu as mesmas para seu preceptor. E o preceptor pegou dele precisamente o total. E Upamanyu, assim tratado, foi cuidar do gado. E tendo cuidado dele o dia inteiro ele voltou à noite para a residência de seu preceptor. E ele ficou na frente de seu preceptor e o saudou com respeito. E o preceptor percebendo que ele ainda continuava a estar em boa condição de corpo disse a ele, 'Upamanyu, meu filho, eu pego de ti tudo o que tu obténs em esmolas, sem deixar nada para ti. Como então tu, no momento, consegue te sustentar?' E Upamanyu disse para seu preceptor, 'Senhor, tendo dado a você tudo o que eu obtenho em esmolas, eu vou esmolar uma segunda vez para me sustentar'. E o preceptor então respondeu, 'Esse não é o modo no qual tu deves obedecer ao preceptor. Dessa maneira tu estás diminuindo o sustento de outros que vivem de esmolas. Realmente, tendo te sustentado dessa maneira, tu tens demonstrado ser avarento'. E Upamanyu, tendo expressado sua concordância com tudo o que seu preceptor disse foi embora cuidar do gado. E tendo observado o gado o dia inteiro ele voltou à casa de seu preceptor. E ele ficou diante do preceptor e o saudou respeitosamente. E o preceptor observando que ele ainda estava gordo lhe disse outra vez, 'Upamanyu, meu filho, eu pego de ti tudo o que tu obténs em esmolas e tu não vais esmolar uma segunda vez, e tu ainda estás em condição saudável. Como tu te sustentas?' E Upamanyu, assim questionado, respondeu, 'Senhor, eu agora vivo do leite

daquelas vacas'. E o preceptor então disse a ele, ‘Não é lícito para ti te apropriar do leite sem ter primeiro obtido o meu consentimento'. E Upamanyu tendo concordado com a justiça daquelas observações foi embora cuidar das vacas. E quando voltou para a residência do preceptor ele ficou diante dele e o saudou como de hábito. E seu preceptor vendo que ele ainda estava gordo disse, 'Upamanyu, meu filho, tu não te alimentas mais de esmolas, nem vais esmolar uma segunda vez, nem mesmo bebes do leite, mas ainda estás gordo. De que meios tu te utilizas para viver agora? E Upamanyu respondeu, 'Senhor, eu agora sorvo a espuma que aqueles bezerros expulsam, enquanto chupam as tetas de suas mães'. E o preceptor disse, 'Aqueles bezerros generosos, eu suponho, por compaixão por ti, expulsam grandes quantidades de espuma. Tu atrapalharias as suas refeições completas por agires como tens feito? Saibas que é ilícito para ti beber a espuma'. E Upamanyu, tendo expressado sua concordância com isso, foi como antes cuidar das vacas. E, reprimido por seu preceptor, ele não se alimentou de esmolas, nem tinha nenhuma coisa para comer; ele não bebeu do leite, nem provou da espuma!

E Upamanyu, um dia, oprimido pela fome, quando estava em uma floresta, comeu das folhas da Arka (Asclepias gigantea). E seus olhos foram afetados pelas propriedades pungentes, acres, cruas e salinas das folhas que tinha comido, e ele ficou cego. E quando estava se movendo lentamente em volta ele caiu em um buraco. E por ele não ter voltado naquele dia quando o sol estava mergulhando atrás do topo das montanhas do oeste o preceptor observou para seus discípulos que Upamanyu ainda não tinha chegado. E eles disseram a ele que ele tinha saído com o gado.

O preceptor então disse, ‘Upamanyu foi reprimido por mim do uso de tudo, e não veio para casa até agora. Vamos nós então à procura dele’. E tendo dito isso ele foi com seus discípulos à floresta e começou a gritar, dizendo, ‘Ó Upamanyu, onde tu estás?’ E Upamanyu ouvindo a voz de seu preceptor respondeu em um tom alto, ‘Estou aqui no fundo de um poço!’ E o preceptor perguntou como aconteceu de ele cair lá. E Upamanyu respondeu, ‘Eu comi das folhas da planta Arka e fiquei cego, e assim eu caí nesse poço’. E seu preceptor então disse a ele, ‘Glorifica os gêmeos Asvins, os médicos em comum dos deuses, e eles devolverão a tua visão’. E Upamanyu assim instruído por seu preceptor começou a glorificar os gêmeos Asvins, nas seguintes palavras do Rig Veda:

‘Vós existíeis antes da criação! Ó seres primogênitos, vós estais manifestados neste universo maravilhoso de cinco elementos! Eu desejo alcançar-vos pela ajuda do conhecimento derivado da audição e da meditação, porque vós sois Infinitos! Vós sois o próprio curso da Natureza e a Alma inteligente que permeia esse curso! Vós sois aves de belas penas pousadas no corpo que é como uma árvore! Vós não possuís os três atributos comuns de toda alma! Vós sois incomparáveis! Vós, através do vosso espírito em cada coisa criada, permeais o Universo!

Vós sois Águias douradas! Vós sois a essência na qual todas as coisas desaparecem! Vós estais livres do erro e não conheceis deterioração! Vós possuís

belos bicos que não golpeiam injustamente e sois vitoriosos em todos os combates! Vós sem dúvida prevaleceis sobre o tempo! Tendo criado o sol, vós teceis o maravilhoso tecido do ano por meio do fio branco do dia e do fio preto da noite! E com o pano assim tecido vós estabelecestes dois rumos de ação referentes respectivamente aos Devas e aos Pitris. A ave da Vida apanhada pelo Tempo a qual representa a força da alma Infinita, vós libertais para entregá-la à grande felicidade! Aqueles que estão em ignorância profunda, enquanto estão sob as ilusões de seus sentidos, supõem que vós, que sois independentes dos atributos da matéria, sois dotados de forma! Trezentas e sessenta vacas representadas por trezentos e sessenta dias produzem um bezerro entre elas o qual é o ano. Esse bezerro é o criador e o destruidor de tudo. Buscadores da verdade seguindo rotas diferentes tiram o leite do conhecimento verdadeiro com vossa ajuda. Ó Asvins, vós sois os criadores daquele bezerro!

O ano é apenas o cubo de uma roda à qual estão ligados setecentos e vinte raios representando os dias e as noites. A circunferência dessa roda representada pelos doze meses é sem fim. Essa roda é cheia de ilusões e não conhece deterioração. Ela afeta todas as criaturas sejam deste ou dos outros mundos. Ó Asvins, essa roda do tempo é posta em movimento por vós!

A roda do Tempo como representada pelo ano tem um cubo representado pelas seis estações. O número de raios anexados a esse cubo é doze como representados pelos doze signos do Zodíaco. Essa roda do Tempo manifesta os frutos dos atos de todas as coisas. As divindades que presidem o Tempo moram nessa roda. Sujeito como eu estou a essa influência aflitiva, ó Asvins, me libertai dessa roda do Tempo. Ó Asvins, vós sois esse universo de cinco elementos! Vós sois os objetos que são desfrutados neste e no outro mundo! Tornai-me independente dos cinco elementos! E embora vós sejais o Brahma Supremo, vós ainda vos moveis sobre a Terra em formas desfrutando dos prazeres que os sentidos fornecem.

No início, vós criastes os dez pontos do universo! Então vós colocastes o Sol e o Céu acima! Os rishis, segundo o curso do mesmo Sol, realizam seus sacrifícios, e os deuses e homens, de acordo com o que foi designado para eles, realizam seus sacrifícios também desfrutando dos frutos daqueles atos!

Misturando as três cores, vós produzistes todos os objetos de visão! É desses objetos que o Universo surgiu no qual deuses e homens estão engajados em suas respectivas ocupações, e, de fato, todas as criaturas dotadas de vida!

Ó Asvins, eu vos adoro! Eu também adoro o Céu que é vossa obra! Vós sois os ordenadores dos resultados de todas as ações dos quais nem mesmo os deuses estão livres! Vós mesmos sois livres dos frutos das vossas ações!

Vós sois os pais de todos! Como machos e fêmeas sois vós que engolis o alimento o qual subsequentemente se desenvolve na vida criando fluido e sangue! O bebê recém-nascido chupa o seio de sua mãe. De fato sois vós que tomais a forma do bebê! Ó Asvins, concedei-me minha visão para proteger minha vida!’

Os gêmeos Asvins, assim invocados, apareceram e disseram, 'Nós estamos satisfeitos. Aqui está um bolo para ti. Pega e come'. E Upamanyu respondeu, 'Vossas palavras, ó Asvins, nunca demonstraram ser falsas. Mas sem primeiro oferecer este bolo para o meu preceptor eu não ouso comê-lo'. E os Asvins disseram, 'Antigamente o teu preceptor nos invocou. Nós então demos a ele um bolo como esse e ele o comeu sem oferecê-lo para seu mestre. Faze tu o que o teu preceptor fez'. Assim abordado Upamanyu novamente disse a eles, 'Ó Asvins, eu rogo o vosso perdão. Sem oferecê-lo para meu preceptor eu não ouso comer esse bolo'. Os Asvins então disseram, 'Ó, nós estamos satisfeitos com essa tua devoção por teu preceptor. Os dentes do teu mestre são de ferro preto. Os teus serão de ouro. A tua visão será restaurada e tu terás boa sorte'.

Como dito pelos Asvins ele recuperou a visão, e indo à presença de seu preceptor ele o saudou e lhe contou tudo. E o preceptor ficou muito satisfeito e disse, ‘Tu obterás prosperidade assim como os Asvins disseram. Todos os Vedas brilharão em ti e todos os Dharmasastras’. E essa foi a prova de Upamanyu.

Então Veda, o outro discípulo de Ayoda-Dhaumya, foi chamado. O preceptor se dirigiu a ele uma vez dizendo, ‘Veda, meu filho, fica algum tempo em minha casa e serve ao teu preceptor. Isso será para o teu benefício’. E Veda tendo demonstrado sua concordância ficou por muito tempo na família de seu preceptor atento em servi-lo. Como um boi sob as cargas de seu dono, ele suportou calor e frio, fome e sede, em todas as horas sem um murmúrio. E não muito tempo depois seu preceptor estava satisfeito. E como consequência dessa satisfação Veda obteve boa sorte e conhecimento universal. E essa foi a prova de Veda.

E Veda, tendo recebido a permissão do preceptor, e deixando a residência do último depois do término dos seus estudos, entrou no modo de vida familiar. E enquanto vivia em sua própria casa ele teve três pupilos. E ele nunca lhes dizia para realizar nenhum trabalho ou obedecer implicitamente às suas próprias ordens; por ter ele mesmo sentido muita aflição enquanto residia com a família de seu preceptor ele não gostava de tratá-los com severidade.

Depois de certo tempo, Janamejaya e Paushya, ambos da classe kshatriya, chegando à sua residência designaram o brâmane Veda como seu guia espiritual (Upadhyaya). E um dia quando prestes a partir em algum negócio relacionado a um sacrifício, ele encarregou um de seus discípulos, Utanka, para cuidar de sua família. 'Utanka', disse ele, 'O que quer que deva ser feito em minha casa, que seja feito por ti sem negligência'. E tendo dado essas ordens para Utanka ele partiu em sua jornada.

Assim Utanka, sempre consciente da injunção de seu preceptor, tomou residência na casa do último. E enquanto Utanka estava residindo lá as mulheres da casa de seu preceptor tendo se reunido se dirigiram a ele e disseram: ‘Ó Utanka, a tua preceptora está naquele período quando a ligação conjugal pode ser frutífera. O preceptor está ausente; então fica no lugar dele e faze o necessário.’ E Utanka, assim abordado, disse àquelas mulheres, ‘Não me é apropriado fazer isso

a convite de mulheres. Eu não fui encarregado por meu preceptor de fazer qualquer coisa imprópria'.

Depois de um tempo o preceptor voltou de sua viagem. E o preceptor, tendo sabido tudo o que tinha acontecido, ficou bem satisfeito e dirigindo-se a Utanka, disse, 'Utanka, meu filho, que benefício eu te concederei? Eu fui servido por ti devidamente, portanto as nossa amizade um pelo outro aumentou. Por isso eu te concedo permissão para partir. Vai, e que os teus desejos se realizem!'

Utanka assim abordado respondeu dizendo, 'Deixa-me fazer algo que você deseje, porque é dito: 'Aquele que concede instrução em desacordo com o costume e aquele que a recebe em desacordo com o costume, um dos dois morre, e surge inimizade entre os dois'. Eu, portanto, que recebi sua permissão para partir, desejo lhe trazer algum honorário devido a um preceptor'. Seu mestre, ao ouvir isso, respondeu, 'Utanka, meu filho, espere algum tempo'. Algum tempo depois, Utanka se dirigiu novamente ao seu preceptor, dizendo, 'Mande-me trazer por honorário aquilo que você deseja'. E o preceptor então disse, 'Meu caro Utanka, tu tens frequentemente me falado do teu desejo de trazer alguma coisa em reconhecimento pela instrução que recebeste. Vai então e pergunta para a tua preceptora o que tu deves trazer. E traze o que ela mandar'. Assim instruído por seu preceptor Utanka se dirigiu à sua preceptora, dizendo, 'Senhora, eu obtive permissão do meu mestre para ir para casa, e eu desejo trazer alguma coisa agradável para ti como honorário pela instrução que recebi, para que eu não parta como seu devedor. Portanto, por favor me mande o que eu devo trazer'. Assim abordada a preceptora respondeu, 'Vai até o rei Paushya e pede dele o par de brincos usado por sua rainha, e traze-os para cá. O quarto dia a partir de hoje é um dia sagrado quando eu desejo aparecer perante os brâmanes (que possam jantar em minha casa) enfeitada com aqueles brincos. Então faze isso, ó Utanka! Se tu fores bem-sucedido, a boa sorte te acompanhará; se não, que bem tu poderás esperar?'

Utanka assim comandado, partiu. E quando ele estava passando pela estrada ele viu um touro de tamanho extraordinário e um homem de estatura incomum montado nele. E aquele homem se dirigiu a Utanka e disse, 'Coma do estrume deste touro'. Utanka, no entanto, estava relutante em concordar. O homem falou novamente, 'Ó Utanka, coma disso sem escrutínio. O seu mestre comeu disso antes'. E Utanka consentiu e comeu do estrume e bebeu da urina daquele touro, e ele se ergueu respeitosamente, e lavando as mãos e a boca foi para onde o rei Paushya estava.

Ao chegar ao palácio Utanka viu Paushya sentado (em seu trono). E aproximando-se dele Utanka saudou o monarca por pronunciar bênçãos e disse, 'Eu venho como um requerente a ti'. E o rei Paushya, tendo retornado as saudações de Utanka, disse, 'Senhor, o que posso fazer por ti?' E Utanka disse, 'Eu vim pedir de ti um par de brincos como um presente para o meu preceptor. Cabe a ti me dar os brincos usados pela rainha'.

O rei Paushya respondeu, ‘Vai, Utanka, aos apartamentos femininos onde a rainha está e os peça a ela’. E Utanka entrou no apartamento das mulheres. Mas como ele não pode achar a rainha ele se dirigiu ao rei novamente, dizendo, ‘Não é adequado que eu seja tratado por ti com falsidade. Tua rainha não está nos apartamentos particulares, porque eu não pude encontrá-la’. O rei assim abordado considerou por um instante e respondeu, ‘Lembra, senhor, com atenção se tu não estás em um estado de corrupção por causa do contato com as impurezas de uma refeição. Minha rainha é uma esposa casta e não pode ser vista por alguém que esteja impuro devido ao contato com os resíduos de um repasto. Nem ela aparece na vista de alguém que esteja maculado’.

Utanka, assim informado, refletiu por um instante e então disse, 'Sim, deve ser isso. Tendo estado com pressa eu realizei minhas abluções (após a refeição) em uma postura em pé'. O rei Paushya então disse, 'Aqui há uma transgressão, a purificação não é devidamente efetuada em uma postura em pé, nem por alguém que está seguindo adiante'. E Utanka, tendo concordado com isso, sentou-se com seu rosto em direção ao leste, e lavou o rosto, mãos, e pés minuciosamente. E ele então, sem um barulho, sorveu três vezes da água livre de espuma, e não quente, e apenas o suficiente para alcançar seu estômago e limpou o rosto duas vezes. E ele então tocou com água os orifícios de seus órgãos (olhos, orelhas, etc). E tendo feito tudo isso ele mais uma vez entrou nos apartamentos das mulheres. E dessa vez ele viu a rainha. E quando a rainha o notou, ela o saudou respeitosamente e disse, 'Bem-vindo, senhor, me ordena o que eu devo fazer'. E Utanka disse a ela, 'Cabe a ti me dar esses teus brincos. Eu os peço como um presente para o meu preceptor'. E a rainha, estando muito satisfeita com a conduta de Utanka, e considerando que Utanka como um objeto de caridade não podia ser ignorado, tirou seus brincos e os deu a ele. E ela disse, ‘Esses brincos são muitíssimo procurados por Takshaka, o rei das serpentes. Portanto tu deves carregá-los com o maior cuidado’.

E Utanka ouvindo isso disse à rainha, 'Senhora, não fiques apreensiva. Takshaka, o chefe das serpentes, não é capaz de me alcançar'. E tendo dito isso, e se despedindo da rainha, ele voltou à presença de Paushya, e disse, 'Paushya, eu estou grato'. Então Paushya disse a Utanka, 'Um objeto digno de caridade somente pode ser tido a longos intervalos. Tu és um convidado qualificado, portanto eu desejo realizar um Sraddha. Fique um pouco. E Utanka respondeu, 'Sim, eu ficarei, e peço que os mantimentos limpos que estejam prontos sejam trazidos logo'. E o rei demonstrando sua aprovação entreteve Utanka devidamente. E Utanka vendo que a comida colocada diante dele tinha um cabelo, e também que ela estava fria, a considerou impura. E ele disse a Paushya, 'Tu me deste comida que é impura, portanto tu perderás tua visão'. E Paushya em resposta disse, 'E porque tu atribuíste impurezas à comida que está limpa, então tu não terás herdeiros'. E Utanka imediatamente replicou, ‘Não cabe a ti, depois de ter me oferecido comida impura, me amaldiçoar de volta. Satisfaze-te por meio da prova ocular’.

E Paushya vendo a comida alegada ser impura convenceu-se de sua impureza. E Paushya tendo verificado que a comida estava realmente impura, estando fria e

misturada com cabelo, preparada como ela foi por uma mulher com o cabelo desentrançado, começou a acalmar o rishi Utanka, dizendo, 'Senhor, a comida colocada diante de ti está fria, e contém cabelo, tendo sido preparada sem cuidado suficiente. Portanto eu te peço para me perdoar. Que eu não me torne cego'. E Utanka respondeu, 'O que eu disse haverá de passar. Tendo te tornado cego tu poderás, no entanto, recuperar a visão dentro de pouco. Concede que a tua maldição também não tenha efeito em mim'. E Paushya disse a ele, 'Eu sou incapaz de revogar minha maldição. Pois minha raiva até agora não foi apaziguada. Mas tu não sabes disso. Porque o coração de um brâmane é macio como manteiga recém-batida, embora suas palavras portem uma navalha de lâmina afiada. É o contrário em relação a isso com o kshatriya. Suas palavras são macias como manteiga recém-batida, mas seu coração é como uma ferramenta de lâmina afiada, esse sendo o caso, eu sou incapaz, por causa da dureza do meu coração, de neutralizar a minha maldição. Então segue o teu próprio caminho'. A isso Utanka respondeu, ‘Eu te mostrei a impureza do alimento oferecido a mim, e fui acalmado por ti. Por outro lado, tu disseste a princípio que porque eu imputei impurezas à comida que estava limpa eu não teria herdeiros. Mas como a comida era realmente impura a tua maldição não pode me afetar. Disso eu estou certo’. E Utanka tendo dito isso partiu com os brincos.

Na estrada Utanka percebeu que vinha em sua direção um mendigo ocioso nu que às vezes aparecia e às vezes desaparecia de vista. E Utanka pôs os brincos no chão e foi buscar água. Entrementes o mendigo alcançou rapidamente o local e pegando os brincos correu para longe. E Utanka tendo terminado suas abluções na água, se purificado e tendo também reverenciado os deuses e seus mestres espirituais perseguiu o ladrão com a maior velocidade possível. E tendo-o alcançado com grande dificuldade ele o agarrou à força. Mas naquele instante a pessoa apanhada, abandonando a forma de um mendigo e assumindo sua forma real, a de Takshaka, entrou rapidamente em um buraco grande aberto no chão. E tendo conseguido entrar, Takshaka procedeu para a sua própria residência, a região das serpentes.

Imediatamente Utanka, se lembrando das palavras da rainha, perseguiu a serpente e começou a cavar para abrir o buraco com um graveto, mas não pode fazer muito progresso. E Indra vendo sua aflição enviou seu raio (Vajra) para ajudá-lo. Então o raio entrando naquele graveto aumentou aquele buraco. E Utanka começou a entrar no buraco atrás do raio. E tendo entrado, ele viu a região das serpentes infinita em extensão, cheia de centenas de palácios e mansões elegantes com torrinhas e cúpulas e portões, cheia de lugares maravilhosos para vários jogos e entretenimentos. E Utanka então glorificou as serpentes por meio dos seguintes slokas:

‘Ó serpentes, súditos do rei Airavata, esplêndidos em batalha e despejando armas no campo como nuvens carregadas de relâmpagos dirigidas pelos ventos! Belos e de várias formas e enfeitados com muitos brincos coloridos, ó filhos de Airavata, vocês brilham como o Sol no firmamento! Nas margens norte do Ganges se encontram muitas habitações de serpentes. Lá eu constantemente adoro as grandes serpentes. Quem exceto Airavata desejaria se mover nos raios ardentes

do Sol? Quando Dhritarashtra (irmão de Airavata) sai, vinte e oito mil e oito serpentes o seguem como seus servidores. Vocês que se movem perto dele e vocês que ficam a uma distância dele, eu adoro a todos vocês que têm Airavata como seu irmão mais velho.

Eu adoro a ti também, para obter os brincos, ó Takshaka, que antigamente moravas em Kurukshetra e na floresta de Khandava! Takshaka e Aswasena, vocês são companheiros constantes que moram em Kurukshetra nas margens do Ikshumati! Eu também adoro o ilustre Srutasena, o irmão mais novo de Takshaka, que residiu no lugar santo chamado Mahadyumna para obter a liderança das serpentes'.

O brâmane rishi Utanka tendo saudado as principais serpentes dessa maneira não obteve, no entanto, os brincos. E ele então ficou muito pensativo. E quando ele viu que não obteve os brincos embora tivesse adorado as serpentes ele então olhou em volta e viu duas mulheres em um tear tecendo um pedaço de tecido com uma lançadeira fina, e no tear havia linhas pretas e brancas. E ele igualmente viu uma roda, com doze raios, girada por seis meninos. E ele também viu um homem com um belo cavalo. E ele começou a dirigir a eles os seguintes mantras:

'Esta roda cuja circunferência é marcada por vinte quatros divisões representando tantas mudanças lunares é provida de trezentos raios! Ela é colocada em movimento contínuo por seis garotos (as estações)! Estas donzelas representando a natureza universal estão tecendo sem intervalo um tecido com fios pretos e brancos, e assim trazendo à existência os vários mundos e os seres que vivem neles! Tu manejador do trovão, o protetor do universo, o matador de Vritra e Namuchi, tu ilustre que usas o traje preto e mostras verdade e inverdade no universo, tu que possuis como teu carregador o cavalo que foi recebido das profundidades do oceano, o qual é somente outra forma de Agni (o deus do fogo), eu me curvo a ti, Senhor supremo, Senhor dos três mundos, ó Purandara!'

Então o homem com o cavalo disse a Utanka, 'Eu estou grato por essa tua adoração. Que bem eu farei para ti?' E Utanka respondeu, 'Que as serpentes fiquem sob o meu controle'. Então o homem replicou, 'Sopra dentro deste cavalo'. E Utanka soprou naquele cavalo. E do cavalo assim soprado lá emergiram, de todas as aberturas de seu corpo, chamas de fogo com fumaça pelas quais a região dos nagas estava prestes a ser consumida. E Takshaka, extremamente surpreso e apavorado pelo calor do fogo, saiu rapidamente de sua residência levando os brincos com ele, e disse para Utanka, 'Eu te rogo, senhor, toma de volta os brincos'. E Utanka os pegou de volta.

Mas Utanka, tendo recuperado os brincos pensou, 'Ó, esse é o dia sagrado da minha preceptora. Eu estou longe. Como eu posso, portanto, mostrar a minha consideração por ela?' E quando Utanka estava ansioso sobre isso o homem se dirigiu a ele e disse, 'Monta neste cavalo, Utanka, e ele irá levá-lo em um instante para a casa do teu mestre'. E Utanka, assentindo, montou no cavalo e logo alcançou a casa de seu preceptor.

E sua preceptora naquela manhã depois de ter se banhado estava sentada enfeitando seu cabelo, pensando em proferir uma maldição sobre Utanka se ele não retornasse dentro do tempo. Mas naquele momento Utanka entrou na residência do preceptor e prestou seus respeitos à sua preceptora e lhe ofereceu os brincos. 'Utanka', disse ela, 'tu chegaste na hora apropriada e no local apropriado. Bem-vindo, meu filho, tu és inocente e, portanto, eu não te amaldiçoo! Que a boa sorte esteja sempre diante de ti. Que os teus desejos sejam coroados com êxito!'

Então Utanka visitou seu preceptor. E o preceptor disse, 'Tu és bem-vindo! O que ocasionou a tua longa ausência?' E Utanka respondeu ao preceptor, 'Senhor, na realização desse meu propósito obstrução foi oferecida por Takshaka, o rei das serpentes. Portanto eu tive que ir à região dos nagas. Lá eu vi duas donzelas sentadas em um tear, tecendo um tecido com fios pretos e brancos. (Dize-me), por favor, o que é aquilo? Lá igualmente eu vi uma roda com doze raios girada incessantemente por seis meninos, o que isso significa? Quem é também o homem que eu vi? E qual o cavalo de tamanho extraordinário igualmente visto por mim? E quando eu estava na estrada eu também vi um touro com um homem montado nele, por quem fui amavelmente abordado dessa maneira, 'Utanka, come do estrume desse touro, o qual foi também comido por teu mestre?' Assim eu comi do estrume daquele touro em conformidade com as palavras dele. Quem é ele? Portanto, esclarecido por ti, eu desejo ouvir tudo sobre eles'.

E seu preceptor, assim abordado disse: 'As duas donzelas que tu viste são Dhata e Vidhata; os fios pretos e brancos denotam noite e dia; a roda de doze raios girada pelos seis meninos significa o ano encerrando seis estações. O homem é Parjanya, o deus da chuva, e o cavalo é Agni, o deus do fogo. O touro que tu viste na estrada é Airavata, o rei dos elefantes; o homem montado nele é Indra e o estrume do touro que foi comido por ti era Amrita. E foi certamente por esse (último) que tu não encontraste a morte na região dos nagas, e Indra que é meu amigo tendo estado misericordiosamente inclinado te mostrou benevolência. É por isso que tu retornaste salvo, com os brincos junto a ti. Então, ó amável, eu te dou permissão para partir. Tu obterás boa sorte'.

E Utanka, tendo obtido a permissão de seu mestre, movido pela raiva e decidido a se vingar de Takshaka, foi em direção a Hastinapura. Aquele brâmane excelente logo alcançou Hastinapura. E Utanka então visitou o rei Janamejaya que tinha algum tempo antes voltado vitorioso de Takshashila. E Utanka viu o monarca vitorioso cercado por todos os lados por seus ministros. E ele pronunciou bênçãos sobre ele de forma apropriada. E Utanka se dirigiu ao monarca no momento adequado em palavras de pronúncia correta e sons melodiosos, dizendo, 'Ó tu o melhor dos monarcas! Como é que tu passas teu tempo como uma criança quando há outro assunto que demanda urgentemente a tua atenção?'

Sauti disse, "O monarca Janamejaya, assim abordado, saudando aquele brâmane excelente respondeu a ele, 'Ao cuidar destes meus súditos eu cumpro os deveres da minha nobre tribo. Dize, qual é este negócio a ser feito por mim e que o trouxe aqui?'

O principal dos brâmanes e distinguido acima de todos por boas ações, assim abordado pelo monarca excelente de grande coração, respondeu a ele, 'Ó rei! O assunto é teu próprio que demanda a tua atenção, portanto faze-o, por favor. Ó tu rei dos reis! Teu pai foi privado de vida por Takshaka, portanto vinga a morte do teu pai naquela serpente vil. Chegou a hora, eu penso, para o ato de vingança ordenado pelos Destinos. Então vinga a morte do teu pai magnânimo que, sendo mordido sem motivo por aquela serpente vil, foi reduzido aos cinco elementos assim como uma árvore atingida pelo raio. O perverso Takshaka, o mais vil da raça das serpentes, intoxicado pelo poder cometeu um ato desnecessário quando mordeu o rei, aquele pai divino, o protetor da classe de santos nobres. Pecaminoso em seus atos, ele até fez Kasyapa (o príncipe dos médicos) voltar quando ele estava vindo ajudar teu pai. Cabe a ti queimar o canalha perverso no fogo ardente de um sacrifício de cobras. Ó rei! Dá nesse instante ordens para o sacrifício. É dessa maneira que tu podes vingar a morte do teu pai. E uma generosidade muito grande também será demonstrada para comigo. Pois por aquele desgraçado maligno, ó príncipe virtuoso, um assunto meu também foi, em uma ocasião, obstruído, enquanto eu agia no interesse do meu preceptor'.

Sauti continuou, “O monarca, tendo ouvido essas palavras, se enfureceu com Takshaka. Pelas palavras de Utanka o príncipe foi inflamado, assim como o fogo sacrifical com manteiga clarificada. Movido também pelo pesar, na presença de Utanka, o príncipe pediu aos seus ministros os detalhes da jornada de seu pai para as regiões dos abençoados. E quando ele ouviu tudo acerca das circunstâncias da morte de seu pai dos lábios de Utanka ele foi tomado pela dor e tristeza”.

E assim termina o capítulo chamado Paushya do Adi Parva do Mahabharata abençoado.

4

Pauloma Parva

Ugrasrava Sauti, o filho de Lomaharshana, versado nos Puranas, enquanto presente na floresta de Naimisha, no sacrifício de doze anos de Saunaka, de sobrenome Kulapati, ficou diante dos rishis em serviço. Tendo estudado os Puranas com devoção meticulosa e assim sendo totalmente familiarizado com eles, ele se dirigiu a eles (aos rishis) com as mãos unidas desta maneira, “Eu descrevi graficamente para vocês a história de Utanka que é uma das causas do sacrifício de cobras do rei Janamejaya. O que, veneráveis senhores, vocês desejam ouvir agora? O que eu narrarei para vocês?” Os homens santos responderam, “Ó filho de Lomaharshana, nós perguntaremos a ti acerca do que estamos ansiosos para ouvir e tu narrarás as histórias uma a uma. Saunaka, nosso mestre venerável, está no momento cuidando do recinto do fogo sagrado. Ele é conhecedor daquelas histórias divinas que se relacionam com os deuses e os asuras. Ele conhece adequadamente as histórias de homens, serpentes, e gandharvas. Além disso, ó Sauti, neste sacrifício aquele brâmane erudito é o

chefe. Ele é hábil, fiel para com seus votos, sábio, um mestre dos Sastras e do Aranyaka, um falador da verdade, um amante da paz, um mortificador da carne, e um realizador de penitências de acordo com os decretos autorizados. Ele é respeitado por todos nós. Cabe a nós, portanto, esperar por ele. E quando ele estiver sentado em seu assento muito respeitado tu responderás ao que aquele melhor dos Dwijas te perguntar”.

Sauti disse, “Que assim seja. E quando o mestre de grande alma estiver sentado eu narrarei, questionado por ele, histórias sagradas de uma variedade de assuntos”. Depois de algum tempo aquele brâmane excelente (Saunaka) tendo terminado devidamente todos os seus deveres, e tendo propiciado os deuses com orações e os espíritos dos mortos com oblações de água, voltou ao lugar do sacrifício, onde com Sauti sentado diante dela estava a assembleia de santos de votos rígidos sentados comodamente. E quando Saunaka estava sentado no meio dos Ritwiks e Sadhyas, que também estavam em seus assentos, ele falou o seguinte.

5

(Continuação do Pauloma Parva)

Saunaka disse, “Filho, o teu pai antigamente leu o total dos Puranas, ó filho de Lomaharshana, e o Bharata com Krishna-Dwaipayana. Tu também fizeste deles teu estudo? Naqueles registros antigos são narradas histórias interessantes e a história das primeiras gerações de homens sábios, todas as quais nós ouvimos narradas detalhadamente por teu pai. Em primeiro lugar, eu desejo ouvir a história da linhagem de Bhrigu. Narra aquela história, nós te escutaremos atentamente”.

Sauti respondeu, “Por mim foi adquirido tudo o que foi estudado antigamente pelos brâmanes de grande alma, incluindo Vaisampayana, e repetido por eles; por mim foi adquirido tudo o que foi estudado por meu pai. Ó descendente da linhagem de Bhrigu, escuta então tudo o que se relaciona com a exaltada linhagem de Bhrigu, reverenciada por Indra e todos os deuses, pelas tribos de rishis e Maruts (Ventos). Ó grande Muni, eu primeiro relatarei devidamente a história daquela família como contada nos Puranas.

O grande e abençoado santo Bhrigu, nós estamos informados, foi produzido pelo autoexistente Brahma do fogo no sacrifício de Varuna. E Bhrigu teve um filho chamado Chyavana, a quem ele amava ternamente. E de Chyavana nasceu um filho virtuoso chamado Pramati. E Pramati teve um filho chamado Ruru com Ghritachi (a dançarina celeste). E para Ruru também com sua esposa Pramadvara nasceu um filho cujo nome era Sunaka. Ele foi, ó Saunaka, teu grande antepassado extremamente virtuoso em seus hábitos. Ele era devotado ao ascetismo, de grande reputação, versado em leis, e eminente entre aqueles que tinham conhecimento dos Vedas. Ele era virtuoso, verdadeiro, e de alimentação bem regulada”.

Saunaka disse, “Ó filho de Suta, eu te pergunto por que o filho ilustre de Bhrigu se chamava Chyavana. Conta-me tudo”.

Sauti respondeu, “Bhrigu tinha uma esposa de nome Puloma a quem ele amava afetuosamente. Ela ficou grávida de Bhrigu. E um dia enquanto a casta e virtuosa Puloma estava naquela condição, Bhrigu, notável entre aqueles que são fiéis à sua religião, deixando-a em casa saiu para realizar suas abluções. Foi então que o rakshasa chamado Puloma chegou à residência de Bhrigu. E entrando na residência do rishi o rakshasa viu a esposa de Bhrigu, impecável em tudo. E vendo-a ele ficou cheio de luxúria e perdeu a razão. A bela Puloma entreteve o rakshasa assim chegado com raízes e frutas da floresta. E o rakshasa que queimava de desejo ao vê-la ficou muito encantado e decidiu, ó bom sábio, raptar a ela que era tão irrepreensível em todos os aspectos.

'Meu plano está realizado' disse o rakshasa, e assim agarrando aquela bela matrona ele a levou. E, de fato, ela de sorrisos agradáveis tinha sido prometida a ele pelo próprio pai dela, embora o primeiro a concedesse subsequentemente, segundo os ritos devidos, a Bhrigu. Ó tu da linhagem Bhrigu, aquela injúria doía profundamente na mente do rakshasa e ele achou o momento presente muito oportuno para levar embora a senhora.

E o rakshasa viu o recinto no qual o fogo sacrifical era mantido queimando brilhantemente. O rakshasa então questionou o elemento flamejante, 'Dize-me, ó Agni, esposa de quem essa mulher legitimamente é. Tu és a boca dos deuses, portanto tu és obrigado a responder a minha pergunta. Esta dama de natureza superior foi primeiro aceita por mim como esposa, mas seu pai posteriormente a entregou ao falso Bhrigu. Dize-me realmente se essa pessoa formosa pode ser considerada como a esposa de Bhrigu, pois tendo-a encontrado sozinha eu resolvi levá-la à força do eremitério. Meu coração queima de raiva quando eu penso que Bhrigu tomou posse dessa mulher de cintura fina, primeiro prometida a mim'.

Sauti continuou, 'Dessa maneira o rakshasa perguntou ao deus flamejante do fogo repetidas vezes se a dama era esposa de Bhrigu. E o deus ficou com medo de dar uma resposta. 'Tu, ó deus do fogo,' disse ele, resides constantemente dentro de todas as criaturas, como testemunha dos méritos e deméritos dele ou dela. Ó tu respeitado, então responde verdadeiramente a minha pergunta. Bhrigu não se apropriou dela que foi escolhida por mim como minha esposa? Tu deves declarar realmente se, portanto, ela é minha esposa por primeira escolha. Depois da tua resposta quanto a se ela é a esposa de Bhrigu, eu a levarei embora deste eremitério mesmo na tua visão. Portanto responde verdadeiramente'.

Sauti continuou, 'O deus de sete chamas, tendo ouvido essas palavras do rakshasa ficou extremamente aflito, estando com medo de dizer uma mentira e igualmente com medo da maldição de Bhrigu. E o deus finalmente respondeu em palavras que saíram lentamente. 'Esta Puloma foi, de fato, escolhida primeiro por ti, ó rakshasa, mas ela não foi tomada por ti como esposa com ritos e invocações sagradas. Mas essa dama muito afamada foi entregue por seu pai a Bhrigu como um presente por desejo de bênção. Ela não foi entregue a ti, ó rakshasa, essa

dama foi devidamente feita sua esposa pelo rishi Bhrigu com ritos vêdicos na minha presença. Esta é ela, eu a reconheço. Eu não ouso falar uma falsidade. Ó tu melhor dos rakshasas, a falsidade nunca é respeitada nesse mundo'.

6

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti disse, 'Ó brâmane, após ouvir aquelas palavras do deus do fogo, o rakshasa assumiu a forma de um javali, e agarrando a senhora a carregou para longe com a velocidade do vento, até do pensamento. Então o filho de Bhrigu que se encontrava no corpo dela, enfurecido por tal violência, caiu do útero de sua mãe, pelo que ele obteve o nome de Chyavana. E o rakshasa, percebendo o bebê caído do útero da mãe, brilhante como o sol, soltou a mulher, caiu e foi instantaneamente convertido em cinzas. E a bela Pauloma, perturbada pela angústia, ó brâmane da linhagem Bhrigu, ergueu seu filho Chyavana, o filho de Bhrigu, e caminhou para longe. E Brahma, o Avô de todos, a viu, a impecável esposa de seu filho, chorando. E o Avô de todos consolou a ela que estava unida ao seu filho. E as gotas de lágrimas que rolaram de seus olhos formaram um grande rio. E aquele rio começou a seguir os passos da esposa do grande asceta Bhrigu. O Avô dos mundos vendo aquele rio seguir o caminho da esposa de seu filho deu-lhe um nome ele mesmo, e ele o chamou Vadhusara. E ele passava pelo eremitério de Chyavana. E dessa maneira nasceu Chyavana de grande poder ascético, o filho de Bhrigu.

E Bhrigu viu seu filho Chyavana e sua bela mãe. E o rishi com raiva a questionou, ‘Por quem tu foste identificada para aquele rakshasa que resolveu te levar? Ó tu de sorrisos agradáveis, o rakshasa não poderia te reconhecer como minha esposa. Portanto me dize quem foi que disse isso ao rakshasa, para que eu possa amaldiçoá-lo devido à raiva’. E Pauloma respondeu, ‘Ó possuidor dos seis atributos! Eu fui identificada para o rakshasa por Agni (o deus do fogo). E ele (o rakshasa) levou embora a mim, que gritava como a Kurari (águia pescadora). E foi somente pelo esplendor ardente deste teu filho que eu fui salva, porque o rakshasa (vendo este bebê) me largou e ele mesmo caindo no chão foi transformado em cinzas’.

Sauti continuou, “Bhrigu, após ouvir esse relato de Pauloma, ficou muito furioso. E em excesso de ira o rishi amaldiçoou Agni, dizendo, 'Tu comerás de todas as coisas”.

Assim termina o sexto capítulo chamado “A maldição sobre Agni” no Adi Parva.

7

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti disse, “O deus do fogo, enraivecido por causa da maldição de Bhrigu, dirigiu-se ao rishi desta maneira, 'O que significa essa impulsividade, ó brâmane, que tu demonstraste em relação a mim? Que transgressão pode ser imputada a mim que estava trabalhando para fazer justiça e falar a verdade imparcialmente? Sendo questionado eu dei a resposta verdadeira. Uma testemunha que quando interrogada acerca de um fato do qual ela tem conhecimento o relata de maneira diferente da que é arruína os seus antepassados e descendentes até a sétima geração. Aquele, também, que, conhecendo completamente todos os detalhes de um caso não revela o que sabe quando perguntado é sem dúvida manchado pela culpa. Eu também posso te amaldiçoar, mas brâmanes são tidos por mim em grande respeito. Embora estes sejam conhecidos por ti, ó brâmane, eu ainda falarei deles, assim por favor presta atenção! Tendo, por meio de poder ascético, me multiplicado, eu estou presente em várias formas, nos lugares do homa diário, em sacrifícios que se estendem por anos, em lugares onde ritos sagrados são realizados (como casamento, etc.), e em outros sacrifícios. Com a manteiga que é derramada sobre a minha chama segundo as injunções prescritas nos Vedas os Devas e os Pitris são satisfeitos. Os Devas são as águas; os Pitris também são as águas. Os Devas têm com os Pitris um direito igual aos sacrifícios chamados Darshas e Purnamasas. Os Devas, portanto, são os Pitris e os Pitris, os Devas. Eles são seres idênticos, adorados juntos e também separadamente nas mudanças da lua. Os Devas e os Pitris comem o que é derramado sobre mim. Eu sou, portanto chamado de a boca dos Devas e dos Pitris. Na lua nova os Pitris e na lua cheia os Devas são alimentados através da minha boca, comendo da manteiga clarificada que é despejada em mim. Sendo, como eu sou, a boca deles, como eu posso ser um comedor de todas as coisas (puras e impuras)?’

Então Agni, depois de refletir por um tempo, se retirou de todos os lugares, dos lugares do homa diário dos brâmanes, de todos os sacrifícios de longa extensão, dos lugares de ritos sagrados, e de outras cerimônias. Sem seus Oms e Vashats, e privados de seus Swadhas e Swahas (mantras sacrificais durante as oferendas), todas as criaturas ficaram muito angustiadas pela perda de seu fogo (sacrifical). Os rishis em grande ansiedade foram até os deuses e se dirigiram a eles desta maneira, 'Ó seres impecáveis! As três regiões do universo estão confusas pela cessação de seus sacrifícios e cerimônias por causa da perda do fogo! Ordenem o que deve ser feito em relação a este assunto, para que não haja perda de tempo'. Então os rishis e os deuses foram juntos à presença de Brahma. E eles explicaram a ele tudo acerca da maldição sobre Agni e da consequente interrupção de todas as cerimônias. E eles disseram, 'Ó tu imensamente afortunado! Agni foi amaldiçoado por Bhrigu por alguma razão. De fato, sendo a boca dos deuses e também o primeiro que come o que é oferecido em sacrifícios, o comedor também da manteiga sacrifical, como Agni será reduzido à condição de alguém que come de todas as coisas promiscuamente?' E o criador do universo ouvindo essas palavras deles chamou Agni à sua presença. E Brahma se dirigiu a

Agni, o criador de tudo e eterno como ele mesmo, nestas palavras gentis, 'Tu és o criador dos mundos e tu és seu destruidor! Tu preservas os três mundos e tu és o promotor de todos os sacrifícios e cerimônias! Portanto te comporta de maneira que as cerimônias não sejam interrompidas. E, ó comedor de manteiga sacrifical, por que tu ages tão tolamente, sendo, como tu és, o Senhor de tudo? Somente tu és sempre puro no universo e tu és seu esteio! Tu, com todo o teu corpo, não serás reduzido ao estado de alguém que come de todas as coisas promiscuamente. Ó tu de chamas, só a chama que está nas tuas partes mais vis comerá de todas as coisas igualmente. O teu corpo que come carne (estando no estômago de todos os animais carnívoros) também comerá de todas as coisas promiscuamente. E como todas as coisas tocadas pelos raios do sol se tornam puras, assim será puro tudo o que for queimado pelas tuas chamas. Tu és, ó fogo, a energia suprema nascida do teu próprio poder. Então, ó Senhor, por esse teu poder faze a maldição do rishi se realizar. Continua a receber a tua própria porção e a dos deuses, oferecidas à tua boca'.

Sauti continuou, “Então Agni respondeu ao Avô, 'Que assim seja'. E ele então partiu para obedecer a ordem do Senhor supremo. Os deuses e os rishis também voltaram em deleite para o local de onde eles tinham vindo. E os rishis começaram a realizar como antes as suas cerimônias e sacrifícios. E os deuses no céu e todas as criaturas do mundo se regozijaram muito. E Agni também se regozijou dessa maneira, pois ele estava livre da probabilidade do pecado.

Assim, ó possuidor dos seis atributos, Agni foi amaldiçoado nos tempos antigos por Bhrigu. E essa é a antiga história ligada à destruição do rakshasa, Pauloma e ao nascimento de Chyavana.

Assim termina o sétimo capítulo do Pauloma Parva do Adi Parva do Mahabharata abençoado.

8

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti disse, ‘Ó brâmane, Chyavana, o filho de Bhrigu, gerou um filho no útero de sua esposa Sukanya. E aquele filho era o ilustre Pramati de energia resplandecente. E Pramati gerou no útero de Ghritachi um filho chamado Ruru. E Ruru gerou em sua esposa Pramadvara um filho chamado Sunaka. Eu relatarei para vocês em detalhes, ó brâmane, toda a história de Ruru de energia abundante. Ó, ouçam-na então integralmente!

Antigamente havia um grande rishi chamado Sthulakesa possuidor de poder ascético e erudição e bondosamente disposto para com todas as criaturas. Naquela época, ó brâmane sábio, Viswavasu, o rei dos gandharvas, é dito, teve intimidades com Menaka, a dançarina celeste. E a apsara Menaka, ó tu da linhagem Bhrigu, quando chegou a hora, deu à luz um bebê perto do eremitério de

Sthulakesa. E deixando o bebê recém-nascido nas margens do rio, ó brâmane, Menaka, a apsara, sendo desprovida de piedade e vergonha, foi embora. E o rishi, Sthulakesa, de grande poder ascético, descobriu o bebê jazendo abandonado em uma parte solitária ao lado do rio. E ele percebeu que era uma menina, brilhante como o filho de um Imortal e resplandecente, por assim dizer, com beleza. E o grande brâmane, Sthulakesa, o principal dos munis, vendo aquela menina, e cheio de compaixão, a pegou e a criou. E a criança encantadora cresceu em sua habitação sagrada. O abençoado rishi Sthulakesa de mente nobre realizou na devida sucessão todas as cerimônias começando com aquela de nascimento como ordenado pela lei divina. E porque ela superava todas as de seu sexo em bondade, beleza, e em todas as qualidades, o grande rishi a chamou pelo nome de Pramadvara. E o virtuoso Ruru tendo visto Pramadvara no eremitério de Sthulakesa se tornou alguém cujo coração tinha sido trespassado pelo deus do amor. E Ruru por meio de seus companheiros fez seu pai Pramati, o filho de Bhrigu, saber de sua paixão. E Pramati a pediu do afamado Sthulakesa para seu filho. E o pai adotivo deu a donzela Pramadvara para Ruru, fixando as núpcias para o dia quando a estrela Varga-Daivata (Purva-phalguni) estaria ascendente.

Então dentro de poucos dias do tempo fixado para as núpcias, a bela donzela, enquanto brincava com companheiras de seu próprio sexo, sua hora tendo chegado, impelida pelo destino, pisou em uma serpente que ela não percebeu porque estava enrolada. E o réptil, incitado a executar a vontade do Destino, fincou violentamente suas presas envenenadas no corpo da moça desatenta. E picada por aquela serpente ela imediatamente caiu ao chão sem sentidos, sua cor sumiu e todas as belezas de seu corpo a deixaram. E com cabelo desgrenhado ela se tornou um espetáculo de dor para suas companheiras e amigas. E ela que era tão agradável de olhar se tornou, em sua morte, o que era doloroso demais de olhar. E a moça de cintura fina jazendo no chão como uma pessoa adormecida, sendo dominada pelo veneno da cobra, uma vez mais se tornou mais bela do que em vida. E seu pai adotivo e os outros ascetas santos que estavam lá todos a viram jazendo inerte sobre a terra com o esplendor de um lótus. E então lá chegaram muitos brâmanes notáveis cheios de compaixão, e eles ficaram em volta dela. E Swastyatreya, Mahajana, Kushika, Sankhamekhala, Uddalaka, Katha, e Sweta de grande renome, Bharadwaja, Kaunakutsya, Arshtishena, Gautama, Pramati e o filho de Pramati, Ruru, e outros habitantes da floresta, foram lá. E quando eles viram aquela donzela jazendo morta no chão dominada pelo veneno do réptil que a tinha mordido, eles todos choraram cheios de compaixão. Mas Ruru, mortificado além da conta, se retirou da cena".

Assim termina o oitavo capítulo do Pauloma Parva do Adi Parva do Mahabharata abençoado.

9

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti disse, ‘Enquanto aqueles brâmanes ilustres estavam sentados em volta do corpo morto de Pramadvara, Ruru, extremamente aflito, se retirou para um bosque profundo e lamentou alto. E dominado pela dor ele se entregou a muitas lamentações comoventes. E, lembrando-se de sua amada Pramadvara, ele deu vazão à sua tristeza nas seguintes palavras, ‘Ai! A delicada e formosa que aumenta a minha aflição jaz sobre o solo nu. O que pode ser mais deplorável para nós, seus amigos? Se eu tenho sido caridoso, se eu tenho realizado atos de penitência, se eu tenho sempre reverenciado os meus superiores, que o mérito desses trabalhos restaure à vida a minha amada! Se desde o meu nascimento eu tenho estado controlando as minhas paixões, aderindo aos meus votos, que a bela Pramadvara se levante do chão’.

E enquanto Ruru estava lamentando a perda de sua noiva um mensageiro do céu chegou até ele na floresta e se dirigiu a ele desta maneira, ‘As palavras que tu proferes, ó Ruru, em tua aflição são sem dúvida ineficazes. Pois, ó homem pio, alguém pertencente a este mundo cujos dias terminaram nunca pode voltar à vida. Os dias daquela pobre filha de um gandharva e uma apsara terminaram! Portanto, ó filho, tu não deves entregar teu coração à tristeza. Os grandes deuses, no entanto, providenciaram com antecedência um meio de sua restauração à vida. E se tu concordares com isso tu poderás receber de volta a tua Pramadvara’.

E Ruru respondeu, ‘Ó mensageiro do céu! O que é que os deuses ordenaram? Conta-me o que é integralmente para que (ao ouvir) eu possa concordar com isto. Cabe a ti me livrar da aflição!’ E o mensageiro celeste disse a Ruru, ‘Renuncia à metade da tua própria vida por tua noiva, e então, ó Ruru da família de Bhrigu, a tua Pramadvara se levantará do chão’. ‘Ó melhor dos mensageiros celestes, eu ofereço de bom grado metade da minha vida em favor da minha noiva. Então que a minha amada se levante mais uma vez em seu vestido e forma adorável’.

Sauti disse, “Então o rei dos gandharvas (o pai de Pramadvara) e o mensageiro celeste, ambos de qualidades excelentes, foram ao deus Dharma (o juiz dos mortos) e se dirigiram a ele, dizendo, 'Se for tua vontade, ó Dharmaraja, que a amável Pramadvara, a esposa prometida de Ruru, agora jazendo morta, se levante com a metade da vida de Ruru'. E Dharmaraja respondeu, 'Ó mensageiro dos deuses, se esse é teu desejo, que Pramadvara, a noiva de Ruru, se levante dotada da metade da vida de Ruru'”.

Sauti continuou, “E quando Dharmaraja tinha dito isso aquela moça de natureza superior, Pramadvara, dotada de metade da vida de Ruru, se levantou como de seu sono. Essa concessão por Ruru de metade do seu próprio período de vida para ressuscitar sua noiva levou posteriormente, como seria visto, ao encurtamento da vida de Ruru.

E em um dia auspicioso seus pais alegremente os casaram com os ritos devidos. E os dois passaram seus dias devotados um ao outro. E Ruru, tendo obtido tal esposa que é difícil de ser encontrada, bela e clara como os filamentos do lótus, fez uma promessa para a destruição da raça das serpentes. E toda vez que ele via uma serpente ele ficava cheio de grande ira e sempre a matava com uma arma.

Um dia, ó brâmane, Ruru entrou em uma floresta extensa. E lá ele viu uma velha serpente da espécie Dundubha deitada esticada no chão. E nisso Ruru ergueu em fúria o seu bastão, como o bastão da Morte, na intenção de matá-la. Então a Dundubha, dirigindo-se a Ruru, disse, 'Eu não te fiz mal, ó brâmane! Então porque tu vais me matar por raiva?'

Assim termina o nono capítulo do Pauloma Parva do Adi Parva do Mahabharata abençoado.

10

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti disse, 'E Ruru, ao ouvir aquelas palavras, respondeu, 'Minha esposa, preciosa para mim como a vida, foi mordida por uma cobra, após o que eu fiz, ó cobra, um voto terrível, de que eu mataria toda cobra que pudesse encontrar. Por essa razão eu vou te bater e tu serás privada de vida'.

E a Dundubha respondeu, 'Ó brâmane, as cobras que mordem homens são muito diferentes em espécie. Não cabe a ti matar Dundubhas que são serpentes só no nome. Sujeitas como outras serpentes às mesmas calamidades, mas não dividindo a sua boa sorte, no infortúnio as mesmas mas na alegria diferentes, as Dundubhas não devem ser mortas por ti sob uma concepção errada'.

Sauti continuou, "E o rishi Ruru, ouvindo essas palavras da serpente, e vendo que ela estava desnorteada com medo, embora uma cobra da espécie Dundubha, não a matou. E Ruru, o possuidor dos seis atributos, confortando a cobra se dirigiu a ela, dizendo, 'Conta-me detalhadamente, ó cobra, quem és tu que estás assim metamorfoseado?' E a Dundubha respondeu, 'Ó Ruru! Eu era antigamente um rishi de nome Sahasrapat. E foi pela maldição de um brâmane que eu fui transformado em uma cobra'. E Ruru perguntou, 'Ó tu melhor das cobras, por que tu foste amaldiçoado por um brâmane enfurecido? E por quanto tempo também a tua forma continuará assim?'"

E assim termina o décimo capítulo do Pauloma Parva do Adi Parva.

11

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti continuou, “A Dundubha então disse, 'Antigamente eu tinha um amigo de nome Khagama. Ele era impetuoso em suas palavras e possuidor de poder espiritual em virtude de suas austeridades. E um dia quando ele estava engajado no Agnihotra (sacrifício do fogo), eu fiz uma cobra falsa de folhas de erva, e em uma brincadeira tentei assustá-lo com ela. E sem demora ele caiu em um desmaio. Ao recuperar os sentidos aquele asceta sincero e cumpridor de votos, queimando com fúria, exclamou, 'Já que tu fizeste uma cobra falsa impotente para me assustar tu mesmo te tornarás uma serpente sem veneno pela minha maldição!' Ó asceta, eu conhecia bem o poder das punições dele, por isso com o coração agitado eu me dirigi a ele deste modo, me curvando com mãos unidas, 'Amigo, eu fiz isso como uma piada, para despertar tua risada. Cabe a ti me perdoar e revogar tua maldição'. E me vendo extremamente preocupado, o asceta foi persuadido, e ele respondeu, com a respiração quente e difícil: 'O que eu disse deve acontecer. Ouve o que eu digo e leva seriamente em consideração. Ó virtuoso! Quando Ruru, o filho puro de Pramati, aparecer, tu serás liberto da maldição no momento em que o vires’. Tu és o próprio Ruru e o filho de Pramati. Ao recuperar a minha forma natural eu te direi algo para o teu benefício’.

E aquele homem ilustre e o melhor dos brâmanes então deixou seu corpo de cobra e obteve a sua própria forma e esplendor originais. Ele então dirigiu as seguintes palavras a Ruru de poder incomparável, 'Ó tu principal dos seres criados, em verdade a maior virtude do homem é respeitar a vida dos outros. Por essa razão um brâmane nunca deve tirar a vida de nenhuma criatura. Um brâmane deve sempre ser compassivo. Essa é a mais sagrada injunção dos Vedas. Um brâmane deve ser versado nos Vedas e Vedangas, e deve inspirar todas as criaturas com fé em Deus. Ele deve ser benevolente para com todas as criaturas, sincero e clemente, assim como é seu dever supremo reter os Vedas em sua memória. Os deveres de um kshatriya não são seus. Ser inflexível, brandir o cetro e governar os súditos devidamente são os deveres do kshatriya. Ouve, ó Ruru, o relato da destruição de cobras no sacrifício de Janamejaya nos tempos de outrora, e a libertação dos répteis apavorados por aquele melhor dos Dwijas, Astika, profundo em conhecimento védico e poderoso em energia espiritual’.

E assim termina o décimo primeiro capítulo do Pauloma Parva do Adi Parva.

12

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti continuou, “Ruru então perguntou, ‘Ó melhor dos Dwijas, por que o rei Janamejaya estava decidido a destruir as serpentes? E por que e como elas foram salvas pelo sábio Astika? Eu estou ansioso para ouvir tudo isso em detalhes’.

O rishi respondeu, ‘Ó Ruru, a importante história de Astika você ouvirá dos lábios dos brâmanes.’ Dizendo isso ele desapareceu.

Sauti continuou, “Ruru correu de um lado para outro à procura do rishi desaparecido, e tendo falhado em encontrá-lo em todas as florestas ele caiu ao chão, fatigado. E revolvendo em sua mente as palavras do rishi ele estava muito confuso e parecia estar privado de seus sentidos. Recuperando a consciência, ele voltou para casa e pediu a seu pai para contar a história em questão. Assim pedido, seu pai relatou tudo a respeito da história.

Assim termina o décimo segundo capítulo no Pauloma Parva do Adi Parva.

13

Astika Parva

Saunaka disse, “Por que razão aquele tigre entre os reis, o nobre Janamejaya, resolveu tirar as vidas das cobras por meio de um sacrifício? Ó Sauti, nos conta integralmente a verdadeira história. Dize-nos também por que Astika, aquele melhor dos regenerados, aquele principal dos ascetas, resgatou as cobras do fogo ardente. De quem era filho aquele monarca que celebrou o sacrifício de cobras? E de quem era filho também aquele melhor dos regenerados?”

Sauti disse, “Ó melhores dos oradores, essa história de Astika é longa. Eu a narrarei devidamente na íntegra, ouçam!”

Saunaka disse, “Eu desejo ouvir minuciosamente a história fascinante daquele rishi, aquele brâmane ilustre chamado Astika”.

Sauti disse, “Essa história (primeiro) recitada por Krishna-Dwaipayana é considerada como um Purana pelos brâmanes. Ela foi antigamente narrada pelo meu sábio pai, Lomaharshana, o discípulo de Vyasa, diante dos habitantes da floresta de Naimisha, a seu pedido. Eu estava presente no recital, e, ó Saunaka, já que tu me pediste, eu narrarei a história de Astika exatamente como eu a ouvi. Ó, escutem enquanto eu recito integralmente essa história destruidora de pecados.

O pai de Astika era poderoso como Prajapati. Ele era um brahmacharin, sempre engajado em devoções austeras. Ele comia frugalmente, era um grande asceta, e tinha sua luxúria sob total controle. E ele era conhecido pelo nome de Jaratkaru. Aquele principal entre os Yayavaras, virtuoso e de votos rígidos, muito abençoado

e dotado de grande poder ascético, uma vez empreendeu uma viagem pelo mundo. Ele visitou diversos lugares, se banhou em diversas águas sagradas, e descansava onde a noite o alcançava. Dotado de grande energia, ele praticava austeridades religiosas difíceis de serem praticadas por homens de almas desregradas. O sábio vivia só do ar, e renunciou ao sono para sempre. Assim passando de um lugar para outro como um fogo ardente um dia aconteceu de ele ver seus antepassados com as cabeças pendendo para baixo em um grande buraco, seus pés apontando para cima. Ao vê-los Jaratkaru se dirigiu a eles dizendo:

'Quem são vocês assim pendurados de cabeça para baixo neste buraco por uma corda de fibras virana, que está, além disso, sendo roída secretamente por todos os lados por um rato que vive aqui?'

Os antepassados disseram, ‘Nós somos rishis de votos rígidos, chamados Yayavaras. Nós estamos caindo dentro da terra por falta de descendentes. Nós temos um filho de nome Jaratkaru. Desgraça para nós! Aquele infeliz entrou em uma vida de austeridades somente! O tolo não pensa em criar descendentes por meio de casamento! É por essa razão, o medo da extinção da nossa linhagem, que nós estamos suspensos nesse buraco. Possuidores de meios, nós passamos mal como infelizes que não têm ninguém! Ó excelente, quem és tu que te entristeces dessa maneira como um amigo por nossa causa? Nós desejamos saber, ó brâmane, quem és tu que estás ao nosso lado, e por que, ó melhor dos homens, tu te entristeces por nós que somos tão infelizes’.

Jaratkaru disse, ‘Vocês são meus pais e avós e eu sou Jaratkaru! Ó, me digam como eu posso servi-los’.

Os pais então responderam, ‘Tenta ao máximo, ó filho, gerar um descendente para prolongar nossa linhagem. Tu terás então, ó excelente, feito um trabalho meritório para ti mesmo e para nós. Nem pelos frutos da virtude nem por penitências ascéticas bem acumuladas se obtém o mérito que alguém adquire por se tornar pai. Portanto, ó filho, por nossa ordem, coloca o teu coração em casamento e progênie. Esse mesmo é o nosso maior benefício’.

Jaratkaru respondeu, 'Eu não me casarei por minha causa, nem ganharei riqueza para divertimento, mas farei isso somente para o seu bem-estar. De acordo com essa compreensão, eu, conforme os decretos dos Sastras, tomarei uma esposa para alcançar esse objetivo. Eu não agirei de outra maneira. Se a noiva tiver o mesmo nome que eu, cujos amigos, além disso, a oferecerem de bom grado para mim como uma doação em caridade, eu me casarei com ela devidamente. Mas quem dará sua filha como esposa para um homem pobre como eu? Eu, no entanto, aceitarei qualquer filha dada a mim como esmola. Eu me esforçarei, ó pais, assim mesmo para me casar com uma moça! Tendo dado a minha palavra, eu não agirei de outra maneira. Nela eu criarei progênie para a sua redenção, para que, ó pais, vocês possam alcançar as regiões eternas (de bem-aventurança) e se regozijar como lhes agradar'.

Assim termina o décimo terceiro capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

14

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Aquele brâmane de votos rígidos então vagou sobre a terra em busca de uma esposa, mas ele não encontrou. Um dia ele entrou na floresta, e lembrando-se das palavras de seus antepassados ele rezou três vezes em voz fraca por uma noiva. Então Vasuki veio à superfície e ofereceu sua irmã para a aceitação do rishi. Mas o brâmane hesitou em aceitá-la, pensando que ela não tinha o mesmo nome que ele. Jaratkaru de grande alma pensou consigo mesmo, ‘Eu não tomarei como mulher alguém que não tenha o mesmo nome que eu’. Então aquele rishi de grande sabedoria e penitências austeras o questionou, dizendo, ‘Dize-me realmente qual é o nome dessa tua irmã, ó cobra’.

Vasuki respondeu, 'Ó Jaratkaru, esta minha irmã mais nova se chama Jaratkarû. Oferecida por mim, aceita esta donzela de cintura fina como tua esposa. Ó melhor dos brâmanes, eu a reservei para ti. Portanto, aceita-a'. Dizendo isso ele ofereceu sua bela irmã para Jaratkaru que então a desposou com os ritos ordenados.'

Assim termina o décimo quarto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

15

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, ‘Ó principal dos homens conhecedores de Brahma, a mãe das cobras as tinha amaldiçoado no passado, dizendo, ‘Aquele que tem o Vento como seu quadrigário (Agni) queimará vocês todos no sacrifício de Janamejaya!’ Foi para neutralizar essa maldição que o chefe das cobras casou sua irmã com aquele rishi de grande alma de votos excelentes. O rishi se casou com ela segundo os ritos ordenados (nas escrituras), e deles nasceu um filho de grande alma chamado Astika. Um asceta ilustre, versado nos Vedas e seus ramos, ele respeitava a todos igualmente, e pôs fim aos temores de seus pais.

Então depois de um longo espaço de tempo um rei descendente da linhagem Pandava celebrou um grande sacrifício conhecido como sacrifício de cobras. Depois que aquele sacrifício tinha iniciado para a destruição das cobras Astika salvou os nagas, seus irmãos e tios maternos e outras cobras (da morte no fogo ardente). E ele salvou seus pais também por gerar descendentes. E por suas austeridades, ó brâmane, e vários votos e estudo dos Vedas, ele se livrou de todas as suas dívidas. Por meio de sacrifícios, nos quais várias espécies de oferendas foram feitas, ele propiciou os deuses. Por praticar o modo de vida

brahmacharya ele conciliou os rishis; e por gerar filhos ele gratificou seus antepassados.

Assim Jaratkaru de votos rígidos se livrou da dívida pesada que tinha com seus antepassados, que sendo assim libertos do cativeiro ascenderam para o céu. Tendo assim obtido grande mérito religioso, Jaratkaru, depois de muitos anos, foi para o céu, deixando Astika para trás. Essa é a história de Astika que eu narrei devidamente. Agora, me fala, ó tigre da linhagem de Bhrigu, o que mais eu narrarei.

Assim termina o décimo quinto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

16

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, "Ó Sauti, conta mais uma vez em detalhes essa história do erudito e virtuoso Astika. A nossa curiosidade para ouvi-la é grande. Ó amável, tu falaste gentilmente, com pronúncia e ênfase apropriadas, e nós estamos bem satisfeitos com teu discurso. Tu falaste assim como teu pai. Teu pai estava sempre disposto a nos agradar. Conta-nos agora a história como teu pai a relatou".

Sauti disse, "Ó tu que és abençoado com longevidade, eu narrarei a história de Astika como eu a ouvi do meu pai. Ó brâmane, na era de ouro, Prajapati teve duas filhas. Ó impecável, as irmãs eram dotadas de beleza extraordinária. Chamadas Kadru e Vinata, elas se tornaram esposas de Kasyapa. Kasyapa derivou grande prazer de suas duas esposas e, estando satisfeito, ele, parecendo o próprio Prajapati, se ofereceu para dar a cada uma delas uma bênção. Sabendo que seu marido desejava dar a elas suas bênçãos seletas, aquelas damas excelentes sentiram muita alegria. Kadru desejou ter como filhos mil cobras todas de esplendor igual. E Vinata desejou ter dois filhos que superassem os mil filhos de Kadru em força, energia, tamanho de corpo e coragem. Para Kadru seu marido deu aquela bênção de uma multidão de filhos. E para Vinata também Kasyapa disse, 'Assim seja!' Então Vinata, tendo obtido seu rogo, se regozijou muito. Obtendo dois filhos de destreza superior ela considerou seu benefício obtido. Kadru também obteve seus mil filhos de esplendor igual. 'Mantenham os embriões cuidadosamente,' disse Kasyapa, e então ele foi para a floresta, deixando suas duas esposas satisfeitas com suas bênçãos.

Sauti continuou, "Ó melhor dos regenerados, depois de um longo tempo Kadru gerou mil ovos, e Vinata dois. Suas criadas depositaram os ovos separadamente em recipientes aquecidos. Quinhentos anos se passaram, e os mil ovos produzidos por Kadru se romperam e saiu a progênie. Mas os gêmeos de Vinata não apareceram. Vinata estava com ciúmes, e, portanto, ela quebrou um dos ovos e encontrou nele um embrião com a parte superior desenvolvida, mas com a parte

inferior não desenvolvida. Por isso a criança no ovo ficou zangada e amaldiçoou sua mãe, dizendo: 'Já que tu quebraste este ovo prematuramente, tu servirás como uma escrava. Tu deverás esperar quinhentos anos e não destruir ou rachar o outro ovo meio desenvolvido por quebrá-lo por impaciência, então o filho ilustre dentro dele te libertará da escravidão! E se tu quiseres ter o filho forte, tu deverás cuidar delicadamente do ovo por todo esse tempo!' Assim amaldiçoando sua mãe, o filho subiu ao céu. Ó brâmane, ele mesmo é o quadrigário de Surya, sempre visto no período da manhã!

Então no término dos quinhentos anos, rompendo o outro ovo, saiu Garuda, o comedor de serpentes. Ó tigre da linhagem de Bhrigu, imediatamente ao ver a luz aquele filho de Vinata deixou sua mãe. E o senhor das aves, sentindo-se faminto, levantou voo em busca do alimento designado para ele pelo Grande Ordenador de tudo.

Assim termina o décimo sexto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

17

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Ó asceta, por volta dessa época as duas irmãs viram se aproximar aquele cavalo de aparência complacente chamado Uchchaihsravas que era reverenciado pelos deuses, aquela joia dos corcéis, que surgiu do batimento do Oceano em busca de néctar. Divino, gracioso, perpetuamente jovem, obra prima da criação, de energia irresistível, e que era abençoado com todas as marcas auspiciosas”.

Saunaka perguntou, “Por que os deuses bateram o Oceano em busca de néctar, e sob quais circunstâncias e quando, como tu dizes, surgiu aquele melhor dos corcéis tão poderoso e resplandecente?”

Sauti disse, “Há uma montanha chamada Meru, de aparência refulgente, e parecida com uma pilha de refulgência. Os raios do Sol caindo em seus picos de brilho dourado são espalhados por eles. Ornada com ouro e extremamente bela, aquela montanha é o retiro dos deuses e gandharvas. Ela é imensurável e inalcançável por homens de muitos pecados. Terríveis animais predadores vagam sobre seu leito, e ela é iluminada por muitas ervas divinas dadoras de vida. Ela se mantém beijando os céus com sua altura e é a principal das montanhas. Pessoas comuns não podem nem pensar em subi-la. Ela é ornada com árvores e rios, e ressoa com a melodia encantadora de coros alados. Uma vez os celestiais se sentaram em seu topo enfeitado com pedras preciosas, em um conclave. Eles que tinham praticado penitências e praticado votos excelentes por amrita agora pareciam ser ávidos procuradores de amrita (ambrosia celeste). Vendo a assembleia celeste em estado de espírito ansioso Narayana disse para Brahman, 'Bate o Oceano com os deuses e os asuras. Fazendo isso amrita será obtido como

também todos os remédios e pedras preciosas. Ó deuses, batam o Oceano, vocês acharão amrita'.

Assim termina o décimo sétimo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

18

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Há uma montanha chamada Mandara adornada com picos como nuvens. Ela é a melhor das montanhas, e é totalmente coberta com ervas entrelaçadas. Lá inúmeras aves emitem suas melodias, e animais predadores vagam. Os deuses, as apsaras e os kinnaras visitam o lugar. Para cima ela se eleva onze mil yojanas, e para baixo desce o mesmo tanto. Os deuses queriam arrancá-la e usá-la como uma vara de bater, mas fracassando em fazer o mesmo eles foram até Vishnu e Brahman, que estavam sentados juntos, e disseram a eles, ‘Inventem algum esquema eficiente, considerem, ó deuses, como Mandara pode ser desalojada para o nosso bem’.

Sauti continuou, “Ó filho de Bhrigu! Vishnu e Brahman concordaram com isso. E aquele de olhos de lótus (Vishnu) atribuiu a difícil tarefa ao poderoso Ananta, o príncipe das cobras. O poderoso Ananta, instruído para isso por Brahman e Narayana, ó brâmane, arrancou a montanha com as florestas sobre ela e com os habitantes daquelas florestas. E os deuses chegaram à margem do Oceano com Ananta e se dirigiram ao Oceano dizendo, ‘Ó Oceano, nós viemos bater tuas águas para obter néctar’. E o Oceano respondeu, ‘Que assim seja, porque eu não ficarei sem uma parte disso. Eu sou capaz de suportar a agitação prodigiosa das minhas águas produzida pela montanha’. Os deuses então foram ao rei das tartarugas e disseram a ele, ‘Ó rei tartaruga, tu terás que segurar a montanha em tuas costas!’ O rei tartaruga concordou, e Indra planejou colocar a montanha nas costas do primeiro.

E os deuses e os asuras fizeram de Mandara um bastão para bater e de Vasuki a corda, e começaram a bater o fundo do mar em busca de amrita. Os asuras seguraram Vasuki pelo capelo e os deuses o seguraram pelo rabo. E Ananta, que estava ao lado dos deuses, a intervalos levantava o capelo da cobra e subitamente o baixava. E por causa do estiramento que Vasuki recebeu nas mãos dos deuses e dos asuras vapores pretos com chamas saíram de sua boca. Esses, convertidos em nuvens carregadas de relâmpagos, despejavam chuvas que refrescavam os deuses cansados. E flores também que caíam sobre os celestiais, das árvores no rodopio de Mandara, os revigoravam.

Então, ó brâmane, das profundezas veio um rugido tremendo semelhante ao ribombo das nuvens na Dissolução Universal. Diversos animais aquáticos sendo esmagados pela grande montanha morreram nas águas salgadas. E muitos habitantes das regiões mais baixas e do mundo de Varuna foram mortos. Grandes

árvores com aves no giro de Mandara foram arrancadas pelas raízes e caíram na água. A fricção mútua daquelas árvores também produziu fogos que resplandeciam frequentemente. A montanha assim parecia com uma massa de nuvens escuras carregadas de relâmpagos. Ó brâmane, o fogo se espalhou e consumiu os leões, elefantes e outras criaturas que estavam na montanha. Então Indra extinguiu aquele fogo por derramar chuvas pesadas.

Depois que o batimento, ó brâmane, tinha seguido por algum tempo, exsudações pastosas de várias árvores e ervas investidas com as propriedades do amrita se misturaram com as águas do Oceano. E os celestiais alcançaram a imortalidade por beber da água misturada com aquelas resinas e com o extrato líquido de ouro. Gradualmente a água leitosa do mar agitado se converteu em manteiga clarificada em virtude daquelas resinas e sucos. Mas o néctar não apareceu mesmo então. Os deuses foram perante o dador de bênçãos, Brahman, sentado em seu assento e disseram, 'Senhor, nós estamos exaustos, nós não temos força restante para bater mais. O néctar ainda não surgiu pelo que agora não temos recurso exceto Narayana'.

Ao ouvi-los Brahman disse a Narayana, 'Ó Senhor, aceita conceder aos deuses força para bater o mar novamente'.

Então Narayana, concordando em atender aos seus vários rogos, disse, 'Ó sábios, eu lhes concedo força suficiente. Vão, ponham a montanha em posição de novo e batam a água'.

Restabelecidos assim em força, os deuses recomeçaram a bater. Depois de algum tempo a Lua suave de mil raios emergiu do Oceano. Depois saiu Lakshmi vestida de branco, então Soma, então o Corcel Branco, e então a joia celeste Kaustubha que orna o peito de Narayana. Então Lakshmi, Soma e o Corcel, veloz como a mente, todos chegaram diante dos deuses no alto. Então se ergueu o próprio Dhanwantari divino com o recipiente branco de néctar em sua mão. E vendo-o os asuras soltaram um grito alto, dizendo, 'Este é nosso'.

E finalmente surgiu o grande elefante, Airavata, de corpo enorme e com dois pares de presas brancas. E Indra o manejador do raio o pegou. Mas com o batimento ainda continuando o veneno Kalakuta apareceu finalmente. Engolfando a Terra ele subitamente se inflamou como fogo acompanhado por fumaça. E por causa do cheiro do pavoroso Kalakuta os três mundos ficaram entorpecidos. E então Siva, sendo solicitado por Brahman, engoliu aquele veneno pela segurança da criação. O divino Maheswara o reteve em sua garganta, e é dito que desde daquele tempo ele é chamado de Nilakantha (o de garganta azul). Vendo todas essas coisas extraordinárias os asuras ficaram cheios de desespero e se prepararam para entrar em hostilidades com os deuses pela posse de Lakshmi e do Amrita. Então Narayana chamou sua fascinante Maya (poder ilusório) para ajudá-lo, e assumindo a forma de uma mulher sedutora ele flertou com os Danavas. Os Danavas e os Daityas encantados com sua graça e beleza requintada perderam a razão, e unanimemente colocaram o Amrita nas mãos daquela donzela formosa.

Assim termina o décimo oitavo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

19

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então os Daityas e os Davanas equipados com várias armas de primeira classe atacaram os deuses. Entrementes o valente Senhor Vishnu na forma de uma mulher sedutora acompanhado por Nara enganou os Danavas poderosos e tirou o Amrita das mãos deles.

E todos os deuses naquela hora de grande pavor beberam o Amrita com prazer, recebendo-o de Vishnu. E enquanto os deuses estavam compartilhando dele, pelo qual eles tinham ansiado tanto, um Danava de nome Rahu também o estava bebendo entre eles no disfarce de um deus. E quando o Amrita tinha alcançado apenas a garganta de Rahu, Surya e Soma (o reconheceram e) anunciaram o fato aos deuses. E Narayana instantaneamente cortou com seu disco a cabeça bem enfeitada do Danava que estava bebendo o Amrita sem permissão. E a cabeça enorme do Danava, cortada pelo disco e parecendo um pico de montanha, então se ergueu até o céu e começou a proferir gritos aterrorizantes. E o tronco sem cabeça do Danava, caindo sobre o solo e rolando sobre ele, fez a Terra tremer com suas montanhas, florestas e ilhas. E desde aquela época há uma longa disputa entre a cabeça de Rahu e Surya e Soma. E até hoje ela engole Surya e Soma (durante os eclipses solares e lunares).

Então Narayana, abandonando a sua encantadora forma feminina e arremessando muitas armas terríveis nos Danavas os fez tremerem. E dessa maneira, nas margens do mar de sal, começou a batalha terrível dos deuses e dos asuras. E dardos de ponta afiada e lanças e várias armas às milhares começaram a ser lançadas por todos os lados. E mutilados pelo disco e feridos por espadas, dardos e maças, os asuras em grande número vomitavam sangue e jaziam prostrados sobre a terra. Cortadas dos troncos com espadas afiadas de dois gumes, cabeças adornadas com ouro brilhante caíam continuamente no campo de batalha. Com seus corpos encharcados de sangue, os grandes asuras jaziam mortos em todos os lugares. Parecia como se montanhas de topos tingidos de vermelho jazessem espalhadas por toda parte. E quando o Sol se ergueu em seu esplendor milhares de guerreiros atingiam uns aos outros com armas. E gritos de angústia eram ouvidos em todos os lugares. Os guerreiros lutando a uma distância uns dos outros derrubavam uns aos outros com projéteis de ferro afiados, e aqueles lutando muito perto matavam uns aos outros com golpes de seus punhos. E o ar estava cheio de gritos de aflição. Em todos os lugares eram ouvidos sons alarmantes, 'Cortem!', 'Perfurem', 'Neles!', 'Arremessem no chão!', 'Avancem!'

E quando a batalha estava seguindo ferozmente Nara e Narayana entraram no campo. E Narayana, vendo o arco celeste na mão de Nara, se recordou da sua

própria arma, o disco destruidor de Danavas. E eis que o disco, Sudarsana, destruidor de inimigos, semelhante a Agni em refulgência e terrível em batalha, veio do céu logo que foi pensado. E Narayana de energia feroz, possuindo braços parecidos com trombas de elefantes, arremessou com grande força aquela arma de brilho extraordinário, refulgente como o fogo ardente, terrível e capaz de destruir cidades hostis. E aquele disco brilhante como o fogo que consome todas as coisas no fim do Yuga, arremessado com força das mãos de Narayana, e caindo constantemente em todos os lugares, destruiu os daityas e os danavas aos milhares. Às vezes ele ardia como fogo e os consumia a todos, às vezes ele os derrubava enquanto percorria o céu, e às vezes, caindo na terra, ele bebia o seu sangue vital como um trasgo.

Por outro lado, os danavas, brancos como as nuvens das quais a chuva tinha caído, possuindo grande força e corações audaciosos, subiram ao céu, e por arremessarem para baixo milhares de montanhas, atormentavam os deuses continuamente. E aquelas montanhas formidáveis, como massas de nuvens, com suas árvores e topos planos, caindo do céu, colidiam umas com as outras e produziam um ribombaotremendo. E quando milhares de guerreiros gritavam sem intervalo no campo de batalha e montanhas com as florestas sobre elas começaram a cair em volta, a terra com suas florestas tremeu. Então o divino Nara apareceu na cena do conflito terrível entre os asuras e os Ganas (os seguidores de Rudra), e reduzindo a pó aquelas rochas por meio de suas flechas de pontas de ouro cobriu os céus com poeira. Assim desbaratados pelos deuses, e vendo o disco furioso voando sobre os campos do céu como uma chama brilhante, os poderosos danavas entraram nas entranhas da terra, enquanto outros mergulharam no mar de águas salgadas.

E tendo obtido a vitória, os deuses ofereceram o devido respeito a Mandara e a colocaram de volta em sua própria base. E os deuses possuidores de néctar fizeram os céus ressoarem com seus gritos e foram para suas próprias residências. E os deuses, ao retornarem aos céus, se regozijaram muito, e Indra e as outras divindades transferiram para Narayana o recipiente de Amrita para preservação cuidadosa.

E assim termina o décimo nono capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

20

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Assim eu narrei para vocês toda a história de como Amrita foi produzido do Oceano, e a ocasião na qual o cavalo Uchchaihsravas de grande beleza e destreza incomparável foi obtido. Foi esse cavalo a respeito do qual Kadru questionou Vinata, dizendo, ‘Dize-me, amável irmã, sem demora, de que cor é Uchchaishravas’. E Vinata respondeu, ‘Aquele príncipe dos corcéis certamente é branco. O que tu achas, irmã? Dize qual é a cor dele. Vamos apostar

sobre isso’. Kadru respondeu, então, ‘Ó tu de doces sorrisos. Eu acho que aquele cavalo tem a cauda preta. Bela, aposta comigo que aquela que perder se tornará escrava da outra’.

Sauti continuou, 'Assim apostando entre si sobre serviço como escrava as irmãs foram para casa e resolveram examinar o cavalo no dia seguinte. E Kadru, disposta a praticar uma fraude, mandou que seus mil filhos se transformassem em cabelos pretos e cobrissem rapidamente o rabo do cavalo de modo que ela não se tornasse uma escrava. Mas seus filhos, as cobras, se recusaram a cumprir sua ordem, e ela os amaldiçoou, dizendo, 'Durante o sacrifício de cobras do sábio rei Janamejaya da linhagem Pandava Agni destruirá todos vocês'. E o próprio Avô (Brahman) ouviu aquela maldição extremamente cruel pronunciada por Kadru, impelida pelos destinos. E vendo que as cobras tinham se multiplicado muito, o Avô, movido por consideração bondosa por suas criaturas, sancionou com todos os deuses a maldição de Kadru. De fato, como as cobras tinham veneno virulento, grande destreza e excesso de força, sempre dispostas a morder outras criaturas, a conduta de sua mãe em relação a elas, aquelas perseguidoras de todas as criaturas, era muito correta para o bem de todas as criaturas. O Destino sempre inflige punição de morte àqueles que procuram a morte de outras criaturas. Os deuses, tendo compartilhado de tais sentimentos uns com os outros, apoiaram a ação de Kadru (e partiram). E Brahman, chamando Kasyapa, lhe falou estas palavras, 'Ó puro que assolas todos os inimigos, aquelas cobras geradas por ti, que têm veneno virulento e corpos enormes, e sempre empenhadas em morder outras criaturas, foram amaldiçoadas por sua mãe. Ó filho, não te aflijas por isso. A destruição das cobras no sacrifício, de fato, foi ordenada há muito tempo atrás'. Dizendo isso, o divino Criador do Universo confortou Kasyapa e comunicou àquele ilustre o conhecimento de neutralizar veneno.

E assim termina o vigésimo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

21

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então quando a noite tinha passado e o sol tinha surgido de manhã, ó tu cuja riqueza é ascetismo, as duas irmãs, Kadru e Vinata, tendo feito uma aposta sobre escravidão, foram com pressa e impaciência ver o cavalo Uchchaishravas de um ponto próximo. Em seu caminho elas viram o Oceano, aquele receptáculo de águas, vasto e profundo, ondulando e bramindo terrivelmente, cheio de peixes grandes o suficiente para engolir baleias, e cheio de makaras enormes e criaturas de várias formas aos milhares, e tornado inacessível pela presença de outros animais aquáticos terríveis, de formas monstruosas, escuros e ferozes, cheio de tartarugas e crocodilos, com minas de todos os tipos de pedras preciosas, o lar de Varuna (o deus da ásguas), a excelente e bela residência dos nagas, o senhor de todos os rios, a residência do fogo subterrâneo, o amigo (ou refúgio) dos asuras, o terror de todas as criaturas, o grande

reservatório de água, e sempre imutável. Ele é santo, benéfico para os deuses, e é a grande fonte de néctar, sem limites, inconcebível, sagrado, e muito extraordinário. Ele é escuro, terrível com o som das criaturas aquáticas, bramindo tremendamente, e cheio de redemoinhos profundos. Ele é um objeto de terror para todas as criaturas. Movido pelos ventos que sopram de suas margens e se erguendo alto, agitado e perturbado, ele parece dançar com mãos erguidas representadas por suas ondas. Cheio de formidáveis vagalhões causados pelo crescimento e diminuição da lua, o pai da grande concha de Vasudeva chamada Panchajanya, a grande mina de pedras preciosas, suas águas foram antigamente perturbadas por causa da agitação causada nelas pelo Senhor Govinda de destreza incomensurável quando ele assumiu a forma de um javali selvagem para erguer a Terra (submersa). Seu fundo, mais baixo do que as regiões mais profundas, o regenerado rishi Atri cumpridor de votos não poderia sondar depois (de labutar por) cem anos. Ele se torna o leito de Vishnu de umbigo de lótus, quando no término de cada Yuga aquele deus de poder imensurável desfruta de ioga-nidra, o sono profundo sob o encanto da meditação espiritual. Ele é o refúgio de Mainaka receosa do trovão cadente, e o retiro dos asuras superados em combates violentos. Ele oferece água como manteiga sacrifical para o fogo ardente emanado da boca de Varava (a égua do oceano). Ele é insondável e sem limites, vasto e imensurável, o senhor dos rios.

E elas viram que para ele corriam rios imensos aos milhares com passo orgulhoso, como competidores amorosos, cada um ávido para encontrá-lo, antecipando-se aos outros. E elas viram que ele estava sempre cheio, e sempre dançante em suas ondas. E elas viram que ele era profundo e cheio de baleias e makaras ferozes. E ele ressoava constantemente com os sons terríveis de criaturas aquáticas. E elas viram que ele era vasto, e amplo como a extensão do espaço, insondável, e ilimitado, o grandioso reservatório de água.

E assim termina o vigésimo primeiro capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

22

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Os nagas depois de deliberação chegaram à conclusão de que eles deveriam cumprir a ordem de sua mãe, porque se ela falhasse em obter seu desejo ela poderia retirar sua afeição e queimar todos eles. Se, por outro lado, ela estivesse inclinada com benevolência, ela poderia libertá-los da maldição. Eles disseram, ‘Nós certamente tornaremos preto o rabo do cavalo’. E é dito que eles então partiram e se tornaram pelos no rabo do cavalo.

Assim sendo as duas coesposas tinham feito a aposta. E tendo feito a aposta, ó melhor dos brâmanes, as duas irmãs Kadru e Vinata, as filhas de Daksha, procederam em grande alegria pelo céu para ver o outro lado do Oceano. E em seu caminho elas viram o Oceano, aquele receptáculo de águas, incapaz de ser

facilmente perturbado, poderosamente agitado de repente pelo vento, e rugindo tremendamente; cheio de peixes capazes de engolir uma baleia e cheio de makaras; contendo também criaturas de diversas formas contadas aos milhares, assustador pela presença de monstros horríveis, inacessível, profundo e terrível, a mina de todos os tipos de pedras preciosas, o lar de Varuna (o deus da água), as maravilhosas habitações dos nagas, o senhor dos rios, a residência do fogo subterrâneo, a residência dos asuras e de muitas criaturas pavorosas, o reservatório de água, não sujeito à decadência, aromático e extraordinário, a grande fonte de amrita dos celestiais, imensurável e inconcebível, contendo águas que são sagradas, cheio até a borda por muitos milhares de grandes rios, dançando por assim dizer em ondas. Assim era o Oceano, cheio de ondas rolantes, vasto como a extensão do céu, profundo, de corpo iluminado com as chamas do fogo subterrâneo, e bramindo, sobre o qual as irmãs passaram rapidamente.

E assim termina o vigésimo segundo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

23

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Tendo cruzado o Oceano, Kadru de velocidade rápida, acompanhada por Vinata, logo desceu perto do cavalo. Elas então contemplaram aquele principal dos corcéis de grande velocidade, com corpo branco como os raios da lua, mas tendo pelos pretos (no rabo). E observando muitos cabelos pretos no rabo, Kadru pôs Vinata, que estava profundamente abatida, em escravidão. E dessa maneira Vinata, tendo perdido a aposta, entrou em um estado de escravidão e ficou muito triste.

Entrementes, quando chegou sua hora, irrompeu do ovo sem (a ajuda de sua) mãe, Garuda de grande esplendor, acendendo todos os pontos do universo, aquele ser poderoso dotado de força, aquela ave capaz de assumir qualquer forma à vontade, de ir à vontade a todos os lugares, e de chamar em seu auxílio à vontade qualquer quantidade energia. Refulgente como uma pilha de fogo, ele brilhava terrivelmente. De brilho igual ao do fogo no fim da Yuga, seus olhos eram brilhantes como o clarão do raio. E logo depois do nascimento, aquela ave cresceu em tamanho, e aumentando seu corpo subiu aos céus. Feroz e rugindo veementemente, ele parecia tão terrível como um segundo oceano de fogo. E todas as divindades, ao vê-lo, procuraram a proteção de Vibhavasu (Agni). E eles reverenciaram aquele deus de muitas formas sentado em seu assento e falaram a ele estas palavras, 'Ó Agni, não estendas o teu corpo! Tu nos consumirás? Olha, esta pilha enorme de tuas chamas está se expandindo amplamente!' E Agni respondeu, 'Ó perseguidores de asuras, não é como vocês imaginam. Este é Garuda de grande força e igual a mim em esplendor, dotado de grande energia, e nascido para promover a alegria de Vinata. A visão dessa pilha de refulgência

causou essa ilusão em vocês. Ele é o filho poderoso de Kasyapa, o destruidor dos nagas, dedicado ao bem-estar dos deuses e o inimigo dos Daityas e dos rakshasas. Não temam de modo algum. Venham comigo e vejam'. Assim abordados os deuses junto com os rishis foram em direção a Garuda e o adoraram de longe.

Os deuses disseram, 'Tu és um rishi (alguém conhecedor de todos os mantras), tu compartilhas da maior porção em sacrifícios, sempre resplandecente, o controlador das aves, o espírito que preside o universo animado e inanimado. Tu és o destruidor de tudo, o criador de tudo, tu és o próprio Hiranyagarbha, tu és o progenitor da criação na forma de Daksha e outros Prajapatis, tu és Indra (o rei dos deuses), tu és Hayagriva a encarnação de pescoço de cavalo de Vishnu, tu és a flecha (o próprio Vishnu, porque ele se tornou assim nas mãos de Mahadeva na queima de Tripura), tu és o senhor do universo, tu és a boca de Vishnu, tu és Padmaja de quatro faces, tu és o brâmane (sábio), tu és Agni, Pavana, etc. (as divindades presidentes de todos os objetos no universo). Tu és conhecimento, tu és a ilusão à qual nós todos estamos sujeitos, tu és o espírito que permeia tudo, tu és o senhor dos deuses, tu és a grande Verdade, tu és destemido, tu és sempre imutável, tu és Brahma sem atributos, tu és a energia do Sol, tu és as funções intelectuais, tu és nosso grande protetor, tu és o oceano de santidade, tu és pureza, tu és privado dos atributos da escuridão, tu és o possuidor dos seis atributos elevados, tu és aquele que não pode ser resistido em disputa. De ti todas as coisas emanaram, tu és de atos excelentes, tu és tudo o que não é e tudo o que é. Tu és conhecimento puro, tu revelas para nós, como Surya faz por meio de seus raios, este universo animado e inanimado, tu escureces o esplendor de Surya a todo momento, e tu és o destruidor de tudo, tu és tudo o que é perecível e tudo o que é imperecível. Ó tu resplandecente como Agni, tu queimas tudo assim como Surya em sua fúria queima todas as criaturas. Ó terrível, tu resistes assim como o fogo que destrói tudo na época da Dissolução Universal. Ó Garuda poderoso que te moves nos céus, nós buscamos a tua proteção. Ó senhor das aves, tua energia é extraordinária, teu esplendor é aquele do fogo, teu brilho é como o do relâmpago do qual nenhuma escuridão pode se aproximar. Tu alcanças as próprias nuvens, e és a causa e o efeito, o distribuidor de bênçãos e invencível em bravura. Ó Senhor, todo este universo se tornou quente por causa do teu esplendor, brilhante como o esplendor do ouro aquecido. Protege estes deuses de grande alma, que dominados por ti e também apavorados, estão voando pelos céus em diferentes direções em seus carros celestes. Ó tu melhor das aves, tu Senhor de tudo, tu és o filho do piedoso rishi Kasyapa de grande alma, portanto, não te enfureças, mas te apieda do universo. Tu és Supremo. Ó, pacifica a tua raiva e nos preserva. Por meio da tua voz, alta como o ribombo do trovão, os dez pontos, os céus, a Terra e nossos corações, ó ave, tu estás fazendo tremerem continuamente. Ó, diminui este teu corpo parecido com Agni. À vista do esplendor semelhante ao de Yama quando em fúria os nossos corações perdem toda equanimidade e tremem. Ó tu senhor das aves, sê propício para nós que pedimos a tua piedade! Ó ilustre, nos concede boa sorte e alegria'.

E aquela ave de belas penas, assim adorada pelas divindades e diversos grupos de rishis, reduziu sua própria energia e esplendor.

E assim termina o vigésimo terceiro capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

24

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então tomando conhecimento e observando o seu próprio corpo, aquela ave de belas penas diminuiu seu tamanho.

E Garuda disse, ‘Que nenhuma criatura tema, e porque vocês estão assustados à visão da minha forma terrível eu diminuirei a minha energia’.

Sauti continuou, “Então aquela ave capaz de ir a todo lugar à vontade, aquele explorador dos céus capaz de chamar em seu auxilio qualquer quantidade de energia, levando Aruna em suas costas, viajou até a casa de seu pai e chegou ao lado de sua mãe na outra margem do grande oceano. E ele colocou Aruna de grande esplendor nas regiões do leste, justo na hora em que Surya tinha resolvido queimar os mundos com seus raios ardentes”.

Saunaka disse, “Quando o venerável Surya resolveu queimar os mundos? Que ofensa foi feita a ele pelos deuses que provocou sua ira?”

Sauti disse, “Ó impecável, quando Rahu estava bebendo o néctar entre os deuses no momento do batimento do oceano ele foi apontado aos deuses por Surya e Soma, e daquela hora em diante ele concebeu uma inimizade em relação a esses deuses. E após isso Rahu procurou devorar aquele que o afligia (Surya), que se enfureceu e pensou, ‘Oh, estsa inimizade de Rahu em relação a mim surgiu do meu desejo de beneficiar os deuses. E essa consequência terrível eu tenho que suportar sozinho. De fato, nesta situação difícil eu não obtenho ajuda. E diante dos próprios olhos dos habitantes do céu eu vou ser devorado e eles toleram isso quietamente. Portanto, eu devo me esforçar para a destruição dos mundos’. E com essa resolução ele foi para as montanhas do oeste.

E daquele local ele começou a irradiar seu calor para a destruição do mundo. E então os grandes rishis, se aproximando dos deuses, falaram a eles, 'Vejam, no meio da noite surge um grande calor enchendo de medo todos os corações, e destrutivo dos três mundos’. Então os deuses, acompanhados pelos rishis, foram até o Avô, e disseram a ele, ‘O que é este grande calor hoje que causa esse pânico? Surya ainda não surgiu, ainda assim a destruição (do mundo) é óbvia. Ó Senhor, o que acontecerá quando ele surgir?’ O Avô respondeu, 'De fato, Surya está preparado para surgir hoje para a destruição do mundo. Logo que ele aparecer ele reduzirá tudo a um monte de cinzas. Por mim, no entanto, a solução foi providenciada com antecedência. O inteligente filho de Kasyapa é conhecido

por todos pelo nome de Aruna. Ele tem corpo enorme e grande esplendor, ele ficará na frente de Surya, cumprindo o dever de seu quadrigário e tirando toda a energia do primeiro. E isso assegurará o bem-estar dos mundos, dos rishis, e dos habitantes do céu'.

Sauti continuou, “Aruna, por ordem do Avô, fez tudo o que lhe foi ordenado fazer. E Surya surgiu encoberto pelo corpo de Aruna. Eu te contei agora por que Surya estava com raiva, e como Aruna, o irmão de Garuda, foi nomeado como seu quadrigário. Ouve agora a respeito daquela outra pergunta feita por ti há pouco tempo atrás.

E assim termina o vigésimo quarto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

25

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então aquela ave de grande força e energia e capaz de ir a todos os lugares à vontade foi para o lado de sua mãe na outra margem do grande oceano. Lá vivia Vinata em aflição, derrotada na aposta e colocada em um estado de escravidão. Uma vez Kadru, chamando Vinata que tinha se prostrado diante da primeira, dirigiu a ela estas palavras na presença de seu filho, 'Ó amável Vinata, há no meio do oceano, em uma área remota, uma região encantadora e formosa habitada pelos nagas. Leva-me até lá!' Nisso a mãe da ave de bela plumagem carregou (em seus ombros) a mãe das cobras. E Garuda também, guiado pelas palavras de sua mãe, carregou (em suas costas) as cobras. E aquele explorador dos céus nascido de Vinata começou a subir em direção ao Sol. E nisso as cobras, chamuscadas pelos raios do Sol, desmaiaram. E Kadru vendo seus filhos naquele estado rezou para Indra, dizendo, 'Eu reverencio a ti, Senhor de todos os deuses! Eu reverencio a ti, matador de Vritra! Eu reverencio a ti, matador de Namuchi! Ó tu de mil olhos, consorte de Sachi! Por meio de tuas chuvas, sê o protetor das cobras chamuscadas pelo Sol. Ó tu melhor dos deuses, tu és o nosso grande protetor. Ó Purandara, tu és capaz de conceder chuva em torrentes. Tu és Vayu (o ar), as nuvens, o fogo, e o relâmpago dos céus. És tu que impulsionas as nuvens, e tens sido chamado de a grande nuvem (aquela que escurecerá o universo no fim do Yuga). Tu és o feroz e incomparável trovão, e as nuvens retumbantes. Tu és o Criador dos mundos e seu Destruidor. Tu és inconquistável. Tu és a luz de todas as criaturas, Aditya, Vibhavasu, e os elementos extraordinários. Tu és o soberano de todos os deuses. Tu és Vishnu. Tu tens mil olhos. Tu és um deus, e o recurso final. Tu és, ó divindade, todo o amrita, e o mais adorado Soma. Tu és o momento, o dia lunar, o bala (minuto), tu és o kshana (4 minutos). Tu és a quinzena clara, e também a quinzena escura. Tu és kala, kashtha, e truti (divisões de tempo). Tu és o ano, as estações, os meses, as noites, e os dias. Tu és a Terra formosa com suas montanhas e florestas. Tu és também o firmamento, resplandecente com o Sol. Tu és o grande Oceano com

vagalhões violentos e cheio de baleias, engolidores de baleias, e makaras, e vários peixes. Tu tens grande renome, sempre adorado pelos sábios e pelos grandes rishis com mentes absortas em contemplação. Tu bebes, pelo bem de todas as criaturas, o suco Soma em sacrifícios e a manteiga clarificada oferecida com invocação sagrada. Tu és sempre adorado em sacrifícios por brâmanes movidos pelo desejo de resultados. Ó tu de incomparável massa de força, tu és cantado nos Vedas e Vedangas. É por essa razão que brâmanes eruditos determinados a realizar sacrifícios estudam os Vedas com todo o cuidado'.

E assim termina o vigésimo quinto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

26

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "E então Indra, o rei dos deuses, tendo o melhor dos cavalos como seu transportador, assim adorado por Kadru, cobriu o firmamento inteiro com massas de nuvens azuis. E ele comandou as nuvens, dizendo, 'Derramem suas gotas vivificantes e abençoadas!' E aquelas nuvens, luminosas com relâmpagos, e rugindo incessantemente umas contra as outras no céu, despejaram água abundante. E no céu, por causa daquelas nuvens extraordinárias rugindo terrivelmente que estavam gerando sem cessar vastas quantidades de água, parecia que o fim do Yuga tinha chegado. E por causa das miríades de ondas causadas pelas torrentes caindo, do rugido profundo das nuvens, dos lampejos de relâmpago, da violência do vento, e da agitação geral, o céu parecia estar dançando em loucura. O céu ficou escuro, e os raios do Sol e da Lua desapareceram totalmente por causa daquele aguaceiro incessante.

E por Indra causar aquele aguaceiro os nagas ficaram muito encantados. E a Terra estava cheia de água por toda parte. A água fria e límpida alcançou até as regiões inferiores. E houve inúmeras ondas de água por toda a Terra. E as cobras com sua mãe alcançaram (em segurança) a ilha chamada Ramaniyaka.

E assim termina o vigésimo sexto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

27

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Então os nagas, encharcados por aquela chuva, ficaram muito contentes. E levados por aquela ave de belas penas eles logo chegaram à ilha. Aquela ilha tinha sido fixada pelo Criador do Universo como a residência dos makaras. Lá eles viram o terrível Lavana Samudra (oceano de sal). Ao chegarem lá com Garuda eles viram uma bela floresta banhada pelas águas do mar e ressoando com a música de coros alados. E havia grupos de árvores por todos os

lados carregadas com várias frutas e flores. E lá havia também belas mansões por toda parte, e muitos tanques cheios de lótus. E ela era também adornada com muitos lagos de água pura, e refrescada por brisas puras perfumadas com incenso. E ela era adornada com muitas árvores que cresciam só nas colinas de Malaya, que pareciam por sua altura alcançar os próprios céus. E havia também várias outras árvores cujas flores eram espalhadas por toda parte pela brisa. Aquela floresta era encantadora e preciosa para os gandharvas e sempre lhes dava prazer. E ela estava cheia de abelhas enlouquecidas pelo mel que elas sugavam. E a visão de tudo isso era muito agradável. E por causa de muitas coisas lá, capazes de encantar a todos, aquela floresta era bela, fascinante, e sagrada. E, ecoando com as notas de várias aves, ela agradou muito os filhos de Kadru.

E as cobras, depois de chegarem àquela floresta, começaram a se divertir. E elas ordenaram o senhor das aves, Garuda de grande energia, dizendo, 'Nos transporta para alguma outra ilha bela com água pura. Tu, explorador dos céus, deves ver muitas regiões belas enquanto percorres (o céu)'. Garuda, depois de refletir por poucos instantes, questionou sua mãe Vinata, dizendo, 'Por que, mãe, eu tenho que fazer o que as cobras mandam?' Vinata, assim questionada por ele falou para aquele explorador dos céus, seu filho, investido com todas as virtudes, de grande energia e grande força, o seguinte. Vinata disse, 'Ó tu melhor das aves, eu me tornei, por desgraça, a escrava da minha coesposa. As cobras, por meio de um ato fraudulento, me fizeram perder uma aposta e me fizeram isso'. Quando sua mãe havia lhe dito a razão, o explorador dos céus, abatido pela dor, se dirigiu às cobras, dizendo, 'Digam-me, ó cobras, por trazer qual coisa, ganhar conhecimento de qual coisa, ou fazer qual ato de bravura nós poderemos nos livrar dessa condição de escravidão a vocês'. Sauti continuou, 'As cobras, ouvindo-o, disseram: 'Traze amrita à força. Então, ó ave, vocês ficarão livres da escravidão'.

E assim termina o vigésimo sétimo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

28

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Garuda, assim abordado pelas cobras, então disse para sua mãe, 'Eu trarei amrita, mas desejo comer alguma coisa no caminho. Instrui-me como fazer isso'. Vinata respondeu, 'Em uma região remota no meio do oceano os Nishadas têm sua bela casa. Tendo comido os milhares de Nishadas que vivem lá, traze o amrita. Mas que o teu coração nunca decida tirar a vida de um brâmane. De todas as criaturas um brâmane não deve ser morto. Ele é, de fato, como fogo. Um brâmane, quando zangado, se torna como o fogo ou o Sol, como veneno ou uma arma afiada. Um brâmane, é dito, é o mestre de todas as criaturas. Por essas e outras razões um brâmane é venerado pelos virtuosos. Ó filho, ele nunca deve ser morto por ti mesmo que estejas com raiva. Hostilidade

com brâmanes, portanto, não seria apropriada sob nenhuma circunstância. Ó impecável, nem Agni nem Surya podem destruir tanto quanto um brâmane de votos rígidos quando zangado. Por essas várias indicações tu deves reconhecer um bom brâmane. De fato, o brâmane é o primogênito de todas as criaturas, a principal das quatro classes, o pai e o mestre de todos'. Garuda então perguntou, 'Ó mãe, de que forma é um brâmane, de que comportamento, e de que destreza? Ele brilha como fogo, ou ele tem aparência tranquila? E, ó mãe, cabe a ti dizer à minha pessoa inquiridora aqueles sinais auspiciosos pelos quais eu possa reconhecer um brâmane'. Vinata respondeu, dizendo, 'Ó filho, tu reconhecerás como o melhor entre os brâmanes aquele que tendo entrado na tua garganta te torturará como um anzol ou te queimará como carvão ardente. Um brâmane nunca deve ser morto por ti mesmo que estejas com raiva'. E Vinata, por afeição por seu filho, novamente lhe disse estas palavras, 'Deve ser reconhecido por ti como um bom brâmane aquele que não for digerido no teu estômago'. Embora ela conhecesse a força incomparável de seu filho ainda ela o abençoou sinceramente, porque, enganada pelas cobras, ela estava muito aflita. E ela disse, 'Que Marut (o deus dos ventos) proteja as tuas asas, e Surya e Soma as tuas regiões vertebrais; que Agni proteja a tua cabeça, e os Vasus todo o teu corpo. Eu também, ó filho (ocupada em cerimônias benéficas), me sentarei aqui pelo teu bem-estar. Vai então, ó filho, em segurança realizar teu propósito'.

Sauti continuou, “Então Garuda, tendo ouvido as palavras de sua mãe, esticou as asas e ascendeu aos céus. E dotado de grande força ele logo caiu sobre os Nishadas, faminto e como outro Yama. E determinado a matar os Nishadas ele ergueu uma grande quantidade de poeira que se espalhou pelo firmamento, e aspirando água do meio do oceano sacudiu as árvores que cresciam nas montanhas adjacentes. E então aquele senhor das aves obstruiu as principais ruas da cidade dos Nishadas com sua boca, aumentando sua abertura à vontade. E os Nishadas começaram a se lançar com muita pressa na direção da boca aberta do grande comedor de serpentes. E como aves em grande aflição sobem aos milhares para os céus quando as árvores em uma floresta são sacudidas pelos ventos, assim aqueles Nishadas cegos pela poeira erguida pela tempestade entraram na fissura amplamente estendida da boca de Garuda aberta para recebê-los. E então o faminto senhor de todos os exploradores dos céus, aquele opressor de inimigos, dotado de grande força, e se movendo com a maior rapidez para alcançar seu objetivo, fechou a boca, matando inúmeros Nishadas que eram pescadores.

Assim termina o vigésimo oitavo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

29

(Continuação do Astika Parva)

Sauti continuou, “Certo brâmane com sua esposa tinha entrado na garganta daquele explorador dos céus. O primeiro começou a queimar a garganta da ave como um pedaço de carvão ardente. Garuda se dirigiu a ele, dizendo, ‘Ó melhor dos brâmanes, sai logo da minha boca a qual eu abro para ti. Um brâmane nunca deve ser morto por mim mesmo que esteja envolvido em práticas pecaminosas’. Para Garuda que tinha se dirigido a ele dessa maneira o brâmane disse, ‘Ó, que esta mulher da casta Nishada, que é minha esposa, também saia comigo’. E Garuda disse, ‘Levando a mulher também da casta Nishada contigo, sai logo. Salva a ti mesmo sem demora já que tu ainda não foste digerido pelo calor do meu estômago'.

Sauti continuou, “E então aquele brâmane, acompanhado por sua mulher da casta Nishada, saiu, e louvando Garuda seguiu seu caminho. E quando aquele brâmane tinha saído com sua mulher aquele senhor das aves, veloz como a mente, esticando as asas subiu aos céus. Ele então viu seu pai, e, saudado por ele, Garuda, de destreza incomparável deu as respostas apropriadas. E o grande rishi (Kasyapa) então perguntou, ‘Ó filho, está tudo bem contigo? Tu consegues comida suficiente todo dia? Há alimento em abundância para ti no mundo dos homens?’

Garuda respondeu, ‘Minha mãe está sempre bem. E assim está meu irmão, e assim estou eu. Mas pai, eu nem sempre obtenho bastante comida, por isso a minha paz é incompleta. Eu fui enviado pelas cobras para buscar o excelente amrita. De fato, eu irei buscá-lo hoje para emancipar minha mãe da escravidão. Minha mãe me mandou, dizendo, ‘Come os Nishadas’. Eu os comi aos milhares, mas a minha fome não está saciada. Portanto, ó venerável, indica para mim algum outro alimento, por comer o qual, ó mestre, eu possa ser forte o suficiente para trazer o amrita pela força. Tu deves indicar algum alimento com o qual eu possa saciar minha fome e sede'.

Kasyapa respondeu, ‘Este lago que tu procuras é sagrado. Ele é conhecido até nos céus. Lá há um elefante, com face para baixo, que arrasta continuamente uma tartaruga, seu irmão mais velho. Eu te falarei em detalhes sobre a hostilidade deles em uma vida anterior. Apenas escuta enquanto eu te conto por que eles estão lá.

Havia antigamente um grande rishi de nome Vibhavasu. Ele era extremamente colérico. Ele tinha um irmão mais novo de nome Supritika. O último era contrário a manter sua riqueza junto com a de seu irmão. E Supritika ia sempre falar de divisão. Depois de algum tempo seu irmão Vibhavasu disse a Supritika, 'É por grande tolice que as pessoas cegas pelo amor à riqueza sempre desejam fazer uma divisão de seu patrimônio. Depois de efetuarem a divisão elas brigam entre si, iludidas pela riqueza. Então também, inimigos no disfarce de amigos causam desavenças entre homens ignorantes e egoístas depois que eles se tornam

separados em riqueza, e indicando falhas fortalecem suas rixas, desse modo os últimos logo caem um a um. A ruína absoluta logo traga os separados. Por essas razões os sábios nunca falam com aprovação sobre a divisão entre irmãos que, quando divididos, não respeitam os Sastras mais autorizados e vivem sempre com medo um do outro. Mas como tu, Supritika, sem respeitar meu conselho impelido pelo desejo de separação sempre desejas fazer um arranjo acerca da nossa propriedade, tu te tornarás um elefante'. Supritika, assim amaldiçoado, então falou a Vibhavasu, 'Tu também virarás uma tartaruga que se move em meio às águas'.

E assim por causa da riqueza aqueles dois tolos, Supritika e Vibhavasu, por causa da maldição um do outro, se tornaram um elefante e uma tartaruga respectivamente. Devido à sua ira eles viraram animais inferiores. E eles estão envolvidos em hostilidades um com o outro, orgulhosos de sua força excessiva e do peso de seus corpos. E naquele lago aqueles dois seres de corpos enormes agem segundo a sua antiga hostilidade. Olha lá, um entre eles, o belo elefante de corpo enorme, está agora mesmo se aproximando. Ouvindo seu rugido, a tartaruga também de corpo enorme, que vive dentro das águas, vem para fora, agitando o lago violentamente. E vendo-a, o elefante, torcendo seu tronco, se lança na água. E dotado de grande energia, com o movimento de suas presas e da parte dianteira de seu tronco e rabo e pés, ele agita a água do lago cheio de peixes. E a tartaruga também de grande força, com cabeça erguida, se adianta para um combate. E o elefante tem seis yojanas de altura e duas vezes essa medida de circunferência. E a altura da tartaruga é três yojanas e sua circunferência dez. Come ambos que estão envolvidos loucamente no combate e dispostos a matar um ao outro, e então realiza a tarefa que tu desejas. Comendo aquele elefante feroz que parece uma montanha enorme e se assemelha a uma massa de nuvens escuras, traze o amrita'.

Sauti continuou, "Tendo dito isso para Garuda, ele (Kasyapa) o abençoou, dizendo, 'Sê abençoado quando estiveres em combate com os deuses. Que jarros de água cheios até a borda, brâmanes, vacas e outros objetos propícios te abençoem, ovíparo. E, ó tu de grande força, quando tu estiveres em combate com os deuses, que os Riks, os Yajus, os Samas, a manteiga sacrifical sagrada e todos os mistérios (Upanishads) constituam a tua força'.

Garuda, assim tratado por seu pai, se dirigiu para o lado daquele lago. Ele viu aquela extensão de água clara com aves de várias espécies em volta. E lembrando-se das palavras de seu pai aquele explorador dos céus possuidor de grande rapidez de movimento agarrou o elefante e a tartaruga, um em cada garra. E aquela ave então se elevou alto no ar. E ele chegou a um lugar sagrado chamado Alamva e viu muitas árvores divinas. E atingidas pelo vento erguido por suas asas aquelas árvores começaram a tremer de medo. E aquelas árvores divinas tendo ramos dourados temeram se quebrar. E o explorador dos céus, vendo que aquelas árvores capazes de realizar todos os desejos estavam tremendo de medo, foi até outras árvores de aparência incomparável. Aquelas árvores gigantescas eram adornadas com frutos de ouro e prata e ramos de pedras preciosas. E elas eram banhadas pela água do mar. E havia uma grande figueira-de-bengala (banian) entre elas, que tinha crescido a proporções

gigantescas, que falou àquele senhor das aves que seguia em direção a ela com a velocidade da mente, 'Senta-te neste meu ramo largo que se estende por cem yojanas e come o elefante e a tartaruga'. Quando aquela melhor das aves, de grande rapidez e de corpo parecendo uma montanha, desceu rapidamente sobre um ramo daquela árvore banian, o refúgio de milhares de criaturas aladas, aquele ramo também cheio de folhas tremeu e se quebrou.

Assim termina o vigésimo nono capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

30

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Ao próprio toque de Garuda de grande força com seus pés o ramo da árvore quebrou e foi pego por Garuda. Olhando em volta admirado ele viu rishis Valakhilya suspensos dali com cabeças para baixo e engajados em penitências ascéticas. Refletindo que se aquele ramo caísse os rishis estariam mortos o poderoso segurou o elefante e a tartaruga ainda mais firmemente com suas garras. E por medo de matar os rishis e desejando salvá-los ele segurou aquele ramo em seu bico, e se ergueu em suas asas. Os grandes rishis ficaram admirados à visão daquele ato dele que estava além até do poder dos deuses, e deram àquela ave poderosa um nome. E eles disseram, ‘Como este explorador dos céus se eleva em suas asas carregando uma carga pesada, que essa principal das aves que tem cobras como seu alimento seja chamada de Garuda (carregador de grande peso)'.

E sacudindo as montanhas com suas asas, Garuda percorreu calmamente os céus. E quando ele voou com o elefante e a tartaruga (em suas garras), e viu várias regiões abaixo. Desejando salvar os Valakhilyas ele não viu um local sobre o qual pousar. Finalmente ele foi àquela principal das montanhas chamada Gandhamadana. Lá ele viu seu pai Kasyapa ocupado em devoções ascéticas. Kasyapa também viu seu filho, aquele explorador dos céus, de forma divina, possuidor de grande esplendor, e energia e força, e dotado da velocidade do vento ou da mente, enorme como um topo de montanha, um atacante preparado como a maldição de um brâmane, inconcebível, indescritível, assustador para todas as criaturas, possuidor de grande coragem, terrível, do esplendor do próprio Agni, e incapaz de ser vencido pelas divindades, danavas, e rakshasas invencíveis, capaz de partir picos de montanha e sugar o próprio oceano e destruir os três mundos, feroz, e parecido com o próprio Yama. O ilustre Kasyapa, vendo-o se aproximar e sabendo também seu motivo, falou para ele estas palavras:

Kasyapa disse, 'Ó filho, não cometas um ato precipitado, pois então tu terias que sofrer. Os Valakhilyas, se sustentando por beberem os raios do sol, se zangados, podem te destruir'.

Sauti continuou, “Kasyapa então conciliou, por causa de seu filho, os Valakhilyas de excelente boa sorte e cujos pecados tinham sido destruídos por penitências ascéticas. E Kasyapa disse, ‘Vocês cuja riqueza é ascetismo, o trabalho de Garuda é para o bem de todas as criaturas. É grande a tarefa que ele está se esforçando para realizar. Cabe a vocês conceder a ele a sua permissão'.

Sauti continuou, “Aqueles ascetas assim abordados pelo ilustre Kasyapa abandonaram aquele ramo e foram para a montanha sagrada de Himavat para propósitos de penitências ascéticas. Depois que aqueles rishis tinham ido embora o filho de Vinata, com a voz obstruída pelo ramo em seu bico, questionou seu pai Kasyapa dizendo, 'Ó ilustre, onde eu jogo este ramo de árvore? Ó ilustre, indica para mim alguma região sem seres humanos'. Então Kasyapa falou de uma montanha sem seres humanos com cavernas e vales sempre cobertos de neve e incapaz de ser alcançada por criaturas comuns mesmo em pensamento. E a grande ave carregando aquele ramo, e aquele elefante e aquela tartaruga, foi com grande velocidade em direção àquela montanha. O grande galho da árvore com o qual aquela ave de corpo enorme voou não poderia ser circundado por uma corda feita de cem peles (de vaca). Garuda, o senhor das aves, então voou por centenas de milhares de yojanas em um tempo muito curto. E seguindo de acordo com as indicações de seu pai para aquela montanha quase em um instante aquele explorador dos céus deixou cair o ramo gigantesco. E ele caiu com um grande barulho. E aquele Príncipe das montanhas tremeu atingido pela tempestade erguida pelas asas de Garuda. E as árvores sobre ele derramaram chuvas de flores. E os picos decorados com pedras preciosas e ouro que adornavam aquela grande montanha se desprenderam e caíram para todos os lados. E o ramo caindo derrubou numerosas árvores que, com flores douradas em meio à folhagem escura, brilharam lá como nuvens carregadas de relâmpagos. E aquelas árvores, brilhantes como ouro, caindo ao solo e tingidas com os metais da montanha, brilhavam como se fossem banhadas pelos raios do sol.

Então aquela melhor das aves, Garuda, pousando no topo daquela montanha, comeu o elefante e a tartaruga e se ergueu em suas asas com grande velocidade do topo da montanha.

E vários presságios começaram a aparecer entre os deuses predizendo perigo. O raio predileto de Indra se inflamou em terror. Meteoros com chamas e fumaça, soltos do céu, caíam durante o dia. E as armas dos Vasus, Rudras, Adityas, Sabhyas, Maruts, e dos outros deuses começaram a gastar sua força umas contra as outras. Tal coisa nunca tinha acontecido nem durante a guerra entre os deuses e os asuras. E os ventos sopraram acompanhados de trovões, e meteoros caíam aos milhares. E o céu, embora sem nuvens, rugia tremendamente. E até aquele que era o deus dos deuses despejou chuvas de sangue. E as guirlandas floridas nos pescoços dos deuses murcharam e a coragem deles sofreu diminuição. E terríveis massas de nuvens derramaram chuvas grossas de sangue. E o pó erguido pelo vento escureceu o esplendor das próprias coroas dos deuses. E o de mil sacrifícios (Indra), com os outros deuses, perplexo com medo ao ver aqueles maus presságios falou para Vrihaspati desta maneira, 'Por que, ó venerável, estes distúrbios naturais surgiram de repente? Eu não vejo um inimigo que possa nos

oprimir em guerra'. Vrihaspati respondeu, 'Ó chefe dos deuses, ó tu de mil sacrifícios, é por tua falha e descuido, e também devido às penitências ascéticas dos rishis de grande alma, os Valakhilyas, que o filho de Kasyapa e Vinata, um explorador dos céus dotado de grande força e que possui a capacidade de assumir qualquer forma à vontade, está se aproximando para roubar o Soma. E aquela ave, o mais notável entre todos os que são dotados com grande força, é capaz de roubar o Soma de vocês. Tudo é possível para ele, ele pode alcançar o inalcançável'.

Sauti continuou, “Indra, tendo ouvido essas palavras, então falou àqueles que guardavam o amrita, dizendo, 'Uma ave dotada de grande força e energia decidiu roubar o amrita. Eu aviso a vocês com antecedência para que ele não possa ter êxito em levá-lo à força. Vrihaspati me disse que a força dele é imensurável'. E os deuses ouvindo isso ficaram assombrados e tomaram precauções. E eles permaneceram cercando o amrita, e Indra também de grande bravura, o manejador do trovão, ficou com eles. E os deuses usavam curiosos peitorais de ouro, de grande valor, e ornamentados com pedras preciosas, e brilhantes armaduras feitas de couro de grande resistência. E as divindades poderosas manejavam várias armas de gume afiado de formas terríveis, incontáveis, emitindo, todas elas, faíscas de fogo com fumaça. E eles estavam também armados com muitos discos e maças de ferro equipados com pontas, e tridentes, machados de batalha, e várias espécies de mísseis de pontas afiadas e espadas e maças brilhantes de formas aterradoras, todas sendo apropriadas para os seus respectivos corpos. E enfeitados com ornamentos celestes e resplandecentes com aquelas armas brilhantes os deuses esperaram lá, com seus temores diminuídos. E os deuses de força, energia e esplendor incomparáveis resolveram proteger o amrita. Capazes de rachar as cidades dos asuras, todos se mostravam em formas resplandecentes como o fogo. E por causa dos deuses permanecendo lá aquele (suposto) campo de batalha, devido a centenas de milhares de maças equipadas com pontas de ferro, brilhava como outro firmamento iluminado pelos raios do Sol.

Assim termina o trigésimo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

31

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, “Ó filho de Suta, qual foi a falha de Indra, qual seu ato de negligência? Como Garuda nasceu em consequência das penitências ascéticas dos Valakhilyas? Por que também Kasyapa, um Brahman, teve o rei das aves como filho? Por que, também, de todas as criaturas ele era invencível e impossível de ser morto? Por que também aquele explorador dos céus era capaz de ir a todos os lugares à vontade e de reunir à vontade qualquer quantidade de energia? Se isso é descrito no Purana, eu gostaria de ouvir”.

Sauti disse, “O que tu me perguntas é, de fato, assunto do Purana. Ó duas-vezes-nascido, escuta enquanto eu narro tudo isso resumidamente.

Uma vez, quando o senhor da criação, Kasyapa, estava ocupado em um sacrifício por desejo de filhos, os rishis, os deuses e os gandharvas todos o ajudaram. E Indra foi designado por Kasyapa para trazer o combustível sacrifical e com ele aqueles ascetas Valakhilyas, e todas as outras divindades. E o senhor Indra, erguendo, conforme a sua própria força, um peso que era como uma montanha, o carregou sem nenhuma fadiga. E ele viu no caminho alguns rishis, de corpos da medida do polegar, todos juntos carregando um único talo de uma folha de Palasa (Butea frondosa). E aqueles rishis eram, por falta de alimento, muito magros e quase imersos em seus próprios corpos. E eles eram tão fracos que ficavam muito aflitos quando caíam na água acumulada em um entalhe na estrada produzido pelo casco de uma vaca. E Purandara, orgulhoso de sua força, os observou com surpresa, e dando risada deles em escárnio logo os deixou para trás insultando-os, além disso, por passar sobre suas cabeças. E aqueles rishis sendo insultados dessa maneira se encheram de raiva e tristeza. E eles fizeram preparativos para um grande sacrifício pelo que Indra ficou assustado. Ouve, ó Saunaka, a respeito do desejo pela realização do qual aqueles sábios cumpridores de votos e excelentes ascetas derramaram manteiga clarificada no fogo sacrifical com mantras ruidosamente proferidos, 'Haverá outro Indra de todos os deuses, capaz de ir a todos os lugares à vontade, e de reunir à vontade qualquer quantidade de energia, e de encher de medo o (atual) rei dos deuses. Pelo fruto da nossa penitência ascética que ele surja veloz como a mente, e, além disso, feroz'. E o senhor dos celestiais de cem sacrifícios, vindo a saber disso, ficou muito alarmado e procurou a proteção de Kasyapa cumpridor de votos. E o Prajapati Kasyapa, ouvindo tudo de Indra, foi até os Valakhilyas e perguntou a eles se o seu sacrifício tinha sido bem sucedido. E aqueles rishis faladores da verdade responderam a ele, dizendo, 'Que seja como tu disseres!' E o Prajapati Kasyapa, os acalmando, falou a eles o seguinte, 'Pela palavra de Brahman, este (Indra) foi feito o Senhor dos três mundos. Ó ascetas, vocês também estão se esforçando para criar outro Indra! Ó excelentes, não cabe a vocês falsificar a palavra de Brahman. Também que este propósito, para (realizar) o qual vocês estão se esforçando, não se torne inútil. Que surja um Indra (Senhor) das criaturas aladas, dotado de força extrema! Sejam benevolentes para com Indra que é um suplicante perante vocês'. E os Valakhilyas, assim abordados por Kasyapa, depois de oferecerem reverência àquele principal dos Munis, o Prajapati Kasyapa, falaram.

Os Valakhilyas disseram, ‘Ó Prajapati, este sacrifício de nós todos é por um Indra! De fato ele também foi destinado para um filho nascer para ti! Que essa tarefa agora seja deixada para ti. E nessa questão faze o que quer que tu aches bom e apropriado'.

Sauti continuou, “Enquanto isso, movida pelo desejo de filhos, a boa filha de Daksha, a cumpridora de votos, amável e afortunada Vinata, com suas penitências ascéticas terminadas, tendo se purificado com um banho naquela época quando a companhia conjugal podia ser produtiva, se aproximou de seu marido. E Kasyapa

falou a ela, ‘Respeitada, o sacrifício começado por mim deu frutos. O que é desejado por ti acontecerá. Dois filhos heroicos nascerão de ti, que serão os senhores dos três mundos. Pelas penitências dos Valakhilyas e em virtude do desejo com o qual eu comecei meu sacrifício esses filhos serão muito afortunados e adorados nos três mundos!’ E o ilustre Kasyapa falou a ela novamente, ‘Mantém estas sementes auspiciosas com grande cuidado. Estes dois serão os senhores de todas as criaturas aladas. Estes heroicos exploradores dos céus serão respeitados em todos os mundos, e capazes de assumir qualquer forma à vontade’.

E o Prajapati, satisfeito com tudo o que aconteceu então se dirigiu a Indra de cem de sacrifícios, dizendo, 'Tu terás dois irmãos de grande energia e coragem, que serão para ti assim como colaboradores. Deles nenhuma injúria resultará para ti. Que a tua tristeza acabe; tu continuarás como o senhor de tudo. No entanto, que os que pronunciam o nome de Brahma nunca mais sejam desdenhados por ti. Nem que os próprios coléricos, cujas palavras são como o raio, sejam outra vez insultados por ti'. Indra, assim abordado, foi para o céu, com seus temores dissipados. E Vinata também, com seu objetivo alcançado, estava muito contente. E ela deu à luz dois filhos, Aruna e Garuda. E Aruna, de corpo não desenvolvido, tornou-se o precursor do Sol. E Garuda foi investido com o domínio sobre as aves. Ó tu da linhagem de Bhrigu, ouve atentamente agora a poderosa realização de Garuda.

Assim termina o trigésimo primeiro capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

32

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Ó principal dos brâmanes, os deuses tendo se preparado para a batalha daquela maneira, Garuda, o rei das aves, logo se aproximou daqueles sábios. E os deuses vendo-o de força excepcional começaram a tremer de medo, e atacaram uns aos outros com todas as suas armas. E entre aqueles que protegiam o Soma estava Brahmana (o arquiteto celeste), de poder incomensurável, refulgente como o fogo elétrico e de grande energia. E depois de um combate terrível que durou apenas um instante, conduzido pelo senhor das aves com suas garras, bico e asas, ele (Brahmana) jazia como morto sobre os campos. E o explorador dos céus, fazendo os mundos ficarem escuros com a poeira erguida pelo furacão de suas asas, oprimiu os celestiais dessa forma. E os últimos, subjugados por aquela poeira, desmaiaram. E os imortais que protegiam o amrita, cegados por aquele pó, não podiam mais ver Garuda. Assim Garuda agitou a região dos céus. E assim mesmo ele mutilou os deuses com os ferimentos infligidos por suas asas e bico.

Então o deus de mil olhos comandou Vayu (o deus do vento), dizendo, ‘Dissipa logo essa chuva de poeira. Ó Maruta, essa é de fato a tua tarefa'. Então o

poderoso Vayu logo afastou a poeira. E quando a escuridão tinha desaparecido os celestiais atacaram Garuda. E quanto ele de grande poder foi atacado pelos deuses ele começou a rugir alto, como a grande nuvem que aparece no céu no fim do Yuga, aterrorizando todas as criaturas. E aquele rei das aves, de grande energia, aquele matador dos heróis hostis, então se ergueu em suas asas. Todos os sábios (os celestiais) com Indra entre eles, armados com espadas largas de dois gumes, maças de ferro equipadas com pontas afiadas, lanças pontudas, maças, flechas brilhantes e muitos discos da forma do sol, o viram acima. E o rei das aves os atacou por todos os lados com chuvas de várias armas e lutou muito duramente sem vacilar um instante. E o filho de Vinata de grande coragem, brilhando no céu, atacou os deuses com suas asas e bico. E sangue começou a fluir copiosamente dos corpos dos deuses mutilados pelas garras e pelo bico de Garuda. Vencidos pelo senhor das aves, os Sadhyas com os gandharvas fugiram para o leste, os Vasus com os Rudras em direção ao sul, os Adityas em direção ao oeste, e os gêmeos Asvins em direção ao norte. Dotados de grande energia, eles se retiraram da luta, olhando para trás a todo momento para seu inimigo.

E Garuda teve combates com os yakshas, Aswakranda de grande coragem, Rainuka, o audacioso Krathanaka, Tapana, Uluka, Swasanaka, Nimesha, Praruja, e Pulina. E o filho de Vinata os mutilou com suas asas, garras, e bico, como o próprio Siva, o castigador de inimigos e manejador de Pinaka em fúria no fim do Yuga. E aqueles yakshas de grande força e coragem, completamente mutilados por aquele explorador dos céus, pareciam massas de nuvens negras derramando chuvas grossas de sangue.

E Garuda, privando-os de vida, então foi até onde o amrita estava. E ele viu que ele (o amrita) estava totalmente cercado por fogo. E as chamas terríveis daquele fogo cobriam o céu inteiro. E movidas por ventos violentos elas pareciam dispostas a queimar o próprio Sol. O ilustre Garuda então assumiu noventa vezes noventa bocas, e bebendo rapidamente as águas de muitos rios com aquelas bocas e retornando com grande velocidade, aquele castigador de inimigos, tendo asas como seu veículo, extinguiu o fogo com aquela água. E extinguindo aquele fogo ele assumiu uma forma muito pequena, desejoso de entrar no (local onde o Soma estava).

Assim termina o trigésimo segundo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

33

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “E aquela ave, assumindo um corpo dourado brilhante como os raios do Sol, entrou com grande força (na região onde o Soma estava), como uma corrente entrando no oceano. E ele viu colocada perto do Soma uma roda de aço de gume afiado, e afiada como a navalha, girando incessantemente. E aquele instrumento violento, do esplendor do sol brilhante e de forma terrível, tinha sido

planejado pelos deuses para cortar em pedaços todos os ladrões de Soma. Garuda, vendo uma passagem através dela, parou lá por um momento. Diminuindo seu corpo, em um instante ele passou pelos raios daquela roda. Dentro da linha da roda, ele viu posicionadas lá para guardar o Soma duas grandes cobras da refulgência do fogo ardente, com línguas brilhantes como o clarão do relâmpago, de grande energia, com bocas emitindo fogo, com olhos ardentes, contendo veneno, muito terríveis, sempre furiosas, e de grande presteza. Seus olhos estavam sempre cheio de ira e também não piscavam. Aquele que fosse visto mesmo por uma das duas seria imediatamente reduzido a cinzas. A ave de belas penas de repente cobriu seus olhos com poeira. E despercebido por elas ele as atacou por todos os lados. E o filho de Vinata, aquele explorador dos céus, atacando seus corpos, as mutilou em pedaços. Ele então se aproximou do Soma sem perda de tempo. Então o poderoso filho de Vinata, tirando o Amrita do lugar onde ele era mantido, se ergueu em suas asas com grande velocidade, quebrando em pedaços a máquina que o cercava. E a ave logo saiu, levando o Amrita, mas sem beber dele. E ele então tomou seu caminho sem a menor fadiga, escurecendo o esplendor do Sol.

E o filho de Vinata então encontrou Vishnu em seu caminho pelo céu. E Narayana estava satisfeito com aquele ato de desprendimento por parte de Garuda. E aquele deus, que não conhece deterioração, disse ao explorador dos céus, ‘Ó, eu estou disposto a te conceder uma bênção’. O explorador dos céus então disse, ‘Eu ficarei acima de ti’. E ele novamente falou para Narayana estas palavras, ‘Eu serei imortal e livre de doenças sem (beber) Amrita’. Vishnu disse ao filho de Vinata, ‘Que assim seja’. Garuda, recebendo aqueles dois benefícios, disse a Vishnu, ‘Eu também te concederei uma bênção, portanto, que o possuidor dos seis atributos peça a mim’. Vishnu então pediu para o poderoso Garuda se tornar seu transportador. E ele fez a ave se sentar no mastro de bandeira do seu carro, dizendo, ‘Assim tu ficarás acima de mim’. E o explorador dos céus, de grande velocidade, dizendo para Narayana, ‘Que assim seja’ rapidamente seguiu seu caminho, zombando do vento com sua velocidade.

E enquanto aquele principal de todos os exploradores dos céus, aquela principal das criaturas aladas, Garuda, percorria o ar depois de levar à força o Amrita, Indra lançou seu raio nele. Então Garuda, o senhor das aves, atingido pelo raio, falou rindo para Indra dedicado ao combate, em palavras gentis, dizendo, ‘Eu respeitarei o rishi (Dadhichi) de cujo osso o Vajra foi feito. Eu também respeitarei o Vajra, e também a ti de mil sacrifícios. Eu deixo cair esta minha pena cuja ponta tu não alcançarás. Atingido pelo teu raio eu não senti a mínima dor’. E tendo dito isso o rei das aves lançou uma pena sua. E todas as criaturas ficaram muito contentes, vendo aquela pena excelente de Garuda assim deixada cair. E vendo que a pena era muito bela, elas disseram, ‘Que esta ave seja chamada de Suparna (que tem belas penas)’. E Purandara de mil olhos, testemunhando esse incidente notável, pensou que aquela ave era algum grande ser e se dirigiu a ele dessa maneira.

E Indra disse, 'Ó melhor das aves, eu desejo conhecer o limite da tua grande força. Eu também desejo amizade eterna contigo'.

Assim termina o trigésimo terceiro capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

34

(Continuação do Astika Parva)

Sauti continuou, “Garuda então disse, 'Ó Purandara, que haja amizade entre nós como tu desejas. A minha força, saibas, é difícil de suportar. Ó tu de mil sacrifícios, os bons nunca devem falar muito da sua própria força, nem a respeito dos seus próprios méritos. Mas, sendo um amigo, e perguntado por ti, ó amigo, eu te responderei, embora autoelogio sem razão sempre seja impróprio. Eu posso carregar, sobre uma única pena minha, ó Sakra, esta Terra, com suas montanhas e florestas e com as águas do oceano, e contigo também posicionado sobre ela. Saibas que minha força é tal que eu posso carregar sem nenhuma fadiga até todos os mundos reunidos com seus objetos móveis e imóveis'.

Sauti continuou, ‘Ó Saunaka, depois que Garuda de grande coragem tinha falado dessa maneira, Indra, o chefe dos deuses, o portador da coroa (celeste), sempre dedicado ao bem dos mundos, respondeu, dizendo, ‘É como tu dissseste. Tudo é possível para ti. Aceita agora a minha sincera e cordial amizade. E se tu não tens interesse pelo Soma, devolve-o para mim. Aqueles a quem tu o darias sempre se oporiam a nós.’ Garuda respondeu, ‘Há um motivo específico pelo qual o Soma está sendo levado por mim. Eu não darei o Soma para ninguém beber. Mas, ó tu de mil olhos, depois de eu tê-lo colocado no chão, tu, ó senhor dos céus, poderás então pegá-lo e imediatamente levá-lo para longe.’ Indra então disse, ‘Ó ovíparo, eu estou muito grato por essas palavras agora faladas por ti. Ó melhor de todos os exploradores dos céus, aceita de mim qualquer bênção que desejares.’”

Sauti continuou, “Então Garuda, se lembrando dos filhos de Kadru e se lembrando também da escravidão de sua mãe causada por um ato de fraude devido à razão bem conhecida (a maldição de Aruna), disse, ‘Embora eu tenha poder sobre todas as criaturas eu cumprirei a tua ordem. Que, ó Sakra, as cobras poderosas se tornem meu alimento.’ O matador dos Danavas, tendo dito a ele, ‘Assim seja’, então foi até Hari, o deus dos deuses, de grande alma, e o senhor dos Yogins. E o último sancionou tudo o que tinha sido dito por Garuda. E o ilustre senhor do céu disse novamente a Garuda, ‘Eu levarei o Soma quando tu o colocares no chão.’ E tendo falado dessa maneira ele se despediu de Garuda. E a ave de belas penas então foi até a presença de sua mãe com grande velocidade.

E Garuda em alegria então falou para todas as cobras, 'Aqui eu trouxe o Amrita. Deixem-me colocá-lo sobre alguma erva Kusa. Ó cobras, sentando-se aqui, bebam dele depois de terem realizado suas abluções e ritos religiosos. Como dito por vocês, que minha mãe se torne, deste dia em diante, livre, pois eu cumpri sua ordem.’ As cobras disseram a Garuda, 'Assim seja', e então foram realizar suas abluções. Enquanto isso, akra pegou o Amrita e voltou para o céu. As cobras, depois de realizarem suas abluções, suas devoções diárias, e outros ritos

sagrados, voltaram em alegria, desejosas de beber o Amrita. Elas viram que o leito de erva kusa sobre o qual o Amrita tinha sido colocado estava vazio, o próprio Amrita tendo sido levado por um ato contrário de fraude. E elas começaram a lamber com suas línguas a erva kusa, porque o Amrita tinha estado sobre ela. E as línguas das cobras por causa desse ato se dividiram em duas. E a erva kusa, também, pelo contato com Amrita, veio a ser sagrada desde então. Assim o ilustre Garuda trouxe Amrita (dos céus) para as cobras, e assim as línguas das cobras foram divididas pelo que Garuda fez.

Então a ave de belas penas, muito satisfeita, se divertiu naquelas florestas acompanhada por sua mãe. De realizações grandiosas, e profundamente reverenciado por todos os exploradores dos céus, ele satisfez sua mãe por devorar as cobras.

O homem que ouvir esta história, ou a ler para uma assembleia de bons brâmanes, deve sem dúvida ir para o céu, adquirindo grande mérito da recitação (dos feitos de) Garuda.

E assim termina o trigésimo quarto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

35

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, “Ó filho de Suta, tu nos disseste a razão por que as cobras foram amaldiçoadas por sua mãe, e por que Vinata também foi amaldiçoada por seu filho. Tu também nos falaste acerca da concessão de bênçãos, por seu marido, a Kadru e Vinata. Tu igualmente nos falaste os nomes dos filhos de Vinata. Mas tu ainda não recitaste para nós os nomes das cobras. Nós estamos ansiosos para ouvir os nomes das mais importantes.”

Sauti disse, “Ó tu cuja riqueza é ascetismo, por recear me estender muito, eu não mencionarei os nomes de todas as cobras. Mas eu recitarei os nomes das principais. Ouve!

Sesha nasceu primeiro, e então Vasuki. (Então nasceram) Airavata, Takshaka, Karkotaka, Dhananjaya, Kalakeya, a serpente Mani, Purana, Pinjaraka, e Elapatra, Vamana, Nila, Anila, Kalmasha, Savala, Aryaka, Ugra, Kalasapotaka, Suramukha, Dadhimukha, Vimalapindaka, Apta, Karotaka, Samkha, Valisikha, Nisthanaka, Hemaguha, Nahusha, Pingala, Vahyakarna, Hastipada, Mudgarapindaka, Kamvala Aswatara, Kaliyaka, Vritta, Samvartaka, Padma, Mahapadma, Sankhamukha, Kushmandaka, Kshemaka, Pindaraka, Karavira, Pushpadanshtraka, Vilwaka, Vilwapandara, Mushikada, Sankhasiras, Purnabhadra, Haridraka, Aparajita, Jyotika, Srivaha, Kauravya, Dhritarashtra, Sankhapinda, Virajas, Suvahu, Salipinda, Prabhakara, Hastipinda, Pitharaka, Sumuksha, Kaunapashana, Kuthara, Kunjara, Kumuda, Kumudaksha, Tittri, Halika, Kardama, Vahumulaka, Karkara, Akarkara, Kundodara e Mahodara.

Assim, ó melhor dos regenerados, eu disse os nomes das principais serpentes. Por receio de ser tedioso eu não dou os nomes do resto. Ó tu cuja riqueza é o ascetismo, os filhos daquelas cobras, com seus netos, são incontáveis. Refletindo sobre isso eu não os mencionarei para ti. Ó melhor dos ascetas, neste mundo o número de cobras frustra o cálculo, havendo muitos milhares e milhões delas.”

Assim termina o trigésimo quinto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

36

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, “Ó filho, tu citaste muitas das serpentes dotadas de grande energia e incapazes de serem facilmente vencidas. O que elas fizeram depois de ouvir aquela maldição?”

Sauti disse, “O ilustre Sesha entre elas, de grande renome, deixando sua mãe praticou penitências difíceis, vivendo do ar e cumprindo rigidamente seus votos. Ele praticou aquelas devoções ascéticas se dirigindo a Gandhamadana, Vadri, Gokarna, às florestas de Pushkara, e à base de Himavat. E ele passava os seus dias naquelas regiões sagradas, algumas das quais eram sagradas por sua água e outras por seu solo na rígida observância de seus votos, em busca de um só fim, e com suas paixões sob controle completo. E o Avô de todos, Brahma, viu o asceta com cabelo nodoso, vestido em trapos, e sua carne, pele, e tendões ressecados devido às duras penitências que ele estava praticando. E o Avô se dirigiu a ele, aquele praticante de penitências de grande fortaleza, e disse, 'O que é que te atormenta, ó Sesha? Que o bem-estar das criaturas dos mundos também ocupe os teus pensamentos. Ó impecável, tu estás afligindo todas as criaturas por causa das tuas duras penitências. Ó Sesha, me conta o desejo implantado em teu peito.’

E Sesha respondeu, ‘Meus irmãos uterinos são todos de corações perversos. Eu não desejo viver entre eles. Que isso seja permitido por ti. Como inimigos eles estão sempre ciumentos uns dos outros. Eu estou, portanto, engajado em práticas ascéticas. Eu nem mesmo os verei. Eles nunca demonstram nenhuma bondade para com Vinata e seu filho. De fato, o filho de Vinata capaz de viajar pelos céus é outro irmão nosso. Eles sempre o invejam. E ele, também, é muito mais forte devido à concessão daquela bênção por nosso pai, Kasyapa de grande alma. Por isso eu me dediquei a penitências ascéticas, e eu abandonarei este meu corpo para que eu possa evitar a companhia deles, mesmo em outro estado de vida.’

Para Sesha que tinha dito isso o Avô disse, ‘Ó Sesha, eu sei do comportamento de todos os teus irmãos e do seu grande perigo devido à sua ofensa contra a sua mãe. Mas, ó Cobra, uma reparação (para isso) foi fornecida por mim antecipadamente. Não cabe a ti te afligir por causa dos teus irmãos. Ó Sesha, pede de mim a bênção que desejas. Eu estou muito satisfeito contigo e te

concederei hoje um benefício. Ó melhor das cobras, é auspicioso que o teu coração esteja estabelecido na virtude. Que o teu coração esteja cada vez mais firmemente fixado na virtude.’

Então Sesha respondeu, ‘Ó Avô divino, esta é a bênção desejada por mim: que o meu coração possa sempre se deleitar na virtude e em abençoadas penitências ascéticas, ó Senhor de tudo!’

Brahman disse, ‘Ó Sesha, eu estou muito satisfeito com essa tua abnegação e amor pela paz. Mas, por minha ordem, que este ato seja feito por ti pelo bem das minhas criaturas: sustenta, ó Sesha, devidamente e bem, esta Terra tão instável com suas montanhas e florestas, seus mares e cidades e retiros, para que ela possa ficar firme.’

Sesha disse, 'Ó Senhor divino de todas as criaturas, ó concessor de bênçãos, ó senhor da Terra, senhor de todas coisas as criadas, senhor do universo, eu, assim como tu disseste, manterei a Terra estável. Portanto, ó senhor de todas as criaturas, coloca-a sobre a minha cabeça.'

Brahman disse, ‘Ó melhor das cobras, vai por baixo da Terra. Ela mesma te dará uma fenda para atravessar. E, ó Sesha, por segurares a Terra tu farás sem dúvida o que é muitíssimo prezado por mim.’”

Sauti continuou, “Então o irmão mais velho do rei das cobras, entrando em um buraco, passou para o outro lado da Terra, e segurando-a, sustentou com sua cabeça aquela deusa com sua faixa de mares passando em volta.

Brahman disse, ‘Ó Sesha, ó melhor das cobras, tu és o deus Dharma, porque sozinho, com teu corpo enorme, tu sustentas a Terra com tudo sobre ela, assim como eu mesmo, ou Valavit (Indra), podemos.’”

Sauti continuou, “A cobra, Sesha, o senhor Ananta, de grande destreza, vive embaixo da Terra, sustentando sozinha o mundo por ordem de Brahman. E o Avô ilustre, o melhor dos imortais, então deu para Ananta a ave de belas penas, o filho de Vinata, para auxilar Ananta.”

Assim termina o trigésimo sexto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

37

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Aquela melhor das cobras, Vasuki, ouvindo a maldição de sua mãe, refletiu como poderia malográ-la. Ele teve uma conversa com todos os seus irmãos, Airavata e outros, empenhados em fazer o que eles julgassem melhor para si mesmos.

E Vasuki disse, ‘Ó impecáveis, o propósito da maldição é conhecido por vocês. Cabe a nós nos esforçarmos para neutralizá-la. Reparações certamente existem para todas as maldições, mas nenhuma reparação pode ser útil para aqueles amaldiçoados por sua mãe. Sabendo que essa maldição foi proferida na presença do Imutável, do Infinito, e do Verdadeiro, o meu coração treme. Certamente a nossa aniquilação se aproxima. Do contrário, por que o Senhor Imutável não impediu nossa mãe enquanto ela proferia a maldição? Portanto, vamos estudar hoje como podemos garantir a segurança das cobras. Não percamos tempo. Todos vocês são sábios e perspicazes. Vamos deliberar e descobrir os meios de libertação como (fizeram) os deuses antigos para recuperar o Agni perdido que tinha se escondido dentro de uma caverna, para que o sacrifício de Janamejaya para a destruição das cobras não possa acontecer, e para que nós não sejamos destruídos.’”

Sauti continuou, “Assim abordada toda a prole de Kadru se reuniu, e, sábios em conselhos, submeteram suas opiniões uns aos outros. Uma parte das serpentes disse; 'Nós devemos assumir o disfarce de brâmanes superiores, e suplicar a Janamejaya, dizendo, 'Este seu sacrifício (planejado) não deve se realizar.' Outras cobras, pensando ser sábias, disseram, 'Nós todos devemos nos tornar seus conselheiros prediletos. Ele então certamente pedirá nosso conselho em todos os projetos. E nós então o aconselharemos de modo que o sacrifício seja obstruído. O rei, o principal dos homens sábios, pensando que somos legítimos certamente nos perguntará sobre seu sacrifício. Nós diremos, 'Isso não deve acontecer.' E indicando muitos males sérios neste e nos próximos mundos tomaremos cuidado para que o sacrifício não possa se realizar. Ou, que uma das cobras, se aproximando, morda a pessoa que, dedicada ao bem do monarca, e bem familiarizada com os ritos do sacrifício de cobras, possa ser nomeada como o sacerdote sacrifical, pelo que ele morrerá. Morrendo o sacerdote sacrifical, o sacrifício não será completado. Nós também morderemos todos aqueles que, familiarizados com os ritos do sacrifício de cobras, possam ser nomeados Ritwiks do sacrifício, e dessa maneira alcançaremos nosso objetivo.' Outras cobras, mais virtuosas e benignas, disseram, 'Ó, esse seu conselho é mau. Não é apropriado matar brâmanes. Em perigo, a solução apropriada é aquela que é abençoada nas práticas dos virtuosos. A injustiça ao final destrói o mundo.' Outras serpentes disseram, 'Nós extinguiremos o ardente fogo sacrifical por nos tornarmos nuvens luminosas com relâmpagos e derramarmos chuvas torrenciais.' Outras cobras, as melhores da sua espécie, propuseram, 'Iremos, à noite, roubar o recipiente do suco Soma. Isso perturbará o rito. Ou, naquele sacrifício, que as cobras, às centenas e milhares, mordam as pessoas, e espalhem terror em volta. Ou, que as serpentes maculem o alimento puro com sua urina e fezes poluidoras de alimento.' Outras disseram; 'Nos tornemos os Ritwiks do rei, e impeçamos este sacrifício por dizer no início, 'Nos dê a taxa sacrifical.' Ele (o rei), sendo colocado em nosso poder, fará o que quisermos.' Outros lá disseram, 'Quando o rei for se divertir nas águas nós o carregaremos para nossa casa e o amarraremos, pelo que aquele sacrifício não se realizará!' Outras serpentes, que se julgavam sábias, disseram, 'Nos aproximando do rei, vamos mordê-lo, pelo que o nosso objetivo será alcançado. Com a morte dele a raiz de todo o mal será arrancada. Esta é a

deliberação final de todos nós, ó tu que ouves com teus olhos! Então, faze depressa o que tu consideras apropriado.' Tendo dito isso eles olharam atentamente para Vasuki, aquela melhor das cobras. E Vasuki também, depois de refletir, respondeu dizendo, 'Ó cobras, essa determinação final de vocês não parece digna de adoção. Nenhum dos seus conselhos é do meu agrado. Qual eu direi que será para o seu bem? Eu penso que somente a graça do ilustre Kasyapa (nosso pai) pode nos fazer bem. Ó cobras, o meu coração não sabe qual de todas as suas sugestões deve ser adotada para o bem-estar da minha linhagem como também o meu. Deve ser feito por mim aquilo que será para a sua felicidade. É isso que me deixa tão ansioso, porque o crédito ou o descrédito (da medida) é somente meu.'"

Assim termina o trigésimo sétimo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

38

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, 'Ouvindo os respectivos discursos de todas as cobras, e ouvindo também as palavras de Vasuki, Elapatra começou a se dirigir a elas, dizendo, 'Esse sacrifício não é um que possa ser impedido. Nem o rei Janamejaya da família Pandava, de quem este temor procede, é uma pessoa que possa ser impedida. A pessoa, ó rei, que é afligida pelo destino só pode recorrer ao destino; nada mais pode ser seu refúgio. Ó melhores das cobras, esse seu medo tem o destino como causa. Só o destino deve ser nosso refúgio nisto. Escutem o que eu digo. Quando aquela maldição foi proferida, ó melhores das cobras, amedrontado eu fiquei abaixado no colo de nossa mãe. Ó melhores das cobras, e ó senhor (Vasuki) de grande esplendor, daquele local eu ouvi as palavras que os deuses entristecidos falaram ao Avô. Os deuses disseram, 'Ó Avô, deus dos deuses, quem mais além da cruel Kadru poderia, depois de gerar esses filhos queridos, amaldiçoá-los dessa forma, mesmo na tua presença? E, ó Avô, por ti também foi falado, com referência a essas palavras dela, 'Que assim seja.' Nós desejamos saber a razão por que tu não a impediste.' Brahman respondeu, 'As cobras se multiplicaram. Elas são cruéis, de formas terríveis e muito venenosas. Por desejar o bem das minhas criaturas eu não impedi Kadru então. Aquelas serpentes venenosas e outras que são pecaminosas, mordendo outros por nenhum erro, de fato, serão destruídas, mas não aquelas que são inofensivas e virtuosas. E ouçam também, como, quando chegar a hora, as cobras poderão escapar dessa calamidade terrível. Nascerá na linhagem dos Yayavaras um grande rishi conhecido pelo nome de Jaratkaru, inteligente, com paixões sob controle completo. Esse Jaratkaru terá um filho de nome Astika. Ele parará o sacrifício. E as cobras que forem virtuosas escaparão de lá.' Os deuses disseram, 'Ó tu conhecedor da verdade, em quem Jaratkaru, aquele principal Muni, dotado de grande energia e ascetismo, gerará esse filho ilustre?' Brahma respondeu, 'Dotado de grande energia, aquele melhor brâmane gerará um filho possuidor de grande

energia em uma esposa do mesmo nome que ele. Vasuki, o rei das cobras, tem uma irmã de nome Jaratkarû, o filho, de quem eu falo, nascerá dela, e ele libertará as cobras.'

Elapatra continuou, 'Os deuses então disseram ao Avô, 'Assim seja.' E o senhor Brahman, tendo dito isso aos deuses, foi para o céu. Ó Vasuki, eu vejo diante de mim essa tua irmã conhecida pelo nome de Jaratkarû. Para nos livrar do nosso medo, a entrega como esmola para ele (o rishi), Jaratkaru, de votos excelentes, que vagará pedindo por uma noiva. Esse meio de libertação foi ouvido por mim!'"

39

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Ó melhor dos regenerados, ouvindo essas palavras de Elapatra todas as serpentes, em grande alegria, exclamaram, 'Bem dito, bem dito!' E daquele tempo em diante Vasuki começou a criar cuidadosamente aquela moça, sua irmã Jaratkarû. E ele teve grande prazer em educá-la.

E muito tempo não tinha decorrido disso quando os deuses e os asuras, se reunindo, bateram a residência de Varuna. E Vasuki, o principal de todos dotados de força, se tornou a corda de bater. E logo que o trabalho estava terminado o rei das cobras se apresentou perante o Avô. E os deuses, acompanhados por Vasuki, se dirigiram ao Avô, dizendo, 'Ó senhor, Vasuki está sofrendo grande aflição por medo (da maldição de sua mãe). Cabe a ti arrancar a tristeza, gerada da maldição de sua mãe, que perfurou o coração de Vasuki desejoso do bem-estar da sua raça. O rei das cobras é sempre nosso amigo e benfeitor. Ó Senhor dos deuses, sê benevolente para com ele e alivia a ansiedade da sua mente.'

Brahman respondeu, 'Ó imortais, eu tenho pensado, em minha mente, a respeito do que vocês disseram. Que o rei das cobras faça aquilo que lhe foi comunicado anteriormente por Elapatra. Chegou a hora. Só serão destruídos aqueles que são perversos, não os que são virtuosos. Jaratkaru nasceu, e aquele brâmane está engajado em difíceis penitências ascéticas. Que Vasuki, na hora apropriada, entregue sua irmã para ele. Ó deuses, o que foi falado pela cobra Elapatra para o bem das cobras é verdadeiro e não o contrário.'"

Sauti continuou, "Então o rei das cobras, Vasuki, aflito pela maldição de sua mãe, ouvindo essas palavras do Avô e planejando entregar sua irmã ao rishi Jaratkaru, mandou todas as serpentes, em grande número, que eram sempre atentas aos seus deveres, vigiarem o rishi Jaratkaru, dizendo, 'Quando o senhor Jaratkaru pedir por uma esposa venham imediatamente e me informem. O bem-estar da nossa raça depende disso.'"

40

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, “Ó filho de Suta, eu desejo saber por que o ilustre rishi que tu mencionaste, Jaratkaru, veio a ser assim chamado sobre a terra. Cabe a ti nos dizer a etimologia do nome Jaratkaru.’”

Sauti disse, “É dito que Jara significa perda, e Karu implica enorme. O corpo daquele rishi tinha sido enorme, e ele gradualmente o reduziu por meio de severas penitências ascéticas. Pela mesma razão, ó brâmanes, a irmã de Vasuki se chamava Jaratkarû.”

O virtuoso Saunaka, quando ouviu isso, sorriu e dirigindo-se a Ugrasravas disse, “É isso mesmo.”

Saunaka então disse, “Eu ouvi tudo o que tu narraste antes. Eu desejo saber como Astika nasceu.”

Sauti, ao ouvir essas palavras, começou a narrar segundo o que estava escrito nos Sastras.

Sauti disse, “Vasuki, desejoso de entregar sua irmã ao rishi Jaratkaru, deu às cobras as ordens (necessárias). Mas os dias se passaram, porém aquele Muni sábio de votos rígidos, profundamente envolvido em práticas ascéticas, ainda não havia procurado uma mulher. Aquele rishi de grande alma, estudioso e profundamente dedicado ao ascetismo, com sua semente vital sob total controle, vagava destemidamente por toda a terra e não desejava uma esposa.

Posteriormente houve um rei, ó brâmane, de nome Parikshit, nascido na linhagem dos Kauravas. E, como seu bisavô Pandu de outrora ele tinha braços fortes, era o principal de todos os manejadores de arcos em batalha, e gostava de caçar. E o monarca vagava, caçando veados, javalis selvagens, lobos, búfalos e várias outras espécies de animais selvagens. Um dia, tendo perfurado um veado com uma flecha afiada e colocado seu arco nas costas, ele entrou na floresta profunda, procurando pelo animal aqui e ali, como o próprio Rudra ilustre antigamente perseguindo nos céus, com arco na mão, o veado que era o Sacrifício, ele mesmo transformado naquela forma, depois de perfurá-lo. Nunca um veado perfurado por Parikshit tinha escapado na floresta com vida. Aquele veado, embora ferido como o anterior, fugiu com velocidade, como a (aproximada) causa da ida do rei para o céu. E o veado que Parikshit, aquele rei de homens, tinha perfurado se perdeu da vista do monarca e o levou muito longe para dentro da floresta. E cansado e com sede ele encontrou um muni, na floresta, sentado em um curral e que bebia para se satisfazer da espuma que escorria das bocas de bezerros que chupavam o leite de suas mães. E, aproximando-se dele apressadamente, o monarca, faminto e fatigado, e erguendo o arco, questionou

aquele Muni de votos rígidos, dizendo, 'Ó brâmane, eu sou o rei Parikshit, o filho de Abhimanyu. Um veado que eu atingi está perdido. Tu o viste?' Mas o muni estava cumprindo então o voto de silêncio, e não lhe disse nenhuma palavra. E o rei com raiva por isso colocou sobre o ombro dele uma cobra morta, erguendo-a com a ponta do arco. O muni permitiu que ele fizesse isso sem protesto. E ele não falou nenhuma palavra, boa ou má. E o rei vendo-o naquele estado abandonou a raiva e ficou desanimado. E ele voltou para a sua capital, mas o rishi continuou no mesmo estado. O muni clemente, sabendo que o monarca que era um tigre entre os reis era fiel aos deveres da sua classe, não o amaldiçoou, embora insultado. Aquele tigre entre os monarcas, aquele principal da linhagem de Bharata, também não sabia que a pessoa que ele tinha insultado assim era um rishi virtuoso. E foi por isso que ele o insultou dessa maneira.

Aquele rishi tinha um filho de nome Sringin, jovem, dotado de grande energia, profundo em penitências ascéticas, severo em seus votos, muito colérico, e difícil de ser apaziguado. Às vezes ele reverenciava com grande atenção e respeito o seu preceptor sentado em seu assento e dedicado ao bem das criaturas.

E ordenado por seu preceptor ele estava indo para casa quando, ó melhor dos brâmanes, um companheiro dele, o filho de um rishi chamado Krisa, de um modo brincalhão falou rindo para ele (sobre seu pai). E Sringin, colérico e como o próprio veneno, ouvindo aquelas palavras em referência ao seu pai, se enraiveceu.

E Krisa disse, 'Não te orgulhes, ó Sringin, pois embora tu sejas um asceta e possuidor de energia o teu pai leva em seus ombros uma cobra morta. Daqui em diante não fales nada aos filhos de rishis como nós que temos conhecimento da verdade, somos profundos em penitências ascéticas e temos obtido êxito. Onde está aquela tua coragem, aquelas tuas grandes palavras geradas do orgulho, quando tu és obrigado a ver o teu pai carregando uma cobra morta? Ó melhor de todos os munis, o teu pai também não fez nada para merecer esse tratamento, e é por isso que eu estou particularmente pesaroso como se o castigo fosse meu.'”

41

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Sendo assim abordado, e sabendo que seu pai estava carregando uma cobra morta, o poderoso Sringin encheu-se de fúria. E olhando para Krisa, e falando suavemente, ele perguntou, ‘Dize-me, por favor, por que o meu pai leva hoje uma cobra morta?’ E Krisa respondeu, ‘Quando o rei Parikshit estava perambulando com o objetivo de caçar, ó caro, ele colocou a cobra morta sobre o ombro do teu pai.’

E Sringin perguntou, ‘Que injúria foi feita por meu pai àquele monarca pecaminoso? Ó Krisa, dize-me isso, e testemunha o poder do meu ascetismo.’

E Krisa respondeu, ‘O rei Parikshit, o filho de Abhimanyu, enquanto caçava, feriu um veado veloz com uma flecha e o perseguia sozinho. E o rei perdeu de vista o animal naquela selva extensa. Vendo então o teu pai ele o abordou imediatamente. Teu pai estava então cumprindo o voto de silêncio. Oprimido pela fome, sede e cansaço, o príncipe repetidas vezes questionou teu pai, sentado imóvel, a respeito do veado perdido. O sábio, estando sob o voto de silêncio, não deu resposta. O rei por isso colocou a cobra no ombro do teu pai com a ponta de seu arco. Ó Sringin, teu pai dedicado à devoção ainda está na mesma postura. E o rei também foi para a sua capital que tem o nome de elefante!’” (Hastinapura)

Sauti continuou, “Sabendo que uma cobra morta havia sido colocada sobre os ombros (de seu pai), o filho do rishi, com os olhos vermelhos de raiva, se enfureceu. E tomado pela raiva o rishi pujante então amaldiçoou o rei, tocando a água e dominado pela ira.

E Sringin disse, ‘Aquele monarca canalha e pecaminoso que colocou uma cobra morta nos ombros do meu velho e pobre pai, aquele ofensor de brâmanes e maculador da fama dos Kurus, será levado dentro sete noites para as regiões de Yama (Morte) pela cobra Takshaka, o poderoso rei das serpentes, estimulado a isso pela força das minhas palavras!’”

Sauti continuou, “E tendo assim amaldiçoado (o rei) por raiva Sringin foi até seu pai e viu o sábio sentado no curral, portando a cobra morta. E vendo seu pai naquela situação ele ficou novamente cheio de ira. E ele derramou lágrimas de angústia, e dirigiu-se ao seu pai dizendo, 'Pai, tendo sido informado dessa tua desgraça nas mãos daquele canalha pecaminoso, o rei Parikshit, eu por raiva até o amaldiçoei, e aquele pior dos Kurus mereceu totalmente a minha maldição potente. Dentro de sete dias a partir de hoje, Takshaka, o senhor das cobras, levará o rei pecaminoso para a horrível residência da Morte.' E o pai disse ao filho enfurecido, 'Filho, eu não estou satisfeito contigo. Ascetas não devem agir dessa maneira. Nós vivemos nos domínios desse grande rei. Nós somos protegidos por ele com justiça. Em tudo o que faz o rei predominante deve ser perdoado pelos semelhantes a nós. Se tu destróis o Dharma em verdade o Dharma te destruirá. Se o rei não nos protegesse devidamente nós passaríamos muito mal, nós não poderíamos realizar nossos ritos religiosos segundo nosso desejo. Mas protegidos por soberanos honrados nós obtemos mérito imenso, e eles têm direito a uma parte disso. Portanto, a realeza reinante deve ser perdoada sem dúvida. E Parikshit como seu grande antepassado nos protege como um rei deve proteger seus súditos. Aquele monarca praticante de penitências estava cansado e oprimido pela fome. Ignorante do meu voto (de silêncio) ele fez isso. Um país sem rei sempre sofre de males. O rei pune os criminosos, e o medo das punições leva à paz, e as pessoas cumprem os seus deveres e realizam seus ritos tranquilas. O rei estabelece a religião, estabelece o reino do céu. O rei protege os sacrifícios contra as perturbações, e sacrifícios agradam aos deuses. Os deuses causam chuva, e a chuva produz grãos e ervas que são sempre úteis ao homem. Manu disse que um soberano dos destinos de homens é igual (em dignidade) a dez sacerdotes que estudam os Vedas. Fatigado e oprimido pela fome, aquele príncipe praticante de penitências fez isso por ignorância do meu voto. Por que

então tu estouvadamente fizeste essa ação injusta por infantilidade? Ó filho, de nenhum modo o rei merece uma maldição de nós.'"

42

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "E Sringin então respondeu ao seu pai, dizendo, 'Seja um ato de estouvamento, ó pai, ou uma ação imprópria que eu fiz, se tu gostaste ou não gostaste disso, as palavras faladas por mim nunca serão em vão. Ó pai, eu te digo (que uma maldição) nunca pode ser contrariada. Eu nunca falei uma mentira nem de brincadeira.'

E Samika disse, 'Caro filho, eu sei que tu tens grande destreza, e és sincero em palavras. Tu nunca falaste uma mentira antes, por isso a tua maldição nunca será anulada. O filho, mesmo quando ele alcança a velhice, ainda deve ser sempre aconselhado pelo pai, para que coroado com boas qualidades ele possa obter grande renome. Um filho como és, quanto mais tu precisarás de conselhos? Tu estás sempre engajado em penitências ascéticas. A ira mesmo dos ilustres possuidores dos seis atributos aumenta imensamente. Ó tu mais notável dos cumpridores da lei, vendo que tu és meu filho e um menor também, e vendo também a tua impulsividade, eu vejo que eu devo te aconselhar. Vive, ó filho, inclinado à paz e comendo frutas e raízes da floresta. Mata essa tua raiva e não destrói o resultado das tuas ações ascéticas desse modo. A raiva sem dúvida diminui a virtude que os ascetas adquirem com grandes tormentos. E então para aqueles carentes de virtude o estado abençoado não existe. A calma sempre dá êxito aos ascetas clementes. Portanto, tu deve sempre viver tornando-te clemente em teu temperamento e conquistando as tuas paixões. Através do perdão tu alcançarás mundos que estão além do alcance do próprio Brahman. Tendo eu mesmo adotado a quietude, e com o desejo também de fazer o bem tanto quanto eu puder, eu devo fazer alguma coisa; devo mesmo enviar uma mensagem àquele rei, dizendo, 'Ó monarca, tu foste amaldiçoado por meu filho jovem de intelecto não desenvolvido, em fúria ao ver o teu ato de desrespeito em relação a mim.'"

Sauti continuou, "E aquele grande asceta, cumpridor de votos, movido pela bondade, enviou com instruções apropriadas um discípulo seu ao rei Parikshit. E ele enviou seu discípulo Gaurmukha de boas maneiras e dedicado também a penitências ascéticas, o instruindo para primeiro perguntar sobre o bem-estar do rei e então comunicar a mensagem real. E aquele discípulo logo se aproximou daquele monarca, o líder da família Kuru. E ele entrou no palácio do rei tendo primeiro enviado a notícia da sua chegada através do servo em serviço no portão.

E o duas-vezes-nascido Gaurmukha foi devidamente reverenciado pelo monarca. E depois de descansar por um tempo ele detalhou completamente ao rei, na presença de seus ministros, as palavras de Samika, de significação cruel, exatamente como ele havia sido instruído.

E Gaurmukha disse, ‘Ó rei dos reis, há um rishi, de nome Samika, de alma virtuosa, com paixões sob controle, pacífico, e dado a devoções ascéticas difíceis, que vive nos teus domínios! Por ti, ó tigre entre homens, foi colocada nos ombros daquele rishi, que estava cumprindo no momento o voto de silêncio, uma cobra morta, com a ponta do teu arco! Ele mesmo te perdoou esse ato. Mas o filho dele não pode. E pelo último hoje tu foste amaldiçoado, ó rei dos reis, sem o conhecimento de seu pai, no sentido de que dentro de sete noites, (a cobra) Takshaka causará a tua morte. E Samika repetidamente pediu ao seu filho para te salvar, mas ninguém pode anular a maldição de seu filho. E porque ele foi incapaz de acalmar o filho tomado pela raiva, portanto eu fui enviado a ti, ó rei, para o teu bem!’

E aquele rei da família Kuru, ele mesmo dedicado a práticas ascéticas, tendo ouvido essas palavras cruéis e relembrando a sua própria ação pecaminosa, ficou extremamente pesaroso. E o rei, sabendo que aquele principal dos rishis na floresta estava cumprindo o voto de silêncio, foi duplamente afligido pela tristeza e, vendo a bondade do rishi Samika e considerando o seu próprio ato pecaminoso para com ele, ficou muito arrependido. E o rei parecido com um verdadeiro deus não sofreu tanto por saber de sua morte quanto por ter feito aquele ato para o rishi.

E então o rei expediu Gaurmukha, dizendo, ‘Que o venerável (Samika) seja benevolente para comigo!’ E quando Gaurmukha tinha ido embora, o rei, em grande ansiedade, sem perda de tempo, consultou seus ministros. E tendo-os consultado, o rei, ele mesmo sábio em conselhos, fez uma mansão ser construída sobre uma única coluna. E ela era bem guardada dia e noite. E para sua proteção foram colocados lá médicos e remédios, e brâmanes hábeis em mantras por toda parte. E o monarca, protegido por todos os lados, cumpria seus deveres reais a partir daquele lugar cercado por seus ministros virtuosos. E ninguém podia se aproximar daquele melhor dos reis lá. Nem o ar podia ir lá, sendo impedido de entrar.

E quando o sétimo dia tinha chegado, ó melhor dos brâmanes, o erudito Kasyapa estava indo (em direção à residência do rei), desejoso de tratar do rei (depois da mordida da cobra). Ele sabia de tudo o que havia acontecido, que Takshaka, a principal das cobras, enviaria aquele melhor dos monarcas para a presença de Yama (Morte). E ele pensou, ‘Eu curarei o monarca depois que ele for mordido por aquela principal das cobras. Por meio disso eu posso obter riqueza e posso adquirir virtude também.' Mas aquele príncipe das cobras, Takshaka, na forma de um velho brâmane, viu Kasyapa se aproximando em seu caminho, decidido a curar o rei. E o príncipe das cobras então falou àquele touro entre os munis, Kasyapa, dizendo, 'Para onde tu vais com essa velocidade? Qual, além disso, é o negócio no qual tu estás envolvido?'

E Kasyapa, assim abordado, respondeu, 'Takshaka, por meio de seu veneno, hoje queimará o rei Parikshit da família Kuru, aquele opressor de todos os inimigos. Eu vou rapidamente, ó amável, curar, sem perda de tempo, o rei de

destreza imensurável, o único representante da linhagem Pandava, depois que ele for mordido por Takshaka semelhante ao próprio Agni em energia.' E Takshaka respondeu, 'Eu sou Takshaka, ó brâmane, e queimarei aquele senhor da terra. Para, pois tu és incapaz de curar alguém mordido por mim.' E Kasyapa replicou, 'Eu estou certo de que, possuidor (como eu sou) do poder da ciência, indo para lá eu curarei aquele monarca mordido por ti.'”

43

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse: “E Takshaka, depois disso, respondeu, ‘Se, de fato, tu és capaz de curar qualquer criatura mordida por mim, então, ó Kasyapa, revive esta árvore mordida por mim. Ó melhor dos brâmanes, eu queimo esta banian na tua vista. Tenta o teu melhor e me mostra essa habilidade em mantras da qual tu falaste.’

E Kasyapa disse, ‘Se tu estás tão disposto, morde então, ó rei das cobras, a árvore. Ó cobra, eu a reanimarei, embora mordida por ti.’”

Sauti continuou, “O rei das cobras, assim abordado pelo ilustre Kasyapa, mordeu então aquela árvore banian. E aquela árvore, mordida pela ilustre cobra, e penetrada pelo veneno da serpente, queimou totalmente. E tendo queimado a banian daquela maneira a cobra então falou novamente a Kasyapa, dizendo, ‘Ó principal dos brâmanes, tenta o teu melhor e revive este senhor da floresta.’”

Sauti continuou, “A árvore foi reduzida a cinzas pelo veneno daquele rei das cobras. Mas pegando aquelas cinzas Kasyapa falou estas palavras. 'Ó rei das cobras, vê o poder do meu conhecimento quando aplicado a este senhor da floresta! Ó cobra, sob o teu próprio nariz eu o reviverei.' E então aquele melhor dos brâmanes, o ilustre e erudito Kasyapa, reanimou, por meio da sua vidyâ, aquela árvore que tinha sido reduzida a uma pilha de cinzas. E primeiro ele criou o broto, então ele o proveu de duas folhas, e então fez o caule, e então os ramos, e então a árvore totalmente crescida com folhas e tudo. E Takshaka, vendo a árvore revivida pelo ilustre Kasyapa, disse a ele, 'Não é surpreendente em ti que tu destruas meu veneno ou o de qualquer um que seja como eu. Ó tu cuja riqueza é ascetismo, desejoso de que riqueza tu vais para lá? A recompensa que tu esperas ter daquele melhor dos monarcas eu mesmo te darei, mesmo que ela possa ser difícil de obter. Ornado com fama como tu és o teu êxito pode ser duvidoso sobre aquele rei afetado pela maldição de um brâmane e cujo próprio tempo de vida foi encurtado. Nesse caso a tua fama resplandecente que tem se espalhado pelos três dos mundos desapareceria como o Sol quando privado de seu esplendor (na ocasião do eclipse)'.

Kasyapa disse, ‘Eu vou lá por causa de riqueza, dá-a para mim, ó cobra, para que, levando o teu ouro, eu possa retornar.’ Takshaka respondeu, ‘Ó melhor dos regenerados, eu te darei mais do que tu esperas daquele rei. Portanto não vás.’”

Sauti continuou, “Aquele melhor dos brâmanes, Kasyapa, de grande destreza e inteligência, ouvindo essas palavras de Takshaka, sentou-se em meditação de yoga a respeito do rei. E aquele principal dos Munis, Kasyapa, de grande coragem e dotado de conhecimento espiritual, verificando que o período de vida daquele rei da linhagem Pandava realmente tinha terminado, retornou, recebendo de Takshaka tanta riqueza quanto ele desejava.

E após o ilustre Kasyapa retroceder seus passos, Takshaka na hora apropriada entrou rapidamente na cidade de Hastinapura. E em seu caminho ele soube que o rei estava vivendo muito cautelosamente, protegido por meio de mantras e remédios neutralizadores de veneno.”

Sauti continuou, “A cobra então refletiu deste modo, ‘O monarca deve ser enganado por mim com o poder da ilusão. Mas quais devem ser os meios?’ Então Takshaka enviou ao rei algumas cobras no disfarce de ascetas levando com eles frutas, erva kusa, e água (como presentes). E Takshaka, dirigindo-se a eles, disse, ‘Vão vocês todos ao rei, sob o pretexto de negócios urgentes, sem qualquer sinal de impaciência, como se para fazer o monarca somente aceitar as frutas e flores e água (que vocês levarão como presentes para ele).’”

Sauti continuou, “Aquelas cobras, assim ordenadas por Takshaka, agiram de acordo. E eles levaram para o rei erva Kusa, água e frutas. E aquele principal dos reis, de grande coragem, aceitou aquelas oferendas. E depois que o seu propósito estava terminado ele disse a eles, 'Retirem-se.' Então depois que aquelas cobras disfarçadas de ascetas tinham ido embora o rei se dirigiu aos seus ministros e amigos, dizendo, 'Comam comigo todas estas frutas de gosto excelente trazidas pelos ascetas.' Impelidos pelo Destino e pelas palavras do rishi, o rei, com seus ministros, sentiu desejo de comer aquelas frutas. A fruta específica, dentro da qual Takshaka tinha entrado, foi pega pelo próprio rei para comer. E quando ele a estava comendo apareceu, ó Saunaka, um inseto feio nela, de forma mal perceptível, de olhos pretos e de cor acobreada. E aquele principal dos reis, pegando aquele inseto, dirigiu-se aos seus conselheiros, dizendo, 'O sol está se pondo, hoje eu não tenho mais medo de veneno. Portanto, que este inseto se torne Takshaka e me morda, para que o meu ato pecaminoso seja expiado e as palavras do asceta se tornem verdadeiras.' E aqueles conselheiros também, impelidos pelo Destino, aprovaram essas palavras. E então o monarca sorriu, perdendo os sentidos, sua hora tendo chegado. E ele rapidamente colocou aquele inseto em seu pescoço. E enquanto o rei estava sorrindo, Takshaka, que tinha (na forma daquele inseto) saído da fruta que foi oferecida ao rei, se enrolou em volta do pescoço do monarca. E se enrolando rapidamente em volta do pescoço do rei e proferindo um rugido tremendo Takshaka, aquele senhor das cobras, mordeu aquele protetor da terra.’”

44

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então os conselheiros vendo o rei nas espirais de Takshaka empalideceram de medo e lamentaram em extrema aflição. E ouvindo o rugido de Takshaka os ministros todos fugiram. E quando estavam fugindo em grande aflição eles viram Takshaka, o rei das cobras, aquela serpente notável, percorrendo o céu azul como uma faixa da cor do lótus, e parecendo-se muito com a linha vermelha alaranjada no topo da cabeça de uma mulher dividindo as massas escuras de seu cabelo ao meio.

E a mansão na qual o rei estava vivendo queimou com o veneno de Takshaka. E os conselheiros do rei, vendo aquilo, fugiram em todas as direções. E o próprio rei caiu, como se atingido pelo raio.

E quando o rei caiu sob o veneno de Takshaka os seus conselheiros com o sacerdote real, um santo brâmane, realizaram todos os seus últimos ritos. Todos os cidadãos, se reunindo, fizeram do filho menor (de idade) do falecido monarca seu rei. E o povo chamou seu novo rei, aquele matador de todos os inimigos, aquele herói da linhagem Kuru, pelo nome de Janamejaya. E aquele melhor dos monarcas, Janamejaya, embora fosse uma criança tinha mente sábia. E com seus conselheiros e sacerdote o filho mais velho de Parikshit, aquele touro entre os Kurus, governou o reino como seu heroico antepassado (Yudhishthira). E os ministros do jovem monarca, vendo que ele já podia manter seus inimigos sob controle, foram até Suvarnavarman, o rei de Kasi, e pediram a ele a sua filha Vapushtama como noiva. E o rei de Kasi, depois das devidas perguntas, entregou com os ritos ordenados sua filha Vapushtama àquele herói poderoso da família Kuru. E o último, recebendo sua noiva, ficou muito contente. E ele não entregou seu coração em tempo algum para nenhuma outra mulher. E dotado de grande energia ele vagava em busca de divertimento, com o coração alegre, por extensões de águas e em meio a florestas e campos floridos. E aquele principal dos monarcas passava seu tempo em divertimento como Pururavas havia feito antigamente, ao receber a donzela celeste Urvasi. Ela mesma, a mais formosa das formosas, a donzela Vapushtama também, devotada a seu marido e famosa por sua beleza, tendo obtido um marido desejável, o agradou por sua grande afeição durante o período que ele passou em busca de prazer.

45

(Continuação do Astika Parva)

Entrementes o grande asceta Jaratkaru viajava pela terra inteira fazendo do lugar em que a noite caía o seu lar pela noite. E dotado de poder ascético ele vagava, praticando vários votos difíceis de serem praticados por imaturos, e se banhando também em várias águas sagradas. E o muni tinha somente o ar como seu alimento e estava livre do desejo de divertimento mundano. E ele ficava diariamente emaciado e se tornou magro. E um dia ele viu os espíritos de seus antepassados, de cabeças para baixo, em um buraco, (pendurados) por uma corda de raízes de virana tendo somente um único fio inteiro. E aquele único fio estava sendo gradualmente roído por um grande rato que morava naquele buraco. E os Pitris naquele buraco estavam sem comida, emaciados, deploráveis, e avidamente desejosos de salvação. E Jaratkaru, se aproximando dos deploráveis, ele mesmo de aparência humilde, perguntou: 'Quem são vocês que estão pendendo por esta corda de raízes de virana? A única raiz fraca que ainda resta nesta corda de raízes virana, já comida pelo rato que mora nesse buraco, está sendo gradualmente roída pelo mesmo rato com seus dentes afiados. O pouco que resta daquele único fio logo será cortado. É claro então que vocês cairão nessa cova com rostos para baixo. Vendo vocês com rostos para baixo, e colhidos por essa grande calamidade, a minha compaixão foi despertada. Que bem eu posso fazer a vocês? Digam-me rapidamente se essa calamidade pode ser evitada por um quarto, um terço, ou até pelo sacrifício da metade do meu ascetismo. Ó, salvem-se mesmo com todo o meu ascetismo. Eu concordo com tudo isso. Façam como lhes agradar.'

Os Pitris disseram, 'Venerável brahmacharin, tu desejas nos salvar. Mas, ó principal dos brâmanes, tu não podes dissipar a nossa aflição por meio do teu ascetismo. Ó filho, ó principal dos oradores, nós também temos os frutos do nosso ascetismo. Mas, ó brâmane, é pela perda de descendentes que nós estamos caindo nesse inferno terrível. O próprio avô disse que um filho é um grande mérito. Como nós estamos prestes a ser lançados nesse buraco as nossas ideias não estão mais claras. Entretanto, ó filho, nós não te conhecemos, embora a tua virilidade seja bem conhecida sobre a terra. Tu és venerável e afortunado, tu que desse modo por bondade te afliges por nós que somos dignos de compaixão e imensamente afligidos. Ó brâmane, escuta quem nós somos. Nós somos rishis da seita Yayavara, de votos rígidos. E, ó muni, por causa da perda de descendentes caímos de uma região sagrada. As nossas penitências severas não foram destruídas, nós ainda temos um fio. Mas nós temos somente um único fio agora. Importa pouco, no entanto, quem ele é ou não. Desafortunados que somos, nós temos um fio em uma pessoa, conhecida como Jaratkaru. O infeliz estudou os Vedas e seus ramos e está praticando somente ascetismo. Ele sendo alguém de alma sob controle completo, com desejos fixos no alto, praticante de votos, profundamente engajado em penitências ascéticas, e livre da cobiça pelos méritos do ascetismo, nós fomos reduzidos a esse estado deplorável. Ele não tem esposa, nem filhos, nem parentes. Portanto, nós estamos pendurados nesse buraco, com

nossa consciência perdida, como homens que não têm ninguém para cuidar deles. Se tu o encontrares, dize a ele, por tua bondade para conosco: ‘Os teus Pitris, em miséria, estão pendurados de cabeça para baixo em um buraco. Santo, toma uma esposa e gera filhos. Ó tu de riqueza ascética, tu és, ó amável, o único fio que resta da linhagem dos teus antepassados.’ Ó brâmane, a corda de raízes virana da qual tu vês que nós estamos pendendo representa a nossa família multiplicada. E, ó brâmane, esses fios da corda de raízes virana que tu vês como corroídos somos nós mesmos que fomos comidos pelo Tempo. Esta raiz que tu vês que foi metade comida e pela qual nós estamos pendendo neste buraco é aquele que adotou só o ascetismo. O rato que tu viste é o Tempo de força infinita. E ele (o Tempo) está gradualmente enfraquecendo o infeliz Jaratkaru dedicado a penitências ascéticas atraído pelos méritos delas, mas sem prudência e coração. Ó excelente, o ascetismo dele não pode nos salvar. Vê as nossas raízes sendo arrancadas, caídos das regiões superiores, privados de consciência pelo Tempo, nós estamos caindo como pecaminosos miseráveis. E por nós cairmos nesse buraco com todos os nossos parentes, consumidos pelo Tempo, ele mesmo cairá conosco no inferno. Ó filho, seja ascetismo, ou sacrifício, ou quaisquer outros atos sagrados que existam, tudo é inferior. Eles não podem valer por um filho. Ó filho, tendo visto tudo isso, fala para aquele Jaratkaru de riqueza ascética. Tu deves dizer a ele em detalhes tudo o que tu viste. E, ó brâmane, por tua bondade para conosco, tu deves dizer a ele tudo o que possa induzi-lo a tomar uma esposa e gerar filhos. Entre os seus amigos, ou da nossa própria linhagem, quem és tu, ó excelente, que te afliges dessa maneira por nós como um amigo? Nós desejamos saber quem és tu que estás aqui.'”

46

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Jaratkaru ao ouvir tudo isso ficou extremamente abatido. E com tristeza ele falou àqueles Pitris em palavras obstruídas por lágrimas. Jaratkaru disse, ‘Vocês são meus pais e avôs mortos no passado. Portanto, me digam o que eu devo fazer pelo seu bem-estar. Eu sou aquele seu filho pecaminoso, Jaratkaru! Punam-me pelos meus atos pecaminosos, canalha que sou.’

Os Pitris responderam, dizendo, ‘Ó filho, por boa sorte tu chegaste a este local no decorrer de tuas andanças. Ó brâmane, por que tu não tomas uma esposa?’

Jaratkaru disse, 'Ó Pitris, sempre existiu no meu coração o desejo de, com a semente vital parada, levar este corpo para o outro mundo. Minha mente foi tomada pela ideia de não tomar uma esposa. Mas avôs, tendo visto vocês pendurados como aves, eu desviei a minha mente do modo de vida brahmacharya. Eu realmente farei o que vocês querem. Eu certamente me casarei, se alguma vez eu encontrar uma moça do meu próprio nome. Eu aceitarei aquela que, se entregando por iniciativa própria, será como esmola para mim, e a quem eu não terei que sustentar. Eu me casarei se eu conseguir tal pessoa, caso

contrário não. Essa é a verdade, ó avôs! E o filho que for gerado nela será sua salvação. E, ó meus Pitris, vocês viverão para sempre em bem-aventurança e sem temor.'"

Sauti continuou, "O muni, tendo dito isso aos Pitris, vagou sobre a terra novamente. E, ó Saunaka, estando velho, ele não conseguia uma esposa. E ele se afligiu muito por não ser bem sucedido. Mas ordenado (como antes) por seus ancestrais, ele continuou a busca. E indo para a floresta ele lamentou alto em grande angústia. E tendo ido para a floresta, o sábio, movido pelo desejo de fazer o bem para seus antepassados, disse, 'Eu pedirei por uma noiva', e claramente repetiu três vezes essas palavras. E ele disse, 'Quaisquer criaturas que estejam aqui, móveis e imóveis, quem quer que haja que seja invisível, ó, ouçam minhas palavras! Meus antepassados, afligidos pelo pesar, ordenaram a mim que estou engajado nas penitências mais severas, dizendo, 'Casa-te para (a obtenção de) um filho.' E, sendo mandado por meus ancestrais, eu estou vagando em pobreza e tristeza pelo mundo inteiro para me casar com uma donzela que eu possa obter como esmola. Que a criatura, entre aquelas às quais eu me dirigi, que tenha uma filha, a entregue para mim que estou vagando por toda parte. Uma noiva que tenha o mesmo nome que eu, a ser concedida a mim como esmola, e a quem, além disso, eu não sustentarei, ó, entregue a mim!' Então aquelas cobras que tinham sido colocadas no rastro de Jaratkaru, averiguando a disposição dele, deram a notícia para Vasuki. E o rei das cobras, ouvindo suas palavras, levou com ele aquela donzela enfeitada com ornamentos e foi até a floresta àquele rishi. E, ó brâmane, Vasuki, o rei das cobras, tendo ido lá, ofereceu aquela moça como esmola ao rishi de grande alma. Mas o rishi não a aceitou imediatamente. O rishi, pensando que ela não tinha o mesmo nome que ele, e vendo que a questão do sustento dela também não estava decidida, refletiu por poucos momentos, hesitando em aceitá-la. E então, ó filho de Bhrigu, ele perguntou a Vasuki o nome da moça, e também disse a ele, 'Eu não a sustentarei.'"

47

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Então Vasuki falou ao rishi Jaratkaru essas palavras, 'Ó melhor dos brâmanes, esta moça tem o mesmo nome que tu. Ela é minha irmã e tem mérito ascético. Eu manterei tua esposa, aceita-a. Ó tu de riqueza ascética, eu a protegerei com toda a minha habilidade. E, ó principal dos grandes munis, ela foi criada por mim para ti.' E o rishi respondeu, 'Está combinado entre nós que eu não a manterei, e ela não deverá fazer nada que eu não goste. Se ela o fizer eu a deixarei!'"

Sauti continuou, "Quando a cobra tinha prometido, dizendo, 'Eu sustentarei minha irmã', Jaratkaru então foi à casa da cobra. Então aquele principal dos brâmanes conhecedores de mantras, cumprindo votos rígidos, aquele asceta virtuoso e veterano, aceitou a mão dela oferecida a ele segundo os ritos das

Escrituras. E levando sua noiva com ele, adorada pelo grande rishi, ele entrou no aposento encantador reservado para ele pelo rei das cobras. E naquele aposento havia uma armação de cama coberta com cobertores muito valiosos. E Jaratkaru viveu lá com sua esposa. E o excelente rishi fez um acordo com sua mulher, dizendo, 'Nada deve ser feito ou dito por ti que seja contra a minha vontade. E no caso de tu fazeres qualquer coisa assim eu te deixarei e não continuarei a morar na tua casa. Mantém em mente essas palavras que foram faladas por mim.'

E então a irmã do rei das cobras, em grande ansiedade e muito angustiada, falou a ele, dizendo, ‘Assim seja.’ E movida pelo desejo de fazer o bem para seus parentes aquela moça, de reputação imaculada, começou a servir ao seu marido com a vigilância de um cão, a timidez de um cervo, e o conhecimento de sinais possuído pelo corvo. E um dia, depois do período menstrual, a irmã de Vasuki, tendo se purificado com um banho segundo o costume, se aproximou de seu marido, o grande muni, e então ela concebeu. E o embrião era como uma chama de fogo, possuidor de grande energia, e resplandecia como o próprio fogo. E ele cresceu como a lua na quinzena clara.

E um dia, dentro de pouco tempo, Jaratkaru de grande fama, colocando a cabeça no colo de sua mulher, dormiu, parecendo cansado. E enquanto ele estava dormindo o sol entrou em seus aposentos na montanha Ocidental e estava prestes a se pôr. E, ó brâmane, como o dia estava acabando, ela, a irmã excelente de Vasuki, ficou pensativa, temendo a perda da virtude de seu marido. E ela pensou, ‘O que eu faço agora? Eu devo acordar meu marido ou não? Ele é exato e meticuloso em seus deveres religiosos. Como eu posso agir para não ofendê-lo? As alternativas são sua raiva e a perda da virtude de um homem virtuoso. A perda da virtude, eu penso, é o maior dos dois males. Porém, se eu o acordar, ele ficará zangado. Mas se o crepúsculo passar sem suas orações serem ditas ele certamente sofrerá perda de virtude.’

E tendo resolvido finalmente, Jaratkarû de palavras gentis, a irmã de Vasuki, falou suavemente àquele rishi resplandecente com penitências ascéticas, e deitado prostrado como uma chama de fogo, 'Ó afortunado, desperta, o sol está se pondo. Ó tu de votos rígidos, ó ilustre, faze a tua prece noturna depois de te purificares com água e proferires o nome de Vishnu. A hora do sacrifício noturno chegou. O crepúsculo, ó senhor, está agora cobrindo gentilmente o lado ocidental.'

O ilustre Jaratkaru de grande mérito ascético, assim abordado, falou para sua esposa estas palavras, com seu lábio superior tremendo de raiva, ‘Ó amável da raça Naga, tu me insultaste. Eu não viverei mais contigo, mas voltarei para o lugar de onde eu vim. Ó tu de belas coxas, eu acredito em meu coração que o sol não tem o poder de se pôr na hora costumeira se eu estiver dormindo. Uma pessoa insultada nunca deve viver onde ela foi insultada, pelo menos eu, uma pessoa virtuosa, ou aqueles que são como eu.’ Jaratkarû, a irmã de Vasuki, assim tratada por seu marido, começou a tremer de terror, e ela falou a ele, dizendo, ‘Ó brâmane, eu não te acordei desejando insultá-lo, mas eu fiz isso para que a tua virtude não sofresse alguma perda.’

O rishi Jaratkaru, grande em mérito ascético, tomado pela raiva e desejoso de abandonar sua esposa, assim abordado, falou a ela, dizendo, ‘Ó formosa, eu nunca falei uma mentira. Portanto, eu devo partir. Isso também foi decidido entre nós. Ó amável, eu passei o tempo alegremente contigo. E, ó formosa, dize ao teu irmão, quando eu tiver partido, que eu te deixei. E depois de eu ter ido embora não caberá a ti sofrer por mim.’

Ao ouvir isso Jaratkarû, a irmã de Vasuki, de feições perfeitas, cheia de ansiedade e tristeza, tendo reunido suficiente coragem e paciência, embora seu coração ainda estivesse tremendo, então falou a Jaratkaru. Suas palavras estavam obstruídas pelas lágrimas e seu rosto estava pálido de medo. E as palmas de suas mãos estavam unidas, e seus olhos estavam banhados em lágrimas. Ela disse, 'Não cabe a ti me deixar sem (eu ter cometido) uma falha. Tu trilhas o caminho da virtude. Eu também tenho estado no mesmo caminho, com o coração fixo no bem dos meus parentes. Ó melhor dos brâmanes, o objetivo pelo qual eu fui entregue a ti ainda não foi realizado. Infeliz que eu sou, o que Vasuki dirá para mim? Ó excelente, o filho desejado por meus parentes afligidos pela maldição de sua mãe ainda não apareceu! O bem-estar dos meus parentes depende da aquisição de progênie de ti. E para que a minha ligação contigo não seja inútil, ó brâmane ilustre, movida pelo desejo de fazer o bem para a minha raça eu te imploro. Ó excelente, tu és de grande alma, assim por que tu deixarás a mim que sou impecável? Isso é o que não está totalmente claro para mim.'

Assim abordado, o muni de grande mérito ascético falou para sua esposa Jaratkarû essas palavras que eram apropriadas e adequadas para a ocasião. Ele disse, ‘Ó afortunada, o ser que tu concebeste, assim como o próprio Agni, é um rishi de alma muito virtuosa, e um mestre dos Vedas e seus ramos.’

Tendo dito isso, o grande rishi Jaratkaru de alma virtuosa foi embora, com o coração firmemente fixo em praticar novamente as mais rígidas penitências.”

48

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Ó tu de riquezas ascéticas, logo depois que seu marido a tinha deixado Jaratkarû foi até seu irmão. E ela contou a ele tudo o que tinha acontecido. E o príncipe das cobras, ouvindo as notícias calamitosas, falou para sua irmã miserável, ele mesmo mais miserável ainda.

E ele disse, ‘Tu sabes, ó amável, o propósito da tua concessão, a razão disso. Se dessa união, pelo bem-estar das cobras, um filho nascer, então ele, possuidor de energia, salvará a todos nós do sacrifício de cobras. O Avô disse isso antigamente no meio dos deuses. Ó afortunada, tu concebeste da tua união com aquele melhor dos rishis? O desejo do meu coração é que a minha concessão de ti para aquele sábio não tenha sido inútil. Realmente, não me é apropriado te

questionar sobre isso. Mas por causa da gravidade dos interesses eu te pergunto. Conhecendo também a obstinação do teu marido, sempre engajado em penitências rígidas, eu não o seguirei, para que ele não me amaldiçoe. Conta-me em detalhes tudo o que o teu marido, ó amável, fez, e extrai esse dardo terrível de aflição que jaz plantado por um longo tempo em meu coração.'

Jaratkarû então, consolando Vasuki, o rei das cobras, finalmente respondeu, dizendo, 'Questionado por mim sobre descendência o asceta poderoso e de grande alma disse, 'Aí está' e então ele foi embora. Eu não me lembro de ele ter falado antes nem de brincadeira alguma coisa que fosse falsa. Por que ele, ó rei, falaria uma mentira em tal ocasião séria? Ele disse, 'Tu não deves te afligir, ó filha da raça das cobras, sobre o resultado planejado da nossa união. Um filho nascerá para ti, resplandecente como o Sol brilhante.' Ó irmão, tendo dito isso para mim o meu marido de riqueza ascética foi embora. Portanto, que a tristeza profunda nutrida em teu coração desapareça.'"

Sauti continuou, "Ao ouvir isso Vasuki, o rei das cobras, aceitou essas palavras de sua irmã, e em grande alegria disse, 'Que assim seja!' E o chefe das cobras então reverenciou sua irmã com seus melhores respeitos, presentes de riqueza, e elogios adequados. Então, ó melhor dos brâmanes, o embrião dotado de grande esplendor começou a se desenvolver, como a lua nos céus na quinzena clara.

E no devido tempo a irmã das cobras, ó brâmane, deu nascimento a um filho do esplendor de uma criança celeste, que veio a ser aquele que mitigaria os temores de seus antepassados e parentes maternos. A criança cresceu na casa do rei das cobras. Ele estudou os Vedas e seus ramos com o asceta Chyavana, o filho de Bhrigu. E, embora ainda um menino, os seus votos eram rígidos. E ele era dotado de grande inteligência, e com os vários atributos de virtude, conhecimento, liberdade das indulgências mundanas, e santidade. E o nome pelo qual ele foi conhecido no mundo era Astika. E ele foi conhecido pelo nome de Astika (quem quer que seja) porque seu pai tinha ido para as florestas, dizendo. 'Aí está', quando ele estava no útero. Mesmo quando criança ele tinha grande seriedade e inteligência. E ele foi criado com grande cuidado no palácio das cobras. E ele era como o senhor ilustre dos celestiais, Mahadeva de forma dourada, o manejador do tridente. E ele crescia dia a dia, para o deleite de todas as cobras."

49

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, “Conta-me novamente, em detalhes, tudo o que o rei Janamejaya perguntou aos seus ministros sobre a ascensão de seu pai para o céu.”

Sauti disse, “Ó brâmane, ouve tudo o que o rei perguntou aos seus ministros, e tudo o que eles disseram a respeito da morte de Parikshit.

Janamejaya perguntou, ‘Vocês sabem tudo o que aconteceu ao meu pai. Como aquele rei famoso, no tempo, encontrou sua morte? Ouvindo de vocês os incidentes da vida do meu pai em detalhes eu ordenarei alguma coisa, se isso for para o benefício do mundo. Do contrário eu nada farei.’

O ministro respondeu, 'Ouve, ó monarca, o que tu pediste, um relatório da vida do teu pai ilustre, e como também aquele rei dos reis deixou este mundo. Teu pai era virtuoso e de grande alma, e sempre protegia o seu povo. Ó, ouve como aquele homem de grande alma se comportava sobre a terra. Como uma personificação da virtude e da justiça, o monarca, conhecedor da virtude, protegia virtuosamente as quatro classes, cada uma empenhada em cumprir seus deveres específicos. De coragem incomparável, e abençoado com fortuna, ele protegia a deusa Terra. Ninguém o odiava e ele mesmo não odiava ninguém. Semelhante a Prajapati (Brahma) ele era igualmente disposto para com todas as criaturas. Ó monarca, brâmanes e kshatriyas e vaisyas e sudras, todos engajados alegremente na prática dos seus respectivos deveres, eram protegidos imparcialmente por aquele rei. Viúvas e órfãos, os mutilados e os pobres, ele sustentava. De belas feições, ele era para todas as criaturas como um segundo Soma. Cuidando dos seus súditos e mantendo-os satisfeitos, abençoado com boa sorte, sincero, de imensa coragem, ele foi discípulo de Saradwat na ciência de armas. E, ó Janamejaya, teu pai era querido para Govinda. De grande fama, ele era amado por todos os homens. E ele nasceu no útero de Uttarâ quando a linhagem Kuru estava quase extinta. E, portanto, o filho poderoso de Abhimanyu veio a se chamar Parikshit (nascido em uma linhagem extinta). Bem versado na interpretação de tratados sobre os deveres dos reis, ele era dotado de todas as virtudes. Com paixões sob controle completo, inteligente, possuidor de uma memória retentiva, praticante de todas as virtudes, conquistador das seis paixões, de mente poderosa, superando a todos, e totalmente familiarizado com a ciência de moralidade e ciência política, o teu pai governou seus súditos por sessenta anos. E ele então morreu, pranteado por todos os seus súditos. E, depois dele, ó principal dos homens, tu adquiriste este reino hereditário dos Kurus pelos últimos mil anos. Tu foste instalado quando criança, e estás dessa maneira protegendo todas as criaturas.'

Janamejaya disse, ‘Nunca nasceu em nossa linhagem um rei que não procurasse o bem de seus súditos ou que não fosse amado por eles. Vejam especialmente a conduta dos meus antepassados sempre empenhados em

grandes realizações. Como o meu pai, abençoado com muitas virtudes, encontrou sua morte? Descrevam para mim como tudo aconteceu. Eu quero ouvir isso de vocês!'"

Sauti continuou, "Assim ordenados pelo monarca aqueles conselheiros, sempre desejosos do bem do rei, contaram a ele tudo exatamente como tinha ocorrido.

E os conselheiros disseram, 'Ó rei, o teu pai, aquele protetor de toda a terra, aquele mais notável de todos os homens obedientes às escrituras, era viciado nos esportes de campo, assim como Pandu de braços poderosos, aquele principal de todos os manejadores de arco em batalha. Ele transferiu para nós todos os assuntos de estado, do mais trivial ao mais importante. Um dia, entrando na floresta, ele perfurou um veado com uma flecha. E tendo-o atingido ele o seguiu rapidamente a pé na floresta densa, armado com espada e aljava. Ele não pode, no entanto, alcançar o veado perdido. Com sessenta anos de idade e decrépito, ele logo ficou cansado e faminto. Ele então viu nas florestas profundas um rishi de grande alma. O rishi estava então praticando o voto de silêncio. O rei o questionou acerca do veado, mas, embora questionado, ele não deu resposta. Finalmente o rei, já cansado com o esforço e a fome de repente ficou zangado com aquele rishi sentado imóvel como um pedaço de madeira no cumprimento de seu voto de silêncio. De fato, o rei não sabia que ele era um muni na prática do voto de silêncio. Dominado pela raiva, teu pai o insultou. Ó excelente da linhagem Bharata, o rei, teu pai, erguendo do chão com a ponta de seu arco uma cobra morta a colocou nos ombros daquele muni de alma pura. Mas o muni não falou nenhuma palavra boa ou má e não se enraiveceu. Ele continuou na mesma postura, portando a cobra morta.'"

50

(Continuação do Astika Parva)

Sauti continuou, "Os ministros disseram, 'Aquele rei dos reis então, exausto pela fome e esforço, e tendo colocado a cobra sobre os ombros daquele muni, voltou para sua capital. O muni tinha um filho, nascido de uma vaca, de nome Sringin. Ele era amplamente conhecido, possuidor de grande destreza e energia, e muito colérico. Indo (todos os dias) até seu preceptor ele tinha o hábito reverenciá-lo. Mandado por ele, Sringin estava voltando para casa quando soube de um amigo seu sobre o insulto ao pai dele por teu pai. E, ó tigre entre reis, ele soube que seu pai, sem ter cometido nenhum erro, estava levando, imóvel como uma estátua, sobre os ombros uma cobra morta colocada sobre eles. Ó rei, o rishi insultado por teu pai era rígido em penitências ascéticas, o principal dos munis, controlador de paixões, puro, e sempre engajado em atos extraordinários. Sua alma era iluminada com penitências ascéticas, e seus órgãos e suas funções estavam sob total controle. Suas práticas e suas palavras eram ambas muito boas. Ele era contente e sem avareza. Ele não tinha cobiça de nenhum tipo e não

tinha inveja. Ele era idoso e costumava praticar o voto de silêncio. E ele era o refúgio a quem todas as criaturas podiam procurar em aflição.

Assim era o rishi insultado por teu pai. O filho, no entanto, daquele rishi, furioso, amaldiçoou teu pai. Embora jovem em idade, o jovem poderoso era velho em esplendor ascético. Tocando a água rapidamente, ele falou, queimando por assim dizer com energia espiritual e raiva, estas palavras em alusão ao teu pai: 'Vê o poder do meu ascetismo! Dirigida pelas minhas palavras a cobra Takshaka de energia poderosa e veneno virulento, dentro de sete noites a partir de hoje, queimará com seu veneno o canalha que colocou a cobra morta sobre o meu pai que não ofendeu ninguém.' E tendo dito isso ele foi para onde seu pai estava. E vendo seu pai ele falou da sua maldição. O tigre entre os rishis então enviou ao teu pai um discípulo dele, chamado Gaurmukha, de maneiras amáveis e possuidor de todas as virtudes. E tendo descansado um pouco (após a chegada na corte) ele contou tudo ao rei, dizendo nas palavras de seu mestre, 'Tu foste amaldiçoado, ó rei, por meu filho. Takshaka te queimará com seu veneno! Portanto, ó rei, tem cuidado.' Ó Janamejaya, ouvindo essas palavras terríveis teu pai tomou todas as precauções contra a poderosa cobra Takshaka.

E quando o sétimo dia tinha chegado um rishi brâmane, chamado Kasyapa, desejou ir até o monarca. Mas a cobra Takshaka viu Kasyapa. E o príncipe das cobras falou para Kasyapa sem perda de tempo, dizendo, 'Aonde tu vais tão rapidamente, e qual é o negócio para o qual tu vais?' Kasyapa respondeu, dizendo, 'Ó brâmane, eu estou indo para onde o rei Parikshit, aquele melhor dos Kurus, está. Ele hoje será queimado pelo veneno da cobra Takshaka. Eu vou lá rapidamente para curá-lo, de fato, para que, protegido por mim, a cobra não possa mordê-lo e matá-lo.' Takshaka respondeu, dizendo, 'Por que tu procuras reviver o rei a ser mordido por mim? Eu sou Takshaka, ó brâmane, vê o poder extraordinário do meu veneno. Tu serás incapaz de reviver aquele monarca quando ele for mordido por mim.' Assim dizendo, Takshaka imediatamente mordeu um senhor da floresta (uma árvore banian, figueira da Índia). E a banian, logo que foi mordida pela cobra, foi transformada em cinzas. Mas Kasyapa, ó rei, a reviveu. Takshaka então o tentou, dizendo, 'Conta-me o teu desejo.' E Kasyapa, também, assim abordado, falou novamente para Takshaka, dizendo, 'Eu vou lá pelo desejo de riqueza.' E Takshaka então falou para Kasyapa de grande alma estas palavras gentis, 'Ó impecável, recebe de mim mais riqueza do que tu esperas daquele monarca, e volta!' E Kasyapa, aquele principal dos homens, assim tratado pela cobra, e recebendo dele tanta riqueza quanto desejava, seguiu seu caminho de volta.

E Kasyapa voltando, Takshaka, se aproximando disfarçado, destruiu, com o fogo de seu veneno, o teu pai virtuoso, o principal dos reis, naquele período permanecendo em sua mansão com todas as precauções. E depois daquilo, tu foste, ó tigre entre homens, instalado (no trono). E, ó melhor dos monarcas, nós assim te dissemos tudo o que vimos e ouvimos, embora o relato seja cruel. E sabendo de tudo acerca da derrota do teu nobre pai, e do insulto ao rishi Utanka, decide o que deve vir em seguida!'”

Sauti continuou, “O rei Janamejaya, aquele castigador de inimigos, então falou para todos os seus ministros. E ele disse, 'Como vocês souberam de tudo o aconteceu sobre aquela banian reduzida a cinzas por Takshaka, e que, admirável como ela é, foi posteriormente revivida por Kasyapa? Seguramente o meu pai poderia não ter morrido, pois o veneno seria neutralizado por Kasyapa com seus mantras. Aquela pior das cobras, de alma pecaminosa, pensou que se Kasyapa ressuscitasse o rei mordido por ele, ele, Takshaka, seria um objeto de ridículo no mundo devido à neutralização de seu veneno. Seguramente, tendo pensado dessa forma, ele pacificou o brâmane. Eu planejei um modo, no entanto, de infligir punição sobre ele. Eu gostaria de saber, no entanto, o que vocês viram ou ouviram, o que aconteceu na solidão profunda da floresta, as palavras de Takshaka e de Kasyapa. Sabendo disso eu idearei os meios de exterminar a raça das cobras.'

Os ministros disseram, ‘Ouve, ó monarca, a respeito daquele que nos falou do encontro entre aquele principal brâmane e aquele príncipe das cobras nas florestas. Certa pessoa, ó monarca, tinha subido naquela árvore que continha alguns ramos secos com o objetivo de quebrá-los para combustível sacrifical. Ele não tinha notado nem a cobra nem o brâmane. E, ó rei, aquele homem foi reduzido a cinzas junto com a própria árvore. E, ó rei dos reis, ele foi revivido com a árvore pelo poder do brâmane. Aquele homem, o criado de um brâmane, tendo vindo até nós, descreveu integralmente como tudo aconteceu entre Takshaka e o brâmane. Assim nós te dissemos, ó rei, tudo o que vimos e ouvimos. E tendo ouvido isso, ó tigre entre os reis, ordena aquilo que deve se seguir.’”

Sauti continuou, “O rei Janamejaya, tendo escutado as palavras de seus ministros, estava muito aflito pela angústia, e começou a chorar. E o monarca começou a apertar as mãos. E o rei de olhos de lótus começou a respirar longamente e com dificuldade, derramou lágrimas, e gritou alto. E tomado pela dor e tristeza, e derramando lágrimas copiosas, e tocando a água segundo o ritual, o monarca falou. Refletindo por um momento, como se decidindo alguma coisa em sua mente, o monarca enfurecido, dirigindo-se a todos os ministros, disse estas palavras.

'Eu ouvi o seu relado sobre a ascensão do meu pai para o céu. Saibam agora qual é a minha decisão definitiva. Eu penso que nenhum tempo deve ser perdido sem vingar essa injúria sobre o canalha Takshaka que matou meu pai. Ele queimou meu pai fazendo de Sringin somente uma causa secundária. Só por maldade ele fez Kasyapa retornar. Se aquele brâmane tivesse chegado meu pai sem dúvida teria vivido. O que ele perderia se o rei fosse revivido pela graça de Kasyapa e as medidas de precaução de seus ministros? Por ignorância dos efeitos da minha ira ele impediu Kasyapa, aquele excelente entre os brâmanes, a quem ele não podia derrotar, de vir até meu pai com o desejo de revivê-lo. O ato de agressão é grande da parte do vil Takshaka que deu riqueza àquele brâmane para que ele não revivesse o rei. Eu devo agora me vingar no inimigo do meu pai para satisfazer a mim mesmo, ao rishi Utanka e a vocês todos.'”

51

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “O rei Janamejaya tendo falado dessa maneira, seus ministros expressaram sua aprovação. E o monarca então expressou sua determinação de realizar um sacrifício de cobras. E aquele senhor da Terra, aquele tigre da raça Bharata, o filho de Parikshit, então chamou seu sacerdote e Ritwiks. E, talentoso em discurso, ele falou para eles estas palavras relativas à realização da sua grande tarefa: 'Eu devo me vingar no vil Takshaka que matou meu pai. Digam-me o que eu devo fazer. Vocês conhecem alguma ação pela qual eu possa lançar no fogo ardente a cobra Takshaka com seus parentes? Eu desejo queimar aquele canalha assim como ele queimou, antigamente, pelo fogo de seu veneno, o meu pai.'

O principal sacerdote respondeu, 'Há, ó rei, um grande sacrifício para ti planejado pelos próprios deuses. Ele é conhecido como o sacrifício de cobras, e é lido nos Puranas. Ó rei, só tu podes realizá-lo, e ninguém mais. Homens versados nos Puranas têm nos dito, existe tal sacrifício.'”

Sauti continuou, “Assim abordado, o rei, ó excelente, considerou Takshaka como já queimado e jogado na boca ardente de Agni, o comedor de manteiga sacrifical. O rei então disse àqueles brâmanes versados em mantras, 'Eu farei os preparativos para esse sacrifício. Digam-me as coisas que são necessárias.' E os Ritwiks do rei, ó brâmane excelente, versados nos Vedas e familiarizados com os ritos daquele sacrifício mediram, de acordo com as escrituras, a área para a plataforma sacrifical. E a plataforma foi decorada com artigos valiosos e com brâmanes. E ela estava cheia de coisas preciosas e arroz com casca. E o Ritwika sentou-se comodamente sobre ela. E depois que a plataforma sacrifical tinha sido assim construída segundo as regras e como desejada eles instalaram o rei no sacrifício de cobras para o alcance de seu objetivo. E, antes do início do sacrifício de cobras que estava por vir, ocorreu lá um incidente muito importante que pressagiava a obstrução do sacrifício, pois quando a plataforma sacrifical estava sendo construída, um construtor profissional de grande inteligência e bem versado no conhecimento de colocar alicerces, um Suta por casta, bem familiarizado com os Puranas, disse, 'O solo sobre o qual e a hora na qual a medição para a plataforma sacrifical foram feitas indicam que esse sacrifício não será completado, sendo um brâmane a razão disso.' Ouvindo isso, o rei, antes de sua instalação, deu ordens aos guardas do portão para não admitirem ninguém sem o seu conhecimento.”

52

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “O sacrifício de cobras então começou devidamente. E os sacerdotes sacrificais, competentes em seus respectivos deveres de acordo com a lei, vestidos em roupas negras e com os olhos vermelhos pelo contato com a fumaça, despejaram manteiga clarificada no fogo ardente, proferindo os mantras apropriados. E, fazendo os corações de todas as cobras tremerem de medo, eles despejaram manteiga clarificada na boca de Agni proferindo os nomes das cobras. E as cobras então começaram a cair no fogo ardente, paralisadas e chamando lastimavelmente umas às outras. E inchadas e respirando com dificuldade, e se enrolando umas às outras com suas cabeças e rabos, elas vinham em grande número e caíam no fogo. As brancas, as pretas, as azuis, as velhas e as jovens, todas caíam igualmente dentro do fogo, proferindo vários gritos. Aquelas medindo um krosa, e aquelas medindo um yojana, e aquelas medindo um gokarna, caíam continuamente com grande violência naquele principal de todos os fogos. E centenas e milhares e dezenas de milhares de cobras, privadas de todo o controle sobre seus membros, pereceram naquela ocasião. E entre aquelas que pereceram havia algumas que eram como cavalos, outras como trombas de elefantes, e outras de corpos enormes e força como a de elefantes enfurecidos. De várias cores e veneno virulento, terríveis e parecidas com maças equipadas com pontas de ferro, de grande força, sempre dispostas a morder, as cobras, aflitas pela maldição de sua mãe, caíam no fogo.”

53

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka perguntou, “Quais grandes rishis se tornaram os Ritwiks no sacrifício de cobras do sábio rei Janamejaya da linha Pandava? Quem também foram os Sadasyas naquele sacrifício terrível, tão pavoroso para as cobras, e que gerou tal tristeza nelas? Cabe a ti descrever tudo isso em detalhes, para que, ó filho de Suta, nós possamos saber quem era familiarizado com os rituais do sacrifício de cobras.”

Sauti respondeu, “Eu recitarei os nomes daqueles sábios que se tornaram os Ritwiks e Sadasyas do monarca. O brâmane Chandabhargava tornou-se o Hotri naquele sacrifício. Ele tinha grande reputação, e era nascido na linhagem de Chyavana e era o principal dos conhecedores dos Vedas. O velho brâmane erudito, Kautsa, tornou-se o Udgatri, o cantor dos hinos vêdicos. Jaimini tornou-se o Brahman, e Sarngarva e Pingala os Adhvaryus, Vyasa com seu filho e discípulos, e Uddalaka, Pramataka, Swetaketu, Pingala, Asita, Devala, Narada, Parvata, Atreya, Kundajathara, o brâmane Kalaghata, Vatsya, o idoso Srutasravas

sempre engajado em japa e no estudo dos Vedas, Kohala Devasarman, Maudgalya, Samasaurava, e muitos outros brâmanes que tinham compreendido os Vedas se tornaram os Sadasyas naquele sacrifício do filho de Parikshit.

Quando os Ritwiks daquele sacrifício de cobras começaram a despejar manteiga clarificada no fogo, cobras terríveis, que causavam medo em todas as criaturas, começaram a cair nele. E a gordura e a medula das cobras assim caindo no fogo começaram a fluir em rios. E a atmosfera se encheu de um fedor insuportável devido à queima incessante das cobras. E incessantes também eram os gritos das cobras caídas no fogo e daquelas no ar prestes a caírem dentro dele.

Enquanto isso Takshaka, o príncipe das cobras, logo que ele soube que o rei Janamejaya estava engajado no sacrifício, foi para o palácio de Purandara (Indra). E aquela melhor das cobras, tendo relatado tudo o que tinha acontecido, procurou aterrorizada a proteção de Indra depois de ter reconhecido seu erro. E Indra, satisfeito, disse a ele, 'Ó príncipe das cobras, ó Takshaka, aqui tu não deves temer aquele sacrifício de cobras. O Avô foi pacificado por mim por tua causa. Portanto, não tenhas medo. Que este temor do teu coração seja aquietado.'”

Sauti continuou, “Assim encorajada por ele, aquela melhor das cobras começou a morar na residência de Indra em alegria e felicidade. Mas Vasuki, vendo que as cobras estavam caindo incessantemente no fogo e que a sua família estava reduzida a apenas poucos, ficou muito triste. E o rei das cobras estava muito aflito, e seu coração estava prestes a se partir. E chamando sua irmã, ele falou a ela, dizendo, 'Ó amável, meus membros estão queimando e eu não vejo mais os pontos dos céus. Eu estou prestes a cair por causa da perda de consciência. Minha mente está turva, minha visão está fraquejando e meu coração está se partindo. Entorpecido, eu posso cair hoje no fogo ardente! Aquele sacrifício do filho de Parikshit é para o extermínio da nossa raça. É evidente que eu também terei que ir para a residência do rei dos mortos. Chegou a hora, ó minha irmã, por causa da qual tu foste entregue por mim a Jaratkaru para proteger a nós com nossos parentes. Ó melhor das mulheres da raça das cobras, Astika porá um fim ao sacrifício que está ocorrendo. O Avô me disse isso antigamente. Portanto, ó criança, pede ao teu filho querido, que conhece totalmente os Vedas e é respeitado até pelos idosos, pela minha proteção e também daqueles que dependem de mim.'”

54

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então a dama cobra Jaratkarû, chamando seu próprio filho, disse a ele as seguintes palavras de acordo com as instruções de Vasuki, o rei das cobras; ‘Ó filho, chegou a hora da realização daquele objetivo pelo qual eu fui entregue ao teu pai por meu irmão. Portanto, faze o que deve ser feito.’

Astika perguntou, ‘Por que tu foste, ó mãe, entregue ao meu pai por meu tio? Conta-me tudo realmente para que ao saber disso eu possa fazer o que é apropriado.’

Então Jaratkarû, a irmã do rei das cobras, ela mesma inalterada pelo infortúnio geral, e sempre desejosa do bem-estar de seus parentes, disse a ele, 'Ó filho, é dito que a mãe de todas as cobras é Kadru. Saibas por que ela amaldiçoou em fúria seus filhos. Dirigindo-se às cobras ela disse, 'Como vocês se recusaram a representar falsamente Uchchaihsravas, o príncipe dos cavalos, para ocasionar a escravidão de Vinata de acordo com a aposta, portanto, aquele cujo auriga é Vayu queimará vocês todos no sacrifício de Janamejaya. E perecendo naquele sacrifício vocês irão para a região dos espíritos não redimidos.' O Avô de todos os mundos falou a ela enquanto proferindo essa maldição, 'Que assim seja', e assim aprovou suas palavras. Vasuki, tendo ouvido aquela maldição e então as palavras do Avô, procurou a proteção dos deuses, ó filho, na ocasião em que o amrita estava sendo batido. E os deuses, com seu objetivo realizado, pois eles tinham obtido o excelente amrita, com Vasuki à frente, se aproximaram do Avô. E todos os deuses, com o rei Vasuki, procuraram inclinar Aquele que nasceu do lótus a ser propício, para que a maldição pudesse ser anulada.

E os deuses disseram, ‘Ó Senhor, Vasuki, o rei das cobras, está pesaroso por causa de seus parentes. Como a maldição da mãe dele poderá ser abortada?’

Brahman respondeu, dizendo, ‘Jaratkaru tomará para si mesmo uma esposa de nome Jaratkarû, o brâmane nascido dela salvará as cobras.’

Vasuki, a melhor das cobras, ouvindo essas palavras, me entregou, ó tu de aspecto divino, ao teu pai de grande alma algum tempo antes do início do sacrifício. E daquele casamento tu nasceste de mim. Aquela hora chegou. Cabe a ti nos proteger desse perigo. Cabe a ti proteger meu irmão e a mim mesma do fogo, para que o objetivo, a nossa salvação, pelo qual eu fui concedida ao teu sábio pai, possa ser realizado. O que tu achas, ó filho?'”

Sauti continuou, “Assim abordado, Astika disse para sua mãe, ‘Sim, eu farei isso.’ E ele então se dirigiu ao aflito Vasuki, e, como se infundindo vida nele, disse, ‘Ó Vasuki, ó melhor das cobras, grande ser, eu digo verdadeiramente, eu te salvarei daquela maldição. Acalma-te, ó cobra! Não há mais temor. Eu me esforçarei seriamente para que o bem sobrevenha! Ninguém nunca disse que as minhas palavras, mesmo de brincadeira, se comprovaram falsas. Por isso em ocasiões sérias como essa eu não preciso dizer mais nada, ó tio, indo para lá hoje eu gratificarei, com palavras misturadas com bênçãos, o monarca Janamejaya instalado no sacrifício, para que, ó excelente, o sacrifício possa parar. Ó de grande alma, ó rei das cobras, acredita em tudo o que eu digo. Crê-me, a minha resolução nunca pode deixar de ser realizada.’

E Vasuki então disse, ‘Ó Astika, minha cabeça gira e meu coração se parte. Eu não posso discernir os pontos da terra, porque eu estou aflito pela maldição de minha mãe.’

E Astika disse, ‘Ó melhor das cobras, não cabe a ti te afligir mais. Eu dissiparei esse teu medo do fogo ardente. Esse castigo terrível, capaz de queimar como o fogo no fim do Yuga, eu extinguirei. Não nutras mais esse medo.’”

Sauti continuou, “Então aquele melhor dos brâmanes, Astika, abrandando o medo terrível no coração de Vasuki, e tomando-o, por assim dizer, sobre si mesmo, foi, para o alívio do rei das cobras, com rapidez ao sacrifício de Janamejaya abençoado com todos os méritos. E Astika, tendo chegado lá, viu a excelente área sacrifical com numerosos Sadasyas sobre ela cujo esplendor era semelhante ao do Sol ou Agni. Mas aquele melhor dos brâmanes teve sua admissão recusada pelos guardas da porta. E o poderoso asceta os gratificou, estando desejoso de entrar na área sacrifical. E aquele melhor dos brâmanes, o mais notável de todos os homens virtuosos, tendo entrado na excelente área sacrifical, começou a adorar o rei de realizações infinitas, os Ritwiks, os Sadasyas, e também o fogo sagrado.

55

(Continuação do Astika Parva)

Astika disse, 'Soma e Varuna e Prajapati realizaram sacrifícios antigamente em Prayaga. Mas o teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit, não é inferior a nenhum deles. Que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Sakra realizou cem sacrifícios. Mas esse teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit, é perfeitamente igual a dez mil sacrifícios de Sakra. Que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Semelhante ao sacrifício de Yama, de Harimedha, ou do rei Rantideva é o teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit. Que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Como o sacrifício de Maya, do rei Sasavindu, ou do rei Vaisravana é esse teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata; como o sacrifício de Nriga, de Ajamida, do filho de Dasaratha é esse teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit. Que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Como o sacrifício do rei Yudhishthira, o filho de um deus e pertencente à linhagem de Ajamida, conhecido (até) nos céus, é esse teu sacrifício. Ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit, que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Como o sacrifício de Krishna (Dwaipayana), o filho de Satyavati, no qual ele mesmo era o sacerdote principal, é esse teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit! Que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Estes (Ritwiks e Sadasyas) que estão aqui empenhados em fazer teu sacrifício, como aquele do matador de Vritra, têm esplendor igual ao do Sol. Agora não resta nada para eles conhecerem, e os presentes feitos a eles se tornam inesgotáveis (em mérito). É minha convicção que não há Ritwik em todos os mundos que seja igual ao teu Ritwik, Dwaipayana. Seus discípulos, tornando-se Ritwiks, qualificados para os seus deveres, viajam pela terra. O transportador de grande alma da libação (Agni), chamado também de

Vibhavasu e Chitrabhanu, que tem ouro como sua semente vital e que tem o seu caminho marcado pela fumaça negra, resplandecendo com chamas inclinadas para a direita, leva essas libações de manteiga clarificada para os deuses. Neste mundo dos homens não há outro monarca igual a ti na proteção dos súditos. Eu estou sempre muito satisfeito com a tua abstinência. De fato, tu és Varuna, ou Yama, o deus da Justiça. Como o próprio Sakra, com raio nas mãos, tu és, nesse mundo, o protetor de todas as criaturas. Nesta terra não há homem tão grandioso quanto tu e nenhum monarca que seja igual a ti em sacrifícios. Tu és como Khatwanga, Nabhaga, e Dilipa. Em coragem tu és como Yayati e Mandhatri. Em esplendor igual ao sol, e de votos excelentes, tu és ó monarca, como Bhishma! Como Valmiki tu tens energia oculta. Como Vasishtha tu controlaste a tua ira. Como Indra é o teu domínio. O teu esplendor também brilha como o de Narayana. Como Yama tu és proficiente com a dispensação de justiça. Tu és como Krishna adornado com todas as virtudes. Tu és o lar da boa sorte que pertence aos Vasus. Tu és também o refúgio dos sacrifícios. Em força tu és igual a Damvodbhava. Como Rama (o filho de Jamadagni) tu és conhecedor das escrituras e seus ramos. Em energia tu és igual a Aurva e Trita. Tu inspiras terror por meio dos teus olhares como Bhagiratha.'"

Sauti disse, "Astika, tendo assim os adorado, agradou a eles todos, o rei, os Sadasyas, os Ritwiks e o fogo sacrifical. E o rei Janamejaya, vendo os sinais e indicações manifestados por toda parte, se dirigiu a eles como segue.

56

(Continuação do Astika Parva)

Janamejaya disse, 'Embora este seja somente um menino ele fala como um velho homem sábio. Ele não um é menino, mas uma pessoa sábia e idosa, eu penso, e desejo conceder a ele um benefício. Portanto, ó brâmanes, me deem a permissão necessária.'

Os Sadasyas disseram, 'Um brâmane, embora um menino, merece o respeito dos reis. Os eruditos ainda mais. Este menino merece que todos os seus desejos sejam realizados por ti, mas não antes de Takshaka chegar com velocidade.'"

Sauti continuou, "O rei, disposto a conceder uma bênção ao brâmane, disse: 'Pede uma bênção.' O Hotri, no entanto, estando um tanto descontente, disse: 'Takshaka não veio até agora a esse sacrifício.'

Janamejaya respondeu, 'Se esforcem o melhor que puderem para que esse meu sacrifício possa alcançar sua conclusão, e para que Takshaka também possa vir logo para cá. Ele é meu inimigo.'

Os Ritwiks responderam, ‘Como as escrituras declaram para nós, e como o fogo também diz, ó monarca, (parece que) Takshaka está agora permanecendo na residência de Indra, afligido pelo medo.’”

Sauti continuou, “O ilustre Suta chamado Lohitaksha também, conhecedor dos Puranas, tinha dito isso antes.

Questionado pelo rei na presente ocasião ele outra vez disse ao monarca, ‘Senhor, é assim mesmo como os brâmanes disseram, conhecendo os Puranas, eu digo, ó monarca, que Indra concedeu a ele esse benefício, dizendo, ‘Mora comigo em segredo, e Agni não te queimará.’”

Sauti continuou, “Ouvindo isso, o rei instalado no sacrifício ficou muito preocupado e incitou o Hotri a cumprir o seu dever. E quando o Hotri, com mantras, começou a despejar manteiga clarificada no fogo o próprio Indra apareceu em cena. E o ilustre veio em seu carro, adornado por todos os deuses em volta, seguido por massas de nuvens, cantores celestes, e vários grupos de dançarinas celestes. E Takshaka ansioso se escondeu na parte superior da roupa de Indra e não estava visível. Então o rei enraivecido disse novamente para seus brâmanes conhecedores de mantras estas palavras, determinado a destruir Takshaka, 'Se a cobra Takshaka estiver na residência de Indra lancem-no no fogo com o próprio Indra.'”

Sauti continuou, “Incitado assim pelo rei Janamejaya a respeito de Takshaka o Hotri despejou libações, chamando pelo nome aquela cobra que então estava lá. E enquanto as libações eram despejadas Takshaka, com o próprio Purandara, ansioso e aflito, ficou visível por um momento nos céus. Então Purandara, vendo aquele sacrifício, ficou muito alarmado e rapidamente rejeitando Takshaka voltou para sua própria residência. Depois de Indra ter ido embora Takshaka, o príncipe das cobras, sem sentidos pelo medo, foi pela virtude dos mantras levado perto o suficiente das chamas do fogo sacrifical.

Os Ritwiks então disseram, ‘Ó rei dos reis, o teu sacrifício está sendo realizado devidamente. Cabe a ti, ó Senhor, conceder um benefício agora para este principal dos brâmanes.’

Janamejaya então disse, ‘Tu incomensurável de tais feições belas e infantis, eu desejo te conceder um benefício digno. Portanto, pede aquilo que tu desejas no teu coração. Eu te prometo que eu o concederei mesmo que seja inconcessível.’

Os Ritwiks disseram, 'Ó monarca, vê, Takshaka está quase sob o teu controle! Seus gritos terríveis e rugidos altos estão sendo ouvidos. Seguramente a cobra foi abandonada pelo manejador do raio. Seu corpo sendo incapacitado por seus mantras, ele está caindo do céu. Agora mesmo, girando nos céus, e privado de consciência, o príncipe das cobras vem, respirando ruidosamente.'”

Sauti continuou, “Enquanto Takshaka, o príncipe das cobras, estava prestes a cair no fogo sacrifical, durante aqueles poucos momentos Astika falou o seguinte,

'Ó Janamejaya, se tu me concedes uma bênção, que este teu sacrifício tenha fim e que nenhuma outra cobra caia no fogo.'

Ó brâmane, o filho de Parikshit, sendo assim abordado por Astika, ficou muito pesaroso e respondeu a Astika desta forma, 'Ó ilustre, ouro, prata, vacas, e quaisquer outras posses que tu desejares eu te darei. Mas não que o meu sacrifício termine.'

Astika respondeu, 'Ouro, prata ou vacas eu não te peço, ó monarca! Mas que o teu sacrifício termine para que os meus parentes maternos sejam salvos.'"

Sauti continuou, "O filho de Parikshit, sendo assim abordado por Astika, repetidamente disse isso àquele principal dos oradores, 'Melhor dos brâmanes, pede algum outro benefício. Ó, abençoado sejas tu!' Mas, ó tu da linhagem de Bhrigu, ele não pediu nenhum outro benefício. Então todos os Sadasyas conhecedores dos Vedas disseram ao rei em uma só voz, 'Que o brâmane receba o benefício!'"

57

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, "Ó filho de Suta, eu desejo ouvir os nomes de todas aquelas cobras que caíram no fogo daquele sacrifício de cobras!"

Sauti respondeu, 'Muitos milhares e dezenas de milhares e bilhões de cobras caíram no fogo. Ó brâmane mais excelente, tão grande é o número que eu sou incapaz de enumerar todas elas. Por enquanto, porém, conforme eu lembro, ouve os nomes que eu menciono das principais cobras lançadas ao fogo. Ouça primeiro os nomes das principais da raça de Vasuki somente, de cor azul, vermelhas e brancas, de formas terríveis e corpo enorme e veneno mortal. Desamparadas e miseráveis e afligidas pela maldição de sua mãe elas caíram no fogo sacrifical como libações de manteiga.

Kotisa, Manasa, Purna, Cala, Pala Halmaka, Pichchala, Kaunapa, Cakra, Kalavega, Prakalana, Hiranyavahu, Carana, Kakshaka, Kaladantaka, essas cobras nascidas de Vasuki caíram no fogo. E, ó brâmane, numerosas outras cobras bem-nascidas, e de forma terrível e grande força, foram queimadas no fogo ardente. Eu agora mencionarei aquelas nascidas na raça de Takshaka. Ouve os seus nomes. Puchchandaka, Mandalaka, Pindasektri, Ravenaka, Uchochikha, Carava, Bhangas, Vilwatejas, Virohana, Sili, Salakara, Muka, Sukumara, Pravepana, Mudgara e Sisuroman, Suroman e Mahahanu. Essas cobras nascidas de Takshaka caíram no fogo. E Paravata, Parijata, Pandara, Harina, Krisa, Vihanga, Sarabha, Meda, Pramoda, Sauhatapana, essas nascidas na raça de Airavata caíram no fogo. Agora ouve, ó melhor dos brâmanes, os nomes das cobras que eu cito nascidas na raça de Kauravya: Eraka, Kundala Veni, Veniskandha, Kumaraka, Vahuka, Sringavera, Dhurtaka, Pratara e Astaka. Essas nascidas na raça de

Kauravya caíram no fogo. Agora ouve os nomes que eu menciono, em ordem, daquelas cobras dotadas da velocidade do vento e de veneno virulento, nascidas na raça de Dhritarashtra: Sankukarna, Pitharaka, Kuthara, Sukhana, e Shechaka, Purnangada, Purnamukha, Prahasa, Sakuni, Dari, Amahatha, Kumathaka, Sushena, Vyaya, Bhairava, Mundavedanga, Pisanga, Udraparaka, Rishabha, Vegavat, Pindaraka, Raktanga, Sarvasaranga, Samriddha, Patha e Vasaka, Varahaka, Viranaka, Suchitra, Chitravegika, Parasara, Tarunaka, Maniskandha e Aruni.

Ó brâmane, assim eu recitei os nomes das principais cobras amplamente conhecidas por suas façanhas, eu não sou capaz de nomear todas, o número é incontável. Os filhos dessas cobras, os filhos daqueles filhos que foram queimados, tendo caído no fogo, eu sou incapaz de mencionar. Eles são tantos! Algumas de três cabeças, algumas de sete, outras de dez, de veneno como o fogo no fim do yuga e de formas terríveis, elas foram queimadas às milhares!

Muitas outras, de corpos enormes, de grande velocidade, altas como topos de montanha, do comprimento de um yama, de um yojana, e de dois yojanas, capazes de assumir qualquer forma que desejassem e de dominar à vontade qualquer quantidade de força, de veneno como o fogo ardente, afligidas pela maldição de uma mãe, foram queimadas naquele grande sacrifício.”

58

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Escuta agora outro incidente extraordinário em relação a Astika. Quando o rei Janamejaya estava para gratificar Astika lhe concedendo o benefício, a cobra (Takshaka), jogada pelas mãos de Indra, permaneceu no meio do ar sem realmente cair. O rei Janamejaya então ficou curioso, pois Takshaka, afligido pelo medo, não caiu imediatamente no fogo embora as libações fossem despejadas de forma apropriada no fogo sacrifical Agni.”

Saunaka disse, “Ó Suta, os mantras daqueles brâmanes sábios não eram potentes, já que Takshaka não caiu no fogo?”

Sauti respondeu, “Ao inconsciente Takshaka, a melhor das cobras, depois que ele foi jogado das mãos de Indra, Astika disse três vezes, ‘fica’ ’fica’ ‘fica’. E ele conseguiu ficar nos céus, com o coração aflito, como um ser que podia ficar entre o firmamento e a terra.

O rei então, sendo repetidamente incitado por seus Sadasyas, disse, 'Que seja feito como Astika disse. Que o sacrifício termine, as cobras sejam salvas, e Astika também seja satisfeito, ó Suta, e que as tuas palavras também sejam verdadeiras.' Quando o benefício foi concedido a Astika muitas aclamações de alegria ressoaram pelo ar. Assim o sacrifício do filho de Parikshit, o rei da linhagem

Pandava, teve fim. O rei Janamejaya da família Bharata estava satisfeito, e aos Ritwiks com os Sadasyas, e a todos os que haviam ido lá, o rei deu dinheiro às centenas e aos milhares. E ao Suta Lohitaksha, conhecedor das regras de construção e fundações, que no início havia dito que um brâmane seria a causa da interrupção do sacrifício de cobras, o rei deu muita riqueza. O rei, por bondade rara, também deu a ele várias coisas, como comida e trajes, segundo o seu desejo, e ficou muitíssimo satisfeito. Então ele concluiu seu sacrifício de acordo com os ritos prescritos, e depois de tratá-lo com todo respeito o rei em alegria mandou para casa o sábio Astika extremamente satisfeito por ter alcançado o seu objetivo. E o rei disse a ele, 'Tu deves vir outra vez para tornar-te um Sadasya no meu grande sacrifício de cavalos.' E Astika disse, 'Sim' e então voltou para casa em grande alegria, tendo alcançado seu objetivo depois de agradecer ao monarca. E voltando em alegria até seu tio e sua mãe e tocando seus pés ele lhes contou como tudo tinha acontecido."

Sauti continuou, "Ouvindo tudo o que ele disse as cobras que foram lá ficaram muito encantadas, e seus medos foram aliviados. Elas estavam muito satisfeitas com Astika e pediram a ele para solicitar um benefício, dizendo, 'Ó erudito, que bem nós faremos para ti? Nós estamos muito gratos, tendo sido todos salvos por ti. O que nós realizaremos para ti, ó filho?'

Astika disse, 'Que os brâmanes, e outros homens, que, de manhã ou à noite, alegremente e com atenção, lerem o sagrado relato dessa minha ação não tenham medo de nenhum de vocês.' E as cobras em alegria disseram, 'Ó sobrinho, pela natureza da tua bênção, que seja exatamente como tu disseste. Isso que tu pediste todos nós faremos alegremente, ó sobrinho! E aqueles também que se lembrarem de Astika, Artiman e Sunitha, de dia ou durante a noite, não terão medo de cobras. Também não terá medo de cobras aquele que disser, 'Eu me lembro do famoso Astika nascido de Jaratkaru, Astika que salvou as cobras do sacrifício de cobras. Portanto, cobras afortunadas, não cabe a vocês me morderem. Mas vão embora, abençoadas sejam vocês, ou vão embora as cobras de veneno virulento, e lembrem-se das palavras de Astika depois do sacrifício de cobras de Janamejaya. Aquelas cobras que não pararem de morder depois de ouvirem tal menção a Astika terão seu capelo dividido em cem vezes como o fruto da árvore Sinsa.'"

Sauti continuou, "O principal dos brâmanes, ouvindo isso dos principais chefes das cobras reunidos, ficou muito grato. E aquele de grande alma então quis ir embora.

E aquele melhor dos brâmanes, tendo salvado as cobras do sacrifício de cobras, ascendeu para o céu quando chegou sua hora, deixando seus filhos e netos para trás.

Assim eu narrei para ti essa história de Astika exatamente como aconteceu. De fato, a recitação dessa história dissipa todo o medo de cobras."

Sauti continuou, "Ó brâmanes, ó principal da linhagem Bhrigu, como o teu antepassado Pramati alegremente a narrou ao seu filho inquiridor Ruru, e como eu

a ouvi, assim eu recitei essa história abençoada, desde o início, do erudito Astika. E, ó brâmane, ó opressor de todos os inimigos, tendo ouvido essa história sagrada de Astika que amplia a virtude, e sobre a qual tu me perguntaste depois de ouvir a história da Dundubha, que a tua curiosidade ardente esteja satisfeita."

59

Adivansavatarana Parva

Saunaka disse, "Ó filho, tu narraste para mim aquela extensa e maravilhosa história iniciando com a progênie de Bhrigu. Ó filho de Suta, eu estou muito satisfeito contido. Eu peço a ti outra vez para narrar para mim, ó filho de Suta, a história composta por Vyasa. As variadas e extraordinárias narrações que foram recitadas entre aqueles ilustres Sadasyas reunidos no sacrifício, nos intervalos de suas funções daquela longa cerimônia, e os objetos também daquelas narrações, eu desejo ouvir de ti, ó filho de Suta! Recita, portanto, tudo isso para mim de modo completo."

Sauti disse, "Os brâmanes, nos intervalos das funções, falaram de muitas coisas baseadas nos Vedas. Mas Vyasa recitou a maravilhosa e grandiosa história chamada Bharata."

Saunaka disse, "A história sagrada chamada Mahabharata, que espalha a fama dos Pandavas, que Krishna-Dwaipayana, a pedido de Janamejaya, fez ser devidamente recitada depois da conclusão do sacrifício, eu desejo ouvir exatamente. Aquela história nasceu da mente como um oceano do grande rishi de alma purificada por yoga. Ó principal dos homens de bem, narra-a para mim, pois, ó filho de Suta, a minha sede não foi saciada por tudo o que tu disseste."

Sauti disse, "Eu narrarei para ti desde o início a história excelente e maravilhosa chamada Mahabharata composta por Vyasa. Ó brâmane, escuta-a integralmente, enquanto eu a recito. Eu sinto grande prazer em recitá-la."

60

(Continuação do Adivansavatarana Parva)

Sauti disse, "Ao saber que Janamejaya estava no sacrifício de cobras o erudito rishi Krishna-Dwaipayana foi para lá na ocasião. E ele, o grande pai dos Pandavas, havia nascido em uma ilha do Yamuna, da virgem Kali com o filho de Sakti, Parasara. E aquele ilustre desenvolveu por sua própria vontade o seu corpo logo que nasceu, e dominou os Vedas e seus ramos, e todas as histórias. E ele facilmente obteve o que ninguém poderia obter por ascetismo, por estudo dos Vedas, por votos, por jejuns, por prole, e por sacrifício. E, o principal dos conhecedores do Veda, ele dividiu os Vedas em quatro partes. E o brâmane rishi tinha o conhecimento do Brahma supremo, conhecia o passado por intuição, era

santo, e apreciador da verdade. De atos sagrados e grande fama, ele gerou Pandu e Dhritarashtra e Vidura para continuar a linhagem de Santanu.

E o rishi de grande alma, com seus discípulos, todos conhecedores dos Vedas e seus ramos, entraram no pavilhão do sacrifício do sábio real, Janamejaya. E ele viu o rei Janamejaya sentado na região do sacrifício como o deus Indra, cercado por Sadasyas numerosos, por reis de vários países cujas coroas trançadas haviam sido submetidas a um banho sagrado, e por competentes Ritwiks como o próprio Brahman. E o principal da linha Bharata, o sábio nobre Janamejaya, ao ver o rishi chegando avançou rapidamente com seus seguidores e parentes em grande alegria. E o rei com a aprovação de seus Sadasyas deu ao rishi um assento dourado como Indra deu para Vrihaspati. E quando o rishi, capaz de conceder bênçãos e adorado pelos próprios rishis celestes, estava sentado, o rei dos reis o reverenciou segundo os ritos das escrituras. E o rei então ofereceu a ele, seu avô Krishna, que realmente merecia, água para lavar seus pés e boca, e o Arghya, e vacas. E, aceitando aquelas oferendas do Pandava Janamejaya e pedindo também para que as vacas não fossem mortas, Vyasa ficou muito satisfeito. E o rei depois daquelas adorações curvou-se ao seu grande antepassado, e em alegria o questionou sobre seu bem-estar. E o rishi ilustre também, lançando seus olhos sobre ele e perguntando acerca de seu bem-estar, adorou os Sadasyas, tendo sido antes adorado por todos eles. E afinal, Janamejaya, com todos os seus Sadasyas, questionou aquele principal dos brâmanes, com as palmas unidas dessa forma:

'Ó brâmane, tu viste com teus próprios olhos as ações dos Kurus e dos Pandavas. Eu desejo te ouvir recitar a história deles. Qual foi a causa da desunião entre eles e qual foi o resultado de tais atos extraordinários? Por que também aquela grande batalha que causou a morte de incontáveis criaturas ocorreu entre todos os meus avôs, sua clareza de razão sendo obscurecida pelo destino? Ó brâmane excelente, me conta integralmente como tudo isso aconteceu.'

Ao ouvir essas palavras de Janamejaya, Krishna-Dwaipayana mandou que o seu discípulo Vaisampayana se sentasse ao seu lado, dizendo, ‘A discórdia que ocorreu entre os Kurus e os Pandavas antigamente, narra tudo ao rei como tu ouviste de mim.’

Então aquele brâmane abençoado por ordem de seu preceptor recitou o total daquela história ao rei, aos Sadasyas, e a todos os comandantes lá reunidos. E ele disse a eles tudo sobre a hostilidade e a completa extinção dos Kurus e dos Pandavas.

61

(Continuação do Adivansavatarana Parva)

Vaisampayana disse, ‘Curvando-me em primeiro lugar ao meu preceptor com as oito partes do meu corpo tocando o solo, com dedicação e reverência, e de todo o coração adorando a todos os brâmanes reunidos e outras pessoas eruditas, eu recitarei integralmente o que eu ouvi do grande rishi Vyasa de grande alma, o principal dos homens inteligentes nos três mundos. E por ter chegado ao teu alcance, ó monarca, tu também és uma pessoa digna de ouvir a composição chamada Bharata. Encorajado pela ordem do meu preceptor o meu coração não sente medo.

Ouve, ó monarca, por que aquela desunião ocorreu entre os Kurus e os Pandavas, e por que também aquele exílio às florestas ocorreu imediatamente após o jogo de dados incitado pelo desejo (dos Kurus) de governar. Eu narrarei tudo a ti que pediste isso, ó melhor da família Bharata!

Após a morte de seu pai aqueles heróis (os Pandavas) foram para a sua própria casa. E dentro de pouco tempo eles se tornaram bem versados na arte de manejar arco e flecha. E os Kurus ao verem os Pandavas dotados de força física, energia e poder mental, populares também com os cidadãos, e abençoados com boa sorte, ficaram muito ciumentos. Então Duryodhana de mente desonesta, e Karna, com (o tio do primeiro) o filho de Suvala começaram a persegui-los e a planejar meios para seu exílio. Então o vil Duryodhana, guiado pelos conselhos de Sakuni (seu tio materno), perseguiu os Pandavas de várias maneiras para poder adquirir a soberania incontestável. O perverso filho de Dhritarashtra deu veneno para Bhima, mas Bhima de estômago de lobo digeriu o veneno com a comida. Então o canalha novamente amarrou Bhima adormecido na margem do Ganges e, jogando-o na água, foi embora. Mas quando Bhimasena de braços fortes, o filho de Kunti, acordou, ele rompeu as cordas com as quais ele estava atado e emergiu, sem sentir angústia. E enquanto ele estava adormecido na água serpentes negras de veneno virulento o morderam em todas as partes de seu corpo. Mas aquele matador de inimigos ainda assim não pereceu. E em todas essas perseguições aos Pandavas por seus primos, os Kurus, Vidura de grande alma atenciosamente se comprometeu a neutralizar os maus intentos e a salvar os que eram perseguidos. E como Sakra dos céus mantém em felicidade o mundo dos homens, assim Vidura sempre manteve os Pandavas a salvo do mal.

Quando Duryodhana, com vários meios, secretos e públicos, se viu incapaz de destruir os Pandavas que eram protegidos pelo destino e mantidos vivos para propósitos importantes no futuro (tal como o extermínio da linhagem Kuru), ele então reuniu seus conselheiros que eram Vrisha (Karna), Duhsasana e outros, e com o conhecimento de Dhritarashtra fizeram com que uma casa de laca fosse construída. E o rei Dhritarashtra, por afeição por seus filhos, e incitado pelo desejo de soberania, enviou os Pandavas diplomaticamente para Varanavata. E os Pandavas então saíram de Hastinapura com sua mãe. E quando eles estavam

deixando a cidade Vidura lhes deu uma ideia do perigo iminente e como eles poderiam sair dele.

Os filhos de Kunti chegaram à cidade de Varanavata e viveram lá com sua mãe. E, de acordo com a ordem de Dhritarashtra, aqueles ilustres destruidores de todos os inimigos viveram no palácio de laca, enquanto estavam na cidade. E eles viveram naquele local por um ano, se protegendo de Purochana muito atentamente. E fazendo com que uma passagem subterrânea fosse construída, agindo segundo as indicações de Vidura, eles incendiaram aquela casa de laca e queimaram Purochana, (inimigo deles e espião de Duryodhana) que morreu. Aqueles matadores de todos os inimigos, ansiosos e com medo, então fugiram com sua mãe. Nas florestas junto de uma fonte eles viram um rakshasa. Mas, alarmados com o risco que corriam de se exporem por uma ação os Pandavas fugiram na escuridão, com medo dos filhos de Dhritarashtra. E foi lá que Bhima ganhou Hidimvâ (a irmã do rakshasa que ele matou) como sua esposa, e foi dela que Ghatotkacha nasceu. Então os Pandavas, de votos rígidos e conhecedores dos Vedas, foram para uma cidade de nome Ekachakra e moraram lá no disfarce de brahmacharins. E aqueles touros entre homens moraram naquela cidade na casa de um brâmane por algum tempo, com moderação e abstinência. E foi lá que Bhima de braços poderosos enfrentou um faminto e poderoso rakshasa comedor de homens chamado Vaka. E Bhima, o filho de Pandu, aquele tigre entre homens, matou-o rapidamente com a força de seus braços e fez com que os cidadãos fossem salvos e ficassem livres do medo. Então eles souberam de Krishnâ (a princesa de Panchala), que estava disposta a escolher um marido dentre os príncipes reunidos. E, sabendo disso, eles foram para Panchala, e lá eles obtiveram a moça. E tendo obtido Draupadi (como sua esposa em comum) eles então moraram lá por um ano. E depois de se tornarem conhecidos aqueles vencedores de todos os inimigos voltaram para Hastinapura. E então o rei Dhritarashtra e o filho de Santanu (Bhishma) disseram a eles o seguinte: 'Em verdade, ó caros, desavenças não devem ocorrer entre vocês e seus primos, por isso nós decidimos que Khandavaprastha deve ser sua residência. Portanto, vão, deixando para trás todo o ciúme, para Khandavaprastha que contém muitas cidades servidas por muitas estradas amplas, para lá habitarem.' E consequentemente os Pandavas foram, com todos os seus amigos e seguidores, para Khandavaprastha levando com eles muitas joias e pedras preciosas. E os filhos de Pritha moraram lá por muitos anos. E eles trouxeram, pela força das armas, muitos príncipes sob sua submissão. E assim, estabelecendo seus corações na virtude e firmemente aderindo à verdade, não perturbados por causa de riquezas, de comportamento calmo, e eliminando numerosos males, os Pandavas gradualmente se elevaram em poder. E Bhima de grande reputação subjugou o Leste, o heroico Arjuna, o Norte, Nakula, o Oeste; Sahadeva, o Sul. E isso tendo sido feito o seu domínio espalhou sobre todo o mundo. E com os cinco Pandavas, cada um como o Sol, a Terra parecia ter seis Sóis.

Então, por alguma razão, Yudhishthira o justo, dotado de grande energia e coragem, enviou seu irmão Arjuna que era capaz de sacar o arco com a mão esquerda, estimado por ele como a própria vida, para as florestas. E Arjuna,

aquele tigre entre homens, de alma firme, e dotado de todas as virtudes, viveu nas florestas por onze anos e meses. E durante aquele período, em certa ocasião, Arjuna foi até Krishna em Dwaravati. E Vibhatsu (Arjuna) lá obteve como esposa a irmã mais nova de Vasudeva, de olhos de lótus e voz suave, de nome Subhadra. E ela uniu-se em alegria com Arjuna, o filho de Pandu, como Sachi com o grande Indra, ou Sri com o próprio Krishna. E então, ó melhor dos monarcas, Arjuna, o filho de Kunti, com Vasudeva, satisfez Agni, o carregador da manteiga sacrifical, na floresta de Khandava (por queimar as plantas medicinais daquela floresta para curar Agni de sua indigestão). E para Arjuna, ajudado como ele foi por Kesava, a tarefa não pareceu pesada de modo algum assim como nada é pesado para Vishnu, com muitos esquemas e recursos na questão de destruir seus inimigos. E Agni deu ao filho de Pritha o excelente arco Gandiva e uma aljava que era inesgotável, e uma carruagem de guerra portando a figura de Garuda em seu estandarte. E foi nessa ocasião que Arjuna salvou o grande asura (Maya) do medo (de ser consumido pelo fogo). E Maya, em agradecimento, construiu (para os Pandavas) um palácio celeste ornamentado com todo tipo de joias e pedras preciosas. E o vil Duryodhana, vendo aquela construção, foi tomado pelo desejo de possuí-la. E enganando Yudhishthira por meio dos dados jogados pelas mãos do filho de Suvala, Duryodhana mandou os Pandavas para as florestas por doze anos e um ano adicional para ser passado em segredo, desse modo totalizando um período de treze anos.

E no décimo quarto ano, ó monarca, quando os Pandavas voltaram e exigiram sua propriedade eles não a obtiveram. E então a guerra foi declarada, e os Pandavas, depois de exterminarem toda a classe de kshatriyas e de matarem o rei Duryodhana, obtiveram de volta seu reino devastado.

Essa é a história dos Pandavas que nunca agiram sob a influência de más intenções, e essa é a causa, ó principal dos monarcas vitoriosos, da desunião que terminou com a perda do reino pelos Kurus e a vitória dos Pandavas.'

62

(Continuação do Adivansavatarana Parva)

Janamejaya disse, 'Ó brâmane excelente, tu, de fato, me disseste, em resumo, a história, chamada Mahabharata, das grandes ações dos Kurus. Mas, ó tu de riqueza ascética, recita agora essa narração maravilhosa inteiramente. Eu sinto uma grande curiosidade de ouvi-la. Cabe a ti narrá-la, portanto, integralmente. Eu não estou satisfeito em ouvir em poucas palavras essa grande história. Não seria por uma causa insignificante que os virtuosos matariam aqueles que eles não teriam matado, e pelo que eles ainda são elogiados pelos homens. Por que também aqueles tigres entre homens, inocentes e capazes de se vingarem sobre seus inimigos tranquilamente, sofreram a perseguição dos perversos Kurus? Por que também, ó melhor dos brâmanes, Bhima de braços poderosos e da força de

dez mil elefantes controlou sua ira, embora injustiçado? Por que também a casta Krishnâ, a filha de Drupada, injustiçada por aqueles canalhas e capaz de queimá-los, não queimou os filhos de Dhritarashtra com seus olhos coléricos? Por que também os dois outros filhos de Pritha e os dois filhos de Madri (Nakula e Sahadeva), eles mesmos injuriados pelos Kurus, seguiram Yudhishthira que era viciado no mau hábito do jogo? Por que também Yudhishthira, o principal de todos os homens virtuosos, o filho do próprio Dharma, conhecedor de todos os deveres, sofreu aquela grande aflição? Por que também o Pandava Dhananjaya, tendo Krishna como seu quadrigário, que com suas flechas mandou para o outro mundo aquela destemida hoste de homens combatentes (sofreu tal perseguição)? Ó tu de riqueza ascética, fala de tudo isso e como isso ocorreu, e de tudo o que aqueles quadrigários poderosos realizaram.'

Vaisampayana disse, 'Ó monarca, estipula um tempo para ouvi-la. Essa história contada por Krishna-Dwaipayana é muito extensa. Todavia eu a recitarei do início. Eu repetirei o total da composição, integralmente, do ilustre e grandioso rishi Vyasa de incomensurável poder mental, e adorado em todos os mundos. Esse Bharata consiste em cem mil slokas sagrados compostos pelo filho de Satyavati, de poder mental imensurável. Aquele que o lê para outros e aquele que ouve a leitura alcançam o mundo de Brahman e se tornam iguais aos verdadeiros deuses. Esse Bharata é igual aos Vedas, é sagrado e excelente, é digno de ser ouvido por todos, e é um Purana reverenciado pelos rishis. Ele contém muitas instruções úteis sobre Artha e Kama (lucro e prazer). Essa história sagrada faz o coração desejar a salvação. Pessoas eruditas por recitarem este Veda de Krishna-Dwaipayana àqueles que são generosos, sinceros e crentes, ganham muita riqueza. Pecados, tais como matar o embrião no útero, são seguramente destruídos por este. Uma pessoa, embora cruel e pecaminosa, por ouvir esta história escapa de todos os seus pecados como o Sol de Rahu (depois do término do eclipse). Esta história é chamada de Jaya. Ela deve ser ouvida por aqueles desejosos de vitória. Um rei por ouvi-la pode trazer o mundo inteiro à sua submissão e conquistar todos os seus inimigos. Esta história em si mesma é uma ação poderosa de sacrifício expiatório, um sacrifício poderoso que produz frutos abençoados. Ela deve ser sempre ouvida por um jovem monarca com sua rainha, para então eles gerarem um filho heroico ou um filho para ocupar um trono. Esta história é a mais elevada e sagrada ciência do Dharma, Artha, e também de Moksha, isso foi dito pelo próprio Vyasa cuja mente é incomensurável. Esta história é recitada na era atual e será recitada no futuro. Aqueles que a ouvem, a leem, têm filhos e servos sempre obedientes a eles e que cumprem as suas ordens. Todos os pecados que são cometidos pelo corpo, palavra ou mente imediatamente deixam aqueles que ouvem esta história. Aqueles que ouvem, sem imperfeições em sua alma, a história do nascimento dos príncipes Bharata, não podem temer enfermidades, e muito menos temer o outro mundo.

Para estender a fama dos Pandavas de grande alma e de outros kshatriyas versados em todos os ramos de conhecimento, corajosos, e conhecidos no mundo por suas realizações, Krishna-Dwaipayana, guiado também pelo desejo de fazer bem ao mundo, compôs este trabalho que é excelente, produtivo de fama, que

concede longevidade, e é sagrado e celeste. Aquele que, desejoso de adquirir mérito religioso, faz com que esta história seja ouvida por brâmanes santos adquire grande mérito e virtude inesgotáveis. Aquele que recita a famosa geração dos Kurus fica imediatamente purificado, adquire uma grande família e se torna respeitado no mundo. O brâmane que regularmente estuda este Bharata sagrado pelos quatro meses da estação chuvosa é limpo de todos os seus pecados. Aquele que lê o Bharata pode ser considerado como alguém conhecedor dos Vedas.

Este trabalho apresenta um relato sobre os deuses e sábios reais e rishis sagrados, o impecável Kesava, o deus dos deuses, Mahadeva e a deusa Parvati, o nascimento de Kartikeya que veio da união de Parvati com Mahadeva e foi criado por muitas mães, a grandeza dos brâmanes e das vacas. Este Bharata é uma coleção de todas as Srutis, e deve ser ouvido por toda pessoa virtuosa. O homem erudito que o recita para brâmanes durante as lunações sagradas fica limpo de todos os pecados, e, não se preocupando com o céu como antes, alcança a união com Brahma. Aquele que faz com que mesmo uma única página deste poema seja ouvida por brâmanes durante a realização de um Sraddha torna esse Sraddha inesgotável, os Pitris ficando eternamente satisfeitos com os artigos uma vez oferecidos a eles. Os pecados que são cometidos diariamente por nossos sentidos ou mente, aqueles que são cometidos intencionalmente ou não por qualquer homem são todos destruídos pela audição do Mahabharata. A história do exaltado nascimento dos príncipes Bharata é chamada de Mahabharata. Aquele que conhece a etimologia desse nome é purificado de todos os seus pecados. E como essa história da família Bharata é tão extraordinária, ela, quando narrada, seguramente purifica os mortais de todos os pecados. O sábio Krishna-Dwaipayana completou sua obra em três anos. Levantando-se diariamente e se purificando e realizando suas devoções ascéticas ele compôs este Mahabharata. Portanto, ele deve ser ouvido por brâmanes com a formalidade de um voto. Aquele que recita aos outros esta narração sagrada composta por Krishna (Vyasa), e aqueles que a ouvem, em qualquer estado que ele ou eles possam estar, nunca podem ser afetados pelos frutos das ações, boas ou más. O homem desejoso de adquirir virtude deve ouvi-lo todo. Ele é equivalente a todas as histórias, e aquele que o ouve sempre obtém pureza de coração. A satisfação que alguém deriva de alcançar o céu raramente é igual à que provém de se ouvir esta história sagrada. O homem virtuoso que com reverência a ouve ou faz com que ela seja ouvida obtém o fruto do Rajasuya e do sacrifício de cavalo. Diz-se que o Bharata é como uma mina de pedras preciosas como o vasto Oceano ou a grande montanha Meru. Esta história é sagrada e excelente, e é equivalente aos Vedas, digna de ser ouvida, agradável aos ouvidos, impecável e cheia de virtude. Ó monarca, aquele que dá uma cópia do Bharata a alguém que lhe pediu faz de fato um presente de toda a terra com seus mares. Ó filho de Parikshit, esta agradável narração que dá virtude e vitória eu estou prestes a narrar em sua totalidade, escuta-a. O sábio Krishna-Dwaipayana regularmente por três anos compôs esta história extraordinária chamada Mahabharata. Ó touro entre os monarcas Bharata, qualquer coisa a respeito de virtude, riqueza, prazer e

salvação pode ser vista em outros lugares, mas algo que não esteja contido nesta história não pode ser encontrado em lugar nenhum.'

63

(Continuação do Adivansavatarana Parva)

Vaisampayana disse, ‘Havia um rei de nome Uparichara. Aquele monarca era devotado à virtude. Ele também gostava muito de caçar. Aquele rei da linhagem Paurava, chamado também de Vasu, conquistou o excelente e encantador reino de Chedi sob as ordens de Indra. Algum tempo depois o rei desistiu do uso de armas e, residindo em um retiro isolado praticou as mais severas austeridades. Os deuses com Indra à sua frente uma vez se aproximaram do monarca durante aquele período, crendo que ele procurava a autoridade dos deuses por meio daquelas austeridades severas. Os celestiais, ficando visíveis, por meio de palavras gentis conseguiram afastá-lo de suas austeridades ascéticas.

Os deuses disseram, 'Ó senhor da terra, tu deves tomar cuidado para que a virtude não sofra diminuição sobre a terra! Protegida por ti, a própria virtude em retorno protegerá o universo.' E Indra disse, 'Ó rei, protege a virtude na terra atentamente e rigidamente. Sendo virtuoso, tu, por todo o tempo (após a morte), contemplarás muitas regiões sagradas. E embora eu seja do Céu, e tu sejas da terra, ainda assim tu és meu amigo e querido para mim. E, ó rei de homens, mora naquela região sobre a terra que é encantadora, e com abundância de animais, sagrada, cheia de riquezas e cereais, bem protegida como o céu, que tem clima agradável, agraciada com todos os objetos de prazer, e abençoada com fertilidade. E, ó monarca de Chedi, esse teu domínio é cheio de riquezas, de joias e pedras preciosas, e contém, além disso, muitas riquezas minerais. As cidades dessa região são todas dedicadas à virtude, as pessoas são honestas e contentes, elas nunca mentem nem mesmo de brincadeira. Filhos nunca compartilham da riqueza de seus pais e estão sempre atentos ao bem-estar de seus pais. Bovinos magros nunca são unidos ao arado ou carroça ou impelidos a carregar mercadorias, por outro lado, eles são bem alimentados e engordados. Em Chedi as quatro classes estão sempre dedicadas às suas respectivas vocações. Que nada do que acontece nos três mundos seja desconhecido para ti. Eu te darei um carro de cristal tal como somente os celestiais são capazes de conduzir no ar. Somente tu, de todos mortais sobre a terra, dirigindo aquele melhor dos carros, percorrerás o céu como um celestial dotado de uma estrutura física. Eu também darei a ti uma guirlanda triunfal de lótus que não murcham, com a qual, em batalha, tu não serás ferido por armas. E, ó rei, esta abençoada e incomparável guirlanda, muito conhecida na terra como a guirlanda de Indra, será o teu símbolo distintivo.’

O matador de Vritra (Indra) também deu ao rei, para a sua satisfação, uma estaca de bambu para proteger os honestos e os pacíficos. Depois do término de

um ano, o rei a plantou na terra com a finalidade de adorar aquele que a deu, Sakra. Daquele tempo em adiante, ó monarca, todos os reis, seguindo o exemplo de Vasu, começaram a plantar uma estaca para a celebração do culto a Indra. Depois de erguer a estaca eles a decoravam com tecidos dourados e perfumes e guirlandas e vários ornamentos. E o deus Vasava é adorado de forma adequada com tais guirlandas e ornamentos. E o deus, para a satisfação do ilustre Vasu, assumindo a forma de um cisne, foi ele próprio aceitar o culto assim oferecido. E o deus, vendo o culto auspicioso assim feito por Vasu, o principal dos monarcas, ficou encantado, e disse a ele, 'Os homens, e os reis também, que me adorarem e alegremente celebrarem este meu festival como o rei de Chedi, terão glória e vitória para seus países e reinos. Suas cidades também se ampliarão e estarão sempre em alegria.'

O rei Vasu foi assim abençoando pelo satisfeito Maghavat, o chefe de grande alma dos deuses. De fato, os homens que fazem o festival de Sakra ser celebrado com doações de terra, de joias e pedras preciosas, se tornam respeitados no mundo. E o rei Vasu, o senhor dos Chedis concessor de benefícios, realizando grandes sacrifícios e celebrando o festival de Sakra, foi muito respeitado por Indra. E de Chedi ele governou o mundo todo virtuosamente. E para a satisfação de Indra, Vasu, o senhor dos Chedis, celebrava o festival de Indra.

E Vasu teve cinco filhos de grande energia e destreza imensurável. E o imperador instalou seus filhos como governadores de várias províncias.

E seu filho Vrihadratha foi instalado em Magadha e era conhecido pelo nome de Maharatha. Outro filho dele era Pratyagraha, e outro, Kusamva, que também se chamava Manivahana. E os outros dois eram Mavella, e Yadu de grande destreza e invencível em batalha.

Esses, ó monarca, eram os filhos daquele sábio nobre de energia poderosa. E os cinco filhos de Vasu mais tarde fundaram reinos e cidades com os seus próprios nomes e fundaram dinastias separadas que duraram por longas eras.

E quando rei Vasu tomava seu lugar naquele carro de cristal, com o presente de Indra, e percorria o céu, dele se aproximavam gandharvas e apsaras (os cantores e as dançarinas celestes). E porque ele percorria as regiões superiores ele era chamado de Uparichara. Por sua capital fluía um rio chamado Suktimati. E aquele rio foi uma vez atacado por uma montanha chamada Kolahala enlouquecida de luxúria. E Vasu, vendo a vil tentativa, bateu na montanha com o pé. E pelo entalhe causado pela batida do pé de Vasu o rio saiu (dos abraços de Kolahala). Mas a montanha gerou no rio duas crianças que eram gêmeas. E o rio, grato a Vasu para ele tê-lo livrado dos abraços de Kolahala, as deu para Vasu. E o filho foi feito o generalíssimo de seus exércitos por Vasu, aquele melhor dos sábios reais doador de riqueza e punidor de inimigos. E a filha chamada Girika foi casada com Vasu.

E Girika, esposa de Vasu, depois de seu curso menstrual, purificando-se com um banho revelou seu estado ao seu marido. Mas naquele mesmo dia os Pitris de Vasu foram àquele melhor dos monarcas e principal dos homens sábios, e

pediram a ele para matar o veado (para seu Sraddha). E o rei, pensando que a ordem dos Pitris não deveria ser desobedecida, foi caçar pensando em Girika que era dotada com grande beleza e que era como outra Sri. E a estação era a primavera, os bosques dentro dos quais o rei estava vagando eram encantadores como o jardim do próprio rei dos gandharvas. Havia Asokas e Champakas e Chutas e Atimuktas em abundância, e havia Punnagas e Karnikaras e Vakulas e Divya Patalas e Patalas e Narikelas e Chandanas e Arjunas e outras flores similares e árvores sagradas resplandecentes com flores fragrantes e frutos doces. E toda a floresta estava cheia das doces notas do kokila e ecoava com o zumbido das abelhas. E o rei foi tomado pelo desejo, e não tinha sua mulher diante dele. Enlouquecido pelo desejo ele estava vagando para lá e para cá quando viu uma bela Asoka com folhagem densa, com seus ramos cobertos de flores. E o rei sentou-se tranquilamente à sombra daquela árvore. E, excitado pela fragrância da estação e os encantadores odores das flores em volta, e excitado também pela brisa deliciosa, o rei não pode manter sua mente longe do pensamento da bela Girika. E vendo que um veloz falcão estava descansando perto dele, o rei, familiarizado com as verdades sutis do Dharma e Artha, foi até ele e disse, 'Amável, carrega esta semente (sêmen) para minha mulher Girika e a entrega a ela. Seu tempo de gerar chegou.'

O falcão, com rapidez, a pegou do rei e rapidamente percorreu o ar. Naquele momento o falcão foi visto por outro de sua espécie. Pensando que o primeiro estava carregando carne o segundo voou até ele. Os dois lutaram no céu com seus bicos. Enquanto eles estavam lutando a semente caiu nas águas do Yamuna. E naquelas águas morava uma apsara de grau superior, conhecida pelo nome de Adrika, transformada pela maldição de um brâmane em um peixe. Logo que a semente de Vasu caiu na água das garras do falcão Adrika rapidamente se aproximou e a engoliu. Aquele peixe foi, um tempo depois, pego pelos pescadores. E fazia dez meses que o peixe tinha engolido a semente. Do estômago daquele peixe saiu uma criança humana masculina e uma feminina. Os pescadores se espantaram muito, e foram ao rei Uparichara (do qual eles eram súditos) e disseram tudo a ele. Eles falaram, 'Ó rei, estes dois seres de forma humana foram achados no corpo de um peixe!' A criança masculina entre os dois foi pega por Uparichara. Aquela criança depois se tornou o virtuoso e sincero monarca Matsya.

Depois do nascimento dos gêmeos a própria apsara se livrou da maldição. Para ela tinha sido dito antes pelo ilustre, (que a havia amaldiçoado), que ela, enquanto vivesse na forma de peixe, daria nascimento a duas crianças de forma humana e então ficaria livre da maldição. Então, segundo aquelas palavras, tendo dado à luz duas crianças, e sendo morta pelos pescadores, ela deixou sua forma de peixe e assumiu a sua própria forma celeste. A apsara então se elevou no caminho trilhado pelos Siddhas, os Rishis e os Charanas.

A filha da apsara em forma de peixe e que cheirava a peixe foi então dada pelo rei aos pescadores, dizendo, ‘Que esta seja sua filha.’ Aquela menina era conhecida pelo nome de Satyavati. E dotada de grande beleza e possuidora de todas as virtudes, de sorrisos agradáveis, devido ao contato com os pescadores,

ela ficou por algum tempo com cheiro de peixe. Desejando servir ao seu pai (adotivo) ela trabalhava em um barco nas águas do Yamuna.

Enquanto ocupada naquele serviço, Satyavati foi vista um dia pelo grande rishi Parasara em seu passeio. Como ela era dotada de grande beleza, um objeto desejo até para um eremita, e de belos sorrisos, o sábio, logo que a viu, desejou tê-la. E aquele touro entre os munis dirigiu-se à filha de Vasu de beleza celeste dizendo, 'Aceita meus abraços, ó abençoada!' Satyavati respondeu, 'Ó santo, vê os rishis que estão na outra margem do rio. Vista por eles, como posso eu conceder teu desejo?'

Assim, o asceta criou um nevoeiro (que não existia antes e) que envolveu a região em escuridão total. E a moça, vendo o nevoeiro que foi criado pelo rishi ficou muito admirada. E ela indefeza ficou rubra de vergonha por timidez. E ela disse, 'Ó santo, nota que eu sou uma donzela sob o controle do meu pai. Ó impecável, por aceitar teus abraços minha virgindade será maculada. Ó melhor dos brâmanes, com minha virgindade maculada, como, ó rishi, eu voltarei para casa? De fato, eu então não serei capaz suportar a vida. Refletindo sobre tudo isso, ó ilustre, faze que deve ser feito.' Aquele melhor dos rishis, satisfeito com tudo o que ela disse, respondeu, 'Tu permanecerás virgem mesmo que realizes meu desejo. E, ó tímida, ó bela dama, pede a bênção que desejares. Ó tu de sorriso formoso, minha graça nunca antes foi infrutífera.' Assim, a moça pediu a bênção que seu corpo emitisse um perfume doce (em vez do odor de peixe que ele tinha). E o rishi ilustre realizou o desejo do coração dela.

Tendo obtido sua bênção ela ficou muito satisfeita, e seu período fértil chegou imediatamente. E ela aceitou os abraços daquele rishi de atos extraordinários. E ela daí em diante ficou conhecida entre os homens pelo nome de Gandhavati (a de doce perfume). E os homens podiam perceber seu perfume à distância de um yojana. E por isso ela foi conhecida por outro nome que era Yojanagandha (a que espalha seu perfume por um yojana em volta). E o ilustre Parasara, depois disso, foi para o seu próprio abrigo.

E Satyavati, satisfeita, tendo obtido a excelente bênção em consequência da qual ela ficou docemente perfumada e com sua virgindade imaculada, concebeu pelos abraços de Parasara. E ela deu à luz um dia, em uma ilha do Yamuna, à criança gerada nela por Parasara e dotada de grande energia. E a criança, com a permissão de sua mãe, fixou sua mente no ascetismo. E ele foi embora dizendo, 'Tão logo tu te lembres de mim quando chegar a ocasião eu aparecerei para ti.'

E foi desse modo que Vyasa nasceu de Satyavati com Parasara. E porque ele nasceu em uma ilha, ele foi chamado de Dwaipayana (Dwaipa ou nascido na ilha). E o erudito Dwaipayana, vendo que a virtude está destinada a ficar manca de uma perna a cada yuga (ela tendo quatro pernas ao todo) e que o período de vida e a força dos homens seguem os yugas, e movido pelo desejo de obter a graça de Brahman e dos brâmanes, preparou os Vedas. E por isso ele veio a ser chamado de Vyasa (o preparador ou compilador). O grande concessor de bênçãos então ensinou a Sumanta, Jaimini, Paila, seu filho Suka, e Vaisampayana, os Vedas

tendo o Mahabharata como o quinto deles. E a compilação do Bharata foi publicada por eles separadamente.

Então Bhishma, de grande energia e fama e de esplendor imensurável, e nascido das partes integrantes dos Vasus, nasceu no útero de Gangâ pelo rei Santanu. E havia um rishi de nome Animandavya de grande fama. Ele era familiarizado com as interpretações dos Vedas, era ilustre, dotado de grande energia e de ótima reputação. E, acusado de roubo, embora inocente, o velho rishi foi empalado. Ele então convocou Dharma e disse a ele estas palavras, 'Em minha infância eu perfurei um pequeno inseto em uma folha de grama, ó Dharma! Eu me lembro desse pecado, mas eu não posso me lembrar de nenhum outro. Eu tenho, no entanto, praticado milhares de penitências. Aquele pecado não foi vencido pelo meu ascetismo? E porque o assassinato de um brâmane é mais hediondo do que o de qualquer outra coisa viva tu, ó Dharma, foste pecaminoso. Tu deverás, portanto, nascer na terra na classe Sudra.' E por causa dessa maldição Dharma nasceu como Sudra na forma do erudito Vidura de corpo puro e que era perfeitamente impecável. E o Suta (Karna) nasceu de Kunti em sua virgindade por intermédio de Surya. E ele saiu do útero de sua mãe envolto em uma armadura natural e com rosto embelezado por brincos. E o próprio Vishnu, de fama mundial, e adorado por todos os mundos, nasceu de Devaki por meio de Vasudeva para o benefício dos três mundos. Ele é sem nascimento e morte, de esplendor radiante, o Criador do universo e o Senhor de tudo! De fato, ele é que é a causa invisível de tudo, que não conhece deterioração, que é alma que a tudo permeia, o centro ao redor do qual tudo se move, a substância à qual os três atributos de Sattwa, Rajas e Tamas pertencem, a alma universal, o imutável, o material do qual foi criado este universo, o próprio Criador, o senhor controlador, o habitante invisível em todo objeto, progenitor deste universo de cinco elementos, que é uno com os seis outros atributos elevados, é o Pranava ou o Om dos Vedas, é infinito, incapaz de ser movido por qualquer força além da sua própria vontade, ilustre, a encarnação do modo de vida chamado Sannyasa, que flutua nas águas antes da criação, que é a fonte da qual nasceu seu corpo poderoso, que é o grande combinador, o incriado, a essência invisível de tudo, o grande imutável, privado daqueles atributos que são perceptíveis pelos sentidos, que é o próprio universo, sem início, nascimento e decadência, possuidor de riqueza infinita, o Avô de todas as criaturas, que se encarnou na linhagem dos Andhaka-Vrishnis para aumentar a virtude.

E Satyaki e Kritavarma, conhecedores (do uso de) armas e possuidores de energia poderosa, versados em todos os ramos de conhecimento, obedientes a Narayana em tudo e competentes no uso de armas, tiveram seus nascimentos de Satyaka e Hridika. E a semente do grande rishi Bharadwaja de penitências severas, mantida em um vaso, começou a se desenvolver. E daquela semente veio Drona (o nascido do vaso). E da semente de Gautama, caída sobre uma moita de juncos, nasceram dois que eram gêmeos, a mãe de Aswatthaman (chamada Kripi), e Kripa de grande força. Então nasceu Dhrishtadyumna, do esplendor do próprio Agni, do fogo sacrifical. E o herói poderoso nasceu com o arco na mão para a destruição de Drona. E do altar sacrifical nasceu Krishnâ

(Draupadi) resplandecente e bela, de feições claras e beleza excelente. Então nasceu o discípulo de Prahlada, Nagnajit, e também Suvala. E de Suvala nasceu um filho, Sakuni, que pela maldição dos deuses tornou-se o matador de criaturas e o inimigo da virtude. E para ele também nasceu uma filha (Gandhari), a mãe de Duryodhana. E ambos eram bem versados nas artes de adquirir lucros mundanos. E de Krishna (Dwaipayana) nasceram, das esposas de Vichitravirya, Dhritarashtra, o senhor dos homens, e Pandu de grande força. E de Dwaipayana também nasceu, na casta Sudra, o sábio e inteligente Vidura, conhecedor da religião e lucro, e livre de todos os pecados. E para Pandu de suas duas esposas nasceram cinco filhos como os celestiais. O mais velho deles era Yudhishthira. E Yudhishthira nasceu de Dharma (Yama, o deus de justiça), e Bhima de estômago de lobo nasceu de Marut (o deus do vento), e Dhananjaya, abençoado com boa sorte e o principal de todos os manejadores de armas, nasceu de Indra, e Nakula e Sahadeva, de belas feições e sempre dedicados ao serviço aos seus superiores, nasceram dos gêmeos Asvins. E para o sábio Dhritarashtra nasceram cem filhos, Duryodhana e outros, e outro, chamado Yuyutsu, que nasceu de uma mulher vaisya. E entre aqueles cento e um, onze, Duhsasana, Duhsaha, Durmarshana, Vikarna, Chitrasena, Vivinsati, Jaya, Satyavrata, Purumitra, e Yuyutsu de uma mulher Vaisya, eram todos Maharathas (grandes guerreiros em carros). E Abhimanyu nasceu de Subhadra, a irmã de Vasudeva, com Arjuna, e era, portanto, o neto do ilustre Pandu. E para os cinco Pandavas nasceram cinco filhos de (sua mulher em comum) Panchali. E aqueles príncipes eram todos muito belos e conhecedores de todos ramos de conhecimento. De Yudhishthira nasceu Pritivindhya, de Vrikodara, Sutasoma, de Arjuna, Srutakirti, de Nakula, Satanika, e de Sahadeva, Srutasena de grande destreza, e Bhima, na floresta, gerou em Hidimvâ um filho de nome Ghatotkacha. E de Drupada nasceu uma filha Sikhandin que foi depois transformada em uma criança masculina. Sikhandini foi assim transformada em homem por um yaksha de nome Sthuna desejoso de fazer o bem para ela.

Naquela grande batalha dos Kurus centenas de milhares de monarcas lutaram uns contra os outros. Os nomes da incontável hoste eu seria incapaz de narrar mesmo em dez mil anos. Eu citei, no entanto, os principais que são mencionados nessa história.'

64

(Continuação do Adivansavatarana Parva)

Janamejaya disse, 'Ó brâmane, aqueles que tu citaste e aqueles que tu não citaste, eu desejo ouvir sobre eles em detalhes, como também sobre outros reis aos milhares. E, ó afortunado, cabe a ti me dizer integralmente o objetivo pelo qual aqueles Maharathas, iguais aos próprios celestiais, nasceram na terra.'

Vaisampayana disse, 'É conhecido por nós, ó monarca, que isso que tu perguntaste é um mistério até para os deuses. Eu, no entanto, falarei sobre isso,

depois de me curvar (ao Nascido por Si Mesmo). O filho de Jamadagni (Parasurama), depois de fazer a terra ser privada de kshatriyas por vinte e uma vezes, foi àquela melhor das montanhas Mahendra e lá começou a praticar suas penitências ascéticas. E naquele tempo quando a terra estava desprovida de kshatriyas as mulheres kshatriya, desejosas de prole, costumavam ir, ó monarca, aos brâmanes e brâmanes de votos rígidos, e se uniam com eles somente durante o tempo fértil feminino, mas nunca, ó rei, lascivamente ou fora da época apropriada. E as mulheres kshatriya aos milhares conceberam de tal ligação com os brâmanes. Então, ó monarca, nasceram muitos kshatriyas de grande energia, meninos e meninas, para que a linhagem kshatriya pudesse prosperar. E desse modo nasceu a classe kshatriya das mulheres kshatriya com brâmanes de penitências ascéticas. E a nova geração, abençoada com vida longa, começou a prosperar em virtude. E desse modo as quatro classes foram restabelecidas tendo os brâmanes como os principais. E todo homem naquela época procurava sua mulher durante o período fértil dela e nunca por luxúria ou fora do tempo. E, ó touro da raça Bharata, do mesmo modo, as outras criaturas também, mesmo aquelas nascidas na raça das aves iam até suas companheiras apenas durante o período apropriado. E, ó protetor da terra, centenas de milhares de criaturas nasceram, e todas eram virtuosas e começaram a se multiplicar em virtude, todas sendo livres de tristeza e doença. E, ó tu de passos de elefante, toda esta terra, tendo o oceano como seus limites, com suas montanhas e florestas e cidades, foi mais uma vez governada pelos kshatriyas. E quando a terra começou a ser outra vez governada virtuosamente pelos kshatriyas as outras classes, tendo os brâmanes como seus superiores, se encheram de grande alegria. E os reis abandonaram todos os vícios nascidos da luxúria e da raiva e aplicando castigos com justiça àqueles que mereciam eles protegiam a terra. E aquele de cem sacrifícios, possuidor também de mil olhos, vendo que os monarcas kshatriya governavam tão virtuosamente, despejava chuvas vivificantes na hora e lugar apropriados e abençoava a todas as criaturas. Então, ó rei, ninguém morria jovem, e ninguém conhecia uma mulher antes de alcançar a idade certa. E assim, ó touro da raça Bharata, a terra, até as margens do oceano, se encheu de homens que tinham todos vida longa. Os kshatriyas realizavam grandes sacrifícios concedendo muita riqueza. E todos os brâmanes estudavam os Vedas com seus ramos e as Upanishads. E, ó rei, nenhum brâmane naqueles dias vendia os Vedas (ensinava por dinheiro) ou lia em voz alta os Vedas na presença de um sudra. Os vaisyas com a ajuda de bois cultivavam a terra. E eles nunca oprimiam o próprio gado. E eles alimentavam com cuidado todo o gado que estivesse magro. Os homens nunca ordenhavam as vacas enquanto os bezerros bebiam somente o leite de suas mães (sem ainda comerem grama ou outro alimento qualquer). E nenhum comerciante naquela época vendia seus artigos com um peso falso. E, ó tigre entre homens, todas as pessoas, se mantendo nos caminhos da virtude, faziam tudo com os olhos sobre a virtude. E, ó monarca, todas as classes eram conscientes das suas respectivas funções. Assim, ó tigre entre homens, a virtude naqueles tempos nunca sofria qualquer diminuição. E, ó touro da raça Bharata, vacas e mulheres davam nascimento à sua prole no tempo certo. E as árvores davam flores e frutos devidamente segundo as estações. E assim, ó rei, a era

Krita tendo então devidamente se manifestado, toda a terra estava cheia de numerosas criaturas.

E, ó touro da raça Bharata, quando esse era o estado abençoado no mundo terrestre, os asuras, ó senhor de homens, começaram a nascer nas linhagens reais. E os filhos de Diti (Daityas) sendo repetidamente derrotados em guerra pelos filhos de Aditi (celestiais) e privados também da soberania e do céu começaram a se encarnar na terra. E, ó rei, os asuras eram possuidores de grandes poderes, e desejosos de soberania começaram a nascer na terra em várias criaturas, como vacas, cavalos, jumentos, camelos, búfalos, entre criaturas tais como rakshasas e outras, e entre elefantes e veados. E, ó protetor da terra, devido àqueles já nascidos e àqueles que estavam nascendo a terra ficou incapaz de se sustentar. E dentre os filhos de Diti e de Danu, caídos do céu, alguns nasceram na terra como reis de grande orgulho e insolência. Possuidores de grande energia, eles cobriram a terra de várias formas. Capazes de oprimir todos os inimigos, eles encheram a terra que tinha o oceano como seus limites. E por sua força eles começaram a oprimir brâmanes e kshatriyas e vaisyas e sudras e todas as outras criaturas também. Apavorando e matando todas as criaturas, eles percorriam a terra, ó rei, em bandos de centenas e milhares. Desprovidos de verdade e virtude, orgulhosos de sua força, e embriagados de insolência, eles até insultavam os grandes rishis em seus eremitérios.

E a terra, assim oprimida pelos asuras poderosos, dotados de grande força e energia e possuidores de recursos abundantes, começou a pensar em visitar Brahman. A força unida das criaturas (tais como Sesha, a Tartaruga, e o enorme Elefante), e de muitos Seshas também, tornou-se capaz de suportar a terra com suas montanhas, carregada como ela estava com o peso dos Danavas. E então, ó rei, a terra, oprimida pelo peso e aflita pelo medo, procurou a proteção do Avô de todas as criaturas. E ela viu o divino Brahman, o criador dos mundos que não conhecia deterioração, cercado pelos deuses, brâmanes e rishis notáveis grandemente afortunados, e adorado pelos encantados gandharvas e apsaras sempre dedicados ao serviço dos celestiais. E a Terra, desejosa de proteção, então descreveu tudo para ele, na presença, ó Bharata, de todos os Regentes dos Mundos. Mas, ó rei, o objetivo da Terra era conhecido antes ao Onisciente, Autocriado, e Senhor Supremo. E, ó Bharata, Criador como ele é do universo, por que ele não saberia de tudo o que há nas mentes de suas criaturas inclusive nas dos deuses e asuras? Ó rei, o Senhor da Terra, o Criador de todas as criaturas, também chamado Isa, Sambhu, Prajapati, então falou a ela. E Brahman disse, 'Ó portadora de riqueza, para a realização do objetivo pelo qual tu te aproximaste de mim eu designarei todos os habitantes dos céus.'

Vaisampayana continuou, ‘Tendo dito isso à Terra, ó rei, o divino Brahman se despediu dela. E o Criador então deu ordem a todos os deuses, dizendo: ‘Para aliviar a Terra de sua carga, vão e nasçam nela segundo as suas respectivas partes e procurem lutar (com os asuras já nascidos lá)’. E o Criador de tudo, convocando também todas as tribos de gandharvas e apsaras, falou a elas estas palavras de grande importância, ‘Vão e nasçam entre os homens segundo as suas respectivas partes nas formas que lhes convierem.’

E todos os deuses com Indra, ao ouvirem essas palavras do Senhor dos celestiais, palavras que eram verdadeiras, desejáveis sob tais circunstâncias e repletas de benefícios, as aceitaram. E eles todos tendo resolvido descer à terra em suas respectivas partes então foram até Narayana, o destruidor de todos os inimigos, em Vaikuntha, àquele que tem o disco e a maça em suas mãos, que está vestido de púrpura, que tem grande esplendor, que tem o lótus em seu umbigo, que é o matador de inimigos dos deuses, que está olhando para o seu peito largo (em postura de Yoga), que é o senhor do próprio Prajapati, o soberano de todos os deuses, de força imensa, que tem a marca do remdemoinho auspicioso em seu peito, que é o removedor de todas as faculdades e que é adorado por todos os deuses. A ele, Indra, o mais exaltado dos seres, se dirigiu, dizendo, 'Encarne-se' e Hari replicou, 'Que assim seja.'

65

Sambhava Parva

Vaisampayana disse, 'Então Indra teve uma conferência com Narayana sobre a mencionada descida na terra do céu com todos os deuses de acordo com as suas respectivas partes. E, tendo dado ordem a todos os habitantes do céu, Indra voltou da residência de Narayana. E os habitantes do céu gradualmente se encarnaram sobre a terra para a destruição dos asuras e pelo bem-estar dos três mundos. E então, ó tigre entre reis, os celestiais nasceram, de acordo com o que lhes era agradável, nas linhagens de brahmarshis e sábios nobres. E eles viram os danavas, rakshasas, gandharvas e cobras, e outros comedores de homens, e muitas outras criaturas. E, ó touro da raça Bharata, os danavas, rakshasas e gandharvas e cobras não podiam matar os celestiais encarnados nem em sua infância, de tão fortes que eles eram.'

Janamejaya disse, 'Eu desejo ouvir desde o início a respeito dos nascimentos dos deuses, dos danavas, dos gandharvas, das apsaras, homens, yakshas e rakshasas. Portanto, cabe a ti me contar sobre o nascimento de todas as criaturas.'

Vaisampayana disse, 'De fato, tendo reverenciado o Autocriado, eu te contarei em detalhes a origem dos celestiais e outras criaturas. É sabido que Brahman teve seis filhos espirituais, Marichi, Atri, Angiras, Pulastya, Pulaha e Kratu. E o filho de Marichi é Kasyapa, e de Kasyapa nasceram todas estas criaturas. Para Daksha (um dos Prajapatis) nasceram treze filhas afortunadas. As filhas de Daksha são, ó tigre entre homens e príncipe da linhagem Bharata, Aditi, Diti, Danu, Kala, Danayu, Sinhika, Krodha, Pradha, Viswa, Vinata, Kapilâ, Munî, e Kadru. Os filhos e netos delas, dotados de grande energia, são incontáveis. De Aditi nasceram os doze Adityas que são os senhores do universo. E, ó Bharata, como eles são segundo os seus nomes, eu os relatarei para ti. Eles são Dhatri, Mitra, Aryaman, Sakra, Varuna, Ansa, Vaga, Vivaswat, Usha, Savitri, Tvashtri, e Vishnu. O mais jovem, no entanto, é superior a todos eles em mérito. Diti teve um filho chamado

Hiranyakasipu. E o ilustre Hiranyakasipu teve cinco filhos, todos famosos por todas as partes do mundo. O mais velho deles todos era Prahlada, o próximo era Sahradha, o terceiro era Anuhrada, e depois deve vinham Sivi e Vashkala. E, ó Bharata, é conhecido por todos os lugares que Prahlada teve três filhos. Eles eram Virochana, Kumbha e Nikumbha. E para Virochana nasceu um filho, Vali, de grande destreza. E o filho de Vali é conhecido por ser o grande asura Vana. E, abençoado com boa sorte, Vana foi um seguidor de Rudra, e era também conhecido pelo nome de Mahakala. E Danu teve quarenta filhos, ó Bharata! Os mais velhos deles todos eram Viprachitti de grande fama, Samvara e Namuchi e Pauloman, Asiloman, e Kesi e Durjaya, Ayahsiras, Aswasiras, e o poderoso Aswasanku, também Gaganamardhan, e Vegavat, e aquele chamado Ketumat, Swarbhanu, Aswa, Aswapati, Vrishaparvan, e então Ajaka, e Aswagriva, e Sukshama, e Tuhunda de grande força, Ekapada, e Ekachakra, Virupaksha, Mahodara, e Nichandra, e Nikumbha, Kupata, e então Kapata, Sarabha, e Sulabha, Surya, e então Chandramas, esses da linhagem de Danu estão em posição de serem bem conhecidos. Surya e Chandramas (o Sol e a Lua) dos celestiais são outras pessoas, e não os filhos de Danu como acima mencionado. Os dez seguintes dotados de grande força e energia, ó rei, também nasceram na linhagem de Danu: Ekaksha, Amritapa de coragem heroica, Pralamva e Naraka, Vatrapi, Satrutapana, e Satha, o grande asura, Gavishtha e Vanayu, e o danava chamado Dirghajiva. E, ó Bharata, os filhos e os netos desses que foram conhecidos são inumeráveis. E Sinhika deu à luz Rahu, o perseguidor do Sol e da Lua, e a outros três, Suchandra, Chandrahantri, e Chandrapramardana. E a incontável prole de Krura (krodha) desonesta e perversa como ela mesma. E a tribo era colérica, de atos desonestos, e perseguidora de seus inimigos. E Danayu também teve quatro filhos que eram touros entre os asuras. Eles eram Vikshara, Vala, Vira, e Vritra o grande asura. E os filhos de Kala eram todos como o próprio Yama: castigadores de todos os inimigos. E eles tinham grande energia, e eram opressores de todos os inimigos. E os filhos de Kala eram Vinasana e Krodha, e então Krodhahantri, e Krodhasatru. E houve muitos outros entre os filhos de Kala. E Sukra, o filho de um rishi, era o sacerdote chefe dos asuras. E o célebre Sukra teve quatro filhos que eram sacerdotes dos asuras. E eles eram Tashtadhara e Atri, e dois outros de atos bravios. Eles eram como o próprio Sol em energia, e fixaram seus corações em alcançar as regiões de Brahman.

Assim foi narrado por mim, como conhecido no Purana, a respeito da prole dos deuses e dos asuras, ambas de grande força e energia. Eu sou incapaz, ó rei, de contar os descendentes desses, inúmeros como são, e que não são muito famosos.

E os filhos de Vinata eram Tarkhya e Arishtanemi, e Garuda e Aruna, e Aruni e Varuni. E Sesha ou Ananta, Vasuki, Takshaka, Kumara, e Kulika são conhecidos como os filhos de Kadru; e Bhimasena, Ugrasena, Suparna, Varuna, Gopati, e Dhritarashtra, e Suryavarchas o sétimo, Satyavachas, Arkaparna, Prayuta, Bhima, e Chitraratha conhecido pelo renome, de grande erudição, e um controlador de suas paixões, e então Kalisiras, e, ó rei, Parjanya, o décimo quarto na lista, Kali, o décimo quinto, e Narada, o décimo sexto, esses devas e gandharvas são

conhecidos como sendo os filhos de Munî (a filha de Daksha como foi mencionado antes). Eu relatarei muitos outros, ó Bharata! Anavadya Manu, Vansa, Asura, Marganapria, Anupa, Subhaga, Vasi eram as filhas de Pradha; Siddha, e Purna, e Varhin, e Purnayus de grande renome, Brahmacharin, Ratiguna, e Suparna que foi o sétimo, Viswavasu, Bhanu, e Suchandra que era o décimo eram também os filhos de Pradha. Todos esses eram gandharvas celestes. E é também conhecido que a afortunada Pradha, através do rishi celeste (Kasyapa, seu marido), deu à luz as santas apsaras, Alamvusha, Misrakesi, Vidyutparna, Tilottama, Aruna, Rakshita, Rambha, Manorama, Kesini, Suvahu, Surata, Suraja, e Supria que eram as filhas, e Ativahu e os célebres Haha e Huhu, e Tumvuru eram os filhos, os melhores dos gandharvas, de Pradha e Amrita. Os brâmanes, vacas, gandharvas, e apsaras nasceram de Kapila como declarado no Purana.

Assim foi narrado devidamente por mim para ti o nascimento de todas as criaturas, de gandharvas e apsaras, de cobras, suparnas, rudras, e Maruts, de vacas e de brâmanes abençoados, e de atos sagrados. E esse relato (se lido) estende o tempo de vida, é sagrado, digno de todo louvor, e dá prazer aos ouvidos. Ele deve ser sempre ouvido e recitado a outros, em um estado de espírito apropriado.

Aquele que lê devidamente esse relato do nascimento de todas as criaturas de grande alma na presença dos deuses e brâmanes obtém grande progênie, boa sorte e fama, e alcança também os mundos excelentes após a morte.'

66

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'É sabido que os filhos espirituais de Brahman eram os seis grandes rishis (já mencionados). Há outro de nome Sthanu. E os filhos de Sthanu, dotados de grande energia, eram, é conhecido, onze. Eles eram Mrigavayadha, Sarpa, Niriti de grande renome, Ajaikapat, Ahivradhna, e Pinaki, o opressor de inimigos, Dahana e Iswara, e Kapali de grande esplendor, e Sthanu, e o ilustre Bharga. Eles são chamados de os onze Rudras. Já foi dito que Marichi, Angiras, Atri, Pulastya, Pulaha, e Kratu, esses seis rishis de grande energia, são os filhos de Brahman. É bem sabido no mundo que os filhos de Angiras são três, Vrihaspati, Utathya, e Samvarta, todos de votos rígidos. E, ó rei, é dito que os filhos de Atri foram numerosos. E, sendo grandes rishis, eles eram todos conhecedores dos Vedas, coroados com êxito ascético, e de almas em perfeita paz. E, ó tigre entre reis, os filhos de Pulastya de grande sabedoria são rakshasas, macacos, kinnaras (metade homens e metade cavalos), e yakshas. E, ó rei, os filhos de Pulaha foram, é dito, os Salabhas (os insetos alados), leões, os kimpurushas (meio leões e meio homens), os tigres, ursos, e lobos. E os filhos de Kratu, sagrados como sacrifícios, eram os companheiros de Surya, (os Valikhilyas), conhecidos nos três mundos como devotados à verdade e votos. E, ó protetor da Terra, o ilustre rishi Daksha, de alma em paz completa, e de grande

ascetismo, nasceu do dedo do pé direito de Brahman. E do dedo esquerdo do pé de Brahman nasceu a mulher de Daksha de grande alma. E o muni gerou nela cinquenta filhas, e todas essas filhas tinham feições e membros perfeitos e olhos como pétalas de lótus. E o senhor Daksha, não tendo quaisquer filhos, fez daquelas filhas suas Putrikas (para que os filhos delas pudessem pertencer tanto a ele próprio quando aos maridos delas). E Daksha entregou, segundo as leis sagradas, dez das suas filhas a Dharma, vinte e sete a Chandra (a lua), e treze a Kasyapa. Ouve enquanto eu relaciono as esposas de Dharma segundo os seus nomes. Elas são dez ao todo, Kirti, Lakshmi, Dhriti, Medha, Pushti, Sraddha, Kria, Buddhi, Lajja, e Mali. Essas são as esposas de Dharma como nomeadas pelo Autocriado. É conhecido também por todo o mundo que as esposas de Soma (lua) são vinte e sete. E as esposas de Soma, todas de votos sagrados, são empregadas no tempo indicado, e elas são as Nakshatras e as Yoginis e elas se tornam assim para ajudar no progresso dos mundos.

E Brahman teve outro filho de nome Manu. E Manu teve um filho de nome Prajapati. E os filhos de Prajapati eram oito e eram chamados de Vasus, os quais eu citarei em detalhes. Eles eram Dhara, Dhruva, Soma, Aha, Anila, Anala, Pratyusha e Prabhasa. Esses oito são conhecidos como os Vasus. Deles, Dhara e Dhruva conhecedores da verdade nasceram de Dhumra; Chandramas (Soma) e Swasana (Anila) nasceram do inteligente Swasa; Aha era filho de Rata, e Hutasana (Anala) de Sandilya; e Pratyusha e Prabhasa eram os filhos de Prabhata. E Dhara teve dois filhos, Dravina e Huta-havya-vaha. E o filho de Dhruva é o ilustre Kala (tempo), o destruidor dos mundos. E o filho de Soma é o resplandecente Varchas. E Varchas gerou em sua mulher Manohara três filhos, Sisira e Ramana. E os filhos de Aha eram Jyotih, Sama, Santa, e também Muni. E o filho de Agni era o belo Kumara nascido em uma floresta de juncos. E, ele é também chamado de Kartikeya porque ele foi criado por Krittika e outras. E, depois de Kartikeya nasceram seus três irmãos Sakha, Visakha, Naigameya. E a mulher de Anila é Siva, e os filhos de Siva eram Manojava e Avijnataagati. Esses dois eram os filhos de Anila. O filho de Pratyusha, tu deves saber, é o rishi de nome Devala, e Devala teve dois filhos que eram ambos extremamente bondosos e de grande poder mental. E a irmã de Vrihaspati, a principal das mulheres, proferindo a verdade sagrada, dedicada a penitências ascéticas, vagou por toda a terra, e ela se tornou esposa de Prabhasa, o oitavo Vasu. E ela deu à luz o ilustre Viswakarman, o fundador de todas as artes. Ele foi o iniciador de mil artes, o engenheiro dos imortais, o fabricante de todos os tipos de ornamentos, e o principal dos artistas. E foi ele que construiu os carros celestes dos deuses, e é permitido à humanidade viver em consequência das invenções desse ilustre. E ele é adorado, por essa razão, pelos homens. E ele é eterno e imutável, Viswakarman.

E o ilustre Dharma, o distribuidor de toda felicidade, assumindo a forma de um ser humano, saiu pelo peito direito de Brahman. E Ahasta (Dharma) teve três filhos excelentes capazes de encantar qualquer criatura. E eles são Sama, Kama, Harsha (Paz, Desejo e Alegria). E com sua energia eles estão sustentando os

mundos. E a mulher de Kama é Rati, de Sama é Prapti, e a mulher de Harsha é Nanda. E deles, de fato, os mundos dependem.

E o filho de Marichi é Kasyapa. E a prole de Kasyapa são os deuses e os asuras. E, portanto, Kasyapa é o Pai dos mundos. E Tvashtrî, na forma de Vadava (uma Égua), tornou-se a mulher de Savitri. E ela deu nascimento, nos céus, a gêmeos imensamente afortunados, os Asvins. E, ó rei, os filhos de Aditi são doze com Indra liderando-os todos. E o mais jovem deles todos é Vishnu do qual os mundos dependem.

Esses são os trinta e três deuses (os oito Vasus, os onze Rudras, os doze Adityas, Prajapati e Vashatkara). Eu agora relatarei sua progênie segundo seus Pakshas, Kulas e Ganas. Os Rudras, os Saddhyas, os Maruts, os Vasus, os Bhargavas, e os Viswedevas são contados cada um como um Paksha. Garuda, o filho de Vinata, e o poderoso Aruna também, e o ilustre Vrihaspati são contados entre os Adityas. Os gêmeos Asvins, todas as plantas anuais, e todos os animais inferiores são contados entre os Guhyakas.

Esses são os Ganas dos deuses narrados para ti, ó rei! Essa narração lava os homens de todos os pecados.

O ilustre Bhrigu apareceu rompendo o peito de Brahman. O erudito Sukra é filho de Bhrigu. E o erudito Sukra tornando-se um planeta e agindo segundo a ordem do Autoexistente ao derramar e reter a chuva, e em dispensar e cancelar calamidades, percorre, para sustentar as vidas de todas as criaturas nos três mundos, os céus. E o erudito Sukra, de grande inteligência e sabedoria, de votos rígidos, levando a vida de um brahmacharin, dividiu-se em dois pelo poder do ascetismo, e tornou-se o guia espiritual dos daityas e dos deuses. E depois de Sukra ser assim empregado por Brahman na busca do bem-estar (dos deuses e asuras), Bhrigu gerou outro filho excelente. Esse era Chyavana que era como o sol ardente, de alma virtuosa, e de grande renome. E ele saiu do útero de sua mãe com fúria e tornou-se a causa da libertação de sua mãe, ó rei (das mãos dos rakshasas). E Arushi, a filha de Manu, tornou-se a mulher do sábio Chyavana. E nela foi gerado Aurva de grande reputação. E ele apareceu rompendo a coxa de Arushi. E Aurva gerou Richika. E Richika mesmo em sua juventude possuía grande poder e energia e todas as virtudes. E Richika gerou Jamadagni. E Jamadagni de grande alma teve quatro filhos. E o mais novo deles era Rama (Parasurama). E Rama era superior a todos os seus irmãos na posse de boas qualidades. E ele era habilidoso com todas as armas e se tornou o matador dos kshatriyas. E ele tinha suas paixões sob controle completo. E Aurva teve cem filhos sendo Jamadagni o mais velho. E aqueles cem filhos tiveram uma prole de milhares que se espalhou sobre essa terra.

E Brahman teve dois outros filhos, Dhatri e Vidhatri, que ficaram com Manu. A irmã deles é a auspiciosa Lakshmi que tem sua residência em meio aos lótus. E os filhos espirituais de Lakshmi são os cavalos que percorrem o céu. E a filha nascida de Sukra, de nome Divi, tornou-se a mulher mais velha de Varuna. Dela nasceu um filho de nome Vala e uma filha chamada Sura (vinho), para a alegria

dos deuses. E Adharma (pecado) nasceu quando as criaturas (por falta de comida) começaram a devorar umas às outras. E Adharma sempre destrói todas as criaturas. E Adharma teve Niriti como sua mulher, por isso os rakshasas são chamados Nairitas (prole de Niriti). E ela também teve outros três filhos cruéis sempre envolvidos em atos pecaminosos. Eles são Bhaya (medo), Mahabhaya (terror), e Mrityu (morte) que está sempre empenhado em matar todas as coisas criadas. E, como ele é o destruidor, ele não teve nenhuma mulher e nenhum filho. E Tamra deu à luz cinco filhas conhecidas em todos os mundos. Elas são Kaki (corvo), Syeni (falcão), Phasi (galinha), Dhritarashtri (ganso), e Suki (papagaio). E Kaki deu à luz os corvos, Syeni, os falcões, os galos e abutres, Dhritarashtri, a todos os patos e cisnes, e ela também deu à luz todos os Chakravakas, e a formosa Suki, de qualidades amáveis, e que possuía todos os sinais auspiciosos, deu à luz todos os papagaios. E Krodha deu à luz nove filhas, todas de temperamento colérico. E seus nomes eram Mrigi, Mrigamanda, Hari, Bhadramana, Matangi, Sarduli, Sweta, Surabhi, e a agradável Surasa abençoada com todas as virtudes. E, ó principal dos homens, a prole de Mrigi são todos os animais da espécie do veado. E a prole de Mrigamanda são todos os animais da espécie do urso e chamados Srimara (de passos graciosos). E Bhadramana gerou o elefante celeste, Airavata. E a prole de Hari são todos os animais da espécie dos símios dotados de grande energia, assim também como todos os cavalos. E daqueles animais também, que são chamados Go-langula (de rabo de vaca), se diz que é a prole de Hari. E Sarduli gerou leões e tigres em grandes números, e também leopardos e todos os outros animais fortes. E, ó rei, a prole de Matangi são todos os elefantes. Sweta gerou o grande elefante conhecido pelo nome de Sweta, dotado de grande velocidade. E, ó rei, Surabhi deu à luz duas filhas, a amável Rohini e a famosa Gandharvi. E, ó Bharata, ela teve também duas outras filhas chamadas Vimala e Anala. De Rohini nasceram todas as vacas, e de Gandharvi todos os animais da espécie do cavalo. E Anala gerou as sete espécies de árvores que produzem frutas polpudas. (Elas são a tamareira, a palmeira, a hintala, a tali, a pequena tamareira, a noz, e o coqueiro). E ela teve também outra filha chamada Suki (a mãe das espécies de papagaios). E Surasa deu à luz um filho chamado Kanka (uma espécie de ave de longa plumagem). E Syeni, a mulher de Aruna, deu à luz dois filhos de grande energia e força, de nome Sampati e o poderoso Jatayu. Surasa também deu à luz os nagas, e Kadru, os punnagas (cobras). E Vinata teve dois filhos, Garuda e Aruna, muito conhecidos por toda parte. E, ó rei de homens, ó principal dentre os homens inteligentes, assim a genealogia de todas as principais criaturas foi completamente descrita por mim. Por escutá-la um homem é completamente limpo de todos os pecados, adquire grande conhecimento, e finalmente alcança o principal dos estados depois da vida!'

67

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, ‘Ó adorável, eu desejo ouvir de ti em detalhes sobre o nascimento, entre os homens, dos deuses, danavas, gandharvas, rakshasas, leões, tigres, e outros animais, das cobras, aves, e realmente, de todas as criaturas. Eu desejo também ouvir a respeito das ações e realizações deles, na devida ordem, depois que eles se encarnaram em formas humanas.’

Vaisampayana disse, 'Ó rei de homens, eu primeiro direi a ti tudo sobre aqueles celestiais e danavas que nasceram entre os homens. O principal dos danavas, que era conhecido pelo nome de Viprachitti, tornou-se aquele touro entre os homens, citado como Jarasandha. E, ó rei, o filho de Diti que era conhecido como Hiranyakasipu foi conhecido neste mundo entre os homens como o poderoso Sisupala. Aquele que tinha sido conhecido como Samhlada, o irmão mais novo de Prahlada, tornou-se entre os homens o famoso Salya, o touro entre os Valhikas. O corajoso Anuhlada que era o mais jovem tornou-se célebre no mundo como Dhrishtaketu. E, ó rei, aquele filho de Diti que era conhecido como Sivi tornou-se sobre a terra o famoso monarca Druma. E aquele que era conhecido como o grande asura Vashkala tornou-se na terra o grande Bhagadatta. Os cinco grandes asuras dotados de grande energia, Ayahsira, Aswasira, o corajoso Aysanku, Gaganamurdhan e Vegavat nasceram todos na linhagem real de Kekaya e tornaram-se grandes monarcas. Aquele outro asura de energia poderosa que era conhecido pelo nome de Ketumat se tornou na terra o monarca Amitaujas de atos terríveis. Aquele grande asura que era conhecido como Swarbhanu tornou-se sobre a terra o monarca Ugrasena de atos corajosos. O grande asura que era conhecido como Aswa tornou-se sobre a terra o monarca Asoka de excelente energia e invencível em batalha. E, ó rei, o irmão mais novo de Aswa que era conhecido como Aswapati, um filho de Diti, tornou-se na terra o poderoso monarca Hardikya. O grande e afortunado asura que era conhecido como Vrishaparvan tornou-se conhecido na terra como o rei Dirghaprajna. E, ó rei, o irmão mais novo de Vrishaparvan que era conhecido pelo nome de Ajaka tornou-se conhecido na terra como o rei Salwa. O poderoso asura que era conhecido como Aswagriva tornou-se conhecido na terra como o rei Rochamana. E, ó rei, o asura que era conhecido como Sukshma, dotado de grande inteligência e cujas realizações também foram grandes, tornou-se na terra o famoso rei Vrihadratha. E aquele principal dos asuras que era conhecido pelo nome de Tuhunda tornou-se conhecido na terra como o monarca Senavindu. Aquele asura de grande força que era conhecido como Ishupa tornou-se o monarca Nagnajita de famosa coragem. O grande asura que era conhecido como Ekachakra tornou-se conhecido na terra como Pritivindhya. O grande asura Virupaksha capaz de exibir vários modos de luta tornou-se conhecido na terra como o rei Chitravarman. O principal dos danavas, o heroico Hara, que rebaixava o orgulho de todos os inimigos se tornou na terra o famoso e afortunado Suvahu. O asura Suhtra de grande energia e destruidor de inimigos se tornou conhecido sobre a terra como o afortunado monarca Munjakesa. Aquele asura de grande inteligência chamado Nikumbha,

que nunca foi vencido em batalha, nasceu na terra como o rei Devadhipa, o principal entre os monarcas. Aquele grande asura conhecido entre os filhos de Diti pelo nome de Sarabha tornou-se na terra o sábio real chamado Paurava. E, ó rei, o grande asura de energia excelente, o afortunado Kupatha, nasceu na terra como o famoso monarca Suparswa. O grande asura, ó rei, que se chamava Kratha nasceu sobre a terra como o sábio nobre Parvateya de forma resplandecente como uma montanha dourada. Aquele entre os asuras que era conhecido como Salabha o segundo tornou-se sobre a terra o monarca Prahlada no país dos Valhikas. O principal entre os filhos de Diti conhecido pelo nome de Chandra e belo como o próprio senhor das estrelas se tornou conhecido sobre a terra como Chandravarman, o rei dos Kamvojas. Aquele touro entre os danavas que era conhecido pelo nome de Arka tornou-se na terra, ó rei, o sábio real Rishika. Aquele melhor dos asuras que era conhecido como Mritapa tornou-se na terra, ó melhor dos reis, o monarca Pascimanupaka. Aquele grande asura de energia insuperável conhecido como Garishtha se tornou conhecido na terra como o rei Drumasena. O grande asura que era conhecido como Mayura se tornou conhecido na terra como o monarca Viswa. Aquele que era o irmão mais novo de Mayura e chamado Suparna se tornou conhecido sobre a terra como o monarca Kalakirti. O asura poderoso que era conhecido como Chandrahantri se tornou na terra o sábio real Sunaka. O grande asura que se chamava Chandravinasana se tornou conhecido na terra como o monarca Janaki. Aquele touro entre os Danavas, ó príncipe da linhagem Kuru, que era chamado Dhirghajihva se tornou conhecido na terra como Kasiraja. Graha que nasceu de Sinhika e que perseguiu o Sol e a Lua se tornou conhecido na terra como o monarca Kratha. O mais velho dos quatro filhos de Danayu, que era conhecido pelo nome de Vikshara, se tornou conhecido na terra como o corajoso monarca Vasumitra. O segundo irmão de Vikshara, o grande asura, nasceu na terra como o rei do país chamado Pandya. Aquele melhor dos asuras que era conhecido pelo nome de Valina se tornou na terra o monarca Paundramatsyaka. E, ó rei, aquele grande asura era conhecido como Vritra se tornou na terra o sábio real conhecido pelo nome de Manimat. Aquele asura que era o irmão mais novo de Vritra e conhecido como Krodhahantri se tornou conhecido na terra como o rei Danda. Aquele outro asura que era conhecido pelo nome de Krodhavardhana se tornou conhecido na terra como o monarca Dandadhara. Os oito filhos dos Kaleyas que nasceram na terra todos se tornaram grandes reis da bravura de tigres. O mais velho deles se tornou o rei Jayatsena em Magadha. O segundo deles, que em destreza era como o próprio Indra, se tornou conhecido na terra como Aparajita. O terceiro deles, dotado de grande energia e poder de produzir ilusão, nasceu sobre a terra como o rei dos Nishadas dotado de grande heroísmo. Aquele outro entre eles que era o quarto se tornou conhecido na terra como Srenimat, aquele melhor dentre os sábios nobres. Aquele grande asura entre eles que era o quinto se tornou conhecido sobre a terra como o rei Mahanjas, o opressor de inimigos. Aquele grande asura possuidor de grande inteligência que era o sexto deles se tornou conhecido na terra como Abhiru, aquele melhor dos sábios reais. O sétimo deles ficou conhecido por toda a terra, do centro ao mar, como o rei Samudrasena bem familiarizado com as verdades das escrituras. O oitavo dos Kaleyas conhecido como Vrihat se tornou na terra um rei virtuoso sempre dedicado ao bem de todas as criaturas. O

poderoso danava conhecido pelo nome de Kukshi se tornou conhecido sobre a terra como Parvatiya por seu brilho como o de uma montanha dourada. O poderoso asura Krathana dotado de grande energia se tornou conhecido na terra como o monarca Suryaksha. O grande asura de belas feições conhecido pelo nome de Surya se tornou sobre a terra o monarca dos Valhikas de nome Darada, o principal de todos os reis. E, ó rei, da tribo de asuras chamada Krodhavasa, sobre a qual eu já te falei, nasceram muitos reis heroicos sobre a terra. Madraka e Karnaveshta, Siddhartha, e também Kitaka, Suvira, e Suvahu, e Mahavira, e também Valhika, Kratha, Vichitra, Suratha, e o belo rei Nila, e Chiravasa, e Bhumipala, e Dantavakra, e aquele que se chamava Durjaya, aquele tigre entre os reis chamado Rukmi, e o rei Janamejaya, Ashada, e Vayuvega, e também Bhuritejas, Ekalavya, e Sumitra, Vatadhana, e também Gomukha, a tribo de reis chamados Karushakas, e também Khemadhurti, Srutayu, e Udvaha, e também Vrihatsena, Kshema, Ugratirtha, o rei dos Kalingas, e Matimat, e aquele que era conhecido como o rei Iswara, esses principais entre os reis todos nasceram da classe asura chamada Krodhavasa.

Havia também nascido na terra um poderoso asura conhecido entre os danavas pelo nome de Kalanemi, dotado de grande força, de grandes realizações, e abençoado com muita prosperidade. Ele se tornou o poderoso filho de Ugrasena e foi conhecido na terra pelo nome de Kansa. E aquele que era conhecido entre os asuras pelo nome de Devaka e que, além disso, tinha um esplendor como o do próprio Indra, nasceu sobre a terra como o principal rei dos gandharvas. E, ó monarca, saibas que Drona, o filho de Bharadwaja, não nasceu de nenhuma mulher, nasceu de uma porção do rishi celeste Vrihaspati de grandes realizações. E ele foi o príncipe de todos os arqueiros, conhecedor de todas as armas, de realizações poderosas, de grande energia. Tu deves saber também que ele conhecia bem os Vedas e a ciência de armas. E ele fez atos extraordinários e foi o orgulho da sua linhagem. E, ó rei, seu filho o heroico Aswatthaman, de olhos como pétalas de lótus, dotado de energia insuperável, e o terror de todos inimigos, o grande opressor de todos os inimigos, nasceu na terra das porções unidas de Mahadeva, Yama, Kama e Krodha. E pela maldição de Vasishtha e também pela ordem de Indra os oito Vasus nasceram de Gangâ com seu marido Santanu. O mais jovem deles era Bhishma, o dissipador dos temores dos Kurus, dotado de grande inteligência, conhecedor dos Vedas, o principal dos oradores, e aquele que diluía as tropas do inimigo. E possuidor de energia imensa e o principal entre todos os conhecedores de armas ele lutou com o próprio Rama ilustre, o filho de Jamadagni da linhagem Bhrigu. E, ó rei, aquele sábio Brahman que, sobre a terra, foi conhecido pelo nome de Kripa e era a encarnação de toda a virilidade nasceu da tribo dos Rudras. E o poderoso guerreiro em carruagem e rei que na terra era conhecido pelo nome de Sakuni, aquele triturador de inimigos, tu deves saber, ó rei, era o próprio Dwapara (o terceiro yuga). E aquele que era Satyaki de pontaria certeira, aquele protetor do orgulho da linhagem Vrishni, aquele opressor de inimigos, foi gerado da porção dos deuses chamados Maruts. E aquele sábio real Drupada que na terra foi um monarca, o principal entre todos os manejadores de armas, nasceu também da mesma tribo de celestiais. E, ó rei, tu deves saber também que Kritavarman, aquele príncipe entre os homens, de atos insuperáveis,

e o principal dentre todos os touros entre os kshatriyas, nasceu da mesma porção dos celestiais. E aquele sábio real também, de nome Virata, o destruidor dos reinos de outros, e o grande opressor de todos os inimigos, nasceu da mesma porção dos deuses. Aquele filho de Arishta que era conhecido pelo nome de Hansa nasceu na linhagem Kuru e se tornou o monarca dos gandharvas. Aquele que era conhecido como Dhritarashtra nasceu da semente de Krishna-Dwaipayana, e dotado de braços longos e grande energia, também um monarca, de visão profética, se tornou cego por causa do erro de sua mãe e da cólera do rishi. Seu irmão mais novo que possuía grande força e que era realmente um grande ser conhecido como Pandu, dedicado à verdade e virtude, era a própria Pureza. E, ó rei, tu deves saber que aquele que era conhecido na terra como Vidura, que era o principal de todos os homens virtuosos, que era o próprio deus da Justiça, era o excelente e imensamente afortunado filho do rishi Atri. O rei perverso Duryodhana, o destruidor da fama justa dos Kurus, nasceu na terra de uma porção de Kali. Ele que foi o causador da morte de todas as criaturas e da devastação da terra, foi ele quem atiçou a chama de hostilidade que no final consumiu a todos. Aqueles que tinham sido os filhos de Pulastya (os rakshasas) nasceram sobre a terra entre os homens como os irmãos de Duryodhana, aqueles cem indivíduos vis começando com Duhasasana como seu primeiro. E, ó touro entre os príncipes Bharata, Durmukha, Duhsaha, e outros que eu não menciono, que sempre apoiaram Duryodhana (em todas as suas intrigas), foram, de fato, os filhos de Pulastya. E além desses cem Dhritarashtra teve um filho chamado Yuyutsu nascido de uma mulher Vaisya.'

Janamejaya disse, 'Ó ilustre, me dize os nomes dos filhos de Dhritarashtra segundo a ordem de seu nascimento iniciando do mais velho.'

Vaisampayana disse, 'Ó rei, eles são: Duryodhana, e Yuyutsu, e também Duhsasana, Duhsaha e Duhshala, e então Durmukha, Vivinsati, e Vikarna, Jalasandha, Sulochna, Vinda e Anuvinda, Durdharsha, Suvahu, Dushpradharshana, Durmarshana, e Dushkarna, e Karna, Chitra e Vipachitra, Chitraksha, Charuchitra, e Angada, Durmada, e Dushpradharsha, Vivitsu, Vikata, Sama, Urananabha, e Padmanabha, Nanda e Upanandaka, Sanapati, Sushena, Kundodara, Mahodara, Chitravahu, e Chitravarman, Suvarman, Durvirochana, Ayovahu, Mahavahu, Chitrachapa e Sukundala, Bhimavega, Bhimavala, Valaki, Bhimavikrama, Ugrayudha, Bhimaeara, Kanakayu, Dridhayudha, Dridhavarman, Dridhakshatra Somakirti, Anadara, Jarasandha, Dridhasandha, Satyasandha, Sahasravaeh, Ugrasravas, Ugrasena, e Kshemamurti, Aprajita, Panditaka, Visalaksha, Duradhara, Dridhahasta, e Suhasta, Vatavega, e Suvarchasa, Adityaketu, Vahvasin, Nagadatta e Anuyaina, Nishangi, Kuvachi, Dandi, Dandadhara, Dhanugraha, Ugra, Bhimaratha, Vira, Viravahu, Alolupa, Abhaya, e Raudrakarman, também aquele que era Dridharatha, Anadhrishya, Kundaveda, Viravi, Dhirghalochana, Dirghavahu, Mahavahu, Vyudhoru, Kanakangana, Kundaja e Chitraka. Houve também uma filha chamada Duhsala além dos cem. E havia também Yuyutsu que era filho de Dhritarashtra com uma mulher vaisya, além dos cem. Assim, ó rei, eu recitei os nomes dos cem filhos e também o da filha (de Dhritarashtra). Tu conheces agora os seus nomes segundo a ordem dos seus

nascimentos. Todos foram heróis e grandes guerreiros em carros, e hábeis na arte da guerra. Além disso, todos eles eram versados nos Vedas, e, ó rei, todos tinham conhecido as escrituras. Todos eram poderosos em ataque e defesa, e todos eram dotados de erudição. E, ó monarca, todos tinham esposas convenientes para eles em graça e talentos. E, ó rei, quando chegou o momento o monarca Kaurava entregou sua filha Duhsala para Jayadratha, o rei dos Sindhus, de acordo com os conselhos de Sakuni.

E, ó monarca, saibas que o rei Yudhishthira era uma porção de Dharma, que Bhimasena o era do deus do vento, que Arjuna era de Indra, o chefe dos celestiais, e que Nakula e Sahadeva, os mais belos entre todas as criaturas, inigualáveis em beleza na terra, eram da mesma maneira porções dos gêmeos Asvins. E aquele que era conhecido como o poderoso Varchas, o filho de Soma, tornou-se Abhimanyu de atos extraordinários, o filho de Arjuna. E antes da sua encarnação, ó rei, o deus Soma disse estas palavras aos celestiais, 'Eu não posso dar (me desfazer do) meu filho. Ele é mais caro para mim do que a própria vida. Que seja este o pacto e que não seja violado: a destruição dos asuras na terra é o trabalho dos celestiais, e, portanto, é nosso trabalho também. Que Varchas, portanto, vá para lá, mas que não fique por muito tempo. Nara, cujo companheiro é Narayana, nascerá como filho de Indra e de fato, será conhecido como Arjuna, o filho poderoso de Pandu. Este meu menino será o filho dele e se tornará um poderoso guerreiro em carro em sua juventude. E o deixem, ó melhores dentre os imortais, ficar na terra por dezesseis anos. E quando ele chegar ao décimo sexto ano se realizará a batalha na qual todos os que nasceram de suas porções realizarão a destruição dos guerreiros poderosos. Mas certa batalha ocorrerá sem Nara e Narayana (que não tomarão parte nisso). E, de fato, as suas porções, ó celestiais, lutarão, tendo feito aquela disposição de tropas que é conhecida pelo nome de Chakra-vyuha. E meu filho obrigará todos inimigos a recuarem diante dele. O menino de braços poderosos tendo penetrado na impenetrável formação militar se colocará dentro dela sem medo e enviará uma quarta parte da força hostil, no decurso de metade de um dia, às regiões do rei dos mortos. Então quando inúmeros heróis e poderosos guerreiros em carros voltarem do dever no fim do dia o meu menino de braços poderosos reaparecerá diante de mim. E ele gerará um filho heroico em sua linhagem, que continuará a quase extinta linhagem Bharata.' Ouvindo essas palavras de Soma, os habitantes do céu responderam, 'Que assim seja.' E então todos juntos aplaudiram e reverenciaram (Soma) o rei das estrelas. Assim, ó rei, eu recitei para ti (os pormenores do) nascimento do pai do teu pai.

Saibas também, ó monarca, que o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna era uma parte de Agni. E saibas também que Sikhandin, que foi a princípio uma mulher, era um rakshasa. E, ó touro da raça Bharata, os que se tornaram os cinco filhos de Draupadi, aqueles touros entre os príncipes Bharata, eram os celestiais conhecidos como Viswas. Seus nomes eram Pritivindhya, Sutasoma, Srutakirti, Satanika, Nakula e Srutasena, dotados de energia poderosa.

Sura, o principal dos Yadus, foi o pai de Vasudeva. Ele teve uma filha chamada Pritha, que por sua beleza era inigualável sobre a terra. E Sura, tendo prometido

na presença do fogo que daria seu primogênito para Kuntibhoja, o filho de sua tia paterna, que não tinha descendentes, deu sua filha ao monarca na expectativa de sua proteção. Kuntibhoja então fez dela sua filha. E ela se tornou, desde então, na casa de seu pai (adotivo), dedicada a servir aos brâmanes e convidados. Um dia ela teve que atender o colérico asceta de votos rígidos, de nome Durvasa, conhecedor da verdade e dos mistérios da religião. E Pritha com todo o cuidado possível satisfez o colérico rishi de alma sob controle completo. O santo, satisfeito com as atenções outorgadas a si pela moça, disse a ela, 'Eu estou satisfeito contigo, ó afortunada! Por meio deste mantra (que eu estou prestes a te dar), tu poderás convocar (para o teu lado) qualquer celestial que desejares. E, por sua graça, tu também obterás filhos.' Assim, a menina (pouco tempo depois), tomada de curiosidade, convocou, durante o tempo de sua virgindade, o deus Surya. E o senhor da luz a fez conceber e gerou nela um filho que se tornou o principal de todos os manejadores de armas. Por medo de seus parentes ela deu à luz sob sigilo àquela criança que nasceu com brincos e armadura. E ele era dotado da beleza de um bebê celeste, e em esplendor era como o próprio criador do dia. E todo o seu corpo era simétrico e bem adornado. E Kunti lançou a criança bonita à água. Mas a criança assim jogada na água foi pega pelo excelente marido de Radha e dado por ele à sua mulher para ser adotado como filho. E o casal deu a ele o nome de Vasusena, por qual título o menino logo se tornou conhecido por todos sobre a terra. E, quando ele cresceu, ele ficou muito forte e era excelente em todas as armas. A principal dentre todas as pessoas de sucesso, ele logo dominou todas as ciências. E quando aquele ser inteligente que tinha a verdade como sua força recitava os Vedas não havia nada então que ele não desse aos brâmanes. Naquele tempo Indra, o iniciador de todas coisas, movido pelo desejo de beneficiar seu próprio filho Arjuna, assumindo o disfarce de um brâmane, foi até ele e pediu para o herói os seus brincos e armadura natural. E o herói tirando seus brincos e armadura os deu ao brâmane. E Sakra (aceitando o presente) ofereceu a ele uma flecha, surpreso (com sua generosidade), e se dirigiu a ele nestas palavras, 'Ó invencível, entre os celestiais, asuras, homens, gandharvas, nagas, e rakshasas, aquele no qual tu arremessares (esta arma), será morto sem dúvida.' E o filho de Surya foi a princípio conhecido no mundo pelo nome de Vasusena. Mas, por seus feitos, ele posteriormente veio a ser chamado de Karna. E porque aquele herói de grande fama tirou sua armadura natural, portanto ele foi, o primeiro filho de Pritha, chamado de Kama. E, ó melhor dos reis, o herói começou a crescer na casta Suta. E, ó rei, saibas que Kama, o principal dentre todos os homens, exaltado entre todos os manejadores de armas, matador de inimigos, e a melhor porção do criador do dia, foi o amigo e conselheiro de Duryodhana. E ele, chamado Vasudeva, dotado de grande coragem, foi entre os homens uma parte daquele chamado Narayana, o deus dos deuses, eterno. E Valadeva de grande força era uma parte do naga Sesha. E, ó monarca, saibas que Pradyumna de grande energia era Sanatkumara. E desse modo as porções de vários outros habitantes do céu se tornaram homens exaltados na linhagem de Vasudeva, aumentando a sua glória. E, ó rei, uma parte da classe de apsaras, que eu já mencionei, também se encarnou na terra segundo os comandos de Indra, e dezesseis mil daquelas deusas se tornaram, ó rei, neste mundo dos homens, as esposas de Vasudeva. E uma parte da própria de Sri se encarnou na terra para a

satisfação de Narayana, na linha de Bhishmaka. E ela era por renome a casta Rukmini. E a impecável Draupadi, de cintura delgada como a de uma vespa, nasceu de uma parte de Sachi (a rainha dos celestiais), na linha de Drupada. Ela tinha estatura mediana e a fragrância do lótus azul, olhos grandes como pétalas de lótus, pernas formosas, e massas densas de cabelo negro ondulado. E dotada de traços venturosos e de natureza como a da esmeralda ela se tornou a encantadora dos corações dos cinco principais dentre os homens. E as duas deusas Siddhi e Dhriti se tornaram as mães daqueles cinco, e se chamavam Kunti e Madri. E aquela que era Mati se tornou a filha (Gandhari) de Suvala.

Assim, ó rei, eu recitei para ti tudo acerca da encarnação, segundo as suas respectivas partes, dos deuses, asuras, gandharvas, apsaras e dos rakshasas. Aqueles que nasceram sobre a terra como monarcas invencíveis em batalha, aqueles de grande alma que nasceram na ampla linhagem dos Yadus, aqueles que nasceram como poderosos monarcas em outras linhagens, aqueles que nasceram como brâmanes e kshatriyas e vaisyas, todos foram recitados por mim devidamente. E este relato da encarnação (de seres superiores de acordo com suas respectivas partes) que é capaz de conceder riqueza, fama, prole, vida longa e sucesso, deve sempre ser escutado em um estado de espírito apropriado. E tendo escutado esta narração da encarnação, segundo as suas porções, de deuses, gandharvas e rakshasas, aquele que a ouve se torna conhecedor da criação, conservação e destruição do universo e adquire sabedoria, e nunca fica abatido nem sob as maiores tristezas.'

68

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó brâmane, eu, de fato, ouvi de ti o relato da encarnação, segundo as suas porções, dos deuses, danavas, rakshasas, e também dos gandharvas e apsaras. Eu, no entanto, desejo ouvir novamente a respeito do início da dinastia dos Kurus. Portanto, ó brâmane, fala disso na presença de todos estes rishis regenerados.'

Vaisampayana disse, 'Ó exaltado da linhagem Bharata, o fundador da linha Paurava foi Dushmanta que era dotado de grande energia. E ele era o protetor da terra limitada pelos quatro mares. E aquele rei tinha completo domínio sobre as quatro partes deste mundo. E ele era o senhor também de várias regiões no meio do mar. E aquele grande opressor de todos os inimigos tinha domínio mesmo sobre os países dos mlechchhas.

E durante o seu reinado não havia homens de castas misturadas, não havia lavradores de terra (a terra, por si mesma, produzia produtos agrícolas), não havia trabalhadores de minas (porque a superfície da terra produzia em abundância), e nem homens pecaminosos. Todos eram virtuosos e faziam tudo por motivos virtuosos, ó tigre entre homens. Não havia medo de ladrões, ó caro, nem medo da

fome, nem medo da doença. E todas as quatro classes tinham prazer em cumprir suas respectivas funções e nunca realizavam atos religiosos para obter a realização de desejos. E seus súditos, dependendo dele, nunca sentiam nenhum medo. E Parjanya (Indra) derramava chuvas na época apropriada, e os produtos dos campos era sempre polpudos e suculentos. E a terra era cheia de todas as espécies de riqueza e de todas as espécies de animais. E os brâmanes eram sempre dedicados às suas funções e eles eram sempre sinceros. E o vigoroso monarca era dotado de destreza notável e uma estrutura física firme como o raio, por isso ele podia, erguendo a montanha Mandara com suas florestas e arbustos, sustentá-la em seus braços. E ele era muito habilidoso nos quatro tipos de duelo com a maça (arremessá-la nos inimigos à distância, bater naqueles que estão perto, girá-la no meio de muitos, e atacar o inimigo diante de si). E ele era hábil também no uso de todas as espécies de armas e em guiar elefantes e cavalos. E em força ele era como Vishnu, em esplendor como o criador do dia, em gravidade como o oceano, e em paciência como a terra. E o monarca era amado por todos os seus súditos e governava os seus cidadãos contentes virtuosamente.'

69

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Eu desejo ouvir de ti sobre o nascimento e vida de Bharata de grande alma e da origem de Sakuntala. E, ó santo, eu também desejo ouvir tudo sobre Dushmanta, aquele leão entre homens, e como o herói obteve Sakuntala. Cabe a ti, ó conhecedor da verdade e principal dentre todos os homens inteligentes, dizer-me tudo.'

Vaisampayana disse, 'Uma vez (o rei Dushmanta) de braços poderosos, acompanhado por uma grande tropa, entrou na floresta. E ele levava consigo centenas de cavalos e elefantes. E a tropa que acompanhava o monarca era de quatro tipos (soldados de infantaria, guerreiros em carros, cavalaria e elefantes), heróis armados com espada e flechas e tendo em suas mãos maças e sólidos cassetetes. E cercado por centenas de guerreiros com lanças e arpões em suas mãos o monarca partiu em sua viagem. E com os rugidos leoninos dos guerreiros e as notas de conchas e som de baterias, com o estrépito das rodas dos carros e gritos de elefantes enormes, todos misturados com os relinchos dos cavalos e o som metálico das armas de vários servidores armados e vestidos de modos diversos, se ergueu um tumulto ensurdecedor enquanto o rei estava em sua marcha. E senhoras dotadas de grande beleza contemplavam dos terraços de belas mansões aquele monarca heroico, o empreendedor de sua própria fama. E as senhoras viram que ele era como Sakra, o matador de seus inimigos, capaz de repelir os elefantes dos inimigos, e elas acreditaram que ele era o próprio manejador do raio. E elas disseram, 'Este é aquele tigre entre homens que em batalha é igual aos Vasus em coragem, e por causa do poder de cujos braços não restam inimigos.' E assim dizendo, as damas por afeição agradaram o monarca

com chuvas de flores sobre sua cabeça. E seguido pelos principais brâmanes proferindo bênçãos por todo o caminho o rei em grande alegria de coração foi em direção à floresta, ávido para matar veados. E muitos brâmanes, kshatriyas, vaisyas, e sudras seguiram o monarca que era como o rei dos celestiais sentado nas costas de um elefante orgulhoso. Os cidadãos e outras classes seguiram o monarca até uma distância. E eles finalmente se abstiveram de ir mais longe por ordem do rei. E o rei, então, subindo em sua carruagem veloz, encheu toda a terra e até os céus com o estrondo das rodas de sua carruagem. E, enquanto partia, ele viu à sua volta uma floresta como o próprio Nandana (o jardim celeste). E o jardim era cheio de árvores Vilwa, Arka, Khadira, Kapittha (bosques de macieiras) e Dhava. E ele viu que o solo era desigual e com blocos de pedras espalhadas, soltas do despenhadeiro vizinho. E ele viu que ela não tinha água e nem seres humanos e que se estendia por muitos yojanas em volta. E ela era cheia de veados, leões, e outros terríveis animais predadores.

E o rei Dushmanta, aquele tigre entre homens, ajudado por seus seguidores e os guerreiros de sua comitiva, agitou aquela floresta, matando numerosos animais. E Dushmanta, perfurando-os com suas setas, derrubou numerosos tigres que eram feridos por tiros à distância. E o rei atingiu muitos que estavam bem distantes, e também matou muitos que estavam perto com sua espada pesada. E aquele principal de todos os manejadores de flechas matou muitos por atirar suas flechas neles. E, bom conhecedor da arte de girar a maça, o rei de destreza incomensurável vagou destemidamente pela floresta. E o rei a percorreu, matando os habitantes do ermo às vezes com sua espada e às vezes por golpes rápidos de sua maça e clava pesadas.

E quando a floresta estava sendo assim perturbada pelo rei possuidor de energia notável e pelos guerreiros de sua comitiva que se divertiam com esportes marciais, os leões começaram a deixar a floresta em grande número. E bandos de animais, privados de seus líderes, por medo e ansiedade começaram a proferir gritos altos enquanto fugiam em todas as direções. E cansados pela corrida eles começaram a cair por todos os lados, incapazes de matar sua sede, tendo alcançado leitos de rios que estavam completamente secos. E muitos assim caídos foram comidos pelos guerreiros famintos, enquanto outros foram comidos depois de terem sido devidamente esquartejados e assados em fogueiras. E muitos elefantes fortes, enlouquecidos com os ferimentos que receberam e alarmados além da conta, fugiram erguendo-se em seus troncos. E aqueles elefantes selvagens, mostrando os usuais sintomas de medo por urinar e ejetar o conteúdo de seus estômagos, e vomitando sangue em grandes quantidades, esmagaram, enquanto corriam, muitos guerreiros, matando-os. E aquela floresta que havia estado cheia de animais foi pelo rei com seus bandos de seguidores e com armas afiadas logo privada de leões e tigres e outros monarcas da selva.'

70

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Então o rei com seus seguidores, tendo matado milhares de animais, entrou em outra floresta com o objetivo de caçar. E servido por um único seguidor e cansado com fome e sede ele chegou a um grande deserto nas fronteiras da floresta. E tendo cruzado aquela planície sem vegetação o rei se viu em outra floresta cheia de retiros de ascetas, bela de olhar, encantadora para o coração e de brisas agradáveis e frescas. E ela era cheia de árvores cobertas de flores, e a terra era coberta com vegetação macia e grama verde se estendendo por muitas milhas em volta, e ecoava com as doces notas de coros alados. E ela ressoava com as notas do kokila macho e com o som agudo das cigarras. E era cheia de árvores magníficas com ramos estendidos que formavam um dossel sombreado acima. E as abelhas pairavam sobre as plantas floridas que estavam por todos os lados. E havia belos caramanchões por todo o lugar. E não havia árvore sem frutas, nem espinhos nelas, e todas tinham colméias em si. E toda a floresta ressoava com a melodia de coristas alados. E era decorada com flores de todas as estações. E havia sombras refrescantes das árvores floridas.

Assim era a floresta encantadora e excelente na qual o grande arqueiro entrou. E árvores com ramos embelezados com ramalhetes começaram a se agitar levemente à brisa suave e derramaram chuvas de flores sobre a cabeça do monarca. E as árvores, vestidas com seus trajes floridos de todas as cores, com pássaros de doces trinados pousados nelas, estavam lá em fileiras com os topos tocando os céus. E seus ramos pendiam com o peso das flores e das abelhas seduzidas pelo mel que zuniam em doces coros. E o rei, dotado de grande energia, vendo inúmeros locais cobertos com caramanchões de trepadeiras cheios de ramalhetes de flores, ficou muito feliz e muito encantado. E a floresta era muito bela por causa daquelas árvores extensas com ramos floridos que as juntavam umas às outras e pareciam vários arco-íris ostentando grande variedade de cores. Ela era o local de refúgio de grupos de siddhas, charanas, tribos de gandharvas, e apsaras, de macacos e kinnaras cheios de encanto. Deliciosas brisas refrescantes e fragrantes, transportando a fragrância de flores frescas, sopravam em todas as direções como se elas tivessem ido se divertir com as árvores. E o rei viu a encantadora floresta dotada de tais belezas. E ela estava situada em um delta do rio, e os ramos das altas árvores que se juntavam faziam o lugar parecer um altar enfeitado erigido em honra de Indra.

E naquela floresta que era o retiro de todas as aves alegres o monarca viu um encantador e belo retiro de ascetas. E havia muitas árvores em redor dele. E lá o fogo sagrado estava queimando. E o rei adorou aquele retiro sem igual. E ele viu numerosos Yotis, Valakhilyas e outros munis. E ele era adornado com muitos aposentos que continham o fogo sacrifical. As flores caindo das árvores tinham formado um tapete espesso e extenso sobre o solo. E o local parecia bastante belo com aquelas árvores altas de troncos largos. E por ele fluía, ó rei, o sagrado e transparente Malini com todas as espécies de aves aquáticas se divertindo em

seu leito. E aquela corrente inspirava alegria nos corações dos ascetas que lá se refugiavam para propósitos de purificações religiosas. E o rei viu em suas margens muitos animais inocentes da espécie dos veados e ficou extremamente encantado com tudo aquilo que viu.

E o monarca, cujo curso da carruagem nenhum inimigo podia obstruir, então entrou naquele retiro que era como a região dos celestiais, sendo belo por todos os lados. E o rei viu que ele ficava na margem da corrente sagrada que era como a mãe de todas as criaturas vivas que residiam em sua proximidade. E em sua margem estava o chakravaka, e ondas de espumas brancas como o leite. E lá ficavam também as habitações dos kinnaras. E macacos e ursos se recreavam em grande número. E lá viviam também os santos ascetas dedicados a estudos e meditação. E lá podiam ser vistos também elefantes e tigres e cobras. E era nas margens daquele rio que ficava o excelente retiro do ilustre Kasyapa, oferecendo um lar para numerosos rishis de grande mérito ascético. E vendo aquele rio, e também o retiro banhado por aquele rio que possuía muitas ilhas e margens tão belas, um retiro como o de Nara e Narayana banhado pela água de Gangâ, o rei resolveu entrar naquela residência sagrada. E aquele touro entre homens, desejoso de ver o grande rishi de riqueza ascética, o ilustre Kanwa da linhagem de Kasyapa, que possuía todas as virtudes e que, por seu esplendor, só podia ser olhado com dificuldade, se aproximou daquela floresta que ressoava com as notas dos pavões e que era como os jardins do grande gandharva, o próprio Chitraratha. E detendo o seu exército que consistia de bandeiras, cavalaria, infantaria, e elefantes na entrada da floresta, o monarca falou o seguinte, 'Eu verei o poderoso asceta da linhagem Kasyapa, que tem sabedoria. Fiquem aqui até a minha volta!'

E o rei, tendo entrado naquela floresta que era como o jardim de Indra, logo esqueceu sua fome e sede. E ele estava muito satisfeito. E o monarca, pondo de lado todos os sinais de realeza, entrou naquele retiro excelente somente com seu ministro e seu sacerdote, desejoso de ver aquele rishi que era uma massa indestrutível de mérito ascético. E o rei viu que o retiro era como a região de Brahman. Lá havia abelhas zunindo docemente e vários pássaros chilreantes de várias espécies cantando suas melodias. Em lugares específicos aquele tigre entre homens ouviu o canto dos hinos Rik por brâmanes de primeira categoria segundo as regras justas de entonação. Outros lugares eram honrados com brâmanes conhecedores das ordenanças do sacrifício, dos Angas e dos hinos do Yajurveda. Outros lugares estavam cheios dos harmoniosos acordes dos hinos Saman cantados por rishis cumpridores de votos. Em outros lugares do retiro havia brâmanes instruídos no Atharvan Veda. Em outro lugar havia brâmanes também instruídos no Atharvan Veda e capazes de cantar os hinos sacrificais do Saman recitando as Samhitâs segundo as regras vocálicas. E em outro lugar outros brâmanes bons conhecedores da ciência da Ortoepia estavam recitando mantras de outros tipos. Realmente, aquele retiro sagrado retumbante com aquelas notas sagradas era como uma segunda região do próprio Brahman. E havia muitos brâmanes hábeis na arte de fazer plataformas sacrificais e nas regras de Krama em sacrifícios, conhecedores de lógica e das ciências mentais, e possuidores de um completo conhecimento dos Vedas. Havia também aqueles

que conheciam completamente os significados de todos os tipos de expressões, aqueles que eram conhecedores de todos os ritos especiais, aqueles também que eram seguidores de Moksha-Dharma e aqueles que eram hábeis em estabelecer proposições, rejeitando causas supérfluas, e chegando a conclusões acertadas. Havia aqueles que tinham conhecimento da ciência das palavras (gramática), da versificação, de Nirukta, aqueles que eram conhecedores da astrologia e instruídos nas propriedades da matéria e nos resultados dos ritos sacrificais, que possuíam o conhecimento das causas e efeitos, capazes de compreender as vozes de aves e macacos, letrados em grandes tratados, e hábeis em várias ciências. E o rei, em seu caminho, ouvia suas vozes. E o retiro ressoava também com as vozes de seres humanos capazes de enfeitiçar os corações dos homens. E o matador de heróis hostis também viu à sua volta brâmanes eruditos de votos rígidos dedicados ao Japa (a repetição murmurante dos nomes dos deuses) e ao Homa (oferendas ao fogo). E o rei maravilhou-se na contemplação dos tapetes belos que os brâmanes ofereciam a ele respeitosamente. E aquele melhor dos monarcas, à visão dos ritos com os quais os brâmanes adoravam os deuses e os grandes rishis, pensou consigo mesmo que estava na região de Brahman. E quanto mais o rei via do auspicioso e sagrado retiro de Kasyapa protegido pelas virtudes ascéticas do rishi, e que possuía todos os requisitos de um retiro sagrado, mais ainda ele desejava vê-lo. Realmente, ele não estava satisfeito com aquela rápida visão. E matador de heróis, finalmente, acompanhado por seu ministro e seu sacerdote, entrou no encantador e sagrado retiro de Kasyapa habitado por rishis de riqueza ascética e votos elevados.’

71

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'O monarca então, enquanto prosseguia, deixou até a sua reduzida comitiva na entrada do eremitério. E entrando completamente só ele não viu o rishi (Kanwa) de votos rígidos. E não vendo o rishi e achando que a residência estava vazia, ele chamou ruidosamente, dizendo, 'Quem está aqui?' E o som de sua voz ecoou de volta. E ouvindo o som de sua voz saiu da residência do rishi uma moça bela como a própria Sri, mas vestida como a filha de um asceta. E aquela moça formosa de olhos negros, quando viu o rei Dushmanta, lhe deu as boas-vindas e o recebeu devidamente. E, mostrando a ele o devido respeito por lhe oferecer um assento, água para lavar os pés, e arghya, ela perguntou sobre a saúde e paz do monarca. E tendo reverenciado o rei e perguntado a ele acerca da sua saúde e paz, a donzela com reverência perguntou, 'O que deve ser feito, ó rei? Eu espero as tuas ordens.' O rei, devidamente reverenciado por ela, disse àquela moça de feições impecáveis e voz doce, 'Eu vim reverenciar o altamente abençoado rishi Kanwa. Dize-me, ó amável e bela, onde foi o ilustre rishi?'

Sakuntala então respondeu, 'Meu pai ilustre saiu do retiro para buscar frutas. Espera somente um momento e tu o verás chegar.'

Vaisampayana continuou, 'O rei, não vendo o rishi e ouvindo essas palavras dela, viu que a moça era extremamente bela e dotada de perfeita simetria de forma. E ele viu que ela tinha doces sorrisos. E ela era dotada da beleza de suas feições impecáveis, suas penitências ascéticas e sua humildade. E ele viu que ela estava na flor da idade. Ele, portanto perguntou a ela, 'Quem tu és? E de quem és filha, ó bela? Por que tu vieste para as florestas também? Ó bela, dotada de tanta beleza e virtudes, de onde tu vens? Ó encantadora, ao primeiro olhar tu roubaste o meu coração! Eu desejo saber tudo sobre ti, portanto conta-me tudo.' E assim a moça sorridente respondeu nestas doces palavras, 'Ó Dushmanta, eu sou a filha do virtuoso, sábio, ilustre asceta Kanwa de grande alma.'

Dushmanta, ouvindo isso, respondeu, 'O rishi universalmente adorado e altamente abençoado é um homem cuja semente foi parada. Até o próprio Dharma pode se desviar de seu curso, mas um asceta de votos rígidos nunca pode se desviar assim. Portanto, ó tu de aparência formosa, como foi que tu nasceste como filha dele? Essa minha grande dúvida cabe a ti dissipar.'

Sakuntala então respondeu, ‘Ouve, ó rei, o que eu aprendi com relação a tudo o que me aconteceu antigamente e como eu me tornei filha do muni. Uma vez um rishi veio aqui e perguntou sobre o meu nascimento. Tudo o que o ilustre (Kanwa) disse a ele, ouve agora de mim, ó rei!

Meu pai Kanwa, em resposta às perguntas daquele rishi, disse, 'Viswamitra, antigamente, tendo se dedicado a penitências austeras alarmou Indra, o chefe dos celestiais, que pensou que aquele asceta poderoso de energia resplandecente, por meio de suas penitências, o tiraria da sua alta posição no céu. Indra, assim alarmado, convocou Menaka e disse a ela, 'Tu, ó Menaka, és a principal das apsaras celestes. Portanto, ó amável, me faze um favor. Ouve o que eu digo. Aquele grande asceta Viswamitra que é como o Sol em esplendor está dedicado às mais severas das penitências. Meu coração está tremendo de medo. De fato, ó Menaka de cintura delgada, este é teu serviço. Tu deves ir ver Viswamitra de alma absorta em contemplação e dedicado a penitências austeras, que pode me tirar da minha posição. Vai e o tenta e frustrando a continuação das austeridades dele realiza o meu bem. Tira-o de suas penitências, ó bela, por tentá-lo com tua beleza, juventude, amabilidade, jeito, sorrisos e voz.' Ouvindo tudo isso Menaka respondeu, 'O ilustre Viswamitra é dotado de grande energia e é um asceta poderoso. Ele é muito irritadiço também, como tu sabes. A energia, penitências e cólera dele fizeram com que mesmo tu ficasses ansioso. Por que eu não deveria ficar ansiosa também? Foi ele que fez o ilustre Vasishtha suportar a dor de testemunhar a morte prematura de seus filhos. Foi ele que, embora a princípio nascido como kshatriya, posteriormente se tornou um brâmane em virtude de suas penitências ascéticas. Foi ele que, para purificação religiosa, criou um rio profundo que só pode ser vadeado com dificuldade, e aquela correnteza sagrada é conhecida pelo nome de Kausiki. Foi Viswamitra cuja esposa, em uma época de necessidade, foi sustentada pelo sábio real Matanga (Trisanku) que estava então

vivendo sob a maldição de um pai como caçador. Foi Viswamitra que, ao retornar depois que a penúria havia passado, mudou o nome do rio que tinha em seu retiro de Kausik para Para. Foi Viswamitra que, em retorno aos serviços de Matanga, tornou-se ele mesmo o sacerdote do último para o propósito de um sacrifício. O senhor dos próprios celestiais foi lá por medo para beber o suco Soma. Foi Viswamitra que com raiva criou um segundo mundo e numerosas estrelas iniciando com Sravana. Foi ele que concedeu proteção para Trisanku que sofria sob a maldição de um superior. Eu estou com medo de me aproximar de alguém de tais feitos. Dize-me, ó Indra, os meios que devem ser adotados para que eu não seja queimada por sua ira. Ele pode queimar os três mundos com seu esplendor, pode, por uma batida (de seu pé), fazer a terra tremer. Ele pode cortar a grande Meru da terra e arremessá-la a qualquer distância. Ele pode circundar os dez pontos da terra num momento. Como pode uma mulher como eu impressionar tal ser cheio de virtudes ascéticas, que é como um fogo ardente, e que tem suas paixões sob controle completo? Sua boca é como fogo, as pupilas de seus olhos são como o Sol e a Lua, sua língua é como o próprio Yama. Como, ó chefe dos celestiais, pode uma mulher como eu impressioná-lo de alguma forma? Ao pensamento de sua bravura Yama, Soma, os grandes rishis, os Saddhyas, os Viswas, Valakhilyas, ficam apavorados! Como uma mulher como eu pode fitá-lo sem medo? Mandada, no entanto, por ti, ó rei dos celestiais, eu de alguma maneira me aproximarei daquele rishi. Mas, ó chefe dos deuses, imagina um plano pelo qual, protegida por ti, eu possa com segurança mexer com aquele rishi. Eu penso que, quando eu me apresentar perante o rishi, Marut (o deus do vento) pode ir lá e roubar o meu traje, e Manmatha (o deus do amor) poderia também, por tua ordem, me ajudar então. Que Marut também nessa ocasião mande para lá a fragrância das florestas para tentar o rishi.' Dizendo isso e vendo que tudo o que ela tinha falado havia sido devidamente fornecido, Menaka foi ao retiro do grande Kausika.'

72

(Continuação do Sambhava Parva)

Kanwa continuou, 'E Sakra então mandou aquele que podia se aproximar de todos os lugares (o deus do vento) estar presente com Menaka na hora em que ela estivesse perante o rishi. E a tímida e bela Menaka então entrou no retiro e viu Viswamitra, que tinha queimado, por meio de suas penitências, todos os seus pecados, e ainda estava dedicado a penitências ascéticas. E saudando o rishi ela então se mostrou perante ele. E justo nessa hora Marut a privou de suas peças de roupa que eram brancas como a Lua. E então ela correu, como se estivesse em grande acanhamento, para pegar suas vestes, e como se estivesse extremamente aborrecida com Marut. E ela fez tudo isso perante os olhos de Viswamitra que era dotado de uma energia como a do fogo. E Viswamitra a viu naquela atitude. E vendo-a sem suas roupas ele viu que ela tinha aspecto impecável. E aquele

melhor dos munis viu que ela era extremamente bonita, sem marcas da idade em seu corpo. E por contemplar sua beleza e talentos aquele touro entre os rishis foi tomado pela luxúria e fez um sinal indicando que desejava a sua companhia. E ele a convidou consequentemente, e ela também de feições impecáveis expressou sua aceitação ao convite. E eles então passaram muito tempo na companhia um do outro. E estando juntos, por terem tido muito prazer, um longo tempo foi como se fosse somente um único dia, e o rishi gerou em Menaka uma filha de nome Sakuntala. E Menaka foi para as margens do rio Malini que corria por um vale das encantadoras montanhas de Himavat. E lá ela deu à luz àquela filha. E ela deixou o bebê recém-nascido na margem daquele rio e foi embora. E vendo o bebê recém-nascido naquela floresta desprovida de seres humanos e cheia de leões e tigres, vários urubus ficaram por perto para protegê-lo do mal. Nenhum rakshasa ou animal carnívoro tirou sua vida. Aqueles urubus protegeram a filha de Menaka. Eu fui lá realizar minhas abluções e vi o bebê na solidão do ermo e cercada por urubus. Trazendo-a para cá eu diz dela minha filha. De fato, o criador do corpo, o protetor da vida, o doador de alimento são, todos os três, pais em sua ordem, segundo as escrituras. E porque ela foi cercada na solidão do ermo por Sakuntas (aves), portanto, ela foi chamada por mim de Sakuntala (protegida pelas aves). Ó Brahman, saibas que foi assim que Sakuntala se tornou minha filha. E a impecável Sakuntala também me considera como seu pai.'

Foi isso o que meu pai disse ao rishi, tendo sido questionado por ele. Ó rei de homens, e dessa forma tu deves saber que eu sou filha de Kanwa. E, não conhecendo meu verdadeiro pai, eu considero Kanwa como meu pai. Assim eu te disse, ó rei, tudo o que foi ouvido por mim a respeito do meu nascimento!'

73

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'O rei Dushmanta, ouvindo tudo isso, disse, 'Bem falado, ó princesa, isso o que tu disseste! Sê minha mulher, ó bela! O que eu farei para ti? Guirlandas douradas, mantos, brincos de ouro, brancas e belas pérolas, de vários países, moedas douradas, bons tapetes, eu te darei todos os dias. Que todo o meu reino seja teu hoje, ó bela! Vem a mim, ó tímida, casa comigo, ó bela, segundo a forma gandharva. Ó tu de belas pernas, de todas as formas de casamento, a gandharva é considerada como a principal.'

Sakuntala, ouvindo isso, disse, ‘Ó rei, meu pai saiu deste retiro para trazer frutas. Espera só um momento, ele me entregará para ti.’

Dushmanta respondeu, 'Ó bela e impecável, eu desejo que tu sejas a companheira da minha vida. Saibas que eu existo para ti, e o meu coração está contigo. Uma pessoa sem dúvida é sua própria amiga, e certamente pode depender de si mesma. Portanto, segundo a lei, tu podes sem dúvida entregar a ti

mesma. Há, ao todo, oito tipos de casamento. Estes são Brahma, Daiva, Arsha, Prajapatya, Asura, Gandharva, Rakshasa, e Paisacha, o oitavo. Manu, o filho do autocriado, falou da conveniência de todas essas formas segundo a sua ordem. Saibas, ó impecável, que as primeiras quatro dessas são adequadas para brâmanes, e as seis primeiras para kshatriyas. Com respeito aos reis, até a forma rakshasa é permissível. A forma asura é permitida para vaisyas e sudras. Das primeiras cinco três são apropriadas e as outras duas são impróprias. As formas Paisacha e Asura nunca devem ser praticadas. Esses são os institutos da religião, e deve-se agir segundo eles. As formas Gandharva e Rakshasa são compatíveis com as práticas dos kshatriyas. Tu não precisas sentir o menor medo. Não resta dúvida que segundo qualquer uma dessas últimas formas mencionadas, ou segundo uma união de ambas, o nosso casamento pode se realizar. Ó tu de aparência formosa, eu estou cheio de desejo, tu podes também de um modo similar vir a ser minha mulher segundo a forma gandharva.'

Sakuntala, tendo escutado tudo isso, respondeu, ‘Se esta é uma ação sancionada pela religião, se, de fato, eu posso dispor a mim mesma, ouve, ó tu principal da linhagem Puru, quais são os meus termos. Promete realmente me dar o que eu te pedir. O filho que será gerado em mim se tornará o herdeiro legítimo. Essa, ó rei, é a minha decisão irrevogável. Ó Dushmanta, se tu concederes isso então a nossa união se realizará.’

Vaisampayana continuou, 'O monarca, sem tomar tempo para considerar disse a ela, 'Que seja assim. Eu te levarei, ó tu de agradáveis sorrisos, comigo para a minha capital. Eu te digo realmente. Ó bela, tu mereces tudo isso.' E assim dizendo aquele principal dos reis se casou com a bela Sakuntala de andar elegante, e a conheceu como marido. E assegurando-a devidamente ele foi embora, dizendo repetidamente, 'Eu enviarei a ti, para te acompanhar, as minhas tropas de quatro classes. De fato, é desse modo que eu a levarei para a minha capital, ó tu de doces sorrisos!’

Vaisampayana continuou, 'Ó Janamejaya, tendo prometido isso a ela o rei foi embora. E enquanto ele estava em seu caminho para casa ele começou a pensar em Kasyapa. E ele se perguntou, 'O que o ilustre asceta dirá, depois que souber de tudo?' Pensando nisso ele entrou em sua capital.

No momento em que o rei tinha saído Kanwa chegou à sua residência. Mas Sakuntala por senso de pudor não saiu para receber seu pai. Aquele grande asceta, no entanto, possuidor de conhecimento espiritual, soube de tudo. De fato, vendo tudo com sua visão espiritual aquele ilustre estava satisfeito, e dirigindo-se a ela, disse, 'Amável, o que foi feito por ti hoje em segredo, sem ter esperado por mim, relação sexual com um homem, não foi destrutivo da tua virtude. De fato, a união segundo a forma gandharva de uma mulher cheia de desejo com um homem de desejo sensual, sem mantras de qualquer tipo, é dito que é a melhor para kshatriyas. Aquele melhor dos homens, Dushmanta, é também virtuoso e de grande alma. Tu deves, ó Sakuntala, aceitá-lo como teu marido. O filho que nascerá de ti será poderoso e ilustre neste mundo. E ele deverá ter domínio sobre

o mar. E os exércitos daquele ilustre rei dos reis, quando for contra seus inimigos, será irresistível.'

Sakuntala então se aproximou de seu pai cansado e lavou seus pés. E descarregando o fardo que ele trazia consigo e colocando as frutas em ordem apropriada ela disse, 'Cabe a ti dar tua honra a Dushmanta que eu aceitei como meu marido, assim como aos seus ministros!'

Kanwa respondeu, 'Ó tu de bela compleição, por tua causa eu estou inclinado a abençoá-lo. Mas recebe de mim, ó abençoada, a bênção que desejares.'

Vaisampayana continuou, 'Sakuntala, então, movida pelo desejo de beneficiar Dushmanta, pediu a bênção que os monarcas Paurava fossem sempre virtuosos e nunca privados de seus tronos.'

74

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois que Dushmanta tinha deixado o retiro tendo feito aquelas promessas para Sakuntala ela deu à luz um menino de energia imensurável. E quando o menino tinha três anos ele se tornou em esplendor como o fogo ardente. E, ó Janamejaya, ele possuía beleza e magnanimidade e todas as habilidades. E aquele principal dos homens virtuosos, Kanwa, fez com que todos os ritos de religião fossem realizados a respeito daquela criança inteligente que vicejava dia a dia. E o menino dotado de dentes perolados e cabelos brilhantes, já capaz de matar leões, com todos os sinais auspiciosos na palma de sua mão, e muito expansivo, cresceu em beleza e força. E como uma criança celeste em esplendor ele começou a crescer rapidamente. E quando ele tinha somente seis anos de idade, dotado de grande força ele costumava agarrar e amarrar às árvores que havia ao redor daquele retiro leões e tigres e ursos e búfalos e elefantes. E ele montava em alguns animais, e perseguia outros de modo esportivo. Os habitantes do retiro de Kanwa então lhe deram um nome. E eles disseram, 'Porque ele captura e reprime animais, mesmo que sejam fortes, que ele seja chamado de Sarvadamana (o dominador de todos)'. E foi assim que o menino veio a ser chamado de Sarvadamana, dotado como era de destreza, energia e força. E o rishi, vendo o menino e também as suas ações extraordinárias, disse para Sakuntala que havia chegado a hora da instalação dele como o herdeiro legítimo. E vendo a força do menino Kanwa mandou seus discípulos, dizendo, 'Levem sem demora Sakuntala com seu filho desta residência para a de seu marido, abençoado com todos os sinais auspiciosos. Mulheres não devem viver por muito tempo nas casas de parentes maternos ou paternos. Tal residência é destrutiva para sua reputação, sua boa conduta, sua virtude. Portanto, não percam tempo em levá-la lá.' Aqueles discípulos do rishi então dizendo, 'Assim seja' foram em direção à cidade que mais tarde se chamaria

Hastinapura com Sakuntala e seu filho à frente deles. E então ela de belos olhos castanhos, levando consigo aquele menino de beleza celeste, dotado de olhos como pétalas de lótus, deixou as florestas onde havia sido conhecida por Dushmanta. E, tendo se aproximado do rei, ela com seu menino que parecia em esplendor como o sol no alto foi apresentada a ele. E os discípulos do rishi a tendo apresentado voltaram ao retiro. E Sakuntala, tendo reverenciado o rei segundo a forma apropriada, disse a ele, 'Este é teu filho, ó rei! Que ele seja instalado como teu herdeiro legítimo. Ó rei, este menino, como um celestial, foi gerado em mim por ti. Portanto, ó melhor dos homens, cumpre agora a promessa que me fizeste. Lembra-te, ó afortunado, do acordo que fizeste na ocasião da tua união comigo no retiro de Kanwa.'

O rei, ouvindo suas palavras e se lembrando de tudo, disse, 'Eu não me lembro de nada. Quem tu és, ó mulher vil em disfarce ascético? Eu não me lembro de ter ligação nenhuma contigo em relação a Dharma, Kama e Arthas. Vai ou fica ou faze o que quiseres.' Assim, aquela inocente ficou embaraçada. A dor a privou de sua consciência e ela ficou por um momento como uma estaca de madeira. Logo, no entanto, seus olhos ficaram vermelhos como cobre e seus lábios começaram a tremer. E os olhares que ela agora lançava sobre o rei pareciam queimar o último. Sua grande cólera, no entanto, pelo fogo de seu ascetismo, ela extinguiu dentro de si mesma por um esforço extraordinário. Reunindo seus pensamentos por um momento, com seu coração tomado pela tristeza e raiva, ela se dirigiu ao seu marido com raiva, olhando para ele, 'Sabendo de tudo, ó monarca, como tu podes, como uma pessoa inferior, dizer dessa forma que não sabes? Teu coração é uma testemunha da verdade ou mentira desse assunto. Portanto, fala a verdade sem te degradares. Aquele que sendo uma coisa demonstra ser outra coisa para os outros é como um ladrão de si mesmo. De que pecado ele não é capaz? Tu pensas que somente tu tens conhecimento do teu ato. Mas tu não sabes que o Antigo, o Onisciente (Narayana) vive em teu coração? Ele conhece todos os teus pecados, e tu pecaste em Sua presença. Aquele que peca pensa que ninguém o observa. Mas ele é observado pelos deuses e também por aquele que está em todos os corações. O Sol, a Lua, o Ar, o Fogo, a Terra, o Céu, a Água, o coração, Yama, o dia, a noite, o crepúsculo, e Dharma, todos testemunham as ações dos homens. Yama, o filho de Surya, não leva em consideração os pecados daquele com o qual Narayana, a testemunha de todas as ações, está satisfeito. Mas aquele com quem Narayana não está satisfeito é torturado por seus pecados por Yama. Os deuses nunca abençoam aquele que se degrada por se revelar falsamente. Mesmo sua própria alma não o abençoa. Eu sou uma esposa dedicada ao meu marido. Eu vim por mim mesma, isso é verdade. Mas não, por essa razão, me trates com desrespeito. Eu sou tua mulher e, portanto, mereço ser tratada respeitosamente. Tu me tratarás assim porque eu vim para cá por minha própria decisão? Na presença de tantos por que tu me tratas como uma mulher ordinária? Eu certamente não estou gritando na floresta. Tu não me ouves? Mas se tu recusares a fazer o que eu te suplico, ó Dushmanta, a tua cabeça neste momento se partirá em cem pedaços! O marido entra no útero da mulher e gera a si mesmo na forma do filho. Portanto a esposa é chamada por aqueles conhecedores dos Vedas como Jaya (aquela da qual alguém é nascido). E o filho

que assim nasce de pessoas conhecedoras dos mantras vêdicos resgata os espíritos dos antepassados falecidos. E porque o filho resgata os antepassados do inferno chamado Put, portanto, ele é chamado pelo próprio Autocriado como Puttra (o que resgata de Put). Por um filho um homem conquista os três mundos. Por um neto ele desfruta de eternidade. E por um filho do neto os bisavôs desfrutam de felicidade eterna. É uma esposa verdadeira aquela que é habilidosa em assuntos de família. É uma esposa verdadeira aquela que dá à luz um filho. É uma esposa verdadeira aquela cujo coração é devotado ao seu marido. É uma verdadeira esposa aquela que não conhece ninguém exceto seu marido. A mulher é a metade do homem. A mulher é a principal das amigas. A mulher é a base da religião, lucro e desejo. A mulher é a base da salvação. Aquele que tem esposas pode realizar atos religiosos. Aqueles que têm esposas podem levar vidas domésticas. Aqueles que têm esposas têm os meios para serem felizes. Aqueles que têm esposas podem obter boa sorte. Esposas de voz doce são amigas nas ocasiões de alegria. Elas são como pais nas ocasiões de atos religiosos. Elas são mães na doença e na dor. Até nas florestas densas para um viajante uma mulher é seu refresco e consolo. Aquele que tem uma esposa tem a confiança de todos. Uma esposa, portanto, é a posse de maior valor. Mesmo quando o marido deixando este mundo vai para a região de Yama é a mulher leal que o acompanha até lá. Uma mulher que vai antes espera pelo marido. Mas se o marido vai antes a casta esposa o segue de perto. Por essas razões, ó rei, o casamento existe. O marido desfruta da companhia da mulher neste e nos outros mundos. É dito por pessoas eruditas que um homem é ele mesmo nascido como seu próprio filho. Portanto, um homem cuja mulher gera um filho deve cuidar dela como sua mãe. Ao ver o rosto do filho gerado em sua mulher, que é como olhar seu próprio rosto em um espelho, um homem se sente feliz como um homem virtuoso ao alcançar o céu. Homens acometidos por dor mental ou sofrimento sob dor corpórea se sentem tão revigorados na companhia de suas esposas quanto uma pessoa suada em um banho frio. Nenhum homem, mesmo que enfurecido, deve fazer nada que seja desagradável para sua mulher, visto que felicidade, alegria e virtude todos dependem da mulher. Uma mulher é o campo sagrado no qual o próprio marido nasce. Nem os rishis podem gerar criaturas sem mulheres. Que felicidade é maior do que a que o pai sente quando o filho, correndo em sua direção, mesmo que seu corpo esteja coberto de poeira, o abraça? Por que então tu tratas teu filho com tal indiferença, que se aproximou de ti ele mesmo e que te lança olhares ansiosos para subir em teus joelhos? Até as formigas sustentam seus próprios ovos sem destruí-los, então por que tu, um homem virtuoso que és, não podes sustentar teu próprio filho? O toque suave da pasta de sândalo, de mulheres, e de água (fresca) não é tão agradável quanto o toque que um homem sente ao ter o seu próprio filho ainda criança em seus braços. Como o brâmane é o principal de todos os bípedes, a vaca o principal de todos os quadrúpedes, um protetor o principal de todos os superiores, assim o filho é o principal de todos os objetos agradáveis ao toque. Deixa, portanto, que esta bela criança te dê um abraço. Não há nada no mundo mais agradável ao toque do que o abraço de um filho. Ó destruidor de inimigos, eu dei à luz esta criança, ó monarca, capaz de dissipar todas as tuas tristezas depois de levá-lo no meu útero por três anos completos. Ó monarca da linha Puru, 'Ele realizará cem sacrifícios de cavalos' essas foram as

palavras proferidas do céu quando eu estava jazendo no quarto (dando à luz). De fato, homens que vão a lugares distantes de seus lares tomam outras crianças em seus colos e cheirando suas cabeças sentem grande felicidade. Tu sabes que brâmanes repetem estes mantras vêdicos na ocasião do consagrar os ritos da infância: ‘Tu és nascido, ó filho, do meu corpo! Tu nasceste do meu coração. Tu és eu mesmo na forma de um filho. Que tu vivas cem anos! A minha vida depende de ti, e o prolongamento da minha linhagem também. Portanto, ó filho, que tu vivas em grande felicidade por cem anos.’ Ele nasceu do teu corpo, este segundo ser de ti mesmo! Vê a ti mesmo em teu filho, como tu vês tua imagem em um lago límpido. Como o fogo sacrifical é aceso do doméstico, assim esta criança veio de ti. Embora um, tu te dividiste. Em tua viagem de caça enquanto empenhado em perseguir veados tu te aproximaste de mim, ó rei, que era então uma virgem no retiro do meu pai. Urvasi, Purvachitti, Sahajanya, Menaka, Viswachi e Ghritachi são as seis principais apsaras. Entre elas, Menaka, nascida de Brahman, é a principal. Descendo do céu à Terra, depois de um relacionamento com Viswamitra, ela deu à luz a mim. Aquela célebre apsara, Menaka, deu à luz a mim em um vale do Himavat. Desprovida de afeição ela foi embora, e me deixou lá como se eu fosse a filha de outra pessoa. Que ato pecaminoso eu fiz, antigamente, em alguma outra vida para que eu fosse abandonada na infância por meus pais e agora abandonada por ti? Rejeitada por ti, eu estou preparada para retornar ao retiro do meu pai. Mas cabe a ti não rejeitar este que é o teu próprio filho.'

Ouvindo tudo isso Dushmanta disse, 'Ó Sakuntala, eu não reconheço ter gerado este filho em ti. Mulheres geralmente falam inverdades. Quem acreditará nas tuas palavras? Desprovida de todo afeto a luxuriosa Menaka é tua mãe, e ela te abandonou na superfície do Himavat como alguém joga fora, depois do culto, a oferenda florida feita para os seus deuses. Teu pai também da classe kshatriya, o lascivo Viswamitra, que foi tentado a virar um brâmane, é desprovido de todo afeto. No entanto, Menaka é a principal das apsaras, e teu pai também é o principal dos rishis. Sendo sua filha, por que tu falas como uma mulher impudica? As tuas palavras não merecem crédito. Tu não estás envergonhada de tê-las falado, especialmente para mim? Fora daqui, ó mulher vil em disfarce ascético. Onde está o principal dos grandes rishis, e onde também está aquela apsara Menaka? E por que estás, vulgar como és, na aparência de uma asceta? Teu filho também é crescido. Tu dizes que ele é um menino, mas ele é muito forte. Como ele cresceu rápido como um broto de Sala? Teu nascimento é inferior. Tu falas como uma mulher impudica. Lascivamente tu foste gerada por Menaka. Ó mulher de aparência ascética, tudo o que tu disseste é completamente desconhecido para mim. Eu não te conheço. Vai para onde quiseres.’

Sakuntala respondeu, 'Tu vês, ó rei, a falha dos outros, mesmo que elas sejam pequenas como uma semente de mostarda. Mas vendo, tu não percebes as tuas próprias falhas mesmo que elas sejam grandes como a fruta Vilwa. Menaka é uma das celestiais. De fato, Menaka é considerada como a principal das celestiais. Meu nascimento, portanto, ó Dushmanta, é de longe mais elevado do que o teu. Tu caminhas sobre a Terra, ó rei, mas eu vago nos céus! Vê, a diferença entre nós é

como aquela entre (a montanha) Meru e uma semente mostarda! Vê meu poder, ó rei! Eu posso me dirigir às residências de Indra, Kuvera, Yama, e Varuna! O ditado que eu vou lhe apresentar é verdadeiro, ó impecável! Eu me refiro a isso para dar um exemplo e não por motivos maus. Portanto, cabe a ti me perdoar depois de tê-lo ouvido. Uma pessoa feia se considera mais bonita do que as outras até que vê o seu próprio rosto no espelho. Mas quando vê seu próprio rosto feio no espelho é então que percebe a diferença entre si própria e as outras. Aquele que é realmente bonito nunca zomba de ninguém. E aquele que sempre fala o mal se torna um difamador. E, como os porcos sempre procuram sujeira e lixo até quando estão no meio de um jardim florido, assim os perversos sempre escolhem o mal entre as coisas boas e más que os outros falam. Aqueles, no entanto, que são sábios, ao ouvirem as palavras dos outros que são misturadas com o bem e o mal aceitam somente o que é bom, como os gansos que extraem somente o leite, embora esteja misturado com água. Como os honestos sempre ficam atormentados por falarem mal dos outros, também os maus sempre se regozijam ao fazerem a mesma coisa. Como os honestos sempre sentem prazer em mostrar respeito pelos últimos, também os perversos sempre se deliciam em caluniar os bons. Os honestos são felizes em não procurar por falhas. Os maus são felizes em procurar por elas. Os maus sempre falam mal dos honestos. Mas os últimos nunca ofendem os primeiros, mesmo que ofendidos por eles. O que pode ser mais ridículo no mundo do que aqueles que são maus descreverem os realmente honestos como maus? Quando até os ateístas se aborrecem com os que se desviam da verdade e virtude e que são realmente como cobras zangadas de veneno virulento, o que eu direi de mim mesma que sou educada na fé? Aquele que, tendo gerado um filho que é a sua própria imagem, não o respeita, nunca alcança os mundos pelos quais anseia, e em verdade os deuses destroem a sua boa sorte e posses. Os Pitris dizem que o filho continua a raça e a linhagem e é, portanto, o melhor de todos os atos religiosos. Portanto, ninguém deve abandonar um filho. Manu disse que há cinco tipos de filhos: aquele gerado por um homem na sua própria esposa, obtido (como presente) de outros, comprado por consideração, criado com afeto e gerado em outras mulheres que não suas esposas casadas. Os filhos sustentam a religião e as realizações dos homens, aumentam suas alegrias, e resgatam antepassados falecidos do inferno. Não cabe a ti, portanto, ó tigre entre reis, abandonar um filho que é assim. Portanto, ó senhor da Terra, cuida do teu próprio ser, verdade e virtude por cuidares do teu filho. Ó leão entre monarcas, não cabe a ti manter essa falsidade. A oferenda de um reservatório é mais meritória do que a de uma centena de poços. Um sacrifício é mais meritório do que a oferenda de um reservatório. Um filho é mais meritório do que um sacrifício. A verdade é mais meritória do que cem filhos. Cem sacrifícios de cavalos foram uma vez pesados contra a Verdade, e foi descoberto que a Verdade é mais pesada do que cem sacrifícios de cavalos. Ó rei, a Verdade, eu creio, pode ser igual ao estudo dos Vedas inteiros e purificações religiosas em todos os locais sagrados. Não há virtude igual à Verdade, não há nada superior à Verdade. Ó rei, a Verdade é o próprio Deus, a Verdade é o voto mais elevado. Portanto, não violes tua promessa, ó monarca! Que a Verdade e tu estejam sempre unidos. Se tu não puseres crédito nas minhas palavras eu irei embora daqui por minha própria vontade. De fato, a tua companhia deve ser evitada.

Porém, ó Dushmanta, quando tu tiveres partido, este meu filho governará toda a Terra cercada pelos quatro mares e adornada com o rei das montanhas.’

Vaisampayana continuou, 'Sakuntala após falar ao monarca dessa maneira deixou sua presença. Mas tão logo ela tinha saído uma voz dos céus, não emanando de nenhuma forma visível, falou assim para Dushmanta enquanto ele estava cercado por seus sacerdotes ocasionais e familiares, seus preceptores, e ministros. E a voz disse, 'A mãe é só o revestimento de carne, o filho gerado do pai é o próprio pai. Portanto, ó Dushmanta, cuida do teu filho, e não insultes Sakuntala. Ó melhor dos homens, o filho, que é somente a forma de um homem na sua própria semente, resgata (os antepassados) da região de Yama. Tu és o progenitor daquele menino. Sakuntala falou a verdade. O marido, dividindo seu corpo em dois, nasce de sua mulher na forma do filho. Portanto, ó Dushmanta, cuida, ó monarca, do teu filho nascido de Sakuntala. Viver tendo abandonado um filho vivo é uma grande desgraça. Portanto, ó tu da linhagem Puru, reconhece o teu filho de grande alma nascido de Sakuntala, e porque aquela criança será sustentada por ti por causa da nossa palavra, portanto aquele teu filho será conhecido pelo nome de Bharata (o sustentado)'. Ouvindo essas palavras proferidas pelos habitantes do céu o monarca da linhagem de Puru ficou enlevado e falou o seguinte para seus sacerdotes e ministros, 'Ouviram essas palavras proferidas pelo mensageiro celeste? Eu mesmo estou ciente de que ele é meu filho. Se eu o tivesse aceitado como meu apenas com base nas palavras de Sakuntala o meu povo suspeitaria e meu filho também não seria considerado puro.'

Vaisampayana continuou, 'O monarca então, ó tu da linhagem de Bharata, vendo a pureza de seu filho determinada pelo mensageiro celeste, ficou muito contente. E ele tomou consigo seu filho com alegria. E o rei com o coração alegre então realizou todos aqueles ritos sobre seu filho que um pai deve realizar. E o rei cheirou a cabeça do filho e o abraçou com afeto. E os brâmanes começaram a proferir bênçãos sobre ele e os bardos começaram a louvá-lo. E o monarca então experimentou o grande prazer que se sente ao toque de um filho. E Dushmanta também recebeu sua esposa com afeto. E ele disse a ela estas palavras, acalmando-a carinhosamente, 'Ó deusa, a minha união contigo ocorreu em particular, portanto, eu estava pensando em como melhor podia estabelecer a tua pureza. O meu povo pensaria que nós estivemos unidos só lascivamente e não como marido e mulher, e portanto, esse filho que eu instalaria como meu herdeiro-legítimo somente seria considerado como alguém de nascimento impuro. E querida, cada palavra dura que tu proferiste em tua raiva, eu, ó de olhos grandes, perdoo. Tu és minha bem-amada!' E o nobre sábio Dushmanta, tendo falado assim para sua querida esposa, ó Bharata, a recebeu com oferendas de perfumes, comida e bebida. E o rei Dushmanta então deu o nome de Bharata ao seu filho, e oficialmente o instalou como herdeiro legítimo. E as famosas e brilhantes rodas do carro de Bharata, invencíveis e como as rodas dos carros dos deuses, viajou por todas as regiões, enchendo toda a Terra com seu estrépito. E o filho de Dushmanta reduziu todos os reis da Terra à sua submissão. E ele governou virtuosamente e ganhou grande fama. E aquele monarca de grande coragem era

conhecido pelos títulos de Chakravarti e Sarvabhauma. E ele realizou muitos sacrifícios como o de Sakra, o senhor dos Maruts. E Kanwa era o principal sacerdote naqueles sacrifícios, nos quais as oferendas para os brâmanes eram grandes. E o abençoado monarca realizou o sacrifício de vacas e de cavalos. E Bharata dava para Kanwa mil moedas de ouro como a taxa sacerdotal. É desse Bharata de quem vieram tantas realizações poderosas. É pelo seu nome que a grande linhagem dele foi chamada depois do seu reinado. E na linhagem de Bharata nasceram muitos monarcas semelhantes aos deuses dotados de grande energia e como o próprio Brahman. Seu número não pode ser contado. Mas, ó tu da linhagem de Bharata, eu citarei aqueles principais que eram abençoados com boa sorte, que eram como os deuses, e dedicados à verdade e honestidade.'

75

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Ouve agora enquanto eu recito a genealogia registrada, que é sagrada e útil à religião, lucro e prazer, daqueles sábios reais, Daksha, o senhor da criação, Manu, o filho de Surya, Bharata, Ruru, Puru, e Ajamidha. Eu também recitarei para ti, ó impecável, as genealogias dos Yadavas e dos Kurus e do rei da linha Bharata. Essas genealogias são sagradas e a sua narração é um grande ato de sacrifício expiatório. Esta narração confere riqueza, fama e vida longa. E, ó impecável, todos esses que eu citei brilharam em seu esplendor e eram iguais aos grandes rishis em energia.

Prachetas teve dez filhos que eram todos dedicados ao ascetismo e possuidores de todas as virtudes. Eles queimaram, antigamente, pelo fogo emanado de suas bocas, várias plantas venenosas e árvores grandes e incontáveis que tinham coberto a Terra e virado uma fonte de grande desconforto para o homem. Depois desses dez nasceu outro de nome Daksha. E é de Daksha que todas as criaturas descendem. Portanto ele é, ó tigre entre homens, chamado de Avô. Nascido de Prachetas o muni Daksha se unindo com Virini gerou mil filhos de votos rígidos, todos como ele mesmo. E Narada ensinou a esses mil filhos de Daksha a filosofia excelente de Sankhya como um meio de salvação. E, ó Janamejaya, o senhor da criação, Daksha, então, pelo desejo de fazer criaturas, gerou cinquenta filhas. E ele fez de todas elas suas filhas nomeadas (para que os filhos delas pudessem ser filhos dele também para a realização de todos os atos religiosos). E ele deu dez de suas filhas para Dharma, e treze para Kasyapa. E ele deu vinte e sete a Chandra, que foram todas casadas na época indicada. E Kasyapa, o filho de Marichi, gerou na mais velha de suas treze esposas os Adityas, os celestiais dotados de grande energia e com Indra como seu líder e também Vivaswat (o Sol). E de Vivaswat nasceu o senhor Yama. E Martanda (Vivaswat) também gerou outro filho depois de Yama, dotado de grande inteligência e chamado Manu. E Manu era dotado de grande sabedoria e dedicado à virtude. E ele virou o progenitor de uma linhagem. E na linhagem de Manu

nasceram todos os seres humanos, que foram, portanto, chamados de Manavas. E é de Manu que todos homens incluindo brâmanes, kshatriyas e outros descendem, e são, portanto, todos chamados de Manavas. Posteriormente, ó monarca, os brâmanes se uniram aos kshatriyas. E aqueles filhos de Manu que eram brâmanes se dedicaram ao estudo dos Vedas. E Manu gerou dez outros filhos chamados Vena, Dhrishnu, Narishyan, Nabhaga, Ikshvaku, Karusha, Saryati, o oitavo, uma filha chamada Ila, Prishadhru o nono, e Nabhagarishta o décimo. Eles todos se dedicaram às práticas dos kshatriyas. Além disso Manu teve cinquenta outros filhos na Terra. Mas nós sabemos que todos eles pereceram lutando uns com os outros. O erudito Pururavas nasceu de Ila. E é sabido por nós que Ila foi sua mãe e seu pai. E o grande Pururavas tinha domínio sobre treze ilhas do mar. E embora fosse um ser humano ele estava sempre cercado por companheiros que eram sobre-humanos. E Pururavas embriagado pelo poder lutou com os brâmanes e pouco se importando com a raiva deles os privou de suas riquezas. Vendo tudo isso Sanatkumara veio da região de Brahman e deu a ele bons conselhos, que foram, no entanto, rejeitados por Pururavas. Então a cólera dos grandes rishis foi excitada, e o avarento monarca, que intoxicado com o poder tinha perdido a razão, foi imediatamente destruído pela maldição deles.

Foi Pururavas quem primeiro trouxe da região dos gandharvas os três tipos de fogo (para propósitos sacrificais). E ele trouxe de lá a apsara Urvasi também. E o filho de Ila gerou em Urvasi seis filhos chamados Ayus, Dhimat, Amavasu e Dhridhayus, e Vanayus, e Satayus. E é dito que Ayus gerou quatro filhos chamados Nahusha, Vriddhasarman, Rajingaya e Anenas, na filha de Swarbhanu. E, ó monarca, Nahusha, de todos os filhos de Ayus, sendo dotado de grande inteligência e coragem governou seu reino extenso virtuosamente. E o rei Nahusha mantinha uniformemente os Pitris, os celestiais, os rishis, os brâmanes, os gandharvas, os nagas, os rakshasas, os kshatriyas, e os vaisyas. E ele suprimiu todos os bandos de ladrões com mão poderosa. Mas ele fez os rishis pagarem tributos e o carregarem em suas costas como burros de carga. E, conquistando os deuses por sua beleza pessoal, seu ascetismo, destreza, e energia, ele governou como se fosse o próprio Indra. E Nahusha gerou seis filhos, todos de voz gentil, chamados Yati, Yayati, Sanyati, Ayati e Dhruva. Yati se dedicou ao ascetismo e virou um muni como o próprio Brahman. Yayati virou um monarca de grande destreza e virtude. Ele governou toda a Terra, realizou sacrifícios numerosos, adorou os Pitris com grande reverência, e sempre respeitou os deuses. E ele trouxe o mundo sob seu domínio total e nunca foi vencido por nenhum inimigo. E os filhos de Yayati foram todos grandes arqueiros e resplandecentes com todas as virtudes. E, ó rei, eles foram gerados em (suas duas esposas) Devayani e Sarmishtha. E de Devayani nasceram Yadu e Turvasu, e de Sarmishtha nasceram Drahyu, Anu, e Puru. E, ó rei, tendo governado seus súditos virtuosamente por muito tempo Yayati foi atacado por uma decrepitude terrível que destruiu sua beleza corporal. E tomado pela decrepitude o monarca então falou, ó Bharata, para seus filhos Yadu, Puru, Turvasu, Drahyu e Anu estas palavras: 'Caros filhos, eu desejo ser um homem jovem e satisfazer meus apetites na companhia de mulheres jovens. Ajudem-me nesse sentido.' A ele o seu filho mais velho nascido de Devayani então disse, 'Do que tu precisas, ó rei? Tu queres

ter tua juventude?' Yayati então disse a ele, 'Aceita a minha decrepitude, ó filho! Com a tua juventude eu me divertirei. Durante a época de um grande sacrifício eu fui amaldiçoado pelo muni Usanas (Sukra). Ó filho, eu me divertirei com a tua juventude. Que qualquer um de vocês pegue a minha velhice e com o meu corpo governe meu reino. Eu me deleitarei com um corpo renovado. Portanto, meus filhos, aceitem a minha velhice.' Mas nenhum de seus filhos aceitou a velhice dele. Então seu filho mais novo Puru disse a ele, 'Ó rei, diverte-te outra vez com um corpo renovado e com a juventude de volta! Eu aceitarei tua decrepitude e por tua ordem governarei teu reino.' Assim, o nobre sábio, em virtude de seu poder ascético então transferiu sua própria velhice àquele seu filho de grande alma e com a juventude de Puru ficou jovem, enquanto que com a idade do monarca Puru governou seu reino.

Então, depois que mil anos haviam passado Yayati, aquele tigre entre reis, permanecia tão forte e poderoso quanto um tigre. E ele desfrutou por um longo tempo da companhia de suas duas esposas. E nos jardins de Chitraratha (o rei dos gandharvas), o rei também desfrutou da companhia da apsara Viswachi. Mas mesmo depois de tudo isso os apetites do grande rei ainda não estavam satisfeitos. O rei então se lembrou das seguintes verdades contidas nos Puranas: 'Realmente, os apetites nunca são saciados pelo prazer. Por outro lado, como manteiga sacrifical despejada no fogo, as suas chamas aumentam com a indulgência. Mesmo que alguém desfrute de toda a Terra com sua riqueza, diamantes e ouro, animais e mulheres, isso ainda não pode ser saciado. É só quando o homem não comete nenhum pecado em relação à nenhuma coisa viva, em pensamentos, ações ou palavras, é então que ele obtém pureza como a de Brahman. Quando não se teme nada, quando não se é temido por nada, quando não se deseja nada, quando não se prejudica ninguém, é então que se alcança a pureza de Brahman.' O monarca sábio vendo isso e vendo também que os apetites de uma pessoa nunca são totalmente saciados fixou a mente no descanso por meio de meditação, e pegou de volta de seu filho a sua própria velhice. E dando a ele de volta a sua juventude, embora os seus próprios apetites estivessem insaciados, e o instalando no trono, ele falou a Puru: 'Tu és meu herdeiro verdadeiro, tu és meu verdadeiro filho por quem a minha linhagem continuará. No mundo a minha linhagem será conhecida pelo teu nome.'

Vaisampayana continuou, 'Então aquele tigre entre reis, tendo instalado seu filho Puru no trono, foi à montanha de Bhrigu para se dedicar ao ascetismo. E, tendo adquirido grande mérito ascético, depois de longos anos ele sucumbiu à influência inevitável do Tempo. Ele deixou seu corpo humano por cumprir o voto de jejum, e ascendeu ao céu com suas esposas.'

76

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó tu de fartura de ascetismo, me conta como o nosso antepassado Yayati, que é o décimo Prajapati, obteve como esposa a filha inalcançável de Sukra. Eu desejo ouvir a respeito disso em detalhes. Fala-me também, um depois do outro, sobre aqueles monarcas que individualmente foram fundadores de dinastias.'

Vaisampayana disse, 'O monarca Yayati era em esplendor como o próprio Indra. Eu te direi, em resposta à tua pergunta, ó Janamejaya, como Sukra e Vrishaparvan concederam a ele, com os ritos devidos, suas filhas, e como ocorreu sua união com Devayani em especial.

Entre os celestiais e os asuras aconteciam, antigamente, frequentes combates pela soberania dos três mundos com tudo o que havia neles. Os deuses, então, por desejo de vitória, instalaram o filho de Angiras (Vrihaspati) como seu sacerdote para conduzir seus sacrifícios, enquanto seus adversários instalaram o erudito Usanas como sacerdote para o mesmo propósito. E entre aqueles dois brâmanes sempre havia uma vaidosa rivalidade. Aqueles Danavas que se reuniam para lutar e que eram mortos pelos deuses eram todos revividos pelo vidente Sukra pelo poder do seu conhecimento. E então vivendo novamente eles lutavam com os deuses. Os asuras também matavam no campo de batalha muitos dos celestiais. Mas Vrihaspati de mente aberta não podia reanimá-los, porque ele não conhecia a ciência chamada Sanjivani (re-vivificação), que Kavya dotado de grande energia conhecia tão bem. E os deuses estavam, portanto, em grande angústia. E os deuses, em grande ansiedade de coração e temendo o erudito Usanas então foram até Kacha, o filho mais velho de Vrihaspati e falaram a ele, dizendo, 'Nós te rendemos homenagem, sê gentil para conosco e faze-nos um favor que nós consideramos muito grande. Aquele conhecimento que reside em Sukra, aquele brâmane de destreza incomensurável, torna teu tão logo puderes. Tu podes encontrar o brâmane na corte de Vrishaparvan. Ele sempre protege os danavas mas nunca a nós, adversários deles. Tu és jovem e, portanto, capaz de adorá-lo com reverência. Tu podes também reverenciar Devayani, a filha favorita daquele brâmane de grande alma. De fato, só tu és capaz de aplacar a ambos por meio de culto. Não há mais ninguém que possa fazer isso. Por satisfazer Devayani com tua conduta, generosidade, doçura e comportamento em geral tu poderás certamente obter aquele conhecimento.' O filho de Vrihaspati, assim solicitado pelos deuses, disse 'Que assim seja’, e foi para onde Vrishaparvan estava. Kacha, assim enviado pelos deuses, logo foi à capital do chefe dos asuras, e lá viu Sukra. E vendo-o ele falou: 'Aceita-me como teu discípulo. Eu sou o neto do rishi Angiras e o filho de Vrihaspati. Por nome eu sou conhecido como Kacha. Se tu te tornares meu preceptor eu praticarei o modo de vida brahmacharya por mil anos. Comanda-me, então, ó brâmane!'

Sukra (ouvindo isso) disse, 'Tu és bem-vindo, ó Kacha! Eu aceito as tuas palavras. Eu te tratarei com respeito, por assim fazer, é Vrihaspati quem será respeitado.'

Vaisampayana continuou, 'Kacha, comandado por Kavya ou o próprio Usanas, chamado também de Sukra, então disse, 'Assim seja' e fez o voto do qual tinha falado. E, ó Bharata, aceitando o voto do qual ele tinha falado, no tempo apropriado, Kacha começou a cativar atenciosamente seu preceptor e (sua filha) Devayani. De fato, ele começou a cativar a ambos. E como ele era jovem, por meio de canto e dança e tocando diferentes tipos de instrumentos ele logo satisfez Devayani que estava em sua juventude. E, ó Bharata, com todo o seu coração ligado nisso ele logo satisfez a moça Devayani que era então uma senhorita, com presentes de flores e frutas e serviços feitos de boa vontade. E Devayani também com suas canções e doçura de boas maneiras habituais, enquanto eles estavam a sós, auxiliava aquele jovem que cumpria seus votos. E quando quinhentos anos haviam passado do voto de Kacha os danavas foram saber qual era sua intenção. E não tendo escrúpulos em matar um brâmane eles ficaram muito enfurecidos com ele. E um dia eles viram Kacha em uma parte solitária das florestas empenhado em cuidar das vacas (de seu preceptor). Eles então mataram Kacha por seu ódio por Vrihaspati e também por seu desejo de impedir que o conhecimento de reanimar os mortos fosse transmitido a ele. E, tendo-o matado, eles cortaram seu corpo em pedaços e os deram para serem devorados por chacais e lobos. E (quando veio o crepúsculo) as vacas retornaram ao curral sem aquele que cuidava delas. E Devayani, vendo as vacas retornarem da floresta sem Kacha, falou, ó Bharata, ao seu pai desta forma:

'O teu fogo da noite foi aceso. O Sol também se põe, ó pai! As vacas retornaram sem aquele que cuidava delas. Kacha, de fato, não está à vista. Ó, é evidente que Kacha está perdido, ou está morto. Realmente eu digo, ó pai, que sem ele eu não viverei.'

Sukra ouvindo isso, disse, ‘Eu o reviverei ao dizer, 'Que ele venha.' Então recorrendo à ciência de reanimar os mortos Sukra convocou Kacha. E convocado por seu preceptor Kacha apareceu diante dele em alegria de coração, rasgando, em virtude da ciência de seu preceptor, os corpos dos lobos (que o tinham devorado). E questionado acerca da causa de sua demora ele assim falou à filha de Bhargava. De fato, perguntado pela filha daquele Brahman, ele disse a ela, 'Eu fui morto. Ó tu de conduta pura, carregado com combustível sacrifical, erva Kusa, e troncos de madeira, eu estava vindo em direção à nossa residência. Eu me sentei sob uma árvore banian. As vacas também, tendo sido reunidas, ficaram sob a sombra daquela mesma árvore banian. Os asuras, me vendo, perguntaram ‘Quem tu és?’ E eles me ouviram responder, 'Eu sou o filho de Vrihaspati'. Logo que eu disse isso os Danavas me mataram, e cortando o meu corpo em pedaços deram os meus restos para chacais e lobos. E eles então foram para casa com corações alegres. Ó amável, convocado por Bhargava de grande alma eu afinal chego diante de ti totalmente revivido.'

Em outra ocasião, a pedido de Devayani, o brâmane Kacha entrou nas florestas. E enquanto ele estava perambulando para coletar flores os Danavas o viram. Eles outra vez o mataram, o trituraram e assim o transformando em uma pasta o misturaram com a água do oceano. Achando que ele estava demorando muito (para voltar) a moça novamente descreveu o caso para seu pai. E convocado outra vez pelo brâmane com a ajuda de sua ciência Kacha apareceu perante seu preceptor e a filha dele e contou tudo a eles como tinha acontecido. Então matando-o pela terceira vez e reduzindo-o a cinzas os asuras deram aquelas cinzas ao próprio preceptor, misturando-as com seu vinho. E Devayani outra vez falou ao seu pai, dizendo, 'Ó pai, Kacha foi enviado para colher flores. Mas ele não está à vista. É óbvio que ele está perdido ou morto. Eu digo a ti que realmente eu não viverei sem ele.'

Sukra disse, 'Ó filha, o filho de Vrihaspati foi para a região dos mortos. Embora reanimado pela minha ciência ele é morto frequentemente. O que, de fato, eu posso fazer? Ó Devayani, não sofras, não chores. Alguém como tu não deve chorar por alguém que é mortal. Tu és de fato, ó filha, por causa da minha habilidade, adorada três vezes ao dia durante as horas ordenadas para oração por brâmanes, os deuses com Indra, os Vasus, os Asvins, os asuras, realmente, por todo o universo. É impossível mantê-lo vivo, reanimando-o, se ele é morto frequentemente.' Para tudo isso Devayani respondeu, 'Por que, ó pai, eu não devo chorar por aquele cujo avô é o próprio ancião Angiras, cujo pai é Vrihaspati que é um oceano de mérito ascético, que é o neto de um rishi e o filho também de um rishi? Ele mesmo também era um brahmacharin e um asceta, sempre atento e hábil em tudo. Eu morrerei de fome e seguirei o caminho pelo qual Kacha foi. O belo Kacha é, ó pai, muito estimado por mim.'

Vaisampayana continuou, 'O grande rishi Kavya, então, afligido pelo que Devayani disse, exclamou com raiva, 'Certamente os asuras procuram me ferir por matarem o discípulo que está comigo. Aqueles seguidores de Rudra desejam me privar do meu caráter como brâmane por me fazerem participar de seu crime. Realmente, esse crime tem um fim terrível. O crime de matar um brâmane queimaria até o próprio Indra.' Tendo dito isso o brâmane Sukra, suplicado por Devayani, começou a convocar Kacha que tinha entrado nas mandíbulas da Morte. Mas Kacha, convocado com a ajuda da ciência, e temendo a consequência para seu preceptor, respondeu fracamente de dentro do estômago dele, dizendo, 'Sê benevolente para comigo, ó senhor! Eu sou Kacha que te adora. Comporta-te para comigo como se eu fosse o teu próprio filho afetuosamente amado.'

Vaisampayana continuou, 'Sukra então disse, ‘Por qual caminho, ó brâmane, tu entraste no meu estômago, onde estás agora? Deixando os asuras neste momento eu irei para o lado dos deuses.’ Kacha respondeu, 'Pela tua graça a minha memória não me falha. De fato, eu me lembro de como tudo aconteceu. A minhas virtudes ascéticas não foram destruídas. É, portanto, por isso que eu posso suportar essa dor quase insuportável. Ó Kavya, morto pelos asuras e queimado e reduzido a pó eu fui dado a ti com teu vinho. Quando tu estás presente, ó brâmane, a arte dos asuras nunca pode conquistar o conhecimento do Brahmana.'

Ouvindo isso Sukra disse, 'Ó filha, que bem eu posso fazer para ti? É com a minha morte que Kacha poderá obter sua vida de volta. Ó Devayani, Kacha está dentro de mim. Não há outro caminho para ele sair exceto por romper o meu estômago.' Devayani respondeu, 'Ambos os males, como o fogo, me queimarão! A morte de Kacha e a tua própria morte são a mesma para mim! A morte de Kacha me privará de vida, e se tu também morreres eu não poderei suportar a minha vida.' Então Sukra disse, 'Ó filho de Vrihaspati, tu és, de fato, alguém já coroado com êxito, porque Devayani o considera tão bem. Aceita o conhecimento que eu hoje te darei, se, de fato, tu não és Indra na forma de Kacha. Ninguém pode sair do meu estômago com vida. Um brâmane, no entanto, não deve ser morto, portanto, aceita o conhecimento que te dou. Começa a viver como meu filho. E possuindo o conhecimento recebido de mim, e reanimado por mim, toma o cuidado de, ao saíres do meu corpo, agir dignamente.'

Vaisampayana continuou, 'Recebendo a ciência de seu preceptor o belo Kacha, rompendo o estômago dele, saiu como a lua na noite do décimo quinto dia da quinzena clara. E vendo os restos do seu preceptor jazendo como uma pilha de penitências Kacha o reviveu, ajudado pela ciência que aprendeu. Reverenciando-o com respeito Kacha disse ao preceptor, 'Àquele que despeja o néctar do conhecimento aos ouvidos de alguém, assim como tu fizeste comigo que estava então desprovido de conhecimento, a ele eu considero como meu pai e mãe. E se lembrando do imenso auxílio dado por ele, quem poderá ser tão ingrato a ponto de ofendê-lo? Aqueles que, tendo adquirido conhecimento, ferem seu preceptor, que é sempre um objeto de culto, que é o dador de conhecimento, que é o mais precioso de todos os objetos preciosos na Terra, vêm a ser odiados sobre a Terra e finalmente vão para as regiões dos pecaminosos.'

Vaisampayana continuou, 'O erudito Sukra, tendo sido enganado enquanto estava sob a influência do vinho, se lembrando da total perda de consciência que é uma das consequências terríveis da bebida, e vendo também o belo Kacha a quem ele tinha, em um estado de inconsciência, bebido com seu vinho, então pensou em efetuar uma reforma nos costumes dos brâmanes. Usanas de grande alma se erguendo do solo com raiva então falou o seguinte: ‘O desventurado brâmane que deste dia em diante, incapaz de resistir à tentação, beber vinho, será considerado como tendo perdido a virtude e será avaliado como se tivesse cometido o pecado de matar um brâmane, sendo odiado neste e nos outros mundos. Eu estabeleço esse limite à conduta e dignidade dos brâmanes em todos os lugares. Que os honestos, que os brâmanes, que aqueles que têm respeito para com seus superiores, que os deuses e que os três mundos, ouçam!' Tendo dito essas palavras aquele de grande alma, aquele asceta dos ascetas, então convocou os Danavas, que tinham sido privados de bom senso pelo destino, e disse a eles estas palavras, ‘Danavas tolos, saibam que Kacha obteve o que desejava. Ele de agora em diante morará comigo. Tendo obtido o valioso conhecimento de reanimar os mortos aquele brâmane, de fato, se tornou em destreza assim como o próprio Brahman!'

Vaisampayana continuou, 'Bhargava disse essas palavras muito abruptamente. Os danavas ficaram surpresos e foram embora para as suas casas. Kacha, também, tendo ficado com seu preceptor por mil anos completos então se preparou para voltar à residência dos celestiais, depois de ter obtido a permissão de seu preceptor.'

77

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois do término do período de seu voto, Kacha, tendo obtido a permissão do preceptor estava prestes a voltar para a residência dos celestiais quando Devayani, dirigindo-se a ele, disse, 'Ó neto do rishi Angiras, em conduta e nascimento, em aprendizagem, ascetismo e humildade tu resplandeces brilhantemente. Como o célebre rishi Angiras é honrado e considerado por meu pai, assim teu pai é considerado e adorado por mim. Ó tu de riqueza ascética, sabendo disso, escuta o que eu digo. Lembra-te da minha conduta em relação a ti durante o período do teu voto (brahmacharya). O teu voto agora está concluído. Cabe a ti fixar o teu afeto em mim. Aceita a minha mão devidamente com os mantras ordenados.'

Kacha respondeu, 'Tu és para mim um objeto de respeito e adoração como o teu pai! Ó tu de feições impecáveis, tu és, de fato, um objeto de grande reverência! Tu és mais cara do que a vida para Bhargava de grande alma, ó amável! Como a filha do meu preceptor tu sempre és digna do meu culto! Como meu preceptor Sukra, teu pai, é merecedor dos meus respeitos, assim tu és, ó Devayani! Portanto, não cabe a ti falar dessa maneira.' Ouvindo isso Devayani respondeu, 'Tu também és filho do meu pai que é teu preceptor. Portanto, ó melhor dos brâmanes, tu és merecedor dos meus respeitos e culto. Ó Kacha, quando tu foste morto tantas vezes pelos asuras, lembra-te hoje do afeto que eu demonstrei por ti. Lembrando-te da minha amizade e afeto por ti, e, de fato, do meu dedicado respeito também, ó virtuoso, não cabe a ti me abandonar com uma omissão. Eu estou realmente afeiçoada a ti.'

Ouvindo tudo isso Kacha disse, 'Ó tu de votos virtuosos, não me incites a seguir essa conduta pecaminosa. Ó tu de formosos olhos castanhos, sê bondosa para comigo. Bela, tu és para mim um objeto de mais respeito do que o meu preceptor. Cheia de resoluções virtuosas, ó de grandes olhos, e de rosto tão belo quanto a lua, o lugar onde tu residiste, o corpo de Kavya, também foi minha residência. Tu és realmente minha irmã. Amável, nós passamos em felicidade os dias em que estivemos juntos. Há perfeita compreensão entre nós. Eu peço a tua permissão para voltar para a minha residência. Portanto, me abençoa para que a minha viagem seja segura. Eu devo ser lembrado por ti, quando tu me recordares com relação a assuntos de conversa, como alguém que não violou a virtude. Eu sempre cuidei do meu preceptor com boa vontade e honestidade de coração.' Para tudo isso Devayani respondeu, 'Solicitado por mim, se, de fato, tu realmente

te recusares a me fazer tua esposa, então, ó Kacha, esse teu conhecimento não trará frutos.'

Kacha então disse, 'Eu recusei teu pedido somente porque tu és filha do meu preceptor e não porque tu tens alguma imperfeição. Nem meu preceptor me deu nenhuma ordem a esse respeito. Amaldiçoa-me se isso te agrada. Eu te disse qual deve ser o comportamento de um rishi. Eu não mereço a tua maldição, ó Devayani. Mas ainda assim tu me amaldiçoaste! Tu agiste sob a influência da paixão e não por senso de dever. Portanto, o teu desejo não será realizado. Nenhum filho de rishi aceitará a tua mão em casamento. Tu disseste que o meu conhecimento não trará frutos. Que seja assim. Mas ele dará frutos para aquele a quem eu comunicá-lo.'

Vaisampayana continuou, 'Aquele principal dos brâmanes, Kacha, tendo dito isso para Devayani se dirigiu rapidamente para a residência do chefe dos celestiais. Vendo sua chegada, os celestiais com Indra adiante, tendo primeiro o reverenciado, falaram a ele o seguinte, 'Tu de fato, realizaste uma ação de grande benefício para nós. Foi extraordinária a tua realização! A tua fama nunca morrerá! Tu compartilharás conosco das oferendas sacrificais.'

78

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Os habitantes do céu ficaram extremamente contentes ao receberem Kacha que tinha dominado a notável ciência. E, ó touro da raça Bharata, os celestiais então aprenderam a ciência de Kacha e consideraram seu objetivo alcançado. E se reunindo eles falaram àquele de cem sacrifícios, dizendo, 'Chegou a hora de mostrar coragem. Mata teus inimigos, ó Purandara!' E assim, Maghavat, então acompanhado pelos celestiais, saiu dizendo, 'Assim seja.' Mas em seu caminho ele viu várias donzelas. Aquelas moças estavam se divertindo em um lago nos jardins do gandharva Chitraratha. Convertendo-se em vento, ele logo desordenou as roupas que aquelas moças tinham deixado na margem. Pouco tempo depois, as moças, se erguendo da água, se aproximaram de suas roupas que estavam, de fato, misturadas umas com as outras. E aconteceu que da pilha misturada as roupas de Devayani foram pegas por Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, por ignorar que não eram as dela. E, ó rei, depois disso, entre elas, Devayani e Sarmishtha, então se seguiu uma discussão. E Devayani disse, 'Ó filha do asura (chefe), por que tu pegaste o meu traje, sendo, como tu és, minha discípula? Como és desprovida de bom comportamento nada de bom poderá te acontecer!' Sarmishtha, no entanto, rapidamente respondeu, 'Teu pai ocupa um assento inferior, e sempre adora com expressão abatida, como um empregado cantor de louvores, o meu pai, quer ele esteja sentado ou repouse deitado! Tu és a filha de um cantor dos louvores de outros, de alguém que aceita esmolas. Eu sou a filha de alguém que é adorado, de alguém que concede esmolas em vez de

aceitá-las! Mulher mendiga como tu és, tu és livre para golpear teu peito, para usar más palavras, para jurar inimizade a mim, para ceder à tua cólera. Recebedora de esmolas, tu derramas lágrimas de raiva em vão! Se inclinada a isso eu posso te prejudicar, mas tu não podes. Tu desejas discutir. Mas saibas que eu não te considero como minha igual!'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras Devayani ficou muito enraivecida e começou a puxar dela suas roupas. Sarmishtha então a jogou em um poço e foi para casa. De fato, a perversa Sarmishtha crendo que Devayani estava morta dirigiu seus passos para casa com um humor colérico.

Depois que Sarmishtha havia saído Yayati, o filho de Nahusha, logo chegou àquele local. O rei tinha saído para caçar. O par de cavalos atrelados ao seu carro e o outro único cavalo que tinha consigo estavam todos cansados. E o próprio rei estava com sede. O filho de Nahusha viu um poço e se dirigiu até ele. E ele viu que o poço estava seco. Mas ao olhar para baixo ele viu uma moça que em esplendor era como um fogo ardente. E vendo-a dentro do poço o rei abençoado falou àquela moça da aparência dos celestiais, confortando-a com palavras gentis. E ele disse, 'Quem és tu, ó formosa, de unhas brilhantes como cobre polido, e com brincos decorados com pedras preciosas celestes? Tu pareces estar muito transtornada. Por que tu choras em aflição? Como, de fato, tu caíste neste poço coberto com plantas e grama comprida? E, ó menina de cintura delgada, responde-me realmente de quem tu és filha.’

Devayani então respondeu, 'Eu sou a filha de Sukra que devolve a vida aos asuras mortos pelos deuses. Ele não sabe o que me aconteceu. Esta é minha mão direita, ó rei, com unhas brilhantes como cobre polido. Tu és bem nascido, e eu te peço para pegá-la e me erguer! Eu sei que tu tens bom comportamento, grande coragem e ampla fama! Cabe a ti, portanto, me erguer desse poço.’

Vaisampayana continuou, 'O rei Yayati, sabendo que ela era filha de um brâmane, a ergueu daquele poço por segurar sua mão direita. E o monarca prontamente a ergueu do buraco e olhou de soslaio para as suas belas pernas e gentilmente e cortesmente voltou para a sua capital.

Quando o filho de Nahusha tinha ido embora, Devayani de feições impecáveis angustiada falou para sua empregada, de nome Ghurnika, que a encontrou então. E ela disse, 'Ó Ghurnika, vai rapidamente e fala com meu pai sem perda de tempo sobre tudo o que aconteceu. Eu agora não entrarei na cidade de Vrishaparvan.'

Vaisampayana continuou, 'Ghurnika, assim ordenada, dirigiu-se rapidamente à mansão do asura chefe, onde ela viu Kavya e falou a ele com sua percepção turva pela raiva. E ela disse, 'Eu digo a ti, ó grande brâmane, que Devayani foi maltratada, ó afortunado, na floresta por Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan.' E Kavya, sabendo que sua filha tinha sido maltratada por Sarmishtha partiu depressa com o coração pesado, procurando por ela nas florestas. E quando a encontrou ele a abraçou com afeto e falou a ela com voz sufocada pela dor, 'Ó filha, a felicidade ou a dor que ocorre às pessoas é sempre devido às suas próprias falhas. Tu tens portanto uma falha, eu creio, a qual foi expiada dessa

forma.' Ouvindo isso Devayani respondeu, 'Sendo um castigo ou não, me escuta com atenção. Ó, ouve tudo o que Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, me disse. Realmente ela disse que tu és só um empregado cantor dos louvores do rei asura! Foi desta forma que Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, me falou, com olhos vermelhos, essas palavras cortantes e cruéis, 'Tu és a filha de um cantor dos louvores dos outros, de alguém que pede caridade, de alguém que aceita esmolas, enquanto que eu sou a filha de alguém que recebe adorações, de alguém que dá e nunca aceita nada como presente!' Essas foram as palavras repetidamente faladas a mim pela orgulhosa Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, com os olhos vermelhos de raiva. Se, ó pai, eu sou realmente a filha de um empregado cantor de louvores, de alguém que aceita presentes, eu devo oferecer minhas adorações na esperança de obter o perdão dela! Oh, por causa das coisas que eu já disse a ela!'

Sukra respondeu, 'Tu não és, ó Devayani, a filha de um empregado adorador, de alguém que pede esmolas e aceita presentes. Tu és a filha de um homem que não adora ninguém, mas que é adorado por todos! O próprio Vrishaparvan sabe disso, e Indra, e o rei Yayati também. O inconcebível Brahma, o principal dos deuses que não tem opositor, é a minha força! O próprio autocriado, satisfeito por mim, disse que eu sou para sempre o senhor de todas as coisas que estão sobre a Terra ou o Céu! Eu digo a ti realmente que sou eu quem despeja a chuva pelo bem das criaturas e que nutre as plantas anuais que sustentam todas as coisas vivas!'

Vaisampayana continuou, 'E foi por essas palavras gentis de grande importância que aquele pai se esforçou para acalmar sua filha afligida pela dor e oprimida pela raiva.'

79

(Continuação do Sambhava Parva)

Sukra continuou, ‘Saibas, então, ó Devayani, que aquele que não presta atenção às más palavras dos outros conquista tudo! O sábio diz que é um verdadeiro quadrigário aquele que sem afrouxar segura firmemente as rédeas de seus cavalos. Portanto, é um verdadeiro homem aquele que se domina, sem ceder à raiva em ascensão. Saibas, ó Devayani, que aquele que conquista tudo é o que domina a sua ira tranquilamente. É considerado como um homem aquele que, por recorrer ao perdão, se livra de sua raiva ascendente como uma cobra deixando cair sua pele. Aquele que elimina a raiva, aquele que não dá atenção às más palavras dos outros, aquele que não fica furioso, embora tenha motivos para estar, sem dúvida adquire os quatro objetos pelos quais nós vivemos (virtude, lucro, desejo e salvação). Entre aquele que realiza sem fadiga sacrifícios todo mês por cem anos e aquele que nunca se sente zangado por nada, aquele que não sente ira sem dúvida é o superior. Homens e mulheres, incapazes de distinguir entre o certo e o errado, discutem entre si. Os sábios nunca os imitam.’ Devayani,

ouvindo essas palavras de seu pai, disse, 'Ó pai, eu sei também qual é a diferença entre raiva e perdão em relação ao poder de cada um. Mas quando um discípulo age desrespeitosamente ele nunca deve ser perdoado pelo preceptor se o último está realmente desejoso de beneficiar o primeiro. Portanto, eu não desejo viver mais em um país onde o mau comportamento é um prêmio. O homem sábio desejoso de bem não mora entre aqueles homens pecaminosamente inclinados que sempre falam mal do bom comportamento e do nobre nascimento. Mas ele deve viver, de fato, naquele que é considerado o melhor lugar para se viver, onde o bom comportamento e a pureza de nascimento são conhecidos e respeitados. As palavras cruéis proferidas pela filha de Vrishaparvan queimam meu coração como os homens, desejosos de acender o fogo, queimam o combustível seco. Eu não acho nada mais miserável para um homem nos três mundos do que adorar um inimigo abençoado com boa sorte, ele mesmo não possuindo nada. É de fato dito pelos eruditos que até a morte seria melhor.’

80

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Kavya, o principal da linhagem de Bhrigu, ficou zangado. E ele se aproximou de Vrishaparvan onde o último estava sentado, e começou a se dirigir a ele sem pesar suas palavras, 'Ó rei' ele disse, 'ações pecaminosas, como a Terra, não dão frutos imediatamente! Mas gradualmente e secretamente elas destroem aqueles que as praticam. Os frutos de tais ações visitam a própria pessoa, um filho, ou um neto. Os pecados devem dar seus resultados. Como comida abundante eles nunca podem ser digeridos. E porque vocês assassinaram o brâmane Kacha, o neto de Angiras, que era virtuoso, conhecedor dos princípios da religião, e atento às suas funções, enquanto morava na minha residência, por esse ato de assassinato, e também pelo destrato à minha filha, saibas, ó Vrishaparvan, que eu te deixarei e aos teus parentes! De fato, ó rei, por isso, eu não posso mais ficar contigo! Tu pensas, ó asura chefe, que eu sou um delirante mentiroso? Tu fizeste teu delito sem procurar corrigi-lo!'

Vrishaparvan então disse, 'Ó filho de Bhrigu, eu nunca atribuí a ti pobreza de virtude, ou falsidade. De fato, virtude e verdade sempre moram em ti. Sê bondoso para comigo! Ó Bhargava, se, nos deixando, tu realmente fores embora, nós então entraremos nas profundezas do oceano. De fato, não haverá nada mais para nós fazermos.'

Sukra então respondeu, 'Ó asuras, se vocês entrarem nas profundezas do oceano ou partirem em todas as direções eu não me importo. Eu não posso suportar a dor da minha filha. Minha filha é preciosa para mim. Minha vida depende dela. Procurem agradá-la. Como Vrihaspati sempre busca o bem de Indra, eu também sempre procuro o teu por meus méritos ascéticos.'

Vrishaparvan então disse, 'Ó Bhargava, tu és o absoluto senhor de tudo o que é possuído pelo principal asura neste mundo, seus elefantes, vacas e cavalos, e até da minha humilde pessoa!'

Sukra então respondeu, 'Se é verdade, ó grande asura, que eu sou o senhor de toda a riqueza dos asuras, então vai e agrada Devayani.'

Vaisampayana continuou, 'Quando o grande Kavya ouviu essas palavras de Vrishaparvan ele então foi até Devayani e disse tudo a ela. Devayani, no entanto, rapidamente respondeu, 'Ó Bhargava, se tu és realmente o senhor do próprio rei asura e de toda a sua riqueza, então que o próprio rei venha a mim e diga isso na minha presença.' Vrishaparvan então se aproximou de Devayani e disse a ela, 'Ó Devayani de sorriso formoso, o que quer que tu desejes eu quero te dar, mesmo que tal coisa seja muito difícil de conceder.' Devayani respondeu, 'Eu desejo Sarmishtha com um mil empregadas para me servir! Ela deve também me seguir para onde meu pai me mandar.'

Vrishaparvan então mandou uma serva que estava em sua presença, dizendo, 'Vai e rapidamente traze Sarmishtha para cá. Que ela também realize o que Devayani deseja.'

Vaisampayana continuou, 'A serva então se dirigiu a Sarmishtha e disse a ela, 'Ó amável Sarmishtha, levanta e me segue. Realiza um bem para os teus parentes. Instigado por Devayani, o brâmane (Sukra) está a ponto de deixar seus discípulos (os asuras). Ó impecável, tu deves fazer o que Devayani deseja.' Sarmishtha respondeu, 'Eu alegremente farei o que Devayani deseja. Incitado por Devayani Sukra está me chamando. Sukra e Devayani não devem deixar os asuras por causa do meu erro.'

Vaisampayana continuou, 'Por ordens de seu pai, então, Sarmishtha, acompanhada por mil moças, logo partiu, em um palanquim, da mansão excelente do pai. E se aproximando de Devayani ela disse, 'Com minhas mil empregadas eu estou a teu serviço! E eu te seguirei para onde o teu pai possa te mandar.' Devayani respondeu, 'Eu sou a filha daquele que canta os louvores para o teu pai, e de quem mendiga e aceita esmolas, tu, por outro lado, és a filha daquele que é adorado. Como tu podes estar a me servir?'

Sarmishtha respondeu, 'Uma pessoa deve contribuir de todas as maneiras para a felicidade dos parentes aflitos. Portanto eu te seguirei para onde quer que o teu pai possa te mandar.'

Vaisampayana continuou, 'Quando Sarmishtha assim prometia ser a serva de Devayani a última, ó rei, então falou ao seu pai desta forma, 'Ó melhor de todos os brâmanes excelentes, eu estou satisfeita. Eu agora entrarei na capital asura! Eu agora sei que a tua ciência e poder de conhecimento não são inúteis!'

Vaisampayana continuou, 'Aquele melhor dos brâmanes, de grande reputação, assim ouvindo sua filha, então entrou na capital asura com alegria em seu coração. E os Danavas o adoraram com grande reverência.'

81

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois de algum tempo, ó melhor dos monarcas, a bela Devayani entrou nas mesmas florestas para se divertir. E acompanhada por Sarmishtha com suas mil empregadas ela alcançou o mesmo local e começou a vagar livremente. E assistida por todas aquelas companheiras ela se sentiu muito feliz. E se divertindo com corações leves elas começaram a beber o mel das flores, a comer várias espécies de frutas e a morder algumas. E justamente naquela hora o rei Yayati, o filho de Nahusha, outra vez foi lá cansado e com sede, no decorrer de suas andanças à procura de veados. E o rei viu Devayani e Sarmishtha, e aquelas outras moças também, todas enfeitadas com ornamentos celestes e cheias de langor voluptuoso por causa do mel das flores que elas tinham bebido. E Devayani de doces sorrisos, inigualável em beleza e possuidora da mais bela compleição entre todas elas, estava reclinada tranquilamente. E ela estava sendo atendida por Sarmishtha que estava massageando suavemente seus pés.

E Yayati vendo tudo aquilo disse, 'Ó amáveis, eu devo perguntar a vocês seus nomes e ascendência. Parece que estas duas mil empregadas servem a vocês duas.' Ouvindo o monarca, Devayani então respondeu, 'Escuta, ó melhor dos homens. Saibas que eu sou a filha de Sukra, o guia espiritual dos asuras. Esta minha companheira é minha serva. Ela me acompanha aonde quer que eu vá. Ela é Sarmishtha, a filha do rei asura Vrishaparvan.'

Yayati então perguntou, 'Eu estou curioso para saber por que esta tua companheira de belos olhos castanhos, esta bela donzela, a filha do principal asura, é tua serva!' Devayani respondeu, 'Ó melhor dos reis, tudo resulta do Destino. Sabendo que é resultado do Destino, não te surpreendas com isso. Tuas feições e trajes são ambos como os de um rei. Tuas palavras são justas e corretas como as dos Vedas. Dize-me o teu nome, de onde és e de quem és filho também.'

O monarca respondeu, ‘Durante o meu voto de brahmacharya todos os Vedas entraram em meus ouvidos. Eu sou conhecido como Yayati, o filho de um rei e eu mesmo um rei.’ 'Devayani então perguntou, 'Ó rei, para que tu vieste para cá? Para colher lótus ou para caçar?' Yayati disse, 'Ó amável, com sede da caça de um cervo eu vim para cá à procura de água. Eu estou muitíssimo cansado. Eu espero somente por tuas ordens para deixar este local.'

Devayani respondeu, 'Com minhas duas mil donzelas e minha serva Sarmishtha eu espero as tuas ordens. Prosperidade para ti. Sê meu amigo e senhor.'

Yayati respondeu, 'Bela, eu não te mereço. Tu és filha de Sukra que é de longe superior a mim. Teu pai não pode te entregar nem mesmo para um grande rei.' A isso Devayani respondeu, 'Brâmanes foram antes unidos com kshatriyas, e

kshatriyas com brâmanes. Tu és o filho de um rishi e tu mesmo és um rishi. Portanto, ó filho de Nahusha, casa comigo.' Yayati, no entanto, respondeu, 'Ó tu de belas feições, as quatro classes, de fato, vieram de um só corpo. Mas seus deveres e pureza não são os mesmos, os brâmanes são realmente superiores a todos.' Devayani respondeu, 'Esta minha mão nunca foi tocada antes por nenhum homem além de ti. Portanto, eu te aceito como meu marido. Como, de fato, outro homem tocaria a minha mão que foi antes tocada por ti que és um rishi?' Yayati então disse, 'Os sábios sabem que um brâmane deve ser mais evitado do que uma cobra zangada de veneno virulento, ou do que um fogo ardente que espalha suas chamas.' Devayani então disse ao monarca, 'Ó touro entre homens, por que tu, de fato, dizes que brâmanes devem ser mais evitados do que uma cobra de virulento veneno ou um fogo ardente?' O monarca respondeu, 'A cobra mata somente um. A arma afiada mata somente uma única pessoa. O brâmane quando zangado destrói cidades e reinos inteiros! Portanto, ó tímida, eu julgo que um brâmane deve ser mais evitado do que ambos. Então eu não posso me casar contigo, ó amável, a menos que o teu pai te conceda para mim.' Devayani então disse, 'Tu és, de fato, escolhido por mim. E, ó rei, está entendido que tu deves me aceitar se o meu pai me conceder a ti. Tu não precisas temer aceitar minha pobre pessoa entregue a ti. De fato, não peças por mim.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disso Devayani rapidamente enviou uma serva até seu pai. A serva explicou para Sukra tudo o que tinha acontecido. E logo que soube de tudo Bhargava partiu e viu Yayati. E vendo Bhargava, Yayati reverenciou aquele brâmane, e ficou com as palmas na unidas em expectativa das suas ordens.'

E Devayani então disse, 'Este, ó pai, é o filho de Nahusha. Ele segurou a minha mão quando eu estive em angústia. Eu me curvo a ti. Entregua-me a ele. Eu não me casarei com ninguém mais no mundo.' Sukra exclamou, 'Ó tu de coragem esplêndida, tu foste, de fato, bem aceito como marido por esta minha querida filha. Eu a concedo a ti. Portanto, ó filho de Nahusha, aceita-a como tua mulher.'

Yayati então disse, 'Eu solicito a bênção, ó brâmane, que, por fazer isso, o pecado de gerar um bastardo não me toque.' Sukra, no entanto, o assegurou dizendo, 'Eu te absolverei do pecado. Pede a bênção que desejares. Não temas te casar com ela. Eu concedo a tua absolvição. Mantém virtuosamente a tua esposa, a esbelta Devayani. A felicidade será tua em sua companhia. Esta outra moça, filha de Vrishaparvan, Sarmishtha, deve sempre ser respeitada por ti. Mas não a convoques para a tua cama.'

Vaisampayana continuou, 'Abordado dessa forma por Sukra, Yayati então caminhou em volta do brâmane. E o rei então passou pela auspiciosa cerimônia de casamento segundo os ritos das escrituras. E tendo recebido de Sukra o rico tesouro da excelente Devayani com Sarmishtha e aquelas duas mil servas, e devidamente honrado também pelo próprio Sukra e os asuras, o melhor dos monarcas, então, por ordem de Bhargava de grande alma, voltou para a sua capital com o coração alegre.'

82

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Yayati então, ao voltar para a sua capital que era como a cidade de Indra, entrou em seus aposentos internos e lá instalou sua noiva Devayani. E o monarca, instruído por Devayani, instalou a filha de Vrishaparvan, Sarmishtha, em uma mansão especialmente construída perto das florestas artificiais de Asokas em seus jardins. E o rei cercou a filha de Vrishaparvan, Sarmishtha, com suas mil empregadas e a honrou fazendo todos os arranjos para sua alimentação e vestuário. Mas foi com Devayani que o filho real de Nahusha teve prazer como um celestial por muitos anos em alegria e felicidade. E quando sua época chegou, a formosa Devayani concebeu. E ela deu à luz como seu primeiro filho um belo menino. E quando mil anos tinham passado Sarmishtha alcançou a puberdade e viu que seu período fértil tinha chegado. Ela ficou ansiosa e disse a si mesma, 'Minha época chegou. Mas eu ainda não escolhi um marido. Ó, o que aconteceu, o que eu faço? Como eu obtenho a realização dos meus desejos? Devayani já se tornou mãe. Minha juventude está fadada a passar em vão. Eu devo escolher também para meu marido aquele que Devayani escolheu? Esta é, de fato, minha resolução: aquele monarca deve me dar um filho. O virtuoso não me concederá um encontro íntimo?'

Vaisampayana continuou, 'Enquanto Sarmishtha estava assim ocupada com seus pensamentos o rei que vagueava desatento foi até a floresta de Asokas, e, vendo Sarmishtha diante dele, lá ficou em silêncio. Então Sarmishtha de sorrisos doces viu o monarca perto de si, sem ninguém para testemunhar o que poderia acontecer, e se aproximou e disse com as palmas unidas, 'Ó filho de Nahusha, ninguém pode ver as senhoras que moram nos apartamentos internos de Soma, de Indra, de Vishnu, de Yama, de Varuna, e de ti! Tu sabes, ó rei, que eu sou bela e bem nascida. Eu te solicito, ó rei! Minha época fértil chegou. Faze com que ela não passe em vão.'

Yayati respondeu, 'Eu bem sei da honra do teu nascimento, nascida como és na linhagem orgulhosa dos danavas. Tu és também dotada de beleza. Eu, de fato, não vejo nenhum indício de imperfeição em teu aspecto. Mas Usanas me ordenou que enquanto eu estivesse unido com Devayani eu nunca convocasse a filha de Vrishaparvan para a minha cama.'

Sarmishtha então disse, 'É dito, ó rei, que não é pecaminoso mentir na ocasião de uma brincadeira, em relação a mulheres que se procura alegrar, em ocasiões de casamento, em perigo de morte imediata e da perda de toda a fortuna. Mentir é perdoável nessas cinco ocasiões. Ó rei, não é verdade que é lançado por terra quem não fala a verdade quando perguntado. Devayani e eu fomos chamadas para cá como companheiras para servir ao mesmo propósito. Quando, portanto, tu disseste que te limitarias a apenas uma de nós duas foi uma mentira que falaste.'

Yayati respondeu, 'Um rei deve ser um modelo aos olhos de seus súditos. O monarca que fala inverdades certamente encontra a destruição. Quanto a mim, eu não falo uma mentira mesmo que uma grande perda me ameace!' Sarmishtha respondeu, 'Ó monarca, pode-se considerar o marido de sua amiga como o seu próprio. O casamento de um amigo é o mesmo que o seu próprio. Tu foste escolhido por minha amiga como marido. Tu és como meu marido, portanto.' Yayati então disse, 'É, de fato, minha promessa sempre realizar um pedido. Como tu pedes a mim, dize-me então o que eu devo fazer.' Sarmishtha então disse, 'Me absolva, ó rei, do pecado. Protege minha virtude. Tornando-me mãe através de ti, que eu pratique a virtude mais elevada neste mundo. É dito, ó rei, que uma mulher, um escravo e um filho nunca podem ganhar riqueza para si próprios. O que eles ganham sempre pertence a quem eles pertencem. Eu sou, de fato, a escrava de Devayani. Tu és o mestre e senhor de Devayani. Tu és, portanto, ó rei, meu mestre e senhor tanto quanto Devayani ! Eu te peço! Ó, realiza os meus desejos!'

Vaisampayana continuou, 'Assim abordado por Sarmishtha o monarca foi persuadido da verdade de tudo o que ela falou. Ele, portanto, honrou Sarmishtha por proteger sua virtude. E eles passaram algum tempo juntos. E se despedindo afetuosamente um do outro eles então partiram, cada um voltando para o lugar de onde tinha vindo.

E ocorreu que Sarmishtha de sorrisos doces concebeu por consequência daquela ligação com o melhor dos monarcas. E, ó rei, aquela senhora de olhos de lótus então no decorrer do tempo deu à luz um filho do esplendor de uma criança celeste e de olhos como pétalas de lótus.'

83

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando Devayani teve notícia do nascimento daquela criança ela ficou ciumenta, e ó Bharata, Sarmishtha se tornou objeto de suas reflexões desagradáveis. E Devayani, indo até ela, falou-lhe desta forma, 'Ó tu de belos olhos, que pecado é este que cometeste por entregar-te à influência da luxúria?' Sarmishtha respondeu, 'Certo rishi de alma virtuosa e totalmente conhecedor dos Vedas veio a mim. Capaz de conceder bênções ele foi solicitado por mim para realizar meus desejos que eram baseados em considerações de virtude. Ó tu de doces sorrisos, eu não procuraria a satisfação pecaminosa dos meus desejos. Eu te digo realmente que esta criança é minha com aquele rishi!' Devayani respondeu, 'Está tudo bem se esse é o caso, ó tímida! Mas se a linhagem, nome, e família deste brâmane é conhecido por ti, eu gostaria de ouvi-los.' Sarmishtha respondeu, 'Ó tu de doces sorrisos, em ascetismo e energia, aquele rishi é resplandecente como o próprio Sol. Vendo-o, eu não tive nenhuma necessidade de fazer essas perguntas.' Devayani então disse, 'Se isso é verdade,

se de fato, tu obtiveste o teu filho de tal brâmane superior, então, ó Sarmishtha, eu não tenho motivos para raiva.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo assim falado e rido uma com a outra elas se separaram, Devayani voltou ao palácio com o conhecimento dado a ela por Sarmishtha. E, ó rei, Yayati também gerou em Devayani dois filhos chamados Yadu e Turvasu, que eram como Indra e Vishnu. E Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, tornou-se pelo sábio real a mãe de três filhos ao todo, chamados Drahyu, Anu, e Puru.

E, ó rei, ocorreu que um dia Devayani, acompanhada por Yayati, entrou em uma parte solitária das florestas, (no extenso parque do rei). E lá ela viu três crianças de beleza celeste brincando com perfeita confiança. E Devayani perguntou com surpresa, 'De quem são essas crianças, ó rei, que são tão bonitas como os filhos dos celestiais? Em esplendor e beleza eles são como tu, eu penso.'

Vaisampayana continuou, 'E Devayani sem esperar por uma resposta do rei perguntou às próprias crianças, 'Crianças, qual é a sua linhagem? Quem é o seu pai? Respondam-me a verdade. Eu desejo saber tudo.' Aquelas crianças então apontaram para o rei (com seus dedos indicadores) e falaram de Sarmishtha como sua mãe.

E tendo assim falado as crianças se aproximaram do rei para abraçar seus joelhos. Mas o rei não ousou acarinhá-los na presença de Devayani. Os meninos então deixaram o lugar, e foram em direção a sua mãe, chorando de tristeza. E o rei, por essa conduta dos meninos, ficou muitíssimo envergonhado. Mas Devayani, notando o afeto das crianças pelo rei descobriu o segredo e dirigindo-se a Sarmishtha, disse, 'Como tu ousaste me fazer esta injúria, sendo, como és, dependente de mim? Tu não temeste recorrer uma vez mais àquela tua conduta asura?'

Sarmishtha disse, 'Ó tu de doces sorrisos, tudo o que eu te disse sobre um rishi é perfeitamente verdadeiro. Eu agi corretamente e segundo os preceitos de virtude, e, portanto, eu não te temo. Quando tu escolheste o rei como teu marido, eu, também, o escolhi como meu. Ó bela, o marido de uma amiga é, de acordo com o costume, como o seu próprio marido. Tu és a filha de um brâmane e, portanto, mereces meu culto e respeito. Mas tu não sabes que este sábio nobre tem também uma grande estima por mim?'

Vaisampayana disse, 'Devayani então, ouvindo aquelas palavras dela, exclamou, ó rei, assim, 'Tu foste injusto comigo, ó monarca! Eu não viverei mais aqui.' E assim dizendo ela rapidamente ergueu-se e, com lágrimas nos olhos, foi até seu pai. E o rei estava aflito por vê-la daquele jeito, e muito alarmado seguiu seus passos, se esforçando para apaziguar a ira dela. Mas Devayani, com os olhos vermelhos de raiva, não cedeu. Não falando nenhuma palavra ao rei, com os olhos banhados em lágrimas, ela logo aproximou-se de seu pai Usanas, o filho de Kavi. E vendo seu pai ela ficou perante ele, depois das devidas saudações. E Yayati também, imediatamente depois dela, saudou e adorou Bhargava.'

E Devayani disse, 'Ó pai, a virtude foi conquistada pelo vício. O inferior se ergueu, e o superior foi lançado por terra. Eu fui ofendida outra vez por Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan. Três filhos foram gerados nela por este rei Yayati. Mas, ó pai, desafortunada como sou eu tenho só dois filhos! Ó filho de Bhrigu, este rei é famoso por seu conhecimento dos preceitos de religião. Mas, ó Kavya, eu digo a ti que ele se desviou do caminho da retidão.'

Sukra, ouvindo tudo isso, disse, 'Ó monarca, desde que cometeste essa imoralidade, embora conhecendo totalmente os preceitos de religião, uma invencível decrepitude te paralisará!' Yayati respondeu, 'Venerável, eu fui solicitado pela filha do rei danava para que a sua época frutificasse. Eu o fiz por um sentido de virtude e não por outros motivos. O homem que, sendo solicitado por uma mulher em sua estação não realiza o desejo dela é chamado, ó brâmane, por aqueles que conhecem os Vedas, de matador de embrião. Aquele que, solicitado em segredo por uma mulher cheia de desejo e no período correto não vai a ela, perde a virtude e é chamado pelos eruditos de assassino de embrião, ó filho de Bhrigu, por essas razões, e ansioso para evitar o pecado, eu fui até Sarmishtha.' Sukra então respondeu, 'Tu és dependente de mim. Tu deverias ter esperado a minha ordem. Tendo agido erroneamente na questão do teu dever, ó filho de Nahusha, tu és culpado do pecado de roubo.'

Vaisampayana continuou, 'Yayati, o filho de Nahusha, assim amaldiçoado pelo enfurecido Usanas, foi então privado de sua juventude e imediatamente tomado pela decrepitude. E Yayati disse, 'Ó filho de Bhrigu, eu ainda não fui satisfeito nem pela juventude nem por Devayani. Portanto, ó brâmane, sê bondoso para que a decrepitude não possa me tocar.' Sukra então respondeu, 'Eu nunca falo inverdades. Agora mesmo, ó rei, tu estás tomado pela velhice. Mas se quiseres tu serás capaz de transferir esta tua decrepitude para outro.' Yayati disse, 'Ó brâmane, que seja ordenado por ti que o filho meu que me der sua juventude desfrute do meu reino, e obtenha virtude e fama.' Sukra respondeu, 'Ó filho de Nahusha, pensando em mim tu podes transferir essa tua decrepitude para qualquer pessoa que quiseres. O filho que te der sua juventude se tornará teu sucessor ao trono. Ele também terá vida longa, grande fama, e prole numerosa!'

84

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Yayati, então, vencido pela velhice, voltou para a sua capital e convocando seu filho mais velho Yadu que era também o mais ilustre, dirigiu-se a ele assim: 'Caro filho, por causa da maldição de Kavya, chamado também de Usanas, decrepitude e rugas e cabelos brancos vieram sobre mim. Mas eu ainda não me satisfiz com os prazeres da mocidade. Ó Yadu, toma a minha fraqueza junto com minha velhice. Eu me alegrarei com tua juventude. E

quando mil anos completos se passarem, te devolvendo tua mocidade, eu tomarei de volta minha fraqueza com esta decrepitude!'

Yadu respondeu, ‘Há inúmeras inconveniências na velhice em relação a beber e comer. Portanto, ó rei, eu não aceitarei a tua velhice. Essa é, de fato, a minha decisão. Cabelos brancos na cabeça, desânimo e afrouxamento dos nervos, rugas por todo o corpo, deformidades, fraqueza dos membros, emaciação, incapacidade para o trabalho, derrota pelas mãos dos amigos e companheiros, essas são as consequências da velhice. Portanto, ó rei, eu não a desejo. Ó rei, tu tens muitos filhos que são estimados por ti. Tu conheces os preceitos da virtude. Pede a outro filho teu para pegar tua decrepitude.’

Yayati respondeu, 'Tu vieste do meu coração, ó filho, mas não me deste tua juventude. Portanto, teus filhos nunca serão reis.' E ele continuou, dirigindo-se a outro filho seu, 'Ó Turvasu, aceita esta minha fraqueza junto com minha decrepitude. Com tua mocidade, ó filho, eu gostaria de desfrutar dos prazeres da vida. Depois do lapso de mil anos completos eu devolverei para ti a juventude, e tu me devolverás minha fraqueza e velhice.'

Turvasu respondeu, 'Eu não gosto da decrepitude, ó pai, ela tira todos os apetites e prazeres, força e beleza de uma pessoa, intelecto, e até vida.' Yayati disse, 'Tu vieste do meu coração, ó filho! Mas tu não me deste tua juventude! Portanto, ó Turvasu,a tua linhagem será extinta. Perverso, tu serás o rei daqueles cujas práticas e preceitos são impuros, entre os quais homens de sangue inferior geram filhos em mulheres de sangue azul, que vivem da carne, que são vis, que não hesitam em se apropriar das esposas de seus superiores, cujas práticas são as das aves e dos animais, que são pecaminosos, e não-arianos.'

Vaisampayana disse, 'Yayati, tendo assim amaldiçoado seu filho Turvasu, então se dirigiu ao filho de Sarmishtha, Drahyu, desta forma, 'Ó Drahyu, aceita por mil anos minha decrepitude destrutiva de beleza corpórea e dá-me a tua mocidade. Quando mil anos se passarem eu te devolverei tua juventude e tu me darás de volta a minha própria fraqueza e decrepitude.' A isso Drahyu respondeu, 'Ó rei, alguém decrépito nunca pode desfrutar de elefantes, carros, cavalos e mulheres. Até sua voz se torna inexpressiva. Portanto, eu não desejo tua decrepitude.' Yayati disse a ele, 'Tu vieste do meu coração, ó filho! Mas te recusaste a me dar tua juventude. Portanto, os teus maiores desejos nunca serão realizados. Tu serás rei, só no nome, daquela região onde não há estradas para (a passagem de) cavalos e carros e elefantes, e bons veículos, e jumentos, e cabras e bois, e palanquins, onde há passagem somente por balsas e boias.' Yayati em seguida se dirigiu a Anu e disse, 'Ó Anu, toma a minha fraqueza e decrepitude. Eu com a tua juventude desfrutarei dos prazeres da vida por mil anos.' A isso Anu respondeu, 'Aqueles que são decrépitos sempre comem como crianças e estão sempre impuros. Eles não podem despejar as libações sobre o fogo na hora apropriada. Portanto, eu não gostaria de pegar tua decrepitude.' Yayati disse a ele, 'Tu vieste do meu coração, e não me deste tua a juventude. Tu achaste tantos defeitos na decrepitude. Portanto, a decrepitude te vencerá! E, ó Anu, a tua progênie também,

logo que alcançar a juventude, morrerá. E tu também não poderás realizar sacrifícios perante o fogo.'

Yayati finalmente voltou-se para o seu filho mais novo, Puru, e disse a ele, 'Tu és, ó Puru, o meu filho mais jovem! Mas tu serás o primeiro de todos! Decrepitude, rugas, e cabelos brancos vieram sobre mim por causa da maldição de Kavya chamado também de Usanas. Mas eu ainda não me saciei com a minha juventude. Ó Puru, aceita a minha fraqueza e velhice! Com a tua mocidade eu desfrutarei por alguns anos dos prazeres da vida. E quando mil anos tiverem passado eu devolverei tua mocidade e tu me devolverás minha própria decrepitude.'

Vaisampayana disse, 'Assim abordado pelo rei Puru respondeu com humildade, 'Eu farei, ó monarca, como tu me pedes. Eu pegarei, ó rei, a tua fraqueza e decrepitude. Toma minha juventude e desfruta como quiseres dos prazeres da vida. Coberto com tua decrepitude e me tornando velho eu, como me ordenas, continuarei a viver, dando a ti minha juventude.' Yayati então disse, 'Ó Puru, eu estou satisfeito contigo. E estando satisfeito, eu te digo que as pessoas do teu reino terão todos dos seus desejos realizados.'

E tendo dito isso o grande asceta Yayati, então pensando em Kavya, transferiu sua velhice para o corpo de Puru de grande alma.'

85

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'O monarca excelente Yayati, o filho de Nahusha, tendo recebido a juventude de Puru, ficou extremamente satisfeito. E com ela ele mais uma vez começou a perseguir todos os seus prazeres prediletos ao limite de suas forças, de acordo com as épocas, para derivar o maior prazer deles. E, ó rei, em nada do que fez ele agiu contra os preceitos da sua religião porque ele se comportou bem. Ele satisfez os deuses com seus sacrifícios, os Pitris com Sraddhas, os pobres com suas caridades, todos brâmanes excelentes por realizar seus desejos, todas as pessoas que tinham direito aos ritos de hospitalidade com comida e bebida, os vaisyas com proteção e os sudras com bondade. E o rei reprimiu todos os criminosos por meio de castigos apropriados. E Yayati, agradando a todos os seus súditos, os protegeu virtuosamente como outro Indra. E o monarca possuidor da bravura de um leão, com juventude e todos os objetos de prazer à disposição, desfrutou de felicidade ilimitada sem violar os preceitos da religião. E o rei se tornou muito feliz por assim poder desfrutar de todos os objetos excelentes de seus desejos. E ele somente ficava triste quando pensava que aqueles mil anos acabariam. E tendo obtido juventude por mil anos o rei, familiarizado com os mistérios do tempo, e observando Kalas e Kashthas apropriados se divertiu com (a donzela Celeste) Viswachi, às vezes no jardim belo

de Indra, às vezes em Alaka (a Cidade de Kuvera), e às vezes no topo da montanha Meru, no norte. E quando o monarca virtuoso viu que os mil anos tinham passado ele convocou seu filho, Puru, e dirigiu-se a ele assim, 'Ó opressor de inimigos, com tua juventude, ó filho, eu tenho desfrutado dos prazeres da vida, cada um segundo a sua época, para a satisfação dos meus desejos, ao limite dos meus poderes. Nossos desejos, no entanto, nunca são satisfeitos pela indulgência. Por outro lado, com a indulgência as suas chamas só aumentam como o fogo com libações de manteiga. Se só um homem fosse dono de tudo na Terra, de todas as suas produções de arroz e cevada, prata, ouro, e joias, seus animais e mulheres, ele ainda não estaria contente. A sede de prazeres, portanto, deve ser abandonada. De fato, a felicidade verdadeira pertence àqueles que abandonaram sua sede por objetos mundanos, sede que é difícil de ser abandonada pelos vis e pecaminosos, e que é realmente a doença fatal do homem. Meu coração por mil anos esteve fixado sobre os objetos de desejos. Minha sede por eles, no entanto, aumentou dia a dia sem diminuir. Portanto, eu a rejeitarei, e fixando a minha mente em Brahma passarei o resto dos meus dias com os cervos inocentes na floresta, pacificamente e com o coração longe do desejo de objetos mundanos. E ó Puru, eu estou muito satisfeito contigo! Que a Prosperidade seja tua! Recebe de volta esta tua juventude! Recebe também o meu reino. Tu és, de fato, o filho que me fez os maiores serviços.'

Vaisampayana continuou, 'Então Yayati, o filho de Nahusha, recebeu de volta a sua velhice. E seu filho Puru recebeu de volta a sua própria juventude. E Yayati quis instalar Puru, seu filho mais novo, no trono. Mas as quatro classes, com os brâmanes em sua dianteira, então se dirigiram ao monarca desta maneira, 'Ó rei, como tu entregarás teu reino a Puru, passando por cima de teu filho mais velho Yadu nascido de Devayani, e, portanto, o neto do grande Sukra? De fato, Yadu é teu filho mais velho, depois nasceu Turvasu, e dos filhos de Sarmishtha o primeiro é Drahyu, então Anu e então Puru. Como o mais novo merece o trono, passando por todos os seus irmãos mais velhos? Isso nós expomos a ti! Ó, age conforme a prática virtuosa.'

Yayati então disse, 'Ó quatro classes com os brâmanes em sua liderança, ouçam as minhas palavras quanto a porque o meu reino não é dado ao meu filho mais velho. As minhas ordens foram desobedecidas pelo meu filho mais velho, Yadu. Os sábios dizem que não é filho aquele que desobedece ao seu pai. O filho, no entanto, que obedece às licitações de seus pais, que procura o bem deles, que é agradável com eles, é de fato o melhor dos filhos. Eu fui desconsiderado por Yadu e por Turvasu, também. E fui muito desconsiderado por Drahyu e por Anu também. Somente por Puru a minha ordem foi obedecida. Por ele eu fui muito respeitado. Portanto, o mais novo será meu herdeiro. Ele aceitou a minha velhice. De fato, Puru é meu amigo. Ele fez o que era muito agradável para mim. Foi ordenado também pelo próprio Sukra, o filho de Kavi, que, o filho meu que me obedecesse se tornaria rei depois de mim e traria toda a Terra sob seu domínio. Eu, portanto, lhes suplico que deixem Puru ser instalado no trono.'

As pessoas então disseram, 'É verdade, ó rei, que o filho que realiza e procura o bem de seus pais merece prosperidade mesmo que ele seja o mais jovem.

Portanto, Puru, que tem feito o bem, merece a coroa. E como o próprio Sukra mandou nós não temos nada a dizer sobre isso.'

Vaisampayana continuou, 'O filho de Nahusha, assim abordado pelas pessoas contentes, então instalou seu filho, Puru, no trono. E tendo outorgado seu reino a Puru o monarca realizou as cerimônias iniciais para se retirar para as florestas. E logo depois ele deixou sua capital, seguido por brâmanes e ascetas.

Os filhos de Yadu são conhecidos pelo nome de Yadavas, enquanto os de Turvasu vieram a ser chamados de Yavanas. E os filhos de Drahyu são os Bhojas, enquanto os de Anu, mlechchhas. A prole de Puru, no entanto, são os Pauravas, entre os quais, ó monarca, tu és nascido, para governar por mil anos com tuas paixões sob completo controle.'

86

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'O rei Yayati, o filho de Nahusha, tendo assim instalado seu filho querido no trono, ficou extremamente feliz, e se estabeleceu nas florestas para levar a vida de um eremita. E tendo vivido por algum tempo na floresta na companhia de brâmanes, cumprindo muitos votos rígidos, comendo frutas e raízes, pacientemente suportando privações de todos os tipos, o monarca finalmente ascendeu ao céu. E tendo ascendido ao céu ele lá viveu em felicidade. Mas logo, no entanto, ele foi lançado do céu por Indra. E é sabido por mim, ó rei, que, embora arremessado do céu, Yayati, sem alcançar a superfície da Terra, ficou no firmamento. Sabe-se que algum tempo depois ele outra vez entrou na região dos celestiais na companhia de Vasuman, Ashtaka, Pratarddana e Sivi.'

Janamejaya disse, 'Eu desejo saber em detalhes por que Yayati, tendo primeiro obtido admissão ao céu, foi expulso de lá, e por que também ele foi readmitido. Que tudo isso, ó brâmane, seja narrado por ti na presença destes sábios regenerados. Yayati, senhor da Terra, foi, de fato, como o chefe dos celestiais. Progenitor da extensa linhagem dos Kurus ele tinha o esplendor do Sol. Eu desejo ouvir integralmente a história da sua vida no céu e na Terra porque ele era ilustre, e de celebridade mundial e de realizações extraordinárias.'

Vaisampayana disse, 'De fato, eu recitarei para ti a história excelente das aventuras de Yayati na Terra e no céu. Esta história é sagrada e destrói os pecados daqueles que a ouvem.

O rei Yayati, o filho de Nahusha, tendo instalado seu filho mais novo, Puru, no trono depois de lançar seus filhos com Yadu como o mais velho entre os mlechchhas, entrou na floresta para levar a vida de um eremita. E o rei comendo frutas e raízes viveu por algum tempo na floresta. Tendo sua mente e paixões sob completo controle o rei satisfez por meio de sacrifícios os Pitris e os deuses. E ele

despejou libações de manteiga clarificada sobre o fogo segundo os ritos prescritos para aqueles que seguem o modo de vida Vanaprastha. E o ilustre entreteve convidados e estranhos com os frutos da floresta e manteiga clarificada, enquanto ele mesmo levava a vida catando sementes de grãos espalhados. E o rei levou aquele tipo de vida por mil anos completos. E cumprindo o voto de silêncio e com a mente sob seu completo controle ele passou um ano inteiro vivendo só do ar sem dormir. E ele passou outro ano praticando as mais severas austeridades no meio dos quatro fogos em volta e com o Sol sobre a cabeça. E, vivendo só do ar, ele ficou ereto sobre uma perna por seis meses. E o rei de atos sagrados ascendeu ao céu, cobrindo o céu assim como a Terra (com a fama das suas realizações)'.

87

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Enquanto aquele rei dos reis morou no céu, o lar dos celestiais, ele era reverenciado pelos deuses, os Sadhyas, os Maruts, e os Vasus. De atos sagrados, e mente sob completo controle, o monarca costumava ir ocasionalmente da residência dos celestiais para a região de Brahman. E é sabido que ele morou por muito tempo no céu.

Um dia aquele melhor dos reis, Yayati, foi até Indra e durante a conversa o senhor da Terra foi questionado por Indra como segue:

'O que disseste, ó rei, quando teu filho Puru aceitou tua velhice sobre a Terra e quando tu deste o teu reino a ele?'

Yayati respondeu, 'Eu disse a ele que toda aquela região entre os rios Ganges e Yamuna era dele. Aquela é, de fato, a região central da Terra, enquanto as regiões afastadas são os domínios dos irmãos dele. Eu também disse a ele que aqueles sem raiva eram sempre superiores àqueles sobre os quais ela domina, e aqueles dispostos a perdoar eram sempre superiores àqueles que não perdoavam. O homem é superior aos animais inferiores. Entre os homens os eruditos são superiores aos não eruditos. Se ofendido, tu não deves ofender em retorno. A raiva de alguém, se desconsiderada, queima a própria pessoa, mas aquele que não a considera toma as virtudes daquele que a exibiu. Tu nunca deves ferir outros por meio de palavras cruéis. Nunca subjugues os teus inimigos por meios desprezíveis, e nunca profiras palavras ardentes e pecaminosas que possam torturar outros. Aquele que aferroa como se com espinhos os homens por meio de palavras duras e cruéis, tu deves saber, sempre carrega em sua boca os rakshasas. Prosperidade e sorte fogem à própria visão dele. Tu deves sempre manter os virtuosos perante ti como teus modelos, tu deves sempre com olhar retrospectivo comparar teus atos com os dos virtuosos, tu não deves dar atenção às palavras duras dos perversos. Tu deves sempre fazer da conduta dos sábios o

modelo a partir do qual tu mesmo ages. O homem ferido pelas flechas das palavras cruéis lançadas dos lábios de uma pessoa lamenta dia e noite. De fato, elas afetam o âmago do corpo. Portanto os sábios nunca lançam essas flechas nos outros. Não há nada nos três mundos pelo qual tu possas cultuar e adorar as divindades melhor do que pela bondade, amizade, caridade e palavras gentis para com todos. Portanto, tu deves sempre proferir palavras que acalmam, e não as que queimam. E deves respeitar aqueles que merecem teus respeitos, e deves sempre dar mas nunca pedir!"

88

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois disso Indra outra vez perguntou a Yayati, 'Tu te retiraste para as florestas, ó rei, depois de cumprires todos os teus deveres. Ó Yayati, filho de Nahusha, eu pergunto a ti a quem tu és igual em austeridades ascéticas.' Yayati respondeu, 'Ó Vasava, na questão de austeridades ascéticas eu não vejo meu igual entre os homens, os celestiais, os gandharvas, e os grandes rishis.' Indra então disse, 'Ó monarca, porque tu desrespeitaste aqueles que são teus superiores, teus iguais, e até teus inferiores, sem, realmente, conheceres os méritos reais deles, as tuas virtudes diminuíram e tu deves cair do céu.' Yayati então disse, 'Ó Sakra, se, de fato, as minhas virtudes realmente diminuíram e eu devo por causa disso cair do céu, eu desejo, ó chefe dos celestiais, pelo menos cair entre os virtuosos e os honestos.' Indra respondeu, 'Ó rei, tu cairás entre aqueles que são virtuosos e sábios, e tu adquirirás também muito renome. E depois dessa tua experiência, ó Yayati, nunca mais desconsideres aqueles que são teus superiores ou mesmo teus iguais.'

Vaisampayana continuou, 'Por isso Yayati caiu da região dos celestiais. E enquanto estava caindo ele foi visto por aquele principal dos sábios reais, Ashtaka, o protetor da sua própria religião. Ashtaka vendo-o perguntou, 'Quem és tu, ó jovem de beleza igual à de Indra, em esplendor como o fogo ardente, assim caindo do alto? Tu és aquele principal dos corpos que percorrem o céu, o Sol, emergindo de massas escuras de nuvens? Vendo-te caído do curso solar, possuidor de energia incomensurável e do esplendor do fogo ou do sol, todos estão curiosos quanto ao porque estás assim a cair, e, além disso, privado de consciência! Vendo-te no caminho dos celestiais, possuidor de energia como a de Sakra, ou Surya, ou Vishnu, nós nos aproximamos de ti para averiguar a verdade. Se tu tivesses primeiro perguntado quem nós somos, nós nunca teríamos sido culpados da incivilidade de perguntar a ti primeiro. Nós agora perguntamos a ti quem tu és e por que te aproximaste daqui. Que os teus medos se dissipem, que as atuas dores e aflições cessem. Tu estás agora na presença dos virtuosos e sábios. Mesmo o próprio Sakra, o matador de Vala, não pode aqui te ferir de nenhum modo. Ó tu que tens a destreza do chefe dos celestiais, os sábios e os virtuosos são o amparo dos seus irmãos em aflição. Aqui não há ninguém exceto

os sábios e virtuosos como tu reunidos. Portanto, fica aqui em paz. Só o Fogo tem poder de dar calor. Só a Terra tem poder de dar vida à semente. Só o sol tem poder de iluminar tudo. Assim só o convidado tem poder para comandar os virtuosos e os sábios.'

89

(Continuação do Sambhava Parva)

Yayati disse, 'Eu sou Yayati, o filho de Nahusha e o pai de Puru. Rejeitado da região dos celestiais e dos siddhas e rishis por ter desconsiderado todas as criaturas eu estou caindo, pois a minha virtude diminuiu. Em idade eu sou mais velho do que vocês, portanto eu não os saudei primeiro. De fato, os brâmanes sempre reverenciam aquele que é mais velho ou superior em erudição ou em mérito ascético.'

Ashtaka então respondeu, 'Tu disseste, ó monarca, que o mais velho é digno de respeito. Mas é dito que é realmente digno de culto aquele que é superior em conhecimento e mérito ascético.'

Yayati respondeu a isso, 'É dito que o pecado destrói os méritos das quatro ações virtuosas. A vaidade contém o elemento que leva ao inferno. Os virtuosos nunca seguem os passos dos malévolos. Eles agem de modo o que seu mérito religioso sempre aumente. Eu mesmo tenho grande mérito religioso, mas tudo aquilo, no entanto, se foi. Eu dificilmente serei capaz de recuperá-lo mesmo pelos meus melhores esforços. Vendo o meu destino, aquele que quer alcançar seu próprio bem certamente suprimirá a vaidade. Aquele que tendo adquirido grande riqueza realiza sacrifícios meritórios, que tendo adquirido todos os tipos de conhecimento permanece humilde, e que tendo estudado todos os Vedas se devota ao ascetismo com o coração afastado de todos os prazeres banais, vai para o céu. Ninguém deve exultar por ter adquirido grande riqueza. Ninguém deve ser vaidoso por ter estudado todos os Vedas. No mundo os homens são de disposições diferentes. O Destino é supremo. Poder e esforço são inúteis. Sabendo que o Destino é todo-poderoso, os sábios, qualquer que seja a sua sina, não devem se regozijar nem sofrer. Quando as criaturas sabem que o seu bem-estar e dor dependem do Destino e não do seu próprio esforço ou poder elas nunca devem sofrer nem se regozijar, lembrando que o Destino é todo-poderoso. O sábio deve sempre viver contente, nem sofrendo na dor nem se regozijando na felicidade. Quando o Destino é supremo, a dor e a exultação são inconvenientes. Ó Ashtaka, eu nunca me permito ser vencido pelo medo, nem nutro aflição, sabendo por certo que eu serei no mundo o que o grande ordenador determinou. Insetos e vermes, todas as criaturas ovíparas, vegetais, todos os animais que rastejam, animais daninhos, os peixes na água, pedras, grama, florestas, de fato, todas as coisas criadas, quando são libertas dos efeitos de suas ações, são unidas com a Alma Suprema. Felicidade e tristeza são ambas transitórias.

Portanto, ó Ashtaka, por que eu deveria sofrer? Nós nunca podemos saber como devemos agir para evitar a miséria. Portanto, ninguém deve se afligir pela miséria.'

Possuidor de todas as virtudes, o rei Yayati, que era o avô materno de Ashtaka, enquanto permanecia no firmamento, na conclusão de seu discurso, foi outra vez questionado por Ashtaka. O último disse, 'Ó rei dos reis, fala-me, em detalhes, sobre todas as regiões que tu visitaste e desfrutaste, assim como o período pelo qual tu desfrutaste de cada uma. Tu falaste dos preceitos de religião assim como os mestres inteligentes conhecedores das ações e ditados dos grandes seres!' Yayati respondeu, 'Eu fui um grande rei sobre a Terra, possuindo domínio sobre todo o mundo. Deixando-o eu alcancei por força de mérito religioso muitas regiões elevadas. Lá eu morei por mil anos e então eu cheguei à elevada região da residência de Indra, de beleza extraordinária, tendo mil portões e se estendendo por cem yojanas em volta. Lá também eu morei por mil anos e então alcancei uma região mais elevada ainda. Aquela é a região da beatitude perfeita, onde a decadência não existe, a região do Criador e Senhor da Terra, tão difícil de alcançar. Lá também eu morei por mil anos completos e então cheguei a outra região muito elevada, aquela do deus dos deuses (Vishnu) onde, também, eu vivi em felicidade. De fato, eu morei em várias regiões, adorado por todos os celestiais e possuidor de destreza e esplendor iguais aos dos próprios celestiais. Capaz de assumir qualquer forma que quisesse eu vivi por um milhão de anos nos jardins de Nandana me divertindo com as apsaras e contemplando inúmeras árvores belas vestidas de flores e que exalavam um perfume delicioso. E depois de muitos, muitos anos terem decorrido, enquanto ainda residia lá em prazer e beatitude perfeita, o mensageiro celeste de aparência austera, um dia, em uma voz alta e profunda, gritou três vezes para mim: ‘Arruinado! Arruinado! Arruinado!’ Ó leão entre reis, disso eu me lembro muito bem. Eu então caí de Nandana, com meus méritos religiosos acabados! Eu ouvi nos céus, ó rei, as vozes dos celestiais exclamando em aflição: ‘Ai! Que desgraça! Yayati, com seus méritos religiosos destruídos, embora virtuoso e de atos sagrados, está caindo!’ E enquanto eu estava caindo eu perguntei a eles ruidosamente, 'Onde, ó celestiais, estão aqueles sábios entre os quais eu vou cair?' Eles indicaram para mim esta sagrada região sacrifical que pertence a vocês. Vendo os anéis de fumaça enegrecendo a atmosfera e sentindo o perfume da manteiga clarificada derramada incessantemente sobre o fogo e guiado por esses eu estou me aproximando desta tua região, profundamente contente por vir entre vocês.’

90

(Continuação do Sambhava Parva)

Ashtaka disse, 'Capaz de assumir qualquer forma que quisesses tu viveste por um milhão de anos nos jardim de Nandana. Por que causa, ó principal dentre aqueles que floresceram na era Krita, tu fostes compelido a deixar aquela região e vir para cá?' Yayati respondeu, 'Como parentes e amigos abandonam, neste

mundo, aqueles cuja riqueza desaparece, também, no outro mundo, os celestiais com Indra como seu chefe abandonam os que perderam a virtude.' Ashtaka disse, 'Eu estou extremamente ansioso para saber como no outro mundo os homens podem perder a virtude. Dize-me também, ó rei, que regiões são alcançáveis por quais atitudes. Tu és conhecedor, eu sei, das ações e ditados dos grandes seres.’

Yayati respondeu, 'Ó piedoso, aqueles que falam dos seus próprios méritos estão fadados a sofrerem o inferno chamado Bhauma. Embora realmente emaciados e magros eles parecem crescer sobre a Terra (na forma de seus filhos e netos) somente para virar comida para urubus, cachorros e chacais. Portanto, ó rei, esse vício altamente censurável e mau deve ser reprimido. Eu agora, ó rei, te disse tudo. Dize-me o que mais eu devo falar.'

Ashtaka disse, 'Quando a vida é destruída com a idade urubus, pavões, insetos e vermes comem o corpo humano. Onde o homem então reside? Como ele também volta à vida? Eu nunca soube de nenhum inferno chamado Bhauma na Terra!'

Yayati respondeu, 'Depois da dissolução do corpo o homem, de acordo com seus atos, entra novamente no útero de sua mãe e fica lá em uma forma indistinta, e logo depois assumindo uma forma distinta e visível reaparece no mundo e caminha em sua superfície. Esse é o inferno-na-terra (Bhauma) onde ele cai, pois ele não vê o término de sua existência e não age em direção à sua emancipação. Alguns moram por sessenta mil anos, alguns, por oitenta mil anos no céu, e então eles caem. E quando caem eles são atacados por certos rakshasas na forma de filhos, netos, e outros parentes, que afastam seus corações do agir pela própria emancipação.'

Ashtaka perguntou, 'Por qual pecado os seres, quando caem do céu, são atacados por aqueles ferozes rakshasas de dentes afiados? Por que eles não são reduzidos à aniquilação? Como eles entram no útero novamente, equipados com sentidos?'

Yayati respondeu, 'Depois de cair do céu o ser se torna uma substância sutil que vive na água. Aquela água se torna o sêmen de onde vem a semente de vitalidade. Então entrando no útero da mãe na época propícia feminina ele se desenvolve no embrião e em seguida na vida visível como o fruto da flor. Entrando em árvores, plantas e outras substâncias vegetais, água, ar, terra e espaço, aquela semente aquosa de vida assume a forma quadrúpede ou bípede. Esse é o caso de todas as criaturas que você vê.'

Ashtaka disse, 'Ó dize-me, eu te peço, porque eu tenho as minhas dúvidas. Um ser que recebeu uma forma humana entra no útero em sua forma própria ou em alguma outra? Como ele também adquire sua forma distinta e visível, olhos e orelhas e consciência também? Questionado por mim, ó, explica tudo isso! Tu és, ó pai, conhecedor das ações e ditados dos grandes seres.' Yayati respondeu, 'Segundo os méritos de suas ações o ser que em uma forma sutil é co-inerente na semente que é derramada no útero é atraída pela força atmosférica para propósitos de renascimento. Esse então se desenvolve lá com o tempo, primeiro

vira embrião, e é em seguida provido do organismo físico visível. Saindo do útero no tempo oportuno ele se torna consciente de sua existência como homem, e com suas orelhas se torna consciente do som, com seus olhos, da cor e forma, com seu nariz, dos aromas, com sua língua, do gosto, com todo seu corpo, do toque, e com sua mente, das ideias. É assim, ó Ashtaka, que esse corpo grosseiro e visível se desenvolve a partir da essência sutil.'

Ashtaka perguntou, 'Depois da morte o corpo é queimado ou destruído de outra maneira. Reduzido a nada após essa dissolução, por qual princípio uma pessoa revive?' Yayati disse, 'Ó leão entre reis, a pessoa que morre assume uma forma sutil, e retendo a consciência de todos os seus atos como em um sonho ela entra em outra forma com uma velocidade mais rápida do que a do próprio ar. Os virtuosos obtêm (formas) superiores, e os viciosos formas inferiores de existência. Os viciosos se tornam vermes e insetos. Eu não tenho nada mais a dizer, ó tu de alma grande e pura! Eu disse a ti como os seres nascem, depois do desenvolvimento das formas embrionárias, como criaturas de quatro pés, seis pés e outras com mais pés. O que mais tu me perguntarás?'

Ashtaka disse, 'Como, ó pai, os homens chegam àquelas regiões superiores de onde não há retorno para a vida terrena? É por meio do ascetismo ou pelo conhecimento? Como também uma pessoa pode gradualmente alcançar regiões felizes? Questionado por mim, ó, responde integralmente.'

Yayati respondeu, 'Os sábios dizem que para os homens há sete portões através dos quais a admissão ao Céu pode ser ganha. Há ascetismo, benevolência, tranquilidade mental, autodomínio, modéstia, simplicidade e bondade para com todas as criaturas. Os sábios também dizem que uma pessoa perde tudo isso por consequência da vaidade. O homem que, tendo adquirido conhecimento se considera um erudito, e com sua erudição destrói a reputação de outros nunca alcança as regiões de felicidade indestrutível. Aquele conhecimento também não torna seu possuidor competente para alcançar Brahma. Estudo, taciturnidade, culto perante o fogo e sacrifícios, esses quatro removem todo o temor. Quando, no entanto, eles estão misturados com vaidade, em vez de removerem eles causam o temor. O sábio nunca deve exultar por (receber) honras nem sofrer por causa de insultos. Por isso é só o sábio que honra os sábios, o mau nunca age como o virtuoso. ‘Eu tenho doado tanto’, ‘Eu tenho realizado tantos sacrifícios’, ‘Eu tenho estudado tanto’, ‘Eu tenho cumprido estes votos’: essa vaidade é a raiz do medo. Portanto, tu não deves te entregar a esses sentimentos. Os homens eruditos que aceitam como seu amparo somente o imutável, inconcebível Brahma que sempre derrama bênçãos sobre pessoas virtuosas como tu desfrutam de paz perfeita aqui e na vida após a morte.'

91

Ashtaka disse, ‘Os conhecedores dos Vedas diferem em opinião quanto a como os seguidores de cada um dos quatro modos de vida, Grihasthas, Bhikshus,

Brahmacharins, e Vanaprashthas, devem se comportar para adquirir mérito religioso.’

Yayati respondeu, 'Isto é o que um brahmacharin deve fazer. Enquanto mora na casa de seu preceptor ele deve receber aulas somente quando o preceptor o convocar para isso, ele deve se encarregar do serviço ao seu preceptor sem esperar pelas ordens do último, ele deve se levantar da cama antes do preceptor, e ir para a cama depois que o preceptor for dormir. Ele deve ser humilde, deve ter suas paixões sob total controle, deve ser paciente, vigilante e dedicado aos estudos. É somente dessa forma que ele pode alcançar o sucesso. É dito na mais antiga Upanishad que um grihastha, adquirindo riqueza por meios honestos, deve realizar sacrifícios, deve sempre dar alguma coisa em caridade, deve realizar os ritos de hospitalidade para todos os que chegarem à sua residência, e nunca deve usar algo sem dar uma porção disso para outros. Um muni, sem procurar por florestas, dependente da sua própria energia, deve se abster de todas as ações violentas, deve dar alguma coisa em caridade e não deve nunca infligir dor a nenhuma qualquer criatura. É só dessa forma que ele pode alcançar o sucesso. É, de fato, um verdadeiro bhikshu aquele que não se sustenta por nenhum trabalho manual, que possui numerosos talentos, que tem suas paixões sob total controle, que não tem relação com assuntos mundanos, que não dorme sob o abrigo do telhado de um chefe de família, que não tem esposa, e que percorrendo um pouco do caminho todo dia viaja por grande parte do país. Um homem erudito deve adotar o modo de vida vanaprastha depois da realização dos ritos necessários, quando ele for capaz de controlar seus apetites por prazer e o desejo de adquirir posses de valor. Quando alguém morre nas florestas levando o modo de vida vanaprastha ele faz com que seus antepassados e sucessores, contando dez gerações incluindo ele mesmo, se unam com a Essência Divina.'

Ashtaka perguntou, 'Quantos tipos de munis existem (praticantes do voto de silêncio)?'

Yayati respondeu, 'É, de fato, um muni quem, embora vivendo nas florestas, tem um lugar habitado por perto, ou quem, embora morando em um lugar habitado, tem as florestas por perto.'

Ashtaka perguntou o que é designado por muni. Yayati respondeu, 'Um muni, se afastando de todos os objetos mundanos, vive nas florestas. E embora ele nunca possa procurar se rodear daqueles objetos que são obteníveis em um lugar habitado ele pode ainda assim obtê-los todos por virtude de seu poder ascético. Pode realmente ser citado (como um muni) alguém que mora nas florestas tendo um lugar habitado por perto. Além disso um homem sábio afastado de todos os objetos mundanos pode viver em uma aldeia levando a vida de um eremita. Ele nunca pode exibir o orgulho de família, nascimento ou erudição. Vestido escassamente ele pode ainda se considerar como vestido nas mais ricas vestimentas. Ele pode descansar contente com comida o suficiente para o sustento da vida. Tal pessoa, embora morando em um lugar habitado, vive nas florestas.

A pessoa que, com as paixões sob controle completo, adota o voto de silêncio, se abstendo de agir e não nutrindo desejos, alcança o sucesso. Por que tu não deverias, de fato, reverenciar o homem que vive de alimento puro, que sempre se abstém de ferir outros, cujo coração é sempre puro, que se mantém no esplendor de atributos ascéticos, que está livre do peso do desejo, que se abstém de ferir mesmo quando sancionado pela religião? Emaciado por austeridades e reduzido em carne, medula e sangue, tal homem não conquista só este, mas também o mundo mais alto. E quando o muni se senta em meditação yogue, tornando-se indiferente à felicidade e tristeza, honra e insulto, ele então deixa o mundo e desfruta de comunhão com Brahma. Quando o muni pega comida como vinho e outros animais sem providenciá-la anteriormente e sem nenhuma gula (como um bebê adormecido se alimentado no colo da mãe), então como o Espírito que permeia tudo ele se identifica com todo o universo e alcança a salvação.'

92

(Continuação do Sambhava Parva)

Ashtaka perguntou, 'Quem entre estes, ó rei, ambos empenhando-se constantemente como o Sol e a Lua, alcança primeiro a comunhão com Brahma: o asceta ou o homem de conhecimento?'

Yayati respondeu, 'O sábio, com a ajuda dos Vedas e do Conhecimento, tendo averiguado que o universo visível é ilusório, imediatamente percebe o Espírito Supremo como a única essência independente existente. Enquanto aqueles que se dedicam à meditação de yoga levam tempo para adquirir o mesmo conhecimento, pois é só pela prática que esses últimos se livram da consciência de qualidade. Daí o sábio alcança primeiro a salvação. Então também se a pessoa dedicada ao Yoga não encontra tempo suficiente em uma vida para alcançar o sucesso, sendo desencaminhada pelas atrações do mundo, em sua próxima vida ela é beneficiada pelo progresso já alcançado, pois ela se devota pesarosamente à busca de êxito. Mas o homem de conhecimento sempre contempla a unidade indestrutível, e, portanto, embora imerso em prazeres mundanos, no fundo nunca é afetado por eles. Portanto, não há nada para impedir sua salvação. Aquele, no entanto, que falha em obter conhecimento deve ainda se dedicar à piedade como dependente da ação (sacrifícios). Mas aquele que se dedica a essa piedade movido pelo desejo de salvação não pode nunca alcançar o sucesso. Seus sacrifícios não dão frutos e compartilham da natureza da crueldade. A piedade que depende da ação que não procede do desejo de resultados é, no caso de tais homens, o próprio Yoga.'

Ashtaka disse, 'Ó rei, tu pareces um homem jovem, és bonito e estás ornado com uma guirlanda celeste. Teu esplendor é grandioso! De onde tu vens e para onde vais? És mensageiro de quem? Tu estás descendo para a Terra?'

Yayati disse, 'Caído do céu após a perda de todos os meus méritos religiosos eu estou condenado a entrar no inferno-terra. De fato, eu irei para lá depois de ter terminado a minha conversa contigo. Mesmo agora os regentes dos pontos do universo me mandam ir logo para lá. E, ó rei, eu obtive como uma bênção de Indra que embora eu devesse cair sobre a terra eu ainda cairia entre os sábios e virtuosos. Vocês todos que estão reunidos aqui são sábios e virtuosos.'

Ashtaka disse, 'Tu és conhecedor de tudo. Eu te pergunto, ó rei, há alguma região para eu desfrutar no céu ou no firmamento? Se houver então tu não cairás, embora caindo.'

Yayati respondeu, 'Ó rei, há tantas regiões para tu desfrutares no céu quanto o número de vacas e cavalos sobre a Terra com os animais nas selvas e nas colinas.'

Ashtaka disse, 'Se há mundos para eu desfrutar, como frutos dos meus méritos religiosos, no céu, ó rei, eu os dou todos para ti. Portanto, embora caindo, tu não cairás. Ó, aceita logo todos eles, onde quer que eles estejam, no céu ou no firmamento. Que a tua tristeza cesse.'

Yayati respondeu, 'Ó melhor dos reis, somente um brâmane conhecedor de Brahma pode aceitá-los como presente, mas não alguém como nós. E, ó monarca, eu mesmo tenho doado para brâmanes como se deve. Que nenhum homem que não seja um brâmane e que nenhuma esposa de um brâmane erudito viva em infâmia por aceitar doações. Enquanto na terra, eu sempre desejei realizar ações virtuosas. Nunca tendo agido assim antes, como agora eu aceitarei um presente?'

Pratardana que estava entre eles então perguntou, 'Ó tu de bela forma, eu me chamo Pratardana. Eu te pergunto se há mundos para eu desfrutar como frutos dos meus méritos religiosos, no céu ou no firmamento? Responde-me, tu és conhecedor de tudo.'

Yayati disse, 'Ó rei, mundos incontáveis, cheios de felicidade, refulgentes como o disco solar, e onde a dor nunca mora, te esperam. Se tu habitares em cada um deles por somente sete dias eles ainda assim não se esgotarão.'

Pratardana disse, 'Esses então eu dou a ti. Portanto, embora caindo, tu não deves cair. Que os mundos que são meus sejam teus, estejam eles no firmamento ou no céu. Ó, aceita-os logo. Que a tua dor cesse.'

Yayati respondeu, 'Ó monarca, nenhum rei de igual energia deve desejar receber como presente os méritos religiosos de outro rei adquiridos por austeridades de Yoga. E nenhum rei que sofre calamidade através do destino deve, se sábio, agir de modo censurável. Um rei mantendo seu olhar fixo sempre na virtude deve andar pelo caminho da virtude como eu faço e, sabendo quais são seus deveres, não deve agir tão sovinamente como tu indicaste. Quando outros desejosos de adquirir méritos religiosos não aceitam presentes, como posso eu fazer o que eles mesmos não fazem?’ Na conclusão desse discurso, aquele melhor dos reis, Yayati, foi então abordado por Vasumat nas seguintes palavras.'

93

(Continuação do Sambhava Parva)

Vasumat disse, 'Eu sou Vasumat, o filho de Oshadaswa. Eu pergunto a ti, ó rei, se há quaisquer mundos para eu desfrutar como frutos dos meus méritos religiosos, no céu ou no firmamento. Tu és, ó de grande alma, conhecedor de todas as regiões sagradas.'

Yayati respondeu, 'Há tantas regiões para tu desfrutares no céu quanto o número de lugares no firmamento, na Terra e nos dez pontos do universo iluminados pelo sol.'

Vasumat então disse, 'Eu as dou para ti. Que as regiões que são para mim sejam tuas. Portanto, embora caindo, tu não cairás. Se aceitá-las como presente é impróprio para ti, então, ó monarca, compre-as por uma bagatela.'

Yayati respondeu, 'Eu não me lembro de alguma vez ter comprado e vendido alguma coisa injustamente. Isso nunca foi feito por outros reis. Portanto como eu farei isso?'

Vasumat disse, 'Se comprá-las, ó rei, é considerado por ti como impróprio, então as aceita como doadas por mim. Por mim mesmo eu respondo que eu nunca irei para aquelas regiões que são para mim. Que elas, portanto, sejam tuas.'

Sivi então se dirigiu ao rei assim, ‘Eu sou, ó rei, Sivi por nome, o filho de Usinara. Ó pai, há no firmamento ou no céu quaisquer mundos para eu desfrutar? Tu conheces todas as regiões que alguém possa desfrutar como fruto de seu mérito religioso.’

Yayati disse, 'Tu nunca, por palavras ou em mente, desconsideraste os honestos e virtuosos empregados por ti. Há mundos infinitos para tu desfrutares no céu, todos brilhantes como o relâmpago.' Sivi então disse, 'Se tu consideras sua compra como imprópria, eu os dou para ti. Aceita todos eles, ó rei! Eu nunca irei para aquelas regiões onde os sábios nunca sentem a mínima inquietação.'

Yayati respondeu, 'Ó Sivi, tu, de fato, obtiveste para ti mesmo, possuidor da destreza de Indra, mundos infinitos. Mas eu não desejo desfrutar de regiões dadas a mim por outros. Portanto, eu não aceito o teu presente.'

Ashtaka então disse, 'Ó rei, cada um de nós tem expressado seu desejo de dar os mundos que adquirimos por méritos religiosos. Tu não os aceitaste. Mas, deixando-os para ti, nós desceremos à terra-inferno.'

Yayati respondeu, 'Vocês todos são amantes da verdade e sábios. Deem-me o que eu merecer. Eu não poderei fazer o que eu nunca fiz antes.'

Ashtaka então disse, 'De quem são aqueles cinco carros dourados que nós vemos? Os homens vão para as regiões de felicidade eterna neles?'

Yayati respondeu, 'Aqueles cinco carros dourados expostos em glória, e ardentes como fogo, de fato, levarão vocês para as regiões de felicidade.'

Ashtaka disse, 'Ó rei, sobe naqueles carros e vai para o céu. Nós podemos esperar. Nós te seguiremos no momento (certo)'.

Yayati disse, ‘Nós todos podemos ir juntos. De fato, todos nós conquistamos o céu. Vejam, o glorioso caminho para o céu se torna visível.’

Vaisampayana continuou, 'Então todos aqueles excelentes monarcas naqueles carros foram para o céu ganhando entrada nele, iluminando todo o firmamento pela glória de suas virtudes.'

Então Ashtaka quebrando o silêncio perguntou, 'Eu sempre tinha pensado que Indra era meu amigo especial, e por isso eu, de todos os outros, deveria primeiro obter a entrada no céu. Mas como aquele filho de Usinara, Sivi, já nos deixou para trás?'

Yayati respondeu, 'Aquele filho de Usinara deu tudo o que possuía para alcançar a região de Brahman. Portanto, ele é o principal entre nós. Além disso, a generosidade de Sivi, ascetismo, verdade, virtude, modéstia, perdão, amabilidade, desejo de realizar bons atos têm sido tão grandiosos que ninguém poderia medi-los!'

Vaisampayana continuou, 'Depois disso Ashtaka, impelido pela curiosidade outra vez questionou seu avô materno parecido com o próprio Indra, dizendo, 'Ó rei, eu te peço, me dize realmente de onde tu és, quem és, e de quem és filho? Há algum outro brâmane ou kshatriya que fez o que tu fizeste na terra?' Yayati respondeu, 'Eu digo a ti realmente, eu sou Yayati, o filho de Nahusha e o pai de Puru. Eu fui senhor de toda a Terra. Vocês são meus parentes, eu digo a ti realmente, eu sou o avô materno de vocês todos. Tendo conquistado toda a terra eu dei roupas aos brâmanes e também uma centena de belos cavalos adequados para oferendas sacrificais. Por tais ações de virtude os deuses se tornam propícios àquele que as realiza. Eu também dei aos brâmanes toda esta terra com seus cavalos e elefantes e vacas e todas as espécies de riquezas em ouro, junto com cem Arbudas de excelentes vacas leiteiras. A terra e o firmamento existem devido à minha verdade e virtude, o fogo ainda queima no mundo dos homens devido à minha verdade e virtude. Nunca uma palavra falada por mim foi falsa. É por isso que os sábios adoram a Verdade. Ó Ashtaka, tudo o que eu te disse, e Pratardana, e Vasumat, é a própria Verdade. Eu sei com certeza que os deuses e os rishis e todas as mansões dos abençoados são encantadores somente por causa da Verdade que caracteriza todos eles. Aquele que sem malícia ler devidamente para brâmanes este relato da nossa ascensão para o céu sem dúvida alcançará os mesmos mundos que nós.'

Vaisampayana continuou, 'Foi assim que o rei ilustre Yayati de grandes realizações, resgatado por seus descendentes (parentes, mas não em linha direta), ascendeu para o céu, deixando a terra e cobrindo os três mundos com a fama dos seus atos.'

94

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó encantador, eu desejo ouvir as histórias daqueles reis que eram descendentes de Puru. Fala-me como cada um era possuidor de coragem e realizações. Eu, de fato, soube que na linha de Puru não houve um único que não tivesse bom comportamento e destreza, ou que não tivesse filhos. Ó tu de riqueza ascética, eu desejo ouvir em detalhes as histórias daqueles monarcas famosos dotados de conhecimento e de todos os talentos.'

Vaisampayana disse, ‘Perguntado por ti, eu te direi tudo acerca dos reis heroicos da linhagem de Puru, todos iguais a Indra em destreza, possuidores de grande riqueza e autoridade sobre tudo por causa das suas muitas habilidades.

Puru teve com sua mulher Paushti três filhos, Pravira, Iswara e Raudraswa, todos eram poderosos guerreiros em carros. Entre eles Pravira foi o perpetuador da dinastia. Pravira teve com sua mulher Suraseni um filho chamado Manasyu. E o último de olhos como pétalas de lótus teve sob seu domínio toda a Terra limitada pelos quatro mares. E Manasyu teve como sua mulher Sauviri. E ele gerou nela três filhos chamados Sakta, Sahana, e Vagmi. E eles foram heróis em batalha e poderosos guerreiros em carros. O inteligente e virtuoso Kaudraswa gerou na apsara Misrakesi dez filhos que foram todos grandes arqueiros. E eles todos se tornaram heróis, realizando em honra dos deuses numerosos sacrifícios. E eles todos tiveram filhos, eram eruditos em todos os ramos de conhecimento e sempre dedicados à virtude. Eles eram Richeyu, e Kaksreyu e Vrikeyu de grande coragem, Sthandileyu, e Vaneyu, e o famoso Jaleyu, Tejeyu de grande força e inteligência e Satyeyu da bravura de Indra, Dharmeyu, e Sannateyu, o décimo, da coragem dos celestiais. Entre todos eles Richeyu se tornou o monarca de toda a terra e foi conhecido pelo nome de Anadhrishti. E em destreza ele era como Vasava entre os celestiais. E Anadhristi teve um filho de nome Matinara que virou um famoso e virtuoso rei e realizou o Rajasuya e o sacrifício de cavalo. E Matinara teve quatro filhos de heroísmo imensurável, Tansu, Mahan, Atiratha e Druhyu de glória incomensurável. (Entre eles, Tansu de grande destreza virou o perpetuador da linhagem Puru). E ele subjugou toda a terra e adquiriu grande fama e esplendor. E Tansu gerou um filho de grande destreza chamado Ilina. E ele virou o principal de todos os conquistadores e trouxe o mundo sob a sua total submissão. E Ilina gerou em sua mulher Rathantara cinco filhos sendo Dushmanta o primeiro, todos iguais aos cinco elementos em poder. Eles eram Dushmanta, Sura, Bhima, Pravasu e Vasu. E, ó Janamejaya, o mais velho deles, Dushmanta, virou rei. E Dushmanta teve com sua mulher Sakuntala um filho inteligente chamado Bharata

que se tornou rei. E Bharata deu seu nome à linhagem da qual ele foi o fundador. E é por causa dele que a fama dessa dinastia se espalhou totalmente. E Bharata gerou em suas três esposas nove filhos ao todo. Mas nenhum deles era como seu pai e assim Bharata não estava satisfeito com eles. Suas mães, portanto, ficaram zangadas e mataram todos eles. A procriação de filhos por Bharata, portanto, foi infrutífera. O monarca então realizou um grande sacrifício e através da graça de Bharadwaja obteve um filho chamado Bhumanyu. E então Bharata, o grande descendente de Puru, se considerando como realmente possuidor de um filho, instalou, ó principal da linhagem Bharata, aquele filho como seu herdeiro legítimo. E Bhumanyu gerou em sua mulher, Pushkarini, seis filhos chamados Suhotra, Suhotri, Suhavih, Sujeya, Diviratha e Kichika. O mais velho deles todos, Suhotra, obteve o trono e realizou muitos Rajasuyas e sacrifícios de cavalos. E Suhotra trouxe sob seu domínio toda a terra cercada por sua faixa de mares e cheia de elefantes, vacas e cavalos, e toda a sua riqueza de pedras preciosas e ouro. E a terra afligida pelo peso de inúmeros seres humanos e elefantes, cavalos, e gatos estava prestes a afundar. E durante o virtuoso reinado de Suhotra a superfície de toda a terra foi pontilhada por toda parte com centenas e milhares de estacas de sacrifícios. E o senhor da terra, Suhotra, gerou em sua mulher Aikshaki três filhos, Ajamidha, Sumidha e Purumidha. O mais velho deles, Ajamidha, foi o perpetuador da linhagem real. E ele gerou seis filhos, Riksha nasceu do útero de Dhumini, Dushmanta e Parameshthin, de Nili, e Jahnu, Jala e Rupina nasceram de Kesini. Todas as tribos dos Panchalas são descendentes de Dushmanta e Parameshthin. E os Kushikas eram os filhos de Jahnu de coragem imensurável. E Riksha que era o mais velho do que Jala e Rupina virou rei. E Riksha gerou Samvarana, o perpetuador da linha real. E, ó rei, é sabido por nós que enquanto Samvarana, o filho de Riksha, estava governando a terra, ocorreu uma grande perda de pessoas por causa da fome, pestilência, seca e doenças. E os príncipes Bharata foram batidos pelas tropas de inimigos. E os Panchalas partindo para invadir a terra com seus quatro tipos de tropas logo a trouxeram sob o seu domínio total. E com suas dez Akshauhinis o rei dos Panchalas derrotou o príncipe Bharata. Samvarana então com sua mulher e ministros, filhos e parentes, fugiu com medo, e se abrigou na floresta nas margens do Sindhu estendida ao pé das montanhas. Lá os Bharatas viveram por mil anos completos, dentro de sua fortaleza. E depois de terem vivido lá por mil anos um dia o ilustre rishi Vasishtha se aproximou dos exilados Bharatas, que, saindo ao seu encontro, saudaram o rishi e o reverenciaram pela oferta de Arghya. E agradando-o com reverência eles relataram tudo ao rishi ilustre. E depois que ele estava em seu assento o próprio rei se aproximou do rishi e dirigiu-se a ele, dizendo, 'Sê tu nosso sacerdote, ó ilustre! Nós nos esforçaremos para recuperar o nosso reino.' E Vasishtha respondeu aos Bharatas dizendo, 'Om' (o sinal de assentimento). É sabido por nós que Vasishtha então instalou o príncipe Bharata na soberania de todos os kshatriyas sobre a terra, fazendo pela virtude de seus Mantras aquele descendente de Puru (tão forte quanto) os verdadeiros chifres do touro selvagem ou as presas dos elefantes selvagens. E o rei retomou sua capital que havia sido tirada dele e uma vez mais fez todos os monarcas lhe prestarem homenagem. O poderoso Samvarana, assim instalado mais uma vez na soberania real de toda a

terra, realizou muitos sacrifícios nos quais os presentes aos brâmanes foram grandiosos.

Samvarana gerou em sua mulher, Tapati, a filha de Surya, um filho chamado Kuru. Este Kuru era extremamente virtuoso e, portanto, ele foi instalado no trono por seu povo. É por seu nome que o campo chamado Kuru-jangala se tornou tão famoso no mundo. Dedicado ao ascetismo ele tornou aquele campo (Kurukshetra) sagrado por praticar ascetismo lá. E foi ouvido por nós que a esposa de Kuru, a inteligente Vahini, deu à luz cinco filhos, Avikshit, Bhavishyanta, Chaitraratha, Muni e o célebre Janamejaya. E Avikshit gerou o poderoso Parikshit, Savalaswa, Adhiraja, Viraja, Salmali de grande força física, Uchaihsravas, Bhangakara e Jitari, o oitavo. Na linhagem desses nasceram, como resultado de seus atos piedosos, sete poderosos guerreiros em carros encabeçados por Janamejaya. E para Parikshit nasceram filhos que eram todos conhecedores (dos segredos) da religião e do lucro. E eles se chamavam Kakshasena e Ugrasena, e Chitrasena dotado de grande energia, e Indrasena e Sushena e Bhimasena. E os filhos de Janamejaya eram todos dotados de grande força e viraram célebres no mundo inteiro. E eles eram Dhritarashtra, que era o mais velho, e Pandu e Valhika, e Nishadha dotado de grande energia, e então o poderoso Jamvunada, e então Kundodara e Padati e então Vasati, o oitavo. E eles eram todos competentes em moralidade e lucro e bondosos para com todas as criaturas. Entre eles Dhritarashtra virou rei. E Dhritarashtra teve oito filhos, Kundika, Hasti, Vitarka, Kratha o quinto, Havihsravas, Indrabha, e Bhumanyu o invencível, e Dhritarashtra teve muitos netos, dos quais três somente foram famosos. Eles eram, ó rei, Pratipa, Dharmanetra, Sunetra. Entre esses três Pratipa tornou-se inigualável sobre a terra. E, ó touro da raça Bharata, Pratipa gerou três filhos, Devapi, Santanu e Valhika, o poderoso guerreiro em carro. Devapi, o mais velho, adotou o modo ascético de vida, impelido pelo desejo de beneficiar seus irmãos. E o reino foi obtido por Santanu e pelo poderoso guerreiro em carro Valhika.

Ó monarca, além disso, nasceram na linhagem de Bharata numerosos outros monarcas excelentes dotados de grande energia e que eram como os próprios rishis celestes em virtude e poder ascético. E assim também na linhagem de Manu nasceram muitos poderosos guerreiros em carros como os próprios celestiais, que por seu número expandiram a dinastia Aila a proporções gigantescas.'

95

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó brâmane, eu agora ouvi de ti essa história grandiosa dos meus antepassados. Eu também soube sobre os grandes monarcas que nasceram nessa linhagem. Mas eu não estou satisfeito, esse relato encantador é muito curto. Portanto, por favor, ó brâmane, recita a narrativa encantadora em detalhes começando por Manu, o senhor da criação. Quem não ficaria encantado com tal relato, que é tão sagrado? A fama daqueles monarcas aumentada por sua

sabedoria, virtude, talentos e caráter elevado se expandiu tanto que cobriu os três mundos. Tendo escutado a história, doce como néctar, da sua generosidade, coragem, força física, energia mental, vigor e perseverança, eu não estou saciado!'

Vaisampayana disse, 'Ouve então, ó monarca, enquanto eu narro integralmente o relato auspicioso da tua própria linhagem assim como eu o ouvi antes de Dwaipayana.

Daksha gerou Aditi, e Aditi gerou Vivaswat, e Vivaswat gerou Manu, e Manu gerou Ha e Ha gerou Pururavas. E Pururavas gerou Ayus, e Ayus gerou Nahusha, e Nahusha gerou Yayati. E Yayati teve duas esposas, Devayani, a filha de Usanas, e Sarmishtha a filha de Vrishaparvan. Aqui ocorre um sloka a respeito dos descendentes (de Yayati), Devayani deu à luz Yadu e Turvasu, e a filha de Vrishaparvan, Sarmishtha, deu à luz Druhyu, Anu e Puru. E os descendentes de Yadu são os Yadavas e os de Puru são os Pauravas. E Puru teve uma mulher de nome Kausalya, em quem ele gerou um filho chamado Janamejaya que realizou três sacrifícios de cavalo e um sacrifício chamado Viswajit. E então ele se instalou nas florestas. E Janamejaya tinha se casado com Ananta, a filha de Madhava, e gerou nela um filho chamado Prachinwat. E o príncipe foi assim chamado porque ele conquistou todos os países do leste até os limites da região onde o Sol nasce. E Prachinwat se casou com Asmaki, uma filha dos Yadavas, e gerou nela um filho chamado Sanyati. E Sanyati se casou com Varangi, a filha de Drishadwata e gerou nela um filho chamado Ahayanti. E Ahayanti se casou com Bhanumati, a filha de Kritavirya, e gerou nela um filho chamado Sarvabhauma. E Sarvabhauma se casou com Sunanda, a filha do príncipe Kekaya, tendo-a obtido à força. E ele gerou nela um filho chamado Jayatsena, que se casou com Susrava, a filha do rei Vidarbha, e gerou nela Avachina, e Avachina também se casou com outra princesa de Vidarbha, de nome Maryada. E ele gerou nela um filho chamado Arihan. E Arihan se casou com Angi e gerou Mahabhauma. E Mahabhauma se casou com Suyajna, a filha de Prasenajit. E dela nasceu Ayutanayi. E ele foi assim chamado porque ele tinha realizado um sacrifício no qual a gordura de um Ayuta (dez mil) de seres machos foi necessária. E Ayutanayi tomou como mulher Kama, a filha de Prithusravas. E dela nasceu um filho chamado Akrodhana, que tomou como mulher Karambha, a filha do rei de Kalinga. E dela Devatithi nasceu, e Devatithi tomou como sua mulher Maryada, a princesa de Videha. E dela nasceu um filho chamado Arihan. E Arihan tomou como mulher Sudeva, a princesa de Anga, e nela ele gerou um filho chamado Riksha. E Riksha se casou com Jwala, a filha de Takshaka, e ele gerou nela um filho de nome Matinara, que realizou na margem do Saraswati o sacrifício de doze anos considerado tão eficaz. Na conclusão do sacrifício Saraswati apareceu em pessoa perante o rei e o escolheu como marido. E ele gerou nela um filho chamado Tansu. Aqui ocorre um sloka descritivo dos descendentes de Tansu.

‘Tansu nasceu de Saraswati com Matinara. E o próprio Tansu gerou um filho chamado Ilina em sua mulher, a princesa Kalingi.’

Ilina gerou em sua mulher Rathantari cinco filhos, dos quais Dushmanta era o mais velho. E Dushmanta tomou como mulher Sakuntala, a filha de Viswamitra. E ele gerou nela um filho chamado Bharata. Aqui ocorrem dois slokas acerca dos descendentes (de Dushmanta).

‘A mãe é só o revestimento de carne no qual o pai gera o filho. De fato o próprio pai é o filho. Portanto, ó Dushmanta, cuida do teu filho e não insultes Sakuntala. Ó deus entre homens, o próprio pai se tornando o filho salva a si mesmo do inferno. Sakuntala verdadeiramente disse que tu és o pai desta criança.’

É por isso (porque o rei cuidou de seu filho depois de ouvir as palavras acima do mensageiro celeste) que o filho de Sakuntala veio a ser chamado de Bharata (o sustentado/cuidado). E Bharata se casou com Sunanda, a filha de Sarvasena, o rei de Kasi, e gerou nela o filho chamado Bhumanyu. E Bhumanyu casou com Vijaya, a filha de Dasarha. E ele gerou nela um filho, Suhotra, que casou com Suvarna, a filha de Ikshvaku. Dela nasceu um filho chamado Hasti que fundou esta cidade, a qual foi, portanto, chamada de Hastinapura. E Hasti casou com Yasodhara, a princesa de Trigarta. E dela nasceu um filho Vikunthana que tomou como mulher Sudeva, a princesa de Dasarha. E dela nasceu um filho chamado Ajamidha. E Ajamidha teve quatro esposas chamadas Raikeyi, Gandhari, Visala e Riksha. E ele gerou nelas dois mil e quatrocentos filhos. Mas entre eles todos Samvarana virou o perpetuador da dinastia. E Samvarana tomou por mulher Tapati, a filha de Vivaswat. E dela nasceu Kuru, que casou com Subhangi, a princesa de Dasarha. E ele gerou nela um filho chamado Viduratha, que tomou como mulher Supriya, a filha dos Madhavas. E ele gerou nela um filho chamado Anaswan. E Anaswan casou com Amrita, a filha dos Madhavas. E dela nasceu um filho chamado Parikshit, que tomou como mulher Suvasa, a filha dos Vahudas, e gerou nela um filho chamado Bhimasena. E Bhimasena casou com Kumari, a princesa de Kekaya, e gerou nela Pratisravas cujo filho foi Pratipa. E Pratipa casou com Sunanda, a filha de Sivi, e nela gerou três filhos, Devapi, Santanu e Valhika. E Devapi, enquanto ainda era um menino, entrou nas florestas como um eremita. E Santanu virou rei. Aqui ocorre um sloka a respeito de Santanu.

‘Os homens idosos que eram tocados por aquele monarca não só sentiam uma sensação indescritível de prazer, mas também tinham sua juventude restaurada. Portanto, aquele monarca era chamado de Santanu.’

E Santanu se casou com Gangâ, que deu à luz um filho, Devavrata, que foi depois chamado de Bhishma. E Bhishma, movido pelo desejo de fazer o bem para seu pai, o fez se casar com Satyavati que era também chamada de Gandhakali. E em sua juventude ela teve um filho com Parasara, chamado Dwaipayana. E nela Santanu gerou dois outros filhos chamados Chitrangada e Vichitravirya. E antes de eles chegarem à maioridade Chitrangada foi morto pelos gandharvas. Mas Vichitravirya virou rei, e se casou com duas filhas do rei de Kasi, chamadas Amvika e Amvalika. Mas Vichitravirya morreu sem filhos. Então Satyavati começou a pensar em como a dinastia de Dushmanta poderia ser perpetuada. Então ela se lembrou do rishi Dwaipayana. Ao vir perante ela o último perguntou, ‘Quais são as suas ordens?’ Ela disse, 'Seu irmão Vichitravirya foi sem filhos para o céu. Gera

crianças virtuosas.' Dwaipayana, concordando, gerou três filhos, Dhritarashtra, Pandu e Vidura. O rei Dhritarashtra teve cem filhos com sua mulher, Gandhari, por causa da bênção concedida por Dwaipayana. E entre aqueles cem filhos de Dhritarashtra quatro se tornaram célebres. Eles são Duryodhana, Duhsasana, Vikarna, e Chitrasena. E Pandu teve duas joias de esposas, Kunti, também chamada de Pritha, e Madri. Um dia Pandu, enquanto caçava, viu um veado cobrindo sua parceira. Aquele era na verdade um rishi na forma de um veado. Vendo o veado naquela atitude ele o matou com suas flechas, antes de o desejo dele ser satisfeito. Perfurado pela flecha do rei o veado rapidamente mudou de forma e virou um rishi, e disse a Pandu, 'Ó Pandu, tu és virtuoso e conheces também o prazer derivado da satisfação de um desejo. Meu desejo ainda está insatisfeito e tu me mataste! Portanto, tu também, quando assim ocupado e antes que estejas satisfeito morrerás!' Pandu, ouvindo essa maldição, ficou pálido, e daquele tempo em diante não dormiu com suas esposas. E ele disse a elas estas palavras, 'Por meu próprio erro eu fui amaldiçoado! Mas eu soube que para o homem sem filhos não há regiões após a morte.' Portanto, ele solicitou a Kunti que tivesse prole para ele. E Kunti disse, 'Assim seja.' Assim ela criou prole. Com Dharma ela teve Yudhishthira, com Maruta, Bhima, e com Sakra, Arjuna. E Pandu, muito satisfeito com ela, disse, 'Esta minha outra esposa também está sem filhos. Portanto, faze com que ela também tenha filhos.' Kunti dizendo, 'Assim seja' deu para Madri o mantra de invocação. E em Madri foram gerados pelos gêmeos Asvins os gêmeos Nakula e Sahadeva. E (um dia) Pandu, vendo Madri enfeitada com ornamentos teve seu desejo aceso. E, logo que a tocou ele morreu. Madri subiu à pira funerária com seu marido. E ela disse a Kunti, 'Que os meus gêmeos sejam educados por ti com afeto.' Depois de algum tempo os cinco Pandavas foram levados pelos ascetas das florestas para Hastinapura e lá apresentados para Bhishma e Vidura. E depois de apresentá-los os ascetas desapareceram à vista de todos. E depois da conclusão do discurso daqueles ascetas choveram flores sobre o local, e os tambores celestes também foram tocados nos céus. Os Pandavas foram então acolhidos (por Bhishma). Eles então relataram a morte de seu pai e realizaram suas últimas honras devidamente. E como eles estavam sendo criados lá Duryodhana ficou extremamente ciumento deles. E o pecaminoso Duryodhana agindo como um rakshasa tentou de vários modos expulsá-los. Mas o que tem que ser nunca pode ser impedido. Assim todos os esforços de Duryodhana foram inúteis. Então Dhritarashtra os enviou, por uma ação de fraude, para Varanavata, e eles foram para lá de bom grado. Lá um esforço foi feito para matá-los queimados, mas que fracassou devido ao conselho de advertência de Vidura. Depois disso os Pandavas mataram Hidimva, e então eles foram para uma cidade chamada Ekachakra. Lá também eles mataram um rakshasa chamado Vaka e então foram para Panchala. E lá obtiveram Draupadi como esposa e voltaram para Hastinapura. E lá eles moraram por algum tempo em paz e geraram filhos. E Yudhishthira gerou Prativindhya; Bhima, Sutasoma; Arjuna, Srutakriti; Nakula, Satanika; e Sahadeva, Srutakarman. Além disso, Yudhishthira, tendo obtido como mulher Devika, a filha de Govasana da tribo Saivya, em uma cerimônia de escolha de marido, gerou nela um filho chamado Yaudheya. E Bhima também obtendo como mulher Valandhara, a filha do rei de Kasi, ofereceu sua própria coragem como dote e gerou nela um filho chamado Sarvaga. E Arjuna

também, indo até Dwaravati, trouxe à força Subhadra, a irmã de voz doce de Vasudeva, e voltou em felicidade para Hastinapura. E ele gerou nela um filho chamado Abhimanyu dotado de todos os talentos e estimado pelo próprio Vasudeva. E Nakula obteve como mulher Karenumati, a princesa de Chedi, e gerou nela um filho chamado Niramitra. E Sahadeva também se casou com Vijaya, a filha de Dyutimat, o rei de Madra, obtendo-a em uma cerimônia de escolha de marido e gerou nela um filho chamado Suhotra. E Bhimasena tinha algum tempo antes gerado em Hidimvâ um filho chamado Ghatotkacha. Esses são os onze filhos dos Pandavas. Entre eles todos Abhimanyu foi o perpetuador da família. Ele se casou com Uttarâ, a filha de Virata, que deu à luz uma criança morta que Kunti pegou em seu colo por ordem de Vasudeva que disse, 'Eu reviverei esta criança de seis meses.' E embora nascido antes do tempo, tendo sido queimado pelo fogo (da arma de Aswatthaman) e, portanto, carente de força e energia ele foi reanimado por Vasudeva e dotado de força, energia e coragem. E depois reanimá-lo Vasudeva disse, 'Porque esta criança nasceu em uma linhagem extinta, portanto, ele se chamará Parikshit.' E Parikshit se casou com Madravati, tua mãe, ó rei, e tu nasceste dela, ó Janamejaya! Tu também tens dois filhos com tua mulher Vapushtama, chamados Satanika e Sankukarna. E Satanika também gerou um filho chamado Aswamedhadatta na princesa de Videha.

Assim eu, ó rei, recitei a história dos descendentes de Puru e dos Pandavas. Essa história excelente, sagrada e que aumenta a virtude deve sempre ser ouvida por brâmanes cumpridores de votos, por kshatriyas dedicados às práticas de sua classe e preparados para proteger seus súditos, por vaisyas com atenção, e por sudras com reverência, cuja principal ocupação é servir às outras três classes. brâmanes versados nos Vedas e outras pessoas que com atenção e reverência recitam essa história sagrada ou a escutam quando recitada conquistam os céus e chegam à residência dos abençoados. Eles são também sempre respeitados e adorados pelos deuses, brâmanes e outros homens. Essa história sagrada de Bharata foi composta pelo sagrado e ilustre Vyasa. Brâmanes conhecedores dos Vedas e outras pessoas que com reverência e sem malícia a ouvem ser recitada ganham grandes méritos religiosos e conquistam os céus. Embora pecando, eles não são desrespeitados por ninguém. Aqui ocorre um sloka, 'Este (Bharata) é igual aos Vedas: é sagrado e excelente. Ele concede riqueza, fama e vida. Portanto, ele deve ser ouvido pelos homens com atenção absorta'.

96

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Houve um rei conhecido pelo nome de Mahabhisha nascido na linhagem de Ikshvaku. Ele era o senhor de toda a terra, e era sincero e de coragem verdadeira. Por meio de mil sacrifícios de cavalo e uma centena de Rajasuyas ele satisfez o chefe dos celestiais e ao final alcançou o céu.

Um dia os celestiais tinham se reunido e estavam adorando Brahman. Muitos sábios reais e o rei Mahabhisha também estavam presentes no local. E Gangâ, a rainha dos rios, também foi lá prestar suas adorações ao Avô. E suas roupas brancas como os raios da lua foram desarranjadas pela ação do vento. E quando seu corpo ficou exposto os celestiais baixaram suas cabeças. Exceto o sábio real Mahabhisha que grosseiramente fitou a rainha dos rios. E Mahabhisha foi por isso amaldiçoado por Brahman, que disse, 'Canalha, como tu te esqueceste de ti mesmo à visão de Gangâ tu deves renascer sobre a terra. Mas tu repetidas vezes alcançarás estas regiões. E ela também nascerá no mundo dos homens e te ferirá. Mas quando a tua cólera for provocada tu então ficarás livre da minha maldição.'

Vaisampayana continuou, 'O rei Mahabhisha então se lembrando de todos os monarcas e ascetas sobre a terra desejou nascer como filho de Pratipa de grande valor. E a rainha dos rios, também, vendo o rei Mahabhisha perder sua firmeza, foi embora, pensando nele desejosamente. E em seu caminho ela viu aqueles habitantes no céu, os Vasus, também seguindo o mesmo caminho. E a rainha dos rios os viu naquele apuro e perguntou, 'Por que vocês estão assim abatidos? Ó habitantes do céu, está tudo bem com vocês?' Aqueles celestiais, os Vasus, responderam a ela, dizendo, 'Ó rainha dos rios, nós fomos amaldiçoados, por uma falha perdoável, pelo ilustre Vasishtha com raiva. O principal dos rishis excelentes, Vasishtha, estava dedicado às suas adorações do crepúsculo e sentado como estava não pode ser visto por nós. Nós passamos sobre ele em ignorância. Portanto, em cólera ele nos amaldiçoou, dizendo, ‘Que vocês nasçam entre os homens!’ Está além do nosso poder frustrar o que foi dito por aquele proferidor de Brahma. Portanto, ó rio, tu mesma te tornando uma mulher humana faze de nós, os Vasus, teus filhos. Ó amável, nós estamos relutantes em entrar no útero de alguma mulher humana.' Assim abordada a rainha dos rios disse a eles, ‘Assim seja’, e perguntou a eles, 'Sobre a terra, quem é aquele principal dos homens que será seu pai?'

Os Vasus responderam, 'Na terra, para Pratipa nascerá um filho, Santanu, que será um rei de fama mundial.' Gangâ então disse, 'Ó celestiais, é exatamente o meu desejo que vocês impecáveis expressaram. Eu, de fato, farei bem para Santanu. Esse é também seu desejo como acabou de ser expresso.' Os Vasus então disseram, 'Cabe a ti lançar as crianças à água depois do nascimento, para que, ó tu de três direções (celeste, terrestre, e subterrânea) nós possamos ser resgatados logo sem termos que viver na terra por qualquer período de tempo.'

Ganga então respondeu, 'Eu farei o que vocês desejam. Mas para que o relacionamento dele comigo não seja totalmente infrutífero providenciem para que pelo menos um filho viva.' Os Vasus então responderam, 'Nós contribuiremos cada um com uma oitava parte das nossas respectivas energias. Com essa soma tu terás um filho de acordo com teu desejo. Mas aquele filho não gerará filhos sobre a terra. Portanto, aquele teu filho dotado de grande energia não terá filhos.'

Os Vasus, fazendo este acordo com Gangâ, partiram sem demora para onde queriam.'

97

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse. 'Havia um rei de nome Pratipa, que era bondoso para com todas as criaturas. Ele passou muitos anos em penitências ascéticas na fonte do rio Gangâ. A ilustre e encantadora Gangâ, um dia, assumindo a forma de uma bela mulher e erguendo-se das águas, foi até o monarca. A moça celeste, dotada de beleza encantadora, se aproximou do sábio real dedicado a austeridades ascéticas, e sentou-se sobre a coxa direita dele que era, por sua força máscula, como uma verdadeira árvore Sala. Quando a moça de rosto bonito assim tinha se sentado em seu colo o monarca disse a ela, 'Ó amável, o que tu desejas? O que eu devo fazer?' A donzela respondeu, 'Eu desejo a ti, ó rei, como meu marido! Ó principal dos Kurus, sê meu! Recusar uma mulher que veio por sua própria vontade nunca é aprovado pelos sábios.' Pratipa respondeu, 'Ó tu belas feições, movido pela luxúria eu nunca me uno com outras esposas ou mulheres que não sejam da minha classe. Esse, de fato, é o meu voto virtuoso.' A moça replicou, 'Eu não sou inauspiciosa ou feia. Eu sou de todas as maneiras digna de ser desfrutada. Eu sou uma moça celeste de beleza rara, eu te desejo como marido. Não me rejeites, ó rei.' A isso Pratipa respondeu, 'Eu me abstenho, ó donzela, de seguir nessa direção à qual tu me incitas. Se eu quebrar o meu voto o pecado me esmagará e me matará. Ó bela, tu me abraçaste, sentando-te na minha coxa direita. Mas, ó tímida, saibas que esse é o assento para filhas e noras. O lado esquerdo é para a esposa, mas tu não aceitaste este. Portanto, ó melhor das mulheres, eu não posso desfrutar de ti como um objeto de desejo. Sê minha nora. Eu te aceito para o meu filho!'

A donzela então disse, 'Ó virtuoso, que seja como tu disseste. Que eu me una com teu filho. Por meu respeito por ti eu serei uma mulher da célebre linhagem Bharata. Vocês (da linhagem Bharata) são o amparo de todos os monarcas sobre a terra! Eu seria incapaz de enumerar as virtudes da sua linhagem mesmo em cem anos. A grandeza e a bondade de muitos monarcas célebres dessa linha são ilimitadas. Ó senhor de tudo, que fique entendido agora que quando eu me tornar tua nora o teu filho não poderá julgar minhas ações. Vivendo assim com teu filho

eu farei bem a ele e aumentarei a sua felicidade. Ele finalmente alcançará o céu por causa dos filhos que eu darei a ele, por sua virtude e boa conduta.'

Vaisampayana continuou, 'Ó rei, tendo dito isso a donzela celeste então desapareceu. E o rei, também, esperou pelo nascimento de seu filho para cumprir sua promessa.

Naquela época Pratipa, aquela luz da linhagem Kuru, aquele touro entre os kshatriyas, estava engajado, junto com sua mulher, em austeridades por desejo de prole. E quando eles ficaram velhos um filho nasceu para eles. Este era Mahabhisha. E o menino foi chamado de Santanu porque ele nasceu quando seu pai tinha controlado suas paixões por meio de penitências ascéticas. E o melhor dos Kurus, Santanu, sabendo que a região de felicidade indestrutível somente poderia ser alcançada por seus atos, se tornou dedicado à virtude. Quando Santanu cresceu e se tornou um jovem Pratipa dirigiu-se a ele e disse, 'Algum tempo atrás, ó Santanu, uma donzela celeste veio a mim para o teu bem. Se tu encontrares a ela de belas feições em segredo e se ela te solicitar filhos aceita-a como tua mulher. E, ó impecável, não sejas juiz da propriedade ou impropriedade dos atos dela e não perguntes quem ela é, ou de quem ou de onde é, mas aceita-a como tua mulher por minha ordem!'

Vaisampayana continuou, 'Pratipa, tendo assim mandado seu filho Santanu e o instalado em seu trono se retirou para as florestas. E o rei Santanu, dotado de grande inteligência e igual ao próprio Indra em esplendor, se tornou viciado em caça e passava muito do seu tempo nas florestas. E o melhor dos monarcas sempre matava veados e búfalos. E um dia, enquanto ele estava vagando pela margem do Ganges, ele se viu em uma região frequentada por siddhas e charanas. E lá ele viu uma encantadora moça de beleza resplandecente e que era como a própria Sri, com dentes impecáveis e perolados e enfeitada com ornamentos celestes, e vestida em roupas de textura fina parecidas em esplendor com os filamentos do lótus. E o monarca ao ver aquela donzela ficou surpreso, e seu enlevo produziu um arrepio imediato. Com o olhar fixo ele parecia estar bebendo o encanto dela, mas repetidamente seus goles fracassavam em apagar sua sede. A donzela também viu o monarca de esplendor ardente movendo-se continuamente em grande agitação, ficou comovida e sentiu afeto por ele. Ela o fitou e fitou longamente sempre com o olhar fixo. O monarca então em palavras suaves dirigiu-se a ela e disse, 'Ó esbelta, sejas tu uma deusa ou a filha de um Danava, sejas tu da raça dos gandharvas, ou apsaras, sejas dos yakshas ou dos nagas, ou sejas de origem humana, ó tu de beleza celeste, eu peço que tu sejas minha esposa!’

98

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'A moça então, ouvindo essas doces palavras do monarca sorridente, e se lembrando de sua promessa aos Vasus, dirigiu-se ao rei em resposta. De aspecto impecável, a donzela, enviando uma emoção de prazer ao coração por cada palavra que proferiu, disse, 'Ó rei, eu me tornarei tua mulher e obedecerei às tuas ordens. Mas, ó monarca, tu não deves interferir em nenhuma coisa que eu faça, seja agradável ou desagradável. Nem nunca te dirigirás a mim indelicadamente. Desde que tu te comportes bondosamente eu prometo viver contigo. Mas eu certamente te deixarei no momento em que interferires comigo ou falares para mim uma palavra indelicada.' O rei respondeu, 'Que assim seja.' E então a donzela, obtendo aquele monarca excelente, aquele principal da linhagem de Bharata, como marido, ficou muito satisfeita. E o rei Santanu também, obtendo-a como esposa, desfrutou de todo o prazer da sua companhia. E aderindo à sua promessa ele se absteve de perguntar qualquer coisa a ela. E o senhor da terra, Santanu, ficou extremamente satisfeito com sua conduta, beleza, magnanimidade, e atenção aos seus confortos. E a deusa Ganga também, de três direções (celeste, terrestre e subterrânea) assumindo uma forma de aspecto superior à do ser humano e dotada de beleza celeste, viveu alegremente como a mulher de Santanu, tendo como o fruto de suas ações virtuosas obtido como marido aquele tigre entre reis que era igual ao próprio Indra em esplendor. E ela satisfez o rei com sua atratividade e afeto, por suas artimanhas e amor, por sua música e dança, e ficou ela mesma satisfeita. E o monarca estava tão embevecido com sua bela mulher que meses, estações e anos passaram sem que ele ficasse consciente deles. E o rei, enquanto assim desfrutava com sua mulher, teve oito filhos que em beleza pareciam ser os próprios celestiais. Mas, ó Bharata, aquelas crianças, uma depois da outra, logo que nasceram, foram jogadas no rio por Gangâ que dizia, 'Isto é para o teu bem.' E as crianças afundavam e não mais se elevavam. O rei, no entanto, não poderia estar satisfeito com essa conduta. Mas ele não falou uma palavra acerca disso com receio de que sua mulher o deixasse. Mas quando a oitava criança nasceu, e quando sua mulher como antes estava para jogá-la sorrindo ao rio, o rei com a expressão triste e desejoso de salvar a criança da destruição dirigiu-se a ela e disse, ‘Não o mates! Quem és tu e de onde? Por que tu matas teus próprios filhos? Assassina de teus filhos, tua carga de pecados é grande!’ Sua mulher, assim abordada, respondeu, 'Ó tu desejoso de prole, tu já te tornaste o principal dentre aqueles que têm filhos. Eu não destruirei este teu filho. Mas, segundo o nosso acordo, o período da minha estadia contigo chegou ao fim. Eu sou Gangâ, o filha de Jahnu. Eu sou sempre adorada pelos grandes sábios, eu vivi contigo para realizar os propósitos dos celestiais. Os oito Vasus ilustres dotados de grande energia tiveram, por causa da maldição de Vasishtha, que assumir formas humanas. Sobre a terra, além de ti, não havia ninguém mais para merecer a honra de ser seu gerador. Não há nenhuma mulher também na terra exceto uma como eu, uma celestial em forma humana, para se tornar a mãe deles. Eu assumi a forma de um ser humano para dá-los à luz. Tu

também, tendo te tornado o pai dos oito Vasus, alcançaste muitas regiões de felicidade perene. Estava também combinado entre mim e os Vasus que eu deveria libertá-los da sua forma humana logo que eles nascessem. Eu assim os libertei da maldição do rishi Apava. Abençoado sejas, eu o deixo, ó rei! Mas cria esta criança de votos rígidos. Que eu viveria contigo até agora foi a promessa que eu dei aos Vasus. E que esta criança seja chamada de Gangadatta.'

99

(Continuação do Sambhava Parva)

Santanu perguntou, 'Qual foi o erro dos Vasus e quem foi Apava, por cuja maldição os Vasus tiveram que nascer entre os homens? O que também esta criança, Gangadatta, fez para ter que viver entre os homens? Por que também os Vasus, os senhores dos três mundos, foram condenados a nascer entre os homens? Ó filha de Jahnu, conta-me tudo.'

Vaisampayana continuou, 'Assim abordada, a filha celeste de Jahnu, Gangâ, então respondeu ao monarca, seu marido, aquele touro entre homens, dizendo, 'Ó melhor da linhagem de Bharata, aquele que foi obtido como filho por Varuna se chamava Vasishtha, o muni que depois veio a ser conhecido como Apava. Ele tinha seu retiro no leito do rei das montanhas chamado Meru. O lugar era sagrado e cheio de aves e animais. E lá floresciam durante todo o ano flores de todas as estações. E, ó melhor da linhagem de Bharata, aquele principal dos homens virtuosos, o filho de Varuna, praticava suas penitências ascéticas naquelas florestas cheias de raízes doces e água.

Daksha tinha uma filha conhecida pelo nome de Surabhi, que, ó touro da raça Bharata, para beneficiar o mundo, deu à luz, por sua ligação com Kasyapa, a uma filha (Nandini) na forma de uma vaca. Aquela principal de todas as vacas, Nandini, era a vaca da abundância (capaz de realizar todos os desejos). O filho virtuoso de Varuna obteve Nandini para os seus ritos Homa. E Nandini, vivendo naquele eremitério que era adorado por munis, vagava sem medo naquelas florestas sagradas e encantadoras.

Um dia, ó touro da raça Bharata, chegaram àquelas florestas adoradas pelos deuses e rishis celestes os Vasus encabeçados por Prithu. E vagando por lá com suas esposas eles se divertiram naquelas florestas e montanhas encantadoras. E enquanto eles lá passeavam a mulher de cintura fina de um dos Vasus, ó tu da destreza de Indra, viu naquelas florestas Nandini, a vaca da abundância. E vendo aquela vaca possuidora da riqueza de todos os talentos, olhos grandes, úberes cheios, cauda fina, belas patas, e todos os outros sinais auspiciosos, e produzindo muito leite, ela mostrou o animal para seu marido Dyu. Ó tu da bravura do principal dos elefantes, quando Dyu viu aquela vaca ele começou a admirar suas várias qualidades e dirigindo-se à sua esposa, disse, 'Ó moça de olhos negros e

pernas formosas, esta vaca excelente pertence àquele rishi de quem é este retiro encantador. Ó tu de cintura esbelta, o mortal que bebe o doce leite desta vaca permanece com sua juventude inalterada por dez mil anos.' Ó melhor dos monarcas, ouvindo isso a deusa de feições impecáveis então se dirigiu ao seu marido de esplendor ardente e disse, 'Há na terra uma amiga minha, de nome Jitavati, possuidora de grande beleza e juventude. Ela é filha de um deus entre os homens, o sábio real Usinara, dotado de inteligência e dedicado à verdade. Eu desejo ter esta vaca, ó ilustre, com seu bezerro para aquela minha amiga. Portanto, ó melhor dos celestiais, traze esta vaca para que então minha amiga bebendo seu leite possa se tornar livre de doenças e velhice sobre a terra. Ó ilustre e irrepreensível, cabe a ti realizar esse meu desejo. Não há nada que possa ser mais agradável para mim.' Ao ouvir essas palavras de sua esposa Dyu, movido pelo desejo de fazer a vontade dela, roubou aquela vaca, ajudado por seus irmãos Prithu e outros. De fato, Dyu, mandado por sua esposa de olhos de lótus, realizou seu desejo, esquecendo naquele momento os altos méritos ascéticos do rishi que possuía a vaca. Ele não pensou naquela hora que ele cairia por cometer o pecado de roubar a vaca.

Quando o filho de Varuna voltou para seu retiro à noite com as frutas que tinha colhido ele não viu a vaca com seu bezerro. Ele começou a procurar por eles nas florestas, mas quando o grande asceta de inteligência superior não achou sua vaca ao procurá-la, ele viu por meio de sua visão ascética que ela tinha sido roubada pelos Vasus. Sua cólera foi imediatamente acesa e ele amaldiçoou os Vasus, dizendo, 'Porque os Vasus roubaram minha vaca de leite doce e rabo bonito, portanto, eles sem dúvida nascerão sobre a terra!'

Ó touro da raça Bharata, o ilustre rishi Apava assim amaldiçoou os Vasus em cólera. E tendo-os amaldiçoado o ilustre fixou seu coração mais uma vez na meditação ascética. E depois de aquele brahmarshi de grande poder e riqueza ascética ter assim amaldiçoado os Vasus com raiva os últimos, ó rei, ao virem a saber disso, foram rapidamente ao seu retiro. E dirigindo-se ao rishi, ó touro entre reis, eles se esforçaram para acalmá-lo. Mas eles fracassaram, ó tigre entre homens, em obter o perdão de Apava, aquele rishi conhecedor de todas as regras de virtude. O virtuoso Apava, no entanto, disse, 'Vocês Vasus, com Dhava e outros, foram amaldiçoados por mim. Mas vocês ficarão livres da minha maldição dentro de um ano do seu nascimento entre os homens. Mas aquele por cujo feito vocês foram amaldiçoados por mim, Dyu, por seu ato pecaminoso, terá que viver sobre a terra por mais tempo. Eu não tornarei inúteis as palavras que proferi em fúria. Dyu, embora habitando na Terra, não gerará filhos. Ele, no entanto, será virtuoso e conhecedor das escrituras. Ele será um filho obediente ao seu pai, mas ele terá que se abster do prazer da companhia feminina.'

Dirigindo-se dessa maneira aos Vasus o grande rishi foi embora. Os Vasus então juntos vieram a mim. E, ó rei, e me pediram a bênção de que logo eles nascessem eu os jogasse na água. E, ó melhor dos reis, eu fiz como eles desejaram, para libertá-los da sua vida terrestre. E, ó melhor dos reis, pela maldição do rishi, este único, o próprio Dyu, deverá viver na terra por algum tempo.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo assim falado a deusa então desapareceu. E levando consigo a criança ela partiu para a região por ela escolhida. E aquele filho de Santanu se chamava Gangeya e Devavrata e sobrepujou seu pai em todos os talentos.

Santanu, depois do desaparecimento de sua mulher voltou para sua capital com o coração triste. Eu agora relatarei para ti as muitas virtudes e grande fortuna do ilustre rei Santanu da linhagem Bharata. De fato, essa história esplêndida é chamada de Mahabharata.'

100

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'O monarca Santanu, o mais adorado dos deuses e sábios reais, era conhecido em todos os mundos por sua sabedoria, virtudes, e veracidade (de palavras). As qualidades de autocontrole, generosidade, perdão, inteligência, modéstia, paciência e energia superior sempre residiam naquele touro entre homens, Santanu, aquele grande ser dotado de talentos e conhecedor de religião e lucro, aquele monarca era o protetor da linhagem Bharata e de todos os seres humanos. Seu pescoço era marcado com (três) linhas, como a concha de um molusco, seus ombros eram largos, e ele parecia em bravura com um elefante enfurecido. Parecia que todos os sinais propícios de realeza moravam em seu corpo, considerando-o sua digna residência. Os homens, vendo o comportamento daquele monarca de grandes realizações vieram a saber que a virtude era sempre superior ao prazer e ao lucro. Esses eram os atributos que moravam naquele ser, o grande touro entre os homens, Santanu. E realmente nunca houve um rei como Santanu. Todos os reis da terra, vendo-o dedicado à virtude, deram àquele principal dos homens virtuosos o título de Rei dos reis. E todos os reis da terra durante o tempo em que aquele senhor era o protetor da linhagem Bharata não tinham aflição ou medo ou ansiedade de nenhum tipo. E eles todos dormiam em paz também, se levantando todas as manhãs da cama depois de sonhos felizes. E, devido às realizações esplêndidas daquele monarca parecido com o próprio Indra em energia, todos os reis da terra se tornaram virtuosos e dedicados à generosidade, ações religiosas e sacrifícios. E quando a terra era governada por Santanu e outros monarcas como ele os méritos religiosos de toda ordem aumentaram muito. Os kshatriyas serviam aos brâmanes, os vaisyas serviam aos kshatriyas, e os sudras adoravam os brâmanes e os kshatriyas, servindo aos vaisyas. E Santanu, residindo em Hastinapura, a capital encantadora dos Kurus, governava toda a terra cercada pelos mares. Ele era sincero e irreprimível, e como o próprio rei dos celestiais conhecedor dos ditames de virtude. E pela combinação de generosidade, religião e ascetismo ele adquiriu grande fortuna. Ele era livre de raiva e malícia, e de corpo belo e parecido com o próprio Soma. Em esplendor ele era como o Sol e em impetuosidade de bravura como Vayu. Em cólera ele era como Yama, e em paciência como a Terra. E, ó rei, enquanto Santanu governava

a terra nenhum veado, nem javalis, aves, ou outros animais foram mortos desnecessariamente. Em seus domínios a grande virtude da bondade para com todas as criaturas triunfou, e o próprio rei, com a alma da piedade, e desprovido de desejo e ira, estendeu proteção igual a todas as criaturas. Então sacrifícios em honra dos deuses, dos rishis e Pitris começaram, e nenhuma criatura foi privada de vida pecaminosamente. E Santanu era o rei e pai de todos, dos miseráveis e daqueles que não tinham protetores, das aves e animais, realmente, de todas as coisas criadas. E durante o reinado do melhor dos Kurus, que foi o rei dos reis, a fala se tornou una com a verdade, e as mentes dos homens estavam voltadas em direção à generosidade e virtude. E Santanu, tendo desfrutado de felicidade doméstica por seis e trinta anos, se retirou para as florestas.

E o filho de Santanu, o Vasu nascido de Gangâ chamado Devavrata, parecia com o próprio Santanu em beleza corpórea, em hábitos e comportamento, e em erudição. E em todos os ramos de conhecimento mundano ou espiritual sua habilidade era muito grande. Sua força e energia eram extraordinárias. Ele se tornou um poderoso guerreiro em carro. Realmente ele foi um grande rei.

Um dia, enquanto perseguindo pelas margens do Ganges um veado que havia atingido com uma flecha, o rei Santanu observou que o rio tinha ficado raso. Ao observar aquilo aquele touro entre homens, Santanu, começou a refletir sobre aquele fenômeno desconhecido. Ele mentalmente perguntou por que o principal dos rios não corria tão rapidamente como antes. E enquanto procurava uma causa o monarca ilustre viu que um jovem de grande beleza, robusto e afável, como o próprio Indra, tinha, por meio de sua grande arma celeste, controlado o fluxo do rio. E o rei, contemplando aquela façanha extraordinária do rio Gangâ ser controlado em seu curso perto de onde aquele jovem estava, ficou muito admirado. Aquele jovem não era outro além do próprio filho de Santanu. Mas como Santanu tinha visto seu filho somente uma vez uns poucos momentos depois do seu nascimento ele não tinha recordação suficiente para identificar aquele bebê que agora era um jovem diante de seus olhos. O jovem, no entanto, vendo seu pai, o reconheceu imediatamente, mas, em vez de se revelar, ele nublou a percepção do rei por meio de seus poderes celestes de ilusão e desapareceu de sua vista.

O rei Santanu, analisando muito o que viu e imaginando que o jovem era seu próprio filho então se dirigiu a Gangâ e disse, 'Mostra-me aquele menino.' Gangâ, assim abordada, assumindo uma forma bela, e abraçando o menino enfeitado com ornamentos em seu braço direito, o mostrou para Santanu. E Santanu não reconheceu aquela bela mulher enfeitada com ornamentos e vestida em finas roupas brancas, embora ele a tivesse conhecido antes. E Gangâ disse, 'Ó tigre entre homens, este é o oitavo filho que tu algum tempo antes geraste em mim. Saibas que este garoto excelente está familiarizado com todas as armas, ó monarca, leva-o agora. Eu o criei com cuidado. E vai para casa, ó tigre entre homens, levando-o contigo. Dotado de inteligência superior ele estudou com Vasishtha os Vedas inteiros com seus ramos. Hábil com todas as armas e um arqueiro poderoso, ele é como Indra em batalha. E, ó Bharata, os deuses e os asuras o olham com favoritismo. Quaisquer ramos de conhecimento que sejam

conhecidos por Usanas ele conhece totalmente. E assim ele é o mestre de todos os Sastras que o filho de Angiras (Vrihaspati), adorado pelos deuses e os asuras, conhece. E todas as armas conhecidas pelo poderoso e invencível Rama, o filho de Jamadagni, são conhecidas por este teu filho ilustre de braços poderosos. Ó rei de coragem superior, leva contigo este teu filho heroico gerado por ti em mim. Ele é um arqueiro poderoso e conhecedor da interpretação de todos os tratados sobre os deveres de um rei.' Assim mandado por Gangâ, Santanu tomou seu filho que parecia com o próprio Sol em glória e voltou para a sua capital. E tendo chegado à sua cidade que era como a capital celeste aquele monarca da linha Puru considerou-se imensamente afortunado. E, tendo convocado todos os Pauravas, para a proteção de seu reino ele instalou seu filho como seu herdeiro legítimo. E, ó touro da raça Bharata, o príncipe logo satisfez seu pai por seu comportamento e os outros membros da linhagem Paurava, realmente, todos os súditos do reino. E o rei de destreza incomparável viveu felizmente com aquele seu filho.

Quatro anos assim tinham passado quando o rei um dia entrou nas florestas nas margens do Yamuna. E enquanto o rei estava lá vagando ele percebeu um perfume doce vindo de uma direção desconhecida. E o monarca, impelido pelo desejo de averiguar a causa, vagou para lá e para cá. No decorrer de sua caminhada ele viu uma moça de olhos negros e beleza celeste, a filha de um pescador. O rei dirigindo-se a ela disse, 'Quem tu és, e de quem és filha? O que fazes aqui, ó tímida?' Ela respondeu, 'Abençoado sejas! Eu sou a filha do chefe dos pescadores. Por ordem dele, para obter mérito religioso, eu estou empenhada em transportar passageiros para o outro lado deste rio em meu barco.' E Santanu, vendo aquela moça dotada de forma e beleza celestes, amabilidade, e aquela fragrância, desejou tê-la como esposa. E indo até o pai dela o rei solicitou seu consentimento para a proposta de casamento. Mas o chefe dos pescadores respondeu ao monarca, dizendo, 'Ó rei, logo que a minha filha de aspecto superior nasceu, é claro, foi entendido ela deveria ser entregue para um marido. Mas ouve o desejo que eu nutro de todo o meu coração. Ó impecável, sê sincero: se tu desejas obter esta moça como um presente de mim, dá-me então a tua palavra. Se, de fato, tu a deres como penhor, é claro que eu entregarei minha filha a ti porque realmente eu nunca poderia obter um marido para ela igual a ti.'

Santanu, ouvindo-o, respondeu, 'Quando eu souber que penhor tu queres eu então direi se poderei concedê-lo. Se eu for capaz de conceder eu certamente o concederei. Caso contrário como poderia conceder?' O pescador disse, 'Ó rei, o que eu te peço é que o filho nascido desta moça seja instalado por ti no teu trono e que ninguém mais além dele se torne teu sucessor.'

Vaisampayana continuou, 'Ó Bharata, quando Santanu ouviu isso ele não sentiu-se disposto a conceder esse benefício, no entanto o fogo do desejo doloridamente queimou dentro dele. O rei com o coração aflito pelo desejo voltou para Hastinapura, por todo o caminho pensando na filha do pescador. E tendo voltado para casa o monarca passava o tempo em triste meditação. Um dia Devavrata se aproximou de seu angustiado pai e disse, 'Tudo é prosperidade contigo, todos os comandantes te obedecem, então por que é que te afliges assim? Absorto em teus próprios pensamentos tu não me dizes uma palavra em

resposta. Tu agora não sais mais a cavalo, pareces pálido e emaciado, tendo perdido toda a animação. Eu desejo saber de que doença tu sofres para que eu possa me esforçar para aplicar um remédio.' Assim abordado por seu filho Santanu respondeu, 'Tu disseste a verdade, ó filho, eu me tornei melancólico. Ó tu da linha Bharata, tu és o único descendente dessa nossa grande linhagem. Tu estás sempre envolvido em esportes com armas e realizações de coragem. Eu estou sempre pensando na instabilidade da vida humana. Se algum perigo te alcançar, ó filho de Gangâ, o resultado é que nós ficaremos sem filhos. Realmente só tu és valioso para mim como uma centena de filhos. Portanto, eu não desejo me casar outra vez. Eu somente desejo e rezo para que a prosperidade sempre esteja contigo para que a nossa dinastia seja perpetuada. Os sábios dizem que aquele que tem um filho não tem nenhum. Sacrifícios perante o fogo e o conhecimento dos três Vedas produzem, é verdade, mérito religioso eterno, mas esses, em relação a mérito religioso, não chegam a uma sexta parte do mérito obtenível pelo nascimento de um filho. De fato, nesse aspecto há pouca diferença entre homens e animais inferiores. Ó sábio, eu não tenho nenhuma sombra de dúvida que um homem alcança a céu por gerar um filho. Os Vedas que constituem a base dos Puranas e são considerados como autoridade até pelos deuses contêm provas numerosas disso. Ó tu da linhagem de Bharata, tu és um herói de temperamento excitável, que está sempre dedicado ao exercício de armas. É muito provável que tu sejas morto no campo de batalha. Se isso acontecer, qual então será a condição da dinastia Bharata, ó, esse é o pensamento que me fez assim melancólico. Eu agora te disse completamente as causas da minha tristeza.'

Vaisampayana continuou, 'Devavrata, que era dotado de grande inteligência, tendo averiguado isso com o rei, refletiu consigo mesmo por um instante. Ele então foi ao antigo ministro dedicado ao bem-estar de seu pai e o questionou acerca da causa da aflição do rei. Ó touro da raça Bharata, quando o príncipe questionou o ministro o último contou a ele acerca do benefício que foi exigido pelo chefe dos pescadores a respeito de sua filha Gandhavati. Então Devavrata, acompanhado por muitos comandantes kshatriya de idade venerável, foi pessoalmente ao chefe dos pescadores e pediu a ele sua a filha em nome do rei. O chefe dos pescadores o recebeu com as devidas adorações, e, ó tu da linhagem Bharata, quando o príncipe se sentou na corte do chefe, o último se dirigiu a ele e disse, 'Ó touro entre os Bharatas, tu és o principal de todos os manejadores de armas e o filho único de Santanu. Teu poder é grande. Mas eu tenho algo a te dizer. Se o pai da noiva fosse o próprio Indra, mesmo ele se arrependeria de rejeitar esta extremamente honrada e desejável proposta de casamento. O grande homem de cuja semente esta moça célebre chamada Satyavati nasceu é, de fato, igual a vocês em virtude. Ele falou a mim em muitas ocasiões das virtudes do teu pai e me disse que só o rei é digno de (se casar com) Satyavati. Deixa-me te dizer que eu até rejeitei a solicitação do melhor dos brahmarshis, o sábio celeste Asita, que também muitas vezes me pediu para entregar Satyavati em casamento. Eu tenho uma única palavra a dizer da parte desta moça. Na questão do casamento proposto há uma grande objeção fundada no fato de haver um rival na pessoa do filho de uma coesposa. Ó opressor de todos os inimigos, ele (o filho que dela nascer) não terá nenhuma segurança, mesmo que ele seja um asura ou um

gandharva, por ter em ti um rival. Essa é a única objeção à proposta de casamento, e nada mais. Abençoado sejas! Mas isso é tudo o que eu tenho a dizer na questão da concessão ou não de Satyavati.'

Vaisampayana continuou, 'Ó tu da linhagem Bharata, Devavrata, ao ouvir essas palavras, e movido pelo desejo de beneficiar seu pai respondeu assim na audição dos comandantes reunidos, 'Ó principal dos homens sinceros, escuta o voto que eu profiro! Não há homem nascido ou por nascer que terá coragem de fazer esse voto! Eu realizarei tudo isso que tu exiges! O filho que nascer dessa moça será nosso rei.' Assim o chefe dos pescadores, impelido pelo desejo de soberania (para o filho de sua filha), para alcançar o quase impossível, então disse, 'Ó tu de alma virtuosa, tu vieste aqui como agente em nome do teu pai Santanu de glória imensurável, sê também o único gerente em meu nome na questão do casamento dessa minha filha. Mas, ó amável, há outra coisa a ser dita, outra coisa que deve ser refletida por ti. Ó supressor de inimigos, aquele que tem filhas, pela natureza de suas obrigações, deve dizer o que eu digo. Ó tu que és devotado à verdade, a promessa que tu fizeste na presença destes comandantes para o benefício de Satyavati foi, de fato, digna de ti. Ó tu de braços poderosos, eu não tenho a menor dúvida de que irás cumpri-la. Mas eu tenho minhas dúvidas a respeito dos filhos que tu possas gerar.'

Vaisampayana continuou, 'Ó rei, o filho de Gangâ, dedicado à verdade, tendo averiguado os escrúpulos do chefe dos pescadores, então disse, movido a isso pelo desejo de beneficiar seu pai, 'Chefe dos pescadores, melhor dos homens, escuta o que eu digo na presença dos reis reunidos. Ó reis, eu já renunciei ao meu direito ao trono, eu agora decidirei a questão dos meus filhos. Ó pescador, desse dia em diante eu adoto o voto de brahmacharya (estudo e meditação em celibato). Se eu morrer sem filhos, eu ainda alcançarei as regiões de felicidade perene no céu!'

Vaisampayana continuou, 'Após essas palavras do filho de Gangâ os pelos do corpo do pescador se arrepiaram de alegria e ele respondeu, 'Eu entrego a minha filha!' Imediatamente as apsaras e os deuses com diversas tribos de rishis começaram a lançar uma chuva de flores do firmamento sobre a cabeça de Devavrata e exclamaram, 'Este é Bhishma (o terrível)'. Bhishma então, para servir ao seu pai, dirigiu-se à ilustre donzela e disse, 'Ó mãe, sobe nesta carruagem, e vamos juntos para a nossa casa.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo assim falado Bhishma ajudou a bela moça a entrar em sua carruagem. Ao chegar com ela a Hastinapura ele disse a Santanu tudo o que tinha acontecido. E os reis reunidos, em comum e individualmente, aplaudiram seu ato extraordinário e disseram, 'Ele é realmente Bhishma (o terrível)!' E Santanu também, sabendo das extraordinárias realizações de seu filho, ficou muito satisfeito e deu àquele príncipe de grande alma a bênção de morrer quando ele quisesse, dizendo, 'A morte nunca virá para ti enquanto desejares viver. Realmente a morte só se aproximará de ti, ó impecável, tendo obtido primeiro a tua ordem.'

101

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó monarca, depois que as núpcias tinham acabado o rei Santanu instalou sua bela noiva em seu lar. Logo depois nasceu de Satyavati um inteligente e heroico filho de Santanu de nome Chitrangada. Ele era dotado de grande energia e se tornou um homem eminente. O senhor Santanu de grande destreza também gerou em Satyavati outro filho de nome Vichitravirya, que se tornou um poderoso arqueiro e que virou rei depois de seu pai. E antes daquele touro entre homens, Vichitravirya, alcançar a maioridade, o sábio rei Santanu sucumbiu à inevitável influência do Tempo. E depois de Santanu ter ascendido ao céu Bhishma, colocando-se sob as ordens de Satyavati, instalou aquele supressor de inimigos, Chitrangada, no trono, que, tendo logo conquistado com sua bravura todos os monarcas, não considerava nenhum homem como seu igual. E vendo que ele podia derrotar homens, asuras, e os próprios deuses, seu xará, o poderoso rei dos gandharvas, se aproximou dele para um combate. Entre aquele gandharva e aquele principal dos Kurus, que eram ambos muitos poderosos, ocorreu no campo de Kurukshetra um combate feroz que durou três anos completos nas margens do Saraswati. Naquela terrível batalha caracterizada por chuvas grossas de armas e na qual os combatentes derrubavam um ao outro ferozmente, o gandharva, que tinha maior bravura ou truques estratégicos, matou o príncipe Kuru. Tendo matado Chitrangada, aquele principal entre os homens e supressor de todos os inimigos, o gandharva ascendeu para o céu. Quando aquele tigre entre homens dotado de grande destreza, foi morto, Bhishma, o filho de Santanu, realizou, ó rei, todos os seus funerais. Ele então instalou o menino Vichitravirya de braços poderosos, ainda em sua minoridade, no trono dos Kurus. E Vichitravirya, se colocando sob as ordens de Bhishma, governou o reino ancestral. E ele venerava Bhishma, o filho de Santanu, que era familiarizado com todas as regras de religião e lei, assim, de fato, Bhishma também protegeu aquele que era tão obediente aos ditames do dever.'

102

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó tu da linhagem Kuru, depois que Chitrangada foi morto, seu sucessor Vichitravirya sendo menor de idade, Bhishma governou o reino, colocando-se sob as ordens de Satyavati. Quando ele viu que seu irmão, que era o principal dos homens inteligentes, alcançou a maioridade, Bhishma manifestou a intenção de casar Vichitravirya. Naquela época ele soube que três filhas do rei de Kasi, todas iguais em beleza às próprias apsaras, estariam se casando na mesma ocasião, selecionando seus maridos em uma cerimônia de escolha de marido.

Então aquele principal dos guerreiros em carros, vencedor de todos os inimigos, por ordem de sua mãe foi à cidade de Varanasi em uma única carruagem. Lá Bhishma, o filho de Santanu, viu que inúmeros monarcas tinham chegado de todas as direções, e lá ele também viu aquelas três moças que escolheriam seus próprios maridos. E quando os reis (reunidos) foram, cada um, mencionado por nome, Bhishma escolheu aquelas moças (em nome de seu irmão). E colocando-as em sua carruagem Bhishma, o principal dos matadores em batalha, se dirigiu aos reis, ó monarca, e disse em uma voz profunda como o rugido das nuvens, 'Os sábios determinam que quando uma pessoa ilustre é convidada a donzela deve ser concedida a ele, enfeitada com ornamentos e junto com muitos presentes de valor. Outros também entregam suas filhas por aceitarem um par de vacas. Alguns outorgam suas filhas por receberem uma soma fixa, e alguns levam as moças à força. Alguns se casam com o consentimento das moças, alguns por entorpecê-las para que consintam, e alguns por irem aos pais das moças e obterem sua sanção. Alguns obtêm esposas como presentes por ajudarem em sacrifícios. Dessas, os eruditos sempre elogiam a oitava forma de casamento. Reis, no entanto, falam elogiosamente do Swyamvara (a quinta forma como acima) e eles mesmos se casam segundo essa. Mas os sábios dizem que a mulher que é ternamente valorizada é aquela que é levada à força, depois do massacre de adversários, do meio do saguão de príncipes e reis convidados para uma cerimônia de escolha de marido. Portanto, ó monarcas, eu parto daqui levando estas moças à força. Esforcem-se, o melhor que puderem, para me derrotar ou serem derrotados. Ó monarcas, eu estou aqui decidido a lutar!' O príncipe Kuru, dotado de grande energia, se dirigindo dessa forma aos reis reunidos e ao rei de Kasi, tomou sobre seu carro aquelas moças. E levando-as ele partiu com sua carruagem, desafiando os reis convidados para uma luta.

Os monarcas desafiados então todos se levantaram imediatamente sacando suas armas e mordendo os lábios inferiores em fúria. E alta foi a zoeira produzida, quando, com grande pressa, eles começaram a tirar seus ornamentos e colocar suas armaduras. E os movimentos de seus ornamentos e armaduras, ó Janamejaya, brilhantes como eram, pareciam relâmpagos meteóricos no céu. E com as frontes contraídas e os olhos vermelhos de raiva os monarcas se movimentaram com impaciência, suas armaduras brilhando e ornamentos ondulando com seus passos agitados. Os aurigas logo trouxeram belos carros com excelentes cavalos atrelados. Aqueles guerreiros esplêndidos então, equipados com todas as espécies de armas, subiram naqueles carros, e com armas erguidas perseguiram o chefe dos Kurus em retirada. Então, ó Bharata, ocorreu a terrível batalha entre aqueles inúmeros monarcas de um lado e o guerreiro Kuru sozinho no outro. E os monarcas reunidos jogaram em seu inimigo dez mil flechas ao mesmo tempo. Bhishma, no entanto, deteve rapidamente aquelas incontáveis flechas antes que elas pudessem acertá-lo, através de uma chuva das suas próprias flechas tão incontáveis quanto os pelos do corpo. Então aqueles reis o cercaram por todos os lados e derramaram flechas sobre ele como massas de nuvens despejam chuva sobre o leito da montanha. Mas Bhishma, detendo com suas flechas o curso daquela torrente de flechas, perfurou cada um dos monarcas com três flechas. Os últimos por sua vez perfuraram Bhishma cada

um com cinco flechas. Mas, ó rei, Bhishma os deteve por meio de sua destreza e perfurou cada um dos reis oponentes com duas flechas. O combate se tornou tão feroz com aquela chuva densa de flechas e outros mísseis que ele se parecia muito com a batalha entre os celestiais e os asuras outrora, e homens de coragem que não tomaram parte nela sentiram medo só de olhar para a cena. Bhishma cortava, com suas flechas, no campo de batalha, arcos, e mastros de bandeiras, e armaduras, e cabeças humanas às centenas e aos milhares. E tal era sua bravura terrível e sua extraordinária leveza de mão, e tal era a habilidade com a qual ele se protegia que os oponentes guerreiros em carros, embora seus inimigos, começaram a aplaudi-lo ruidosamente. Então aquele principal de todos os manejadores de armas, tendo vencido em batalha todos aqueles monarcas, seguiu seu caminho em direção à capital dos Bharatas, levando aquelas moças consigo.

Foi então, ó rei, que aquele guerreiro em carro poderosamente armado, o rei Salya de imensurável destreza, de trás convocou Bhishma, o filho de Santanu, para uma luta. E, desejoso de obter as moças, ele veio sobre Bhishma como um líder poderoso de uma manada de elefantes avançando sobre outro de sua espécie, e rasgando em fúria com suas presas os quadris do último à visão de uma elefante fêmea no cio. E Salya de braços poderosos movido pela fúria se dirigiu a Bhishma e disse, 'Espera, espera.' Então Bhishma, aquele tigre entre homens, aquele opressor de exércitos hostis, provocado por essas palavras, queimou de fúria como um fogo ardente. Com arco na mão e fronte contraída ele ficou em seu carro, em conformidade com o costume kshatriya de deter seu curso na expectativa do inimigo. Todos os monarcas vendo-o parar ficaram lá para se tornarem espectadores do combate entre ele e Salya. Os dois então começaram a expor sua destreza (um sobre o outro) como touros de grande força rugindo à vista de uma vaca no cio. Então aquele principal dos homens, o rei Salya, cobriu Bhishma, o filho de Santanu com centenas e milhares de flechas rápidas. E os monarcas, vendo Salya assim cobrir Bhishma no início com flechas incontáveis, maravilharam-se muito e proferiram gritos e aplausos. Vendo sua agilidade de mão em combate a multidão de espectadores reais ficou muito contente e aplaudiu Salya. Aquele subjugador de cidades hostis, Bhishma, então, ao ouvir os gritos dos kshatriyas, ficou muito zangado e disse, 'Espera, espera.' Em cólera, ele deu ordem ao seu quadrigário, dizendo, 'Conduze meu carro para onde Salya está, para que eu possa matá-lo imediatamente como Garuda mata uma serpente.' Então o chefe Kuru fixou a arma Varuna na corda do arco, e com ela afligiu os quatro corcéis do rei Salya. E, ó tigre entre reis, o chefe Kuru, então, desviando com suas armas as do seu inimigo, matou o quadrigário de Salya. Então aquele principal dos homens, Bhishma, o filho de Santanu, lutando por causa daquelas donzelas, matou com a arma Aindra os nobres corcéis de seu adversário. Ele então venceu aquele melhor dos monarcas, mas o deixou com sua vida. Ó touro da raça Bharata, Salya, depois de sua derrota, voltou para seu reino e continuou a governar virtuosamente. E, ó conquistador de cidades hostis, os outros reis também, que tinham sido testemunhas da cerimônia de escolha de marido, voltaram para os seus próprios reinos.

Aquele principal dos lutadores, Bhishma, depois de derrotar aqueles monarcas, foi com aquelas donzelas para Hastinapura de onde o virtuoso príncipe Kuru Vichitravirya governava a terra como aquele melhor dos monarcas, seu pai Santanu. E, ó rei, passando por muitas florestas, rios, colinas, e florestas cheias de árvores, ele chegou (à capital) rapidamente. De bravura imensurável em batalha, o filho de Gangâ que segue para o oceano, tendo matado numerosos inimigos em batalha sem um arranhão em si mesmo, trouxe as filhas do rei de Kasi para os Kurus tão afetuosamente como se elas fossem suas noras, ou irmãs mais novas, ou filhas. E Bhishma de braços poderosos, impelido pelo desejo de beneficiar seu irmão, tendo por meio de sua coragem trazido-as daquela forma, então ofereceu aquelas moças possuidoras todos os atributos para Vichitravirya. Conhecedor dos ditames da virtude, o filho de Santanu, tendo realizado tal façanha extraordinária segundo o costume (real), então começou a fazer os preparativos para o casamento de seu irmão. E quando tudo acerca do casamento estava acertado por Bhishma em consulta com Satyavati, a filha mais velha do rei de Kasi, com um sorriso suave, disse estas palavras, 'No meu coração eu havia escolhido o rei de Saubha como meu marido. Ele tinha, em seu coração, me aceitado como sua mulher. Isso era também aprovado por meu pai. Na cerimônia de escolha de marido também eu o teria escolhido como meu senhor. Tu és conhecedor de todos os ditames de virtude, sabendo de tudo isso, faze como te parecer melhor.' Assim abordado por aquela moça na presença dos brâmanes o heroico Bhishma começou a refletir sobre o que deveria ser feito. Como ele estava familiarizado com as regras da virtude ele consultou os brâmanes que tinham se tornado peritos nos Vedas, e permitiu que Amba, a filha mais velha do soberano de Kasi, agisse como quisesse. Mas ele entregou com os ritos devidos as duas outras filhas, Ambika e Ambalika, para seu irmão mais novo Vichitravirya. E embora Vichitravirya fosse virtuoso e abstinente, ainda assim, orgulhoso de sua juventude e beleza, ele logo tornou-se lascivo depois de seu casamento. E ambas, Ambika e Ambalika, eram de estatura alta, e da cor do ouro fundido. E suas cabeças eram cobertas com cabelos encaracolados pretos, e suas unhas eram grandes e vermelhas, seus quadris e peitos eram cheios e redondos. E dotadas de todos os sinais auspiciosos, as jovens senhoras amáveis se consideravam casadas com um marido que era de todas as maneiras digno delas mesmas, e amaram e respeitaram muito Vichitravirya. E Vichitravirya também, dotado da destreza dos celestiais e da beleza dos gêmeos Asvins, podia roubar o coração de qualquer mulher bela. E o príncipe passou sete anos ininterruptos na companhia de suas esposas. Ele foi atacado ainda no início da sua juventude pela tísica. Amigos e parentes em consulta uns com os outros tentaram efetivar uma cura. Mas, apesar dos esforços, o príncipe Kuru morreu, se pondo como o sol à noite. O virtuoso Bhishma então mergulhou em ansiedade e aflição, e em consulta com Satyavati fez com que os ritos do falecido fossem realizados por sacerdotes eruditos e pelos vários da linhagem Kuru.'

103

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'A infeliz Satyavati então ficou mergulhada na dor por causa de seu filho. E depois de realizar com suas noras a cerimônia fúnebre do falecido ela consolou, o melhor que pode, as suas noras chorosas e Bhishma, aquele principal de todos os manejadores de armas. E voltando seus olhos para a religião, e para as linhas paternas e maternas (dos Kurus), ela dirigiu-se a Bhishma e disse: 'O bolo fúnebre (oferenda aos antepassados falecidos), as realizações, e a perpetuação da linha do virtuoso e célebre Santanu da linhagem Kuru, todos agora dependem de ti. Como o alcance do céu é inseparável das boas ações, como a vida longa é inseparável da verdade e da fé, assim a virtude é inseparável de ti. Ó virtuoso, tu és bem familiarizado, em detalhes e em resumo, com os ditames da virtude, com várias Srutis, e com todos os ramos dos Vedas, eu sei muito bem que tu és igual a Sukra e Angiras em firmeza e em virtude, conhecimento dos costumes específicos de famílias, e presteza de invenções sob dificuldades. Portanto, ó principal dos homens virtuosos, confiando imensamente em ti, eu te designarei em uma certa questão. Ouvindo-me, cabe a ti realizar meu pedido. Ó touro entre homens, meu filho e teu irmão, dotado de energia e estimado por ti, foi sem filhos para o céu enquanto ainda era um jovem. Aquelas esposas do teu irmão, as amáveis filhas do soberano de Kasi, possuindo beleza e juventude, estão desejosas de filhos. Portanto, ó tu de braços poderosos, por minha ordem, cria progênie nelas para a perpetuação da nossa linhagem. Cabe a ti impedir a perda de virtude. Instala-te no trono e governa o reino dos Bharatas. Casa-te devidamente com uma mulher. Não lances teus antepassados no inferno.'

Vaisampayana continuou, 'Assim abordado por sua mãe e amigos e parentes, o opressor de inimigos, o virtuoso Bhishma, deu esta resposta em conformidade com os ditames da virtude, 'Ó mãe, o que tu dizes é certamente sancionado pela virtude. Mas tu sabes qual é o meu voto na questão de gerar filhos. Tu sabes também tudo o que ocorreu em relação ao teu casamento. Ó Satyavati, eu repito o penhor que dei uma vez, eu renunciaria aos três mundos, ao império do céu, ou a qualquer coisa que fosse maior do que isso, mas eu nunca renunciaria à verdade. A terra pode renunciar ao seu aroma, a água pode renunciar à sua umidade, a luz pode renunciar ao seu atributo de exibir formas, o ar pode renunciar ao seu atributo de toque, o sol pode renunciar à sua glória, o fogo, ao seu calor, a lua, aos seus raios frios, o espaço, à sua capacidade de gerar som, o matador de Vritra, à sua bravura, o deus da justiça, à sua imparcialidade, mas eu não posso renunciar à verdade.' Ao ouvir isso de seu filho dotado de abundância de energia, Satyavati disse a Bhishma, 'Ó tu cuja destreza é a verdade, eu sei da tua firmeza na verdade. Tu podes, se assim disposto, criar, pela ajuda da tua energia, três mundos além daqueles que existem. Eu sei que o teu voto foi por minha causa. Mas considerando esta emergência aceita a carga de dever que uma pessoa possui com seus antepassados. Ó punidor de inimigos, age de modo que a nossa linhagem direta não seja rompida e nossos amigos e parentes não sofram.' Assim rogado pela infeliz e chorosa Satyavati, que falava essas palavras inconsistentes

com a virtude por causa da dor pela perda de seu filho, Bhishma se dirigiu a ela outra vez e disse, 'Ó rainha, não desvies teus olhos da virtude. Ó, não nos destruas. Violação da verdade por um kshatriya nunca é aprovada nos nossos tratados de religião. Eu logo te direi, ó rainha, qual consagrado costume kshatriya pode ser usado como recurso para impedir que a linha de Santanu se torne extinta sobre a terra. Ouvindo-me, reflete sobre o que deve ser feito em consulta com sacerdotes eruditos e com aqueles que conhecem as práticas admissíveis em tempos de emergência e angústia, não esquecendo ao mesmo tempo qual é o regulamento de conduta social.'

104

(Continuação do Sambhava Parva)

Bhishma continuou, 'Antigamente Rama, o filho de Jamadagni, furioso pela morte de seu pai, matou com seu machado de batalha o rei dos Haihayas. E Rama, por cortar os mil braços de Arjuna (o rei Haihaya), realizou a façanha mais difícil do mundo. Não contente com isso ele saiu em sua carruagem para a conquista do mundo, e erguendo seu arco ele lançou suas armas poderosas para exterminar os kshatriyas. E o descendente ilustre da linhagem Bhrigu, por meio de suas flechas rápidas, aniquilou a tribo kshatriya vinte e uma vezes.

E quando a terra foi assim desprovida de kshatriyas pelo grande rishi as mulheres kshatriya por toda a terra tiveram prole criada por brâmanes hábeis nos Vedas. É dito nos Vedas que os filhos assim gerados pertencem àquele que era casado com a mãe. E as mulheres kshatriya foram aos brâmanes não lascivamente, mas por motivos virtuosos. De fato foi dessa forma que a classe kshatriya reviveu.

Ligado a isso há outra velha história que eu narrarei para ti. Havia nos tempos antigos um rishi sábio de nome Utathya. Ele tinha uma mulher de nome Mamata a quem ele amava afetuosamente. Um dia o irmão mais novo de Utathya, Vrihaspati, o sacerdote dos celestiais, dotado de grande energia, se aproximou de Mamata. A última, no entanto, disse ao jovem irmão de seu marido, que era o principal dentre os homens eloquentes, que ela tinha concebido de sua ligação com seu irmão mais velho e por isso, portanto, ele não deveria procurar a consumação de seus desejos. Ela continuou, 'Ó ilustre Vrihaspati, o filho que eu concebi estudou no útero de sua mãe os Vedas com os seis Angas, a semente não deve ser lançada em vão. Como pode este meu útero proporcionar um lugar para duas crianças ao mesmo tempo? Portanto, cabe a ti não procurar a consumação dos teus desejos nessa época.’ Assim abordado por ela, Vrihaspati, embora possuidor de grande sabedoria, não suprimiu seu desejo. *Quum auten jam cum illa coiturus esset,* a criança no útero se dirigiu a ele e disse, 'Ó pai, para a tua tentativa. Não há espaço aqui para dois. Ó ilustre, o espaço é pequeno. Eu o ocupei primeiro. A semente não deve ser perdida. Cabe a ti não me afligir.' Mas

Vrihaspati sem escutar o que aquela criança no útero disse procurou os abraços de Mamata possuidora do mais belo par de olhos. *Ille tamen Muni qui in venture erat punctum temporis quo humor vitalis jam emissum iret providens, viam per quam semen intrare posset pedibus obstruxit. Semen ita exhisum, excidit et in terram projectumest*. E o ilustre Vrihaspati vendo isso ficou indignado, e repreendeu o filho de Utathya e o amaldiçoou, dizendo, 'Porque tu falaste a mim dessa maneira na hora do prazer que é procurado por todas as criaturas a escuridão perpétua se apossará de ti.' E por causa dessa maldição do ilustre Vrishaspati o filho de Utathya que era igual ao próprio Vrihaspati em energia nasceu cego e veio a ser chamado de Dirghatamas (envolto em escuridão perpétua). E o sábio Dirghatamas, possuidor de conhecimento dos Vedas, embora cego de nascença, sucedeu ainda em virtude de sua erudição obter como esposa uma jovem e bela moça brâmane de nome Pradweshi. E tendo se casado com ela o ilustre Dirghatamas, para a expansão da linhagem de Utathya, gerou nela vários filhos com Gautama como o mais velho. Aqueles filhos, no entanto, eram todos dados à avidez e insensatez. O virtuoso e ilustre Dirghatamas, possuindo domínio completo dos Vedas, logo depois aprendeu do filho de Surabhi as práticas de sua classe e sem medo dirigiu-se àquelas práticas, considerando-as com reverência. (Pois causa de desgraça é a criatura de pecado e nunca pode estar onde há pureza de intenção). Então aqueles melhores dos munis que moravam no mesmo retiro, vendo-o ultrapassar os limites de propriedade ficaram indignados, vendo pecado onde não havia. E eles disseram, 'Ó, este homem violou o limite de propriedade. Ele não merece mais um lugar entre nós. Portanto, vamos todos expulsar este canalha pecaminoso.' E eles disseram muitas outras coisas a respeito do muni Dirghatamas. E sua mulher, também, tendo tido filhos, ficou indignada com ele.

O marido então dirigiu-se à sua mulher Pradweshi e disse, 'Por que é que tu também estás descontente comigo?' Sua mulher respondeu, 'O marido é chamado Bhartri porque ele sustenta a mulher. Ele é chamado de Pati porque ele a protege. Mas tu não fazes nada disso por mim! Ó tu de grande mérito ascético, por outro lado, tu és cego de nascimento, e sou eu que tenho sustentado a ti e teus filhos. Eu não farei isso no futuro.'

Ouvindo essas palavras de sua mulher o rishi ficou indignado e disse a ela e seus filhos, 'Levem-me aos kshatriyas e tu então ficarás rica.' Sua mulher respondeu (dizendo), 'Eu não desejo a riqueza que possa ser obtida por ti, porque isso nunca poderia me trazer felicidade. Ó melhor dos brâmanes, faze o que quiseres. Eu não poderei te manter como antes.' A essas palavras de sua mulher Dirghatamas disse, 'Eu declaro deste dia em diante como uma regra que toda mulher terá que aderir a um marido pela duração de sua vida. Esteja o marido morto ou vivo, não será lícito para uma mulher ter ligação com outro. E aquela que tiver tal ligação certamente será considerada decaída. Uma mulher sem marido sempre será propensa a ser pecaminosa. E mesmo que ela seja rica ela não poderá desfrutar realmente daquela riqueza. Calúnia e má reputação a perseguirão.' Ouvindo essas palavras de seu marido, Pradweshi ficou muito zangada e ordenou seus filhos, dizendo, 'Joguem-no nas águas do Ganges!' E por

ordem de sua mãe, o perverso Gautama e seus irmãos, aqueles escravos da insensatez e tolice, exclamando, 'De fato, por que deveríamos nós sustentar esse homem velho?' amarraram o muni em uma balsa e entregando-o à mercê da correnteza voltaram para casa sem remorsos. O velho homem cego flutuando pela correnteza naquela balsa passou pelos territórios de muitos reis. Um dia um rei de nome Vali, conhecedor de todos os deveres, foi ao Ganges realizar suas abluções. E enquanto o monarca estava assim ocupado a balsa na qual o rishi estava atado se aproximou dele. E nisso o rei alcançou o velho homem. O virtuoso Vali, sempre dedicado à verdade, sabendo então quem era o homem que havia sido assim salvo por ele o escolheu para criar prole. E Vali disse, 'Ó ilustre, cabe a ti gerar em minha mulher uns poucos filhos que sejam virtuosos e sábios.' Assim abordo o rishi, dotado de grande energia, expressou sua concordância. Então o rei Vali enviou sua mulher Sudeshna a ele. Mas sabendo que o último era velho e cego a rainha não foi até ele, enviando sua criada em seu lugar. E naquela mulher Sudra o rishi virtuoso de paixões sob total controle gerou onze filhos dos quais Kakshivat era o mais velho. E vendo aqueles onze filhos com Kakshivat como o mais velho, que haviam estudado todos os Vedas e que como rishis eram proferidores de Brahma e eram possuidores de grande poder, o rei Vali um dia questionou o rishi dizendo, 'Estes são meus filhos?' O rishi respondeu, 'Não, eles são meus. Kakshivat e outros foram gerados por mim em uma mulher Sudra. Tua desventurada rainha Sudeshna, me vendo cego e velho, me insultou por não vir ela mesma, mas por enviar-me, em vez disso, sua criada.' O rei então acalmou aquele melhor dos rishis e o enviou à sua rainha Sudeshna. O rishi meramente por tocar o corpo dela disse, 'Tu terás cinco filhos chamados Anga, Vanga, Kalinga, Pundra e Suhma, que serão como o próprio Surya (sol) em glória. E pelos seus nomes serão conhecidos muitos países sobre a terra. É pelos seus nomes que seus domínios virão a ser chamados de Anga, Vanga, Kalinga, Pundra e Suhma.'

Foi assim que a linhagem de Vali foi perpetuada, antigamente, por um grande rishi. E foi assim também que muitos arqueiros poderosos e grandes guerreiros em carros dedicados à virtude surgiram na linhagem kshatriya da semente de brâmanes. Ouvindo isso, ó mãe, faze como quiseres em relação à questão à mão.'

105

(Continuação do Sambhava Parva)

Bhishma, continuou, 'Ouve-me, ó mãe, enquanto eu indico os meios pelos quais a linha Bharata pode ser perpetuada. Que um brâmane ilustre seja convidado por uma oferta de riqueza, e que ele gere filhos nas esposas de Vichitravirya.'

Vaisampayana continuou, 'Satyavati, então, sorrindo suavemente e em voz alquebrada em acanhamento, dirigiu-se a Bhishma e disse, 'Ó Bharata de braços poderosos, o que tu dizes é verdade. Por minha confiança em ti eu agora indicarei

o modo de perpetuar a nossa linhagem. Tu não poderás rejeitá-lo, conhecedor, como és, das práticas permitidas em épocas de infortúnio. Em nossa família tu és a Virtude e a Verdade, e és também nosso único amparo. Portanto ouve realmente o que eu digo, e faze o que for apropriado.

Meu pai era um homem virtuoso. Por causa da virtude ele mantinha um barco (de passagem, uma balsa). Um dia, no início da minha juventude, eu fui navegar naquele barco. Então aconteceu que o grande e sábio rishi Parasara, aquele principal de todos os homens virtuosos, chegou, e se colocou no meu barco para cruzar o Yamuna. Enquanto eu estava remando até o outro lado do rio o rishi ficou excitado pelo desejo e começou a se dirigir a mim em palavras suaves. O medo do meu pai era maior em minha mente. Mas o terror da maldição do rishi finalmente triunfou. E tendo obtido dele um benefício precioso eu não recusei suas solicitações. O rishi por meio de sua energia me trouxe sob o seu controle total, e satisfez seu desejo lá mesmo, tendo primeiro envolvido a região em um nevoeiro denso. Antes havia um revoltante odor em meu corpo, mas o rishi o dissipou e me deu a minha atual fragrância. O rishi também me disse que por dar à luz seu filho em uma ilha do rio eu ainda continuaria virgem. E o filho de Parasara assim nasceu de mim em minha juventude e se tornou um grande rishi dotado de poderes ascéticos e conhecido pelo nome de Dwaipayana (o Nascido na Ilha). Aquele rishi ilustre por meio do seu poder ascético dividiu os Vedas em quatro partes e veio a ser chamado na terra pelo nome de Vyasa (o que divide ou organizador), e, por sua cor escura, de Krishna (o Escuro). De fala sincera, livre de paixão, um poderoso asceta que destruiu todos os seus pecados, ele partiu com seu pai imediatamente após o nascimento. Ordenado por mim e por ti também, aquele rishi de esplendor incomparável certamente gerará filhos nas esposas do teu irmão. Ele me disse quando foi embora, 'Mãe, pensa em mim quando estiveres em dificuldades.' Eu agora o chamarei, se tu, ó Bhishma de braços poderosos, assim desejares. Se tu quiseres, ó Bhishma, eu estou certa de que aquele grande asceta gerará filhos nas mulheres de Vichitravirya.'

Vaisampayana continuou, 'Essa menção ao grande rishi sendo feita, Bhishma com as mãos unidas disse, 'É realmente inteligente o homem que fixa seus olhos judiciosamente na virtude, lucro e prazer, e que depois de refletir com paciência age de modo que a virtude leve à futura virtude, lucro ao futuro lucro e prazer ao futuro prazer. Portanto, isso que foi dito por ti e que, além de ser benéfico para nós é compatível com a virtude, é certamente o melhor conselho e tem toda a minha aprovação.' E quando Bhishma tinha assim falado, ó tu da linhagem Kuru, Kali (Satyavati) pensou no muni Dwaipayana e Dwaipayana, que estava então dedicado a interpretar os Vedas, sabendo que estava sendo chamado por sua mãe, foi imediatamente até ela sem ninguém ficar sabendo. Satayavati então saudou devidamente seu filho e o abraçou, banhando-o em suas lágrimas, pois a filha do pescador chorou amargamente ao ver seu filho depois de tanto tempo. E seu primeiro filho, o grande Vyasa, vendo-a chorar, lavou seu rosto com água fria, e curvando-se a ela disse, 'Eu vim, ó mãe, realizar o teu desejo. Portanto, ó virtuosa, ordena-me sem demora. Eu realizarei teu desejo.' O sacerdote da família dos Bharatas então reverenciou o grande rishi devidamente, e o último aceitou as

oferendas de culto, proferindo os mantras usuais. E, satisfeito com o culto recebido, ele tomou seu assento. Satyavati, vendo-o, sentou-se, e depois das perguntas usuais dirigiu-se a ele e disse, 'Ó erudito, filhos derivam seu nascimento do pai e da mãe. Eles são, portanto, a propriedade comum de ambos os pais. Não pode haver a menor dúvida de que a mãe tem tanto poder sobre eles quanto o pai. Como tu és, de fato, meu filho mais velho segundo a lei, ó brahmarshi, assim Vichitravirya é meu filho mais novo. E como Bhishma é irmão de Vichitravirya por parte de pai, assim tu és seu irmão por parte de mãe. Eu não sei o que tu achas, mas isso é o que eu penso, ó filho. Bhishma, o filho de Santanu, dedicado à verdade, não pode, por causa da verdade, se entregar ao desejo ou gerar filhos ou governar o reino. Portanto, por afeição por teu irmão Vichitravirya, para a perpetuação da nossa dinastia, pelo pedido de Bhishma e por minha ordem, por bondade para com todas as criaturas, para a proteção do povo e por tua generosidade de coração, ó impecável, cabe a ti fazer o que eu digo. Teu irmão mais novo deixou duas viúvas que são como as filhas dos próprios celestiais, dotadas de juventude e grande beleza. Por virtude e religião elas desejam ter filhos. Tu és o homem digno para elas. Portanto gera nelas filhos dignos da nossa família para a continuação da nossa linhagem.'

Vyasa, ouvindo-a, disse, 'Ó Satyavati, tu sabes que a virtude diz respeito a esta vida e à outra. Ó tu de grande sabedoria, as tuas afeições também estão fixas na virtude. Portanto, por tua ordem, fazendo da virtude o meu motivo, eu farei o que tu desejas. De fato, esta prática que está de acordo com a verdade e religião eterna é conhecida por mim, eu darei ao meu irmão filhos que serão como Mitra e Varuna. Que as senhoras então cumpram devidamente por um ano completo o voto que eu indicarei. Elas então serão purificadas. Nenhuma mulher se aproximará de mim sem ter praticado um voto rígido.'

Satyavati então disse, 'Ó impecável, será como tu dizes. Toma medidas para que as senhoras possam conceber imediatamente. Em um reino onde não há rei o povo perece por falta de proteção, sacrifícios e outros atos sagrados são suspensos, as nuvens não enviam chuva, e os deuses desaparecem. Como um reino pode ser protegido se não tem rei? Portanto, faze com que as senhoras concebam. Bhishma cuidará das crianças enquanto elas estiverem nos seus úteros de suas mães.'

Vyasa respondeu, 'Se eu tenho que dar filhos ao meu irmão tão inadequadamente então que as senhoras aguentem a minha feiúra. Isso em si mesmo será, no caso delas, a mais dura das penitências. Se as princesas de Kosala puderem tolerar o meu cheiro forte, a minha aparência feia e lúgubre, os meus trajes e corpo, elas então conceberão filhos excelentes.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo assim falado a Satyavati, Vyasa de grande energia disse, 'Que a princesa de Kosala vestida em uma roupa limpa e enfeitada com ornamentos espere por mim em seu quarto de dormir.' Assim dizendo o rishi desapareceu, Satyavati então foi até sua nora e vendo-a em particular falou estas palavras benéficas e de grande importância, 'Ó princesa de Kosala, escuta o que eu digo. Isto é compatível com a virtude. A dinastia dos Bharatas se extinguirá

para minha desgraça. Vendo a minha aflição e a extinção da sua linhagem paterna, o sábio Bhishma, impelido também pelo desejo de perpetuar nossa família, me fez uma sugestão, tal sugestão, no entanto, depende de ti para sua realização. Faze isso, ó filha, e restaura a linha perdida dos Bharatas. Ó tu de quadris formosos, dá à luz um filho igual em esplendor ao chefe dos celestiais. Ele suportará a árdua carga deste nosso reino hereditário.'

Satyavati tendo obtido com grande dificuldade a concordância de sua nora virtuosa para sua proposta, que não era inconsistente com a virtude, então alimentou brâmanes e rishis e numerosos convidados chegados na ocasião do falecimento de seu filho.'

106

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Logo depois que a época mensal da princesa de Kosala tinha acabado, Satyavati, purificando sua nora com um banho, a conduziu ao quarto de dormir. Lá ela sentou-a sobre uma cama luxuosa, ela dirigiu-se a ela, dizendo, 'Ó princesa de Kosala, teu marido tem um irmão mais velho que neste dia entrará no teu útero como teu filho. Espera por ele esta noite sem cair no sono.' Ouvindo essas palavras de sua sogra a princesa amável, deitada em sua cama, começou a pensar em Bhishma e nos outros mais velhos da família Kuru. Então o rishi de fala sincera, que tinha dado sua promessa em relação a Amvika (a mais velha das princesas) em primeiro lugar, entrou no quarto enquanto a lâmpada estava queimando. A princesa, vendo sua aparência sombria, seus cabelos emaranhados da cor do cobre, olhos ardentes, e sua barba lúgubre, fechou os olhos com medo. O rishi, querendo realizar os desejos de sua mãe, a conheceu. Mas a última, tomada pelo medo, não abriu os olhos nem uma vez para olhá-lo. E quando Vyasa saiu ele encontrou sua mãe, que perguntou, 'A princesa terá um filho ilustre?' Ouvindo-a, ele respondeu, 'O filho ao qual a princesa dará à luz será igual em força a dez mil elefantes. Ele será um sábio nobre ilustre, possuidor de grande erudição e inteligência e energia. Ele de grande alma terá uma centena de filhos. Mas por causa do erro de sua mãe ele será cego.' A essas palavras de seu filho Satyavati disse, 'Ó tu de riqueza ascética, como pode alguém cego se tornar um monarca digno dos Kurus? Como pode alguém cego se tornar o protetor de seus parentes e família, e da glória da linhagem de seu pai? Cabe a ti dar outro rei aos Kurus.' Dizendo, 'Que assim seja,' Vyasa foi embora. E a princesa de Kosala no tempo devido deu à luz um filho cego.

Logo depois Satyavati, ó castigador de inimigos, convocou Vyasa, depois de ter garantido a concordância de sua nora. Vyasa veio segundo a sua promessa, e se aproximou, como antes, da segunda mulher de seu irmão. E Ambalika ao ver o rishi empalideceu de medo. E, ó Bharata, vendo-a assim aflita e pálida de medo, Vyasa dirigiu-se a ela e disse, 'Porque tu empalideceste de medo ao ver a minha

aparência lúgubre, portanto, teu filho terá uma cor pálida. Ó tu de rosto bonito, também o nome de teu filho será Pandu (o pálido)'. Assim dizendo, o ilustre e melhor dos rishis saiu do quarto dela. E quando saiu ele encontrou sua mãe que o questionou acerca da criança que nasceria. O rishi disse a ela que a criança seria pálida e conhecida pelo nome de Pandu. Satyavati novamente pediu ao rishi outra criança e o rishi disse a ela em resposta, 'Assim seja.' Ambalika, então, quando chegou o momento, deu à luz um filho de cor pálida. Muito belo o filho era dotado de todos os sinais auspiciosos. De fato, foi esse filho que depois se tornou o pai daqueles arqueiros poderosos, os Pandavas.

Algum tempo depois, quando a viúva mais velha de Vichitravirya outra vez teve sua época mensal, ela foi solicitada por Satyavati para se aproximar de Vyasa novamente. Possuidora de beleza como a filha de um celestial, a princesa se recusou a fazer o que sua sogra pedia, lembrando-se da aparência lúgubre e odor forte do rishi. Ela, no entanto, enviou a ele uma empregada sua, dotada da beleza de uma apsara e enfeitada com seus próprios ornamentos. E quando Vyasa chegou a empregada ergueu-se e o saudou. E ela o serviu respeitosamente e sentou-se perto dele quando solicitada. E, ó rei, o grande rishi de votos rígidos, estando bem satisfeito com ela, quando se levantou para ir embora, dirigiu-se a ela e disse, 'Amável, tu não mais serás uma escrava. Teu filho também será imensamente afortunado e virtuoso, e o principal de todos os homens inteligentes sobre a terra!' E, ó rei, o filho assim gerado nela por Krishna-Dwaipayana foi depois conhecido pelo nome de Vidura. Ele era assim irmão de Dhritarashtra e do ilustre Pandu. E Vidura era livre do desejo e da paixão e familiarizado com as regras de governo, e era o deus da justiça nascido na terra sob a maldição do ilustre rishi Mandavya. E Krishna-Dwaipayana, quando encontrou sua mãe como antes, informou a ela como havia sido enganado pela mais velha das princesas e como ele tinha gerado um filho em uma mulher sudra. E tendo falado assim para sua mãe o rishi desapareceu de sua vista.

Assim nasceram nas esposas de Vichitravirya por meio de Dwaipayana filhos do esplendor de crianças celestes, os propagadores da linhagem Kuru.'

107

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'O que fez o deus da justiça para ser amaldiçoado? E quem era o brâmane asceta por cuja maldição o deus teve que nascer na casta sudra?'

Vaisampayana disse, 'Havia um brâmane conhecido pelo nome de Mandavya. Ele era conhecedor de todos os deveres e era devotado à religião, verdade e ascetismo. O grande asceta costumava se sentar na entrada de seu eremitério ao pé de uma árvore, com os braços erguidos, na prática do voto de silêncio. E ele se sentou daquela forma por anos a fio; um dia chegaram ao seu retiro vários ladrões

carregados de saque. E, ó touro da raça Bharata, aqueles ladrões estavam então sendo perseguidos por um grupo superior de guardiões da paz. Os ladrões, ao entrarem naquele retiro, esconderam seus despojos lá, e com medo se esconderam antes que os guardas viessem. Mas eles mal tinham se escondido quando os policiais em perseguição chegaram ao local. Os últimos, vendo o rishi sentado sob a árvore, o questionaram, ó rei, dizendo, 'Ó melhor dos brâmanes, qual caminho os ladrões pegaram? Aponta-o para que nós possamos segui-los sem perda de tempo.' Assim questionado pelos protetores da paz o asceta, ó rei, não disse nenhuma palavra, boa ou má, em resposta. Os oficiais do rei, no entanto, entrando no retiro logo descobriram os ladrões lá escondidos junto com o saque. Por isso a sua suspeita caiu sobre o muni, e consequentemente eles o apanharam com os ladrões e o levaram perante o rei. O rei o sentenciou a ser executado junto com seus supostos sócios. E os oficiais, agindo em ignorância, executaram a sentença de empalar o célebre rishi. E tendo-o perfurado eles foram ao rei com os despojos que tinham recuperado. Mas o rishi virtuoso, embora ferido e mantido sem comida permaneceu naquele estado moribundo por muito tempo. E o rishi por meio de seu poder ascético não somente preservou sua vida, mas convocou outros rishis ao local. E eles lá chegaram lá durante a noite na forma de aves, e vendo-o dedicado à meditação ascética, embora fixado àquela estaca, imergiram na dor. E dizendo àquele melhor dos brâmanes quem eram eles o questionaram dizendo, 'Ó brâmane, nós desejamos saber qual foi o teu pecado pelo qual tivesses que sofrer assim as torturas da empalação!'

108

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim questionado o tigre entre os munis então respondeu àqueles rishis de riqueza ascética, 'A quem eu culparei por isso? Realmente, ninguém mais (além de mim mesmo) pecou contra mim!' Depois disso, ó monarca, os oficiais de justiça, vendo-o vivo, informaram o rei disso. O último ouvindo o que eles disseram consultou seus conselheiros, foi ao local e começou a pacificar o rishi fixado na estaca. E o rei disse, 'Ó tu melhor dos rishis, eu pequei contra ti em ignorância. Eu suplico a ti que me perdoes por isso. Cabe a ti não te zangares comigo.' Assim abordado pelo rei o muni se acalmou. E vendo-o livre de ira o rei o alcançou e se esforçou para extrair a estaca de seu corpo. Mas não tendo êxito nisso ele cortou a parte dela que ficava para fora do corpo. O muni, com uma parte da estaca dentro de seu corpo, caminhou por lá, e naquele estado praticou as penitências mais austeras e alcançou inúmeras regiões inalcançáveis por outros. E pela particularidade de uma parte da estaca estar dentro do seu corpo ele veio a ser conhecido nos três mundos pelo nome de Ani-Mandavya (Mandavya com a estaca por dentro). E um dia aquele brâmane conhecedor da mais alta verdade da religião foi à residência do deus da justiça. E vendo o deus lá sentado em seu trono o rishi o repreendeu e disse, 'Qual, dize-me, por favor, foi a

ação pecaminosa praticada por mim inconscientemente pela qual eu estou sofrendo este castigo? Ó, dize-me logo, e vê o poder do meu ascetismo.'

O deus da justiça, assim questionado, respondeu, 'Ó tu de riqueza ascética, um pequeno inseto foi uma vez perfurado por ti em uma folha de grama. Tu sofres agora a consequência daquele ato. Ó rishi, como uma doação, embora pequena, se multiplica em relação aos seus méritos religiosos, assim uma ação pecaminosa se multiplica em relação à dor que vem como sua consequência.' Ao ouvir isso Ani-Mandavya perguntou, 'Ó, dize-me realmente quando essa ação foi praticada por mim.' Dito em resposta pelo deus da justiça que ele fez aquilo quando era uma criança o rishi disse, 'Não será considerado um pecado aquuilo que for cometido por uma criança até o décimo segundo ano de sua idade de nascimento. As escrituras não reconhecem isso como pecaminoso. O castigo que tu me infligiste por esse delito perdoável é desproporcional em severidade. O assassinato de um brâmane envolve um pecado mais pesado do que o assassinato de qualquer outro ser vivo. Tu terás, portanto, ó deus da justiça, que nascer entre os homens na classe sudra. E deste dia em diante eu estabeleço este limite em relação à consequência das ações: uma ação não será pecaminosa quando cometida abaixo da idade de catorze anos. Mas quando cometida por alguém acima dessa idade ela será considerada pecado.'

Vaisampayana continuou, 'Amaldiçoado por causa desse erro por aquele rishi ilustre o deus da justiça teve seu nascimento como Vidura na classe sudra. E Vidura era versado nas doutrinas de moralidade e também em política e lucro mundanos. E ele era totalmente livre de insensatez e ira. Possuidor de grande presciência e tranquilidade mental Vidura era sempre dedicado ao bem-estar dos Kurus.'

109

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Após o nascimento daqueles três meninos Kurujangala, Kurukshetra e os Kurus cresceram em prosperidade. A terra começou a produzir colheitas abundantes, e as colheitas também eram todas de bom sabor. E as nuvens começaram a derramar chuvas na época certa e as árvores ficaram cheias de frutas e flores. E os animais de carga eram todos felizes e as aves e outros animais se regozijavam bastante. E as flores ficaram fragrantes e as frutas ficaram todas doces, as cidades e vilas se encheram de comerciantes, artesãos, negociantes e artistas de todos os gêneros. E o povo se tornou valente, erudito, honesto e feliz. E então não havia ladrões, nem ninguém que fosse pecaminoso. E parecia que a era de ouro havia chegado a todas as partes do reino. E as pessoas dedicadas a ações virtuosas, sacrifícios e à verdade respeitavam umas às outras com amor e afeto e cresciam em prosperidade. E, livres de orgulho, raiva e insensatez, elas se regozijavam com esportes totalmente inofensivos. E a capital dos Kurus, cheia como o oceano, era uma segunda Amaravati, cheia de centenas

de palácios e mansões e possuindo portões e arcos escuros como as nuvens. E os homens se divertiam com grande alegria constantemente em rios, lagos e tanques, e em bons arvoredos e bosques encantadores. E os Kurus sulistas, em sua rivalidade virtuosa com seus parentes do norte, andavam na companhia de siddhas e charanas e rishis. E, por todo aquele país encantador cuja prosperidade foi assim aumentada pelos Kurus, não havia nenhum avaro e nem mulheres viúvas. E os poços e lagos estavam sempre cheios, os arvoredos cheios de árvores, e as casas e residências dos brâmanes eram cheias de riquezas e todo o reino estava cheio de festividades. E, ó rei, virtuosamente governado por Bhishma, o reino era adornado por centenas de estacas sacrificais. E a roda da virtude sendo posta em movimento por Bhishma o país se tornou tão contente que os súditos de outros reinos, deixando suas casas, foram morar lá e aumentaram a sua população. E os cidadãos e as pessoas estavam cheios de esperança, ao verem as ações juvenis dos seus príncipes ilustres. E, ó rei, na casa dos dirigentes Kuru como também dos principais cidadãos, 'dê', 'coma' eram palavras constantemente ouvidas. E Dhritarashtra e Pandu e Vidura de grande inteligência foram desde o nascimento educados por Bhishma como se eles fossem seus próprios filhos. E as crianças, tendo passado pelos ritos usuais da sua classe, se dedicaram a votos e estudos. E eles cresceram e se tornaram bons jovens homens hábeis nos Vedas e em todos os esportes atléticos. E eles se tornaram muito hábeis na prática de tiro com arco, em equitação, em combates com maça, espada e escudo, na condução de elefantes em batalha, e na ciência de moralidade. Bem letrados em história e nos Puranas e em vários ramos de aprendizagem, e conhecedores das verdades dos Vedas e seus ramos eles adquiriram conhecimento versátil e profundo. E Pandu, possuidor de grande coragem, superava a todos os homens no tiro de arco enquanto Dhritarashtra superava a todos em força física, enquanto nos três mundos não havia ninguém igual a Vidura em dedicação à virtude e no conhecimento dos ditames de moralidade. E vendo a restauração da extinta linhagem de Santanu em todos os países se dizia que, entre as mães de heróis, as filhas do rei de Kasi eram as principais, que entre os países Kurujangala era o principal, que entre os homens virtuosos Vidura era o principal, que entre as cidades Hastinapura era a principal. Pandu virou rei, pois Dhritarashtra, devido à cegueira, e Vidura, por seu nascimento de uma mulher sudra, não obtiveram o reino. Um dia Bhishma, o mais importante dos conhecedores dos deveres de um estadista e ditames de moralidade, devidamente se dirigiu a Vidura que conhecia a verdade sobre religião e virtude, e disse o seguinte.’

110

(Continuação do Sambhava Parva)

Bhishma disse, 'Esta nossa linhagem célebre, resplandecente com todas as virtudes e realizações, tem soberania sobre todos os outros monarcas da terra. Sua glória foi mantida e perpetuada por muitos monarcas virtuosos e ilustres de antigamente, o ilustre Krishna (Dwaipayana) e Satyavati e eu mesmo temos criado vocês (três), para que essa linha não seja extinta. Cabe a ti e a mim também agirmos de forma que a nossa dinastia possa se ampliar outra vez como o mar. Foi ouvido por mim que há três moças dignas de serem aliadas à nossa família. Uma é a filha (de Surasena) da linhagem Yadava, a outra é a filha de Suvala e a terceira é a princesa de Madra. Ó filho, todas essas moças naturalmente têm sangue azul. Possuidoras de beleza e de sangue puro elas são eminentemente adequadas para uma aliança com nossa família. Ó tu principal dos homens inteligentes, eu penso que nós devemos escolhê-las para o crescimento da nossa linhagem. Dize-me o que tu pensas.' Assim abordado Vidura respondeu, 'Tu és nosso pai e tu és nossa mãe também. Tu és nosso respeitado instrutor espiritual. Portanto, faze o que for bom para nós aos teus olhos.'

Vaisampayana continuou, 'Logo depois Bhishma soube por brâmanes que Gandhari, a filha amável de Suvala, tendo adorado Hara (Siva) obteve do deus a bênção de ter uma centena de filhos. Bhishma, o avô dos Kurus, tendo ouvido isso enviou mensageiros ao rei de Gandhara. O rei Suvala a princípio hesitou por conta da cegueira do noivo, mas levou em consideração o sangue dos Kurus, sua fama e comportamento, e ele deu sua filha ao virtuoso Dhritarashtra, e a casta Gandhari, sabendo que Dhritarashtra era cego e que seus pais tinham consentido em casá-la com ele, por amor e respeito para com seu futuro marido vendou seus próprios olhos. Sakuni, o filho de Suvala, trazendo aos Kurus sua irmã dotada de juventude e beleza, oficialmente a deu para Dhritarashtra. E Gandhari foi recebida com grande respeito e as núpcias foram celebradas com grande pompa sob a direção de Bhishma. E o heroico Sakuni, depois de ter entregado sua irmã junto com muitos mantos valiosos, e de ter recebido as adorações de Bhishma, voltou para a sua própria cidade. E, ó tu da linhagem de Bharata, a bela Gandhari satisfez a todos os Kurus com seu comportamento e atenções respeitosas. E Gandhari, sempre dedicada ao seu marido, satisfez seus superiores por sua boa conduta, e, como ela era casta, ela nunca se dirigiu nem mesmo por palavras a outros homens além de seu marido ou superiores.'

111

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Havia entre os Yadavas um chefe chamado Sura. Ele era o pai de Vasudeva. E ele tinha uma filha chamada Pritha que era inigualável em beleza na terra. E, ó tu da linhagem Bharata, Sura, sempre de

palavra verdadeira, deu por amizade aquela sua primeira filha para seu primo e amigo sem filhos, o ilustre Kuntibhoja, o filho de sua tia paterna, conforme uma promessa antiga. E Pritha na casa de seu pai adotivo se ocupava em cuidar dos deveres de hospitalidade para com brâmanes e outros convidados. Uma vez ela satisfez por suas atenções o terrível brâmane de votos rígidos, que era conhecido pelo nome de Durvasa e que conhecia bem as verdades ocultas de moralidade. Grato por suas atenções respeitosas, o sábio, prevendo por meio de seu poder espiritual o futuro (período de) infortúnio (consequente da maldição que seria pronunciada sobre Pandu por seu ato injusto de matar um veado que cobria sua parceira) deu a ela uma fórmula de invocação para convocar qualquer um dos celestiais que ela quisesse para lhe gerar filhos. E o rishi disse, 'Os celestiais que tu convocares por este Mantra certamente se aproximarão de ti e te darão filhos.' Assim abordada pelo brâmane a amável Kunti (Pritha) ficou curiosa, e em sua juventude convocou o deus Arka (Sol). E logo que pronunciou o Mantra ela viu aquele deus, aquele refulgente contemplador de tudo no mundo, se aproximando dela. E ao ter aquela visão extraordinária a moça de feições impecáveis ficou surpresa. Mas o deus Vivaswat (sol), se aproximando dela, disse, 'Aqui estou eu, ó menina de olhos negros! Dize-me o que eu devo fazer por ti.'

Ouvindo isso Kunti disse, 'Ó matador de inimigos, certo brâmane me deu esta fórmula de invocação como uma bênção, e, ó senhor, eu o convoquei só para testar a sua eficácia. Por esta ofensa eu me curvo a ti. Uma mulher, qualquer que seja seu delito, sempre merece ser perdoada.' Surya (Sol) respondeu, 'Eu sei que foi Durvasa que te concedeu este benefício. Mas não temas moça tímida, e me concede teus abraços. Amável, a minha vinda não pode ser inútil, eu devo gerar frutos. Tu me convocaste, e se for por nada sem dúvida isso será considerado como transgressão tua.'

Vaisampayana continuou, 'Vivaswat assim falou a ela muitas coisas para acalmar seus medos, mas, ó Bharata, a moça amável, por modéstia e medo de seus parentes, não consentiu em conceder seu pedido. E, ó touro da raça Bharata, Arka dirigiu-se a ela outra vez e disse, 'Ó princesa, por minha causa, não será pecaminoso para ti realizar meu desejo.' Assim falando à filha de Kuntibhoja o ilustre Tapana, o iluminador do universo, satisfez seu desejo. E daquela ligação imediatamente nasceu um filho conhecido no mundo inteiro como Karna equipado com armadura natural e com rosto iluminado por brincos. E o heroico Karna era o principal de todos os manejadores de armas, abençoado com boa sorte, e dotado da beleza de um filho celeste. E depois do nascimento daquela criança o ilustre Tapana concedeu a Pritha sua virgindade e ascendeu ao céu. E a princesa da linhagem Vrishni contemplou com tristeza aquele filho nascido dela, e refletiu atentamente sobre o que seria então o melhor a se fazer. E por medo de seus parentes ela resolveu ocultar aquela evidência de sua tolice. E ela lançou seu filho dotado de grande força física à água. Então o inteligente marido de Radha, da casta Suta, resgatou a criança assim lançada à água, e ele e sua mulher o criaram como se fosse o seu próprio filho. E Radha e seu marido deram a ele o nome de Vasusena (nascido com riqueza) porque ele havia nascido com uma armadura natural e brincos. E dotado como ele era de grande força, quando cresceu ele se

tornou hábil em todas as armas. Possuidor de grande energia ele costumava adorar o sol até que suas costas fossem aquecidas por seus raios (da alvorada até o meio-dia), e durante as horas de culto não havia nada sobre a terra que aquele heroico e inteligente Vasusena não desse aos brâmanes. E Indra, desejoso de beneficiar seu próprio filho Phalguni (Arjuna), assumiu a forma de um brâmane e se aproximou de Vasusena em uma ocasião e pediu dele a sua armadura natural. Àquele pedido Karna tirou sua armadura natural, e unindo as mãos em reverência a deu para Indra no disfarce de um brâmane. E o chefe dos celestiais aceitou o presente e ficou extremamente satisfeito com a generosidade de Karna. Ele, portanto, deu a ele um dardo excelente, dizendo, 'Aquele entre os celestiais, asuras, homens, gandharvas, nagas, e rakshasas, que tu desejares vencer, será sem dúvida morto por este dardo.'

O filho de Surya era antes conhecido pelo nome de Vasusena. Mas desde que ele cortou sua armadura natural ele veio a ser chamado de Karna (o cortador ou descascador de sua própria cobertura)’.

112

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'A filha de grandes olhos de Kuntibhoja, de nome Pritha, era dotada de beleza e todas as habilidades. De votos rígidos, ela era devotada à virtude e possuidora de todas as boas qualidades. Mas embora dotada de beleza e juventude e de todos os atributos femininos ainda assim nenhum rei havia pedido a sua mão. Seu pai Kuntibhoja ao ver isso convidou, ó melhor dos monarcas, os príncipes e reis de outros países e pediu à sua filha para escolher seu marido dentre os convidados. A inteligente Kunti, entrando no anfiteatro, viu Pandu, o principal dos Bharatas, aquele tigre entre reis, naquela multidão de cabeças coroadas. Orgulhoso como o leão, de peito largo, olhos de touro, dotado de grande força, e eclipsando todos os outros monarcas em esplendor, ele parecia outro Indra naquela assembleia real. A filha amável de Kuntibhoja, de feições impecáveis, contemplando Pandu, aquele melhor dos homens, naquela reunião, ficou muito agitada. E avançando com modéstia, todo o tempo tremendo de emoção, ela colocou a guirlanda nupcial ao redor do pescoço de Pandu. Os outros monarcas, vendo Kunti escolher Pandu como marido, voltaram para os seus respectivos reinos em seus elefantes, cavalos e carros, como eles tinham vindo. Então, ó rei, o pai da noiva realizou devidamente os ritos nupciais. O príncipe Kuru abençoado com grande boa sorte e a filha de Kuntibhoja formavam um par como Maghavat e Paulomi (o rei e a rainha dos celestiais). E, ó melhor dos monarcas Kuru, o rei Kuntibhoja, depois que as núpcias tinham acabado, presenteou seu genro com muita riqueza e o enviou de volta à sua capital. Então o príncipe Kuru, Pandu, acompanhado por uma grande força militar portando várias espécies de estandartes e flâmulas, e louvado por brâmanes e grandes rishis que

pronunciavam bênçãos, alcançou sua capital. E depois de chegar ao seu próprio palácio ele instalou lá sua rainha.'

113

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Algum tempo depois Bhishma, o inteligente filho de Santanu, colocou seu coração na ideia de casar Pandu com uma segunda mulher. Acompanhado por um exército composto por quatro tipos de tropas e também por idosos conselheiros e brâmanes e grandes rishis ele foi à capital do rei de Madra. E aquele touro dos Valhikas, o rei de Madra, sabendo que Bhishma tinha chegado, saiu para recebê-lo. E tendo-o recebido com respeito ele o fez entrar em seu palácio. Lá chegando, o rei de Madra ofereceu a Bhishma um tapete branco para se sentar, água para lavar os pés e usuais oblações de vários ingredientes indicativos de respeito. E quando ele estava sentado confortavelmente o rei o questionou acerca da razão de sua visita. Então Bhishma, o mantenedor da dignidade dos Kurus, dirigiu-se ao rei de Madra e disse, 'Ó opressor de todos os inimigos, saibas que eu vim pela mão de uma donzela. Foi sabido por nós que tu tens uma irmã chamada Madri famosa por sua beleza e dotada de todas as virtudes, eu a escolheria para Pandu. Tu és, ó rei, em todos os aspectos digno de uma aliança conosco, e nós também somos dignos de ti. Refletindo sobre tudo isso, ó rei de Madra, aceita-nos devidamente.' O soberano de Madra, assim abordado por Bhishma, respondeu, 'Para mim não há outra família além da tua com a qual eu possa estabelecer uma aliança. Mas há um costume em nossa família observado por nossos antepassados, que, seja bom ou mau, eu sou incapaz de violar. Ele é bem conhecido, e, portanto tu também conheces, eu não duvido. Portanto, não é apropriado para ti me dizer: ‘Entrega a tua irmã.’ O costume ao qual eu me refiro é o nosso costume familiar. Para nós ele é uma virtude e digno de prática. É somente por isso, ó matador de inimigos, que eu não posso te dar nenhuma garantia na questão do teu pedido.' Ao ouvi-lo Bhishma respondeu ao rei de Madra dizendo, 'Ó rei, isso, não há duvida, é uma virtude. O próprio autocriado uma vez disse isso. Teus antepassados eram observadores de um costume. Não há falha alguma a ser achada nisso. É também bem conhecido, ó Salya, que este costume em relação à dignidade da tua família tem a aprovação dos sábios e dos bons.' Dizendo isso Bhishma de grande energia deu para Salya muito ouro cunhado e não cunhado, e pedras preciosas de várias cores aos milhares, e elefantes e cavalos e carros, e muitos tecidos e muitos ornamentos, e joias e pérolas e corais. E Salya aceitou com o coração alegre aqueles presentes preciosos e então deu sua irmã enfeitada com ornamentos ao touro da raça Kuru. Então o sábio tomou Madri consigo e voltou à capital Kuru que recebeu o nome de elefante.

Então, escolhendo um dia e um momento auspiciosos como indicado pelos sábios para a cerimônia, o rei Pandu foi devidamente unido a Madri. E depois que

as núpcias haviam acabado o rei Kuru estabeleceu sua bela noiva em belos apartamentos. E, ó rei dos reis, aquele melhor dos monarcas então desfrutou do prazer na companhia de suas duas esposas do modo que desejava e ao máximo de seus desejos. E depois que trinta dias tinham passado o rei Kuru, ó monarca, partiu de sua capital para a conquista do mundo. E depois de saudar e se curvar com reverência a Bhishma e aos outros mais velhos da linhagem Kuru, e dando adeus a Dhritarashtra e aos outros da família, e obtendo sua permissão, ele partiu em sua grande campanha, acompanhado por uma grande tropa de elefantes, cavalos e carros, e bem satisfeito com as bênçãos proferidas por toda parte e com os ritos propícios realizados pelos cidadãos para o seu sucesso. E Pandu acompanhado por tal tropa marchou contra vários inimigos. E aquele tigre entre homens, aquele espalhador da fama dos Kurus, primeiro subjugou as tribos de ladrões de asarna. Em seguida ele voltou seu exército composto de inúmeros elefantes, cavalaria, infantaria e quadrigários, com estandartes de várias cores contra Dhirga, o soberano do reino de Maghadha que era orgulhoso de sua força, e que pecou contra numerosos monarcas. E atacando-o em sua capital,Pandu lá o matou, e tomou todos os tesouros dele e também veículos e inúmeros animais. Ele então marchou para Mithila e subjugou os Videhas. E então, ó touro entre homens, Pandu conduziu seu exército contra Kasi, Sumbha, e Pundra, e pela força e destreza de seus braços expandiu a fama dos Kurus. E Pandu, aquele opressor de inimigos, como um fogo poderoso cujas chamas de grande alcance eram representadas por suas flechas e esplendor por suas armas, começou a consumir todos os reis que entravam em contato com ele. Esses com seus exércitos, vencidos por Pandu na liderança de seu exército, foram feitos vassalos dos Kurus. E todos os reis do mundo, assim vencidos por ele, o consideraram como um herói único na terra assim como os celestiais consideram Indra no céu. E os reis da terra com as mãos unidas se curvavam a ele e o serviam com presentes de vários tipos de joias e riquezas, pedras preciosas e pérolas e corais, e muito ouro e prata, e vacas de primeira classe e belos cavalos e excelentes carros e elefantes, e jumentos e camelos e búfalos, e cabras e ovelhas, e cobertores e peles belas, e tecidos feitos de peles. E o rei de Hastinapura aceitando aquelas oferendas retrocedeu seus passos em direção à sua capital, para o grande prazer de seus súditos. E os cidadãos e outros cheios de alegria, e reis e ministros, todos começaram a dizer, 'Ó, a fama das realizações de Santanu, aquele tigre entre reis, e do sábio Bharata, que estavam para morrer, foram revividas por Pandu. Aqueles que antes roubavam territórios e riquezas dos Kurus foram subjugados por Pandu, o tigre de Hastinapura, e tiveram que pagar tributo.' E todos os cidadãos encabeçados por Bhishma saíram para receber o rei vitorioso. Eles não tinham ido muito longe quando viram os servidores do rei carregados com muitas riquezas, e a comitiva de vários transportes carregados com todas as espécies de bens, e elefantes, cavalos, carros, vacas, camelos e outros animais, era tão longa que eles não viam seu fim. Então Pandu, vendo Bhishma que era um pai para ele, reverenciou seus pés e saudou os cidadãos e outros como cada um merecia. E Bhishma, também, abraçando Pandu como seu filho que tinha voltado vitorioso depois de subjugar muitos reinos hostis, chorou lágrimas de alegria. E Pandu, dando alegria ao coração de seu povo com uma fanfarra de trombetas e conchas e timbales, entrou em sua capital.'

114

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Pandu, então, por ordem de Dhritarashtra, ofereceu a riqueza que tinha adquirido pela destreza de seus braços para Bhishma, sua avó Satyavati e suas mães. E ele enviou uma parte da riqueza para Vidura também. E o virtuoso Pandu gratificou seus outros parentes também com presentes semelhantes. Então Satyavati e Bhishma e os príncipes Kosala ficaram todos satisfeitos com os presentes que Pandu fez das aquisições de sua coragem. E Ambalika em particular, ao abraçar seu filho de valor incomparável, ficou tão contente quanto a rainha do céu após abraçar Jayanta. E com a riqueza adquirida por aquele herói Dhritarashtra realizou cinco sacrifícios grandiosos que foram iguais a centenas de grandes sacrifícios de cavalos, em todos os quais as oferendas para os brâmanes foram às centenas e aos milhares.

Pouco tempo depois, ó touro da raça Bharata, Pandu, que obteve a vitória sobre a preguiça e letargia, acompanhado por suas duas esposas, Kunti e Madri, se retirou para as florestas. Deixando seu excelente palácio com suas camas luxuosas ele se tornou um habitante permanente das florestas, dedicando todo o seu tempo à caça de veados. E fixando residência em uma região encantadora e montanhosa coberta com enormes árvores sala, no declive sul das montanhas Himavat, ele vagava por lá em perfeita liberdade. O belo Pandu com suas duas esposas passeava naquelas florestas como Airavata acompanhado por duas elefantes fêmeas. E os habitantes daquelas florestas, vendo o heroico príncipe Bharata na companhia de suas esposas, armado com espada, flechas e arco, vestido em sua bela armadura, e habilidoso com todas as armas excelentes, o consideravam como um verdadeiro deus vagando entre eles.

E por ordem de Dhritarashtra pessoas foram empregadas em abastecer Pandu em seu retiro com todos os objetos de prazer e divertimento.

Enquanto isso o filho de Gangâ que vai para o oceano soube que o rei Devaka tinha uma filha dotada de juventude e beleza e gerada em uma mulher sudra. Trazendo-a da residência de seu pai Bhishma a casou com Vidura de grande sabedoria. E Vidura gerou nela muitos filhos que eram como ele mesmo em talentos.'

115

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Enquanto isso, ó Janamejaya, Dhritarashtra gerou em Gandhari cem filhos, e em uma mulher vaisya outro além desses cem. E Pandu teve, com suas duas esposas Kunti e Madri, cinco filhos que eram quadrigários grandiosos e que forram todos gerados pelos celestiais para a perpetuação da linhagem Kuru.'

Janamejaya disse, 'Ó melhor dos brâmanes, como foi que Gandhari deu à luz cem filhos e em quantos anos? Quais foram também os períodos de vida atribuídos a cada um? Como Dhritarashtra também gerou outro filho em uma mulher vaisya? Como Dhritarashtra se comportava em relação à sua amável, obediente e virtuosa mulher Gandhari? Como também foram gerados os cinco filhos de Pandu, aqueles quadrigários poderosos, embora Pandu estivesse sob a maldição do grande rishi (que ele matou)? Conta-me tudo isso em detalhes, porque a minha sede para ouvir tudo relativo aos meus próprios antepassados não está saciada.'

Vaisampayana disse, 'Um dia Gandhari entreteve com respeitosa atenção o grande Dwaipayana que foi à sua residência, esgotado com fome e fadiga. Satisfeito com a hospitalidade de Gandhari o rishi deu a ela a bênção que ela pedisse, e essa foi de que ela tivesse cem filhos, cada um igual ao seu marido em força e talentos. Algum tempo depois Gandhari concebeu e ela suportou a carga em seu útero por dois longos anos sem ser liberta. E ela estava imensamente aflita por isso. Foi então que ela soube que Kunti tinha dado à luz um filho cujo esplendor era como o sol da manhã. Impaciente por seu período de gestação ter se prolongado tanto e privada de razão pela dor, ela bateu em seu útero com grande violência sem o conhecimento de seu marido. E nisso saiu de seu útero, depois de dois anos de crescimento, uma massa de carne dura como uma bola de ferro. Quando ela estava para jogá-la fora Dwaipayana, sabendo de tudo por meio de seus poderes espirituais, prontamente chegou lá, e aquele principal dentre os ascetas viu aquela bola de carne, e se dirigiu à filha de Suvala desta forma, 'O que tu fizeste?' Gandhari, sem se esforçar para disfarçar seus sentimentos, dirigiu-se ao rishi e disse, 'Ao saber que Kunti deu à luz um filho como Surya em esplendor pela dor eu bati em meu útero. Tu, ó rishi, me concedeste a bênção de que eu teria cem filhos, mas aqui há somente uma bola de carne em vez daqueles cem filhos!' Vyasa então disse, 'Filha de Suvala, é assim mesmo. As minhas palavras nunca são inúteis. Eu não falaria uma inverdade nem mesmo de brincadeira. Eu não preciso falar de outras ocasiões. Que cem recipientes cheios de manteiga clarificada sejam trazidos imediatamente, e que eles sejam colocados em um local oculto. Enquanto isso, que água fria seja borrifada sobre esta bola de carne.'

Vaisampayana continuou, 'Aquela bola de carne então, borrifada com água, com o tempo se dividiu em cento e uma partes, cada parte tendo mais ou menos o tamanho de um polegar. Elas foram então colocadas naqueles recipientes cheios de manteiga clarificada que estavam em um local oculto e foram olhadas com

cuidado. O ilustre Vyasa então disse à filha de Suvala que ela deveria abrir as coberturas dos recipientes depois de dois anos completos. E tendo dito e feito esses arranjos o sábio Dwaipayana foi às montanhas de Himavat para se dedicar ao ascetismo.

Então no tempo o rei Duryodhana nasceu de entre aqueles pedaços da bola de carne que tinham sido depositados naqueles recipientes. Segundo a ordem de nascimento, o rei Yudhishthira era o mais velho. As notícias do nascimento de Duryodhana chegaram até Bhishma e ao sábio Vidura. O dia no qual o soberbo Duryodhana nasceu foi também o dia do nascimento de Bhima de braços poderosos e grande bravura.

Logo que Duryodhana nasceu ele começou a gritar e a zurrar como um asno. E ao ouvir aquele som os asnos, urubus, chacais e corvos proferiram seus respectivos gritos em resposta. Ventos violentos começaram a soprar, e havia fogos em várias direções. Então o rei Dhritarashtra, com grande medo, convocando Bhishma e Vidura e outros benquerentes e todos os Kurus, e numerosos brâmanes, dirigiu-se a eles e disse, 'O mais velho destes príncipes, Yudhishthira, é o perpetuador da nossa linhagem. Em virtude do seu nascimento ele adquiriu o reino. Nós não temos nada a dizer sobre isso. Mas este meu filho nascido depois dele se tornará rei? Digam-me realmente o que é bom e correto sob essas circunstâncias.' Logo que essas palavras foram faladas, ó Bharata, chacais e outros animais carnívoros começaram a uivar ameaçadoramente. E notando esses presságios terríveis por toda parte os brâmanes reunidos e o sábio Vidura responderam, 'Ó rei, ó touro entre homens, quando esses terríveis presságios são evidentes no nascimento do teu filho mais velho, é evidente que ele será o exterminador da tua linhagem. A prosperidade de todos depende do abandono dele. Haverá uma calamidade se ele for mantido. Ó rei, se tu o abandonares ainda restarão teus noventa e nove filhos. Se tu desejas o bem da tua família abandona-o, ó Bharata! Ó rei, faze o bem para o mundo e para a tua própria linhagem ao rejeitar este teu filho. É dito que um indivíduo deve ser rejeitado pelo bem da família, que uma família deve ser rejeitada pelo bem de uma aldeia, uma aldeia abandonada pelo bem do país, e que a própria terra pode ser abandonada pelo bem da alma.' Quando Vidura e aqueles brâmanes tinham declarado isso o rei Dhritarashtra por afeição por seu filho não teve coragem de seguir esse conselho. Então, ó rei, dentro de um mês nasceram todos os cem filhos de Dhritarashtra e uma filha também além daqueles cem. E, durante o período em que Gandhari estava no estado de gravidez avançada, havia uma empregada da classe vaisya que costumava servir a Dhritarashtra. Durante aquele ano, ó rei, foi gerado nela pelo ilustre Dhritarashtra um filho dotado de grande inteligência que foi depois chamado de Yuyutsu. E porque ele foi gerado por um kshatriya em uma mulher vaisya ele veio a ser chamado de Karna.

Desse modo nasceram para o sábio Dhritarashtra os cem filhos que foram todos heróis e poderosos combatentes em carruagens, e uma filha além daqueles cem, e outro filho, Yuyutsu, de grande energia e destreza gerado em uma mulher vaisya.

116

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó impecável, tu narraste para mim desde o início tudo acerca do nascimento dos cem filhos de Dhritarashtra devido à bênção concedida pelo rishi. Mas tu não me disseste até agora quaisquer detalhes acerca do nascimento da filha. Tu simplesmente disseste que além dos cem filhos havia outro filho de nome Yuyutsu gerado em uma mulher vaisya, e uma filha. O grande rishi Vyasa de energia imensurável disse à filha do rei de Gandhara que ela seria mãe de cem filhos. Ilustre, como então tu disseste que Gandhari teve uma filha além de seus cem filhos? Se a bola de carne foi dividida pelo grande rishi só em cem partes, e se Gandhari não concebeu em nenhuma outra ocasião, como foi então que Duhsala nasceu? Conta-me isso, ó rishi! É grande a minha curiosidade.'

Vaisampayana disse, 'Ó descendente dos Pandavas, a tua pergunta é justa, e eu te direi como aconteceu. O próprio rishi grandioso e ilustre, por borrifar água por cima daquela bola de carne começou a dividi-la em partes. E enquanto ela estava sendo dividida em partes a enfermeira começou a pegá-las e colocá-las uma a uma nos recipientes cheios de manteiga clarificada. Enquanto esse processo estava ocorrendo a bela e casta Gandhari de votos rígidos, imaginando a afeição que uma mãe sente por uma filha, começou a pensar consigo mesma, 'Não há dúvida que eu terei cem filhos pois o muni disse isso. Não pode ser de outra maneira. Mas eu seria muito feliz se uma filha mais nova nascesse de mim além desses cem filhos. Meu marido então poderia alcançar aqueles mundos que a posse dos filhos de uma filha concedem. Além disso, o afeto que as mulheres sentem por seus genros é grande. Se, portanto, eu obtiver uma filha além dos meus cem filhos então, cercada por filhos e filhos da filha, eu poderei me sentir supremamente abençoada. Se eu sempre pratiquei austeridades ascéticas, se eu tenho sempre dado alguma coisa em caridade, se eu alguma vez realizei o homa (através dos brâmanes), se eu sempre satisfiz meus superiores com atenções respeitosas, então que uma filha nasça para mim.' Tudo isso enquanto aquele ilustre e melhor dos rishis, o próprio Krishna-Dwaipayana, estava dividindo a bola de carne, e, contando as cem partes, então ele disse à filha de Suvala, 'Aqui estão os teus cem filhos. Eu não te falei nenhuma mentira. Aqui, no entanto, está uma parte em excesso além dos cem, planejada para te dar um filho de uma filha. Esta parte se desenvolverá em uma amável e afortunada filha, como tu desejas.' Então aquele grande asceta trouxe outro recipiente cheio de manteiga clarificada, e nele pôs a parte destinada a ser uma filha.

Assim eu, ó Bharata, narrei para ti tudo acerca do nascimento de Duhsala. Dize-me, ó impecável, o que mais eu devo narrar.'

117

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Por favor, recita os nomes dos filhos de Dhritarashtra segundo a ordem de seu nascimento.'

Vaisampayana disse, 'Seus nomes, ó rei, segundo a ordem de nascimento, são: Duryodhana, Yuyutsu, Duhsasana, Duhsaha, Duhsala, Jalasandha, Sama, Saha, Vinda e Anuvinda, Durdharsha, Suvahu, Dushpradharshana, Durmarshana e Durmukha, Dushkarna, e Karna, Vivinsati e Vikarna, Sala, Satwa, Sulochana, Chitra e Upachitra, Chitraksha, Charuchitra, Sarasana, Durmada e Durvigaha, Vivitsu, Vikatanana, Urnanabha e Sunabha, então Nandaka e Upanandaka, Chitravana, Chitravarman, Suvarman, Durvimochana, Ayovahu, Mahavahu, Chitranga, Chitrakundala, Bhimavega, Bhimavala, Balaki, Balavardhana, Ugrayudha, Bhima, Karna, Kanakaya, Dridhayudha, Dridhavarman, Dridhakshatra, Somakitri, Anudara, Dridhasandha, Jarasandha, Satyasandha, Sada, Suvak, Ugrasravas, Ugrasena, Senani, Dushparajaya, Aparajita, Kundasayin, Visalaksha, Duradhara, Dridhahasta, Suhasta, Vatavega, e Suvarchas, Adityaketu, Vahvashin, Nagadatta, Agrayayin, Kavachin, Krathana, Kunda, Kundadhara, Dhanurdhara, os heróis Ugra e Bhimaratha, Viravahu, Alolupa, Abhaya, e Raudrakarman, e Dridharatha, Anadhrishya, Kundabhedin, Viravi, Dhirghalochana Pramatha, e Pramathi e o poderoso Dhirgharoma, Dirghavahu, Mahavahu, Vyudhoru, Kanakadhvaja, Kundasi e Virajas. Além desses cem filhos houve uma filha chamada Duhsala. Todos eles eram heróis e Atirathas, e muito hábeis em guerra. Todos eles eram instruídos nos Vedas, e em todos os tipos de armas. E, ó rei, (quando chegou o momento) esposas dignas foram escolhidas para todos por Dhritarashtra depois de exame apropriado. E o rei Dhritarashtra, ó monarca, também entregou Duhsala, no tempo apropriado e com os ritos apropriados, para Jayadratha (o rei de Sindhu)'.

118

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó proferidor de Brahma, tu recitaste (tudo acerca do) nascimento extraordinário, entre os homens, dos filhos de Dhritarashtra em consequência da graça do rishi. Tu também disseste quais eram seus nomes, segundo a ordem de seu nascimento. Ó brâmane, eu ouvi tudo isso de ti. Mas me conta agora tudo sobre os Pandavas. Enquanto narravas as encarnações sobre a terra dos celestiais, asuras, e seres de outras classes tu disseste que os Pandavas eram todos ilustres e dotados da destreza dos deuses, e que eles eram porções encarnadas dos próprios celestiais. Eu desejo, portanto, ouvir tudo acerca daqueles seres de realizações extraordinárias começando do momento de seu nascimento. Ó Vaisampayana, recita as suas realizações.'

Vaisampayana disse, 'Ó rei, um dia Pandu, enquanto passeava pelas florestas (na parte sul de Himavat) cheias de veados e animais selvagens de disposição feroz, viu um veado grande, que parecia ser o líder de um rebanho, cobrindo sua parceira. Vendo os animais o monarca perfurou os dois com cinco de suas flechas afiadas e velozes de penas douradas. Ó monarca, não era um veado que Pandu havia abatido, mas o filho de um rishi de grande mérito ascético que estava desfrutando de sua parceira na forma de um veado. Perfurado por Pandu, enquanto engajado no ato sexual, ele caiu ao chão, proferindo gritos que eram de um homem e começou a chorar amargamente.

O veado então se dirigiu a Pandu e disse, 'Ó rei, mesmo homens que são escravos da luxúria e cólera, e desprovidos de razão, e sempre pecaminosos, nunca cometem um ato cruel como este. O julgamento individual não prevalece contra a lei, a lei prevalece contra o juízo individual. Os sábios nunca sancionam nada que seja desaprovado pela lei. Tu nasceste, ó Bharata, em uma linhagem que sempre foi virtuosa. Como, portanto, tu foste dominado por paixão e cólera e perdeste a tua razão?' Ouvindo isso Pandu respondeu, 'Ó veado, os reis se comportam na questão de matar animais da tua espécie exatamente como eles fazem na questão de matar os inimigos. Não cabe a ti, portanto, me reprovar assim por ignorância. Animais da tua espécie são mortos por meios abertos ou velados. Essa, de fato, é a prática dos reis. Então por que tu me reprovas? Antigamente o rishi Agastya, enquanto dedicado à realização de um grande sacrifício, perseguiu veados, e consagrou todos os veados da floresta aos deuses em geral. Tu foste morto conforme a prática sancionada por esse precedente. Porque nos reprovas então? Para seus sacrifícios especiais Agastya realizou o homa com gordura de veado.'

O veado então disse, 'Ó rei, homens não fazem suas setas voarem em seus inimigos quando os últimos estão despreparados. Mas há uma hora para fazer isso (depois da declaração de hostilidades). Matar nesse momento não é censurável.'

Pandu respondeu, 'É bem conhecido que homens matam veados por vários meios eficazes sem considerar se os animais têm cuidado ou estão descuidados. Portanto, ó veado, por que tu me criticas?'

O veado então disse, 'Ó rei, eu não te culpo por ter matado um veado, ou pelo ferimento que me causaste. Mas, em vez de agires tão cruelmente tu deverias ter esperado até a conclusão do meu ato sexual. Que homem de sabedoria e virtude poderia matar um veado enquanto dedicado a esse ato? A hora da relação sexual é agradável para todas as criaturas e produtiva do bem de todos. Ó rei, com minha parceira eu estava dedicado à satisfação do meu desejo sexual. Mas aquele meu esforço foi tornado infrutífero por ti. Ó rei dos Kurus, como és nascido na linhagem dos Pauravas famosa por atos brancos (virtuosos), essa ação mal seria digna de ti. Ó Bharata, tal ato deve ser considerado como extremamente cruel, digno de ódio universal, infame, e pecaminoso, e sem dúvida leva ao inferno. Tu conheces os prazeres da relação sexual. Tu conheces também o ensino sobre moralidade e ditames do dever. Parecido com um celestial como és, não caberia a ti fazer esse

ato que leva ao inferno. Ó melhor dos reis, teu dever é castigar a todos os que agem cruelmente, que são dedicados a práticas pecaminosas e que têm jogado aos ventos a religião, lucro, e prazer como explicados nas escrituras. O que tu fizeste, ó melhor dos homens, ao assassinares a mim que não te ofendi de forma alguma? Eu sou, ó rei, um muni que vive de frutas e raízes, embora disfarçado como um veado. Eu estava vivendo nas florestas em paz com todos. Ainda assim tu me mataste, ó rei, e por isso eu certamente te amaldiçoarei. Como tu foste cruel com um casal de sexos opostos a morte certamente te alcançará tão logo sintas a influência do desejo sexual. Eu sou um muni chamado Kindama, possuidor de mérito ascético. Eu estava dedicado à relação sexual com este veado porque os meus sentimentos de modéstia não me permitiram me entregar a essa ação na sociedade humana. Na forma de um veado eu vaguei nas florestas profundas na companhia de outro veado. Tu me mataste sem saber que eu sou um brâmane, portanto, que o pecado de ter matado um brâmane não caia sobre ti. Mas, homem insensato, como me mataste, disfarçado de veado, em tal hora, o teu destino certamente será como o meu. Quando, te aproximando da tua mulher lascivamente tu te unires com ela como eu estava fazendo com a minha, nesse estado tu irás para o mundo dos espíritos. E a mulher com a qual estiveres te unindo na hora da tua morte também te seguirá com afeto e reverência aos domínios do rei dos mortos. Tu me trouxeste dor enquanto eu estava feliz. Assim a dor virá para ti quando tu estiveres em felicidade semelhante.'

Vaisampayana continuou, 'Assim dizendo, aquele veado, afligido pela dor deixou o corpo, e ao ver isto Pandu também mergulhou na dor.'

119

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois da morte daquele veado o rei Pandu com suas esposas ficou profundamente aflito e chorou amargamente. E ele exclamou, 'Os maus, mesmo nascendo em famílias virtuosas, iludidos por suas próprias paixões são subjugados pela miséria como o resultado dos seus próprios atos. Eu soube que meu pai, embora gerado por Santanu de alma virtuosa, morreu enquanto ainda era um jovem, somente porque ele tinha virado um escravo de sua luxúria. Nas esposas daquele rei lascivo o próprio rishi ilustre Krishna-Dwaipayana, de palavra sincera, me gerou. Embora eu seja filho de tal ser, com meu coração perverso apegado ao vício, eu estou ainda assim levando a vida perambulando nas florestas à caça de veados. Oh, os deuses me abandonaram! Eu procurarei a salvação agora. Os grandes obstáculos para a salvação são o desejo de gerar filhos e outros assuntos do mundo. Eu agora adotarei o modo de vida brahmacharya e seguirei o imperecível rastro de meu pai. Eu certamente trarei minhas paixões sob controle completo por meio de penitências ascéticas severas. Abandonando as minhas esposas e outros parentes e raspando a cabeça eu vagarei só sobre a terra, pedindo esmolas para minha subsistência à cada uma

destas árvores que estão aqui. Abandonando todo objeto de afeto e aversão, e cobrindo meu corpo com poeira, eu farei das árvores ou do deserto a minha casa. Eu nunca me renderei à influência da tristeza ou da alegria, e eu considerarei calúnias e elogios da mesma maneira. Eu não procurarei bênçãos ou reverências. Eu estarei em paz com tudo, e não aceitarei presentes. Eu não zombarei de ninguém, nem franzirei minha testa para ninguém, mas sempre estarei alegre e dedicado ao bem de todas as criaturas. Eu não farei mal a nenhuma das quatro ordens de vida dotadas de poder de locomoção ou não, criaturas ovíparas e vivíparas e vermes e vegetais. Mas, ao contrário, manterei uma igualdade de comportamento favorável a todos, como se eles fossem meus próprios filhos. Uma vez por dia eu mendigarei de cinco ou dez famílias no máximo, e se eu não conseguir obter esmolas eu então ficarei sem comida. Eu preferirei me conter a mendigar mais que uma vez da mesma pessoa. Se eu não obtiver nada depois de completar minha ronda por sete ou dez casas, movido pela cobiça, eu não aumentarei minha ronda. Se eu obtiver ou fracassar em obter esmolas eu ficarei igualmente inalterado como um grande asceta. Alguém que corte o meu braço com um machado, e alguém que unte o outro braço meu com pasta de sândalo, serão igualmente considerados por mim. Eu não desejarei prosperidade para um e miséria ao outro. Eu não ficarei satisfeito com a vida ou descontente com a morte. Eu não desejarei viver nem morrer. Lavando o meu coração de todos os pecados, eu certamente transcenderei aqueles ritos sagrados produtivos de felicidade que alguns homens realizam em momentos, dias, e períodos propícios. Eu também me absterei de todas as ações de religião e lucro e também daquelas que levam à satisfação dos sentidos. Livre de todos os pecados e armadilhas do mundo eu serei como o vento não sujeito à ninguém. Seguindo o caminho do destemor e me mantendo neste caminho eu finalmente abandonarei minha vida. Desprovido do poder de gerar filhos, firmemente aderindo à linha do dever eu sem dúvida não me desviarei dele para trilhar o vil caminho do mundo que é tão cheio de misérias. Se respeitado ou desrespeitado no mundo o homem que por cobiça lança a outros um olhar pedinte certamente se comporta como um cachorro. (Desprovido como eu sou do poder de procriação, eu certamente, por desejo de prole, não pedirei a outros que me deem filhos)'.

Vaisampayana continuou, 'Ó rei, tendo assim lamentado em tristeza, com um suspiro ele olhou para as suas duas esposas Kunti e Madri, e se dirigindo a elas disse 'Que a princesa de Kosala (minha mãe), Vidura, o rei com nossos amigos, a venerável Satyavati, Bhishma, os sacerdotes da nossa família, brâmanes ilustres bebedores de Soma de votos rígidos e todos os cidadãos idosos que dependem de nós sejam informados, depois de serem preparados para isso, que Pandu se retirou para as florestas para levar uma vida de ascetismo.' Ouvindo essas palavras de seu marido que tinha decidido em seu coração levar uma vida de ascetismo nas florestas, Kunti e Madri se dirigiram a ele nestas palavras apropriadas, 'Ó touro da raça Bharata, há muitos outros modos de vida que tu podes adotar e nos quais tu podes sofrer as penitências mais severas em nossa companhia, tuas esposas, nos quais para a salvação do teu corpo (libertação do renascimento), tu podes obter o céu. Nós também, na companhia de nosso marido, e para seu benefício, controlando nossas paixões e dando adeus a todas

as luxúrias, nos submeteremos às mais severas austeridades. Ó rei, ó tu de grande sabedoria, se tu nos abandonares, nós então nesse mesmo dia realmente partiremos deste mundo.'

Pandu respondeu, 'Se, de fato, é essa a sua resolução pela virtude, então com vocês eu seguirei o imperecível caminho dos meus pais. Abandonando as luxúrias das cidades e vilas, vestido em cascas de árvores, e vivendo de frutas e raízes, eu vagarei em florestas profundas, praticando penitências severas. Banhando-me de manhã e à noite, eu realizarei o homa. Eu reduzirei o meu corpo por comer muito pouco e vestirei trapos e peles e terei cabelos nodosos em minha cabeça. Expondo-me ao calor e ao frio e desconsiderando a fome e a sede eu reduzirei meu corpo com severas penitências ascéticas, eu viverei em solidão e contemplação, eu comerei as frutas, maduras ou verdes, que eu possa achar. Eu oferecerei oblações aos Pitris (espíritos dos mortos) e aos deuses com palavras, água e com os frutos da selva. Eu não verei, muito menos ferirei qualquer um dos habitantes das florestas, ou qualquer um dos meus parentes, ou qualquer um dos residentes das cidades e vilas. Até eu deixar este corpo eu assim praticarei as regras severas das escrituras Vanaprastha, sempre procurando pelas mais rígidas que elas possam conter.'

Vaisampayana continuou, 'O rei Kuru, tendo dito isso para suas esposas, deu aos brâmanes a grande joia de sua coroa, seu precioso colar de ouro, suas pulseiras, seus grandes brincos, seus mantos valiosos e todos os ornamentos de suas esposas. Então ao convocar seus servidores ele os ordenou dizendo, 'Voltem para Hastinapura e proclamem a todos que Pandu com suas esposas entrou nas florestas, deixando riqueza, desejo, felicidade e apetite sexual.' Então aqueles seguidores e servidores, ouvindo essas e outras palavras suaves do rei, lamentaram, proferindo, 'Oh, nós estamos arruinados!' Então com lágrimas quentes caindo em seus rostos eles deixaram o monarca e voltaram para Hastinapura com rapidez, levando aquela riqueza com eles (para ser distribuída em caridade). Então Dhritarashtra, aquele principal dos homens, ouvindo então deles tudo o que tinha acontecido nas florestas, chorou por seu irmão. Ele meditava constantemente a respeito da sua aflição, pouco desfrutando do conforto de camas e assentos e pratos.

Enquanto isso, o príncipe Kuru Pandu (depois de mandar seus criados embora), acompanhado por suas duas esposas e comendo frutas e raízes foi às montanhas de Nagasata. Ele em seguida foi para Chaitraratha, e então cruzou a Kalakuta, e finalmente, cruzando o Himavat, ele chegou a Gandhamadana. Protegido por mahabhutas, siddhas, e grandes rishis, Pandu vivia, ó rei, às vezes em terra plana e às vezes em ladeiras de montanhas. Ele então viajou pelo lago de Indradyumna, daí, cruzando as montanhas de Hansakuta, ele foi à montanha de cem cumes (Sata-sringa) e lá continuou a praticar austeridades ascéticas.'

120

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Pandu, possuidor de grande energia, então se dedicou ao ascetismo. Em pouco tempo ele se tornou o favorito de todos os siddhas e charanas que lá residiam. E, ó Bharata, dedicado ao serviço aos seus mestres espirituais, livre de vaidade, com a mente sob controle total e a paixão completamente subjugada, o príncipe, se tornando apto para entrar no céu por sua própria energia, obteve grande destreza (ascética). Alguns dos rishis o chamavam de irmão, alguns de amigo, enquanto outros o apreciavam como um filho. E, ó touro da raça Bharata, tendo adquirido depois de muito tempo grande mérito ascético unido a total celibato, Pandu tornou-se como um brahmarshi (embora fosse um kshatriya por nascimento).

Certo dia da lua nova os grandes rishis de votos rígidos se reuniram, e desejosos de ver Brahman estavam a ponto de começar sua expedição. Ao vê-los Pandu questionou os ascetas, dizendo, 'Ó principais entre os homens eloquentes, aonde nós iremos?' Os rishis responderam, 'Haverá hoje uma grandiosa reunião, na residência de Brahman, dos celestiais, rishis e Pitris. Desejosos de contemplar o Autocriado nós iremos lá hoje.'

Vaisampayana continuou, 'Ao ouvir isso, Pandu ergueu-se de repente, desejoso de visitar o céu junto com os grandes rishis. Acompanhado por suas duas esposas, quando ele estava a ponto de seguir os rishis na direção norte da montanha de cem cumes, aqueles ascetas dirigiram-se a ele dizendo, 'Em nossa marcha em direção ao norte, enquanto gradualmente subíamos o rei das montanhas, nós vimos em seu leito encantador muitas regiões inacessíveis para mortais comuns, retiros também de deuses, e gandharvas e apsaras, com mansões suntuosas às centenas, agrupadas em volta e ressoando com as doces notas da música celeste, os jardins de Kuvera projetados sobre solos nivelados e não nivelados, margens de rios imensos, e cavernas profundas. Há muitas regiões também naquelas alturas cobertas com neve perpétua e totalmente desprovidas de existência vegetal e animal. Em alguns lugares a chuva cai tão pesadamente que eles são totalmente inacessíveis e não podem ser utilizados para habitação. Sem falar de outros animais, nem criaturas aladas podem atravessá-los. A coisa única que pode ir lá é o ar, e os únicos seres, siddhas e grandes rishis. Como estas princesas subirão até aquelas alturas do rei das montanhas? Desacostumadas à dor, elas não cairão em aflição? Portanto, não venhas conosco, ó touro da raça Bharata!'

Pandu respondeu, 'Ó afortunados, é dito que para aquele que não tem filhos não há admissão no céu. Eu não tenho filhos! Em aflição eu falo a vocês! Eu estou aflito porque eu não posso pagar a dívida que tenho com meus antepassados. É certo que com a dissolução deste meu corpo os meus antepassados perecerão! Os homens nascem nesta terra com quatro dívidas: aquela com os antepassados (falecidos), os deuses, os rishis, e outros homens. Em justiça elas devem ser pagas. Os sábios declararam que as regiões de felicidade não existem para

aqueles que se omitem do pagamento dessas dívidas no tempo devido. Os deuses são pagos (gratificados) por meio de sacrifícios, os rishis por estudo, meditação e ascetismo, os antepassados (falecidos) pela geração de filhos e oferecimento do bolo fúnebre, e, por fim, outros homens por levar uma vida humana e inofensiva. Eu justamente cumpri minhas obrigações com os rishis, os deuses e outros homens. Mas aqueles outros além desses três certamente perecerão com a dissolução do meu corpo! Ó ascetas, eu ainda não estou livre da dívida que tenho com meus antepassados. Os melhores dos homens nascem neste mundo para gerar filhos e pagar essa dívida. Eu pergunto a vocês, filhos poderiam ser gerados em meu solo (em minhas esposas) como eu mesmo fui gerado no solo de meu pai pelo rishi eminente?'

Os rishis disseram, 'Ó rei de alma virtuosa, haverá progênie em fartura para ti, que és impecável e afortunado como os deuses. Nós vemos tudo isso com nossa visão profética. Portanto, ó tigre entre homens, realiza por tuas próprias ações o que o destino designa. Homens de inteligência, agindo com deliberação, sempre obtêm bons resultados, cabe a ti, portanto, ó rei, te empenhar para isso. Os frutos que tu obterás são claramente visíveis. Tu realmente obterás progênie ilustre e agradável.'

Vaisampayana continuou, 'Ao ouvir essas palavras dos ascetas Pandu se lembrou da perda dos seus poderes de procriação devido à maldição do veado, e começou a refletir profundamente. E chamando sua excelente esposa Kunti ele disse a ela em particular, 'Esforça-te para gerar prole nessa época de infortúnio. Os sábios intérpretes da religião eterna declaram que um filho, ó Kunti, é a causa de fama virtuosa nos três mundos. É dito que sacrifícios, presentes de caridade, penitências ascéticas, e votos cumpridos cuidadosamente não dão mérito religioso a um homem sem filhos. Ó tu de doces sorrisos, sabendo de tudo isso eu estou certo de que não poderei ter filhos, e não alcançarei as regiões de felicidade verdadeira. Ó tímida, vil como eu fui e viciado em atos cruéis, como uma consequência da vida poluída que levei, o meu poder de procriação foi destruído pela maldição do veado. Os institutos religiosos mencionam seis tipos de filhos que são herdeiros e parentes, e seis outros tipos que não são herdeiros, mas parentes. Eu falarei deles. Ó Pritha, me escuta. Eles são: 1º, o filho gerado pelo próprio homem em sua esposa, 2º, o filho gerado na esposa por um homem ilustre por motivos de bondade, 3º, o filho gerado em uma esposa por um homem por considerações financeiras, 4º, o filho gerado na esposa depois da morte do marido, 5º, o filho nascido de uma donzela, 6º, o filho nascido de uma esposa incasta, 7º, o filho dado, 8º, o filho comprado por um pagamento, 9º, o filho autodado, 10º, o filho recebido com uma noiva grávida, 11º, o filho do irmão, e 12º, o filho gerado em uma mulher de casta inferior. No fracasso de prole de uma classe mais importante a mãe deve desejar ter prole da classe seguinte. Em tempos de infortúnio homens solicitam progênie de irmãos mais novos ilustres. O autonascido Manu disse que os homens que falham em ter prole legítima podem ter filhos gerados em suas esposas por outros, pois filhos concedem o maior mérito religioso. Portanto, ó Kunti, sendo eu mesmo desprovido do poder de procriação, eu te ordeno criar boa prole através de uma pessoa que seja igual ou

superior a mim. Ó Kunti, escuta a história da filha de Saradandayana que foi mandada criar progênie por seu marido. Aquela dama guerreira, quando sua época mensal chegou, banhou-se devidamente e durante a noite saiu e esperou em um local onde quatro estradas se encontravam. Ela não esperou muito tempo quando um brâmane coroado com êxito ascético chegou lá. A filha de Saradandayana pediu prole a ele. Depois de despejar libações de manteiga clarificada no fogo (na realização do sacrifício conhecido pelo nome de Punsavana) ela deu à luz três filhos que eram poderosos guerreiros em carros e dos quais Durjaya foi o mais velho, gerado nela por aquele brâmane. Ó afortunada, segue o exemplo daquela dama guerreira por minha ordem, e cria rapidamente descendentes da semente de um brâmane de mérito ascético elevado.'

121

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim, Kunti respondeu ao seu marido heroico, o rei Pandu, aquele touro entre os Kurus, dizendo, 'Ó virtuoso, não cabe a ti me falar dessa maneira. Eu sou, ó tu de olhos de lótus, tua esposa muito dedicada a ti. Ó Bharata de braços poderosos, tu mesmo deverás, com virtude, gerar em mim filhos dotados de grande energia. Então eu ascenderei ao céu contigo, ó príncipe da linhagem Kuru, recebe-me em teus braços para gerar filhos. Eu não aceitarei nem mesmo em imaginação algum outro homem além de ti em meus braços. Que outro homem há neste mundo que seja superior a ti? Ó virtuoso, escuta esta narrativa Purânica que foi, ó tu de olhos grandes, ouvida por mim, e que eu agora narrarei.

Houve, nos tempos antigos, um rei na linhagem de Puru conhecido pelo nome de Vyushitaswa. Ele era devotado à verdade e virtude. De alma virtuosa e braços poderosos, em uma ocasião, enquanto ele estava realizando um sacrifício, os deuses com Indra e os grandes rishis foram até ele, e Indra estava tão embriagado com o suco Soma que bebeu e os brâmanes com os grandes presentes que receberam que o deus e os grandes rishis começaram eles mesmos a realizar tudo referente àquele sacrifício do sábio real ilustre. Então Vyushitaswa começou a brilhar sobre todos os homens como o Sol aparecendo com duplo esplendor depois da estação de frio ter acabado. E o poderoso Vyushitaswa, que era dotado da força de dez elefantes, logo realizou o sacrifício de cavalo, derrotando, ó melhor dos monarcas, todos os reis do leste, do norte, do oeste e do sul, e exigiu tributos deles todos. Há uma frase, ó melhor dos Kurus, que é cantada por todos os narradores de Puranas, em relação àquele principal de todos os homens, o ilustre Vyushitaswa: ‘Tendo conquistado toda a Terra até a costa Vyushitaswa protegeu todas as classes de seus súditos como um pai protege os seus próprios filhos gerados de si mesmo.’ Realizando muitos sacrifícios grandiosos ele deu muita riqueza aos brâmanes. Depois de juntar joias

e pedras preciosas ilimitadas ele fez planos para realizar sacrifícios ainda maiores. E ele realizou também o Agnishtoma e outros sacrifícios vêdicos especiais, extraindo grandes quantidades de suco Soma. E, ó rei, Vyushitaswa tinha como sua querida esposa Bhadra, a filha de Kakshivat, inigualável em beleza sobre a terra. E é sabido por nós que eles se amavam profundamente. O rei Vyushitaswa raramente estava separado de sua mulher. Excesso sexual, no entanto, causou-lhe um ataque de tísica e o rei morreu dentro de poucos dias, afundando como o Sol em sua glória. Então Bhadra, sua bela rainha, ficou mergulhada na dor, e como ela não tinha filhos, ó tigre entre homens, ela chorou em grande aflição. Ouve-me, ó rei, enquanto eu narro para ti tudo o que Bhadra disse com lágrimas amargas em seus olhos. 'Ó virtuoso', ela disse, 'mulheres não servem para nenhum propósito quando seus maridos estão mortos. Aquela que vive depois que seu marido está morto entra em uma existência miserável que dificilmente pode ser chamada de vida. Ó touro da raça kshatriya, a morte é uma bênção para mulheres sem maridos. Eu desejo seguir o caminho que tu tomaste. Sê bondoso para comigo e leva-me contigo. Em tua ausência eu não poderei suportar minha vida nem por um momento. Sê bom para mim, ó rei e leva-me logo daqui. Ó tigre entre homens, eu te seguirei por sobre solo plano ou montanhoso. Se foste embora, ó senhor, para nunca retornar, eu te seguirei, ó rei, como a tua própria sombra. Ó tigre entre homens, eu te obedecerei (como tua escrava) e farei o que for agradável para ti e para o teu bem. Ó tu de olhos como pétalas de lótus, sem ti, desse dia em diante a agonia mental me destruirá e consumirá o meu coração. Uma infeliz como sou, eu devo ter sem dúvida separado um casal carinhoso em uma vida passada, pelo qual, nesta vida, eu tenho que sofrer as dores da separação de ti. Ó rei, a mulher desventurada que vive mesmo um instante separada de seu marido vive em angústia e sofre as dores do inferno mesmo aqui. Algum casal carinhoso sem dúvida foi separado por mim em uma vida anterior, e por tal ato pecaminoso eu estou sofrendo a tortura resultante da minha separação de ti. Ó rei, desse dia em diante eu me deitarei em uma cama de erva Kusa e me absterei de todo luxo, esperando te ver mais uma vez. Ó tigre entre homens, mostra-te a mim. Ó rei, ó senhor, comanda mais uma vez esta tua esposa desventurada e que chora amargamente mergulhada na dor.'

Kunti continuou, 'Foi assim, ó Pandu, que a bela Bhadra chorou pela morte de seu marido. E a chorosa Bhadra abraçou o cadáver com muita dor no coração. Então ela foi abordada por uma voz incorpórea nestas palavras, ‘Levanta, ó Bhadra, e deixa este lugar. Ó tu de sorrisos doces, eu te concedo esta bênção. Eu gerarei prole em ti. Deita-te comigo na tua própria cama depois do banho, na noite do oitavo ou décimo quarto dia da lua.' Assim abordada pela voz incorpórea a casta Bhadra fez como foi ordenada, para obter descendência. E, ó touro dos Bharatas, o cadáver de seu marido gerou nela sete filhos, três Salwas e quatro Madras. Ó touro dos Bharatas, gera também prole em mim, como o ilustre Vyushitaswa, pelo exercício daquele poder ascético que tu possuis.'

122

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim abordado por sua mulher carinhosa o rei Pandu, conhecedor de todas as regras de moralidade, respondeu nestas palavras de significado virtuoso, 'Ó Kunti, o que tu disseste é bastante verdadeiro. Vyushitaswa antigamente fez como tu disseste. De fato ele era igual aos próprios celestiais. Mas eu agora te falarei sobre as práticas de antigamente indicadas por rishis ilustres, totalmente conhecedores de todas as regras de moralidade. Ó tu de rosto bonito e sorriso doce, as mulheres antigamente não eram muradas dentro de suas casas e dependentes de maridos e outros parentes. Elas costumavam viver livremente, desfrutando como queriam e fazendo o que gostavam. Ó tu de qualidades excelentes, elas não aderiam aos seus maridos fielmente, e ainda, ó bela, elas não consideravam isso pecaminoso, pois esse era o costume sancionado daqueles tempos. Esse mesmo costume é seguido até hoje em dia por aves e animais sem qualquer (exibição de) ciúmes. Aquela prática, sancionada por precedente, é elogiada por grandes rishis. Ó tu de belas pernas, a prática é ainda considerada com respeito entre os Kurus do Norte. De fato, esse costume, tão indulgente para mulheres, tem a sanção da antiguidade. A presente prática, no entanto (das mulheres serem limitadas a um marido por toda a vida) foi estabelecida mais recentemente. Eu te direi em detalhes quem a estabeleceu e por quê.

É sabido por nós que houve um grande rishi de nome Uddalaka que tinha um filho chamado Swetaketu que também era um asceta de mérito. Ó tu de olhos como pétalas de lótus, a presente prática virtuosa foi estabelecida por esse Swetaketu por raiva. Ouve a razão. Um dia, na presença do pai de Swetaketu um brâmane veio e pegando a mãe de Swetaketu pela mão disse a ela, 'Vamos.' Vendo sua mãe agarrada pela mão e levada aparentemente à força, o filho ficou muito furioso. Vendo seu filho indignado Uddalaka dirigiu-se a ele e disse, 'Não fiques zangado ó filho! Essa é a prática sancionada pela antiguidade. As mulheres de todas as classes neste mundo são livres, ó filho, os homens, nessa questão, considerando as suas respectivas classes, agem como gado.' O filho do rishi, Swetaketu, no entanto, desaprovou o costume e estabeleceu no mundo a atual prática relativa a homens e mulheres. Foi ouvido por nós, ó tu de grande virtude, que esta prática existente data daquele período entre os seres humanos, mas não entre seres de outras espécies. Consequentemente, desde o estabelecimento do costume atual, é pecaminoso para mulheres não serem fiéis aos seus maridos. Mulheres que transgridem os limites fixados pelo rishi tornam-se culpadas de matar o embrião. E os homens, também, ao violentarem uma casta e amável mulher que desde a sua juventude cumpriu o voto de pureza, se torna culpado do mesmo pecado. A mulher também que, sendo mandada criar progênie por seu marido, se recusa a atender ao seu pedido se torna igualmente pecaminosa.

Assim, ó tímida, o costume existente foi estabelecido antigamente por Swetaketu, o filho de Uddalaka, sem respeito pela antiguidade. Ó tu de coxas afiladas, é também sabido por nós que Madayanti, a mulher de Saudasa, mandada obter prole por seu marido foi até o rishi Vasishtha. E ao ter com ele a bela Madayanti obteve um filho chamado Asmaka. Ela o fez, movida pelo desejo de fazer o bem para seu marido. Ó tu de olhos de lótus, tu sabes, ó moça tímida, como nós, para a perpetuação da linhagem Kuru, fomos gerados por Krishna-Dwaipayana. Ó impecável, vendo todos esses precedentes cabe a ti realizar meu pedido, que está de acordo com a virtude. Ó princesa que é devotada ao seu marido, também é dito por aqueles conhecedores das regras de moralidade que uma esposa, quando sua época mensal chega, deve sempre procurar seu marido, embora nos outros dias ela mereça liberdade. Os sábios declaram que essa é uma prática antiga. Mas, seja uma ação pecaminosa ou não, conhecedores dos Vedas declaram ser o dever das esposas fazer o que seus maridos pedem. Especialmente, ó tu de feições impecáveis, eu, que sou privado do poder de procriação, tendo ficado desejoso de ver descendência, mereço ainda mais ser obedecido por ti. Ó amável, juntando as minhas palmas providas de dedos rosados, e fazendo deles uma xícara como de folhas de lótus, eu os coloco em minha cabeça para te conciliar. Ó tu de aparência formosa, cabe a ti ter descendência, por minha ordem, por meio de um brâmane possuidor de grande mérito ascético. Para que então, devido a ti, ó tu de quadris formosos, eu possa seguir pelo caminho que é reservado para aqueles que são abençoados com filhos.'

Vaisampayana continuou, 'Assim abordada por Pandu, o subjugador de cidades hostis, a bela Kunti, sempre atenta ao que era agradável e benéfico para seu marido, então respondeu a ele, dizendo, 'Em minha juventude, ó senhor, eu me ocupava na casa de meu pai em servir a todos os convidados. Eu costumava atender respeitosamente brâmanes de votos rígidos e de grande mérito ascético. Um dia eu agradei com minhas atenções aquele brâmane que as pessoas chamam de Durvasa, de mente sob total controle e possuidor do conhecimento de todos os mistérios da religião. Satisfeito com meus serviços aquele brâmane me deu uma bênção na forma de um mantra (fórmula de invocação) para invocar à minha presença qualquer um dos celestiais que eu quisesse. E o rishi me disse, 'Qualquer um entre os celestiais que tu chamares, ó menina, se aproximará de ti e obedecerá à tua vontade, ele goste ou não. E, ó princesa, tu também terás prole por sua graça.' Ó Bharata, aquele brâmane me disse isso quando eu vivia na casa do meu pai. As palavras proferidas por um brâmane nunca podem ser falsas. Chegou a hora também de elas produzirem frutos. Mandado por ti, ó nobre sábio, eu posso através de um mantra convocar qualquer um dos celestiais, para que nós possamos ter bons filhos. Ó principal de todos os homens sinceros, me dize qual dos celestiais eu convocarei. Saibas que, neste assunto, eu espero as tuas ordens.'

Pandu respondeu, 'Ó bela, esforça-te devidamente neste mesmo dia para realizar nossos desejos. Afortunada, convoca o deus da justiça. Ele é o mais virtuoso dos celestiais. O deus da justiça e virtude nunca poderá nos poluir com

pecado. O mundo também, ó bela princesa, vai então pensar que o que nós fizemos nunca poderia ser pecaminoso. O filho também que nós obteremos dele em virtude será certamente o principal entre os Kurus. Gerado pelo deus da justiça e moralidade ele nunca colocará seu coração sobre qualquer coisa pecaminosa ou ímpia. Portanto, ó tu de doces sorrisos, mantendo firmemente a virtude perante teus olhos, e praticando devidamente votos sagrados, convoca o deus da justiça e virtude pela ajuda das tuas solicitações e fórmula mágica.'

Vaisampayana continuou, 'Então Kunti, aquela melhor das mulheres, assim solicitada por seu marido, disse, 'Que assim seja.' E curvando-se e reverentemente circungirando seu marido, ela resolveu atender ao seu pedido.'

123

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó Janamejaya, quando a concepção de Gandhari tinha ocorrido há um ano, foi então que Kunti convocou o deus eterno da justiça para obter progênie. E ela ofereceu sem perda de tempo sacrifícios ao deus e começou devidamente a repetir a fórmula que Durvasa tinha dado a ela algum tempo antes. Então o deus, dominado por seus encantamentos, chegou ao local onde Kunti estava sentada, em seu carro resplandecente como o Sol, sorrindo ele perguntou, 'Ó Kunti, o que eu devo te dar?' E Kunti também sorrindo, por sua vez, respondeu, 'Tu deves me dar descendência.' Então a bela Kunti se uniu (em relações sexuais) com o deus da justiça em sua forma espiritual e obteve dele um filho dedicado ao bem de todas as criaturas. E ela teve seu filho excelente, que viveu para adquirir grande fama, no oitavo Muhurta chamado Abhijit, na hora do meio-dia daquele dia muito auspicioso do sétimo mês (Kartika), o quinto da quinzena clara, quando a estrela Jyeshtha em conjunção com a lua estava ascendente. E logo que a criança nasceu uma voz incorpórea (dos céus) disse, 'Esta criança será o melhor dos homens, o principal dentre aqueles que são virtuosos. Dotado de grande bravura e sinceridad, ele sem dúvida será o soberano da terra. E este primeiro filho de Pandu será conhecido pelo nome de Yudhishthira. Possuindo destreza e honestidade de disposição ele será um rei famoso, conhecido por todos os três mundos.'

Pandu, tendo obtido aquele filho virtuoso, outra vez dirigiu-se à sua mulher e disse, ‘Os sábios declaram que um kshatriya deve ser dotado de força física, do contrário ele não é kshatriya. Portanto, pede por um filho de força superior.’ Assim mandada por seu marido Kunti então invocou Vayu. E o deus poderoso do vento, assim invocado, foi até ela montado em um cervo e disse, 'O que, ó Kunti, eu devo te dar? Dize-me o que está em teu coração.’ Sorrindo em modéstia, ela disse, 'Dá-me, ó melhor dos celestiais, uma criança dotada de grande força e amplitude de membros e capaz de humilhar o orgulho de todos.' O deus do vento então gerou nela o filho depois conhecido como Bhima de braços poderosos e bravura feroz. E

após o nascimento daquela criança dotada de força extraordinária uma voz incorpórea, ó Bharata, como antes, disse, 'Este menino será o principal de todos os dotados de força.' Eu devo te falar, ó Bharata, sobre outro acontecimento extraordinário que ocorreu depois do nascimento de Vrikodara (Bhima). Quando ele caiu do colo de sua mãe sobre o leito da montanha a violência da queda quebrou em fragmentos a pedra sobre a qual ele caiu, sem o seu corpo de bebê ter o menor ferimento. E ele caiu do colo da mãe porque Kunti, assustada por um tigre, havia se erguido repentinamente, inconsciente de que a criança estava dormindo em seu colo. E quando ela se ergueu o bebê, de corpo duro como o raio, caindo sobre o leito da montanha, quebrou em cem fragmentos a massa rochosa sobre a qual ele caiu. E ao ver isso Pandu ficou maravilhado. E aconteceu que aquele mesmo dia no qual Vrikodara nasceu era também, ó melhor de Bharatas, o dia do nascimento de Duryodhana que depois se tornou o soberano de toda a terra.

Depois do nascimento de Vrikodara, Pandu outra vez começou a pensar, 'Como eu posso obter um filho muito superior que obterá fama mundial? Todas as coisas no mundo dependem do destino e do esforço. Mas o destino nunca pode ser bem sucedido sem um esforço oportuno. Nós ouvimos dizer que Indra é o chefe dos deuses. De dato, ele é dotado de poder incomensurável e energia e coragem e glória. Satisfazendo-o com o meu ascetismo, eu obterei dele um filho de grande força. De fato, o filho que ele me der deve ser superior a todos e capaz de vencer em batalha a todos os homens e outras criaturas que não homens. Eu, portanto, praticarei austeridades severas, com coração, atos e palavras.'

Depois disso o rei Kuru, Pandu, se aconselhando com os grandes rishis mandou Kunti cumprir um voto auspicioso por um ano inteiro, enquanto ele mesmo começou, ó Bharata, a permanecer sobre uma perna de manhã até a noite, e a praticar outras austeridades severas com a mente absorta em meditação, para satisfazer o senhor dos celestiais.

Foi depois de muito tempo que Indra (satisfeito com tal dedicação) se aproximou de Pandu e dirigiu-se a ele dizendo, 'Eu te darei, ó rei, um filho que será célebre nos três mundos e que promoverá o bem-estar dos brâmanes, vacas e de todos os homens honestos. O filho que eu te darei será o destruidor dos maus e a alegria dos amigos e parentes. O mais importante de todos os homens, ele será um matador irresistível de todos os inimigos.' Assim abordado por Vasava (o rei dos celestiais), o rei virtuoso da linhagem Kuru, relembrando essas palavras, disse a Kunti, 'Ó afortunada, o teu voto se tornou bem sucedido. O senhor dos celestiais está satisfeito, e te dará um filho tal como tu desejaste, de realizações sobre-humanas e grande fama. Ele será o opressor de todos os inimigos e possuirá grande sabedoria. Dotado de uma grande alma, em esplendor igual ao Sol, invencível em batalha, e de grandes realizações, ele também será extremamente belo. Ó tu de belos quadris e doce sorriso, o senhor dos celestiais se tornou benevolente para contigo. Invocando-o, dá à luz um menino que será o verdadeiro lar de todas as virtudes kshatriya.'

Vaisampayana continuou, 'A célebre Kunti, assim abordada por seu marido, invocou Sakra (o rei dos deuses) que então foi até ela e gerou aquele que foi depois chamado de Arjuna. E logo que aquela criança nasceu uma voz incorpórea, alta e profunda como a das nuvens que encheu todo o firmamento, disse claramente, dirigindo-se a Kunti na audição de todas as criaturas que moravam naquele retiro, 'Este teu filho, ó Kunti, será igual a Kartavirya em energia e a Siva em bravura. Invencível como o próprio Sakra ele espalhará a tua fama amplamente e totalmente. Como Vishnu (o mais novo dos filhos de Aditi) aumentou a alegria de Aditi, assim este filho aumentará a tua alegria. Subjugando os Madras, os Kurus junto com os Somakas, e o povo de Chedi, Kasi e Karusha, ele manterá a prosperidade dos Kurus. (Saciado com as libações no sacrifício do rei Swetaketu), Agni derivará grande satisfação da gordura de todas as criaturas que moram nas florestas de Khandava (que serão queimadas) por meio do poder das armas dele. Este herói poderoso, conquistando todos os monarcas fracos da terra, com seus irmãos realizará três sacrifícios grandiosos. Em heroísmo, ó Kunti, ele será assim como Jamadagnya ou Vishnu. O principal de todos os homens dotados de destreza, ele obterá grande fama. Ele gratificará em batalha Sankara, o deus dos deuses (Mahadeva), e receberá dele a grande arma chamada Pasupata. Este teu filho de braços poderosos também matará, por ordem de Indra, os daityas chamados Nivatakavachas que são os inimigos dos deuses. Ele também adquirirá todos os tipos de armas celestes, e este touro entre homens também restaurará a riqueza de sua família.'

Kunti ouviu essas palavras extraordinárias enquanto estava deitada no quarto. E ao ouvir essas palavras proferidas tão ruidosamente os ascetas que habitavam a montanha de cem cumes, e os celestiais com Indra sentados em seus carros, ficaram muito contentes. O som dos tambores (invisíveis) encheu o firmamento inteiro. Houve gritos de alegria, e toda a região foi coberta com flores derramadas por agentes invisíveis. As vários tribos de celestiais reunidas começaram a oferecer suas respeitosas adorações ao filho de Pritha. Os filhos de Kadru (nagas), o filho de Vinata, os gandharvas, os senhores da criação, e os sete grandes rishis, Bharadwaja, Kasyapa, Gautama, Viswamitra, Jamadagni, Vasishtha, e o ilustre Atri que iluminou o mundo antigamente quando o Sol estava perdido, todos chegaram lá. E Marichi, Angiras, Pulastya, Pulaha, Kratu, Daksha o senhor da criação, os gandharvas, e as apsaras, foram lá também. As várias tribos de apsaras, enfeitadas com guirlandas celestes e todos os ornamentos, e vestidas em trajes excelentes, foram lá e dançaram em alegria, cantando os louvores de Vibhatsu (Arjuna). Por todos os lados os grandes rishis começaram a proferir fórmulas propiciatórias. E Tumvuru acompanhado pelos gandharvas começou a cantar em notas encantadoras. E Bhimasena e Ugrasena, Urnayus e Anagha. Gopati e Dhritarashtra e Suryavarchas o oitavo, Yugapa e Trinapa, Karshni, Nandi, e Chitraratha, Salisirah o décimo terceiro, Parjanya o décimo quarto, Kali o décimo quinto, e Narada o décimo sexto dessa lista, Vrihatta, Vrihaka, Karala de grande alma, Brahmacharin, Vahuguna, Suvarna de grande fama, Viswavasu, Bhumanyu, Suchandra, Sam e as célebres tribos de Haha e Huhu dotadas de maravilhosa melodia de voz, esses gandharvas celestes, ó rei, todos foram lá. Muitas apsaras ilustres também de olhos grandes, enfeitadas com todos os ornamentos foram lá

dançar e cantar. E Anuchana e Anavadya, Gunamukhya e Gunavara, Adrika e Soma, Misrakesi e Alambusha, Marichi e Suchika, Vidyutparna e Tilottama e Ambika, Lakshmana, Kshema Devi, Rambha, Manorama, Asita, Suvahu, Supriya, Suvapuh, Pundarika, Sugandha, Surasa, Pramathini, Kamya e Saradwati, todas dançaram juntas. E Menaka, Sahajanya, Karnika, Punjikasthala, Ritusthala, Ghritachi, Viswachi, Purvachiti, a célebre Umlocha, Pramlocha a décima e Urvasi a décima primeira, essas donzelas dançarinas de olhos grandes do céu chegaram lá e cantaram em coro. E Dharti e Aryaman e Mitra e Varuna, Bhaga e Indra, Vivaswat, Pushan, Tvastri e Parjanya ou Vishnu, esses doze Adityas foram lá glorificar o filho de Pandu. E, ó rei, Mrigavyadha, Sarpa, o célebre Niriti, Ajaikapada, Ahivradhna, Pinakin, Dahana, Iswara, Kapalin, Sthanu e o ilustre Bhaga, esses onze Rudras também foram lá. E os gêmeos Asvins, os oito Vasus, os poderosos Maruts, os Viswedevas e os Sadhyas também foram lá. E Karkotaka, Vasuki, Kachchhapa, Kunda e o grande naga Takshaka, essas cobras poderosas e coléricas possuidoras de grande mérito ascético também foram lá. E Tarkshya, Arishtanemi, Garuda, Asitadvaja, esses e muitos outros nagas chegaram lá, assim também Aruna e Aruni da família de Vinata também foram lá. E só os grandes rishis coroados com sucesso ascético e não outros viram aqueles celestiais e outros seres sentados em seus carros ou esperando sobre os picos da montanha. Aqueles melhores dos munis, tendo essa visão extraordinária, ficaram assombrados, e seu amor e afeto pelos filhos de Pandu aumentaram consequentemente.

O célebre Pandu, tentado pelo desejo de ter mais filhos, desejou falar novamente para sua esposa (para invocar algum outro deus). Mas Kunti se dirigiu a ele, dizendo, 'Os sábios não sancionam uma quarta entrega nem mesmo em uma época de infortúnio. A mulher que tem relacionamento com quatro homens diferentes é chamada de Swairini, enquanto aquela que tem relacionamento com cinco se torna uma prostituta. Portanto, ó erudito, como tu conheces bem a escritura neste assunto, por que tu, encantado por desejo de prole, me falas desse modo parecendo ter te esquecido das leis?'

124

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois do nascimento dos filhos de Kunti e também dos cem filhos de Dhritarashtra a filha do rei de Madras em particular se dirigiu a Pandu, dizendo, 'Ó matador de inimigos, eu não me queixo mesmo que tu tenhas sido desfavorável a mim. Eu não tenho, ó impecável, também queixas pelo fato de que embora por nascimento eu seja superior a Kunti eu sou inferior a ela em posição. Eu não sofro, ó tu da linhagem Kuru, por Gandhari ter obtido cem filhos. No entanto, é minha grande dor que embora Kunti e eu sejamos iguais eu não tenha filhos, embora eu devesse ter a chance de ter progênie que tu deste somente a Kunti. Se a filha de Kuntibhoja providenciasse para que eu tivesse

filhos ela então estaria realmente me fazendo um grande favor e beneficiando a ti igualmente. Ela sendo minha rival eu sinto um melindre em pedir qualquer favor dela. Se tu estiveres, ó rei, bondosamente disposto para comigo, então pede a ela para realizar meu desejo.'

Ouvindo-a, Pandu respondeu, 'Ó Madri, eu revolvi esse assunto muitas vezes em minha própria mente, mas eu até agora hesitei em te dizer qualquer coisa, não sabendo como tu poderias receber isso. Agora que eu sei quais são teus desejos eu certamente me esforçarei para alcançar este objetivo. Eu penso que, a meu pedido, Kunti não recusará.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disso Pandu se dirigiu a Kunti em particular, dizendo, 'Ó Kunti, concede-me mais filhos para o desenvolvimento da minha linhagem e para o benefício do mundo. Ó abençoada, faze com que eu mesmo, meus antepassados, e os teus também, possam sempre ter o bolo fúnebre oferecido por nós. Ó, faze o que é benéfico para mim, e concede a mim e ao mundo aquela que, de fato, é a melhor das bênçãos. Ó, faze aquilo que, de fato, possa ser difícil para ti, movida pelo desejo de alcançar fama eterna. Vê, Indra, mesmo tendo obtido a soberania dos celestiais, ainda, só pela fama, realiza sacrifícios. Ó bela, brâmanes, bons conhecedores dos Vedas, e tendo obtido grande mérito ascético, ainda, só pela fama, se aproximam de seus mestres espirituais com reverência. Assim também todos os sábios reais e brâmanes possuidores de riqueza ascética têm realizado, somente pela fama, as mais difíceis das façanhas ascéticas. Portanto, ó inocente, resgata Madri como com uma balsa (por conceder a ela os meios de obter filhos), e obtém fama imperecível por fazeres dela uma mãe.'

Assim abordada por seu marido Kunti concordou facilmente e disse a Madri, 'Pensa, sem perda de tempo, em algum celestial, e tu certamente obterás dele um filho semelhante a ele.' Refletindo por poucos instantes Madri pensou nos gêmeos Asvins, que foram rapidamente até ela e geraram seus dois filhos que eram os gêmeos chamados Nakula e Sahadeva, inigualáveis em beleza sobre a terra. E logo que eles nasceram uma voz incorpórea disse, 'Em energia e beleza estes gêmeos transcenderão até os próprios gêmeos Asvins.' De fato, possuidores de grande energia e beleza eles iluminaram toda a região.

Ó rei, depois que todos os filhos tinham nascido, os rishis que moravam sobre a montanha de cem cumes, proferindo bênçãos sobre eles e carinhosamente realizando os primeiros ritos de nascimento, deram nomes a eles. O mais velho dos filhos de Kunti foi chamado Yudhishthira, o segundo Bhimasena, e o terceiro Arjuna, e, dos filhos de Madri, o primeiro dos gêmeos se chamava Nakula e o seguinte Sahadeva. E aqueles filhos importantes nascidos um ano depois do outro pareciam com um período incorporado de cinco anos. E o rei Pandu, vendo seus filhos de beleza celeste e de energia superabundante, grande força e destreza, e de grandeza de alma, se regozijou muito. E as crianças se tornaram as grandes favoritas dos rishis, como também de suas esposas, que vivam na montanha de cem cumes.

Algum tempo depois Pandu outra vez pediu para Kunti em nome de Madri. Abordada, ó rei, por seu marido em particular, Kunti respondeu, 'Tendo dado a ela a fórmula de invocação somente uma vez, ela, ó rei, conseguiu obter dois filhos. Eu não fui lograda por ela dessa maneira, mas eu tenho medo de que, ó rei, ela logo me supere em número de filhos. Este, de fato, é o caminho de todas as mulheres más. Tola que eu fui, eu não sabia que por invocar os deuses gêmeos eu poderia obter o nascimento de crianças gêmeas. Eu suplico a ti, ó rei, que não me dês mais nenhuma ordem em relação a isso. Que essa seja a bênção concedida (por ti) a mim.'

Assim, ó rei, nasceram para Pandu cinco filhos que foram gerados por celestiais e que eram dotados de grande força, e que viveram para alcançar grande fama e ampliar a linhagem Kuru. Todos eles tendo todos os sinais auspiciosos em seus corpos, belos como Soma, orgulhosos como leões, hábeis no uso do arco, e de andar, peito, coração, olhos, pescoço e bravura leonina, aqueles principais dos homens, parecidos com os próprios celestiais em poder, começaram a crescer. E vendo a eles e as suas virtudes crescerem com os anos os grandes rishis que moravam sobre aquele pico enevoado da montanha sagrada ficavam maravilhados. E os cinco Pandavas e os cem filhos de Dhritarashtra, aquele propagador da família Kuru, cresceram rapidamente como um grupo de lótus em um lago.'

125

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, ‘Vendo seus cinco belos filhos crescendo diante dele naquela grande floresta no declive encantador da montanha Pandu sentiu as últimas forças de seus braços reviverem mais uma vez. Um dia, na estação da primavera, que enlouquece a todas as criaturas, o rei acompanhado por sua mulher (Madri), começou a passear nas florestas onde todas as árvores tinham dado novas flores. Ele viu por toda parte Palasas e Tilakas e mangueiras e Champakas e Parihadrakas e Karnikaras, Asokas e Kesaras e Atimuktas e Kuruvakas com enxames de abelhas enlouquecidas zunindo docemente. E havia flores de Parijatas floridas com os kokilas cantando suas melodias sob cada ramo ecoando com o suave zumbido das abelhas negras. E ele viu também várias outras espécies de árvores curvadas sob o peso de suas flores e frutos. E havia também muitos lagos excelentes cobertos com centenas de lótus perfumados. Contemplando tudo isso Pandu sentiu a influência sutil do desejo. Caminhando como um celestial em tal cenário com o coração iluminado Pandu estava sozinho com sua mulher Madri em um traje semitransparente. E vendo a jovem Madri assim vestida a chama do desejo do rei aumentou como um incêndio na floresta. E mal capaz de suprimir seu desejo assim aceso à visão de sua esposa de olhos como pétalas de lótus ele foi totalmente dominado. O rei então agarrou-a contra a sua vontade, mas Madri tremendo de medo resistiu a ele o máximo que pode.

Consumido pelo desejo ele esqueceu tudo acerca de sua desgraça. E, ó tu da linhagem Kuru, não reprimido pelo medo da maldição (dos rishis) e impelido pelo destino o monarca, dominado pela paixão, procurou à força os abraços de Madri, como se ele desejasse pôr fim à sua própria vida. Sua razão, assim iludida pelo próprio grande Destruidor por intoxicar seus sentidos, se perdeu com sua vida. E o rei Kuru, Pandu, de alma virtuosa, assim sucumbiu à influência inevitável do Tempo, enquanto unido em relações sexuais com sua mulher.

Então Madri, abraçando o corpo de seu marido sem sentidos, começou a gritar alto. E Kunti com seus filhos e os gêmeos de Madri, ouvindo aqueles gritos de dor, foram ao local onde o rei jazia naquele estado. Então, ó rei, Madri dirigiu-se a Kunti em uma voz lastimável, dizendo, 'Vem sozinha até aqui, ó Kunti, e deixa as crianças aí.' Ouvindo essas palavras Kunti, pedindo para as crianças ficarem, correu rapidamente, exclamando, 'Que aflição para mim!' E vendo ambos, Pandu e Madri, jazendo prostrados no chão ela entrou em dor e aflição, dizendo, 'De paixões sob completo controle, este herói, ó Madri, foi sempre olhado por mim com cuidado. Como ele então esqueceu a maldição do rishi e se aproximou de ti com o desejo aceso? Ó Madri, este principal dos homens deveria ter sido protegido por ti. Por que tu o tentaste em solidão? Sempre melancólico pensando na maldição do rishi como ele veio a se divertir contigo em solidão? Ó princesa de Valhika, mais afortunada do que eu mesma, tu és realmente para ser invejada, pois viste o rosto do nosso marido banhado em contentamento e alegria.'

Madri então respondeu, dizendo, 'Venerável irmã, com lágrimas em meus olhos eu resisti ao rei, mas ele não pode se controlar, disposto como ele estava a tornar verdadeira a maldição do rishi.'

Kunti então disse, 'Eu sou a mais velha das esposas dele, o principal mérito religioso deve ser meu. Portanto, ó Madri, não me impeças de fazer o que deve ser feito. Eu devo seguir nosso marido para a região dos mortos. Levanta-te, ó Madri, e me entrega o corpo dele. Cria estas crianças.' Madri respondeu, dizendo, 'Eu ainda abraço nosso marido, e não o permiti partir, portanto, eu o seguirei. Meu apetite não foi apaziguado. Tu és minha irmã mais velha, dá-me a tua permissão. Este principal dos príncipes Bharata se aproximou de mim desejando ter relações. Seu apetite estando insaciado, eu não devo segui-lo até a região de Yama para satisfazê-lo? Ó venerável, se eu sobreviver com certeza eu não poderei criar os teus filhos como se eles fossem meus. O pecado não me tocará por causa disso? Mas tu, ó Kunti, poderás cuidar dos meus filhos como se que eles fossem teus. O rei, ao me procurar desejosamente, foi para a região dos espíritos, portanto, o meu corpo deve ser queimado com ele. Ó venerada irmã, não negues a tua autorização para isso que é agradável para mim. Tu certamente educarás as crianças com cuidado. Isso, de fato, será muito agradável para mim. Eu não tenho nenhuma outra instrução a dar!'

Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isso a filha do rei de Madras, a mulher de Pandu, subiu na pira fúnebre de seu marido, aquele touro entre homens.'

126

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Os rishis, sábios em conselhos, vendo a morte de Pandu consultaram uns aos outros, e disseram, 'O virtuoso e renomado rei Pandu, abandonando o reino e a soberania veio para cá praticar austeridades ascéticas e se resignou a morar com os ascetas sobre esta montanha. Ele então ascendeu ao céu, deixando sua mulher e filhos pequenos como uma responsabilidade em nossas mãos. Nosso dever agora é ir para o reino dele com esses seus filhos e sua mulher.'

Vaisampayana continuou, 'Então aqueles rishis de corações magnânimos, e coroados com êxito ascético, convocando uns aos outros, resolveram ir para Hastinapura com os filhos de Pandu adiante, desejando colocá-los nas mãos de Bhishma e Dhritarashtra. Os ascetas partiram naquele mesmo momento, levando com eles as crianças e Kunti e os dois corpos mortos. E, embora não acostumada ao esforço pesado toda a sua vida, a afetuosa Kunti agora considerou muito curta a realmente longa viagem que teve que realizar. Tendo chegado a Kurujangala dentro de pouco tempo a ilustre Kunti se apresentou no portão principal. Os ascetas então mandaram os porteiros informarem ao rei da sua chegada. Os homens levaram a mensagem em um instante à corte. E os cidadãos de Hastinapura, sabendo da chegada de milhares de charanas e munis, ficaram admirados. E foi logo depois do nascer do sol que eles começaram a sair em grandes números com suas esposas e filhos para ver aqueles ascetas. Sentados em todos os tipos de carros e transportes aos milhares, vasto número de kshatriyas com suas esposas e brâmanes saíram também. E a afluência de vaisyas e sudras também foi muito grande na ocasião. A vasta assembleia era muito pacífica, pois todos os corações então tendiam à piedade. E lá também saíram Bhishma, o filho de Santanu, e Somadatta ou Valhika e o sábio real (Dhritarashtra) dotado da visão do conhecimento e o próprio Vidura e a venerável Satyavati e a ilustre princesa de Kosala e Gandhari acompanhadas pelas outras senhoras da família real. E os cem filhos de Dhritarashtra, enfeitados com vários ornamentos, também saíram.

Os Kauravas, então, acompanhados por seu sacerdote, saudaram os rishis por baixarem as cabeças, e tomaram seus lugares diante deles. Os cidadãos também, saudando os ascetas e curvando-se a eles tocando o chão, lá tomaram seus lugares. Então Bhishma, aquietando perfeitamente aquela vasta multidão, devidamente reverenciou, ó rei, aqueles ascetas por lhes oferecer água para lavar os pés e o costumeiro arghya. E tendo feito isso ele falou a eles acerca da soberania e do reino. Então o mais velho dos ascetas com cabelos emaranhados na cabeça e quadris cobertos com peles de animais ficou de pé, e com a colaboração dos outros rishis falou o seguinte: 'Vocês todos sabem que aquele possuidor da soberania dos Kurus que era chamado rei Pandu tinha, depois de abandonar os prazeres do mundo, saído daqui para morar na montanha de cem cumes. Ele adotou o modo de vida brahmacharya, mas por um propósito

inescrutável que os deuses têm em vista este seu filho mais velho, Yudhishthira, nasceu lá, gerado pelo próprio Dharma. Então aquele rei ilustre obteve de Vayu este outro filho, o principal de todos os homens poderosos, chamado Bhima. Este outro filho, gerado em Kunti por Indra, é Dhananjaya cujas realizações humilharão todos os arqueiros no mundo. E estes tigres entre homens, poderosos no uso do arco, são os filhos gêmeos gerados em Madri pelos gêmeos Asvins. Levando em virtude a vida Vanaprastha nas florestas, o ilustre Pandu assim reviveu a quase extinta linha de seu avô. O nascimento, crescimento, e estudos vêdicos desses filhos de Pandu sem dúvida lhes darão grande prazer. Firmemente aderindo ao caminho dos virtuosos e dos sábios, e deixando para trás estas crianças, Pandu morreu dezessete dias atrás. Sua esposa Madri, vendo-o na pira fúnebre prestes a ser consumido, subiu na mesma pira, e sacrificando sua vida dessa maneira foi com seu marido para a região reservada para as esposas castas. Realizem agora os ritos que devem ser realizados para benefício deles. Estas são (as partes não queimadas de) seus corpos. Aqui também estão seus filhos, estes opressores de inimigos, com sua mãe. Que eles sejam agora recebidos com as devidas honras. Depois da conclusão do primeiro dos ritos em honra dos mortos que o virtuoso Pandu, que foi o mantenedor da dignidade dos Kurus, tenha o primeiro Sraddha anual (sapindakarana) realizado com o objetivo de instalá-lo oficialmente entre os Pitris.'

Vaisampayana continuou, 'Os ascetas, com os guhyakas, tendo dito isso aos Kurus, imediatamente desapareceram à vista das pessoas. E vendo os rishis e os siddhas assim desaparecerem de sua vista como formas vaporosas aparecendo e desaparecendo nos céus, os cidadãos admirados voltaram para suas casas.'

127

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Dhritarashtra então disse, 'Ó Vidura, celebra as cerimônias fúnebres daquele leão entre os reis, Pandu, e de Madri também, no correto estilo real. Para o bem de suas almas distribui gado, tecidos, pedras preciosas e diversos tipos de riquezas, e que todos recebam o quanto pedirem. Faze arranjos também para Kunti realizar os últimos ritos de Madri no estilo em que lhe agradar. E que o corpo de Madri seja embrulhado com tanto cuidado que nem o Sol nem Vayu (o deus do vento) possam contemplá-lo. Não lamentes o impecável Pandu. Ele foi um rei digno e deixou cinco filhos heroicos iguais aos próprios celestiais.'

Vaisampayana continuou, 'Então Vidura, ó Bharata, dizendo, 'Assim seja', em consulta com Bhishma fixou um local sagrado para a cerimônia fúnebre de Pandu. Os sacerdotes da família saíram da cidade sem perda de tempo, levando com eles o fogo sagrado alimentado com manteiga clarificada e assim tornado fragrante. Então amigos, parentes e partidários, envolvendo-o em tecido, enfeitaram o corpo

do monarca com as flores da estação e despejaram vários perfumes excelentes sobre ele. E eles também decoraram o próprio carro fúnebre com guirlandas e ricas tapeçarias. Então, colocando o corpo coberto do rei com o de sua rainha naquele féretro excelente decorado tão brilhantemente, eles o fizeram ser carregado sobre ombros humanos. Com o guarda-sol branco (do estado) suspenso sobre o carro fúnebre com ondulantes caudas de iaque e sons de vários instrumentos musicais, toda a cena parecia brilhante e formidável. Centenas de pessoas começaram a distribuir pedras preciosas entre a multidão na ocasião da cerimônia fúnebre do rei. De longe foram trazidas algumas belas vestes, e guarda-sóis brancos e grandes caudas de iaque para a grande cerimônia. Os sacerdotes vestidos de branco caminhavam na dianteira da procissão despejando libações de manteiga clarificada no fogo sagrado que ardia em um recipiente ornamental. E brâmanes, e kshatriyas, e vaisyas, e sudras aos milhares seguiram o rei falecido, ruidosamente lamentando desta forma, 'Ó príncipe, aonde tu vais, nos deixando, e nos tornando desesperados e desventurados para sempre?' E Bhishma, e Vidura, e os Pandavas, também todos lamentaram alto. Finalmente eles chegaram a uma romântica floresta nas margens do Ganges. Lá eles colocaram o carro fúnebre no qual o príncipe sincero e que tinha um coração de leão e sua cônjuge jaziam. Então eles trouxeram água em muitos recipientes dourados, e lavaram o corpo do príncipe untando-o com várias espécies de pastas fragrantes, e novamente o cobriram com pasta de sândalo. Eles então o vestiram em uma veste branca feita de tecidos nativos. E vestido daquela forma o rei parecia que ainda estava vivo e somente dormindo em uma cama cara.

Quando as outras cerimônias fúnebres também haviam terminado em consonância com as indicações dos sacerdotes, os Kauravas incendiaram os corpos mortos do rei e da rainha, levando lótus, pasta de sândalo e outras substâncias fragrantes para a pira.

Então vendo os corpos queimarem Kausalya gritou, 'Ó meu filho, meu filho!', e caiu sem sentidos ao chão. E ao vê-la cair os cidadãos e os habitantes das províncias começaram a lamentar de dor e afeição por seu rei. E as aves do ar e os animais do campo foram tocados pelas lamentações de Kunti. E Bhishma, o filho de Santanu, e o sábio Vidura, e os outros que também estavam lá ficaram desconsolados.

Assim pranteando, Bhishma, Vidura, Dhritarashtra, os Pandavas e as senhoras Kuru, todos realizaram a lacrimosa cerimônia do rei. E quando tudo aquilo estava acabado as pessoas, elas próprias cheias de tristeza, começaram a consolar os filhos enlutados de Pandu. E os Pandavas com seus amigos começaram a dormir no chão. Vendo isso os brâmanes e os outros cidadãos também renunciaram às suas camas. Jovens e velhos, todos os cidadãos sofreram por causa dos filhos do rei Pandu, e passaram doze dias de luto com os tristes Pandavas.'

128

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Bhishma e Kunti com seus amigos celebraram o Sraddha do monarca falecido, e ofereceram o Pinda. E eles banquetearam os Kauravas e milhares de brâmanes a quem eles também deram pedras preciosas e terras. Então os cidadãos voltaram para Hastinapura com os filhos de Pandu, agora que eles tinham sido purificados da impureza incidente ao falecimento de seu pai. Todos então choraram pelo rei falecido. Parecia como se que eles tivessem perdido seu próprio parente.

Quando o Sraddha havia sido celebrado da maneira acima mencionada, o venerável Vyasa, vendo todos os súditos mergulhados na dor, disse um dia para sua mãe Satyavati, 'Mãe, nossos dias de felicidade se foram e dias de calamidade se sucedem. O pecado começa dia a dia a aumentar. O mundo envelheceu. O império dos Kauravas não durará muito por causa da injustiça e opressão. Vai então para a floresta e te dedica à contemplação através do Yoga. De agora em diante a sociedade se encherá de engano e maldade. O bom trabalho cessará. Não testemunhes a aniquilação da tua linhagem em tua velhice!'

Concordando com as palavras de Vyasa, Satyavati entrou nos aposentos internos e se dirigiu à sua nora, dizendo, 'Ó Ambika, eu soube que por consequência dos atos dos teus netos esta dinastia Bharata e seus súditos perecerão. Se tu permitires, eu irei para a floresta com Kausalya, tão aflita pela perda de seu filho.' Ó rei, assim dizendo, a rainha, recebendo a permissão de Bhishma também, foi para a floresta. E chegando lá com suas duas noras ela se dedicou à contemplação profunda, e em um bom momento deixou seu corpo e ascendeu para o céu.'

Vaisampayana continuou, 'Então os filhos do rei Pandu, tendo passado por todos os ritos de purificação prescritos nos Vedas, começaram a crescer em estilo principesco na casa de seu pai. Quando eles estavam empenhados em jogos com os filhos de Dhritarashtra sua superioridade de força era marcante. Em velocidade, no tiro ao alvo, em consumir artigos de comida, e espalhar poeira, Bhimasena batia todos os filhos de Dhritarashtra. O filho do Deus do vento os puxava pelos cabelos e os fazia lutar entre si, rindo o tempo todo. E Vrikodara facilmente derrotava aquelas cento e uma crianças de grande energia como se elas fossem uma em vez de cem. O segundo Pandava costumava agarrá-los pelos cabelos, e, jogando-os ao chão, os arrastava pela terra. Por isso alguns tinham seus joelhos quebrados, alguns suas cabeças, e alguns seus ombros. Aquele jovem, às vezes segurando dez deles, os afogava em água, até que eles estivessem quase mortos. Quando os filhos de Dhritarashtra subiam nos ramos de uma árvore para colher frutos Bhima costumava sacudir tal árvore, por bater em sua base, então caíam os frutos e os colhedores de frutos ao mesmo tempo. Realmente, aqueles príncipes não eram páreo para Bhima em confrontos pugilísticos, em velocidade, ou em habilidade. Bhima costumava demonstrar sua força por atormentá-los dessa maneira por infantilidade mas não por malícia.

Vendo essas exibições extraordinárias do poder de Bhima, o poderoso Duryodhana, o filho mais velho de Dhritarashtra, começou a ter hostilidade em relação a ele. E o vil e injusto Duryodhana, por ignorância e ambição, se preparou para cometer um ato de pecado. Ele pensou, 'Não há outro indivíduo que possa se comparar com Bhima, o segundo filho de Pandu, em bravura. Eu terei que destruí-lo por meio de artifícios. Sozinho, Bhima desafia cem de nós para o combate. Portanto, quando ele dormir no jardim eu o jogarei na correnteza do Ganges. Depois, prendendo seu irmão mais velho Yudhishthira e seu irmão mais novo Arjuna eu serei o único rei sem molestação.' Assim decidido, o perverso Duryodhana estava sempre à procura de uma oportunidade de ferir Bhima. E, ó Bharata, finalmente em um belo lugar chamado Pramanakoti nas margens do Ganges ele construiu um palácio enfeitado com amplas tapeçarias e outros artigos valiosos. E ele construiu aquele palácio para lá se divertir na água, e o encheu com todos os tipos de coisas divertidas e iguarias seletas. Vistosas bandeiras ondulavam no topo daquela mansão. O nome da casa era ‘casa de divertimento aquático.’ Cozinheiros habilidosos prepararam várias espécies de iguarias. Quando tudo estava pronto os oficiais avisaram Duryodhana. Então o príncipe mal intencionado disse aos Pandavas, 'Vamos todos às margens do Ganges agraciadas com árvores e cheias de flores e nos divirtamos na água.' E após Yudhishthira concordar com isso os filhos de Dhritarashtra, levando os Pandavas com eles, montaram em elefantes de grande tamanho e em carros parecendo com cidades, e deixaram a metrópole.

Ao chegarem ao lugar os príncipes dispensaram seus servidores, e examinando a beleza dos jardins e dos arvoredos entraram no palácio, como leões entrando em suas cavernas nas montanhas. Ao entrarem eles viram que os arquitetos tinham rebocado belamente as paredes e o teto e que os pintores os tinham pintado maravilhosamente. As janelas pareciam muito elegantes, e os chafarizes artificiais eram esplêndidos. Aqui e ali havia tanques de água translúcida nos quais floresciam moitas de lótus. As margens eram enfeitadas com várias flores cuja fragrância enchia a atmosfera. Os Kauravas e os Pandavas se sentaram e começaram a desfrutar das coisas providenciadas para eles. Eles se dedicaram ao jogo e começaram a trocar bocados de comida uns com os outros. Nesse meio tempo o vil Duryodhana tinha misturado um poderoso veneno com uma quantidade de comida, com o objetivo de matar Bhima. Aquele jovem que tinha néctar em sua língua e uma navalha em seu coração ergueu-se finalmente, e de um modo amigável alimentou Bhima abundantemente com a comida envenenada, e achando-se afortunado por ter atingido seu objetivo ele ficou bastante contente. Então os filhos de Dhritarashtra e Pandu juntos começaram a se divertir alegremente na água. Sua diversão tendo terminado, eles se vestiram em roupas brancas e se enfeitaram com vários ornamentos. Fatigados com o jogo, eles se sentiram inclinados a descansar à noite na agradável casa que fazia parte do jardim. Tendo feito os outros jovens se exercitarem nas águas, o segundo Pandava poderoso estava extremamente fatigado. Assim que se ergueu da água ele caiu ao chão. Ele estava esgotado e sob a influência do veneno. E o ar frio serviu para espalhar o veneno por todo o seu corpo, então ele perdeu os sentidos

imediatamente. Vendo isso Duryodhana amarrou-o com cordas de arbustos, e o jogou na água. O inconsciente filho de Pandu afundou até que alcançou o reino Naga. Os nagas, com presas contendo veneno virulento, o morderam aos milhares. O veneno vegetal, misturado no sangue do filho do deus do vento, foi neutralizado pelo veneno das cobras. As serpentes tinham mordido todo o seu corpo, exceto seu peito, cuja pele era tão dura que suas presas não o puderam penetrar.

Ao recuperar os sentidos o filho de Kunti arrebentou as cordas que o atavam e começou a espremer as cobras sob o chão. Um restante delas fugiu pela vida e, indo até seu rei Vasuki, relataram, 'Ó rei das cobras, um homem se afogou sob a água, amarrado com cordas de arbustos, provavelmente ele bebeu veneno, pois quando caiu entre nós ele estava inconsciente. Mas quando nós começamos a mordê-lo ele recuperou os sentidos, e rompendo as amarras começou a nos abater. Poderia por favor Vossa Majestade perguntar quem é ele?'

Então Vasuki, de acordo com a súplica dos nagas inferiores, foi ao local e viu Bhimasena. Das serpentes, havia um, chamado Aryaka. Ele era o avô do pai de Kunti. O senhor das serpentes viu seu parente e o abraçou. Então, Vasuki, sabendo de tudo, ficou satisfeito com Bhima e disse para Aryaka com satisfação, ‘Como nós podemos agradá-lo? Que ele tenha dinheiro e pedras preciosas em profusão.’

Ao ouvir as palavras de Vasuki, Aryaka disse, 'Ó rei das serpentes, se Vossa Majestade está satisfeito com ele não precisa lhe dar riquezas! Permite que ele beba do rasakunda (recipientes de néctar) e assim adquira força imensurável. Há a força de mil elefantes em cada um daqueles recipientes. Deixa este príncipe beber tanto quanto ele puder!'

O rei das serpentes deu seu consentimento. E as serpentes então começaram os ritos propícios. Purificando-se com cuidado, Bhimasena de frente para o leste começou a beber o néctar. Em um fôlego ele tragou o conteúdo de um recipiente inteiro, e dessa maneira drenou oito jarros seguidos, até que estivesse satisfeito. Finalmente, as serpentes prepararam uma cama excelente para ele, na qual ele se deitou para descansar.'

129

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Enquanto isso os Kauravas e os Pandavas, depois de terem assim se divertido, partiram, sem Bhima, para Hastinapura, alguns em cavalos, alguns sobre elefantes, enquanto outros preferiram carros e outros transportes. E em seu caminho eles disseram uns aos outros, 'Talvez Bhima tenha ido antes de nós.' E o perverso Duryodhana estava contente com a perda de Bhima, e entrou na cidade com seus irmãos em alegria.

O virtuoso Yudhishthira, ele mesmo não acostumado ao vício nem à maldade, considerava os outros tão honestos quanto ele mesmo. O filho mais velho de Pritha cheio de amor fraterno foi até sua mãe e disse, depois de reverenciá-la, 'Ó mãe, Bhima chegou? Ó boa mãe, eu não o encontro aqui. Aonde ele pode ter ido? Nós o procuramos por muito tempo em todos os lugares nos belos jardins e florestas, mas não o achamos em lugar nenhum. Finalmente, nós pensamos que o heroico Bhima havia nos precedido. Ó dama ilustre, nós viemos para cá em grande ansiedade. Chegando aqui, aonde ele foi? Você o enviou para algum lugar? Ó diga-me, eu estou cheio de apreensões a respeito do poderoso Bhima. Ele tinha estado adormecido e não veio. Eu acho que ele não existe mais.'

Ouvindo essas palavras do altamente inteligente Yudhishthira, Kunti gritou, em alarme, e disse, 'Caro filho, eu não vi Bhima. Ele não veio a mim. Ó, volta às pressas, e com teus irmãos procura por ele.'

Tendo dito isso em aflição para seu filho mais velho ela convocou Vidura e disse, 'Ó ilustre Kshattri, Bhimasena está perdido! Aonde ele foi? Os outros irmãos voltaram dos jardins, só Bhima de braços poderosos não veio para casa! Duryodhana não gosta dele. O Kaurava é desonesto e malicioso e de mente baixa e imprudente. Ele cobiça o trono abertamente. Eu estou com medo de que ele em um acesso de raiva possa ter matado meu amado. Isso me aflige dolorosamente, de fato, isso queima o meu coração.'

Vidura respondeu, 'Dama abençoada, não dize isso! Protege os teus outros filhos com cuidado. Se o vil Duryodhana for acusado ele pode matar os teus filhos restantes. O grande sábio disse que todos os teus filhos terão vida longa. Portanto, Bhima certamente voltará e alegrará o teu coração.'

Vaisampayana continuou, 'O sábio Vidura, tendo dito isso para Kunti, voltou para sua residência, enquanto Kunti, em grande ansiedade, permaneceu em casa com seus filhos.

Enquanto isso, Bhimasena despertou daquele sono no oitavo dia, e se sentiu forte além da conta pelo néctar que ele tinha tomado ter sido todo digerido. Vendo-o acordado os nagas começaram a confortá-lo e animá-lo, dizendo, 'Ó tu de braços poderosos, o licor que dá força que tu bebeste te dará o poder de dez mil elefantes! Ninguém agora poderá te vencer em batalha. Ó touro da raça Kuru, banha-te nestas águas sagradas e auspiciosas e volta para casa. Teus irmãos estão desconsolados por causa de ti.'

Então Bhima se purificou com um banho naquelas águas, e enfeitado com vestes brancas e guirlandas floridas da mesma cor comeu do paramanna (arroz e pudim de açúcar) oferecido pelos nagas. Então aquele opressor de todos os inimigos, enfeitado com ornamentos celestes, recebeu as adorações e bênçãos das cobras e, saudando-os em retorno, ergueu-se da região inferior. Erguendo o Pandava de olhos de lótus das águas, os nagas o deixaram nos mesmos jardins onde ele havia estado se divertindo, e desapareceram à sua vista.

O poderoso Bhimasena, chegando à superfície da terra, correu com velocidade até sua mãe. E curvando-se a ela e ao seu irmão mais velho, e cheirando as cabeças de seus irmãos mais jovens, aquele opressor de todos os inimigos foi abraçado por sua mãe e por cada um daqueles touros entre os homens. Afetuosos uns com os outros, eles todos exclamaram repetidamente, 'Que alegria é nossa hoje, ó, que alegria!'

Então Bhima, dotado de grande força e coragem relatou aos seus irmãos tudo acerca da maldade de Duryodhana, e os incidentes felizes e infelizes que aconteceram a ele no mundo das serpentes. Nisso Yudhishthira disse, 'Guarda silêncio sobre isso. Não fales disso para ninguém. Deste dia em diante protejamos todos uns aos outros com cuidado.' Dessa maneira acautelados pelo justo Yudhishthira eles todos, com o próprio Yudhishthira, se tornaram muito vigilantes daquele dia em diante. E para que não pudesse ocorrer negligência da parte dos filhos de Kunti, Vidura constantemente oferecia a eles sábios conselhos.

Algum tempo depois, Duryodhana outra vez misturou na comida de Bhima um outro veneno virulento e muito mortal. Mas Yuyutsu (o filho de Dhritarashtra com uma mulher Vaisya), movido por sua amizade pelos Pandavas, os informou disso. Vrikodara, no entanto, o engoliu sem nenhuma hesitação, e o digeriu completamente. E, embora virulento o veneno não produziu efeito em Bhima.

Quando aquele terrível veneno para a destruição de Bhima fracassou em seu efeito, Duryodhana, Karna e Sakuni, sem desistirem de seu projeto perverso recorreram a outras numerosas maquinações para conseguir a morte dos Pandavas. E embora todas aquelas maquinações fossem totalmente conhecidas pelos Pandavas, eles ainda assim, de acordo com o conselho de Vidura, suprimiram sua indignação.

Enquanto isso o rei (Dhritarashtra), vendo os príncipes Kuru passando seu tempo em inatividade e crescendo desobedientes, nomeou Gautama como seu preceptor e os enviou a ele para instrução. Nascido entre uma moita de urzes, Gautama era bem experiente nos Vedas e foi sob ele (também chamado Kripa) que os príncipes Kuru começaram a aprender o uso de armas.'

130

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó brâmane, cabe a ti relatar-me tudo acerca do nascimento de Kripa. Como ele proveio de uma moita de urzes? De onde também ele obteve suas armas?'

Vaisampayana disse, 'Ó rei, o grande sábio Gautama tinha um filho chamado Saradwat. Esse Saradwat nasceu com flechas (na mão). Ó opressor de inimigos,

o filho de Gautama manifestou grande aptidão para o estudo da ciência de armas, mas nenhum pelas outras ciências. Saradwat adquiriu todas as suas armas por meio daquelas austeridades pelas quais brâmanes na vida de estudante adquirem o conhecimento dos Vedas. Gautama (o filho de Gotama) por sua aptidão à ciência de armas e por suas austeridades fez o próprio Indra ter grande medo dele. Então, ó tu da linhagem Kuru, o chefe dos deuses convocou uma donzela celeste chamada Janapadi e a enviou a Gautama, dizendo, 'Faça o melhor que puder para perturbar as austeridades de Gautama'. Indo até o encantador retiro de Saradwat a donzela começou a tentar o asceta equipado com arco e flechas. Vendo aquela apsara de figura sem igual sobre a terra em beleza, sozinha naquelas florestas e vestida com uma única peça de roupa, os olhos de Saradwat se arregalaram de prazer. À visão da donzela seu arco e flechas deslizaram de sua mão e todo o seu corpo tremeu de emoção, mas, possuidor de resistência ascética e força de alma, o sábio reuniu paciência suficiente para resistir contra a tentação. A brusquidão, no entanto, da sua agitação mental, causou uma inconsciente emissão de seu fluido vital. Deixando seu arco e flechas e pele de veado para trás, ele foi embora, fugindo da apsara. Seu fluido vital, no entanto, tendo caído sobre uma moita de urzes, dividiu-se em duas partes, de onde nasceram duas crianças que eram gêmeas.

E aconteceu que um soldado que estava a serviço do rei Santanu enquanto o monarca estava fora a caçar nas florestas encontrou os gêmeos. E vendo o arco e as flechas e a pele de veado no chão ele pensou que eles poderiam ser os filhos de algum brâmane competente na ciência de armas. Decidindo assim, ele pegou as crianças junto com o arco e flechas, e mostrou-os ao rei. Vendo-os o rei foi tocado pela compaixão, e dizendo, 'Que eles se tornem meus filhos' os levou para seu palácio. Então aquele principal dos homens, Santanu, o filho de Pratipa, tendo levado os gêmeos de Gautama para sua casa, realizou em relação a eles os ritos usuais de religião. E ele começou a educá-los e os chamou de Kripa e Kripi, em alusão ao fato de que ele os criou por motivos de compaixão (Kripa). O filho de Gotama, tendo deixado seu retiro antigo, continuou seu estudo da ciência de armas com grande seriedade. Por meio de seu discernimento espiritual ele soube que seu filho e filha estavam no palácio de Santanu. Ele então foi ao monarca e relatou tudo acerca de sua linhagem. Ele então ensinou a Kripa os quatro ramos da ciência de armas, e vários outros ramos de conhecimento, incluindo todos os seus mistérios e detalhes obscuros. Em pouco tempo Kripa tornou-se um eminente professor da ciência (de armas). E os cem filhos de Dhritarashtra, e os Pandavas junto com os Yadavas, e os Vrishnis, e muitos outros príncipes de várias terras começaram a receber aulas dele naquela ciência.'

131

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Desejoso de dar aos seus netos uma educação superior, Bhishma estava à procura de um professor dotado de energia e hábil na ciência de armas. Decidindo, ó chefe dos Bharatas, que ninguém que não fosse possuidor de grande inteligência, que não fosse um ilustre ou um perfeito mestre na ciência de armas, ninguém que não tivesse um poder como o dos deuses poderia ser o instrutor dos (príncipes) Kurus, o filho de Gangâ, ó tigre entre homens, colocou os Pandavas e os Kauravas sob as instruções do filho de Bharadwaja, o inteligente Drona, hábil em todos os Vedas. Satisfeito com a recepção dada a ele pelo grande Bhishma, aquele principal de todos os homens habilidosos com armas, o ilustre Drona de fama mundial, aceitou os príncipes como seus pupilos. E Drona ensinou a eles a ciência de armas em todos os seus ramos. E, ó monarca, os Kauravas e os Pandavas dotados de força imensurável em pouco tempo se tornaram competentes no uso de todas as espécies de armas.'

Janamejaya perguntou, 'Ó brâmane, como Drona nasceu? Como e de onde ele adquiriu suas armas? Como e por que ele foi aos Kurus? De quem também ele era filho? Além disso, como foi que seu filho Aswatthaman, o principal de todos os que são habilidosos com armas, nasceu? Eu desejo ouvir tudo isso! Por favor narra em detalhes.'

Vaisampayana disse, 'Morava na fonte do Ganges um grande sábio chamado Bharadwaja, que incessantemente cumpria os votos mais rígidos. Um dia, antigamente, pretendendo celebrar o sacrifício Agnihotra ele foi junto com muitos grandes rishis ao Ganges realizar sua purificação religiosa. Chegando à margem da correnteza ele viu a própria Ghritachi, aquela apsara dotada de juventude e beleza, que havia chegado lá pouco antes. Com uma expressão de orgulho em seu rosto, misturado com uma atitude de langor voluptuoso, a donzela ergueu-se da água depois que suas abluções haviam terminado. E quanto ela estava suavemente andando na margem, seu traje que estava frouxo ficou desarrumado. Vendo seu traje desordenado, o sábio foi atingido pelo desejo ardente. Em seguida seu fluido vital saiu, por causa da violência de sua emoção. O rishi imediatamente o apanhou em um recipiente chamado drona. Então, ó rei, Drona surgiu do fluido assim preservado naquele recipiente pelo sábio Bharadwaja. E a criança assim nascida estudou todos os Vedas e seus ramos. Antes Bharadwaja de grande destreza e o principal dos possuidores do conhecimento de armas havia comunicado ao ilustre Agnivesa o conhecimento da arma chamada Agneya. Ó principal da linhagem Bharata, o rishi (Agnivesa) nascido do fogo então comunicou o conhecimento daquela grande arma para Drona, o filho de seu preceptor.

Havia um rei chamado Prishata que era um grande amigo de Bharadwaja. Naquela época Prishata teve um filho chamado Drupada. E aquele touro entre os kshatriyas, Drupada, o filho de Prishata, costumava ir todos os dias ao eremitério de Bharadwaja para brincar com Drona e estudar em sua companhia. Ó monarca,

quando Prishata morreu Drupada de braços poderosos se tornou o rei dos Panchalas do norte. Naquela época também o ilustre Bharadwaja ascendeu para o céu. Drona continuou a residir no retiro de seu pai se dedicando a austeridades ascéticas. Tendo se tornado versado nos Vedas e seus ramos e tendo também queimado seus pecados por meio do ascetismo, o célebre Drona, obediente às injunções de seu pai e movido pelo desejo de prole se casou com Kripi, a filha de Saradwat. E aquela mulher, sempre dedicada a ações virtuosas e ao Agnihotra, e às mais austeras penitências, obteve um filho chamado Aswatthaman. E logo que Aswatthaman nasceu ele relinchou como o corcel (celeste) Ucchaihsravas. Ouvindo tal grito um ser invisível nos céus disse, 'A voz que esta criança tem, como o relincho de um cavalo, é audível para todos ao redor, esta criança, portanto, será conhecida pelo nome de Aswatthaman, (o de voz de cavalo). O filho de Bharadwaja (Drona) estava muito contente por ter obtido aquele filho. Continuando a residir naquele eremitério ele se dedicava ao estudo da ciência de armas.

Ó rei, foi nessa época que Drona soube que o ilustre brâmane Jamadagnya, aquele matador de inimigos, aquele principal entre todos os manejadores de armas, versado em todos os tipos de conhecimento, havia expressado o desejo de dar toda a sua riqueza aos brâmanes. Tendo ouvido sobre o conhecimento de armas de Rama e a respeito de suas armas celestes também, Drona colocou seu coração neles como também no conhecimento de moralidade que Rama possuía. Então Drona de braços poderosos, dotado das mais altas virtudes ascéticas, acompanhado por discípulos que eram todos dedicados a votos de austeridades ascéticas, foi às montanhas Mahendra. Chegando a Mahendra o filho de Bharadwaja possuidor de grande mérito ascético viu o filho de Bhrigu, o exterminador de todos os inimigos, dotado de grande paciência e com a mente sob controle completo. Então aproximando-se com seus discípulos daquele descendente da linhagem Bhrigu Drona, dizendo seu nome, falou-lhe de seu nascimento na linha de Angiras. E tocando o chão com a cabeça ele reverenciou os pés de Rama. E vendo o filho ilustre de Jamadagni querendo se retirar para as florestas depois de dar toda a sua riqueza Drona disse, 'Saibas que eu surgi de Bharadwaja, mas não do útero de nenhuma mulher! Eu sou um brâmane de nascimento elevado, de nome Drona, e vim a ti com o desejo de obter a tua riqueza.'

Ao ouvi-lo, aquele professor ilustre da classe kshatriya respondeu, ‘Tu és bem-vindo, ó melhor dos regenerados! Dize-me o que tu desejas.’ Assim abordado por Rama, o filho de Bharadwaja respondeu àquele principal de todos os lutadores, que desejava dar toda a sua riqueza, ‘Ó tu de votos diversos, eu sou um candidato à tua eterna riqueza,’ ‘Ó tu de riqueza ascética’, Rama disse, 'meu ouro e quaisquer outras riquezas que eu tinha, tudo foi dado aos brâmanes! Esta terra também, até a beira-mar, enfeitada com cidades e vilas como com uma guirlanda de flores, eu dei para Kasyapa. Eu tenho agora só meu corpo e minhas armas valiosas. Eu estou pronto para dar meu corpo ou minhas armas. Dize, qual deles tu queres? Eu te darei! Dize rapidamente!'

Drona respondeu, ‘Ó filho de Bhrigu, cabe a ti me dar todas as tuas armas junto com os mistérios de lançá-las e chamá-las de volta.’

Dizendo, 'Assim seja' o filho de Bhrigu deu todas as suas armas para Drona, de fato, a ciência de armas com todas as suas regras e mistérios. Aceitando-as todas e considerando-se plenamente recompensado aquele melhor dos brâmanes então, contente, partiu para (a cidade do) seu amigo Drupada.'

132

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Então, ó rei, o filho poderoso de Bharadyaja se apresentou perante Drupada, e dirigindo-se àquele monarca, disse, 'Reconhece-me como teu amigo.' Assim abordado por seu amigo, o filho de Bharadwaja com o coração alegre, o senhor dos Panchalas mal foi capaz de suportar essas palavras. O rei, embriagado pelo orgulho de riqueza, contraiu sua fronte em cólera, e com olhos vermelhos falou estas palavras para Drona, 'Ó brâmane, a tua inteligência não é de uma ordem elevada, visto que disseste a mim, repentinamente, que és meu amigo! Ó tu de mente estúpida, grandes reis nunca podem ser amigos de indivíduos desafortunados e pobres como tu! Se é verdade que houve amizade entre nós antigamente é porque nós estávamos então ambos em circunstâncias iguais. Mas o tempo enfraquece tudo o que está em seu curso, e enfraquece a amizade também. Neste mundo a amizade nunca dura para sempre em nenhum coração. O tempo a desgasta e a raiva a destrói também. Não te apegues, portanto, àquela amizade do passado. Não penses mais nisso. A amizade que eu tive contigo, ó principal dos brâmanes, foi para um propósito específico. Amizade nunca pode subsistir entre um homem pobre e um homem rico, entre um homem letrado e um de mente inculta, entre um herói e um covarde. Por que tu desejas a continuação da nossa antiga amizade? Pode haver amizade ou hostilidade entre pessoas igualmente situadas quanto à riqueza ou poder. O pobre indigente e o rico não podem nem ser amigos nem brigar um com o outro. Aquele de nascimento impuro nunca pode ser amigo daquele de nascimento puro, aquele que não é um guerreiro em carro nunca pode ser amigo daquele que o é, e aquele que não é um rei nunca tem um rei como amigo. Portanto, por que tu desejas a continuação da nossa antiga amizade?'

Vaisampayana continuou, 'Assim tratado por Drupada o poderoso filho de Bharadwaja ficou cheio de ira, e refletindo por um momento planejou em sua mente qual seria seu curso de ação. Vendo a insolência do rei Panchala ele desejou coibi-la efetivamente. Deixando rapidamente a capital Panchala Drona dirigiu seus passos em direção à capital dos Kurus, que recebeu o nome de elefante.'

133

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Chegando a Hastinapura aquele melhor dos brâmanes, o filho de Bharadwaja, continuou a viver privadamente na casa de Gautama (Kripa). Seu filho poderoso (Aswatthaman) nos intervalos do ensino de Kripa costumava dar aos filhos de Kunti lições no uso de armas. Mas ninguém ainda sabia da bravura de Aswatthaman.

Drona assim tinha vivido privadamente por algum tempo na casa de Kripa quando um dia os príncipes heroicos, todos em comitiva, saíram de Hastinapura. E ao saírem da cidade eles começaram a brincar com uma bola e a passear por lá com corações alegres. E aconteceu que a bola com a qual eles estavam jogando caiu em um poço. E os príncipes se esforçaram o melhor que podiam para recuperá-la do poço, mas os esforços que os príncipes fizeram para recuperá-la foram inúteis. Eles então começaram a se entreolhar envergonhados e, não sabendo como recuperá-la, sua ansiedade tornou-se grande. Justamente naquela hora eles viram um brâmane perto o suficiente deles, de cor escura, decrépito e magro, santificado pelo desempenho do Agnihotra e que tinha terminado seus ritos diários de culto. E vendo aquele brâmane ilustre os príncipes que tinham se desesperado o cercaram imediatamente. Aquele brâmane não era outro senão Drona, que, vendo os príncipes frustrados e consciente da sua própria habilidade, sorriu um pouco, e dirigindo-se a eles disse, 'Que vergonha para o seu poder kshatriya, e que vergonha também para a sua habilidade com armas! Vocês são nascidos na linhagem de Bharata! Como é que não podem recuperar a bola (do fundo deste poço)? Se vocês me prometerem um jantar hoje eu, com estas folhas de erva, trarei não somente a bola que vocês perderam mas também este anel que eu jogo agora neste poço!' Assim dizendo, Drona, aquele opressor de inimigos, tirando seu anel, jogou-o no poço seco. Então Yudhishthira, o filho de Kunti, dirigindo-se a Drona, disse, 'Ó brâmane (tu pedes uma insignificância)! Com a permissão de Kripa obtém de nós aquilo que possa durar tua vida inteira!' Assim abordado, Drona sorrindo respondeu aos príncipes Bharata, dizendo, 'Este punhado de erva comprida eu investirei, por meio dos meus mantras, da virtude de armas. Vejam estas folhas possuírem as virtudes que outras armas não têm! Eu, com uma destas folhas, furarei a bola, e então furarei aquela folha com outra, e esta outra com uma terceira, e assim por meio de uma corrente puxarei a bola.'

Vaisampayana continuou, 'Então Drona fez exatamente o que tinha dito. E os príncipes ficaram todos assombrados e seus olhos se arregalaram de deleite. E considerando o que haviam testemunhado como muito extraordinário, eles disseram, ‘Ó brâmane erudito, traze também o anel sem perda de tempo.'

Então o ilustre Drona, pegando um arco com uma flecha perfurou o anel com ela e o trouxe para cima imediatamente. E pegando o anel daquela forma puxado do poço ainda furado com sua flecha ele calmamente o deu aos príncipes atônitos. Então os últimos, vendo o anel assim recuperado, disseram, 'Nós te

reverenciamos, ó brâmane! Ninguém mais possui tamanha habilidade. Nós desejamos saber quem tu és e de quem és filho. O que também nós podemos fazer por ti?'

Assim abordado Drona respondeu aos príncipes, dizendo, 'Vão até Bhishma e descrevam a ele a minha aparência e habilidade. Aquele poderoso me reconhecerá.' Os príncipes então disseram, 'Assim seja' e foram até Bhishma e revelaram a ele o teor das palavras daquele brâmane, contando tudo acerca da sua (extraordinária) façanha. Ouvindo tudo aquilo dos príncipes Bhishma percebeu imediatamente que o brâmane não era ninguém mais do que Drona, e pensando que ele seria o melhor preceptor para os príncipes foi pessoalmente até ele e cumprimentou-o respeitosamente. Então Bhishma, o principal de todos os manejadores de armas, habilmente o questionou sobre a causa da sua chegada em Hastinapura. Questionado, Drona relatou tudo o que tinha acontecido, dizendo, 'Ó senhor, no passado eu fui ao rishi grande Agnivesa para obter dele suas armas, desejoso também de aprender a ciência de armas. Dedicado ao serviço ao meu preceptor eu vivi com ele por muitos anos na aparência humilde de um brahmacharin, com cabelos emaranhados em minha cabeça. Naquele tempo, agindo pelos mesmos motivos, o príncipe de Panchala, o poderoso Yajnasena, também viveu no mesmo retiro. Ele se tornou meu amigo, sempre procurando o meu bem-estar. Eu gostava muito dele. De fato, nós vivemos juntos por muitos, muitos anos. Ó tu da linhagem Kuru, desde os nossos primeiros anos nós tínhamos estudado juntos e, de fato, ele foi meu amigo de infância, sempre falando e fazendo o que era agradável para mim. Para me satisfazer, ó Bhishma, ele costumava me dizer, 'Ó Drona, eu sou o filho favorito do meu pai ilustre. Quando o rei me instalar como o monarca dos Panchalas o reino será teu. Ó amigo, esta, de fato, é minha promessa solene. Meu domínio, riqueza e felicidade, todos dependerão de ti.' Finalmente chegou a hora da partida dele. Tendo terminado seus estudos ele dirigiu seus passos em direção ao seu país. Eu ofereci a ele a minha consideração naquela época, e, de fato, eu sempre me lembrei de suas palavras.

Algum tempo depois, em conformidade com as injunções de meu pai e tentado também pelo desejo de filhos eu me casei com Kripi de cabelo curto, que dotada de grande inteligência tinha cumprido muitos votos rígidos, e era sempre dedicada ao Agnihotra e outros sacrifícios e austeridades rígidas. Gautami, com o tempo, deu à luz um filho chamado Aswatthaman de grande coragem e igual em esplendor ao próprio Sol. De fato, eu estava tão satisfeito por ter obtido Aswatthaman quanto meu pai tinha estado por me obter.

E aconteceu um dia que o menino Aswatthaman observando alguns homens ricos beberem leite começou a chorar. Nisso eu fiquei tão fora de mim que tinha até perdido todo o conhecimento dos pontos do horizonte. Em vez de pedir a alguém que tivesse somente umas poucas vacas (porque se ele me desse uma ele não poderia continuar a realizar seus sacrifícios e assim sofreria perda de virtude), eu desejava obter uma vaca de alguém que tivesse muitas, e para isso eu vaguei de país em país. Mas minhas andanças foram infrutíferas, pois eu fracassei em obter uma vaca leiteira. Depois de eu ter voltado frustrado, alguns dos colegas

do meu filho deram a ele água misturada com arroz em pó. Bebendo aquilo, o menino pobre, enganado, achou que tinha tomado leite e começou a dançar de alegria, dizendo, 'Ó, eu tomei leite. Eu tomei leite!' Vendo-o dançar de alegria em meio àqueles colegas que riam da sua simplicidade eu fiquei muito tocado. Ouvindo também as palavras zombeteiras das pessoas intrometidas que diziam, 'Que vergonha para este indigente Drona, que não se esforça para ganhar riqueza, cujo filho bebe água misturada com arroz em pó e achando que aquilo é leite dança de alegria, dizendo, ‘Eu tomei leite, eu tomei leite!’ Eu fiquei totalmente fora de mim. Me censurando muito eu finalmente decidi que mesmo que eu tivesse que viver rejeitado e criticado por brâmanes eu ainda assim não seria, por desejo de riqueza, o servo de alguém, o que é sempre odioso. Assim decidido, ó Bhishma, eu fui, pela antiga amizade, ao rei dos Somakas, levando comigo meu querido filho e minha mulher. Sabendo que ele tinha sido instalado na soberania (dos Somakas) eu me considerei abençoado além da conta. Alegremente eu fui àquele meu querido amigo sentado no trono, me lembrando da minha antiga amizade com ele e também das próprias palavras dele para mim. E, ó ilustre, me aproximando de Drupada, eu disse, 'Ó tigre entre homens, reconhece-me como teu amigo!' Dizendo isso eu me aproximei confiantemente como um amigo faria. Mas Drupada riu com escárnio e me expulsou como se eu fosse um sujeito ordinário. Dirigindo-se a mim ele disse, 'A tua inteligência mal parece ser de uma ordem elevada visto que te aproximando de repente tu me dizes que és meu amigo! O tempo desgasta tudo, e desgasta a amizade também. A minha antiga amizade contigo foi para um propósito específico. Alguém de nascimento impuro nunca pode ser amigo de alguém que é de nascimento puro. Um guerreiro em carro nunca pode ser amigo de alguém que não o é. Amizade só pode existir entre pessoas que têm posições iguais, mas não entre os que estão desigualmente situados. Amizade nunca existe para sempre em meu coração. O tempo desgasta as amizades, como também a raiva as destrói. Não te apegues, portanto, àquela amizade do passado entre nós. Não penses mais nela. A amizade que eu tive contigo, ó melhor dos brâmanes, foi para um propósito especial. Não pode haver amizade entre um homem pobre e um homem rico, entre um homem iletrado e um erudito, entre um covarde e um herói. Por que tu, portanto, desejas o renascimento da nossa antiga amizade? Ó tu de mente simplória, grandes reis nunca podem ter amizade com indivíduos indigentes e desafortunados como tu. Alguém que não é um rei nunca pode ter um rei como seu amigo. Eu não me lembro de alguma vez ter te prometido o meu reino. Mas, ó brâmane, eu posso agora te dar comida e abrigo por uma noite.' Assim tratado por ele eu deixei a sua presença rapidamente com minha mulher, jurando fazer aquilo que eu sem dúvida logo farei. Assim insultado por Drupada, ó Bhishma, eu estou cheio de raiva, e vim aos Kurus desejoso de obter pupilos inteligentes e obedientes. Eu vim para Hastinapura satisfazer teus desejos. Ó, dize-me o que eu devo fazer.'

Vaisampayana continuou, 'Ao ouvir isso do filho de Bharadwaja, Bhishma disse a ele, 'Encordoa teu arco, ó brâmane, e torna os príncipes Kuru habilidosos com armas. Reverenciado pelos Kurus, desfruta com o coração contente de toda a comodidade até te saciares em sua residência. Tu és o senhor absoluto, ó brâmane, de toda a riqueza que os Kurus têm e de sua soberania e reino! Os

Kurus são teus (deste dia em diante). Considera como já realizado aquilo que possa estar no teu coração. Tu és, ó brâmane, obtido por nós como o fruto da nossa sorte grandiosa. De fato, a bênção que tu conferes a mim por tua chegada é grandiosa.'

134

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim reverenciado por Bhishma, Drona, aquele principal dos homens, dotado de grande energia, tomou residência na casa dos Kurus e continuou a viver lá, recebendo as adorações deles. Depois que ele tinha descansado por algum tempo Bhishma, levando consigo seus netos, os príncipes Kaurava, os entregou a ele como pupilos, fazendo ao mesmo tempo muitos presentes valiosos. E o poderoso (Bhishma) também alegremente deu ao filho de Bharadwaja uma casa arrumada e maravilhosa e cheia de arroz e todo tipo de riqueza. E aquele principal dos arqueiros, Drona, então alegremente aceitou os Kauravas, os filhos de Pandu e Dhritarashtra, como seus pupilos. E tendo aceitado todos eles como seus pupilos, um dia Drona os chamou à parte e, fazendo-os tocarem seus pés, disse com o coração pesado, 'Eu tenho em meu coração um propósito específico. Prometam-me realmente, ó impecáveis, que quando vocês se tornarem hábeis em armas vocês o realizarão.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras os príncipes Kuru permaneceram silenciosos. Exceto Arjuna, ó rei, que jurou realizá-lo, o que quer que fosse. Drona então alegremente abraçou Arjuna em seu peito e cheirou sua cabeça repetidamente, derramando lágrimas de alegria o tempo todo. Então Drona dotado de grande destreza ensinou aos filhos de Pandu (o uso de) muitas armas celestes e humanas. E, ó touro da raça Bharata, muitos outros príncipes também afluíram para aquele melhor dos brâmanes para instrução em armas. Os Vrishnis e os Andhakas, e príncipes de várias terras, e o filho (adotivo) de Radha da casta Suta, (Karna), todos se tornaram pupilos de Drona. Mas entre todos eles, o filho de Suta, Karna, por ciúmes, frequentemente se opunha a Arjuna, e, auxiliado por Duryodhana, costumava desrespeitar os Pandavas. Arjuna, no entanto, por dedicação à ciência de armas, sempre ficava ao lado de seu preceptor, e em habilidade, força de braços, e perseverança, superava a todos (os seus colegas de classe). De fato, embora a instrução que o preceptor dava fosse a mesma para todos, ainda assim em leveza e habilidade Arjuna tornou-se o principal de todos os seus pupilos. E Drona estava convencido de que nenhum de seus pupilos seria capaz (em qualquer tempo) de se igualar àquele filho de Indra.

Assim Drona continuou a dar aulas aos príncipes na ciência de armas. E enquanto ele dava a todos os seus pupilos um recipiente com boca estreita (para buscar água) de modo que muito tempo fosse gasto enchendo-os, ele dava para seu próprio filho Aswatthaman um recipiente de boca larga, para que, enchendo-o

rapidamente, ele voltasse logo. E nos intervalos assim ganhos Drona costumava instruir seu próprio filho em vários métodos superiores (de usar armas). Jishnu (Arjuna), veio a saber disso, e então enchendo seu recipiente de boca estreita com água através da arma Varuna ele costumava ir ao seu preceptor ao mesmo tempo que o filho dele. E consequentemente o filho inteligente de Pritha, o principal de todos os homens possuidores do conhecimento de armas, não tinha inferioridade ao filho de seu preceptor em relação à excelência. A dedicação de Arjuna ao serviço ao seu preceptor como também às armas era muito grande e ele logo virou o favorito do professor. E Drona, vendo a dedicação do pupilo às armas, convocou o cozinheiro, e disse a ele em segredo, 'Nunca dês comida a Arjuna no escuro, nem digas a ele o que eu te disse.' Poucos dias depois, no entanto, quando Arjuna estava se alimentando, um vento surgiu, e então a lâmpada que estava queimando se apagou. Mas Arjuna, dotado de energia, continuou a comer no escuro, sua mão, como de hábito, indo à boca. Sua atenção foi assim chamada para a força do hábito, e o filho de braços fortes de Pandu decidiu praticar com seu arco durante a noite. E, ó Bharata, Drona, ouvindo a vibração da corda do arco dele durante a noite, foi até ele e abraçando-o disse, 'Realmente eu te digo que eu farei com que não haja um arqueiro igual a ti neste mundo.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disso Drona começou a ensinar a Arjuna a arte da luta a cavalo, nas costas de elefantes, em carros, e no chão. E o poderoso Drona também instruiu Arjuna em luta com a maça, a espada, a lança, o arpão, e o dardo. E ele também o instruiu na utilização de muitas armas e para lutar com muitos homens ao mesmo tempo. E, ouvindo os relatos de sua habilidade, reis e príncipes, desejosos de aprender a ciência de armas, afluíam a Drona aos milhares. Entre aqueles que foram lá, ó monarca, estava um príncipe de nome Ekalavya, que era o filho de Hiranyadhanus, o rei dos Nishadas (a mais baixa das classes misturadas). Drona, no entanto, conhecedor de todas as regras de moralidade, não aceitou o príncipe como seu pupilo no tiro de arco, vendo que ele era um Nishada que poderia (com o tempo) superar a todos os seus pupilos de nascimento elevado. Mas, ó opressor de todos os inimigos, o príncipe Nishada, tocando os pés de Drona com a cabeça, refez seu caminho para a floresta, e lá ele fez uma imagem de argila de Drona, e começou a cultuá-la respeitosamente como se fosse seu preceptor real, e praticou com armas perante ela com a mais rígida regularidade. Por causa da sua reverência excepcional ao seu preceptor e sua dedicação ao seu propósito, todos os três processos de fixar flechas na corda do arco, pontaria e disparo se tornaram muito fáceis para ele.

E um dia, ó destruidor de inimigos, os príncipes Kuru e os Pandavas, com a permissão de Drona, saíram em seus carros em uma excursão de caça. Um empregado, ó rei, seguiu o grupo em lazer, com os instrumentos usuais e um cachorro. Tendo chegado às florestas eles vagaram por lá, atentos ao propósito que tinham em vista. Enquanto isso, o cachorro também, ao vagar só nas florestas, encontrou o príncipe Nishada (Ekalavya). E vendo o Nishada de cor escura, com sujeira no corpo, vestido de cor preta e com cabelos emaranhados na cabeça, o cachorro começou a latir alto.

Então o príncipe Nishada, desejoso de exibir sua leveza de mão, enviou sete flechas à sua boca (antes que ele pudesse fechá-la). O cachorro, assim perfurado por sete flechas voltou aos Pandavas. Aqueles heróis ao verem aquilo se admiraram, e, envergonhados da própria habilidade, começaram a elogiar a leveza de mão e precisão de pontaria e audição (mostradas pelo arqueiro desconhecido). E eles começaram a procurar naquelas florestas pelo habitante desconhecido que tinha mostrado tal habilidade. E, ó rei, os Pandavas logo descobriram o objetivo de sua busca incessantemente atirando flechas do arco. E vendo aquele homem de aparência lúgubre, que era totalmente desconhecido para eles, eles perguntaram, 'Quem tu és e de quem és filho?' Assim questionado, o homem respondeu, 'Ó heróis, eu sou o filho de Hiranyadhanus, rei dos Nishadas. Saibam que eu também sou um pupilo de Drona, trabalhando para o domínio da arte das armas'.

Vaisampayana continuou, ‘Os Pandavas então, tendo conhecido tudo sobre ele, voltaram (à cidade), e indo até Drona, falaram a ele daquela façanha notável de tiro de arco que eles tinham testemunhado nas florestas. Arjuna especialmente, pensando a todo momento, ó rei, em Ekalavya, viu Drona em particular e confiando na afeição de seu preceptor por ele, disse, 'Tu carinhosamente me disseste, me abraçando em teu peito, que nenhum pupilo teu poderia estar à minha altura. Por que então há um pupilo teu, o poderoso filho do rei Nishada, superior a mim?’

Vaisampayana continuou, 'Ao ouvir essas palavras Drona refletiu por um momento, e resolvendo sobre a atitude que deveria tomar levou Arjuna consigo e foi até o príncipe Nishada. E ele viu Ekalavya com o corpo coberto de sujeira, com cabelos emaranhados (na cabeça), vestido em trapos, portando um arco na mão e incessantemente atirando flechas com ele. E quando Ekalavya viu Drona se aproximando em sua direção ele deu uns poucos passos na direção dele, e tocou seus pés e prostrou-se no chão. E o filho do rei Nishada reverenciando Drona devidamente apresentou-se como seu pupilo, e apertando suas mãos com reverência ficou perante ele (esperando as suas ordens). Então Drona, ó rei, se dirigiu a Ekalavya, dizendo, 'Se, ó herói, tu és realmente meu pupilo, dá-me então a minha gratificação.' Ao ouvir essas palavras Ekalavya ficou muito satisfeito, e disse em resposta, 'Ó ilustre preceptor, o que eu devo dar? Ordena-me, pois não há nada, ó principal de todas as pessoas conhecedoras dos Vedas, que eu não possa dar ao meu preceptor.' Drona respondeu, 'Ó Ekalavya, se tu realmente queres me fazer um presente, eu gostaria então de ter o polegar da tua mão direita.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras cruéis de Drona, que tinha lhe pedido o polegar como taxa de instrução, Ekalavya, sempre dedicado à verdade e desejoso também de manter sua promessa, com o rosto alegre e o coração tranquilo cortou sem dificuldade seu polegar, e o deu para Drona. Depois disso, quando o príncipe Nishada começou mais uma vez a atirar com a ajuda de seus dedos restantes, ele descobriu, ó rei, que tinha perdido sua antiga leveza de mão. E nisso Arjuna ficou feliz, e a febre (do ciúmes) o deixou.

Dois dos pupilos de Drona se tornaram muito talentosos no uso da maça. Eles eram Duryodhana e Bhima, que eram, no entanto, sempre ciumentos um do outro. Aswatthaman superava a todos (nos mistérios da ciência de armas). Os gêmeos (Nakula e Sahadeva) superavam a todos em se tratando da espada. Yudhishthira superava a todos como um guerreiro em carro, mas Arjuna, no entanto, deixou para trás todos eles em todas as circunstâncias, em inteligência, desembaraço, força e perseverança. Habilidoso com todas as armas, Arjuna tornou-se o mais notável mesmo dentre os principais guerreiros em carros, e a sua fama se espalhou por toda a terra até a costa. E, embora a instrução fosse a mesma, o poderoso Arjuna sobrepujava a todos (os príncipes em agilidade de mão). De fato, tanto em armas quanto em dedicação ao seu preceptor ele se tornou o principal deles todos. E dentre todos os príncipes só Arjuna se tornou um Atiratha (um guerreiro em carro capaz de lutar de uma vez só com sessenta mil inimigos). E os perversos filhos de Dhritarashtra, vendo Bhimasena dotado de grande força e Arjuna talentoso com todas as armas, ficaram com muitos ciúmes deles.

Ó touro entre homens, um dia Drona, desejoso de testar a comparativa excelência de todos os seus pupilos no uso de armas, reuniu-os todos depois que sua educação estava terminada. E antes de reuni-los ele tinha feito uma ave artificial, como alvo, colocada no topo de uma árvore vizinha. E quando eles estavam todos juntos, Drona lhes disse, 'Peguem seus arcos rapidamente e fiquem aqui apontando para aquela ave na árvore, com as flechas fixadas na corda de seus arcos, disparem e cortem a cabeça da ave, logo que eu der a ordem. Eu darei a cada um de vocês uma oportunidade, um a um, meus filhos.'

Vaisampayana continuou, 'Então Drona, aquele principal de todos os filhos de Angira, primeiro se dirigiu a Yudhishthira e disse, ‘Ó irreprimível, mira com tua flecha e dispara logo que eu der a ordem.’ Yudhishthira pegou o arco primeiro, como desejava, ó rei, seu preceptor, e ficou apontando para o pássaro. Mas, ó touro da raça Bharata, Drona, em um instante, dirigindo-se ao príncipe Kuru posicionado com o arco na mão, disse, 'Vê, ó príncipe, a ave sobre a árvore.' Yudhishthira respondeu ao seu preceptor, dizendo, 'Eu vejo.' Mas em seguida Drona perguntou novamente a ele, 'O que vês agora, ó príncipe? Vês a árvore, a mim mesmo ou teus irmãos?' Yudhishthira respondeu, 'Eu vejo a árvore, a mim mesmo, meus irmãos, e a ave.' Drona repetiu a pergunta, mas ela foi respondida muitas vezes nas mesmas palavras. Drona então, irritado com Yudhishthira, em repreensão disse, 'Fica de lado. Não é para tu atingires o alvo.' Então Drona repetiu o experimento com Duryodhana e os outros filhos de Dhritarashtra, um depois do outro, como também com seus outros pupilos, Bhima e o restante, incluindo os príncipes que tinham vindo de outras terras. Mas a resposta em todos os casos era a mesma que a de Yudhishthira, 'Nós vemos a árvore, a ti mesmo, nossos colegas de classe, e a ave.' E, repreendidos pelo preceptor, eles receberam ordem, um depois do outro, de ficar de lado.'

135

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando todo mundo tinha fracassado, Drona sorrindo chamou Arjuna e disse a ele, 'Por ti o alvo deve ser atingido, portanto, volta os teus olhos para ele. Tu deves disparar a flecha logo que eu der a ordem. Portanto, ó filho, fica aqui com o arco e a flecha por um instante.' Assim abordado, Arjuna ficou mirando a ave como desejado por seu preceptor, com o arco retesado. Um instante depois Drona o questionou como no caso dos outros, 'Tu vês, ó Arjuna, a ave lá, a árvore, e a mim mesmo?' Arjuna respondeu, 'Eu vejo somente a ave, mas nem a árvore, nem a ti mesmo.' Então o irreprimível Drona, bem satisfeito com Arjuna, um instante depois, outra vez disse àquele poderoso guerreiro em carro entre os Pandavas, 'Se tu viste o urubu, então o descreve para mim.' Arjuna disse, ‘Eu vejo só a cabeça do urubu, não o corpo.' A essas palavras de Arjuna os pelos (do corpo de Drona) se arrepiaram de prazer. Ele então disse a Partha, 'Atira' e o último imediatamente deixou voar (sua flecha afiada) e com ela cortou rapidamente a cabeça do urubu na árvore e a derrubou no solo. Logo que o ato estava feito Drona abraçou Phalguna em seu peito, e considerou Drupada com seus amigos como já vencidos em batalha.

Algum tempo depois, ó touro da raça Bharata, Drona, acompanhado por todos os seus pupilos, foi à margem do Ganges para se banhar naquele rio sagrado. E quando Drona tinha mergulhado no rio um jacaré forte, enviado como era pela própria Morte, o agarrou pela coxa. E embora ele fosse bastante capaz, Drona aparentando pressa pediu ao seu pupilo para salvá-lo. E ele disse, 'Ó, mata este monstro e me resgata.' Ao mesmo tempo em que aquelas palavras eram faladas Vibhatsu (Arjuna) atingiu o monstro dentro da água com cinco flechas afiadas irresistíveis em seu curso, enquanto os outros pupilos permaneciam confusos, cada um em seu lugar. Vendo a presteza de Arjuna, Drona o considerou o principal de todos os seus pupilos, e ficou muito satisfeito. O monstro, ao ser cortado em pedaços pelas flechas de Arjuna, soltou a coxa do ilustre Drona e abandonou o corpo. O filho de Bharadwaja então dirigiu-se ao ilustre e poderoso guerreiro em carro Arjuna e disse, 'Aceita, ó tu de braços poderosos, esta arma muito superior e irresistível chamada Brahmasira com os métodos de arremessá-la e chamá-la de volta. Tu não deves, no entanto, usá-la contra um inimigo humano, porque se for lançada em algum inimigo de energia inferior ela pode queimar o universo inteiro. É dito, ó filho, que esta arma não tem rival nos três mundos. Mantém-na, portanto, com grande cuidado, e escuta o que eu digo. Se, ó herói, qualquer inimigo não humano lutar contra ti, tu então poderás usá-la contra ele para conseguir sua morte em batalha.' Prometendo fazer o que lhe estava sendo pedido, Vibhatsu então, com as mãos unidas, recebeu aquela arma grandiosa.

O preceptor então, dirigindo-se a ele outra vez, disse, 'Ninguém mais neste mundo se tornará um arqueiro superior a ti. Tu nunca serás vencido por nenhum inimigo, e as tuas realizações serão grandiosas.'

136

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó tu da linhagem de Bharata, vendo os filhos de Dhritarashtra e Pandu habilidosos com armas, Drona, ó monarca, dirigiu-se ao rei Dhritarashtra na presença de Kripa, Somadatta, Valhika, e do sábio filho de Gangâ (Bhishma), Vyasa e Vidura, e disse, 'Ó melhor dos reis Kuru, teus filhos completaram sua educação. Com a tua permissão, ó rei, que eles agora mostrem sua competência.' Ouvindo-o o rei disse com o coração alegre, 'Ó melhor dos brâmanes, tu, de fato, conseguiste um grande feito. Instrui-me quanto ao lugar e a hora, onde e quando e também a maneira pela qual o processo pode ser realizado. A tristeza resultante da minha própria cegueira me faz invejar aqueles que, abençoados com visão, verão a destreza dos meus filhos com armas. Ó Kshatri (Vidura), faze tudo o que Drona disser. Ó tu dedicado à virtude, eu acho que nada poderia ser mais agradável para mim.' Então Vidura, dando as garantias necessárias ao rei, saiu para fazer o que lhe havia sido pedido. E Drona dotado de grande sabedoria então mediu um trecho de terra que era desprovido de árvores e matas e provido de fontes e poços. E após o local ter sido assim medido Drona, o principal dos homens eloquentes, escolhendo um dia lunar quando a estrela ascendente era auspiciosa, ofereceu um sacrifício aos deuses na presença dos cidadãos reunidos por proclamação para testemunhar o mesmo. E então, ó touro entre homens, os artífices do rei lá construíram um tablado grande e elegante de acordo com as regras das escrituras, que era equipado com todas as espécies de armas. Eles também construíram outra sala elegante para as senhoras expectadoras. E os cidadãos construíram muitas plataformas enquanto os mais ricos deles armaram muitas tendas espaçosas e altas por toda parte.

Quando o dia fixado para o torneio chegou, o rei acompanhado por seus ministros, com Bhishma e Kripa, com o principal dos preceptores caminhando adiante, foi àquele teatro de beleza quase celeste construído de ouro puro, e decorado com cordões de pérolas e pedras de lápis lazúli. E, ó principal dos homens vitoriosos, Gandhari abençoada com boa sorte e Kunti, e as outras senhoras da casa real, em magníficos trajes e acompanhadas por suas servas, subiram alegremente nas plataformas, como damas celestes subindo a montanha Sumeru. E as quatro classes, inclusive brâmanes e kshatriyas, desejosos de ver a habilidade dos príncipes com armas, deixaram a cidade e foram correndo ao local. E todos estavam tão impacientes para contemplar o espetáculo que uma vasta multidão lá se reuniu quase em um instante. E com o sons de trombetas e baterias e o barulho de muitas vozes aquela vasta multidão parecia um oceano agitado.

Finalmente, Drona acompanhado por seu filho, vestido em (traje) branco, com fios sagrados brancos, cabelos brancos, barba branca, guirlandas brancas, e pasta branca de sândalo espalhada por seu corpo, entrou na arena. Parecia que a própria Lua acompanhada pelo planeta Marte tinha aparecido em um céu sem nuvens. Ao entrar Bharadwaja realizou o culto oportuno e fez brâmanes versados em mantras celebrarem os ritos propícios. E depois que instrumentos musicais auspiciosos e de som doce tinham sido tocados como uma cerimônia propiciatória, algumas pessoas entraram, equipadas com várias armas. E então, se preparando, aqueles guerreiros poderosos, os principais da linhagem Bharata, entraram, munidos de protetores de dedos (manoplas), e arcos, e aljavas. E com Yudhishthira encabeçando-os, os príncipes valentes entraram em ordem de idade e começaram a exibição de habilidade extraordinária com suas armas. Alguns dos espectadores abaixaram as cabeças, receando a queda de flechas enquanto outros sem medo olhavam fixamente maravilhados. E montando rapidamente sobre cavalos e controlando-os habilmente os príncipes começaram a atingir alvos com flechas gravadas com seus respectivos nomes. E vendo a destreza dos príncipes armados com arco e flechas os espectadores pensaram que estavam vendo a cidade dos gandharvas, e se encheram de perplexidade. E, ó Bharata, todos repentinamente, centenas e milhares, com olhos arregalados de admiração, exclamavam, 'Muito bem! Muito bem!' E tendo repetidamente mostrado a sua habilidade e destreza no uso de arcos e flechas e na condução de carros, os guerreiros poderosos ergueram suas espadas e escudos, e começaram a percorrer a arena lançando suas armas. Os espectadores viram (perplexos) sua agilidade, a simetria de seus corpos, sua graça, sua tranquilidade, a firmeza de sua força e sua destreza no uso de espada e escudo. Então Vrikodara e Suyodhana, interiormente encantados (pela probabilidade de lutar), entraram na arena, com maças nas mãos, como duas montanhas de um só pico. E aqueles poderosos guerreiros colocaram suas proteções, e convocando toda a sua energia rugiram como dois elefantes enfurecidos disputando uma elefanta, e como dois elefantes enfurecidos aqueles heróis poderosos impecavelmente (em consonância com os ditames da ciência de armas) moveram-se com velocidade para a direita e para a esquerda, circulando a arena. E Vidura descreveu para Dhritarashtra e a mãe dos Pandavas (Kunti) e Gandhari todas as façanhas dos príncipes.'

137

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Após o rei Kuru e Bhima, os principais de todos os dotados de força, terem entrado na arena, os espectadores se dividiram em dois partidos por causa da preferência oscilante de sua simpatia. Alguns gritavam, 'Vejam o heroico rei dos Kurus!', alguns: 'Vejam Bhima!' E por causa desses gritos houve, de repente, um grande barulho. E vendo o lugar se tornar como um oceano desordenado, o inteligente Bharadwaja disse ao seu querido filho Aswatthaman,

'Impeça estes guerreiros poderosos tão competentes com armas. Que a fúria da multidão não seja provocada pelo combate entre Bhima e Duryodhana.'

Vaisampayana continuou, 'Então o filho do preceptor dos príncipes reprimiu aqueles combatentes que estavam com suas maças erguidas e parecendo dois oceanos cheios agitados pelos ventos que sopram na dissolução universal. E o próprio Drona entrando na área da arena mandou os músicos pararem, e com uma voz profunda como a das nuvens falou estas palavras, ‘Vejam agora Partha que é mais amado por mim do que o meu próprio filho, o mestre de todas as armas, o filho do próprio Indra, e semelhante ao irmão mais novo de Indra, (Vishnu)!’ E, tendo realizado os ritos propiciatórios, o jovem Phalguna, equipado com um protetor de dedos (manopla) e com sua aljava cheia de flechas e arco na mão, usando sua armadura dourada, apareceu na arena como uma nuvem ao anoitecer refletindo os raios do sol se pondo e iluminada pelas cores do arco-íris e relâmpagos.

Ao ver Arjuna, toda a multidão ficou encantada e conchas começaram a ser sopradas com outros instrumentos musicais. E se elevou um grande tumulto pois os espectadores exclamavam, 'Este é o gracioso filho de Kunti!', 'Este é o Pandava do meio (o terceiro)!', 'Este é o filho do poderoso Indra!', 'Este é o protetor dos Kurus', 'Este é o principal dentre os versados em armas!', 'Este é o principal de todos os que estimam a virtude!', 'Este é o principal dos seres de comportamento correto, o grande repositório do conhecimento de boas maneiras!' A essas exclamações as lágrimas de Kunti, misturadas com o leite de seu peito, molharam seu colo. E, seus ouvidos estando cheios daquele tumulto, aquele mais importante dos homens, Dhritarashtra, perguntou a Vidura com prazer, 'Ó Kshatri, porque este grande tumulto, como o de um oceano agitado, ergueu-se de todos tão de repente e rasga os céus?' Vidura respondeu, 'Ó monarca poderoso, o filho de Pandu e Pritha, Phalguna, vestido com sua armadura, entrou na arena. E daí esse tumulto!' Dhritarashtra disse, 'Ó tu de alma tão grande, pelos três fogos nascidos de Pritha que é assim como o combustível sagrado eu tenho, de fato, sido abençoado, favorecido e protegido!'

Vaisampayana continuou, 'Quando os espectadores, excitados com prazer, haviam recuperado um pouco da sua equanimidade, Vibhatsu começou a mostrar sua habilidade no uso de armas. Pela arma Agneya ele criou fogo, e pela arma Varuna ele criou água, pela arma Vayavya ele criou ar, e pela arma Parjanya ele criou nuvens. E pela arma Bhauma ele criou terra, e pela arma Parvatya ele trouxe montanhas à existência. Pela arma Antardhana tudo aquilo desapareceu. Ora o amado de seu preceptor (Arjuna) parecia alto e ora baixo, ora ele era visto no jugo de seu carro, ora sobre o próprio carro, e no momento seguinte ele estava sobre o chão. E o herói favorecido por sua destreza experiente acertou vários alvos, alguns macios, alguns leves e alguns de composição grossa. E como se fossem uma só ele fez voar, com seu arco, à boca de um javali de ferro, cinco flechas ao mesmo tempo. E aquele herói de energia poderosa atirou vinte e uma flechas no buraco de um chifre de vaca pendurado em uma corda oscilando para frente e para trás. Dessa maneira, ó impecável, Arjuna mostrou sua habilidade profunda no uso da espada, arco, e maças, andando pela arena em círculos.

E, ó Bharata, quando a exibição tinha praticamente terminado, a excitação dos espectadores tinha esfriado, e os sons dos instrumentos tinham desaparecido, foi ouvido vindo do portão o bater de braços, exprimindo poder e força, e semelhante ao ribombo do trovão. E, ó rei, logo que aquele som foi ouvido a multidão imediatamente pensou, ‘São as montanhas se rompendo ou a própria terra se partindo em pedaços, ou é o firmamento ressoando com o rugido da reunião de nuvens?’ E então todos os espectadores olharam para o portão. E Drona ficou em pé, cercado pelos cinco irmãos e os filhos de Pritha, e parecia a lua em conjunção com a constelação Hasta de cinco estrelas. E Duryodhana, aquele matador de inimigos, levantou depressa e foi cercado por seus cem irmãos soberbos com Aswatthaman entre eles. E aquele príncipe, com maça na mão, assim cercado por seus cem irmãos com armas erguidas, parecia Purandara nos tempos antigos, cercado pela multidão celeste na ocasião da batalha com os Danavas.'

138

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Quando os espectadores, com olhos arregalados de admiração, abriram caminho para aquele subjugador de cidades hostis, Karna, aquele herói com sua armadura natural e brincos, ergueu seu arco e sua espada, e então entrou na arena espaçosa, como um penhasco caminhante. Aquele famoso destruidor de multidões hostis, Karna de olhos grandes, nasceu de Pritha em sua juventude. Ele era uma porção Sol de raios quentes e sua energia e bravura eram como as do leão, ou do touro, ou do líder de uma manada de elefantes. Em esplendor ele parecia o Sol, em encanto a Lua, e em energia o fogo. Gerado pelo próprio Sol, ele era alto como uma palmeira dourada, e, dotado do vigor da juventude, ele era capaz de matar um leão. De aspecto belo, ele era possuidor de inúmeros talentos. O guerreiro poderosamente armado, olhando em volta da arena, curvou-se indiferentemente a Drona e Kripa. E a assembleia inteira, imóvel e com olhar fixo, pensava, 'Quem é ele?' E eles se agitaram em sua curiosidade de conhecer o guerreiro. E aquele principal dos homens eloquentes, o filho do Sol, em um voz profunda como a das nuvens dirigiu-se ao seu irmão desconhecido, o filho do subjugador do asura Paka (Indra), dizendo, 'Ó Partha, eu realizarei façanhas perante o olhar desta multidão que superarão a todas as que tu realizaste! Vendo-as, tu ficarás pasmo.' E, ó tu melhor dentre os abençoados com voz, ele mal tinha dito isso quando os espectadores ficaram de pé todos de uma vez, como se fossem erguidos por algum instrumento. E, ó tigre entre homens, Duryodhana estava cheio de prazer, enquanto Vibhatsu ficou imediatamente envergonhado e enfurecido. Então, com a permissão de Drona, o poderoso Karna, que se deleitava em lutar, fez tudo o que Partha tinha feito antes. E, ó Bharata, Duryodhana com seus irmãos abraçaram Karna em alegria e então disseram a ele, 'Bem-vindo, ó guerreiro poderosamente armado! Eu te obtive por boa sorte, ó educado! Vive como te agradar, e comanda-me, e ao reino dos

Kurus.' Kama respondeu, 'Quando dizes isso, eu o considero já realizado. Eu só anseio pela tua amizade. E, ó senhor, meu desejo é um duelo com Arjuna.' Duryodhana disse, 'Tu e eu desfrutaremos das coisas boas da vida! Sê o benfeitor do teu amigo, e, ó repressor de inimigos, põe teus pés sobre as cabeças de todos os inimigos.'

Vaisampayana continuou, 'Arjuna, depois disso, julgando-se desonrado, disse a Karna que estava entre os irmãos como um penhasco, 'O caminho que um intruso inoportuno e que o não-convidado falador tomam será teu, ó Karna, por isso tu serás morto por mim.' Karna respondeu, 'Esta arena está destinada a todos, não só para ti, ó Phalguna! Eles são reis que são superiores em energia, e em verdade o kshatriya respeita poder e só o poder. Qual a necessidade de discussão que é o exercício dos fracos? Ó Bharata, fala então com flechas até que com flechas eu corte a tua cabeça hoje perante o próprio preceptor!'

Vaisampayana continuou, 'Rapidamente abraçado por seus irmãos, Partha, o subjugador de cidades hostis, com a permissão de Drona, avançou para o combate. No outro lado, Karna, tendo sido abraçado por Duryodhana com seus irmãos, ergueu seu arco e flechas, pronto para a luta. Então o firmamento se envolveu em nuvens que emitiam relâmpagos, e o arco colorido de Indra apareceu derramando seus raios refulgentes. E as nuvens pareciam rir por causa do barulho das fileiras de garças brancas que estavam então a voar. E, vendo Indra assim olhando a arena com afeto (por seu filho), o sol também dispersou as nuvens de cima do seu próprio filho. E Phalguna permaneceu profundamente escondido sob o abrigo das nuvens, enquanto Karna permaneceu visível, sendo cercado pelos raios do sol. E os filhos de Dhritarashtra estavam do lado de Karna, e Bharadwaja e Kripa e Bhishma permaneceram com Partha. E a multidão estava dividida, como também as mulheres espectadoras. E ao saber o estado das coisas, Kunti, a filha de Bhoja, desmaiou. E pela ajuda de atendentes femininas, Vidura, versado no conhecimento de todos os deveres, reanimou a desmaiada Kunti por borrifar pasta de sândalo e água sobre o seu corpo. Ao retomar a consciência, Kunti, vendo seus dois filhos vestidos em armaduras, foi tomada pelo medo, mas ela não podia fazer nada (para protegê-los). E vendo ambos os guerreiros com arcos nas mãos o filho de Saradwat, Kripa, conhecendo todos os deveres e regras relativas aos duelos, dirigiu-se a Karna, dizendo: 'Este Pandava, que é o filho mais novo de Kunti, pertence à linhagem Kaurava, ele se envolverá em combate contigo. Mas, ó poderosamente armado, tu também deves nos dizer a tua linhagem e os nomes de teu pai e mãe, e a linha real da qual tu vens. Sabendo tudo isso Partha lutará contigo ou não (como ele achar adequado). Filhos de reis nunca lutam com homens de linhagens inferiores.'

Vaisampayana continuou, 'Quando ele foi assim abordado por Kripa, o rosto de Karna ficou como um lótus pálido e úmido com o tamborilar das chuvas na estação chuvosa. Duryodhana disse, 'Ó preceptor, em verdade as escrituras dizem que três classes de pessoas podem reivindicar realeza, pessoas de sangue real, heróis, e por fim, aqueles que lideram exércitos. Se Phalguna está relutante em lutar com alguém que não é um rei, eu instalarei Karna como rei de Anga.'

Vaisampayana disse, 'Naquele mesmo momento, sentado em um assento dourado, com arroz crestado e com flores e vasos de água e muito ouro, o poderoso guerreiro Karna foi instalado como rei por brâmanes versados em mantras. E o guarda-sol real foi erguido sobre a sua cabeça, enquanto caudas de iaque ondulavam em volta daquele herói formidável de modos elegantes. E os aplausos tendo cessado, o rei (Karna) disse ao Kaurava Duryodhana, 'Ó tigre entre monarcas, o que eu darei a ti que possa se comparar com o teu presente de um reino? Ó rei, eu farei tudo o que pedires!' E Suyodhana disse a ele, 'Eu desejo avidamente a tua amizade.' Karna respondeu, 'Que assim seja.' E eles abraçaram um ao outro em alegria, e sentiram grande felicidade.'

139

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois disso, com sua veste folgadamente pendurada, Adhiratha entrou na arena, transpirando e tremendo, e se apoiando em uma bengala.

Vendo-o Karna deixou seu arco e impelido por respeito filial curvou a cabeça ainda molhada com a água da posse. E então o cocheiro, rapidamente cobrindo os pés com a ponta de sua veste, se dirigiu a Karna coroado com sucesso como seu filho. E o cocheiro abraçou Karna e por afeição molhou sua cabeça com lágrimas, aquela cabeça ainda molhada com a água borrifada sobre ela por causa da coroação como rei de Anga. Vendo o auriga, o Pandava Bhimasena tomou Karna como o filho de um cocheiro, e disse com escárnio, 'Ó filho de um cocheiro, tu não mereces a morte em luta nas mãos de Partha. Como condiz com a tua raça toma sem demora o chicote. E, ó pior dos mortais, certamente tu não és digno de governar o reino de Anga, assim como um cachorro não merece a manteiga colocada perante o fogo sacrifical.' Karna, assim abordado, com os lábios tremendo levemente deu um suspiro profundo, e olhou para o Deus do dia nos céus. E assim como um elefante louco se ergue de um grupo de lótus, o poderoso Duryodhana se levantou em fúria dentre seus irmãos, e se dirigiu àquele feitor de atos terríveis, Bhimasena, lá presente, 'Ó Vrikodara, não cabe a ti falar essas palavras. O poder é a principal virtude de um kshatriya, e mesmo um kshatriya de nascimento inferior merece que lutem com ele. A linhagem de heróis, como as fontes de um nobre rio, é sempre desconhecida. O fogo que cobre todo o mundo se ergue das águas. O raio que matou os Danavas foi feito de um osso de (um mortal chamado) Dadhichi. O deus ilustre Guha, que associa em sua composição as porções de todas as outras divindades, é de uma linhagem desconhecida. Alguns o chamam de filho de Agni, alguns, de Krittika, alguns, de Rudra, e alguns de Gangâ. É sabido por nós que pessoas nascidas na ordem kshatriya se tornaram brâmanes. Viswamitra e outros (nascidos kshatriyas) têm alcançado o eterno Brahma. Ó principal de todos os manejadores de armas, o preceptor Drona nasceu em um vaso de água e Kripa da linhagem de Gotama surgiu de uma moita

de urzes. Seus próprios nascimentos, ó príncipes Pandavas, são conhecidos por mim. Pode uma corça dar à luz um tigre (como Karna), do esplendor do Sol, e dotado de todas as marcas propícias, e nascido também com uma armadura natural e brincos? Este príncipe entre homens merece a soberania do mundo, não só de Anga, por causa do poder de seu braço e do meu juramento de obedecê-lo em tudo. Se há alguém aqui para quem tudo o que eu fiz para Karna é intolerável, que ele então suba em sua carruagem e curve seu arco com a ajuda de seus pés.'

Vaisampayana continuou, 'Então ergueu-se um murmúrio confuso entre os espectadores aprovando o discurso de Duryodhana. O sol, no entanto, se pôs, mas o príncipe Duryodhana pegando a mão de Karna o levou para fora da arena iluminada com inúmeras lâmpadas. E, ó rei, os Pandavas também, acompanhados por Drona e Kripa e Bhishma, voltaram para suas residências. E as pessoas, também, foram embora, alguns citando Arjuna, alguns Karna, e alguns Duryodhana (como o vencedor do dia). E Kunti, reconhecendo seu filho em Karna pelas várias marcas auspiciosas no corpo dele e vendo-o instalado na soberania de Anga, estava, por afeto materno, muito satisfeita. E Duryodhana, ó monarca, tendo obtido Karna (desse modo), baniu seus medos que provinham da competência de Arjuna com armas. E o heroico Karna, talentoso com armas, começou a agradecer Duryodhana com belas palavras, enquanto Yudhishthira estava impressionado com a crença de que não havia guerreiro sobre a terra como Karna.'

140

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Vendo os Pandavas e o filho de Dhritarashtra habilidosos com armas, Drona achou que tinha chegado a hora de exigir a taxa preceptoral. E, ó rei, reunindo seus pupilos um dia, o preceptor Drona pediu deles a taxa, dizendo, 'Apanhem Drupada, o rei de Panchala, em batalha e tragam-no para mim. Essa será a taxa mais aceitável.' Aqueles guerreiros então, respondendo, 'Assim seja', rapidamente subiram em suas carruagens, e para dar ao preceptor a taxa que ele tinha exigido partiram em marcha, acompanhados por ele. Aqueles touros entre homens, derrotando os Panchalas em seu caminho, sitiaram a capital do grande Drupada. E Duryodhana e Karna e o poderoso Yuyutsu, e Duhsasana e Vikarna e Jalasandha e Sulochana, esses e muitos outros principais dos príncipes kshatriya de grande coragem competiram uns com os outros para se tornarem os principais no ataque. E os príncipes, dirigindo carruagens de primeira classe e seguindo a cavalaria, entraram na capital hostil, e andaram pelas ruas.

Enquanto isso o rei de Panchala, vendo aquele exército poderoso e ouvindo seu clamor alto, saiu de seu palácio, acompanhado por seus irmãos. Embora o rei Yajnasena estivesse bem armado, o exército Kuru o atacou com uma chuva de flechas, proferindo seu grito de guerra. Yajnasena, no entanto, não era fácil de ser

subjugado em batalha, e se aproximando dos Kurus em sua carruagem branca ele começou a disparar suas flechas ferozes por toda parte.

Antes de a batalha começar, Arjuna, vendo o orgulho de bravura mostrado pelos príncipes, dirigiu-se ao preceptor, aquele melhor dos brâmanes, Drona, e disse, 'Nós nos esforçaremos depois que eles tiverem mostrado a sua bravura. O rei de Panchala nunca poderá ser capturado no campo de batalha por algum deles.' Tendo dito isso o impecável filho de Kunti cercado por seus irmãos esperou fora da cidade à distância de uma milha dela. Enquanto isso Drupada vendo a hoste Kuru apressou-se a atacar e lançando uma chuva de flechas afligiu terrivelmente as tropas Kuru. E tal era a sua habilidade de movimento no campo de batalha que, embora ele estivesse lutando em uma única carruagem, os Kurus por pânico supuseram que havia muitos Drupadas resistindo a eles. E as flechas violentas daquele monarca caíam rápidas por toda parte, enquanto conchas e trombetas e baterias aos milhares começaram a ser tocadas pelos Panchalas de suas casas (dando o alarme). Então ergueu-se da poderosa hoste Panchala um rugido terrível como o do leão, enquanto o som das cordas de seus arcos parecia rasgar o próprio céu. Então Duryodhana e Vikarna, Suvahu e Dirghalochana e Duhsasana ficaram furiosos, e começaram a despejar suas flechas sobre o inimigo. Mas o arqueiro poderoso, o filho de Prishata, invencível em batalha, embora muito atingido pelas flechas do inimigo, imediatamente começou, ó Bharata, a afligir as tropas hostis com grande energia. E correndo a toda velocidade sobre o campo de batalha como uma roda ardente o rei Drupada com suas flechas venceu Duryodhana e Vikarna e até o poderoso Karna e muitos outros príncipes heroicos e guerreiros incontáveis, e matou sua sede por batalha. Então todos os cidadãos despejaram sobre os Kurus vários mísseis como as nuvens despejam gotas de chuva sobre a terra. Jovens e velhos, eles todos se apressaram para a batalha, atacando os Kurus com energia. Os Kauravas, então, ó Bharata, vendo que a batalha se tornara terrível, se dividiram e fugiram lamentando em direção aos Pandavas.

Os Pandavas, ouvindo o lamento terrível da hoste derrotada, saudaram Drona com reverência e subiram em suas carruagens. Então Arjuna rapidamente pediu a Yudhishthira para não se envolver na luta, e se apressou ao ataque, nomeando os filhos de Madri (Nakula e Sahadeva) os protetores das rodas de sua carruagem, enquanto Bhimasena, sempre lutando na dianteira, com maça na mão, corria adiante. O impecável Arjuna, assim acompanhado por seus irmãos, ouvindo os gritos do inimigo avançou em direção a eles, enchendo toda a região com o estrépito das rodas de sua carruagem. E como um Makara entrando no mar, o poderosamente armado Bhima, parecendo um segundo Yama, maça na mão, entrou nas tropas Panchala, rugindo ferozmente como o oceano em uma tempestade. E Bhima primeiro avançou em direção à formação de elefantes da força hostil, enquanto Arjuna, competente em batalha, atacou aquele exército com a destreza de seus braços. E Bhima, como o próprio grande Destruidor, começou a matar aqueles elefantes com sua maça. Aqueles animais enormes, como montanhas, abatidos pela maça de Bhima, tinham suas cabeças quebradas em pedaços. Cobertos com rios de sangue, eles começaram a cair como rochedos

atingidos por raios. E os Pandavas prostraram ao solo elefantes e cavalos e carros aos milhares e mataram muitos soldados de infantaria e muitos guerreiros em carros. De fato, como um pastor nas florestas empurra à sua frente com seu bastão inúmeros bois com facilidade, assim Vrikodara empurrava diante de si as carruagens e elefantes da tropa hostil.

Enquanto isso Phalguna, impelido pelo desejo de fazer o bem para o filho de Bharadwaja, atacou o filho de Prishata com uma chuva de flechas e o derrubou do elefante no qual ele estava sentado. E, ó monarca, Arjuna, como o terrível fogo que consome todas as coisas no fim do Yuga, começou a prostrar ao chão cavalos e carros e elefantes aos milhares. Os Panchalas e os Srinjayas, por outro lado, assim atacados pelo Pandava, receberam-no com uma perfeita chuva de várias espécies de armas. E proferindo gritos altos eles lutaram desesperadamente com Arjuna. A batalha se tornou furiosa e horrível de ver. Ouvindo os gritos do inimigo o filho de Indra se encheu de cólera e atacou a hoste hostil com uma chuva grossa de flechas, e avançou em direção a ela furiosamente e a afligiu com vigor renovado. Aqueles que observavam o ilustre Arjuna naquele momento não podiam notar nenhum intervalo de tempo entre ele fixar as flechas na corda do arco e atirá-las. Altos eram os brados proferidos, misturados com gritos de aprovação. Então o rei dos Panchalas, acompanhado pelo (generalíssimo de suas tropas), Satyajit, avançou com velocidade até Arjuna como o asura Samvara avançando até o chefe dos celestiais (nos tempos antigos). Então Arjuna cobriu o rei de Panchala com uma chuva de flechas. Então ergueu-se um tumulto terrível entre a hoste Panchala parecido com o rugido de um poderoso leão pulando no líder de uma manada de elefantes. E, vendo Arjuna indo em direção ao rei de Panchala para capturá-lo, Satyajit de grande heroísmo foi até ele. E os dois guerreiros, como Indra e o asura filho de Virochana (Vali), se aproximaram um do outro para combater, e começaram a oprimir as tropas uns dos outros. Então Arjuna com grande força perfurou Satyajit com dez flechas afiadas e com tal façanha os espectadores ficaram todos assombrados. Mas Satyajit, sem perder tempo, atacou Arjuna com cem flechas. Então aquele poderoso guerreiro em carro, Arjuna, dotado de notável habilidade de movimento, assim coberto por aquela chuva de flechas, friccionou a corda de seu arco para aumentar a força e a velocidade de suas flechas. Então cortando em dois o arco do antagonista Arjuna avançou para o rei dos Panchalas, mas Satyajit, rapidamente pegando um arco mais forte, perfurou com suas flechas Partha, sua carruagem, seu quadrigário, e cavalos. Arjuna, assim atacado em batalha pelo guerreiro Panchala, não perdoou seu inimigo. Ávido para matá-lo de uma vez, ele cerrou seu punho (esquerdo) e perfurou com várias flechas os cavalos do adversário, bandeiras, arco, quadrigário, e o servidor às suas costas. Então Satyajit, vendo seus arcos repetidamente cortados em dois e seus cavalos mortos, desistiu da luta.

O rei dos Panchalas, vendo seu general assim derrotado no combate, começou ele mesmo a lançar suas flechas sobre o príncipe Pandava. Então Arjuna, o principal dos guerreiros, coroado com sucesso, começou a lutar furiosamente, e cortando rapidamente o arco do inimigo em dois como também seu mastro de sua

bandeira, o qual ele fez cair, perfurou os cavalos do oponente e também o quadrigário com cinco flechas. Então jogando de lado seu arco Arjuna pegou sua aljava, e tirando uma cimitarra e dando um grito alto ele pulou da sua própria carruagem para a do seu inimigo. E lá ficando com perfeito destemor ele agarrou Drupada como Garuda agarra uma cobra enorme depois da agitação das águas do oceano. Ao verem isso as tropas Panchala fugiram em todas as direções.

Então Dhananjaya, tendo assim mostrado o poder de seu braço na presença de ambas as hostes, deu um grito alto e saiu das fileiras Panchala. E vendo-o voltando (com seu cativo) os príncipes começaram a devastar a capital de Drupada. Dirigindo-se a eles Arjuna disse, 'Este melhor dos monarcas, Drupada, é um parente dos heróis Kuru. Portanto, ó Bhima, não mates seus soldados. Vamos dar somente para nosso preceptor a sua taxa.'

Vaisampayana continuou, 'Ó rei, assim impedido por Arjuna, o poderoso Bhimasena, embora não saciado com o exercício da batalha, se absteve de realizar o massacre. E, ó touro da raça Bharata, os príncipes então, levando Drupada com eles depois de tê-lo capturado no campo de batalha junto com seus amigos e conselheiros, o ofereceram a Drona. E Drona vendo Drupada assim sob completo controle, humilhado e desprovido de riqueza, se lembrou da antiga hostilidade daquele monarca e dirigindo-se a ele disse, 'Teu reino e capital foram devastados por mim. Mas não temas por tua vida, embora ela dependa agora da vontade do teu inimigo. Tu agora desejas reviver tua amizade (comigo)?' Tendo assim falado ele sorriu um pouco e disse novamente, 'Não temas por tua vida, rei valente! Nós, brâmanes, somos sempre generosos. E, ó touro entre os kshatriyas, meu afeto e amor por ti cresceram em mim por termos sido amigos de infância no eremitério. Portanto, ó rei, eu peço a tua amizade outra vez. E como um benefício (não pedido), eu te dou metade do reino (que era teu). Tu me disseste antes que ninguém que não fosse um rei poderia ser amigo de um rei. É por essa razão, ó Yajnasena, que eu retenho a metade do teu reino. Tu serás rei de todo o território ao sul do Bhagirathi, enquanto eu serei rei de todo o território ao norte daquele rio. E, ó Panchala, se te agradar, reconhece-me daqui por diante como teu amigo.'

Ao ouvir essas palavras Drupada respondeu, 'Tu tens uma alma nobre e grande bravura. Portanto, ó brâmane, eu não estou surpreso com o que fizeste. Eu estou muito satisfeito contigo, e eu desejo a tua eterna amizade.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disso, ó Bharata, Drona libertou o rei de Panchala, e realizando alegremente os ritos usuais de respeito, concedeu a ele a metade do reino. Desde então Drupada começou a residir tristemente na (cidade de) Kampilya dentro da província de Makandi sobre as margens do Ganges cheias de muitas vilas e cidades. E depois da derrota por Drona Drupada também governou os Panchalas do sul até a margem do rio Charmanwati. E Drupada desde daquele dia estava bem convencido de que ele, somente pela força kshatriya, não poderia derrotar Drona, sendo muito inferior em poder Brahma (espiritual). E ele, portanto, começou a vagar sobre toda a terra para descobrir os meios de obter um filho (que subjugasse o seu inimigo brâmane).

Enquanto isso Drona continuou a residir em Ahicchatra. Assim, ó rei, o território de Ahicchatra cheio de muitas cidades foi obtido por Arjuna e entregue a Drona.'

141

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Depois de ter se passado, ó rei, um ano disso, Dhritarashtra, movido por bondade por seu povo, instalou Yudhishthira, o filho de Pandu, como o herdeiro legítimo do reino por causa de sua firmeza, fortaleza, paciência, benevolência, franqueza e honestidade inabalável (de coração). E dentro de pouco tempo Yudhishthira, o filho de Kunti, por seu bom comportamento, boas maneiras e cuidadosa aplicação aos negócios eclipsou os atos de seu pai. E o segundo Pandava, Vrikodara, começou a receber contínuas aulas de Sankarshana (Valarama) em combates com a espada e a maça e sobre a carruagem. E depois que a educação de Bhima estava terminada ele se tornou em força como o próprio Dyumatsena e continuou a viver em harmonia com seus irmãos, e começou a exercer sua destreza. E Arjuna tornou-se célebre pela firmeza de sua empunhadura (de armas), por sua habilidade de movimento, precisão de pontaria, e sua competência no uso das armas Kshura, Naracha, Vala e Vipatha, de fato, em todas as armas, fossem elas retas ou curvas ou pesadas. E Drona teve certeza de que não havia ninguém no mundo que estivesse à altura de Arjuna em habilidade de mão e competência em geral.

Um dia, Drona, dirigindo-se a Arjuna perante os príncipes Kaurava reunidos, disse, 'Houve um discípulo de Agastya na ciência de armas chamado Agnivesa. Ele foi meu preceptor e eu, seu discípulo. Por mérito ascético eu obtive dele uma importante arma chamada Brahmasira que era como o próprio trovão, capaz de consumir toda a terra. Aquela arma, ó Bharata, pelo que eu fiz, pode agora passar de discípulo para discípulo. Enquanto a entregava a mim o meu preceptor disse, ‘Ó filho de Bharadwaja, tu nunca deves lançar esta arma em nenhum ser humano, especialmente em um que tenha pouca energia.’ Tu, ó herói, obtiveste esta arma celeste. Ninguém mais a merece. Mas obedece à ordem do rishi (Agnivesa). E, presta atenção, Arjuna, dá-me agora a taxa preceptoral na presença destes teus primos e parentes.' Quando Arjuna, ao ouvi-lo, deu sua palavra de que daria o que o preceptor exigisse, o último disse, 'Ó impecável, tu deves lutar comigo quando eu lutar contigo.' E aquele touro entre os príncipes Kuru então deu sua palavra para Drona e, tocando seus pés, partiu na direção norte. Então lá soou um grito alto cobrindo toda a terra limitada por seu cinturão de mares, dizendo que não havia nenhum arqueiro em todo mundo que fosse como Arjuna. E, de fato, Dhananjaya, em confrontos com maça e espada e na carruagem como também com o arco, adquiriu competência extraordinária. Sahadeva obteve toda a ciência de moralidade e deveres de (Vrihaspati), o chefe espiritual dos celestiais, e continuou a viver sob o controle de seus irmãos. E Nakula, o favorito de seus irmãos, ensinado por Drona, tornou-se conhecido como um guerreiro habilidoso e

um grande guerreiro em carro (Ati-ratha). De fato, Arjuna e os outros príncipes Pandava tornaram-se tão poderosos que eles mataram em batalha o grande Sauvira que tinha realizado um sacrifício que se estendeu por três anos, não intimidado pelas incursões dos gandharvas. E o próprio rei dos Yavanas que até o poderoso Pandu tinha fracassado em trazer sob submissão foi subjugado por Arjuna. Então também Vipula, o rei dos Sauviras, dotado de grande coragem, que sempre tinha demonstrado desconsideração pelos Kurus, sentiu a superioridade do poder do inteligente Arjuna. E Arjuna também reprimiu por meio de suas flechas (o orgulho do) rei Sumitra de Sauvira, também conhecido pelo nome de Dattamitra que tinha resolutamente procurado um confronto com ele. O terceiro dos príncipes Pandava, ajudado por Bhima, sobre um único carro subjugou todos os reis do leste apoiados por dez mil carros. Da mesma forma, tendo conquistado em um único carro todo o sul, Dhananjaya enviou para o reino dos Kurus um grande despojo.

Assim aqueles principais dos homens, os ilustres Pandavas, conquistaram os territórios de outros reis, e estenderam os limites do seu próprio reino. Mas vendo a grande coragem e força daqueles arqueiros poderosos os sentimentos do rei Dhritarashtra em relação aos Pandavas se tornaram de repente envenenados, e daquele dia em diante o monarca ficou tão ansioso que ele tinha dificuldades para dormir.'

142

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Ao saber que os heroicos filhos de Pandu dotados de energia excepcional tinham ficado tão poderosos, o rei Dhritarashtra ficou muito infeliz e ansioso. Então convocando para o seu lado Kanika, o principal dos ministros, versado na ciência de política e um perito em conselhos, o rei disse, 'Ó melhor dos brâmanes, os Pandavas estão diariamente eclipsando a terra. Eu estou muito ciumento deles. Eu devo ter paz ou guerra com eles? Ó Kanika, aconselha-me realmente, porque eu farei como tu disseres.'

Vaisampayana continuou, 'Aquele melhor dos brâmanes, assim abordado pelo rei, livremente respondeu nestas palavras aguçadas de acordo com a significação da ciência política.

'Escuta-me, ó rei impecável, enquanto eu te respondo. E, ó melhor dos reis Kuru, não cabe a ti ficar zangado comigo depois de ouvir tudo o que eu disser. Os reis devem estar sempre preparados com maças erguidas (para golpear quando necessário), e eles devem sempre aumentar sua perícia. Eles mesmos evitando cuidadosamente todos os erros, eles devem incessantemente observar os erros de seus inimigos e tirar vantagem deles. Se o rei está sempre pronto para golpear, todos o temem. Portanto o rei deve sempre recorrer à punição em tudo o que faz.

Ele deve se conduzir de tal forma que seu inimigo não possa detectar nenhum lado fraco nele. Mas por meio da fraqueza que ele detecta em seu inimigo ele deve persegui-lo (para destruí-lo). Ele deve sempre esconder, como a tartaruga escondendo seu corpo, seus meios e fins, e ele deve sempre ocultar a sua própria fraqueza da vista de outros. E tendo começado uma ação específica ele deve sempre realizá-la inteiramente. Vê, um espinho, se não extraído totalmente, produz uma ferida inflamada. A morte de um inimigo que te faz mal é sempre louvável. Se o inimigo for um de grande bravura deve-se sempre procurar a hora de seu infortúnio e então matá-lo sem nenhum escrúpulo. Se ocorrer de ele ser um grande guerreiro a hora do revés dele também deve ser procurada e ele deve então ser induzido a fugir. Ó majestade, um inimigo nunca deve ser desprezado, embora desprezível. Uma faísca de fogo é capaz de consumir uma floresta extensa somente por se espalhar de um objeto para outro nas proximidades. Reis devem às vezes fingir cegueira e surdez, pois, se impotentes para castigar, eles devem fingir não reparar nos erros que requerem castigo. Em ocasiões como essas que eles considerem seus arcos como feitos de palha. Mas eles devem estar sempre alertas como um bando de cervos dormindo nas florestas. Quando teu inimigo está em teu poder o destrói por todos meios públicos ou secretos. Não mostres nenhuma piedade, embora ele procure a tua proteção. Um inimigo ou aquele que alguma vez te injuriou deve ser destruído por gastar dinheiro, se necessário, pois por matá-lo tu poderás ficar tranquilo. Os mortos nunca podem inspirar temor. Tu deves destruir os três, cinco e sete (recursos) de teus inimigos. Tu deves destruir as raízes e ramos de teus inimigos. Então tu deves destruir seus aliados e partidários. Os aliados e partidários nunca podem existir se o principal for destruído. Se a raiz da árvore for rompida os ramos e brotos nunca poderão existir como antes. Ocultando cuidadosamente os teus próprios meios e fins tu deves sempre observar teus inimigos, sempre procurando os seus defeitos. Tu deves, ó rei, governar teu reino sempre observando ansiosamente os teus inimigos. Por manter o fogo perpétuo por sacrifícios, por roupas marrons, por cabelos emaranhados, e por peles de animais como tua roupa de cama, tu deves a princípio ganhar a confiança de teus inimigos, e quando a ganhares tu deves então saltar sobre eles como um lobo. Por isso é dito que na aquisição de riqueza mesmo o traje de santidade pode ser empregado como um bastão curvo para baixar um ramo para colher as frutas que estão maduras. O método seguido na colheita de frutas deve ser o método na destruição de inimigos, pois tu deves proceder por meio do princípio da seleção. Carrega teu inimigo sobre os teus ombros até que chegue a hora em que possas jogá-lo para baixo, quebrando-o em pedaços como um pote de barro jogado com violência sobre uma superfície pedregosa. O inimigo nunca deve ser solto mesmo que ele se dirija a ti do modo mais comovente. Tu não deves demonstrar nenhuma compaixão mas sim matá-lo imediatamente. Pelas artes de conciliação ou gastos de dinheiro o inimigo deve ser morto. Por criar desunião entre seus aliados ou pelo emprego de força, de fato, por todos os meios em teu poder tu deves destruir teu inimigo.'

Dhritarashtra disse, 'Dize-me realmente como um inimigo pode ser destruído pelas artes de conciliação ou gastos de dinheiro, ou por produzir desunião ou pelo emprego de força.'

Kanika respondeu, 'Escuta, ó monarca, à história de um chacal que morava na floresta nos tempos passados e que conhecia totalmente a ciência política. Havia um chacal sábio, atento aos seus próprios interesses e que vivia na companhia de quatro amigos, que eram: um tigre, um camundongo, um lobo e um mangusto. Um dia eles viram nas florestas um veado forte, o líder de um bando que, no entanto, eles não podiam capturar por causa de sua velocidade e força. Eles então se reuniram para debater. O chacal abrindo os procedimentos disse, 'Ó tigre, tu fizeste muitos esforços para apanhar aquele veado, mas todos em vão simplesmente porque o veado é jovem, rápido e muito inteligente. Que agora o camundongo vá e roa os pés dele quando ele estiver dormindo. E quando isso estiver feito que o tigre se aproxime e o agarre. Então todos nós nos banquetearemos com ele com grande prazer.' Ouvindo as palavras do chacal eles todos começaram a trabalhar com muita cautela como ele dissera. E o camundongo roeu os pés do veado e o tigre o matou como previsto. E vendo o corpo do veado jazendo imóvel sobre a terra o chacal disse aos seus companheiros, 'Abençoados sejam! Vão e façam suas abluções. Enquanto isso eu cuidarei do veado.' Ouvindo o que o chacal disse eles todos foram para um rio. E o chacal lá esperou, meditando profundamente sobre que ele deveria fazer. O tigre dotado de grande força voltou antes de todos ao local depois de ter realizado suas abluções. E ele viu o chacal lá mergulhado em meditação. O tigre disse, 'Por que estás assim triste, ó sábio! Tu és o principal de todos os seres inteligentes. Desfrutemos hoje por nos banquetearmos nesta carcaça.' O chacal disse, 'Ouve, ó poderoso, o que o camundongo disse. Ele disse, ‘Ó, que vergonha para a forca do rei dos animais! Este veado foi morto por mim. Pelo poder do meu braço ele hoje satisfará sua fome.’ Quando ele se gabou em tal linguagem, eu, de minha parte, não desejei tocar esta comida.' O tigre respondeu, 'Se, de fato, o camundongo disse isso, a minha razão está agora desperta. Deste dia em diante eu matarei com o poder dos meus próprios braços as criaturas da floresta e então me banquetearei em sua carne.' Tendo dito isso o tigre foi embora.

E depois que o tigre tinha deixado o local o camundongo chegou. E ao ver o camundongo o chacal dirigiu-se a ele e disse, 'Abençoado sejas, ó camundongo, mas escuta o que o mangusto disse. Ele disse, ‘A carcaça deste veado está envenenada (o tigre a tendo tocado com suas garras). Eu não comerei dela. Por outro lado, se tu, ó chacal, permitires, eu mesmo matarei o camundongo e me banquetearei dele.' Ouvindo isso o camundongo ficou alarmado e rapidamente entrou em seu buraco. E depois que o camundongo tinha ido o lobo, ó rei, chegou lá tendo realizado as suas abluções. E vendo o lobo vindo o chacal disse a ele, 'O rei dos animais está zangado contigo. É certo que o mal te alcançará. Ele é esperado aqui com sua mulher. Faze como quiseres.' Assim do lobo também, aficionado em carne animal, o chacal se livrou. E o lobo fugiu, contraindo seu corpo às mais pequenas dimensões. Foi então que o mangusto chegou. E, ó rei, o chacal, vendo-o, disse, 'Pelo poder do meu braço eu derrotei os outros que já fugiram. Luta comigo primeiro e então come desta carne como quiseres.' O mangusto respondeu, 'Quando, de fato, o tigre, o lobo, e o camundongo inteligente foram todos derrotados por ti, heróis como eles são, tu pareces ser um herói maior

ainda. Eu não desejo lutar contigo.' Assim dizendo, o mangusto também foi embora.

Kanika continuou, 'Quando todos eles assim tinham deixado o lugar, o chacal, muito satisfeito com o sucesso de sua política, comeu sozinho aquela carne. Se os reis sempre agirem desse modo eles poderão ser felizes. Assim, os tímidos por excitar seus medos, os corajosos pelas artes de conciliação, os avarentos por presentes de riqueza, e iguais e inferiores por exibição de coragem devem ser trazidos sob o teu domínio. Além disso, ó rei, que eu disse, escuta agora algo mais.'

Kanika continuou, 'Se teu filho, amigo, irmão, pai ou mesmo o preceptor espiritual se tornar teu inimigo, tu deves, se desejoso de prosperidade, matá-lo sem escrúpulos. Por meio de maldições e encantamentos, por presentes de riqueza, por veneno, ou por fraude, o inimigo deve ser morto. Eles nunca devem ser negligenciados por desdém. Se ambos os partidos são iguais e incertos do sucesso então aquele que age com diligência cresce em prosperidade. Se o próprio preceptor espiritual for vaidoso, ignorante do que deve ser feito ou deixado desfeito, e vicioso em seus hábitos, mesmo ele deve ser castigado. Se estiveres zangado, mostra-te como se não estivesses assim, falando até mesmo com um sorriso em teus lábios. Nunca reproves ninguém com indicações de raiva (em tuas palavras). E, ó Bharata, fala palavras gentis antes de golpear e mesmo enquanto estiveres golpeando! Depois de golpeares, tem pena da vítima, e te aflige por ela, e até derrama lágrimas. Consolando o teu inimigo por conciliação, por presentes de riqueza, e comportamento gentil, tu deves atingi-lo quando ele não se portar corretamente. Tu deves igualmente castigar o delinquente hediondo que vive pela prática de virtude, pois o traje de virtude simplesmente cobre seus delitos como nuvens negras cobrindo as montanhas. Tu deves queimar a casa da pessoa a quem tu punires com a morte. E tu nunca deves permitir que mendigos e ateus e ladrões morem no teu reino. Por um ataque repentino ou batalha campal, por veneno ou por corromper seus aliados, por presentes de riqueza, por quaisquer meios em teu poder tu deves destruir teu inimigo. Tu podes agir com a maior crueldade. Tu deves tornar teus dentes afiados para darem uma mordida fatal. E tu deves sempre atacar tão eficazmente que o teu inimigo não possa erguer a cabeça outra vez. Tu deves sempre temer até aqueles de quem não há nada a temer, sem falar naqueles dos quais há algo a temer. Porque se o primeiro for poderoso ele pode te destruir pela raiz (pelo teu despreparo). Tu nunca deves confiar no traiçoeiro, nem confiar demasiado no que é fiel, porque se aqueles em quem tu confias vierem a ser teus inimigos tu certamente serás aniquilado. Depois de testar sua fidelidade tu deves empregar espiões no teu próprio reino e nos reinos de outros. Teus espiões em reinos estrangeiros devem ser enganadores aptos e pessoas no traje de ascetas. Teus espiões devem estar colocados em jardins públicos, lugares de diversão, templos e outros lugares santos, salões de bebida, ruas, e com os (dezoito) tirthas (que são: o ministro, o sacerdote principal, o herdeiro legítimo, o comandante-chefe, os guardas do portão da corte, as pessoas dos aposentos internos, o carcereiro, o supervisor principal, o chefe da tesouraria, o principal executor de ordens, o chefe de polícia da cidade, o arquiteto

chefe, o chefe de justiça, o presidente do conselho, o chefe do departamento punitivo, o comandante do forte, o chefe do arsenal, o chefe dos guardas da fronteira, e o guarda das florestas), e em lugares de sacrifício, perto de poços, em montanhas e em rios, em florestas e em todos os locais onde as pessoas se reúnam. Em palavras tu deves ser sempre humilde, mas que o teu coração esteja sempre afiado como uma navalha. E mesmo quando estiveres dedicado a fazer uma ação muito cruel e terrível tu deves falar com sorrisos em teus lábios. Se desejoso de prosperidade, tu deves adotar todas as artes, humildade, juramento, conciliação. Reverenciando os pés de outros por baixar tua cabeça, inspirando esperança, e semelhantes. E, um homem conhecedor das regras de política é como uma árvore decorada com flores mas que não tem frutos, ou, se portando frutos, esses devem estar a uma grande altura não facilmente alcançável do chão, e, se algum desses frutos parecer estar maduro, cuidado deve ser tomado para fazê-lo parecer ainda verde. Por se comportar dessa maneira ele nunca enfraquecerá. Virtude, riqueza e prazer têm seus efeitos maus e bons entrelaçados. Enquanto extraindo os efeitos que são bons, os que são maus devem ser evitados. Aqueles que praticam a virtude (constantemente) são tristes pela falta de riqueza e de prazer. Aqueles que perseguem a riqueza são tristes por negligenciarem os outros dois. E assim aqueles que perseguem o prazer sofrem por sua falta de atenção à virtude e riqueza. Portanto, tu deves buscar a virtude, riqueza e prazer de modo que não tenhas que sofrer por isso. Com humilhação e atenção, sem ciúmes e desejoso de realizar teu propósito, tu deves, em total sinceridade, consultar com os brâmanes. Quando caíres, tu deves te erguer por quaisquer meios, brandos ou violentos, e depois de assim te ergueres tu deves praticar a virtude. Aquele que nunca foi afligido pela calamidade nunca pode ter prosperidade. Isso pode ser visto na vida de alguém que sobreviveu às suas calamidades. Aquele que sofre de tristeza deve ser consolado pela recitação da história de pessoas dos tempos antigos (como as de Nala e Rama). Aquele cujo coração está esgotado pela tristeza deve ser consolado com esperanças de prosperidade no futuro. Aquele que é erudito e sábio deve ser consolado por préstimos agradáveis logo conferidos a ele. Aquele que, tendo concluído um tratado com um inimigo, repousa para descansar como se não tivesse nada mais para fazer é como uma pessoa que acorda, caída do topo de uma árvore sobre a qual tinha dormido. Um rei deve sempre manter a si mesmo e seus conselheiros sem medo da calúnia, e enquanto observando tudo com os olhos de seus espiões ele deve tomar cuidados para ocultar as suas próprias emoções perante os espiões de seus inimigos. Como um pescador que se torna próspero por pegar e matar peixes, um rei nunca pode se tornar próspero sem rasgar os órgãos vitais de seu inimigo e sem fazer alguns atos violentos. O poder do teu inimigo, representado por suas forças armadas, deve ser totalmente destruído, por ceifá-la (como ervas daninhas) matando-a em grande quantidade e de outras maneiras, afligindo-a por doença, fome e falta de bebida. Uma pessoa em necessidade nunca se aproxima (por amor) de alguém que tem riqueza, e quando o propósito de alguém está realizado este não tem necessidade de se aproximar novamente daquele que havia cuidado da sua realização. Portanto, quando tu fizeres qualquer coisa nunca a faze totalmente, mas sempre deixa alguma coisa para ser desejada por outros (de cujos serviços tu possas precisar). Alguém deseja prosperidade

deve com diligência procurar aliados e meios, e conduzir suas guerras com cuidado. Seus esforços a esse respeito devem sempre ser orientados pela prudência. Um rei prudente deve sempre agir de modo que amigos e inimigos não possam nunca saber seu motivo antes do começo de seus atos. Que eles saibam tudo quando o ato estiver começado ou terminado, e por todo o tempo em que o perigo não vier tu deves agir como se estivesses com medo. Mas quando este tiver te alcançado tu deves lutar com ele corajosamente. Aquele que confia em um inimigo que foi trazido sob submissão à força convoca sua própria morte como um caranguejo por seu ato de concepção. Tu deves sempre calcular o efeito futuro como já chegado (e planejar medidas para encontrá-lo), além disso, por falta de tranquilidade causada pela pressa tu podes negligenciar um ponto importante ao encontrá-lo quando ele estiver diante de ti. Uma pessoa desejosa de prosperidade deve sempre se empenhar com prudência, adotando suas medidas na hora e lugar. Ela deve também agir com um olho para o destino como capaz de ser regulado por mantras e ritos sacrificais, e para virtude, riqueza, e prazer. É bem sabido que hora e lugar (se levados em consideração) sempre produzem o maior benefício. Se o inimigo é insignificante, ele ainda assim não deve ser desprezado, porque ele pode logo crescer como uma palmeira estendendo suas raízes ou como uma faísca de fogo nas florestas profundas que pode logo irromper em uma conflagração extensa. Como um pequeno fogo gradualmente alimentado com madeira logo se torna capaz de consumir mesmo os maiores blocos, assim a pessoa que aumenta seu poder por fazer alianças e amizades logo se torna capaz de subjugar até o inimigo mais terrível. A esperança que deres ao teu inimigo deve ser adiada por longo tempo antes de ser cumprida, e quando vier o tempo para o seu cumprimento inventa um pretexto para adiá-la ainda mais. Que o pretexto seja mostrado como fundado sobre uma razão, e que essa razão em si mesma seja feita parecer baseada em uma outra razão. Reis devem, na questão de destruir seus inimigos, sempre se parecer com navalhas em cada detalhe: impiedosos como elas são afiadas, escondendo suas intenções como elas são escondidas em suas bainhas de couro, golpeando quando vem a oportunidade como elas são usadas em ocasiões apropriadas, varrendo seus inimigos com todos os seus aliados e dependentes como elas raspam a cabeça ou o queixo sem deixar um único cabelo. Ó mantenedor da dignidade dos Kurus, portando-te em relação aos Pandavas e aos outros também como a política prescreve, age de modo que não tenhas que sofrer no futuro. Eu bem sei que tu és dotado de todas as bênçãos e possuidor de todas as marcas de boa sorte. Portanto, ó rei, protege-te dos filhos de Pandu! Ó rei, os filhos de Pandu são mais fortes do que seus primos (teus filhos), portanto, ó destruidor de inimigos, eu digo a ti claramente o que deves fazer. Escuta, ó rei, com teus filhos, e tendo escutado se esforcem (para fazer o necessário). Ó rei, age de tal modo que não possa haver nenhum receio por ti dos Pandavas. De fato, adota medidas consoantes com a ciência política para que tu não tenhas que sofrer no futuro.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo falado dessa forma Kanika voltou para sua residência, enquanto o rei Kuru Dhritarashtra ficou pensativo e melancólico.'

143

Jatugriha-daha Parva

Vaisampayana disse, 'Então o filho de Suvala (Sakuni), o rei Duryodhana, Duhsasana e Kama, em consulta uns com os outros, formaram uma trama má. Com a sanção de Dhritarashtra, o rei dos Kurus, eles resolveram matar Kunti e seus (cinco) filhos queimando-os. Mas aquele sábio Vidura, capaz de ler o coração por sinais externos, averiguou a intenção daquelas pessoas perversas somente por observar suas expressões. Então o impecável Vidura, de alma iluminada pelo conhecimento verdadeiro, e dedicado ao bem dos Pandavas, chegou à conclusão de que Kunti e seus filhos deviam fugir de seus inimigos. E providenciando para esse propósito um barco forte o suficiente para resistir ao vento e às ondas, ele dirigiu-se a Kunti e disse, 'Aquele Dhritarashtra nasceu para destruir a fama e a descendência da linhagem (Kuru). De alma vil, ele está para perder a virtude eterna. Ó abençoada, eu mantenho preparado sobre o rio um barco capaz de resistir ao vento e às ondas. Escapa por ele com teus filhos da rede que a morte espalhou ao redor de vocês.'

Vaisampayana continuou, 'Ao ouvir essas palavras a ilustre Kunti ficou profundamente aflita, e com seus filhos, ó touro da raça Bharata, entrou no barco e saiu pelo Ganges. Então, deixando o barco de acordo com o conselho de Vidura, os Pandavas levaram com eles a riqueza que lhes havia sido dada (enquanto estavam em Varanavata) por seus inimigos e com segurança entraram nas florestas profundas. Na casa de laca, no entanto, que havia sido preparada para destruir os Pandavas, uma inocente mulher Nishada com seus filhos que tinham ido lá para algum propósito foram mortos queimados. E o pior dos mlechchhas, o canalha Purochana, (que era o arquiteto empregado na construção da casa de laca), foi também queimado no incêndio. E assim também os ilustres Pandavas, pelo conselho de Vidura, se salvaram com sua mãe. Mas o povo (de Varanavata) não soube da sua segurança. E os cidadãos de Varanavata, vendo a casa de laca consumida (e crendo que os Pandavas haviam morrido queimados) ficaram muito tristes. E eles enviaram mensageiros ao rei Dhritarashtra para relatar tudo o que tinha acontecido. E eles disseram ao monarca, 'Teu grande objetivo foi alcançado! Tu finalmente mataste os Pandavas! Teu desejo estando realizado, desfruta com teus filhos, ó rei dos Kurus, do reino.' Ouvindo isso Dhritarashtra com seus filhos fez um espetáculo de aflição, e junto com seus parentes, incluindo Kshattri (Vidura) e Bhishma, o principal dos Kurus, realizou as últimas honras dos Pandavas.'

Janamejaya disse, 'Ó melhor dos brâmanes, eu desejo ouvir integralmente essa história do incêndio da casa de laca e da fuga dos Pandavas de lá. Foi uma ação cruel deles (dos Kurus), agindo sob os conselhos do vil (Kanika). Narra para mim a história de como tudo isso aconteceu. Eu estou ardendo de curiosidade para ouvir.'

Vaisampayana disse, 'Ó destruidor de todos os inimigos, ouve-me, ó monarca, enquanto eu narro (a história do) incêndio da casa de laca e da fuga dos Pandavas. O perverso Duryodhana, vendo Bhimasena superar (a todos) em força e Arjuna muito habilidoso com armas ficou pensativo e triste. Então Karna, o filho do Sol, e Sakuni, o filho de Suvala, se esforçaram por vários métodos para realizar a morte dos Pandavas. Os Pandavas também neutralizaram todas aquelas maquinações uma após a outra, e, em conformidade com os conselhos de Vidura, nunca falaram delas depois. Então os cidadãos, vendo os filhos de Pandu possuidores de talentos, começaram, ó Bharata, a falar deles em todos os lugares públicos muito frequentados. E reunidos em pátios e outros lugares de reunião eles falavam do filho mais velho de Pandu (Yudhishthira) como possuidor das qualificações para governar o reino. E eles diziam, 'Dhritarashtra, embora possuidor da visão do conhecimento, tendo nascido cego, não obteve o reino antes. Como ele pode (portanto) virar rei agora? Então Bhishma, o filho de Santanu, de votos rígidos e dedicado à verdade, tendo antigamente abandonado a soberania nunca a aceitará agora. Nós, portanto, agora instalaremos (no trono) com cerimônias apropriadas o mais velho dos Pandavas dotado de juventude, hábil em batalha, versado nos Vedas, e sincero e bondoso. Reverenciando Bhishma, o filho de Santanu, e Dhritarashtra conhecedor das regras de moralidade, ele sem dúvida manterá o primeiro e o último com seus filhos em todo tipo de gozo.'

O vil Duryodhana, ouvindo essas palavras dos partidários de Yudhishthira, ficou muito preocupado. Profundamente aflito, o príncipe perverso não pode suportar essas palavras. Cheio de ciúmes, ele foi a Dhritarashtra, e encontrando-o sozinho ele o saudou com reverência e, angustiado (à visão da) predileção dos cidadãos por Yudhishthira, ele dirigiu-se ao monarca e disse, 'Ó pai, eu tenho ouvido os cidadãos proferirem palavras cheias de maus presságios. Passando por ti, e por Bhishma também, eles desejam que o filho de Pandu seja seu rei. Bhishma sancionará isso, pois ele não governará o reino. Parece, portanto, que os cidadãos estão se esforçando para infligir um grande prejuízo a nós. Pandu obteve antigamente o reino ancestral em virtude dos seus próprios talentos, mas tu, por cegueira, não obtiveste o reino, embora fosses totalmente qualificado para tê-lo. Se o filho de Pandu agora obtiver o reino como sua herança de Pandu, o seu filho o obterá depois dele e o filho desse filho também, e assim por diante descenderá a linhagem de Pandu. Nesse caso, ó rei do mundo, nós com nossos filhos, excluídos da linha real, certamente seremos desrespeitados por todos os homens. Portanto, ó monarca, segue conselhos de modo que nós não soframos a angústia perpétua, virando dependentes de outros para nossa alimentação. Ó rei, se tu obtiveste a soberania antes, nós certamente a sucederemos, embora muitas pessoas possam ser desfavoráveis a nós.'

144

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana continuou, ‘O rei Dhritarashtra, cujo conhecimento somente era sua visão, ao ouvir essas palavras de seu filho e se lembrando de tudo o que Kanika tinha lhe dito ficou tomado pela tristeza, e sua mente também começou a vacilar. Então Duryodhana e Karna, e Sakuni, o filho de Suvala, e Duhsasana como o quarto, se reuniram. O príncipe Duryodhana disse a Dhritarashtra, 'Envia, ó pai, por algum plano inteligente, os Pandavas à cidade de Varanavata. Nós então não os temeremos.' Dhritarashtra, ao ouvir essas palavras proferidas por seu filho, refletiu por um momento e respondeu a Duryodhana, dizendo, 'Pandu, devotado à virtude, sempre se comportou respeitosamente com todos os seus parentes, mas era particularmente favorável a mim. Ele se importava muito pouco com os prazeres do mundo, mas lealmente deu tudo a mim, até o reino. Seu filho é tão devotado à virtude quanto ele, e é possuidor de todas as habilidades. De fama mundial, ele além disso é o predileto do povo. Ele possui aliados, como podemos nós exilá-lo à força de seu reino ancestral? Os conselheiros e soldados (do estado) e seus filhos e netos todos eram apreciados e sustentados por Pandu. Assim beneficiados antigamente por Pandu, ó filho, os cidadãos não nos matarão com todos os nossos amigos e parentes agora por causa de Yudhishthira?’

Duryodhana respondeu, 'O que tu dizes, ó pai, é perfeitamente verdadeiro. Mas, em vista do mal que está nos ameaçando no futuro, se nós conciliarmos as pessoas com riqueza e honras, elas certamente tomarão o nosso partido por causa dessas provas do nosso poder. A tesouraria e os ministros de estado, ó rei, estão neste momento sob o nosso controle. Portanto, cabe a ti agora banir, por meios amáveis, os Pandavas para a cidade de Varanavata, ó rei, quando a soberania estiver em minhas mãos, então, ó Bharata, Kunti com seus filhos poderá voltar daquele local.'

Dhritarashtra respondeu, 'Esse, ó Duryodhana, é o pensamento existente em minha mente. Mas por sua pecaminosidade eu nunca dei expressão a ele. Nem Bhishma, nem Drona, nem Kshattri, nem Gautama (Kripa) jamais sancionarão o exílio dos Pandavas. Aos seus olhos, ó filho querido, os Kurus e os Pandavas são iguais. Aquelas pessoas sábias e virtuosas não farão diferença entre nós. Se, portanto, nós nos comportamos assim com relação aos Pandavas, nós, ó filho, não mereceremos a morte nas mãos dos Kurus, daqueles personagens ilustres, e de todo o mundo?'

Duryodhana respondeu, 'Bhishma não tem maior afeto por nenhum lado, e, portanto, será neutro (em caso de disputa). O filho de Drona (Aswatthaman) está do meu lado. Não há dúvida de que onde o filho está, lá o pai estará. Kripa, o filho de Saradwat, estará do lado em que Drona e Aswatthaman estiverem. Ele nunca abandonará Drona e o filho de sua irmã (Aswatthaman). Kshattri (Vidura) é dependente de nós para seu sustento, no entanto ele está secretamente com o

inimigo. Se ele estiver do lado dos Pandavas, ele sozinho não poderá fazer nada contra nós. Portanto, exila os Pandavas para Varanavata sem nenhum receio. E toma medidas para que isso possa começar a ocorrer a partir de hoje mesmo. Por essa ação, ó pai, extingue esta dor que me consome como um fogo ardente, que me rouba o sono, e que perfura o meu coração como um dardo terrível.'

145

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então o príncipe Duryodhana junto com seus irmãos começou gradualmente a conquistar as pessoas para o seu lado por conceder riqueza e honras. Enquanto isso, alguns conselheiros inteligentes, instruídos por Dhritarashtra, um dia começaram a descrever a cidade de Varanavata como um lugar encantador. E eles disseram: 'O festival de Pasupati (Siva) começou na cidade de Varanavata. A afluência de pessoas é grande e o desfile é o mais encantador de todos os já testemunhados na terra. Decorado com todos os ornamentos, ele encanta os corações de todos os espectadores.' Assim fizeram aqueles conselheiros, instruídos por Dhritarashtra, falando de Varanavata. E enquanto eles estavam assim falando, os Pandavas, ó rei, sentiram desejo de ir à cidade encantadora. E quando o rei (Dhritarashtra) percebeu que a curiosidade dos Pandavas tinha sido despertada, o filho de Ambika dirigiu-se a eles, dizendo, 'Estes meus homens muitas vezes falaram de Varanavata como a cidade mais encantadora do mundo. Se, portanto, ó filhos, vocês desejam testemunhar aquele festival vão para Varanavata com seus seguidores e amigos e divirtam-se lá como os próprios celestiais. E deem pérolas e pedras preciosas para os brâmanes e os músicos (que possam estar lá reunidos). E desfrutando por algum tempo como lhes agradar como os resplandecentes celestiais e se divertindo tanto quanto queiram, retornem para Hastinapura.'

Vaisampayana continuou, 'Yudhishthira, entendendo totalmente os motivos de Dhritarashtra e considerando que ele mesmo era fraco e desamparado, respondeu ao rei, dizendo, 'Que assim seja.' Então dirigindo-se a Bhishma, ao filho de Santanu, ao sábio Vidura, Drona, Valhika, o Kaurava, Somadatta, Kripa, Aswatthaman, Bhurisravas, e aos outros conselheiros, e brâmanes e ascetas, e aos sacerdotes e cidadãos, e à ilustre Gandhari, ele disse lentamente e humildemente, 'Com nossos amigos e seguidores nós iremos à encantadora e populosa cidade de Varanavata por ordem de Dhritarashtra. Alegremente nos deem suas bênçãos para que possamos adquirir prosperidade, e que não sejamos tocados pelo pecado.' Assim abordados pelo mais velho dos filhos de Pandu, todos os principais Kaurava alegremente pronunciaram bênçãos sobre eles, dizendo, 'Ó filhos de Pandu, que todos os elementos abençoem vocês por seu caminho e que não deixem que o menor mal lhes aconteça.'

Os Pandavas, tendo realizado ritos propiciatórios para obter (sua parte do) reino, e terminando seus preparativos, partiram para Varanavata.'

146

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, ‘O perverso Duryodhana ficou muito satisfeito quando o rei, ó Bharata, disse isso aos Pandavas. E, ó touro da raça Bharata, Duryodhana, então, convocando seu conselheiro Purochana em particular, pegou sua mão direita e disse, 'Ó Purochana, este mundo, tão cheio de riquezas, é meu. Mas é igualmente teu. Cabe a ti, portanto, protegê-lo. Eu não tenho mais conselheiros dignos de confiança além de ti com quem consultar. Portanto, segue o meu conselho e extermina os meus inimigos por meio de um estratagema inteligente. Ó, faze como eu te digo. Os Pandavas, por Dhritarashtra, foram enviados para Varanavata, onde eles, por ordem de Dhritarashtra, se divertirão durante as festividades. Faze aquilo pelo qual tu possas hoje mesmo alcançar Varanavata em um carro dirigido por mulas rápidas. Indo para lá, faze ser construído um palácio quadrangular na vizinhança do arsenal, rico em materiais e mobília, e guarda bem a mansão (com olhos espreitadores). E usa (para erigir essa casa) cânhamo e resina e todos os outros materiais inflamáveis que forem obteníveis. E misturando um pouco de terra com manteiga clarificada e óleo e gordura e uma quantidade grande de laca, faze um reboco para forrar as paredes, e espalha ao redor dessa casa cânhamo e óleo e manteiga clarificada e laca e madeira de modo que os Pandavas, ou quaisquer outros, não possam, nem mesmo com escrutínio, vê-los lá ou concluir que a casa é inflamável. E tendo construído tal mansão, faze os Pandavas, depois de louvá-los com grande reverência, morarem nela com Kunti e todos os seus amigos. E coloca lá assentos e transportes e camas, tudo do melhor acabamento, para os Pandavas, assim Dhritarashtra não poderá ter nenhuma razão para reclamar. Tu deves também então administrar tudo isso para que ninguém de Varanavata possa saber de qualquer coisa até que o fim que nós temos em vista esteja realizado. E te assegurando de que os Pandavas estejam dormindo dentro dela em segurança e sem medo, tu deves então incendiar a mansão começando pela porta exterior. Os Pandavas então queimarão até a morte, mas as pessoas dirão que eles foram queimados em um incêndio (acidental) de sua casa.’

Dizendo, 'Que assim seja' ao príncipe Kuru, Purochana viajou para Varanavata em um carro com mulas velozes. E indo para lá, ó rei, sem perda de tempo, obediente às ordens de Duryodhana, ele fez tudo o que o príncipe tinha lhe dito para fazer.

147

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Enquanto isso os Pandavas pegavam seus carros, unindo a eles alguns cavalos dotados da velocidade do vento. Quando eles estavam a ponto de entrar em seus carros eles tocaram, com grande tristeza, os pés de Bhishma, do rei Dhritarashtra, do ilustre Drona, de Kripa, de Vidura e dos outros mais velhos da família Kuru. Então saudando com reverência todos os homens mais velhos e abraçando seus iguais, recebendo a despedida até das crianças, e se despedindo de todas as veneráveis senhoras de sua família e caminhando em volta delas respeitosamente, e também de todos os cidadãos, os Pandavas, sempre conscientes de seus votos, partiram para Varanavata. E Vidura de grande sabedoria e outros touros entre os Kurus e os cidadãos também, em grande aflição, seguiram aqueles tigres entre os homens a uma distância. E alguns entre os cidadãos e as pessoas do país que seguiam os Pandavas, entristecidos além da conta ao verem os filhos de Pandu em tal angústia, começaram a dizer alto, 'O rei Dhritarashtra de alma má não vê as coisas com o mesmo olhar. O monarca Kuru não mantém sua visão na virtude. Nem o impecável Yudhishthira, nem Bhima o principal dos homens poderosos, nem Dhananjaya o filho (mais novo) de Kunti, jamais serão culpados (do pecado de travar uma guerra rebelde). Quando estes permanecerão quietos, como os ilustres filhos de Madri farão alguma coisa? Por eles terem herdado o reino de seu pai Dhritarashtra não pode suportá-los. Como é que Bhishma que permite o exílio dos Pandavas para aquele lugar desventurado sanciona este ato de grande injustiça? Vichitravirya, o filho de Santanu, e o sábio real Pandu da linhagem Kuru, ambos cuidavam de nós antigamente com cuidado paterno. Mas agora que Pandu, aquele tigre entre homens, ascendeu para o céu, Dhritarashtra não pode suportar esses príncipes, seus filhos. Nós não concordamos com este exílio e iremos todos, deixando esta cidade excelente e as nossas próprias casas, para onde Yudhishthira for.'

Aos cidadãos aflitos que falavam desse modo o virtuoso Yudhishthira, ele mesmo atormentado pela tristeza, refletindo por alguns momentos, disse, 'O rei é nosso pai, digno de consideração, nosso guia espiritual, e nosso superior. Cumprir sem suspeitas no coração qualquer ordem que ele dê é, de fato, nosso dever. Vocês são nossos amigos. Andando ao redor de nós e nos fazendo felizes por suas bênçãos, voltem para as suas residências. Quando chegar a hora de algo ser feito por vocês para nós, então, de fato, realizem tudo o que nos for agradável e benéfico.' Assim abordados os cidadãos andaram em volta dos Pandavas e deram a eles suas bênçãos e voltaram para as suas respectivas residências.

E depois que os cidadãos tinham parado de seguir os Pandavas, Vidura, conhecedor de todos os ditames de moralidade, desejoso de alertar o mais velho dos Pandavas (para o perigo que corriam), endereçou a ele algumas palavras. O erudito Vidura, conhecedor do jargão (dos mlechchhas), se dirigiu ao erudito Yudhishthira que também conhecia o mesmo jargão, nas palavras da língua

mlechchha, que eram ininteligíveis a todos exceto para Yudhishthira. Ele disse, 'Aquele que conhece os esquemas que seus inimigos idealizam de acordo com os ditames da ciência política devem, conhecendo-os, agir de modo a evitar todo o perigo. Aquele que sabe que há armas afiadas capazes de cortar o corpo embora não sendo feitas de aço, e compreende também os meios de se proteger delas, nunca pode ser ferido por inimigos. Vive aquele que se protege pelo conhecimento de que nem o consumidor da palha e da madeira nem o secador do orvalho queima os habitantes de um buraco nas florestas profundas. O homem cego não vê seu caminho: o homem cego não tem conhecimento de direção. Aquele que não tem firmeza nunca adquire prosperidade. Lembrando-se disso, fiquem em guarda. O homem que recebe uma arma não feita de aço (ou seja, uma residência inflamável) dada por seus inimigos, pode escapar do fogo por fazer sua residência ser parecida com a de um chacal (tendo muitas saídas). Por vaguear um homem pode adquirir o conhecimento dos caminhos, e pelas estrelas ele pode averiguar a direção, e aquele que mantém seus cinco (sentidos) sob controle nunca pode ser oprimido por seus inimigos.'

Assim abordado o filho de Pandu, Yudhishthira o justo, respondeu a Vidura, o principal de todos os homens eruditos, dizendo, 'Eu te entendi.' Então Vidura, tendo instruído os Pandavas e os seguido (até longe), andou ao redor deles e se despedindo voltou para a sua própria residência. Quando os cidadãos e Bhishma e Vidura todos tinham parado de segui-los, Kunti se aproximou de Yudhishthira e disse, 'As palavras que Kshattri te disse no meio de muitas pessoas, tão indistintamente como se ele não tivesse dito nada, e a tua resposta a ele também em palavras e voz parecidas, nós não entendemos. Se não for impróprio que nós saibamos eu gostaria de saber tudo o que se passou entre vocês.'

Yudhishthira respondeu, 'O virtuoso Vidura me disse que nós devíamos saber que a mansão (para nossa acomodação em Varanavata) foi construída de materiais inflamáveis. Ele disse: 'O caminho de escapar também não será desconhecido para ti', e mais, 'Aqueles que podem controlar seus sentidos podem adquirir a soberania de todo o mundo.' A resposta que eu dei a Vidura foi 'Eu te entendi.'

Vaisampayana continuou, 'Os Pandavas partiram no oitavo dia do mês de Phalguna quando a estrela Rohini estava ascendente, e ao chegarem a Varanavata eles contemplaram a cidade e o povo.'

148

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então os cidadãos (de Varanavata), ao saberem que os filhos de Pandu estavam chegando ficaram cheios de alegria pelas novidades e saíram depressa de Varanavata, em veículos de vários tipos aos milhares, levando com eles todos os artigos auspiciosos como ordenado pelos Sastras, para receber aqueles principais dos homens. E o povo de Varanavata, se aproximando dos filhos de Kunti os abençoou por proferir Jaya e por circundá-los. Aquele tigre entre homens, o virtuoso Yudhishthira, assim circundado por eles parecia resplandecente como aquele que tem o raio em suas mãos (Indra) no meio dos celestiais. E aqueles impecáveis, recebendo as boas-vindas dos cidadãos e cumprimentando-os em retorno, então entraram na cidade populosa de Varanavata decorada com todos os ornamentos. Entrando na cidade aqueles heróis foram primeiro, ó monarca, às residências dos brâmanes dedicados às suas próprias funções. Aqueles principais dos homens então foram às residências dos oficiais da cidade, e então às dos sutas e dos vaisyas e mesmo àquelas dos sudras; ó touro da raça Bharata, assim reverenciados pelos cidadãos, os Pandavas finalmente foram com Purochana diante deles ao palácio que havia sido construído para eles. Purochana então começou a colocar diante deles comida e bebida e camas e tapetes, tudo da primeira e da mais agradável qualidade. Os Pandavas vestidos em roupas caras continuaram a viver lá, reverenciados por Purochana e pelas pessoas que tinham suas casas em Varanavata.

Depois que os Pandavas tinham vivido assim por dez noites, Purochana falou com eles sobre a mansão (que ele havia construído) chamada de ‘O Lar Abençoado’ mas que era em realidade a casa amaldiçoada. Então aqueles tigres entre homens, vestidos em trajes caras, entraram naquela mansão por insistência de Purochana como guhyakas entrando no palácio (de Siva) na montanha Kailasa. O principal de todos os homens virtuosos, Yudhishthira, inspecionando a casa, disse a Bhima que ela era realmente construída de materiais inflamáveis. Cheirando o odor de gordura misturada com manteiga clarificada e preparações de laca ele disse a Bhima, 'Ó destruidor de inimigos, esta casa foi realmente construída de materiais inflamáveis! De fato, isso é evidente neste caso! O inimigo, é óbvio, pela ajuda de artistas de confiança bem hábeis na construção de casas, finamente construiu esta mansão, depois de obter cânhamo, resina, palha, e bambus, e embebeu todos em manteiga clarificada. Aquele canalha vil, Purochana, agindo sob a instrução de Duryodhana, ficou aqui com o objetivo de me queimar até a morte quando me vir confiante. Mas, ó filho de Pritha, Vidura de grande inteligência soube desse perigo, e, portanto, me avisou antes. Sabendo de tudo isso, nosso tio mais jovem, sempre desejando o nosso bem por afeição, nos disse que esta casa, tão cheia de perigos, tinha sido construída pelos canalhas sob Duryodhana agindo em segredo.’

Ouvindo isso Bhima respondeu, 'Se, senhor, você sabe que esta casa é tão inflamável, seria bom nós retornarmos para lá onde havíamos ficado alojados

primeiro (o palácio)'. Yudhishthira respondeu, 'Me parece preferível que continuemos a viver aqui sem parecer suspeitar de nada, mas todo o tempo com cautela e com nossos sentidos totalmente alertas e procurando alguns meios seguros de fuga. Se Purochana perceber em nossas expressões que nós temos sondado seus projetos, agindo com pressa ele pode de repente nos matar queimados. De fato, Purochana pouco se importa com desonra ou pecado. O patife fica aqui agindo sob as instruções de Duryodhana. Se nós morrermos queimados nosso avô Bhishma ficará zangado? Por que ele, por mostrar sua ira, faria os Kauravas ficarem zangados com ele? Ou, talvez, nosso avô Bhishma e os outros touros da raça Kuru, considerando a indignação por tal ato pecaminoso como virtuosa, fiquem coléricos. Se, no entanto, por medo de sermos queimados nós fugirmos daqui, Duryodhana, ambicioso pela soberania, certamente tramará a nossa morte por meio de espiões. Enquanto nós não temos nenhum posto e poder, Duryodhana tem ambos, enquanto nós não temos nenhum amigo e aliado, Duryodhana tem ambos, enquanto nós não temos riqueza, Duryodhana tem ao seu dispor toda uma tesouraria. Ele, portanto, não nos destruirá por usar meios adequados? Que nós, portanto, enganando este patife (Purochana) e aquele outro patife Duryodhana, passemos nossos dias, disfarçando-nos às vezes. Que nós também levemos uma vida de caçadores, vagando sobre a terra. Nós então, se escaparmos de nossos inimigos, estaremos familiarizados com todos os caminhos. Nós também, a partir de hoje mesmo, faremos com que uma passagem subterrânea seja cavada em nosso quarto em grande sigilo. Se agirmos desse modo, ocultando o que fazemos de todos, o fogo nunca poderá nos consumir. Nós viveremos aqui, ativamente fazendo tudo para a nossa segurança, mas com tal privacidade que nem Purochana nem qualquer um dos cidadãos de Varanavata possam saber o que nós faremos depois.'

149

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana continuou, 'Um amigo de Vidura, bem hábil em exploração de minas, foi até os Pandavas, e dirigiu-se a eles em segredo, dizendo, 'Eu fui enviado por Vidura e sou um mineiro habilidoso. Eu estou aqui para servir aos Pandavas. Digam-me o que eu devo fazer por vocês. Pela confiança que ele deposita em mim Vidura me disse, ‘Vá até os Pandavas e aja para o bem deles.’ O que eu farei por vocês? Purochana incendiará a porta da sua casa na décima quarta noite desta quinzena escura. Matar queimados esses tigres entre homens, os Pandavas, com sua mãe, é o projeto daquele canalha perverso, o filho de Dhritarashtra. Ó filho de Pandu, Vidura também te disse alguma coisa na língua mlechchha à qual tu também deste a resposta na mesma língua. Eu exponho estes detalhes como minhas credenciais.' Ouvindo essas palavras, Yudhishthira, o filho sincero de Kunti, respondeu, 'Ó amável, eu agora sei que és um amigo querido e de confiança de Vidura, verdadeiro e dedicado a ele. Não há nada que o

erudito Vidura não saiba. Como ele, assim tu és para nós. Não faças diferença entre ele e nós. Nós somos tanto teus quanto dele. Ó, nos protege como o erudito Vidura sempre nos protegeu. Eu sei que esta casa, tão inflamável, foi idealizada para mim por Purochana por ordem do filho de Dhritarashtra. Aquele patife vil comandando riquezas e aliados nos persegue sem intervalo. Ó, salva-nos com um pouco de esforço do incêndio iminente. Se nós morrermos queimados aqui o maior desejo de Duryodhana será realizado. Aqui é o arsenal bem equipado daquele patife. Esta mansão grande foi construída contígua às plataformas altas do arsenal sem nenhuma saída. Mas essa maquinação do ímpio Duryodhana foi conhecida por Vidura primeiro, e foi ele que nos informou antes. O perigo do qual Kshattri nos preveniu está agora à nossa porta. Salva-nos sem Purochana ter conhecimento disso.' Ao ouvir essas palavras o mineiro disse, 'Que assim seja' e começando cuidadosamente o seu trabalho de escavação, fez uma grande passagem subterrânea. E a boca daquela passagem era no centro daquela casa, e estava ao nível do chão e fechada por cima com tábuas. A boca estava assim coberta por medo de Purochana, aquele patife que mantinha guarda constante na porta da casa. Os Pandavas costumavam dormir dentro de seus quartos com armas prontas para o uso, enquanto, durante o dia, eles saíam para caçar de floresta em floresta. Assim, ó rei, eles viveram muito cautelosamente, enganando Purochana por uma exibição de confiança e contentamento enquanto em realidade eles estavam desconfiados e descontentes. Nem os cidadãos de Varanavata sabiam de nada acerca daqueles planos dos Pandavas. Realmente, ninguém mais sabia de nada exceto o amigo de Vidura, aquele bom mineiro.’

150

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Vendo os Pandavas vivendo lá alegremente e sem suspeitas por um ano inteiro Purochana ficou muito contente. E vendo Purochana assim muito contente, Yudhishthira, o virtuoso filho de Kunti, dirigindo-se a Bhima e Arjuna e aos gêmeos (Nakula e Sahadeva), disse, 'Aquele patife de coração cruel foi bem enganado. Eu acho que está chegando a hora da nossa fuga. Pondo fogo no arsenal e queimando Purochana e deixando seu corpo jazendo aqui, que nós, seis pessoas, fujamos daqui sem sermos observados!'

Vaisampayana continuou, 'Então na ocasião de uma distribuição de esmolas, ó rei, Kunti alimentou certa noite um grande número de brâmanes. Foram lá também várias senhoras que, comendo e bebendo, lá desfrutaram como quiseram, e com a permissão de Kunti voltaram às suas respectivas casas. Desejosa de obter comida, foi até lá, como se impelida pelo destino, para o banquete, no decorrer de sua viagem, uma mulher Nishada, mãe de cinco filhos, acompanhada por todos os filhos. Ó rei, ela e seus filhos, embriagados com o vinho que beberam, ficaram incapazes. Privada de consciência e mais morta do que viva, ela com todos os seus filhos se deitou naquela mansão para dormir. Então quando os habitantes da

casa se deitaram para dormir começou a soprar um vento violento durante a noite. Bhima então incendiou a casa justamente onde Purochana estava adormecido. Então o filho de Pandu incendiou a porta daquela casa de laca. Então ele incendiou várias partes ao redor da mansão. Então quando os filhos de Pandu estavam certos de que a casa tinha pegado fogo em várias partes, aqueles destruidores de inimigos com sua mãe entraram na passagem subterrânea sem perda de tempo. Então o calor e o rugido do fogo se tornaram intensos e despertaram os habitantes da cidade. Vendo a casa em chamas, os cidadãos com rostos tristes começaram a dizer, 'O patife (Purochana) de alma cruel estava sob as instruções de Duryodhana e construiu sua casa para destruir os parentes de seu empregador. Ele de fato ateou fogo a ela. Ó, que vergonha para Dhritarashtra cujo coração é tão parcial. Ele matou queimados, como se fossem seus inimigos, os impecáveis herdeiros de Pandu! Ó, o pecaminoso (Purochana) de alma perversa que queimou aqueles melhores dos homens, os inocentes e confiantes príncipes, ele mesmo foi morto queimado por determinação do destino.'

Vaisampayana continuou, ‘Os cidadãos de Varanavata assim lamentaram (o destino dos Pandavas), e ficaram lá por toda a noite circundando a casa. Os Pandavas, no entanto, acompanhados por sua mãe, saindo da passagem subterrânea, fugiram às pressas despercebidos. Mas aqueles destruidores de inimigos, por sonolência e medo, não podiam prosseguir rapidamente com sua mãe. Mas, ó monarca, Bhimasena, dotado de bravura terrível e rapidez de movimento, tomou sobre seu corpo todos os seus irmãos e mãe e começou forçar passagem através da escuridão. Colocando sua mãe em seu ombro, os gêmeos em seus lados, e Yudhishthira e Arjuna em ambos os braços, Vrikodara de grande energia e força e dotado da velocidade do vento começou sua marcha, quebrando as árvores com seu peito e comprimindo profundamente o solo com as batidas de seus pés.’

151

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Naquela época o erudito Vidura tinha enviado para aquelas florestas um homem de caráter puro e em quem ele confiava. Aquela pessoa indo para onde foi instruída viu os Pandavas com sua mãe na floresta em certo lugar empenhados em medir a profundidade de um rio. O plano que o vil Duryodhana tinha feito, através de seus espiões, foi conhecido por Vidura de grande inteligência, e, portanto, ele enviou aquele homem prudente aos Pandavas. Enviado por Vidura a eles, ele mostrou aos Pandavas nas margens sagradas do Ganges um barco com motores e bandeiras, construído por artífices de confiança e capaz de resistir ao vento e às ondas e dotado da velocidade da tempestade ou do pensamento. Ele então dirigiu-se aos Pandavas nestas palavras para mostrar que ele tinha realmente sido enviado por Vidura, ‘Ó Yudhishthira’, ele disse, ‘escuta estas palavras que o erudito Vidura disse como uma prova do fato

de que eu venho dele. Nem o consumidor da palha e da madeira, nem o secador do orvalho poderia queimar os habitantes de um buraco na floresta. Escapa da morte aquele que se protege por saber disso, etc.' Por essas credenciais saibam que eu sou uma pessoa que foi realmente enviada por Vidura e que sou também seu agente de confiança. Vidura, conhecedor de tudo, também disse, 'Ó filho de Kunti, tu certamente derrotarás em batalha Karna, e Duryodhana com seus irmãos, e Sakuni.' Este barco está pronto sobre as águas, e deslizará agradavelmente nelas, e sem dúvida levará vocês todos para longe dessas regiões!'

Então vendo aqueles principais dos homens com sua mãe, pensativos e tristes, ele os fez entrar no barco que estava no Ganges e os acompanhou. Dirigindo-se a eles outra vez ele disse, 'Vidura tendo cheirado suas cabeças e os abraçado (mentalmente) disse novamente que no começo e ao longo desta sua viagem auspiciosa vocês nunca deveriam ficar descuidados.'

Dizendo essas palavras para aqueles príncipes heroicos o homem enviado por Vidura levou aqueles touros entre os homens para o outro lado do Ganges em seu barco. E tendo-os levado sobre as águas e vendo todos eles seguros na margem oposta, ele proferiu a palavra 'Jaya' (vitória) para seu sucesso e então deixou-os e voltou para o lugar de onde tinha vindo.

Os Pandavas ilustres, também enviando através daquela pessoa uma mensagem para Vidura, começaram, depois de terem cruzado o Ganges, a prosseguir com pressa e em grande sigilo.

152

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então, quando a noite tinha passado, uma grande afluência de habitantes da cidade chegou às pressas para ver os filhos de Pandu. Depois do fogo ter se extinguido eles viram que a casa queimada havia sido construída com laca em seus materiais e que o conselheiro (de Duryodhana) Purochana havia sido morto queimado. E as pessoas começaram a lamentar dizendo, 'De fato foi idealizada pelo pecaminoso Duryodhana a destruição dos Pandavas. Há pouca dúvida de que Duryodhana, com o conhecimento de Dhritarashtra, matou queimados os herdeiros de Pandu, do contrário o príncipe teria sido impedido por seu pai. Há pouca dúvida de que nem Bhishma, o filho de Santanu, e Drona e Vidura e Kripa e os outros Kauravas, nenhum deles seguiu os ditames do dever. Enviemos agora uma mensagem para Dhritarashtra dizendo, 'Teu grande desejo foi realizado! Tu mataste os Pandavas!'

Eles então começaram a procurar algum traço dos Pandavas, e eles viram a inocente mulher Nishada com seus cinco filhos queimados. Então o mineiro

enviado por Vidura, enquanto removia as cinzas, cobriu o buraco que tinha cavado com aquelas cinzas de tal modo que este permaneceu despercebido por todos os que tinham ido lá.

Os cidadãos então enviaram uma mensagem para Dhritarashtra para informá-lo de que os Pandavas junto com o conselheiro (de Duryodhana), Purochana, tinham morrido queimados. O rei Dhritarashtra, ao ouvir as más notícias da morte dos Pandavas, chorou em grande tristeza. E ele disse, 'O rei Pandu, meu irmão de grande fama, de fato, morreu hoje quando aqueles seus filhos heroicos junto com sua mãe morreram queimados. Homens, vão rapidamente para Varanavata e realizem a cerimônia fúnebre daqueles heróis e da filha de Kuntiraj! Que também os ossos dos falecidos sejam santificados com os ritos usuais, e que todos os atos benéficos e grandiosos, (para essas ocasiões) sejam realizados. Que os amigos e parentes daqueles que morreram viajem para lá. Que também todos os outros atos benéficos que devem, nas circunstâncias, ser realizados por nós para os Pandavas e Kunti sejam realizados com abundância.'

Tendo assim falado, Dhritarashtra, o filho de Ambika, cercado por seus parentes, ofereceu oblações de água aos filhos de Pandu. E todos eles, afligidos com muita tristeza, lamentaram exclamando, 'Ó Yudhishthira! Oh príncipe da linhagem Kuru!', enquanto outros gritaram alto, 'Oh, Bhima!, Oh Phalguna!', enquanto outros, 'Oh, ó gêmeos!, Oh, Kunti!', dessa forma eles se entristeceram pelos Pandavas e ofereceram oblações de água a eles. Os cidadãos também choraram pelos Pandavas, mas Vidura não chorou muito, porque ele sabia a verdade.

Enquanto isso os Pandavas dotados de grande força com sua mãe formando uma companhia de seis saíam da cidade de Varanavata e chegavam às margens do Ganges. Eles então alcançaram rapidamente a margem oposta ajudados pela força dos braços dos remadores, a rapidez da correnteza do rio, e um vento favorável. Deixando o barco eles procederam na direção sul achando seu caminho no escuro pela luz das estrelas. Depois de muito sofrimento eles finalmente alcançaram, ó rei, uma floresta densa. Eles estavam então cansados e com sede, e o sono estava fechando seus olhos a todo momento. Então Yudhishthira, dirigindo-se a Bhima dotado de grande energia, disse, 'Ó, o que pode ser mais doloroso do que isso? Nós estamos agora nas florestas profundas. Nós não sabemos qual lado é qual, nem podemos ir muito mais longe. Nós não sabemos se aquele canalha Purochana foi ou não morto queimado. Como escaparemos desses perigos sem sermos vistos por outros? Ó Bharata, nos carregando sobre ti mesmo, prossegue como antes. Somente tu entre nós é forte e veloz como o vento.'

Assim abordado por Yudhishthira o justo, o poderoso Bhimasena, erguendo sobre seu corpo Kunti e seus irmãos, começou a prosseguir com grande rapidez.’

153

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse: ‘Enquanto o poderoso Bhima prosseguia, toda a floresta com suas árvores e seus ramos parecia tremer por causa da colisão com seu peito. O movimento de suas coxas ergueu um vento como aquele que sopra durante o mês de Jyaishtha e Ashadha (Maio e Junho). E o poderoso Bhima prosseguiu, fazendo um caminho para si próprio, mas esmagando com os pés as árvores e plantas trepadeiras diante de si. Realmente, ele quebrava (pela pressão de seu corpo) as grandes árvores e plantas, com suas flores e frutos, que estavam em seu caminho. Passando através das florestas derrubando árvores imensas ele parecia o líder de uma manada de elefantes, de sessenta anos, furioso e dotado de muita energia, durante a época do cio quando o suco líquido escorre pelas três partes de seu corpo. De fato, tão grande era a força com a qual Bhima dotado da velocidade de Garuda ou de Marut (o deus do vento) procedia, que os Pandavas pareceram desmaiar em consequência. Frequentemente nadando através de correntezas difíceis de serem cruzadas, os Pandavas se esconderam em seu caminho por medo dos filhos de Dhritarashtra. E Bhima carregava em seu ombro sua ilustre mãe de sensibilidade delicada através das margens irregulares dos rios. Perto da noite, ó touro da raça Bharata, Bhima (levando seus irmãos e sua mãe nas costas) chegou a uma floresta terrível onde frutos e raízes e água eram escassos e que ressoava com os gritos terríveis de aves e animais. O crepúsculo se aprofundou e os gritos de aves e bestas se tornaram aterradores, a escuridão envolveu a tudo e ventos inoportunos começaram a soprar e quebraram e colocaram abaixo grande número de árvores grandes e pequenas e muitas plantas trepadeiras com folhas e frutas secas. Os príncipes Kaurava, afligidos com fadiga e sede, e pesados de sono, estavam incapazes se seguir adiante. Eles todos então se sentaram naquela floresta sem comida e bebida. Então Kunti, afetada pela sede, disse aos seus filhos, 'Eu sou a mãe dos cinco Pandavas e estou agora em seu meio. Ainda assim eu estou queimando de sede!' Kunti repetidamente disse isso aos seus filhos. Ouvindo essas palavras, o coração de Bhima, por afeição por sua mãe, foi tomado pela compaixão e ele resolveu seguir (adiante como antes). Então Bhima, prosseguindo através daquela floresta terrível e extensa sem vivalma, viu uma bela árvore banian com ramos que se espalhavam por uma vasta área. Descendo seus irmãos e mãe, ó touro da raça Bharata, ele disse a eles, 'Descansem aqui enquanto eu vou em busca de água. Eu ouço os gritos suaves de aves aquáticas. Eu acho que deve haver um grande lago aqui.' Mandado, ó Bharata, por seu irmão mais velho que disse a ele, 'Vai', Bhima foi na direção da qual os gritos daquelas aves aquáticas estavam vindo. E, ó touro da raça Bharata, ele logo encontrou um lago e se banhou e matou sua sede. E, afetuoso com seus irmãos, ele levou água para eles, ó Bharata, por embeber suas peças de roupas superiores. Voltando rapidamente pelo mesmo caminho por aquelas quatro milhas ele chegou onde sua mãe estava e ao contemplá-la ele sentiu tristeza e começou a suspirar como uma cobra. Triste ao ver sua mãe e irmãos dormindo sobre a terra nua, Vrikodara começou a lamentar, 'Oh, miserável que eu sou, que vejo meus irmãos dormindo sobre a terra nua. O

que pode me acontecer que seja mais doloroso do que isso? Ai, aqueles que antigamente em Varanavata não podiam dormir nas camas mais macias e caras estão agora dormindo sobre a terra nua! Oh, que visão pode se mais dolorosa para eu contemplar do que esta de Kunti, a irmã de Vasudeva, aquele destruidor de hostes hostis, a filha de Kuntiraja, ela mesma ornada com todas as marcas auspiciosas, a nora de Vichitravirya, a esposa do ilustre Pandu, nossa mãe, resplendente como os filamentos do lótus e delicada e que deveria dormir na mais cara das camas, dormindo dessa forma, como ela nunca deveria estar, na terra nua! Oh, ela que deu à luz estes filhos com Dharma e Indra e Maruta, ela que sempre dormiu dentro de palácios, agora adormecida, fatigada, na terra nua! Nenhuma visão mais dolorosa foi vista por mim além desta, destes tigres entre homens (meus irmãos) dormindo no chão! Oh, o virtuoso Yudhishthira, que merece a soberania dos três mundos, dormindo, fatigado, como um homem ordinário, na terra nua! Este Arjuna da cor das nuvens azuis mais escuras, e inigualável entre os homens, dormindo sobre o chão como uma pessoa ordinária! Oh, o que pode ser mais doloroso do que isso? Oh, os gêmeos, que em beleza são como os gêmeos Asvins entre os celestiais, estão dormindo como mortais comuns na terra nua! Aquele que não tem parentes ciumentos nem de mente má vive em felicidade neste mundo como uma árvore sozinha em uma aldeia. A árvore que fica sozinha em uma aldeia com suas folhas e frutos, na ausência de outra da mesma espécie, se torna sagrada e é adorada e venerada por todos. Aqueles também que têm muitos parentes que, no entanto, são todos heroicos e virtuosos, vive felizmente no mundo sem nenhum tipo de tristeza. Eles mesmos poderosos e crescendo em prosperidade e sempre alegrando seus amigos e parentes, eles vivem, contando uns com os outros, como árvores altas crescendo na mesma floresta. Nós, no entanto, fomos forçados ao exílio pelo patife Dhritarashtra e seus filhos e escapamos com dificuldade, por uma mudança de sorte, de uma morte no fogo. Tendo escapado daquele fogo, nós estamos agora descansando à sombra desta árvore. Tendo já sofrido tanto, aonde nós vamos agora? Ó filhos de Dhritarashtra de pouca previdência, com seus associados perversos, desfrutem do seu sucesso temporário. Os deuses estão certamente propícios a vocês. Mas, ó desgraçados, vocês ainda estão vivos somente porque Yudhishthira não me mandou tirar suas vidas. Senão hoje mesmo, cheio de ira, eu te enviaria, (ó Duryodhana), para as regiões de Yama (Plutão) com teus filhos e amigos e irmãos, e Karna, e (Sakuni) o filho de Suvala! Mas o que eu posso fazer se, ó canalhas pecaminosos, o virtuoso rei Yudhishthira, o mais velho dos Pandavas, ainda não está zangado com vocês?'

Tendo dito isso, Bhima, de braços poderosos, cheio de ira, começou a apertar as mãos, suspirando profundamente em aflição. Excitado outra vez com raiva como um fogo extinguido resplandecendo repentinamente, Vrikodara mais uma vez observou seus irmãos dormindo sobre o solo como pessoas comuns. E Bhima disse a si mesmo, 'Eu acho que deve haver uma cidade não muito longe desta floresta. Eles todos estão dormindo, então eu ficarei acordado. E matarei a sede deles depois que eles se levantarem revigorados pelo sono.' Assim dizendo, Bhima sentou-se lá acordado, velando sua mãe e irmãos adormecidos.’

154

Hidimva-vadha Parva

Vaisampayana disse, 'Não longe do lugar onde os Pandavas estavam dormindo um rakshasa de nome Hidimva habitava uma árvore Sala. Possuidor de grande energia e bravura, ele era um canibal cruel de aparência lúgubre por causa de seus dentes longos e afiados. Ele estava faminto e desejoso de carne humana. De pernas compridas e barriga grande, seus cabelos e barba eram ambos vermelhos. Seus ombros eram largos como o pescoço de uma árvore, suas orelhas eram como flechas, e suas feições eram terríveis. De olhos vermelhos e aparência lúgubre o monstro viu, enquanto olhava ao redor, os filhos de Pandu dormindo naquela floresta. Ele estava então faminto e desejava carne humana. Sacudindo seus cabelos secos e cinzentos e coçando-os com seus dedos apontados para cima, o canibal de boca grande repetidamente olhou para os filhos adormecidos de Pandu bocejando caladamente às vezes. De corpo enorme e grande força, de cor como a de uma massa de nuvens, de dentes longos e de pontas afiadas e rosto emitindo um tipo de brilho, ele sempre ficava satisfeito com carne humana. E cheirando o odor de homem ele se dirigiu à sua irmã, dizendo, 'Ó irmã, depois de um longo tempo tal comida agradável se aproxima de mim! A minha boca se enche de água por antegozar o sabor desse alimento. Os meus oito dentes, de pontas tão afiadas e incapazes de serem resistidos por nenhuma substância, hoje, depois de longo tempo, eu porei na carne mais deliciosa. Atacando a garganta humana até abrir as veias, eu (hoje) beberei uma quantidade abundante de sangue humano, quente e fresco e espumante. Vai e averigua quem são aqueles que estão dormindo nessas florestas. O forte perfume de homem agrada as minhas narinas. Matando todos aqueles homens, traze-os para mim. Eles dormem dentro do meu território. Tu não precisas temê-los. Faze logo o que eu ordeno para nós então juntos comermos sua carne, rasgando seus corpos com prazer. E depois de nos banquetearmos nos enchendo de carne humana nós então dançaremos juntos!'

Assim abordada por Hidimva naquelas florestas, Hidimvâ, a canibal, por ordem de seu irmão, foi, ó touro da raça Bharata, ao local onde os Pandavas estavam. E ao chegar lá ela contemplou os Pandavas dormindo com sua mãe e o invencível Bhimasena sentado acordado. E, vendo Bhimasena inigualável sobre a terra em beleza como uma vigorosa árvore Sala, a mulher rakshasa imediatamente se apaixonou por ele e disse a si mesma: 'Este homem de cor como a do ouro aquecido e de braços poderosos, de ombros largos como os do leão, e tão resplandecente, de pescoço marcado com três linhas como uma concha e olhos como pétalas de lótus, é digno de ser meu marido. Eu não obedecerei à ordem cruel do meu irmão. O amor de uma mulher para com seu marido é mais forte do que seu afeto por seu irmão. Se eu matá-lo, a satisfação do meu irmão assim como a minha será somente momentânea. Mas se eu não matá-lo eu poderei ser feliz com ele agora e para sempre.' Assim dizendo, a mulher rakshasa, capaz de

assumir a forma que quisesse, assumiu uma excelente forma humana e começou a avançar com passos lentos em direção a Bhima de braços poderosos. Enfeitada com ornamentos celestes ela avançou com sorrisos nos lábios e um andar modesto, e dirigindo-se a Bhima disse, 'Ó touro entre homens, de onde vens e quem és? Quem, além disso, são estas pessoas de beleza celeste que estão dormindo aqui? Quem também, ó impecável, é esta senhora de beleza transcendente que está dormindo assim confiantemente nessas florestas como se estivesse dormindo em seu próprio quarto? Tu não sabes que esta floresta é a residência de um rakshasa. Realmente eu te digo, aqui vive o cruel rakshasa chamado Hidimva. Ó seres de beleza divina, eu fui enviada até aqui por aquele rakshasa, meu irmão, com a cruel intenção de matá-los para seu alimento. Mas te digo realmente que ao vê-lo, resplandecente como um celestial, eu não teria ninguém mais como meu marido além de ti! Tu que és conhecedor de todos os deveres, sabendo disso, faze comigo o que for apropriado. Meu coração assim como meu corpo foi perfurado (pelas flechas de) Kama (Cupido). Ó, como eu estou desejosa de obter-te, faze-me tua. Ó tu de braços poderosos, eu te salvarei do rakshasa que come carne humana. Ó impecável, sê meu marido. Nós então viveremos em leitos de montanhas inacessíveis para mortais comuns. Eu posso percorrer o ar e faço isso à vontade. Tu poderás desfrutar de grande felicidade comigo naquelas regiões.'

Ao ouvir essas palavras dela, Bhima respondeu, 'Ó mulher rakshasa, quem poderia, como um muni que tem todas as suas paixões sob controle, abandonar sua mãe e irmão mais velho e irmãos mais novos adormecidos? Que homem como eu satisfaria sua luxúria deixando sua mãe e irmãos adormecidos como comida para um rakshasa?'

A mulher rakshasa respondeu, 'Ó, acorda todos eles, e eu farei a vocês todos o que for agradável para ti! Eu certamente salvarei vocês todos do meu irmão canibal.'

Bhima então disse, 'Ó mulher rakshasa, eu, por medo do teu irmão perverso, não acordarei meus irmãos e mãe que dormem confortavelmente nas florestas. Ó tímida, rakshasas nunca são capazes de suportar a destreza dos meus braços. E, ó tu de olhos bonitos, nem homens, nem gandharvas, nem yakshas podem suportar a minha força. Ó amável, tu podes ficar ou partir como quiseres, ou podes até enviar teu irmão canibal, ó tu de forma delicada. Eu não me importo.’

155

(Continuação do Hidimva vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Hidimva, o chefe dos rakshasas, vendo que sua irmã não voltou logo, desceu da árvore e foi rapidamente ao local onde os Pandavas estavam. De olhos vermelhos e braços fortes e com os pelos de seus braços e os cabelos de sua cabeça eretos, de boca grande aberta e corpo como uma massa de nuvens escuras, dentes muito longos e de pontas afiadas, ele era terrível de ver. E Hidimvâ, vendo seu irmão de aparência terrível descer da árvore, ficou muito alarmada, e dirigindo-se a Bhima disse, 'O canibal perverso está vindo para cá em fúria. Eu rogo a ti, faze com teus irmãos como eu te digo. Ó tu de grande coragem, como eu sou dotada dos poderes de um rakshasa, eu sou capaz de ir para onde quer que eu queira. Subam nos meus quadris e eu carregarei vocês todos através dos céus. E, ó destruidor de inimigos, acorda estes e tua mãe que dorme em conforto. Carregando vocês todos sobre o meu corpo eu os levarei pelos céus.'

Bhima então disse, 'Ó tu de belos quadris, eu não tenho medo de nada. Eu estou certo de que desde que eu esteja aqui não haverá nenhum rakshasa capaz de ferir qualquer um deles, ó tu de cintura esbelta. Eu matarei este (canibal) diante dos teus olhos. Este pior dos rakshasas, ó tímida, não é um adversário à minha altura, nem poderiam todos os rakshasas juntos suportar a força dos meus braços. Vê estes meus braços fortes, cada um como a tromba de um elefante. Vê também estas minhas coxas que são como maças de ferro, e meu peito largo e impenetrável. Ó bela, tu hoje contemplarás minha bravura que é como a de Indra. Ó tu de quadris formosos, não me odeies, pensando que eu sou um homem.'

Hidimva respondeu dizendo, 'Ó tigre entre homens, ó tu da beleza de um celestial, sem dúvida eu não te desprezo. Mas eu tenho visto a bravura que rakshasas exercem sobre os homens.'

Vaisampayana continuou, 'Então, ó Bharata, o colérico rakshasa comedor de carne humana ouviu aquelas palavras de Bhima que vinha falando daquela maneira. E Hidimva viu sua irmã disfarçada em forma humana, sua cabeça enfeitada com guirlandas de flores e seu rosto como a lua cheia e suas sobrancelhas e nariz e olhos e cabelos todos do tipo mais belo, e suas unhas e rosto da cor mais delicada, e ela mesma vestida com todos os tipos de ornamentos e em finas roupas transparentes. O canibal, vendo-a naquela forma humana encantadora suspeitou que ela estava desejosa de relacionamento carnal e ficou indignado. E, ó melhor dos Kurus, ficando enfurecido com sua irmã, o rakshasa arregalou os olhos e dirigindo-se a ela disse, 'Que criatura insensata deseja pôr obstáculos no meu caminho agora que eu estou tão faminto? Tu te tornastes tão insensata, ó Hidimvâ, que não temes a minha ira? Que vergonha para ti, mulher lasciva! Tu desejas relacionamento carnal e estás ansiosa para me ofender. Tu estás prestes a ser sacrificada pelo bom nome e honra de todos os rakshasas, teus antepassados! E estes que te ajudam a me fazer este grande insulto, eu, agora, matarei junto contigo.' Dirigindo-se assim à sua irmã, Hidimva,

com os olhos vermelhos de raiva e rangendo os dentes, correu até ela para matá-la ali mesmo. Mas vendo-o correr em direção à sua irmã, Bhima, o principal dos batedores, dotado de grande energia, o repreendeu e disse, ‘Para. Para!’

Vaisampayana continuou, 'E Bhima, vendo o rakshasa zangado com sua irmã, sorriu (em menosprezo), e disse, 'Ó Hidimva, que necessidade há de acordar estas pessoas que dormem tão confortavelmente? Ó canibal perverso, aproxima-te primeiro de mim sem perda de tempo. Golpeia-me primeiro, não cabe a ti matar uma mulher, especialmente quando ela foi ofendida ao invés de ofender. Esta moça mal é responsável por seu ato ao desejar um relacionamento comigo. Ela, nisso, foi movida pelo deus do desejo que permeia todas as formas vivas. Ó patife vil, o mais infame dos rakshasas, tua irmã veio aqui ao teu comando. Vendo o meu corpoela me desejou. Nisso esta moça tímida não te ofendeu. Foi o deus do desejo quem o fez. Não cabe a ti feri-la por essa ofensa. Ó canalha perverso, tu não matarás uma mulher enquanto eu estiver aqui. Vem comigo, ó canibal, e luta comigo isoladamente. Sozinho eu te mandarei hoje para a residência de Yama (Plutão). Ó rakshasa, que a tua cabeça hoje, pressionada pela minha força, seja esmagada em pedaços, como se pressionada pelo pé de um elefante poderoso. Quando tu fores morto hoje por mim no campo de batalha, que as garças e falcões e chacais rasguem em alegria os teus membros no chão. Em um instante eu hoje deixarei esta floresta desprovida de rakshasas, esta floresta que tem sido governada por ti, devorador de seres humanos! Tua irmã, ó rakshasa, hoje te verá, embora sejas imenso como uma montanha, como um elefante enorme repetidamente arrastado por um leão. Ó pior dos rakshasas, após tu seres morto por mim, os homens que atravessarem essas matas de agora em diante farão isso com segurança e sem medo.'

Ouvindo essas palavras Hidimva disse, 'Que necessidade há, ó homem, dessa tua fanfarrice e ostentação? Faze tudo isso primeiro, e então poderás te vangloriar de fato. Portanto, não te retardes. Tu achas que és forte e dotado de coragem, então tu hoje avaliarás corretamente a tua força em teu duelo comigo. Até então, eu não matarei estes (teus irmãos). Que eles durmam confortavelmente, pois, por tu seres um tolo e proferires palavras infelizes, eu te matarei primeiro. Depois de beber teu sangue eu os matarei também, e então por último esta, (minha irmã) que me ofendeu.'

Vaisampayana continuou, 'Dizendo isso o canibal, estendendo os braços correu em fúria em direção a Bhimasena, aquele destruidor de inimigos. Então Bhima de bravura terrível rapidamente agarrou, como se estivesse brincando, com grande força, os braços estendidos do rakshasa que tinha corrido até ele. Então, agarrando com violência o rakshasa que se debatia, Bhima o arrastou daquele local por trinta e dois cúbitos completos como um leão arrastando um animal pequeno. Então o rakshasa, assim sentindo o peso da força de Bhima, ficou muito enraivecido e agarrando o Pandava proferiu um grito terrível. O poderoso Bhima então arrastou com força o rakshasa para uma distância ainda maior, para que seus gritos não acordassem seus irmãos que dormiam confortavelmente. Agarrando e arrastando um ao outro com grande força, Hidimva e Bhimasena demonstraram sua coragem. Lutando como dois elefantes adultos loucos de raiva,

eles então começaram a derrubar árvores e a romper a vegetação que crescia em volta. E por causa daqueles sons aqueles tigres entre os homens (os Pandavas adormecidos), acordaram com sua mãe, e viram Hidimvâ sentada diante deles.’

156

(Continuação do Hidimva vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Despertados do sono, aqueles tigres entre homens, com sua mãe, vendo a beleza extraordinária de Hidimvâ, ficaram maravilhados. E Kunti, fitando-a com admiração por sua beleza, dirigiu-se a ela gentilmente e lhe deu toda a sua confiança. Ela perguntou, 'Ó tu do esplendor de uma filha dos celestiais, de quem és e quem és? Ó tu de belas feições, para que propósito vieste para cá e de onde vens? Se tu és a divindade destas florestas ou uma apsara, conta-me tudo a respeito de ti mesma e também por que permaneces aqui?' Então Hidimvâ respondeu, 'Esta floresta extensa que vês, da cor azul das nuvens, é a residência de um rakshasa de nome Hidimva. Ó bela senhora, saibas que sou a irmã daquele chefe dos rakshasas. Dama venerável, eu fui enviada por aquele meu irmão para te matar com todos os teus filhos. Mas ao chegar aqui por ordem do meu irmão cruel eu vi o teu filho poderoso. Então, ó senhora abençoada, eu fiquei sob o controle do teu filho pela divindade do amor que permeia a natureza de todos os seres, e eu então (mentalmente) escolhi aquele teu filho poderoso como meu marido. Eu tentei o meu melhor para levar vocês daqui, mas eu não pude (por causa da oposição do teu filho). Então o canibal, vendo a minha demora, veio para cá para matar todos estes teus filhos. Mas ele foi arrastado daqui com força por teu filho poderoso e inteligente, meu marido. Vê agora aqueles dois, homem e rakshasa, ambos dotados de grande força e bravura, dedicados ao combate, oprimindo um ao outro e enchendo toda a região com seus gritos.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras dela, Yudhishthira ergueu-se de repente e Arjuna também e Nakula e Sahadeva de grande energia e eles viram Bhima e o rakshasa já engajados na luta, ávidos para vencer um ao outro e arrastando um ao outro com grande força, como dois leões dotados de grande poder. O pó erguido por seus pés por causa daquele combate parecia a fumaça de um incêndio na floresta. Cobertos com aquele pó os seus corpos enormes pareciam dois rochedos altos envolvidos em neblina. Então Arjuna, vendo Bhima um tanto oprimido na luta pelo rakshasa, disse lentamente com um sorriso nos lábios, 'Não temas, ó Bhima de braços poderosos! Nós (estávamos dormindo e portanto) não sabíamos que tu estavas envolvido em combate com um rakshasa terrível e cansado da luta. Aqui estou eu para te ajudar, deixa-me matar o rakshasa, e que Nakula e Sahadeva protejam nossa mãe.' Ouvindo-o Bhima disse, 'Observa o combate, ó irmão, como uma pessoa de fora. Não temas pelo resultado. Estando dentro do alcance dos meus braços ele não escapará com vida.' Então Arjuna disse, 'Qual a necessidade, ó Bhima, de manter o rakshasa

vivo por tanto tempo? Ó opressor de inimigos, nós temos que ir, e não podemos ficar muito mais tempo aqui. O leste está se avermelhando, a aurora já vai começar. O rakshasa se tornou mais forte pelo amanhecer, portanto, te apressa, ó Bhima! Não brinques (com tua vítima), mas mata logo o terrível rakshasa. Durante os dois crepúsculos os rakshasas sempre manifestam seus poderes ilusão. Usa toda a força dos teus braços.'

Vaisampayana continuou, 'Após essas palavras de Arjuna, Bhima, ardendo de raiva, convocou a força que Vayu (seu pai) manifesta na hora da dissolução universal. E, cheio de ira, ele rapidamente ergueu alto no ar o corpo do rakshasa, azul como as nuvens do céu, e o girou uma centena de vezes. Então dirigindo-se ao canibal Bhima disse, 'Ó rakshasa, a tua inteligência te foi dada em vão, e em vão tu cresceste e prosperaste de carne não santificada. Tu mereces, portanto, uma morte profana e eu te reduzirei hoje a nada. Eu tornarei esta floresta abençoada hoje, como uma sem plantas com espinhos. E, ó rakshasa, tu não mais matarás seres humanos para tua alimentação.' Arjuna neste momento disse, 'Ó Bhima, se tu achas que é uma tarefa difícil vencer este rakshasa em combate deixa-me te ajudar, ou, mata-o tu mesmo sem perda de tempo. Ou, ó Vrikodara, deixa-me matar sozinho o rakshasa. Tu estás cansado, e quase terminaste a questão. Bem que mereces descansar.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras de Arjuna, Bhima foi excitado pela fúria e arremessando o rakshasa ao chão com toda a sua força o matou como se ele fosse um animal. O rakshasa, enquanto morria, proferiu um grito terrível que encheu toda a floresta, e que era profundo como o som de um tambor molhado. Então o poderoso Bhima, segurando o corpo com as mãos, o dobrou no meio, e partindo-o em dois satisfez imensamente seus irmãos. Vendo Hidimva morto eles ficaram muito contentes e não demoraram a oferecer seus parabéns a Bhima, aquele castigador de todos os inimigos. Então Arjuna louvando o ilustre Bhima de bravura terrível dirigiu-se a ele outra vez e disse, 'Venerável irmão mais velho, eu acho que há uma cidade não muito longe desta floresta. Abençoado sejas, vamos sair logo daqui para que Duryodhana não possa nos descobrir.'

Então todos aqueles poderosos guerreiros em carros, aqueles tigres entre homens, dizendo, 'Assim seja,' prosseguiram junto com sua mãe, seguidos por Hidimvâ, a mulher rakshasa.'

157

(Continuação do Hidimva vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Bhima, vendo Hidimvâ seguindo-os, dirigiu-se a ela, dizendo, 'Os rakshasas se vingam de seus inimigos por usar ilusões que não podem ser compreendidas. Portanto, ó Hidimvâ, tu vais pelo mesmo caminho pelo qual teu irmão foi.' Então Yudhishthira, vendo Bhima enfurecido, disse, 'Ó Bhima,

ó tigre entre homens, embora enfurecido, não mates uma mulher. Ó Pandava, a prática da virtude é um dever mais elevado do que a proteção da vida. Hidimva, que veio com o objetivo de nos matar, tu já mataste. Esta mulher é a irmã daquele rakshasa, o que ela pode nos fazer mesmo que esteja zangada?'

Vaisampayana continuou, 'Então Hidimvâ com reverência saudou Kunti e seu filho Yudhishthira também, e disse, com as palmas unidas, 'Ó venerável senhora, tu conheces as dores que as mulheres sentem nas mãos do deus do amor. Dama abençoada, essas dores, das quais Bhimasena é a causa, estão me torturando. Eu estive até agora suportando essas dores insuportáveis, esperando pela hora (que teu filho as aliviaria). Aquele tempo no qual eu esperei que seria feliz agora chegou. Rejeitando meus amigos e parentes e o costume da minha raça eu, ó senhora abençoada, escolhi o teu filho, este tigre entre homens, como meu marido. Eu te digo realmente, ó senhora ilustre, que se eu for rejeitada por este herói ou por ti eu não suportarei mais essa minha vida. Portanto, ó tu das mais belas feições, cabe a ti me mostrar piedade, me considerando ou como muito tola ou tua escrava obediente. Ó dama ilustre, una-me com este teu filho, meu marido. Dotado como ele é da forma de um celestial, deixa-me levá-lo comigo para onde quer que eu queira. Confia em mim, ó senhora abençoada, eu o trarei de volta para vocês todos. Quando vocês pensarem em mim eu virei até vocês imediatamente e os transportarei até onde quer que queiram. Eu os protegerei de todos os perigos e os carregarei através das regiões mais inacessíveis e irregulares. Eu carregarei vocês em minhas costas sempre que desejarem prosseguir com rapidez. Ó, sê benevolente para comigo e faze Bhima me aceitar. É dito que em uma época de infortúnio uma pessoa deve proteger a própria vida por quaisquer meios. Aquele que procura cumprir esse dever não deve ter escrúpulos sobre os meios. Aquele que em um tempo de necessidade mantém sua virtude é o principal dos homens virtuosos. De fato, a necessidade é o grande perigo para a virtude e os homens virtuosos. É a virtude que protege a vida, portanto a virtude é chamada de doadora de vida. Portanto os meios pelos quais a virtude ou a observância de um dever é assegurada nunca podem ser censuráveis.'

Ao ouvir essas palavras de Hidimvâ, Yudhishthira disse; 'É assim mesmo, ó Hidimvâ, como tu disseste. Não há dúvida disso. Mas, ó tu de cintura esbelta, tu deverás agir exatamente como disseste. Bhima, depois de se lavar e dizer suas orações e realizar os costumeiros ritos propiciatórios, dará suas atenções para ti até que o sol se ponha. Diverte-te com ele como quiseres durante o dia, ó tu que és dotada da velocidade da mente! Mas tu deves trazer Bhimasena de volta para cá todo dia ao anoitecer.'

Vaisampayana continuou, 'Então Bhima, expressando sua concordância com tudo o que Yudhishthira disse dirigiu-se a Hidimva, dizendo, 'Escuta-me, ó mulher rakshasa! Realmente eu prometo que ficarei contigo, ó tu de cintura esbelta, até que tu obtenhas um filho.' Então Hidimvâ, dizendo, 'Que assim seja' tomou Bhima sobre seu corpo e correu pelas ladeiras. Em topos de montanhas de cenários pitorescos e regiões sagradas para os deuses, cheias de rebanhos de animais e ecoando com as melodias de pássaros emplumados, ela mesma assumindo a

forma mais bela enfeitada com todos os ornamentos e proferindo às vezes melodias suaves, Hidimvâ desfrutou com o Pandava e se esforçou para fazê-lo feliz. Assim também, em regiões inacessíveis de florestas, e em leitos de montanhas cobertas com árvores florescentes, em lagos resplandecentes com lótus e lírios, em ilhas de rios e em suas margens com seixos, em rios selvagens com belas margens e rios de montanhas, em florestas pitorescas com árvores florescentes e caramanchões nas curvas do Himalaia, e várias cavernas, em lagos cristalinos cheios de lótus, em praias brilhantes com ouro e pérolas, em belas cidades e jardins excelentes, em florestas sagradas para os deuses e em ladeiras, nas regiões de guhyakas e ascetas, nas margens do Manasarovara cheias de frutas e flores de todas as estações Hidimvâ, assumindo a forma mais bela, se divertiu com Bhima e se esforçou para fazê-lo feliz. Dotada da velocidade da mente ela se divertiu com Bhima em todas aquelas regiões, até que com o tempo ela concebeu e deu à luz um filho poderoso gerado nela pelo Pandava. De olhos terríveis e boca grande e orelhas retas como flechas, a criança era terrível de olhar. De lábios marrons como cobre e dentes afiados e rugido alto, de braços poderosos e grande força e extrema bravura, aquele menino se tornou um arqueiro poderoso. De nariz comprido, peito largo, panturrilhas horrivelmente enormes, rapidez de movimento e grande força, ele não tinha nada de humano em sua expressão, embora nascido de homem. E ele superava (em força e bravura) todos os pisachas e tribos semelhantes tanto quanto todos os rakshasas. E, ó monarca, embora uma criança pequena, ele cresceu até se tornar um jovem na mesma hora de seu nascimento. O herói poderoso logo adquiriu grande competência no uso de todas as armas. As mulheres rakshasa dão à luz no próprio dia em que concebem, e, capazes de assumir qualquer forma que queiram, elas sempre mudam suas formas. E a criança careca, aquele arqueiro poderoso, logo depois de seu nascimento, reverenciando sua mãe, tocou os pés dela e também os pés de seu pai. Seus pais então lhe deram um nome. Sua mãe notou que sua cabeça era (calva) como um ghata (vaso de água), então seus pais o chamaram de Ghatotkacha (o de cabeça de vaso). E Ghatotkacha, que era extremamente dedicado aos Pandavas, tornou-se um grande favorito deles, de fato, quase um deles.

Então Hidimvâ, sabendo que o período de sua permanência (com seu marido) havia acabado, saudou os Pandavas e marcando um novo encontro com eles foi embora para onde queria. E Ghatotkacha também, aquele principal dos rakshasas, prometendo ao seu pai que viria quando necessário, saudou-os e partiu na direção norte. De fato, foi o ilustre Indra quem criou (por enviar uma porção de si mesmo) o poderoso guerreiro em carro Ghatotkacha como um adversário digno para Karna de energia inigualável, por causa do dardo que ele tinha dado para Karna (o qual mataria com certeza a pessoa contra quem fosse arremessado).

158

(Continuação do Hidimva vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Aqueles poderosos guerreiros em carros, os heroicos Pandavas, foram então, ó rei, de floresta em floresta matando veados e muitos animais (para sua alimentação). E no decorrer de suas viagens eles viram os países dos Matsyas, dos Trigartas, dos Panchalas e então dos Kichakas, e também muitas florestas e lagos belos. E todos eles tinham cabelos emaranhados nas cabeças e se vestiam com cascas de árvores e peles de animais. De fato, com Kunti em sua companhia aqueles heróis ilustres se vestiam em trajes de ascetas. E aqueles poderosos guerreiros em carros às vezes procediam às pressas, carregando sua mãe nas costas, e às vezes eles prosseguiam disfarçados, e às vezes com grande velocidade. E eles costumavam estudar o Rik e os outros Vedas e também todos os Vedangas assim como as ciências de moralidade e política. E os Pandavas, conhecedores da ciência de moralidade, encontraram, no decorrer daqueles viagens, seu avô (Vyasa). E saudando o ilustre Krishna-Dwaipayana aqueles destruidores de inimigos, com sua mãe, ficaram diante dele com mãos unidas.

Vyasa então disse, 'Ó touros da raça Bharata, eu soube com antecedência dessa sua aflição que consiste neste exílio fraudulento pelo filho de Dhritarashtra. Sabendo disso eu vim até vocês, desejoso de lhes fazer um grande bem. Não se aflijam pelo que lhes aconteceu. Saibam que tudo isso é para a sua felicidade. Sem dúvida os filhos de Dhritarashtra e vocês são todos iguais aos meus olhos. Mas os homens são sempre inclinados àqueles que estão em infortúnio ou que são muito jovens. Portanto, é por isso que o meu afeto por vocês é maior agora. E por causa desse afeto eu desejo lhes fazer bem. Escutem-me! Não longe à sua frente há uma cidade encantadora onde nenhum perigo poderá alcançá-los. Vivam lá disfarçados, esperando pela minha volta.'

Vaisampayana continuou, 'Vyasa, o filho de Satyavati, assim confortando os Pandavas, os conduziu à cidade de Ekachakra. E o mestre também consolou Kunti, dizendo, 'Vive, ó filha! Este teu filho, Yudhishthira, sempre dedicado à verdade, este touro ilustre entre os homens, tendo por sua virtude conquistado todo o mundo, terá soberania sobre todos os outros monarcas da terra. Há pouca dúvida que, tendo através da bravura de Bhima e Arjuna conquistado toda a terra com sua faixa de mares, ele desfrutará de sua soberania. Teus filhos assim como os de Madri, todos poderosos guerreiros em carros, se divertirão alegremente como lhes agradar em seus domínios. Estes tigres entre os homens também realizarão vários sacrifícios, tais como o Rajasuya e o sacrifício de cavalo, nos quais os presentes para os brâmanes serão muitos. E estes teus filhos governarão seu reino ancestral, mantendo seus amigos e parentes em luxo e riqueza e felicidade.'

Vaisampayana continuou, 'Com essas palavras Vyasa os introduziu na residência de um brâmane. E o rishi nascido na ilha, dirigindo-se ao mais velho

dos Pandavas, disse, 'Esperem por mim aqui! Eu voltarei a vocês! Por se adaptarem ao país e à ocasião vocês conseguirão se tornar muito felizes.'

Então, ó rei, os Pandavas com as mãos unidas disseram ao rishi, 'Assim seja.' E o mestre ilustre, o rishi Vyasa, então foi embora para a região de onde tinha vindo.'

159

Vaka-vadha Parva

Janamejaya perguntou, 'Ó principal dos brâmanes, o que fizeram os Pandavas, aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Kunti, depois de chegarem a Ekachakra?'

Vaisampayana disse, 'Aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Kunti, ao chegarem a Ekachakra viveram por algum tempo na residência de um brâmane. Levando uma vida de mendicantes, eles viram (enquanto vagueavam) várias florestas encantadoras e regiões terrestres, e muitos rios e lagos, e eles se tornaram os grandes favoritos dos habitantes daquela cidade por causa dos seus próprios talentos. Ao anoitecer eles colocavam diante de Kunti tudo o que coletavam em suas viagens de mendicância, e Kunti costumava dividir o todo entre eles, cada um pegando o que era destinado para si. E aqueles heroicos destruidores de inimigos, com sua mãe, juntos pegavam metade do total, enquanto o poderoso Bhima sozinho pegava a outra metade. Desse modo, ó touro da raça Bharata, os Pandavas ilustres viveram lá por algum tempo.

Um dia, enquanto aqueles touros da raça Bharata estavam fora em sua viagem de mendicância, ocorreu de Bhima estar (em casa) com Pritha. Nesse dia, ó Bharata, Kunti ouviu um lamento de tristeza alto e de partir o coração vindo de dentro dos aposentos do brâmane. Ouvindo os habitantes da casa do brâmane chorando e lamentando de modo comovente, Kunti, ó rei, pela compaixão e bondade de seu coração, não pode suportar aquilo com indiferença. Atormentada pela tristeza, a amável Pritha, dirigindo-se a Bhima, disse estas palavras cheias de compaixão: 'Com nossas preocupações diminuídas nós estamos, ó filho, vivendo felizmente na casa desse brâmane, respeitados por ele e desconhecidos do filho de Dhritarashtra. Ó filho, eu acho que sempre devo fazer o bem para esse brâmane, como fazem aqueles que vivem felizmente nas residências de outros! Ó filho, ele é um homem sincero que sempre faz favores. Ele restitui para os outros mais do que recebeu de suas mãos. Não há nenhuma dúvida de que alguma aflição chegou a esse brâmane. Se nós pudéssemos ser de alguma ajuda para ele nós estaríamos então recompensando os seus serviços.'

Ouvindo essas palavras de sua mãe Bhima disse, 'Descobre, ó mãe, a natureza da aflição do brâmane e também de onde ela veio. Sabendo tudo sobre isso eu ajudarei mesmo que seja uma tarefa difícil.'

Vaisampayana continuou 'Enquanto mãe e filho estavam assim falando entre si eles ouviram outra vez, ó rei, outro lamento de tristeza vindo do brâmane e de sua mulher. Então Kunti rapidamente entrou nos aposentos internos daquele brâmane ilustre, como uma vaca correndo na direção de seu bezerro amarrado. Ela viu o brâmane com sua mulher, filho e filha, sentados com os rostos cheios de dor, e ela ouviu que o brâmane disse, 'Oh, que vergonha para esta vida terrena que é vazia como o junco e tão inútil, afinal é baseada na tristeza e em nenhuma liberdade, e tem a miséria como sua sina! Vida é tristeza e doença, vida é realmente uma história de tristeza! A alma é uma, mas ela tem que buscar virtude, riqueza e prazer. E porque esses são buscados ao mesmo tempo frequentemente ocorre um desacordo que é fonte de muita tristeza. Alguns dizem que a salvação é o mais alto objeto de nosso desejo. Mas eu creio que ela nunca pode ser alcançada. A aquisição de riqueza é inferno, a perseguição de riqueza está ligada à miséria, há mais tristeza depois que alguém a adquiriu, porque se alguém ama suas próprias posses, e se alguma desgraça acontece a elas, o possuidor fica tomado pela dor. Eu não vejo meios pelos quais eu possa escapar desse perigo, nem como eu posso fugir daqui com minha mulher para uma região livre de perigo. Lembra, ó mulher, que eu me esforcei para migrar para algum outro lugar onde nós pudéssemos ser felizes, mas tu não me escutaste. Embora frequentemente eu te rogasse, tu, ó mulher simplória, me dizias, 'Eu nasci aqui, e aqui envelheci, este é meu lar ancestral.' Teu pai venerável, ó mulher, e tua mãe também, há muito tempo atrás, já ascenderam para o céu. Teus parentes também estão todos mortos. Oh, por que então tu ainda quiseste viver aqui? Levada por afeição por teus parentes tu então não ouviste o que eu dizia. Mas chegou a hora em que tu testemunharás a morte de um parente. Oh, quão triste será esse espetáculo para mim! Ou talvez chegou a hora da minha própria morte, porque eu nunca poderei abandonar cruelmente um dos meus enquanto estiver vivo. Tu és minha companheira em todos os bons atos, abnegada e sempre afetuosa comigo como uma mãe. Os deuses te deram a mim como uma verdadeira amiga e tu estás sempre em primeiro lugar. Tu, por meus pais, foste feita participante em meus assuntos domésticos. Tu és de linhagem pura e de boa disposição, mãe dos meus filhos, dedicada a mim, e tão inocente, que tendo escolhido e casado contigo com os ritos devidos eu não posso te abandonar, minha esposa, tão constante em seus votos, para salvar a minha vida. Como eu poderei sacrificar meu filho, uma criança jovem e ainda sem os pelos (da idade adulta)? Como eu sacrificarei a filha que eu mesmo gerei, que foi colocada, como um penhor, nas minhas mãos pelo próprio Criador para ser concedida a um marido, e por quem eu esperava desfrutar, junto com meus antepassados, das regiões alcançáveis unicamente por aqueles que têm os filhos das filhas? Algumas pessoas pensam que o afeto do pai por um filho é maior, outros, que o afeto por uma filha é maior, a minha afeição, no entanto, é igual. Como eu posso estar preparado para desistir da minha filha inocente de quem dependem as regiões de felicidade alcançáveis por mim depois da morte e minha própria linhagem e felicidade perpétua? Se, por outro lado, eu mesmo me sacrificar e for para o outro mundo eu dificilmente conhecerei alguma paz, pois, de fato, é evidente, deixados por mim esses não serão capazes de sustentar a vida. O sacrifício de qualquer um desses seria cruel e censurável. Por outro lado, se eu mesmo me sacrificar, eles, sem mim, certamente perecerão. A angústia na qual eu

fui lançado é grande, nem eu conheço meios de escapar. Ai, que rumo eu tomarei hoje com os meus próximos? É melhor que eu morra com todos eles, porque eu não posso mais viver.'

160

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Vaisampayana disse, ‘Ao ouvir essas palavras do brâmane a mulher dele disse, 'Tu não deves, ó brâmane, sofrer como um homem comum. Nem esta é a hora de lamentar. Tu tens erudição, tu sabes que todos os homens sem dúvida morrerão, ninguém deve chorar pelo que é inevitável. Mulher, filho e filha, todos esses são considerados como um único ser. Como tu és possuidor de uma boa compreensão, mata as tuas tristezas. Eu mesma irei lá. Este, de fato, é o dever mais alto e eterno de uma mulher, que por sacrificar sua vida ela procure o bem de seu marido. Tal ato feito por mim te fará feliz, e me trará fama neste mundo e felicidade eterna na vida após a morte. Isso que eu te digo, de fato, é a mais alta virtude, e tu podes, por isso, adquirir virtude e felicidade. O objetivo pelo qual alguém deseja uma mulher já foi alcançado por ti através de mim. Eu te dei uma filha e um filho e assim fiquei livre da dívida que tinha contigo. Tu és bem capaz de manter e criar as crianças, mas eu, no entanto, nunca poderei sustentá-las e criá-las como tu. Tu és minha vida, riqueza, e senhor, privadas de ti, como estas jovens crianças e eu mesma existiremos? Enviuvada e sem marido, com duas crianças dependentes de mim, como eu, sem ti, manterei vivo o par, levando uma vida honesta? Se a tua filha for pedida (em casamento) por pessoas desonrosas e vaidosas e indignas de contrair um aliança contigo, como eu poderei proteger a menina? De fato, como as aves procuram com avidez a carne que é jogada ao chão, assim também os homens procuram uma mulher que perdeu o marido. Ó melhor dos brâmanes, importunada por homens vis, eu posso vacilar e não ser capaz de continuar no caminho que é desejado por todos os homens honestos. Como eu poderei manter esta única filha da tua casa, esta menina inocente, no caminho pelo qual seus antepassados sempre andaram? Como eu então poderei dar a este menino toda a educação desejável para fazê-lo virtuoso como tu mesmo, naquela época de escassez na qual eu ficarei sem marido? Oprimindo a mim que estarei sem marido, pessoas indignas exigirão (a mão desta) tua filha, como sudras desejando ouvir os Vedas. E se eu não der a eles esta menina possuidora do teu sangue e qualidades eles poderão tomá-la à força, como corvos carregando a manteiga sacrifical. E vendo o teu filho se tornar tão diferente de ti, e a tua filha colocada sob o controle de pessoas indignas, eu serei desprezada no mundo por todas as pessoas honradas, e certamente morrerei. Estas crianças também, privadas de mim e de ti, seus pais, eu não tenho dúvida, perecerão como peixes quando a água seca. Não há dúvida de que sem ti nós três pereceremos, portanto cabe a ti me sacrificar. Ó brâmane, as pessoas conhecedoras da moralidade dizem que para as mulheres que geraram filhos morrer antes dos seus maridos é uma ação do mais alto mérito. Eu estou preparada para abandonar este

filho e esta filha, estes meus parentes, e a própria vida, por ti. Para uma mulher, estar sempre dedicada a fazer coisas agradáveis para o marido é um dever superior a sacrifícios, ascetismo, votos, e todo tipo de caridade. A ação, portanto, que eu pretendo realizar é consoante com a mais alta virtude e é para o teu bem e de toda a tua família. Os sábios declaram que filhos e parentes e mulher e todas as coisas prezadas são criadas para o propósito de libertar uma pessoa do perigo e da angústia. Um homem deve guardar riqueza para se livrar do perigo, e é por sua riqueza que ele deve cuidar e proteger sua mulher. Mas ele deve proteger a si mesmo (por meio de) sua mulher e de sua riqueza. Os eruditos afirmam a verdade que uma esposa, filho, riqueza, e casa, são adquiridos com a intenção de prevenir-se contra acidentes, previstos ou imprevistos. Os sábios também dizem que todos os parentes de um homem pesados contra ele mesmo não são iguais a ele (em valor). Portanto, venerável marido, protege a ti mesmo por me abandonar. Ó, dá-me permissão para me sacrificar, e cuida dos meus filhos. Aqueles que estão familiarizados com a moralidade têm, em seus tratados, dito que mulheres nunca devem ser assassinadas, e rakshasas não ignoram as regras de moralidade. Portanto, enquanto é certo que o rakshasa matará um homem, é duvidoso se ele matará uma mulher. Cabe a ti, portanto, sendo familiarizado com as regras de moralidade, me colocar perante o rakshasa. Eu desfrutei de muita felicidade, obtive muitas coisas que me foram agradáveis, e também adquiri grande mérito religioso. Eu também obtive de ti filhos que me são muito queridos. Portanto, não me aflige morrer. Eu te dei filhos e envelheci, e sempre desejo fazer o bem para ti. Lembrando-me disso tudo eu cheguei a essa decisão. Ó venerável marido, me abandonando tu poderás obter outra mulher. Por meio dela tu poderás novamente adquirir mérito religioso. Não há pecado nisso. Para um homem poligamia é um ato de mérito, mas para uma mulher é muito pecaminoso ter um segundo marido depois do primeiro. Considerando tudo isso, e lembrando também que o teu próprio sacrifício é censurável, ó, liberta hoje sem perda de tempo a ti mesmo, tua linhagem, e estes teus filhos (por me abandonar)'.

Vaisampayana continuou, 'Assim abordado por ela, ó Bharata, o brâmane a abraçou, e ambos começaram a chorar em silêncio, afligidos pela dor.'

161

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Ao ouvir essas palavras de seus pais aflitos, a filha encheu-se de dor e ela se dirigiu a eles dizendo, 'Por que vocês estão tão aflitos e por que choram assim, como se não tivessem ninguém para cuidar de vocês? Ó, me escutem e façam o que for apropriado. Há pouca dúvida de que vocês serão obrigados pelo dever a me abandonar em certo tempo. Certos de me abandonar algum dia, ó, me abandonem agora e salvem-se à custa de mim somente. Os homens desejam ter filhos pensando que os filhos os salvarão (neste mundo

assim como após a morte). Ó, cruzem o rio das suas dificuldades por meio da minha pobre pessoa, como se eu fosse uma balsa. Um filho salva seus pais nesta e nas outras regiões, portanto o filho é chamado de Putra (salvador) pelos eruditos. Os antepassados desejam filhos da filha de mim (como um meio especial de salvação). Mas (sem esperar por meus filhos) eu mesma os salvarei por proteger a vida do meu pai. Este meu irmão é muito jovem, assim há pouca dúvida de que ele perecerá se tu morreres agora. Se tu, meu pai, morreres e meu irmão te seguir, o bolo fúnebre dos Pitris será suspenso e eles ficarão imensamente prejudicados. Deixada para trás por meu pai e irmão, e por minha mãe também (pois ela não sobreviverá sem seu marido e filho) eu mergulharei em uma dor profunda e no final perecerei em grande angústia. Há pouca dúvida que se tu escapares desse perigo como também minha mãe e irmão mais novo, então a tua linhagem e o bolo (ancestral) será perpetuado. O filho é o próprio ser de um homem, a mulher é uma amiga, a filha, no entanto, é uma fonte de incômodo. Salva-te, portanto, por remover essa fonte de incômodo, e assim me estabelece no caminho da virtude. Como eu sou uma menina, ó pai, desprovida de ti, eu ficarei desamparada e mergulhada na dor, e terei que ir para qualquer lugar. Portanto por isso eu estou decidida a resgatar a linhagem de meu pai e compartilhar do mérito dessa ação por realizar esta tarefa difícil. Se tu, ó melhor dos brâmanes, fores lá (até o rakshasa), deixando-me aqui, então eu ficarei muito atormentada. Portanto, ó pai, sê bondoso para comigo. Ó tu melhor dos homens, por nossa causa, pela virtude e também por tua linhagem, salva a ti mesmo, abandonando a mim, de quem em algum tempo tu serias obrigado a te separar. Não há necessidade de protelar, ó pai, para fazer aquilo que é inevitável. Se tu ascenderes para o céu nós teremos que mendigar nossa comida a desconhecidos, como cachorros, o que pode ser mais doloroso do que isso? Mas se tu e teus parentes forem salvos dessas dificuldades eu então viverei felizmente na região dos celestiais. É sabido por nós que se depois de entregar tua filha deste modo tu ofereceres oblações aos deuses e aos celestiais eles certamente serão auspiciosos.'

Vaisampayana continuou, 'O brâmane e sua esposa, ouvindo essas várias lamentações de sua filha, ficaram ainda mais tristes do que antes e os três começaram a chorar juntos. Seu filho, então, muito novo, vendo a eles e sua irmã assim chorando juntos, pronunciou estas palavras em um tom suave, com os olhos arregalados de deleite, 'Não chora, ó pai, nem tu, ó mãe, nem tu, ó irmã!' E sorridente a criança se aproximou de cada um deles, e finalmente erguendo uma folha de grama disse em alegria, 'Com isto eu matarei o rakshasa que come seres humanos.' Embora todos eles estivessem mergulhados na dor, ao ouvirem o que a criança disse tão docemente, a alegria ainda apareceu em seus rostos. Então Kunti pensando que esta era a oportunidade apropriada, se aproximou do grupo e disse algumas palavras. De fato, as palavras dela os reanimaram como o néctar revive uma pessoa que está morta.'

162

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Kunti disse, 'Eu desejo saber de vocês a causa desta dor, pois eu a removerei, se possível.'

O brâmane respondeu, 'Ó tu de riqueza ascética, as tuas palavras são, de fato, dignas de ti. Mas esta dor não pode ser removida por nenhum ser humano. Não longe desta cidade vive um rakshasa de nome Vaka, que é canibal e é o senhor deste país e cidade. Vivendo de carne humana, aquele rakshasa infame dotado de grande força governa este país. Ele sendo o chefe dos asuras, esta cidade e o país no qual está situada são protegidos por seu poder. Nós não temos medo das maquinações de nenhum inimigo, de fato nem de nenhuma alma viva. A taxa, no entanto, fixada por este canibal é sua comida, que consiste em uma carroça cheia de arroz, dois búfalos, e um ser humano que transporte estes itens até ele. Um depois do outro, os chefes de famílias têm enviado a ele esta comida. A vez, no entanto, vem para uma família específica a intervalos de muitos longos anos. Quando há alguns que procuram evitar isso o rakshasa os mata com seus filhos e esposas e devora todos eles. Há, neste país, uma cidade chamada Vetrakiya, onde vive o rei desses territórios. Ele ignora a ciência de governo e, sendo possuidor de pouca inteligência, ele não adota nenhuma medida de proteção pela qual esses territórios possam mantidos em segurança no futuro. Mas nós certamente merecemos isso tudo, visto que vivemos dentro do domínio daquele monarca desprezível e fraco em ansiedade perpétua. Os brâmanes nunca podem morar permanentemente dentro dos domínios de ninguém, pois eles não são dependentes de ninguém, eles vivem como as aves que percorrem todos os países em perfeita liberdade. É dito que um homem deve assegurar um (bom) rei, então uma esposa, e então riqueza. É pela aquisição desses três que um homem pode salvar seus parentes e filhos. Mas com respeito à aquisição desses três, o rumo das minhas ações foi o contrário. Por isso, mergulhado em um mar de perigo eu estou sofrendo muito. A vez de destruir um membro da família agora recaiu sobre mim. Eu terei que dar ao rakshasa como sua taxa a comida que descrevi e um ser humano. Eu não tenho nenhuma riqueza para comprar um homem. Eu não posso de nenhum modo consentir em ceder qualquer um da minha família, nem vejo qualquer meio de escapar (das garras) daquele rakshasa. Eu estou agora mergulhado em um oceano de dor do qual não há fuga. Eu irei àquele rakshasa hoje, acompanhado por toda a minha família, a fim de que o desgraçado devore a nós todos ao mesmo tempo.’

163

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Kunti disse, ‘Não sofras em absoluto, ó brâmane, por causa desse perigo. Eu vejo uma maneira de te salvar do rakshasa. Tu tens um único filho, que, além disso, é muito novo, e também uma filha única, jovem e desamparada, então eu não gostaria que nenhum deles, ou tua mulher, ou tu mesmo, fosse ao rakshasa. Eu tenho cinco filhos, ó brâmane, deixa que um deles vá, levando em teu nome o tributo daquele rakshasa.’

Ouvindo isso o brâmane respondeu, 'Para salvar a minha própria vida eu nunca causaria este sofrimento. Eu nunca sacrificaria, para salvar a mim mesmo, a vida de um brâmane ou de um convidado. De fato, mesmo aqueles que são de origem inferior e de práticas pecaminosas se recusam a fazer (o que tu me pedes para fazer). É dito que uma pessoa deve sacrificar a si mesma e sua própria prole para o benefício de um brâmane. Eu respeito esse conselho excelente e acho bom segui-lo também. Quando eu tenho que escolher entre a morte de um brâmane e a minha, eu prefiro a última. O assassinato de um brâmane é o maior pecado, e não há penitência para isso. Eu penso que um sacrifício relutante de si mesmo é melhor do que o relutante sacrifício de um brâmane. Ó senhora abençoada, ao sacrificar a mim mesmo eu não me tornarei culpado de autodestruição. Nenhum pecado poderá recair sobre mim porque outro tirará minha vida. Mas se eu deliberadamente concordar com a morte de um brâmane esse será um ato cruel e pecaminoso, de cuja consequência não há fuga. Os eruditos dizem que o abandono de alguém que vai à tua casa ou procura a tua proteção, como também o assassinato de alguém que procura a morte em tuas mãos, são ambos cruéis e pecaminosos. Os ilustres entre aqueles que são familiarizados com as práticas permitidas em tempos de infortúnio disseram que nunca se deve realizar uma ação que é cruel e censurável. Será melhor para mim que eu hoje pereça com minha esposa, mas eu nunca aprovarei a morte de um brâmane.'

Kunti disse, 'Eu também tenho a firme opinião, ó brâmane, que brâmanes devem sempre ser protegidos. Com relação a mim mesma, nenhum filho meu me seria menos querido mesmo que eu tivesse cem em vez dos cinco que tenho. Mas aquele rakshasa não será capaz de matar meu filho, pois ele é dotado de grande bravura e energia, e habilidoso com mantras. Ele fielmente entregará a comida ao rakshasa, mas, eu tenho certeza, salvará a si mesmo. Eu já vi muitos rakshasas poderosos de corpos enormes se envolverem em combate com meu filho heroico e serem mortos por ele. Mas, ó brâmane, não reveles este fato a ninguém, pois, se isso for conhecido, pessoas desejosas de obter esse poder, por curiosidade, sempre incomodarão meus filhos. Os sábios disseram que se o meu filho divulgar qualquer conhecimento sem o assentimento de seu preceptor, a qualquer pessoa, ele próprio não poderá mais se beneficiar de tal conhecimento.'

Assim abordado por Pritha, o brâmane com sua mulher ficou muito contente e concordou com as palavras de Kunti, que foram para eles como néctar. Então Kunti, acompanhada pelo brâmane, foi até o filho de Vayu (Bhima) e lhe pediu

para realizar (aquela tarefa difícil). Bhima respondeu a eles, dizendo, 'Que assim seja.'

164

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois de Bhima ter se comprometido a realizar a tarefa, dizendo, 'Eu o farei' os Pandavas, ó Bharata, voltaram para casa com as esmolas que tinham obtido durante o dia. Então Yudhishthira, o filho de Pandu, somente pela expressão de Bhima, suspeitou da natureza da tarefa que ele tinha prometido realizar. Sentando-se ao lado de sua mãe, Yudhishthira perguntou a ela em particular, 'Qual é a tarefa, ó mãe, que Bhima de destreza terrível realizará? E ele a fará por tua ordem ou por iniciativa própria?' Kunti respondeu, 'Bhima, este destruidor de inimigos, por minha ordem fará este grande ato para o bem do brâmane e a libertação desta cidade.'

Yudhishthira disse, 'Que ação impulsiva fizeste, ó mãe! Esta tarefa é difícil de ser realizada e quase equivale a um suicídio! Os eruditos nunca aprovam o abandono do próprio filho. Por que tu, ó mãe, desejas sacrificar teu próprio filho por causa de outros? Tu, ó mãe, por este abandono do teu filho, agiste não só contra as práticas humanas mas também contra os ensinos dos Vedas. Bhima, em cujos braços nós dormimos confiantemente e comodamente durante à noite e esperamos recuperar o reino do qual fomos privados pelo cobiçoso filho de Dhritarashtra, aquele herói de energia imensurável, cuja bravura tira o sono de Duryodhana e Sakuni durante toda noite e por cuja destreza nós fomos salvos do palácio de laca e de vários outros perigos, aquele Bhima que causou a morte de Purochana, e em cujo poder confiamos tanto que consideramos que já matamos os filhos de Dhritarashtra e adquirimos toda a terra com toda a sua riqueza, sobre quais considerações, ó mãe, tu resolveste abandoná-lo? Estavas privada da tua razão? A tua compreensão foi nublada pelas calamidades que tens sofrido?'

Ao ouvir essas palavras de seu filho, Kunti disse, 'Ó Yudhishthira, tu não precisas ficar ansioso por causa de Vrikodara. Eu não cheguei a essa resolução devido à qualquer fraqueza de compreensão. Respeitados, e com nossas tristezas aliviadas, nós temos, ó filho, vivido na casa deste brâmane, desconhecidos para os filhos de Dhritarashtra. Para recompensar, ó filho, este brâmane, eu resolvi fazer isso. Ele, de fato, é um homem sobre quem bons atos nunca são desperdiçados. A medida de sua retribuição se torna maior do que a medida dos serviços que ele recebe. Vendo a coragem de Bhima na ocasião da (nossa fuga da) casa de laca, e também da destruição de Hidimva, a minha confiança em Vrikodara é grande. O poder dos braços de Bhima é igual ao de dez mil elefantes. Foi por isso, portanto, que ele conseguiu carregar vocês todos, cada um pesado como um elefante, de Varanavata. Não há ninguém sobre a terra igual a Bhima

em força, ele pode até vencer aquele principal dos guerreiros, o próprio manejador do raio. Logo depois de seu nascimento ele caiu do meu colo no leito da montanha. Pelo peso de seu corpo a massa de pedra na qual ele caiu se partiu em pedaços. Por isso também, ó filho de Pandu, eu vim a conhecer o poder de Bhima. Por essa razão eu resolvi enviá-lo contra o inimigo do brâmane. Eu não agi assim por tolice ou ignorância ou por motivo de lucro. Eu refletidamente resolvi fazer esse ato virtuoso. Por essa ação, ó Yudhishthira, dois objetivos serão alcançados, um é a retribuição aos serviços prestados pelo brâmane e o outro é a aquisição de grande mérito religioso. É minha convicção que o kshatriya que presta qualquer ajuda a um brâmane alcança regiões de felicidade após a morte. Assim também um kshatriya que salva a vida de um kshatriya obtém grande fama neste mundo como no outro. Um kshatriya dando ajuda a um vaisya também sobre esta terra certamente obtém popularidade mundial. Alguém da classe real deve proteger até o sudra que procura a sua proteção. Se ele agir assim em sua próxima vida terá seu nascimento em uma linhagem real, merecendo prosperidade e o respeito dos outros reis. Ó descendente da linhagem Puru, o ilustre Vyasa de sabedoria adquirida por difíceis trabalhos ascéticos me disse isso no passado. Foi por essas razões que eu resolvi realizar isso.'

165

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Após ouvir essas palavras de sua mãe, Yudhishthira disse, 'O que tu, ó mãe, fizeste deliberadamente, movida por compaixão pelo brâmane aflito, é, de fato, excelente, e Bhima certamente voltará com vida depois de ter matado o canibal, visto que tu és, ó mãe, sempre compassiva para com os brâmanes. Mas dize ao brâmane, ó mãe, para ele não fazer qualquer coisa pela qual os habitantes desta cidade possam saber a respeito disso, e faze-o prometer atender ao teu pedido.'

Vaisampayana continuou, ‘Então, quando a noite caiu, Bhimasena, o filho de Pandu, levando consigo a comida do rakshasa, foi ao local onde o canibal vivia. O filho poderoso de Pandu, se aproximando da floresta onde o rakshasa morava, começou a comer ele mesmo a comida que carregava, chamando ruidosamente o rakshasa pelo nome. O rakshasa, cheio de fúria pelas palavras de Bhima, saiu e se aproximou do lugar onde Bhima estava.

De corpo enorme e grande força, de olhos vermelhos, barba vermelha, e cabelo vermelho, ele era terrível de ver, e ele chegou pressionando profundamente a terra com seus passos. A abertura de sua boca era de orelha a orelha e aquelas orelhas eram retas como flechas. De aparência repugnante, ele tinha a testa sulcada por três linhas. Vendo Bhima comendo sua comida o rakshasa avançou, mordendo o lábio inferior e arregalando os olhos em fúria. E dirigindo-se a Bhima ele disse, 'Quem é este tolo, que desejando ir para a residência de Yama come na minha frente a comida que é para mim?' Ouvindo essas palavras, Bhima, ó

Bharata, sorriu com menosprezo e desdenhando o rakshasa continuou a comer com o rosto desviado. Vendo isso o canibal proferiu um grito terrível e com ambos os braços erguidos correu até Bhima desejando matá-lo imediatamente. Mesmo então desconsiderando o rakshasa e lançando a ele somente um único olhar, Vrikodara, aquele matador de heróis hostis, continuou a comer a comida do rakshasa. Cheio de cólera por isso, o rakshasa desferiu por trás com ambos os os braços um golpe pesado nas costas de Vrikodara, o filho de Kunti. Mas Bhima, embora acertado pesadamente pelo rakshasa poderoso, com ambas as mãos, ainda assim não ergueu os olhos para o rakshasa mas continuou a comer como antes. Então o poderoso rakshasa, excitado pela raiva, arrancou uma árvore e avançou em Bhima para bater nele outra vez. Enquanto isso o poderoso Bhima, aquele touro entre os homens, tinha calmamente acabado de comer toda aquela comida e se limpando levantou-se alegremente para lutar. Então, ó Bharata, possuidor de grande energia, Bhima, sorrindo com menosprezo, pegou com sua mão esquerda a árvore arremessada nele pelo rakshasa furioso. Então aquele rakshasa, arrancando muito mais árvores, as jogou em Bhima, e o Pandava também arremessou tantas quanto aquelas no rakshasa. Então, ó rei, o combate com árvores entre aquele ser humano e o rakshasa tornou-se tão terrível que a região em volta logo ficou desprovida de árvores. Então o rakshasa, dizendo que ele era ninguém mais do que Vaka, pulou sobre o Pandava e agarrou o poderoso Bhima com os braços. Aquele herói poderoso também apertou com seus próprios braços fortes o rakshasa de braços fortes e, se esforçando ativamente, começou a arrastá-lo violentamente. Arrastado por Bhima e arrastando Bhima também, o canibal foi tomado por grande fadiga. A terra começou a tremer por causa da força que ambos empregavam, e árvores grandes que lá estavam se partiram em pedaços. Então Bhima, vendo o canibal vencido pela fadiga, o pressionou no chão com os joelhos e começou a golpeá-lo com grande força. Então, colocando um joelho sobre o meio das costas do rakshasa, Bhima agarrou o pescoço dele com a mão direita e o tecido em sua cintura com a mão esquerda e o dobrou em dois com grande força. O canibal então rugiu terrivelmente. E, ó monarca, ele também começou a vomitar sangue enquanto estava sendo quebrado desse forma pelo joelho de Bhima.'

166

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Vaisampayana disse 'Então Vaka, enorme como uma montanha, assim quebrado (pelo joelho de Bhima), morreu proferindo gritos terríveis. Apavorados por aqueles sons, os parentes daquele rakshasa saíram, ó rei, com seus servidores. Bhima, aquele principal dos matadores, vendo-os tão apavorados e privados de razão, os consolou e os fez prometerem (abandonar o canibalismo), dizendo, 'Não voltem a matar seres humanos. Se vocês matarem homens vocês morrerão como Vaka.' Aqueles rakshasas, ao ouvirem essas palavras de Bhima,

disseram, 'Que assim seja' e deram, ó rei, a promessa desejada. Daquele dia em diante, ó Bharata, os rakshasas (da região) foram vistos pelos habitantes daquela cidade como pacíficos em relação à humanidade. Então Bhima, arrastando o canibal sem vida, o colocou em um dos portões da cidade e foi embora sem ser observado. Os parentes de Vaka, vendo-o morto pela força de Bhima, ficaram assustados e fugiram em direções diferentes.

Enquanto isso Bhima, tendo matado o rakshasa, voltou à residência do brâmane e relatou para Yudhishthira tudo o que tinha acontecido, em detalhes. Na manhã seguinte os habitantes da cidade ao saírem viram o rakshasa jazendo morto no chão, com o corpo coberto de sangue. Vendo aquele canibal terrível, enorme como um penhasco, mutilado daquela maneira e jazendo sobre o chão os espectadores ficaram de cabelos arrepiados. Voltando para Ekachakra, eles logo divulgaram a informação. Então, ó rei, os cidadãos aos milhares acompanhados por suas esposas, jovens e velhos, todos começaram a ir ao local para ver Vaka, e eles todos ficaram assombrados ao verem aquela façanha sobre-humana. Imediatamente, ó monarca, eles começaram a rezar para os seus deuses. Então eles calcularam de quem era a vez no dia anterior de levar comida ao rakshasa. E averiguando isso eles todos foram até o brâmane e o questionaram (para satisfazer sua curiosidade). Assim perguntado por eles repetidamente, aquele touro entre os brâmanes, desejoso de esconder os Pandavas, disse a todos os cidadãos estas palavras, 'Certo brâmane de grande alma, habilidoso com mantras, me viu chorando com meus parentes depois de eu ter sido mandado abastecer a comida do rakshasa. Me perguntando a causa e descobrindo a situação da cidade, aquele principal dos brâmanes me deu toda a confiança e com sorrisos disse, 'Eu levarei a comida para aquele rakshasa perverso hoje. Não receies por mim.' Dizendo isso ele transportou a comida em direção à floresta de Vaka. Essa façanha, tão benéfica para todos nós, foi certamente feita por ele.'

Então aqueles brâmanes e kshatriyas (da cidade) ouvindo isso se maravilharam. E os vaisyas e os sudras também ficaram muito contentes, e eles todos instituíram um festival no qual o culto aos brâmanes era a principal cerimônia (em recordação daquele brâmane que os tinha livrado de seus temores de Vaka).

167

Chaitraratha Parva

Depois disso os cidadãos voltaram para suas respectivas casas e os Pandavas continuaram a morar em Ekachakra como antes.’

Janamejaya disse, 'Ó brâmane, o que fizeram aqueles tigres entre homens, os Pandavas, depois de terem matado o rakshasa Vaka?'

Vaisampayana disse, 'Os Pandavas, ó rei, depois de matarem o rakshasa Vaka, continuaram a morar na residência daquele brâmane, ocupados no estudo dos Vedas. Depois de poucos dias chegou um brâmane de votos rígidos à residência

de seu anfitrião, para se hospedar por lá. Seu anfitrião, aquele touro entre os brâmanes, sempre hospitaleiro com todos os convidados, reverenciando o brâmane recém-chegado com as cerimônias devidas, deu a ele alojamento em sua própria residência. Então aqueles touros entre homens, os Pandavas, com sua mãe Kunti, pediram para o novo inquilino narrar a eles as suas interessantes experiências. O brâmane falou a eles sobre vários países e santuários e rios (sagrados), sobre reis e muitas províncias e cidades maravilhosas. E depois que aquela narração havia acabado, aquele brâmane, ó Janamejaya, também falou da extraordinária escolha de marido da filha de Yajnasena, dos príncipes de Panchala, e dos nascimentos de Dhrishtadyumna e Sikhandi, e do nascimento, sem a intervenção de uma mulher, de Krishnâ (Draupadi) no grande sacrifício de Drupada.

Então aqueles touros entre homens, os Pandavas, ouvindo aqueles fatos extraordinários em relação àquele monarca ilustre (Drupada), e desejando saber detalhes sobre ele, questionaram o brâmane, depois que a sua narração havia acabado, para satisfazer sua curiosidade. Os Pandavas disseram, 'Como, ó brâmane, ocorreu o nascimento de Dhrishtadyumna, o filho de Drupada, do fogo (sacrifical)? Como também foi o nascimento extraordinário de Krishnâ, do centro da plataforma sacrifical? Como também o filho de Drupada aprendeu o uso de todas as armas do grande arqueiro Drona? E, ó brâmane, como e por quem e por que razão a amizade entre Drona e Drupada acabou?'

Vaisampayana continuou, 'Assim questionado, ó monarca, por aqueles touros entre homens, o brâmane narrou todos os detalhes acerca do nascimento de Draupadi.'

168

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O brâmane disse, 'Naquela região onde o Ganges entra nas planícies vivia um grande rishi, dedicado às mais austeras penitências. De votos rígidos e grande sabedoria, ele levava o nome Bharadwaja. Um dia, ao ir ao Ganges realizar suas abluções, o rishi viu a apsara Ghritachi, que havia chegado antes, parada na margem depois que suas abluções tinham terminado. E ocorreu de um vento se erguer e despir a apsara que lá estava. E o rishi vendo-a assim despida sentiu a influência do desejo. Embora praticando o voto de abstinência desde muito jovem, tão logo ele sentiu a influência do desejo o fluido vital do rishi saiu. E quando isso ocorreu ele o segurou em um pote (drona), e daquele fluido assim preservado em um pote nasceu um filho que veio a ser chamado de Drona (o nascido no pote). E Drona estudou todos os Vedas e seus vários ramos. E Bharadwaja tinha um amigo chamado Prishata que era o rei dos Panchalas. E na época em que Drona nasceu Prishata também obteve um filho chamado Drupada. E aquele touro entre os kshatriyas, o filho de Prishata, indo todos os dias àquele retiro de Bharadwaja,

brincava e estudava com Drona. E depois da morte de Prishata Drupada o sucedeu no trono. Naquela época Drona soube que (o grande herói brâmane) Rama (na véspera de se retirar para as florestas) tinha decidido distribuir toda a sua riqueza. Sabendo disso o filho de Bharadwaja foi até Rama que estava para se retirar para as florestas e dirigiu-se a ele, dizendo, 'Ó melhor dos brâmanes, eu sou Drona que vim a ti para obter tua riqueza.' Rama respondeu, dizendo, 'Eu já dei tudo. Tudo o que eu agora tenho é este meu corpo e minhas armas. Ó brâmane, tu podes me pedir um desses dois, ou meu corpo ou minhas armas.' Então Drona disse, 'Cabe a ti, senhor, me dar todas as tuas armas junto com (os mistérios de) seu uso e retirada.'

O brâmane continuou, 'Então Rama da linhagem Bhrigu, dizendo, 'Assim seja' deu todas as suas armas para Drona, que ao obtê-las se considerou coroado com sucesso. Drona, obtendo de Rama a maior de todas as armas, chamada de arma Brahma, ficou muito contente e obteve uma evidente superioridade sobre todos os homens. Então o filho de Bharadwaja, dotado de grande coragem, foi ao rei Drupada e, se aproximando daquele monarca, aquele tigre entre homens disse, 'Reconhece-me como teu amigo.' Ouvindo isso Drupada disse, 'Alguém de nascimento inferior nunca pode ser amigo de alguém cuja linhagem é pura, nem pode alguém que não é um guerreiro em carro ter um guerreiro em carro como seu amigo. Assim também alguém que não é rei não pode ter um rei como amigo. Por que tu, portanto, desejas (reviver a nossa) antiga amizade?'

O brâmane continuou, 'Drona, dotado de grande inteligência, ficou extremamente humilhado por isso, e planejando em sua mente alguns meios de humilhar o rei de Panchala ele foi à capital dos Kurus, que recebeu o nome de elefante. Então Bhishma, levando consigo seus netos, os apresentou ao sábio filho de Bharadwaja como seus pupilos para instrução, junto com várias espécies de riqueza. Então Drona, desejoso de humilhar o rei Drupada, reuniu seus discípulos e disse a eles, 'Ó impecáveis, cabe a vocês, depois que estiverem aperfeiçoados no manejo de armas, me darem como taxa preceptoral alguma coisa que eu possa desejar em meu coração.' Então Arjuna e outros disseram ao seu preceptor, 'Assim seja.' Depois de algum tempo quando os Pandavas se tornaram hábeis com armas e tinham adquirido pontaria certeira, exigindo deles a taxa, ele outra vez lhes disse estas palavras, 'Drupada, o filho de Prishata, é o rei de Chhatravati. Tirem dele o seu reino e o deem a mim.' Então os Pandavas, derrotando Drupada em batalha e prendendo-o junto com seus ministros, o ofereceram a Drona, que vendo o monarca derrotado, disse, 'Ó rei, eu outra vez peço a tua amizade, e porque ninguém que não seja um rei merece ser amigo de um rei, portanto, ó Yajnasena, eu resolvi dividir o teu reino entre nós. Enquanto tu serás o rei do país ao sul do Bhagirathi (Ganges) eu regerei o país ao norte.'

O brâmane continuou, 'O rei dos Panchalas, assim abordado pelo sábio filho de Bharadwaja, disse àquele melhor dos brâmanes e o mais notável de todos os conhecedoras de armas, estas palavras, 'Ó filho de Bharadwaja de grande alma, abençoado sejas, que seja assim, que haja amizade eterna entre nós como tu desejas!' Dirigindo-se assim um ao outro e estabelecendo um compromisso permanente entre si, Drona e o rei de Panchala, ambos destruidores de inimigos,

voltaram aos lugares de onde vieram. Mas a lembrança daquela humilhação não deixava a mente do rei em nenhum momento. Com tristeza no fundo de seu coração, o rei começou a definhar.'

169

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O brâmane continuou, 'O rei Drupada, (depois disso), profundamente aflito, vagueou por muitos retiros de brâmanes à procura de brâmanes superiores habilidosos em ritos sacrificais. Dominado pela mágoa e ansiando avidamente por filhos, o rei sempre dizia, 'Oh, eu não tenho nenhum filho que supere a todos em talentos.' E o monarca, em grande desalento, também dizia 'Oh, que vergonha para aqueles filhos que terei e para meus parentes!' E sempre pensando em se vingar de Drona, o monarca suspirava constantemente. E aquele melhor dos reis, ó Bharata, mesmo depois de muita deliberação, não viu nenhum meio de vencer, por meio de seu poder kshatriya, a destreza e disciplina e treinamento e realizações de Drona. Vagando pelas margens do Yamuna e do Ganges, o monarca uma vez chegou a um retiro sagrado de brâmanes. Não havia naquele retiro um brâmane que não fosse um Snataka, que não fosse de votos rígidos, e que não fosse virtuoso em alto grau. E o rei lá viu dois brâmanes sábios chamados Yaja e Upayaja, ambos de votos rígidos e almas sob completo controle e pertencentes à classe superior. Eles eram ambos dedicados ao estudo dos institutos antigos e nascidos na linhagem de Kasyapa. E aqueles melhores dentre os brâmanes eram bem capacitados para ajudar o rei a alcançar seu objetivo. O rei então, com grande assiduidade e na busca de um só objetivo começou a agradar aquele par de brâmanes excelentes. Averiguando os talentos superiores do mais jovem dos dois o rei cortejou em particular Upayaja de votos rígidos, pelo oferecimento de todas as aquisições desejáveis. Empenhado em prestar homenagem aos pés de Upayaja, sempre se dirigindo a ele com palavras gentis e lhe oferecendo todo objeto de desejo humano, Drupada, depois de reverenciar o brâmane, dirigiu-se a ele (um dia), dizendo, 'Ó Upayaja, ó brâmane, se tu realizares os ritos sacrificais pelos quais eu possa obter um filho que possa matar Drona, eu te prometo dez mil vacas, ou qualquer outra coisa que possa te agradar. Ó principal dos brâmanes, realmente eu estou disposto a dar esses presentes para ti.' Assim abordado pelo rei, o rishi respondeu, dizendo, 'Eu não posso (realizar esses ritos)'. Mas Drupada sem aceitar essa resposta como definitiva mais uma vez começou a servir e prestar homenagem àquele brâmane. Então, depois de um ano, Upayaja, aquele principal dos brâmanes, ó monarca, dirigindo-se a Drupada em tom gentil, disse, 'Meu irmão mais velho (Yaja), um dia, enquanto vagava através das florestas profundas, pegou uma fruta que tinha caído sobre um local cuja pureza ele não se importou de verificar. Eu o estava seguindo (aquela vez) e observei aquela ação indigna dele. De fato, ele não tem escrúpulos em aceitar coisas impuras. Ao aceitar aquela fruta (específica) ele não

viu nenhum ato impróprio ou de natureza pecaminosa. De fato, aquele que não pratica a pureza (em uma ocasião) muito provavelmente não a praticará em outras ocasiões. Quando ele vivia na casa de seu preceptor, empenhado em estudar os institutos, ele sempre costumava comer restos (impuros) dos banquetes de outras pessoas. Ele sempre fala com aprovação sobre comida e não antipatiza com nada. Raciocinando a respeito disso eu creio que meu irmão cobiça aquisições mundanas. Portanto, ó rei, vai até ele e ele realizará trabalhos espirituais para ti.' Ouvindo essas palavras de Upayaja o rei Drupada, embora tendo uma opinião baixa sobre Yaja, todavia foi para a sua residência. Reverenciando Yaja que (ainda assim) era digno de homenagem, Drupada disse a ele, 'Ó mestre, realiza trabalhos espirituais para mim e eu te darei oitenta mil vacas! A inimizade por Drona queima o meu coração, e cabe a ti portanto refrigerar este meu coração. O principal dentre os conhecedores dos Vedas, Drona é também hábil com a arma Brahma e por isso Drona me venceu em uma disputa resultante da nossa (enfraquecida) amizade. Dotado de grande inteligência, o filho de Bharadwaja é (agora) o principal preceptor dos Kurus. Não há kshatriya neste mundo que seja superior a ele. Seu arco tem o comprimento de seis cúbitos e parece formidável, e suas flechas são capazes de matar todos os seres vivos. Aquele grande arqueiro, o filho de Bharadwaja, vestido como um brâmane, está destruindo o poder kshatriya por toda a terra. De fato, ele é como um segundo Jamadagnya buscando o extermínio da linhagem kshatriya. Não há homem sobre a terra que possa vencer a força terrível de suas armas. Como um fogo ardente alimentado com manteiga clarificada, Drona, possuidor da força Brahma e unindo-a com o poder kshatriya, destrói todo adversário em batalha. Mas (a tua) força Brahma é maior em si mesma do que a própria força Brahma (de Drona) unida com o poder kshatriya. Portanto, como eu sou inferior (a Drona) por possuir só o poder kshatriya, eu solicito a ajuda da tua força Brahma, tendo chegado a ti que é tão superior a Drona em conhecimento de Brahma. Ó Yaja, realiza aquele sacrifício por meio do qual eu possa obter um filho invencível em batalha e capaz de matar Drona. Eu estou disposto a te dar dez mil vacas.' Ouvindo essas palavras de Drupada, Yaja disse, 'Que assim seja.' Yaja então começou a se lembrar das várias cerimônias concernentes ao sacrifício específico. E sabendo que o caso era muito sério, ele pediu a ajuda de Upayaja que nada cobiçava. Então Yaja prometeu realizar o sacrifício para a destruição de Drona. Então o grande asceta Upayaja falou ao rei Drupada tudo o que era necessário para grande sacrifício do qual o rei obteria prole (pela ajuda do fogo). E ele disse, 'Ó rei, um filho nascerá para ti, dotado, como tu desejas, de grande coragem, grande energia, e grande força.'

O brâmane continuou, 'Então o rei Drupada, impelido pelo desejo de obter um filho que pudesse matar Drona, começou, buscando realizar seu desejo, a fazer os preparativos necessários. (E quando tudo estava completado) Yaja, depois de ter despejado libações de manteiga clarificada no fogo sacrifical, ordenou a rainha de Drupada, dizendo, 'Vem para cá, ó rainha, ó nora de Prishata! Um filho e uma filha chegaram para ti!' Ouvindo isso a rainha disse, 'Ó brâmane, a minha boca ainda está cheia de açafrão e outras coisas perfumadas. Meu corpo também porta muitos perfumes doces, eu não estou preparada para aceitar (a manteiga

santificada que me dará prole). Espera um pouco por mim, ó Yaja! Espera por aquela feliz consumação.' Yaja, no entanto, respondeu, 'Ó senhora, tu venhas ou demores, por que o objetivo deste sacrifício não seria realizado quando a oblação já foi preparada por mim e santificada pelas invocações de Upayaja?'

O brâmane continuou, 'Tendo dito isso Yaja despejou a libação santificada no fogo, depois do que ergueu-se daquelas chamas um menino parecido com um celestial, que possuía a refulgência do fogo, e era terrível de contemplar. Com uma coroa sobre a cabeça e o corpo envolvido em armadura excelente, de espada na mão, e portando um arco e flechas, ele frequentemente proferia rugidos altos. E imediatamente depois de seu nascimento ele subiu em uma carruagem excelente e circulou por lá por algum tempo. Então os Panchalas em grande alegria gritaram, 'Excelente, Excelente'! A própria terra pareceu naquele momento incapaz de suportar o peso dos Panchalas loucos de alegria. Então, maravilhoso de dizer, a voz de algum espírito invisível nos céus disse, 'Este príncipe nasceu para a destruição de Drona. Ele dissipará todos os medos dos Panchalas e espalhará sua fama. Ele também removerá a tristeza do rei.' E lá ergueu-se, depois disso, do centro da plataforma sacrifical, uma filha também, chamada Panchali, que, afortunada, era extremamente bela. Seus olhos eram negros e grandes como pétalas de lótus, sua cor era escura, e seus cabelos eram azuis e encaracolados. Suas unhas eram belamente convexas e brilhantes como cobre polido, suas sobrancelhas eram formosas, e seu busto era profundo. De fato, ela parecia com a verdadeira filha de um celestial nascida entre os homens. Seu corpo emanava fragrância como a do lótus azul, perceptível a uma distância de duas milhas completas. Sua beleza era tal que ela não tinha igual sobre a terra. Como uma própria celestial, ela poderia ser desejada (em casamento) por um celestial, um danava, ou um yaksha. Quando aquela moça de quadris formosos nasceu uma voz incorpórea disse, 'Esta moça de cor escura será a principal de todas as mulheres, e ela será a causa da destruição de muitos kshatriyas. Esta de cintura esbelta, com o tempo, realizará o propósito dos deuses, e junto com ela muitos perigos surpreenderão os Kauravas.' Ao ouvirem essas palavras os Panchalas proferiram um rugido alto e leonino, e a terra não pode suportar o peso daquela multidão alegre. Então vendo o menino e a menina, a nora de Prishata, desejando tê-los, se aproximou de Yaja e disse, 'Que eles não conheçam ninguém mais exceto a mim como sua mãe.' Yaja, desejando fazer o bem para o rei disse, 'Assim seja.' Então os brâmanes (lá presentes), com suas expectativas plenamente satisfeitas, deram nomes para o par recém-nascido, ‘Que este filho do rei Drupada’, eles disseram, ‘se chame Dhrishtadyumna por sua grande audácia e porque ele nasceu como Dyumna com uma armadura natural e arma.’ E eles também disseram, 'Porque esta filha tem uma cor tão escura ela deve ser chamada de Krishnâ (a escura)'.

O brâmane continuou, 'Assim nasceram aqueles gêmeos do grande sacrifício de Drupada. E o grande Drona, levando o príncipe Panchala para a sua própria residência, ensinou a ele sobre todas as armas em retribuição pela metade do reino que ele antigamente tinha tomado de Drupada. O filho de grande alma de

Bharadwaja, considerando o destino inevitável, fez o que perpetuaria os seus próprios grandes feitos.'

170

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vaisampayana disse, 'Ouvindo essas palavras do brâmane, os filhos de Kunti pareciam estar, por assim dizer, perfurados por dardos. De fato, todos aqueles heróis poderosos perderam sua paz mental. Então a sincera Kunti, vendo todos os seus filhos apáticos e desatentos, dirigiu-se a Yudhishthira e disse, 'Nós agora vivemos muitas noites na residência deste brâmane. Nós passamos nosso tempo agradavelmente nesta cidade, vivendo de esmolas obtidas de muitas pessoas honestas e ilustres. Ó opressor de inimigos, como nós agora vimos muitas e muitas vezes todas as florestas e bosques agradáveis que existem nesta parte do país, vê-los outras vezes não nos dará mais nenhum prazer. Ó descendente heroico da linhagem Kuru, esmolas também não são agora obteníveis aqui tão facilmente quanto antes. Se tu desejares será bom para nós agora irmos para Panchala, nós não vimos aquele país, e ele será, sem dúvida, ó herói, encantador para nós. Ó destruidor de inimigos, foi ouvido por nós que esmolas são obteníveis no país de Panchala, e Yajnasena, o rei de lá, é devotado aos brâmanes. Eu tenho a opinião de que não é bom viver por muito tempo em um lugar. Portanto, ó filho, se tu quiseres, seria bom nós irmos até lá.'

Ouvindo essas palavras Yudhishthira disse, 'É nosso dever obedecer a tua ordem, que, além disso, deve ser para nosso bem, eu, no entanto, não sei se meus irmãos mais novos desejarão ir.'

171

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vaisampayana continuou, ‘Então Kunti falou para Bhimasena e Arjuna e aos gêmeos a respeito da viagem para Panchala. Eles todos disseram, ‘Que assim seja.’ Então, ó rei, Kunti com seus filhos saudou o brâmane (em cuja casa eles tinham morado) e partiu para a cidade encantadora do ilustre Drupada.’

Vaisampayana disse, 'Enquanto os Pandavas ilustres estavam vivendo disfarçados na residência do brâmane, Vyasa, o filho de Satyavati, uma vez foi lá para vê-los. Os destruidores de inimigos, vendo-o, se levantaram e se adiantaram para recebê-lo. Saudando-o reverentemente e adorando-o também os Pandavas ficaram em silêncio com as mãos unidas. Assim adorado por eles o sábio ficou satisfeito. Ele lhes pediu para se sentarem, e alegremente dirigiu-se a eles dizendo, 'Ó matadores de inimigos, vocês estão vivendo no caminho da virtude e

segundo as escrituras? Fazem culto aos brâmanes? Vocês, eu espero, não relutam em prestar homenagem àqueles que merecem sua homenagem?' O rishi ilustre, depois disso, falou muitas palavras de significado virtuoso, e depois de discursar sobre muitos tópicos de grande interesse ele disse, 'Um rishi ilustre, vivendo em certo eremitério, teve uma filha de cintura fina, lábios formosos, e belas sobrancelhas, e possuidora de todos os atributos. Como consequência das suas próprias ações (em uma vida passada) a bela donzela tornou-se muito infeliz. Embora casta e bela, a donzela não obtinha um marido. Com o coração triste ela então começou a praticar penitências ascéticas com o objetivo de obter um marido. Ela logo satisfez por seu ascetismo severo o deus Sankara (Mahadeva), que tornou-se auspicioso para ela e disse àquela donzela ilustre, 'Pede a bênção que desejares! Abençoada sejas! Eu sou Sankara e estou disposto a te dar o que quer que possas pedir.' Desejosa de se beneficiar, a donzela repetidamente disse ao senhor supremo, 'Ó, dá-me um marido dotado de todos os talentos.' Então Isana (Mahadeva), o principal de todos os oradores, respondeu a ela, dizendo, 'Ó abençoada, tu terás cinco maridos dentre os príncipes Bharata.' Então a moça disse ao deus que tinha lhe dado aquela bênção, 'Ó senhor, eu desejo ter um único marido pela tua graça.' O deus então dirigiu-se a ela outra vez e disse estas palavras excelentes, 'Tu, ó menina, disseste cinco vezes: 'Dá-me (um) marido.' Tu, portanto, em outra vida terás cinco maridos!' Ó príncipes da linha Bharata, aquela donzela de beleza celeste nasceu na linha de Drupada. A impecável Krishnâ da linhagem Prishata está destinada a ser a esposa de vocês todos. Ó poderosos, vão portanto, à capital dos Panchalas e morem lá. Não há dúvida de que tendo-a obtido como sua esposa vocês serão muito felizes.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo falado dessa forma aos Pandavas, o ilustre e abençoado avô então se despediu deles. O grande asceta então os deixou e voltou ao lugar de onde tinha vindo.'

172

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois que Vyasa tinha ido embora aqueles touros entre os homens, os Pandavas, saudaram o brâmane e se despediram, e procederam (em direção a Panchala) com corações alegres e com sua mãe caminhando diante deles. Aqueles matadores de todos os inimigos, para alcançar seu destino, foram exatamente em direção ao norte, andando dia e noite até que alcançaram um santuário sagrado de Siva com a marca da meia-lua em sua fronte. Então aqueles tigres entre homens, os filhos de Pandu, chegaram às margens do Ganges. Dhananjaya, aquele poderoso guerreiro em carro, andava na frente deles, com tocha na mão, para mostrar o caminho e protegê-los (contra animais selvagens). E aconteceu que naquela hora o orgulhoso rei dos gandharvas, com suas esposas, estava se divertindo naquela região solitária nas águas encantadoras do Ganges. O rei dos gandharvas ouviu os passos dos Pandavas quando eles se aproximaram

do rio. Ao ouvir os sons dos seus passos o poderoso gandharva ficou enraivecido, e vendo aqueles destruidores de inimigos, os Pandavas, se aproximando com sua mãe, ele puxou seu terrível arco a um círculo e disse, 'É sabido que exceto os primeiros quarenta segundos, o crepúsculo cinzento que precede o anoitecer foi designado para os passeios dos yakshas, gandharvas e rakshasas, todos os quais são capazes de ir a qualquer lugar à vontade. O resto do tempo foi designado para o homem fazer seu trabalho. Se portanto, homens, vagando durante esses momentos por cobiça de lucro, se aproximam de nós, nós e os rakshasas matamos aqueles tolos. Portanto, pessoas conhecedoras dos Vedas nunca elogiam os homens, nem mesmo reis na liderança de suas tropas, que se aproximam de qualquer reservatório de água nessa hora. Fiquem longe, e não se aproximem de mim. Vocês não sabem que eu estou me banhando nas águas do Bhagirathi? Saibam que eu sou Angaraparna, o gandharva, e sempre confio na minha própria força! Eu sou orgulhoso e soberbo e sou amigo de Kuvera. Esta minha floresta nas margens do Ganges, onde eu me divirto para satisfazer todos os meus sentidos se chama Angaraparna, meu próprio nome. Aqui nem deuses, nem Kapalikas, nem gandharvas nem yakshas podem vir. Como vocês ousam se aproximar de mim que sou a joia mais brilhante sobre o diadema de Kuvera?'

Ouvindo essas palavras do gandharva Arjuna disse, 'Imbecil, seja dia, noite, ou crepúsculo, quem pode barrar outros para fora do oceano, dos lados dos Himalaias, e deste rio? Ó percorredor dos céus, se o estômago está cheio ou vazio, se é noite ou dia, não há hora especial para alguém ir ao Ganges, este principal de todos os rios. Como nos consideramos dotados de poder, nós não nos importamos em te perturbar. Ser perverso, aqueles que são fracos em luta te cultuam. Este Ganges, que fluindo pelos cumes dourados do Himavat cai nas águas do oceano, é dividido em sete correntes. Aqueles que bebem as águas daquelas sete correntes, ou seja, Ganges, Yamuna, Saraswati, Vitashtha, Sarayu, Gomati, e Gandaki, fica limpo de todos os seus pecados. Ó gandharva, este Ganges sagrado, fluindo pela região celeste, é chamado lá de Alakananda, e na região dos Pitris se torna o Vaitarani, difícil de ser cruzado por pecadores, o próprio Krishna-Dwaipayana disse isso. O rio auspicioso e celeste, capaz de levar para o céu (os que tocam suas águas), está livre de todos os perigos. Por que tu então desejas obstruir nossa passagem até ele? O teu ato não está em conformidade com a virtude eterna. Desconsiderando as tuas palavras, por que nós não tocaríamos as águas sagradas do Bhagirathi livre de todos perigos e do qual ninguém pode nos barrar?'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras de Arjuna, Angaraparna ficou furioso e curvando seu arco a um círculo começou a atirar suas flechas como cobras venenosas nos Pandavas. Então Dhananjaya, o filho de Pandu, brandindo um bom escudo e a tocha que segurava em sua mão, desviou todas aquelas flechas e se dirigindo ao gandharva outra vez disse, 'Ó gandharva, não procures assustar aqueles que são hábeis com armas, pois armas arremessadas neles somem como espuma. Eu penso, ó gandharva, que és superior (em destreza) aos homens, portanto eu lutarei contigo usando armas celestes e sem nenhum ato desonesto. Esta arma ígnea (que eu lançarei em ti), Vrihaspati, o venerável

preceptor de Indra, deu para Bharadwaja, de quem foi obtida por Agnivesya, e de Agnivesya por meu preceptor, aquele principal dos brâmanes, Drona, que a deu para mim.'

Vaisampayana continuou, 'Dizendo essas palavras o Pandava colericamente arremessou no gandharva aquela arma ardente feita de fogo que queimou a carruagem do gandharva em um instante. Privado de consciência pela força daquela arma, o poderoso gandharva estava caindo, de cabeça para baixo, de sua carruagem. Dhananjaya o agarrou pelos cabelos enfeitados com guirlandas de flores e assim arrastou o inconsciente gandharva em direção aos seus irmãos. Vendo isso a esposa daquele gandharva, Kumbhinasi, desejosa de salvar seu marido, correu em direção a Yudhishthira e procurou sua proteção. A Gandharvi disse, 'Ó exaltado, estende a mim tua proteção! Ó, liberta meu marido! Ó senhor, eu me chamo Kumbhinasi, a mulher deste gandharva, que procuro a tua proteção!' Vendo-a (assim aflita) o poderoso Yudhishthira dirigiu-se a Arjuna e disse, 'Ó matador de inimigos, ó filho, quem mataria um inimigo que foi vencido em luta, que foi privado de fama, que é protegido por uma mulher, e que não possui destreza?' Arjuna respondeu, dizendo, 'Fica com tua vida, ó gandharva! Sai daqui, e não ofendas Yudhishthira, o rei dos Kurus, que me ordenou mostrar piedade para contigo.'

O gandharva respondeu, 'Eu fui vencido por ti, portanto, eu abandonarei meu antigo nome Angaraparna (o veículo resplandecente). Só no nome, ó amigo, eu não devo ser vaidoso quando meu orgulho em minha força foi superado. Eu tenho sorte por ter te conhecido, ó Arjuna, manejador de armas celestes! Eu gostaria de te dar o poder de (produzir) ilusões que só os gandharvas têm. Minha excelente carruagem multicor foi queimada por meio da tua arma ardente. Eu que antigamente era chamado pelo nome da minha carruagem excelente devo agora ser chamado pelo nome da minha carruagem queimada. A ciência de produzir ilusões de que eu falei foi antigamente obtida por mim por meio de penitências ascéticas. Essa ciência eu hoje darei ao doador da minha vida, tua pessoa ilustre! Que fortuna não merece aquele que, depois de vencer um inimigo por seu poder, lhe dá a vida quando aquele inimigo pede por ela? Essa ciência se chama Chakshushi. Ela foi comunicada por Manu a Soma e por Soma a Viswavasu, e por fim por Viswavasu a mim. Comunicada por meu preceptor, essa ciência, tendo vindo a mim que sou sem energia, está gradualmente se tornando inútil. Eu te falei sobre sua origem e transmissão. Escuta agora ao seu poder! Alguém pode ver (por sua ajuda) o que quer que ele deseje ver, e de qualquer modo que queira (de modo geral ou em detalhes). Pode-se adquirir essa ciência somente depois de manter-se sobre uma perna por seis meses. Eu, no entanto, te comunicarei essa ciência sem seres obrigado a praticar nenhum voto rígido. Ó rei, é por esse conhecimento que nós somos superiores aos homens. E como nós somos capazes de ver tudo por meio de visão espiritual, nós somos iguais aos deuses. Ó melhor dos homens, eu pretendo dar a ti e a cada um dos teus irmãos cem corcéis nascidos no país dos gandharvas. De cor celeste e dotados da velocidade da mente, aqueles cavalos são usados para carregar os celestiais e os gandharvas. Eles podem ser magros mas eles não se cansam, nem a sua velocidade sofre por

causa disso. Antigamente o raio foi criado para o chefe dos celestiais para que ele pudesse matar (o asura) Vritra com ele. Mas lançado na cabeça de Vritra ele se partiu em mil pedaços. Os celestiais cultuam com reverência aqueles fragmentos do raio. Aquilo que é conhecido nos três mundos como glória é apenas uma porção do raio. A mão do brâmane com a qual ele despeja libações no fogo sacrifical, a carruagem sobre qual o kshatriya luta, a caridade do vaisya, e o serviço que o sudra presta às outras três classes são todos fragmentos do raio. É dito que cavalos, formando como eles formam uma parte da carruagem kshatriya, não são, por causa disto, assassináveis. Também é dito que cavalos que formam uma parte da carruagem kshatriya são a prole de Vadava. Aqueles entre eles que nascem na região dos gandharvas podem ir a todos os lugares e assumir qualquer cor e velocidade à vontade de seus donos. Esses meus cavalos que eu te dou sempre realização os teus desejos.'

Ao ouvir essas palavras do gandharva, Arjuna disse, 'Ó gandharva, se pela satisfação de ter obtido tua vida por minhas mãos em uma situação de perigo tu me deste a tua ciência, e esses cavalos, eu não aceito o teu presente.' O gandharva respondeu, dizendo, 'Um encontro com uma pessoa ilustre é sempre uma fonte de satisfação, além disso tu me deste a minha vida. Grato a ti, eu te darei a minha ciência. Que a obrigação, no entanto, não seja toda de um só lado, eu aceitarei de ti, ó Vibhatsu, ó touro da raça Bharata, a tua excelente e eterna arma de fogo!'

Arjuna disse, 'Eu aceito os teus cavalos em troca da minha arma. Que a nossa amizade dure para sempre. Ó amigo, nos dize por que nós seres humanos temos que ter medo dos gandharvas. Castigadores de inimigos como somos e virtuosos e conhecedores dos Vedas, nos dize, ó gandharva, por que viajando à noite nós fomos criticados por ti.'

O gandharva disse, 'Vocês não têm esposas (embora tendo completado o período de estudo). Vocês não têm um Asrama (modo de vida) específico. Por fim, vocês estão fora sem um brâmane caminhando à sua frente, portanto, ó filhos de Pandu, vocês foram criticados por mim. Os yakshas, rakshasas, gandharvas, pisachas, uragas e danavas são possuidores de sabedoria e inteligência, e conhecem a história da linhagem Kuru. Ó herói, eu soube também por Narada e outros rishis celestes acerca dos bons atos dos teus antepassados sábios. Eu mesmo, também, enquanto vagando sobre toda a terra limitada por seu cinto de mares, tenho testemunhado o valor da tua linhagem grandiosa. Ó Arjuna, eu tenho conhecimento pessoal do teu preceptor, o filho ilustre de Bharadwaja, célebre pelos três mundos por seu conhecimento dos Vedas e da ciência de armas. Ó tigre da raça Kuru, ó filho de Pritha, eu também conheço Dharma, Vayu, Sakra, os gêmeos Asvins, e Pandu, aqueles seis perpetuadores da família Kuru, aqueles excelentes celestiais e humanos progenitores de vocês todos. Eu também sei que vocês cinco irmãos são instruídos e de grande alma, que são os principais de todos os manejadores de armas, corajosos e virtuosos e cumpridores de votos. Sabendo que a sua compreensão e corações são excelentes e seu comportamento impecável, eu ainda assim os censurei. Porque, ó tu da linhagem Kuru, não cabe a um homem dotado de poder de armas tolerar com paciência

qualquer mau costume à vista de sua mulher. Especialmente porque, ó filho de Kunti, o nosso poder aumenta durante as horas de escuridão, e acompanhado por minha mulher eu estava cheio de fúria. Ó melhor dos homens cumpridores de votos, eu, no entanto, fui vencido por ti em batalha. Escuta-me enquanto eu te digo as razões que levaram à minha derrota. O brahmacharya é um modo de vida muito superior, e como tu estás neste modo agora, é por isso, ó Partha, que eu fui derrotado por ti em batalha. Ó destruidor de inimigos, se qualquer kshatriya casado luta conosco à noite ele nunca pode escapar com vida. Mas, ó Partha, um kshatriya casado, que é santificado com Brahma, e que atribuiu os cuidados de seu Estado a um sacerdote, pode derrotar todos os que vagueiam durante a noite. Ó filho de Tapati, os homens devem, portanto, sempre empregar sacerdotes eruditos possuidores de autocontrole para a aquisição de toda a boa sorte que desejam. O brâmane que é digno de ser o sacerdote do rei é aquele que é erudito nos Vedas e em seus seis ramos, que é puro e sincero, que tem alma virtuosa e possui autocontrole. O monarca que sempre se torna vitorioso e finalmente ganha o céu é aquele que tem como sacerdote um brâmane conhecedor das regras de moralidade, que é um mestre das palavras, e é puro e de bom comportamento. O rei deve sempre escolher um sacerdote talentoso para adquirir o que ele não tem e proteger o que ele tem. Aquele que deseja possuir prosperidade deve sempre ser guiado por seu sacerdote, então ele pode obter até a terra inteira cercada por seu cinturão de mares. Ó filho de Tapati, um rei que não tem um brâmane nunca pode adquirir alguma terra somente por sua coragem ou glória de nascimento. Saibas, portanto, ó perpetuador da família Kuru, que o reino no qual os brâmanes têm poder dura para sempre.'

173

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Arjuna disse, 'Tu te dirigiste a mim (mais de uma vez) como Tapatya. Eu, portanto, desejo saber qual é o significado exato dessa palavra, ó gandharva virtuoso, sendo filhos de Kunti, nós somos, de fato, Kaunteyas. Mas quem é Tapati e porque nós devemos ser chamados de Tapatyas?'

Vaisampayana continuou, 'Assim questionado, o gandharva relatou para Dhananjaya, o filho de Kunti, a (seguinte) história bem conhecida nos três mundos.

O gandharva disse, 'Ó filho de Pritha, ó principal de todos os homens inteligentes, eu devidamente narrarei para vocês integralmente esta narrativa encantadora. Ó, escuta com atenção ao que eu digo em explicação do motivo pelo qual eu me dirigi a ti como Tapatya. Aquele no céu que permeia por sua luz todo o firmamento teve uma filha chamada Tapati igual a ele mesmo. Tapati, a filha do deus Vivaswat, era a irmã mais nova de Savitri, e ela era famosa em todos os três mundos e dedicada a penitências ascéticas. Não havia nenhuma mulher entre os

celestiais, os asuras, os yakshas, os rakshasas, as apsaras e os gandharvas que fosse igual a ela em beleza. De feições perfeitas, simétricas e impecáveis, de olhos grandes e negros, e em trajes belos, a moça era casta e de conduta perfeita. E, ó Bharata, vendo-a, Savitri (o sol) pensou que não havia ninguém nos três mundos que, por sua beleza, talentos, comportamento, e erudição, merecesse ser seu marido. Vendo-a alcançar a idade da puberdade e, portanto, digna de ser entregue a um marido, seu pai não encontrava paz mental, sempre pensando no homem que ele deveria escolher. Naquela época, ó filho de Kunti, o filho de Riksha, aquele touro entre os Kurus, o rei poderoso Samvarana, estava devidamente adorando Surya com oferendas de arghya e guirlandas de flores e perfumes, e com votos e jejuns e penitências ascéticas de vários tipos. De fato, Samvarana estava adorando Surya constantemente em toda a sua glória, com dedicação e humildade e piedade. E vendo Samvarana conhecedor de todas as regras de virtude e inigualável sobre a terra em beleza, Surya o considerou como o marido perfeito para sua filha, Tapati. E, ó tu da linhagem Kuru, Vivaswat então resolveu entregar sua filha àquele melhor dos reis, Samvarana, o descendente de uma linhagem de fama mundial. Como o próprio Surya nos céus enche o firmamento com seu esplendor, assim o rei Samvarana na terra enchia toda a região com o esplendor das suas boas realizações. E todos os homens, ó Partha, exceto brâmanes, veneravam Samvarana. Abençoado com boa sorte, o rei Samvarana superava Soma em confortar os corações dos amigos e Surya em causticar os corações dos inimigos. E, ó Kaurava, o próprio Tapana (Surya) estava resolvido a dar sua filha Tapati ao rei Samvarana, que era possuidor dessas virtudes e talentos.

Uma vez, ó Partha, o rei Samvarana, dotado de beleza e bravura imensurável, partiu em uma expedição de caça nos campos no leito da montanha. Enquanto vagava em busca de veados, o excelente corcel que o rei montava, vencido, ó Partha, pela fome, sede e fadiga, morreu nas montanhas. Abandonando o corcel, o rei, ó Arjuna, começou a vaguear sobre a montanha a pé, e enquanto andava o monarca viu uma moça de olhos grandes e beleza inigualável. Aquele destruidor de hostes hostis, aquele tigre entre reis, ele mesmo sem uma companheira, vendo lá aquela moça sem um companheiro, ficou imóvel fitando-a fixamente. Por sua beleza, o monarca por um momento acreditou que ela fosse a própria (deusa) Sri. Em seguida ele a considerou a encarnação dos raios emanados de Surya. Em esplendor de corpo ela parecia uma chama de fogo, embora em bondade e amabilidade ela parecesse um raio imaculado da lua. De pé sobre o leito da montanha, a moça de olhos negros parecia uma brilhante estátua de ouro. A própria montanha com seus arbustos e plantas, por causa da beleza e trajes daquela donzela, parecia ter sido transformada em ouro. A visão daquela moça inspirou o monarca com um desprezo por todas as mulheres que ele tinha visto antes. Por contemplá-la, o rei considerou sua visão como realmente abençoada. Nada que o rei tivesse visto desde o dia de seu nascimento poderia ser igual, ele pensou, à beleza daquela moça. O coração e os olhos do rei foram cativados por aquela donzela, como se eles estivessem atados com uma corda e ele permaneceu enraizado naquele local, privado de sua razão. O monarca pensou que o inventor de tanta beleza a havia criado somente depois de bater todo o

mundo dos deuses asuras e seres humanos. Tendo esses vários pensamentos, o rei Samvarana considerou aquela moça como inigualável nos três mundos em abundância de beleza.

E o monarca de descendência pura, vendo a bela moça, foi perfurado pelas flechas de Kama (Cupido) e perdeu a paz mental. Queimado com a chama forte do desejo o rei perguntou àquela moça encantadora, ainda inocente, embora em sua total mocidade, dizendo, 'Quem és tu e de quem? Por que também tu ficas aqui? Ó tu de doces sorrisos, por que tu passeias sozinha nestas florestas solitárias? Com todos os traços perfeitamente impecáveis, e enfeitada com todos os ornamentos, tu pareces ser o ornamento cobiçado destes próprios ornamentos! Tu não pareces ser celeste ou asura ou yaksha ou rakshasa ou naga ou gandharva ou de origem humana. Ó dama excelente, a melhor das mulheres que eu já vi ou tive notícia não se compara a ti em beleza! Ó tu de rosto belo, ao te ver, mais encantadora do que a lua e ornada com olhos como pétalas de lótus, o deus do desejo está me oprimindo.'

O rei Samvarana assim se dirigiu àquela donzela na floresta, que no entanto, não disse nenhuma palavra ao monarca que queimava de desejo. Em vez disso, como um relâmpago nas nuvens, aquela moça de grandes olhos rapidamente desapareceu da vista do monarca. O rei então vagou por toda a floresta, como alguém fora de seus sentidos, à procura daquela menina de olhos como pétalas de lótus. Fracassando em encontrá-la, aquele melhor dos monarcas lamentou copiosamente e por algum tempo ficou inerte pela angústia.'

174

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O gandharva continuou, 'Quando aquela moça desapareceu, aquele destruidor de tropas hostis, privado de juízo por Kama, (concupiscência) lançou-se por terra. E quando o monarca caiu, aquela moça de doces sorrisos e quadris proeminentes e redondos apareceu outra vez perante ele, e sorrindo docemente, disse àquele perpetuador da linhagem Kuru estas palavras doces como o mel, 'Levanta-te, levanta-te, ó destruidor de inimigos! Abençoado sejas, não cabe a ti, ó tigre entre reis, perder tua razão, um homem célebre como és no mundo.' Abordado com estas palavras melíferas, o rei abriu os olhos e viu à sua frente aquela mesma moça de quadris volumosos. O monarca que estava queimando com a chama do desejo então se dirigiu àquela donzela de olhos negros com ênfase, fraco com emoção, e disse, 'Abençoada sejas ó mulher excelente de olhos negros! Como eu estou queimando de desejo e te cortejando, ó, aceita-me! A minha vida está enfraquecendo. Ó tu de olhos grandes, é por tua causa, ó tu do esplendor dos filamentos do lótus, que Kama está constantemente me perfurando com suas flechas afiadas sem parar um instante! Ó moça alegre e amável, eu fui mordido por Kama que é como uma víbora venenosa. Ó tu de quadris largos e volumosos,

apieda-te de mim! Ó tu de feições belas e impecáveis, ó tu de rosto como a pétala do lótus ou a lua, ó tu de doce voz como a dos kinnaras cantantes, a minha vida agora depende de ti! Sem ti, ó tímida, eu não posso viver! Ó tu de olhos como pétalas de lótus, Kama está me perfurando constantemente! Ó menina de olhos grandes, tem piedade de mim! Não cabe a ti, ó moça de olhos negros, me rejeitar. Ó menina bonita, cabe a ti me aliviar dessa aflição por me dar o teu amor! À primeira vista tu atraíste o meu coração. A minha mente delirou! Contemplando-te eu não gostaria de lançar meus olhos em nenhuma outra mulher! Tem piedade! Eu sou teu escravo obediente, teu adorador! Ó, aceita-me! Ó bela dama, ó moça de olhos grandes, ao ver-te, o deus do desejo entrou em meu coração, e está me furando com suas flechas! Ó tu de olhos de lótus, a chama do desejo queima dentro de mim! Ó, extingue essa chama despejando a água do teu amor sobre ela! Ó bela dama, por te tornares minha, acalma o deus irreprimível do desejo que apareceu aqui armado com seu arco e flechas mortais e que está me perfurando constantemente com suas flechas afiadas! Ó tu das feições mais formosas, casa-te comigo segundo a forma gandharva, pois, ó tu de quadris afilados, de todas as formas de casamento a gandharva é considerada a melhor.'

O gandharva continuou, 'Ouvindo essas palavras do monarca, Tapati deu a resposta, 'Ó rei, eu não sou dona de mim mesma! Saibas que eu sou uma moça sob o controle de meu pai. Se tu realmente nutres alguma afeição por mim pede-me ao meu pai. Tu disseste, ó rei, que o teu coração foi roubado por mim. Mas tu também, à primeira vista, roubaste o meu coração, eu não sou a dona do meu corpo, e portanto, ó melhor dos reis, eu não me aproximo de ti, mulheres nunca são independentes. Que mulher há nos três mundos que não te deseje como marido, sendo tu bondoso com todos os teus dependentes e nascido em uma linhagem pura? Portanto, quando a oportunidade vier, pede ao meu pai Aditya a minha mão com culto, penitências ascéticas, e votos. Se o meu pai me conceder a ti, então, ó rei, eu sempre serei tua mulher obediente. Meu nome é Tapati e eu sou a irmã mais nova de Savitri, e filha, ó touro entre os kshatriyas, de Savitri, do (sol) iluminador do universo.'

175

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O gandharva continuou, 'Assim dizendo, Tapati de feições impecáveis ascendeu aos céus. O monarca então novamente caiu ao solo. Seus ministros e seguidores procuraram por ele por toda a extensão da floresta e o encontraram jazendo naquele local solitário, e, vendo aquele rei excelente, aquele arqueiro poderoso, assim jazendo abandonado no chão como um arco-íris caído do firmamento, seu ministro chefe ficou como alguém que foi queimado por uma chama de fogo. Avançando depressa com afeto e respeito, o ministro ergueu aquele melhor dos monarcas que jazia prostrado na terra e que estava privado de sentidos pelo desejo. Velho em sabedoria como em idade, velho em realizações

como em política, o ministro, depois de erguer o monarca prostrado, ficou tranquilo (em mente). Dirigindo-se ao rei em palavras gentis que eram também para o seu bem, ele disse, 'Abençoado sejas, ó impecável! Não temas, ó tigre entre reis!' O ministro pensou que o monarca, aquele grande vencedor de tropas hostis em batalha, estava jazendo sobre a terra vencido pela fome, sede, e fadiga. O velho homem então borrifou sobre a cabeça sem coroa do monarca água que era fria e perfumada com pétalas de lótus. Lentamente recuperando a consciência, o monarca poderoso dispensou todos os seus servidores com a exceção de seu ministro. Depois que os servidores tinham se retirado por sua ordem o rei se sentou sobre o leito da montanha. Tendo se purificado devidamente, o rei ficou sobre aquela principal das montanhas, e começou, com as palmas unidas e rosto elevado, a cultuar Surya. O rei Samvarana, matador de todos inimigos, pensou também em seu principal sacerdote, Vasishtha, aquele melhor dos rishis. O rei permaneceu lá dia e noite sem intervalo. O sábio brâmane Vasishtha foi até lá no décimo segundo dia, aquele grande rishi de alma sob total controle soube imediatamente por seu poder ascético que o monarca tinha perdido a razão por causa de Tapati. E aquele virtuoso e melhor dos munis, logo que soube disso, desejoso de beneficiar o monarca que era sempre cumpridor de votos, dirigiu-se a ele e lhe deu todas as garantias. O rishi ilustre, à vista daquele monarca, subiu para ter uma entrevista com Surya, ele mesmo possuidor do esplendor daquele corpo luminoso. O brâmane então se aproximou com as mãos unidas do deus de mil raios e se apresentou alegremente a ele, dizendo, 'Eu sou Vasishtha.' Então Vivaswat de grande energia disse àquele melhor dos rishis, 'Tu és bem-vindo, ó grande rishi! Dize-me o que tens em mente. Ó afortunado, pede de mim o que quiseres, ó principal dos homens eloquentes, e eu o outorgarei a ti, mesmo que seja difícil para mim!' Assim abordado por Surya, o rishi de grande mérito ascético, curvou-se ao deus da luz e respondeu, dizendo, 'Ó Vibhavasu, tua filha, Tapati, a irmã mais nova de Savitri, eu te peço para Samvarana! Aquele monarca tem realizações poderosas, é conhecedor da virtude, e tem grande alma. Ó percorredor do firmamento, Samvarana será um marido digno para a tua filha.' Assim abordado pelo rishi Vibhakara, ele resolveu entregar sua filha para Samvarana, saudou o rishi, e respondeu-lhe, dizendo, 'Oh, Samvarana é o melhor dos monarcas, tu és o melhor dos rishis, Tapati é a melhor das mulheres. O que nós faríamos, portanto, exceto dá-la a Samvarana?' Com essas palavras o deus Tapana transferiu sua filha, Tapati, de aspecto perfeitamente impecável, ao ilustre Vasishtha para entregá-la a Samvarana. E o grande rishi então aceitou a moça, Tapati, e se despedindo de Surya voltou ao local onde aquele touro entre os Kurus, de realizações celestes, estava. O rei Samvarana, possuído pelo amor e com o coração fixo em Tapati, vendo aquela moça celeste de sorrisos doces conduzida por Vasishtha, ficou extremamente contente. E Tapati de sobrancelhas formosas desceu do firmamento como o relâmpago das nuvens, deslumbrando os dez pontos dos céus. E o ilustre rishi Vasishtha de alma pura se aproximou do monarca depois que o voto de doze noites do último havia acabado. Foi assim que o rei Samvarana obteve uma esposa como a lua cheia depois de ter adorado (o sol).’

E aquele arqueiro poderoso, o principal da linhagem Kuru, teve sua curiosidade imensamente excitada pelo que ouviu do poder ascético de Vasishtha, e questionou o gandharva, dizendo, 'Eu desejo saber sobre o rishi que tu mencionaste como Vasishtha. Ó, conta-me tudo sobre dele! Ó chefe dos gandharvas, dize-me quem era aquele rishi ilustre que foi o sacerdote dos nossos antepassados.' O gandharva respondeu, 'Vasishtha é filho espiritual (nascido da mente) de Brahma, e marido de Arundhati. Difíceis de serem conquistados pelos próprios imortais, Desejo e Ira, conquistados pelas penitências ascéticas de Vasishtha, costumavam massagear seus pés. Embora a sua cólera houvesse sido excitada pela ofensa de Viswamitra, aquele rishi de grande alma ainda assim não exterminou os Kusikas (a tribo cujo rei era Viswamitra). Aflito pela perda de seus filhos, ele, como se fosse impotente, embora realmente fosse o contrário, não fez nenhum ato destrutivo contra Viswamitra. Como o oceano que não ultrapassa seus continentes, Vasishtha não transgrediu (as leis de) Yama por trazer seus filhos de volta dos domínios do rei dos mortos. Foi por obterem aquele ser ilustre que tinha conquistado a si mesmo que Ikshvaku e outros grandes monarcas adquiriram toda a terra. E, ó príncipe da linhagem Kuru, foi por obter Vasishtha, aquele melhor dos rishis, como sacerdote, que aqueles monarcas realizaram muitos sacrifícios majestosos. E, ó melhor dos Pandavas, aquele rishi regenerado ajudou aqueles monarcas na realização de seus sacrifícios como Vrihaspati ajudando os imortais. Portanto, procurem um brâmane ilustre e desejável conhecedor dos Vedas e em cujo coração a virtude prevaleça, para nomear como seu sacerdote. Um kshatriya de boa linhagem, desejoso de estender seus domínios para conquistar a terra, deve, ó Partha, primeiro nomear um sacerdote. Aquele que deseja conquistar a terra deve ter um brâmane diante de si. Portanto, ó Arjuna, que algum brâmane ilustre e erudito, que tenha seus sentidos sob completo controle e que esteja familiarizado com a religião, lucro e prazer, seja teu sacerdote.'

176

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo isso Arjuna disse, 'Ó gandharva, de onde surgiu a hostilidade entre Viswamitra e Vasishtha, ambos os quais moravam em um eremitério celeste? Ó, conta-nos tudo sobre isso.'

O gandharva respondeu, 'Ó Partha, a história de Vasishtha é considerada como um Purana (lenda) em todos os três mundos. Ouve-me enquanto eu a narro integralmente. Havia, em Kanyakuvja, ó touro da raça Bharata, um grande rei de fama mundial chamado Gadhi, o filho de Kusika. O virtuoso Gadhi teve um filho chamado Viswamitra, um vencedor de inimigos, possuidor de um exército grande e muitos animais e veículos. E Viswamitra, acompanhado por seus ministros, costumava passear em busca de veados pelas florestas profundas e pitorescas. Samvarana agradou por meio de penitências ascéticas ao auspicioso senhor

Vivaswat, pela ajuda do (poder ascético de) Vasishtha. E Samvarana, aquele touro entre homens, com os devidos ritos tomou a mão de Tapati naquele leito da montanha que era frequentada pelos celestiais e gandharvas. O sábio real, com a permissão de Vasishtha, desejou divertir-se com sua mulher naquela montanha. E o rei fez Vasishtha ser proclamado seu regente em sua capital e reino, nas florestas e jardins. E despedindo-se do monarca Vasishtha o deixou e foi embora. Samvarana, que ficou naquela montanha como um celestial, divertiu-se com sua mulher nas florestas e vegetações naquela montanha por doze anos completos. E, ó melhor dos Bharatas, o deus de mil olhos não derramou chuva por doze anos na capital e no reino daquele monarca. Então, ó destruidor de inimigos, quando estação de seca se expandiu, o povo daquele reino, como também as árvores e animais pequenos começaram a morrer rapidamente. E durante a continuação daquela seca terrível nem uma gota de orvalho caiu do céu e nenhum grão cresceu. E os habitantes em desespero, e afligidos pelo medo da fome, deixaram suas casas e fugiram para todas as direções. E as pessoas famintas da capital e do país começaram a abandonar suas esposas e filhos e ficaram indiferentes umas às outras. Com as pessoas estando afligidas pela fome, sem um bocado de comida e reduzidas a esqueletos, a capital se parecia muito com a cidade do rei dos mortos, cheia somente de seres fantasmagóricos. Ao contemplar a capital reduzida a esse estado, o ilustre e virtuoso e melhor dos rishis, Vasishtha, estava decidido a encontrar uma solução e devolver à cidade aquele tigre entre reis, Samvarana, junto com sua mulher, depois de o último ter passado assim muito tempo em um período de solidão e reclusão. Depois que o rei tinha entrado em sua capital as coisas se tornaram como antes, pois, quando aquele tigre entre reis voltou para o seu próprio lugar o deus de mil olhos, o matador de asuras, despejou chuva em abundância e fez os grãos crescerem. Revivificada pela principal das almas virtuosas a capital e o país ficaram animados com extrema alegria. O monarca com sua mulher, Tapati, mais uma vez realizou sacrifícios por doze anos, como o senhor Indra (deus da chuva) realizando sacrifícios com sua esposa, Sachi.'

O gandharva continuou, 'Essa, ó Partha, é a antiga história de Tapati, a filha de Vivaswat. É por causa dela que tu és (chamado de) Tapatya. O rei Samvarana gerou em Tapati um filho chamado Kuru, que foi o principal dos ascetas. Nascido na linhagem de Kuru, ó Arjuna, tu deves ser chamado de Tapatya.'

177

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vaisampayana disse, 'Aquele touro entre os Bharatas, Arjuna, ouvindo as palavras do gandharva, foi inspirado com sentimentos de devoção. O gandharva então continuou a história, ‘O rei Viswamitra sempre ia à floresta matar veados e javalis selvagens. Uma vez, enquanto fora em busca de veados, o rei ficou fraco com o esforço e a sede. O monarca chegou naquele estado no retiro de

Vasishtha, e o abençoado e ilustre rishi, vendo-o chegar, reverenciou com sua homenagem aquele melhor dos homens, o rei Viswamitra. E ó Bharata, o rishi saudou o monarca por lhe oferecer água para lavar seu rosto e pés, e arghya, e frutas selvagens, e manteiga clarificada, pois o ilustre rishi tinha uma vaca capaz de produzir qualquer coisa que fosse desejada dela. Quando ela era abordada, dizendo, 'Ó, dá', ela sempre produzia o artigo que era procurado. E ela produzia várias frutas e grãos, selvagens ou crescidos em jardins e campos, e leite, e muitas iguarias nutritivas excelentes cheias das seis diferentes espécies de suco (gosto) e semelhantes ao próprio néctar, e vários outros tipos de coisas agradáveis, ó Arjuna, de gosto ambrosíaco para beber e comer, e para lamber e chupar, e também muitas pedras preciosas e mantos de vários tipos. Com esses objetos desejáveis em profusão o monarca foi reverenciado. E o rei com seu ministro e tropas ficou muito satisfeito. E o monarca maravilhou-se contemplando aquela vaca com seis membros elevados e belos flancos e quadris, e cinco membros que eram largos, e olhos proeminentes como os da rã e bela em tamanho, e úberes grandes, e feitura impecável, e orelhas retas e erguidas, e chifres bonitos, e cabeça e pescoço bem desenvolvidos.

E, ó príncipe, o filho de Gadhi, satisfeito com tudo e elogiando a vaca chamada Nandini, dirigiu-se ao rishi, dizendo, 'Ó brâmane, ó grande muni, dá-me tua Naridini em troca de dez mil vacas, ou do meu reino. Desfruta do meu reino (ao me dar a tua vaca).'

Ouvindo essas palavras de Viswamitra, Vasishtha disse, 'Ó impecável, esta vaca tem sido mantida por mim por causa dos deuses, convidados e Pitris, como também para m oseus sacrifícios. Eu não posso dar Nandini nem em troca do teu reino.' Viswamitra respondeu, 'Eu sou um kshatriya, mas tu és um brâmane dedicado a ascetismo e estudo. Há alguma energia em brâmanes que são pacíficos e que têm suas almas sob perfeito domínio? Quando tu não me dás o que eu desejo nem mesmo em permuta por dez mil vacas, eu não abandonarei a prática da minha classe, eu pegarei tua vaca à força!'

Vasishtha disse, 'Tu és um kshatriya dotado de força de braços. Tu és um monarca poderoso. Ó, faze rapidamente o que tu desejas, e não pares para considerar sua justeza.'

O gandharva continuou, 'Assim tratado por Vasishtha, Viswamitra, ó Partha, então agarrou à força Nandini, aquela vaca (branca) como o cisne ou a lua, e tentou levá-la embora, afligindo-a com chicotes e perseguindo-a de outras maneiras. A inocente Nandini então começou, ó Partha, a mugir de modo comovente, e se aproximando do ilustre Vasishtha ficou perante ele com a face erguida. Embora perseguida muito cruelmente, ela se recusou a deixar o retiro do rishi.'

Vendo-a naquela situação difícil, Vasishtha disse, 'Ó amável, estás mugindo repetidamente e eu estou ouvindo os teus gritos. Mas, ó Nandini, quando Viswamitra está te levando embora à força, o que eu posso fazer sobre isso, sendo um brâmane clemente?'

O gandharva continuou, 'Então, ó touro da raça Bharata, Nandini, alarmada à visão das tropas de Viswamitra e apavorada pelo próprio Viswamitra, aproximou-se ainda mais do rishi, e disse, 'Ó ilustre, por que és tão indiferente ao meu pobre ser afligido com os açoites das tropas cruéis de Viswamitra e chorando tão deploravelmente como se não tivesse um mestre?' Ouvindo essas palavras da reclamante e perseguida Nandini o grande rishi não perdeu a paciência nem voltou atrás em seu voto de bondade. Ele respondeu, 'O poder do kshatriya jaz em sua força física, o do brâmane na benignidade. Porque eu não posso desistir da bondade, vai, ó Nandini, se quiseres.' Nandini respondeu, 'Tu te descartas de mim, ó ilustre, que falas assim? Se tu não me expulsares eu não posso, ó brâmane, ser levada embora à força.' Vasishtha disse, 'Ó abençoada, eu não te expulso! Fica se puderes! Ó, lá está teu bezerro, atado com uma corda forte, e agora mesmo sendo enfraquecido por ela!'

O gandharva continuou, 'Então a vaca de Vasishtha, ouvindo a palavra 'fica', ergueu a cabeça e pescoço, e tornou-se terrível de olhar. Com olhos vermelhos de raiva e mugindo repetidamente, ela então atacou as tropas de Viswamitra por todos os lados. Afligida pelos açoites deles e correndo para lá e para cá com aqueles seus olhos vermelhos, a ira dela aumentou. Queimando de raiva, ela logo se tornou terrível de olhar como o sol em sua glória ao meio-dia. E de seu rabo ela começou a despejar uma chuva de carvões ardentes em volta. E instantes depois de sua cauda ela produziu um exército de Palhavas, e de seus úberes um exército de Dravidas e Sakas, e de seu útero, um exército de Yavanas, e de seu excremento um exército de Savaras, e de sua urina, um exército de Kanchis, e de seus lados, um exército de Savaras. E da espuma de sua boca saíram hostes de Paundras e Kiratas, Yavanas e Sinhalas, e as tribos bárbaras de Khasas e Chivukas e Pulindas e Chinas e Hunas com Keralas, e outros numerosos mlechchhas. E aquele vasto exército de mlechchhas em vários uniformes, e armado com várias armas, tão logo surgiu para a vida, se organizando para o combate à visão de Viswamitra, atacou os soldados do monarca. E tão numerosa era aquela hoste mlechchha que cada soldado específico de Viswamitra foi atacado por um bando de seis ou sete de seus inimigos. Atacadas por uma chuva poderosa de armas, as tropas de Viswamitra romperam-se e fugiram, tomadas de pânico, em todas as direções, diante de seus próprios olhos. Mas, ó touro da raça Bharata, as tropas de Vasishtha, embora excitadas pela cólera, não tiraram a vida de ninguém das tropas de Viswamitra. Nandini simplesmente fez o exército do monarca ser derrotado e partir. E impelidos a vinte e sete milhas completas (do retiro), tomados de pânico, eles gritaram alto e viram que ninguém podia protegê-los. Viswamitra, vendo essa façanha extraordinária que resultava da destreza de um brâmane, ficou aborrecido com destreza kshatriya e disse, 'Ó, que vergonha para a destreza kshatriya! A destreza brâmane é a verdadeira destreza! Ao julgar a força e a fraqueza, eu vejo que o ascetismo é a verdadeira força.' Assim dizendo, o monarca, abandonando seus grandes domínios e esplendor real e dando as costas a todos os prazeres, fixou a mente no ascetismo. Coroado com sucesso em ascetismo e enchendo os três mundos com o calor de suas penitências ascéticas, ele afligiu todas as criaturas e finalmente se tornou um brâmane. O filho de Kusika finalmente bebeu Soma com o próprio Indra (no céu).'

178

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O gandharva continuou, 'Havia, ó Partha, um rei neste mundo, chamado Kalmashapada, que era da linhagem de Ikshvaku e inigualável em coragem sobre a terra. Um dia o rei foi de sua capital às florestas para propósitos de caça, e aquele destruidor de inimigos perfurou (com suas flechas) muitos veados e javalis selvagens. E naquelas florestas profundas o rei também matou muitos rinocerontes. Envolvido nesse esporte por algum tempo o monarca ficou muito cansado e finalmente desistiu da caçada, desejando descansar um pouco.

O grande Viswamitra, dotado de energia, tinha, pouco tempo atrás, desejado fazer daquele monarca seu discípulo. Como o monarca, afligido com fome e sede, estava procedendo através das florestas, ele veio a cruzar com aquele melhor dos rishis, o filho ilustre de Vasishtha, que seguia pelo mesmo caminho. O rei sempre vitorioso em batalha viu aquele muni que portava o nome de Saktri, aquele propagador ilustre da linhagem de Vasishtha, o mais velho dos cem filhos de grande alma de Vasishtha, vindo na direção oposta. O rei, vendo-o, disse, 'Fica fora do nosso caminho.' O rishi, dirigindo-se ao monarca de uma maneira conciliadora, disse gentilmente, 'Ó rei, este é meu caminho. É a regra eterna de moralidade indicada em todos os tratados sobre dever e religião que um rei deve sempre abrir caminho para brâmanes.' Desse modo eles se dirigiram um ao outro a respeito de seu direito ao caminho. 'Sai do caminho, sai do caminho', foram as palavras que eles disseram um ao outro. O rishi, que tinha razão, não cedeu, nem o rei cedeu a ele por orgulho e raiva. Aquele melhor dos monarcas, enfurecido com o rishi, recusando-se a ceder a ele o caminho, agiu como um rakshasa, batendo nele com o chicote. Assim chicoteado pelo monarca, aquele melhor dos rishis, o filho de Vasishtha, foi privado de sua razão pela raiva, e rapidamente amaldiçoou aquele principal dos monarcas, dizendo, 'Ó pior dos reis, já que tu oprimiste um asceta como um rakshasa, tu deste dia em diante te tornarás um rakshasa que subsiste de carne humana! Daí, ó pior dos reis, tu vagarás pela terra aparentando forma humana!' Assim o rishi Sakti, dotado de grande destreza, falou ao rei Kalmashapada. Naquela hora Viswamitra, entre o qual e Vasishtha havia uma disputa acerca do discipulado de Kalmashapada, se aproximou do local onde aquele monarca e o filho de Vasishtha estavam. E, ó Partha, aquele rishi de penitências ascéticas rígidas, Viswamitra de grande energia, se aproximou do par (sabendo por seu discernimento espiritual que eles tinham estado disputando um com o outro). Depois que a maldição havia sido pronunciada, aquele melhor dos monarcas soube que aquele rishi era o filho de Vasishtha e que era igual ao próprio Vasishtha em energia. E, ó Bharata, Viswamitra, desejoso de beneficiar a si mesmo, permaneceu naquele local, escondido da vista de ambos por se fazer invisível. Então aquele melhor dos monarcas, assim amaldiçoado por Saktri, desejando aplacar o rishi começou a suplicar humildemente. E, ó chefe dos Kurus,

Viswamitra, averiguando a disposição do rei (e temendo que a divergência pudesse acabar), mandou um rakshasa entrar no corpo do rei. E um rakshasa de nome Kinkara então entrou no corpo do monarca em obediência à maldição de Saktri e à ordem de Viswamitra. E sabendo, ó destruidor de inimigos, que o rakshasa tinha possuído mesmo o monarca, aquele melhor dos rishis, Viswamitra, então deixou o local e foi embora.

Pouco tempo depois, ó Partha, o monarca, possuído pelo rakshasa e terrivelmente afligido por ele, perdeu toda a sua razão. Naquela época um brâmane viu o rei nas florestas. Afligido pela fome, aquele brâmane pediu ao rei uma comida com carne. O sábio real, Kalmashapada, aquele destruidor de amigos, respondeu ao brâmane, dizendo, 'Fica aqui, ó brâmane, por algum tempo. Ao voltar eu te darei qualquer comida que desejares.' Tendo assim falado o monarca foi embora, mas o brâmane lá ficou. O rei de grande alma vagou por algum tempo em divertimento e, segundo sua vontade, finalmente entrou em seus aposentos internos. Assim, acordando à meia-noite e se lembrando de sua promessa, ele convocou seu cozinheiro e falou a ele sobre a promessa ao brâmane que estava na floresta. E ele o ordenou, dizendo, 'Corre àquela floresta. Um brâmane espera por mim na esperança de comida. Vai e o entretém com comida e carne.'

O gandharva continuou, 'Assim mandado, o cozinheiro saiu à procura de carne. Aflito por não ter achado nenhuma ele informou ao rei de seu fracasso. O monarca, no entanto, possuído como estava pelo rakshasa, repetidamente disse, sem escrúpulo de nenhum tipo, 'Alimenta-o com carne humana.' O cozinheiro, dizendo, 'Que assim seja' foi ao lugar onde os carrascos (do rei) estavam, e daquele lugar pegou carne humana e a lavou e cozinhou devidamente, e cobrindo-a com arroz cozido a ofereceu àquele brâmane faminto dedicado a penitências ascéticas. Mas aquele melhor dos brâmanes, vendo com sua visão espiritual que aquela comida era pecaminosa e, portanto, indigna de ser comida, disse estas palavras com os olhos vermelhos de raiva, 'Porque aquele pior dos reis me oferece comida que é pecaminosa e indigna de ser comida, portanto aquele desgraçado terá ele mesmo um gosto por essa comida. E se tornando ávido por carne humana como amaldiçoado por Saktri antigamente, o canalha vagueará pela terra alarmando e atormentando de várias maneiras a todas as criaturas.' A maldição, portanto, sobre aquele rei, assim repetida uma segunda vez, tornou-se muito forte, e o rei, possuído por uma tendência rakshasa, logo perdeu todo o juízo.

Pouco tempo depois, ó Bharata, aquele melhor dos monarcas, privado de toda a razão pelo rakshasa dentro de si, vendo Saktri que o havia amaldiçoado, disse, 'Porque tu pronunciaste sobre mim esta maldição extraordinária, portanto, eu começarei minha vida de canibalismo por te devorar.' Tendo dito isso o rei imediatamente matou Saktri e o comeu, como um tigre comendo o animal do qual gostava. Vendo Saktri assim morto e devorado, Viswamitra repetidamente incitou aquele rakshasa (que estava dentro do monarca) contra os outros filhos de Vasishtha. Como um leão enfurecido devorando animais pequenos, aquele rakshasa logo devorou os outros filhos do ilustre Vasishtha que eram mais novos

do que Saktri em idade. Mas Vasishtha, sabendo que todos os seus filhos haviam sido mortos por causa de Viswamitra, pacientemente suportou sua dor como a grande montanha que suporta a terra. Aquele melhor dos munis, aquele principal dos homens inteligentes, estava resolvido antes a sacrificar a sua própria vida do que exterminar (em fúria) a raça dos Kusikas. O rishi ilustre se jogou do topo de Meru, mas ele caiu sobre a terra pedregosa como se essa fosse uma pilha de algodão. E, ó filho de Pandu, quando o ilustre viu que a morte não resultou daquela queda ele acendeu uma enorme fogueira na floresta e entrou nela prontamente. Mas o fogo, embora queimando brilhantemente, não o consumiu. Ó matador de inimigos, aquele fogo ardente lhe parecia frio. Então o grande muni, sob a influência da dor, contemplando o mar, amarrou uma pedra pesada em seu pescoço e se jogou em suas águas. Mas as ondas logo o lançaram na terra. Finalmente quando aquele brâmane de votos rígidos não teve êxito em se matar de nenhuma maneira ele voltou, com angústia no coração, para seu retiro.'

179

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O gandharva continuou, 'Vendo o retiro sem seus filhos, o muni afligido com grande dor o deixou novamente. E em seu caminho ele viu, ó Partha, um rio cheio com as águas da estação chuvosa, varrendo inúmeras árvores e plantas que tinham crescido sobre sua margem. Vendo isso, ó tu da linhagem Kuru, o muni aflito pensando que ele certamente seria afogado se caísse nas águas daquele rio se amarrou fortemente com várias cordas e se lançou, sob a influência da dor, à correnteza daquele rio poderoso. Mas, ó matador de inimigos, aquela corrente logo cortou aquelas cordas e lançou o rishi na terra. E o rishi ergueu-se na margem, livre das cordas com as quais tinha se amarrado. E porque suas cordas foram assim partidas pela violência da corrente o rishi chamou a corrente pelo nome de Vipasa (o que rompe cordas). Por causa de sua angústia o muni não podia, naquela época, ficar em um único lugar, e ele começou a vaguear por montanhas e por rios e lagos. E vendo novamente um rio chamado Haimavati (que flui do Himavat) de aspecto terrível e cheio de crocodilos ferozes e outros monstros (aquáticos), o rishi se jogou nele, mas o rio confundindo o brâmane com uma massa de fogo (inextinguível) imediatamente fluiu em cem direções diferentes, e foi conhecido desde então pelo nome de Satadru (o rio de cem cursos). Vendo-se na terra seca mesmo lá ele exclamou, 'Ó, eu não posso morrer pelas minhas próprias mãos!' Assim dizendo, o rishi novamente voltou seus passos para seu retiro. Cruzando inúmeras montanhas e países, quando ele estava para reentrar em seu retiro ele foi seguido por sua nora chamada Adrisyanti. Quando ela se aproximou dele, ele ouviu de trás o som de uma narração muito inteligente dos Vedas com as seis virtudes de elocução. Ouvindo aquele som o rishi perguntou, 'Quem é que está me seguindo?' Sua nora então respondeu, 'Eu sou Adrisyanti, a mulher de Saktri. Eu estou desamparada, embora

dedicada ao ascetismo.' Ouvindo-a, Vasishtha disse, 'Ó filha, de quem é esta voz que eu ouvi, repetindo os Vedas junto com os Angas como a voz de Saktri recitando os Vedas com os Angas?' Adrisyanti respondeu, 'Eu levo em meu útero um filho do teu filho Saktri. Ela esteve aqui por doze anos completos. A voz que tu ouviste é a deste muni, que está recitando os Vedas.'

O gandharva continuou, 'Assim abordado por ela o ilustre Vasishtha ficou extremamente contente. E dizendo, 'Ó, há uma criança (da minha linhagem)!' ele parou, ó Partha, de tentar se destruir. O impecável acompanhado por sua nora então voltou para o retiro. E o rishi viu um dia nas florestas solitárias (o rakshasa) Kalmashapada. O rei, ó Bharata, possuído pelo rakshasa feroz, logo que viu o rishi, ficou cheio de ira e ergueu-se, desejoso de devorá-lo. E Adrisyanti, vendo diante dela aquele rakshasa de atos cruéis, dirigiu-se a Vasishtha nestas palavras, cheia de ansiedade e medo, 'Ó ilustre, o rakshasa cruel, como a própria Morte armada com (sua) clava feroz, vem em direção a nós com uma clava de madeira na mão! Não há ninguém mais sobre a terra além de ti, ó ilustre, e, ó principal de todos os que são familiarizados com os Vedas, para reprimi-lo hoje. Protege-me, ó ilustre, deste canalha cruel de aparência terrível. Certamente, o rakshasa vem para cá para nos devorar.' Vasishtha, ouvindo-a, disse, 'Não temas, ó filha, não há necessidade de temer nenhum rakshasa. Este cujo perigo iminente tu receias não é nenhum rakshasa. É o rei Kalmashapada dotado de grande energia e célebre na terra. Esse homem terrível habita essas florestas.'

O gandharva continuou, 'Vendo-o avançando, o ilustre rishi Vasishtha, dotado de grande energia, o reprimiu, ó Bharata, por proferir o som Hum. Borrifando-o com água santificada por encantamentos o rishi libertou o monarca daquela maldição terrível. Por doze anos o monarca tinha sido dominado completamente pela energia do filho de Vasishtha como Surya apanhado pelo planeta (Rahu) durante a época de um eclipse. Livre do rakshasa o monarca iluminou aquela grande floresta com seu esplendor como o sol iluminando as nuvens ao anoitecer. Recuperando seu poder de raciocínio, o rei saudou aquele melhor dos rishis com as palmas unidas e disse, 'Ó ilustre, eu sou o filho de Sudasa e teu discípulo, ó melhor dos munis! Ó, dize-me o que te apraz e o que eu devo fazer.' Vasishtha respondeu, dizendo, 'Meu desejo já foi realizado. Volta agora para o teu reino e governa os teus súditos. E, ó chefe de homens, nunca mais insultes os brâmanes.' O monarca respondeu, 'Ó ilustre, eu nunca mais insultarei brâmanes superiores. Em obediência à tua ordem eu sempre adorarei os brâmanes. Mas, ó melhor dos brâmanes, eu desejo obter de ti algo pelo qual, ó principal de todos os conhecedores dos Vedas, eu possa ficar livre da dívida que tenho com a linhagem de Ikshvaku! Ó melhor dos homens, cabe a ti me conceder, para a perpetuação da linhagem de Ikshvaku, um filho desejável possuidor de beleza e talentos e bom comportamento.'

O gandharva continuou, 'Assim abordado, Vasishtha, aquele melhor dos brâmanes dedicado à verdade respondeu àquele poderoso monarca arqueiro, dizendo, 'Eu te darei.' Depois de algum tempo, ó príncipe de homens, Vasishtha, acompanhado pelo monarca, foi para a capital recentemente conhecida por toda a terra pelo nome de Ayodhya. Os cidadãos em grande alegria saíram para receber

aquele impecável e ilustre, como os habitantes do céu saindo para receber seu chefe. O monarca, acompanhado por Vasishtha, reentrou em sua auspiciosa capital depois de muito tempo. Os cidadãos de Ayodhya viram seu rei acompanhado por seu sacerdote como se ele fosse o sol nascendo. O monarca que era superior a todos em beleza encheu com seu esplendor toda a cidade de Ayodhya, como a lua outonal enche todo o firmamento com seu esplendor. E a própria cidade excelente, por suas ruas terem sido regadas e varridas, e pelas fileiras de estandartes e flâmulas embelezando tudo em volta, alegrou o coração do monarca. E, ó príncipe da linhagem Kuru, a cidade cheia como estava de almas alegres e saudáveis, por causa da presença dele, parecia brilhante como Amaravati com a presença do chefe dos celestiais. Depois que o sábio real tinha entrado em sua capital, a rainha, por ordem do rei, se aproximou de Vasishtha. O grande rishi, fazendo um acordo com ela, se uniu a ela segundo a lei superior. E depois de pouco tempo, quando a rainha concebeu, aquele melhor dos rishis, recebendo as reverentes saudações do rei, voltou para o seu retiro. A rainha levou o embrião em seu útero por muito tempo. Quando viu que não dava à luz ela rasgou seu útero com um pedaço de pedra. E foi então que no décimo segundo ano (de concepção) nasceu Asmaka, aquele touro entre homens, o sábio nobre que fundou (a cidade de) Paudanya.'

180

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O gandharva continuou, 'Então, ó Partha, Adrisyanti, que tinha estado residindo no retiro de Vasishtha, deu à luz um filho que foi o perpetuador da linhagem de Saktri e que era um segundo Saktri em tudo. Ó principal dos Bharatas, aquele melhor dos munis, o próprio Vasishtha ilustre, realizou as cerimônias usuais após o nascimento de seu neto. E porque o rishi Vasishtha tinha resolvido se autodestruir mas se absteve disso logo que soube da existência daquela criança, aquela criança, quando nasceu, foi chamada de Parasara (o vivificador dos mortos). O virtuoso Parasara, desde o dia de seu nascimento, conheceu Vasishtha como seu pai e se comportava em relação ao muni como tal. Um dia, ó filho de Kunti, o menino se dirigiu a Vasishtha, aquele principal dos brâmanes sábios, como pai, na presença de sua mãe Adrisyanti. Adrisyanti, ouvindo o som muito inteligível 'pai' docemente proferido por seu filho, dirigiu-se a ele com olhos chorosos e disse, 'Ó criança, não te dirijas ao teu avô como teu pai. Teu pai, ó filho, foi devorado por um rakshasa em uma floresta diferente. Ó inocente, não é teu pai este que tu consideras assim. Este venerável é o pai do teu célebre pai.' Assim abordado por sua mãe aquele melhor dos rishis de palavras verdadeiras ficou triste, mas logo inflamou-se e resolveu destruir a toda criação. Então o ilustre e grande asceta Vasishtha, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de Brahma, filho de Mitravaruna, aquele rishi conhecedor da verdade positiva, dirigiu-se ao seu neto que tinha colocado seu coração em destruir o mundo. Ouve, ó

Arjuna, os argumentos pelos quais Vasishtha conseguiu tirar aquela decisão da mente de seu neto.'

O gandharva continuou, 'Então Vasishtha disse, 'Havia um rei célebre de nome Kritavirya. Aquele touro entre os reis da terra era discípulo dos Bhrigus conhecedores do Veda. Aquele rei, ó criança, depois de realizar o sacrifício Soma, gratificou os brâmanes com grandiosos presentes de arroz e riqueza. Depois que aquele monarca tinha ascendido para o céu veio uma ocasião quando seus descendentes estavam com falta de riquezas. E sabendo que os Bhrigus eram ricos aqueles príncipes foram até aqueles melhores dos brâmanes, na aparência de mendigos. Alguns entre os Bhrigus, para proteger sua riqueza, a enterraram sob a terra, e alguns por medo dos kshatriyas começaram a dar sua riqueza a (outros) brâmanes, enquanto alguns deles devidamente deram aos kshatriyas tudo o que eles queriam. Aconteceu, no entanto, que alguns kshatriyas, ao cavarem como queriam na casa de um Bhargava específico, encontraram um grande tesouro. E o tesouro foi visto por todos aqueles touros entre os kshatriyas que lá estavam. Enfurecidos com o que eles consideraram como um comportamento enganador dos Bhrigus, os kshatriyas insultaram os brâmanes, embora os últimos pedissem piedade. E aqueles poderosos arqueiros começaram a matar os Bhrigus com suas setas afiadas. E os kshatriyas vagaram por sobre a terra, matando até os embriões que estavam nos úteros das mulheres da linhagem Bhrigu. E enquanto a linhagem Bhrigu estava sendo assim exterminada, as mulheres daquela tribo fugiram de medo para as montanhas inacessíveis de Himavat. E uma entre aquelas mulheres, de belas pernas, por desejar perpetuar a linhagem do marido, guardou em uma das suas coxas um embrião dotado de grande energia. Certa mulher brâmane, no entanto, que veio a saber desse fato, foi por medo aos kshatriyas e relatou esse caso a eles. E os kshatriyas então foram destruir aquele embrião. Chegando ao lugar, eles viram a futura mãe resplandecendo com energia inata, e a criança que estava em sua coxa saiu rompendo a coxa e ofuscando os olhos daqueles kshatriyas como o sol do meio-dia. Assim privados de visão os kshatriyas começaram a vaguear por aquelas montanhas inacessíveis. E afligidos pela perda de visão os príncipes sofreram, e desejosos de recuperar o uso de seus olhos eles resolveram procurar a proteção daquela mulher impecável. Então aqueles kshatriyas, afligidos pela tristeza, e pela perda da visão como a de um fogo que se acaba, se dirigiram com corações ansiosos àquela senhora ilustre, dizendo, 'Por tua graça, ó senhora, nós desejamos que a nossa visão seja restaurada. Nós então voltaremos para as nossas casas todos juntos e nos absteremos para sempre da nossa prática pecaminosa. Ó bela, cabe a ti com teu filho ter piedade por nós. Cabe a ti auxiliar esses reis por lhes conceder a visão.'

181

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vasishtha continuou, 'A senhora brâmane, assim abordada por eles, disse, 'Ó filhos, eu não tirei sua visão, nem estou zangada com vocês. Esta criança, no entanto, da linhagem Bhrigu, está certamente zangada com vocês. Há pouca dúvida, ó filhos, que vocês foram privados de visão por este menino ilustre cuja fúria foi acesa à lembrança do massacre de sua raça. Ó filhos, enquanto vocês estavam destruindo até que os embriões da raça Bhrigu esta criança foi mantida por mim em minha coxa por cem anos! E para que a prosperidade da linhagem Bhrigu possa ser restaurada, os Vedas inteiros com seus ramos vieram a ele mesmo enquanto ele estava no útero. É evidente que este descendente da linhagem Bhrigu, enfurecido pelo massacre de seus pais, deseja matar vocês! Foi pela energia celeste dele que seus olhos foram queimados. Portanto, ó filhos, rezem para este meu filho excelente nascido da minha coxa. Conciliado por sua homenagem ele poderá devolver sua visão.'

Vasishtha continuou, 'Ao ouvirem essas palavras da dama brâmane todos aqueles príncipes se dirigiram à criança nascida da coxa, dizendo, 'Sê auspicioso!' E o menino foi auspicioso para com eles. E aquele melhor dos brâmanes rishis, por ter nascido depois de romper a coxa de sua mãe, veio a ser conhecido por todos os três mundos pelo nome de Aurva (nascido da coxa). E os príncipes recuperaram a visão e foram embora. Mas o muni Aurva da linhagem Bhrigu resolveu dominar todo o mundo. E o rishi de grande alma fixou seu coração, ó filho, na destruição de todas as criaturas do mundo. E aquele descendente da linhagem Bhrigu, para prestar homenagem (como ele considerava) aos seus antepassados massacrados, se dedicou às mais austeras penitências com o objetivo de destruir todo o mundo. E desejoso de gratificar seus antepassados, o rishi afligiu com seu ascetismo severo os três mundos com os celestiais, os asuras e seres humanos. Os Pitris, então, sabendo o que o filho de sua raça estava prestes a fazer, vieram todos da sua própria região até o rishi e dirigindo-se a ele disseram:

'Aurva, ó filho, tu tens sido feroz em teu ascetismo. Teu poder foi testemunhado por nós. Sê benevolente para com os três mundos. Ó, controla a tua ira. Ó filho, não foi por incapacidade que os Bhrigus de almas sob controle completo foram, todos eles, indiferentes à sua própria destruição pelas mãos dos assassinos kshatriyas. Ó filho, quando nós nos cansamos dos longos períodos de vida concedidos a nós, foi então que desejamos a nossa própria destruição por meio dos kshatriyas. A riqueza que os Bhrigus colocaram em sua casa subterrânea foi colocada somente com o objetivo de enfurecer os kshatriyas e de comprar uma briga com eles. Ó melhor dos brâmanes, como nós estávamos desejosos do céu, que uso a riqueza poderia ter para nós? O tesoureiro do céu (Kuvera), manteve um grande tesouro para nós. Quando nós vimos que a morte não poderia, de nenhuma maneira, nos alcançar, foi então, ó filho, que consideramos esse como o melhor dos meios (de realizar nosso desejo). Aqueles que se suicidam nunca

alcançam as regiões que são abençoadas. Refletindo sobre isso nós nos abstivemos de nos autodestruir. Portanto, isso que tu desejas fazer não é agradável para nós. Reprime a tua mente, portanto, da ação pecaminosa de destruir todo o mundo. Ó filho, não destruas os kshatriyas nem os sete mundos. Ó, mata essa tua ira que macula a tua energia ascética.'

182

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O gandharva disse, 'Vasishtha, depois disso, continuou a narração dizendo, 'Ouvindo essas palavras dos Pitris, Aurva, ó filho, respondeu a eles neste sentido:

'Ó Pitris, o voto que eu fiz por raiva para a destruição de todos os mundos não deve ser em vão. Eu não posso consentir em ser alguém cuja raiva e votos são inúteis. Como o fogo consumindo as florestas secas, esta minha fúria certamente me consumirá se eu não cumprir o meu voto. O homem que reprime sua cólera que foi excitada por causa (adequada) se torna incapaz de alcançar devidamente os três objetivos da vida (religião, lucro e prazer). A ira que os reis desejosos de subjugar toda a terra manifestam não é inútil. Ela serve para reprimir os maus e proteger os honestos. Enquanto jazia por nascer dentro da coxa de minha mãe, eu ouvi o triste grito de minha mãe e das outras mulheres da raça Bhrigu que estavam então sendo exterminadas pelos kshatriyas. Ó Pitris, quando aqueles desgraçados dos kshatriyas começaram a exterminar os Bhrigus junto com as crianças por nascer de sua linhagem, foi então que a cólera encheu minha alma. Minha mãe e as outras mulheres da nossa raça, cada uma em um estado avançado de gravidez, e meu pai, terrivelmente apavorados, não encontraram em todos os mundos um único protetor. Então, quando as mulheres Bhrigu não encontraram nenhum protetor, minha mãe me segurou em uma de suas coxas. Se houvesse um punidor de crimes nos mundos ninguém em todos os mundos ousaria cometer um crime, se não se encontra um castigador, o número de pecadores se torna grande. O homem que tendo o poder de impedir ou punir um pecado não o faz sabendo que um pecado foi (ou será) cometido, é ele mesmo maculado por aquele pecado. Como reis e outros, capazes de proteger meus pais, não os protegeram, adiando o dever preferindo os prazeres da vida, eu fiquei por justa causa furioso com eles. Eu sou o senhor da criação, capaz de punir sua iniquidade. Eu não posso obedecer a sua ordem. Capaz de punir esse crime, se eu me abstiver de fazer isso os homens mais uma vez poderão ter que sofrer uma perseguição parecida. O fogo da minha ira também está pronto para consumir os mundos, se reprimido, ele sem dúvida consumirá a mim mesmo por sua própria energia. Ó mestres, eu sei que vocês sempre procuram o bem dos mundos, me aconselhem, portanto, quanto ao que pode beneficiar a mim mesmo e ao mundo.'

Vasishtha continuou, 'Os Pitris responderam dizendo, ‘Ó, joga nas águas este fogo nascido da tua cólera e que deseja consumir os mundos. Isso te fará bem. Os mundos, de fato, são todos dependentes da água (como sua causa elementar).

Toda substância suculenta contém água, de fato o todo universo é feito de água. Portanto, ó tu melhor dos brâmanes, lança esse fogo da tua ira às águas. Se, portanto, tu desejares, ó brâmane, que esse fogo nascido da tua cólera resida no grande oceano, consumindo as águas dele, pois é dito que os mundos são feitos de água. Desse modo, ó impecável, a tua palavra se tornará verdadeira, e os mundos com os deuses não serão destruídos.'

Vasishtha continuou, 'Então, ó filho, Aurva lançou o fogo da sua ira na residência de Varuna. E aquele fogo que consome as águas do grande oceano se tornou como uma grande cabeça de cavalo, a qual as pessoas conhecedoras dos Vedas chamam pelo nome de Vadavamukha. E emitindo a si mesmo daquela boca ele consome as águas do oceano poderoso. Abençoado sejas! Não cabe a ti, portanto, destruir os mundos. Ó Parasara, que és conhecedor das mais elevadas regiões, tu és o principal dos homens sábios!'

183

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O gandharva continuou, 'O sábio brâmane (Parasara) assim abordado pelo ilustre Vasishtha, impediu sua ira de destruir os mundos. Mas o rishi Parasara dotado de energia, o grande filho de Saktri, o principal de todos os conhecedores dos Vedas, realizou um grande sacrifício rakshasa. E se lembrando da morte de (seu pai) Saktri, o grande muni começou a destruir os rakshasas, jovens e velhos, no sacrifício que realizou. E Vasishtha não o impediu de matar os rakshasas, pela determinação de não obstruir este segundo voto (de seu neto). E naquele sacrifício o grande muni Parasara sentou-se perante três fogos ardentes, ele mesmo como um quarto fogo. E o filho de Saktri, como o Sol emergindo das nuvens, iluminou o firmamento por meio daquele seu sacrifício imaculado no qual foram despejadas grandes libações de manteiga clarificada. Então Vasishtha e os outros rishis consideraram aquele muni ardente com sua própria energia como se ele fosse um segundo Sol. Então o grande rishi Atri de alma generosa, desejoso de terminar aquele sacrifício, uma realização muito difícil para outros, foi até aquele local. E foram lá também, ó tu matador de todos os inimigos, Pulastya e Pulaha, e Kratu, o realizador de muitos sacrifícios grandiosos, todos influenciados pelo desejo de salvar os rakshasas. E, ó touro da raça Bharata, Pulastya então, vendo que muitos rakshasas já tinham sido mortos, disse estas palavras a Parasara, o opressor de todos os inimigos:

'Não há obstrução, eu espero, a este teu sacrifício, ó filho! Derivas algum prazer, ó filho, deste massacre de todos esses rakshasas inocentes que nada sabem sobre a morte do teu pai? Não cabe a ti destruir nenhuma criatura dessa forma. Esta, ó filho, não é a ocupação de um brâmane dedicado ao ascetismo. A Paz é a maior virtude. Portanto, ó Parasara, estabelece a paz. Como tu podes, ó Parasara, sendo tão superior, estar envolvido em tal prática pecaminosa? Não

cabe a ti pecar contra o próprio Saktri que era um bom conhecedor de todas as regras de moralidade. Não cabe a ti eliminar nenhuma criatura. Ó descendente da linhagem de Vasishtha, o que aconteceu ao teu pai foi ocasionado pela maldição dele próprio. Foi por seu próprio erro que Saktri foi levado daqui para o céu. Ó muni, nenhum rakshasa era capaz de devorar Saktri, ele mesmo providenciou a sua própria morte. E, ó Parasara, Viswamitra foi somente um instrumento cego nesse caso. Ambos, Saktri e Kalmashapada, tendo ascendido ao céu estão desfrutando de grande felicidade. E também os outros filhos do grande rishi Vasishtha que eram mais novos do que Saktri estão agora mesmo se deleitando com os celestiais. E, ó filho, ó prole do filho de Vasishtha, tu também tens sido, neste sacrifício, somente um instrumento na destruição desses rakshasas inocentes. Ó, abençoado sejas! Abandona esse teu sacrifício. Deixa que ele acabe.'

O gandharva continuou, 'Assim abordado por Pulastya, como também pelo inteligente Vasishtha, aquele muni, o poderoso filho de Saktri, então deu fim àquele sacrifício. E o rishi lançou o fogo que tinha acendido para o sacrifício dos rakshasas nas profundas florestas no norte de Himavat. E esse fogo pode ser visto desde aquele dia consumindo rakshasas e árvores e pedras em todas as épocas.'

184

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Arjuna perguntou, 'Por que, ó gandharva, o rei Kalmashapada mandou sua rainha ir até o mais notável de todos os conhecedoras dos Vedas, o mestre Vasishtha? Por que também o ilustre e grande rishi Vasishtha que conhecia todas as regras de moralidade conheceu uma mulher que ele não deveria ter conhecido? Ó amigo, foi este um ato de pecado por parte de Vasishtha? Cabe a ti remover as dúvidas que eu tenho e apresentar sua solução.'

O gandharva respondeu, dizendo, 'Ó irreprimível Dhananjaya, escuta a resposta à pergunta que fizeste a respeito de Vasishtha e do rei Kalmashapada, aquele destruidor de amigos. Ó tu melhor dos Bharatas, eu te disse tudo sobre a maldição do rei Kalmashapada por Saktri, o filho ilustre de Vasishtha. Trazido sob a influência da maldição, aquele matador de todos os inimigos, o rei Kalmashapada, com os olhos girando de raiva saiu de sua capital acompanhado por sua mulher. E entrando com sua mulher nas florestas solitárias o rei começou a vagar por elas. E um dia enquanto o rei sob a influência da maldição estava andando através daquela floresta cheia de várias espécies de veados e outros animais e coberta com numerosas árvores grandes e arbustos e trepadeiras e ressoando com gritos terríveis, ele ficou extremamente faminto. E o monarca então começou a procurar por alimento. Oprimido pela fome, o rei finalmente viu, em uma parte muito solitária das florestas, um brâmane e sua mulher tendo prazer um com o outro. Alarmados ao verem o monarca os dois fugiram, com seu desejo

insatisfeito. Perseguindo o par que fugia, o rei agarrou o brâmane à força. Então a brahmani, vendo seu marido capturado, dirigiu-se ao monarca, dizendo, 'Escuta ao que eu digo, ó monarca de votos excelentes! É conhecido no mundo inteiro que tu és nascido em uma linhagem solar, e que tu és sempre vigilante na prática da moralidade e dedicado ao serviço aos teus superiores. Não cabe a ti cometer um pecado, ó irreprimível, embora privado da tua razão pela maldição (do rishi). Minha época (fértil) veio, e desejosa da companhia de meu marido eu estava me unindo a ele. Eu ainda não estou satisfeita. Sê bondoso conosco, ó tu melhor dos reis! Liberta meu marido.' O monarca, no entanto, sem escutar seus gritos cruelmente devorou o marido como um tigre devorando sua presa desejável. Tomada pela fúria ao ver aquilo, as lágrimas que aquela mulher derramou arderam como fogo e consumiram tudo naquele lugar. Aflita pela calamidade que alcançou seu marido, a brahmani com raiva amaldiçoou o sábio real Kalmashapada, 'Vil desgraçado, como tu hoje cruelmente devoraste sob o meu próprio nariz o meu ilustre marido amado por mim, ainda antes de os meus desejos estarem satisfeitos, portanto tu, ó perverso, afligido pela minha maldição, encontrarás a morte no instante em que te relacionares com tua mulher na época dela. E a tua mulher, ó canalha, dará à luz um filho unido-se àquele rishi Vasishtha cujos filhos foram devorados por ti. E aquela criança, ó pior dos reis, será o perpetuador da tua linhagem.' E amaldiçoando o monarca dessa forma, aquela senhora da casa de Angira possuidora de todas as marcas propícias entrou no fogo ardente à visão do monarca. E, ó opressor de todos os inimigos, o ilustre e exaltado Vasishtha por seu poder ascético e discernimento espiritual imediatamente soube de tudo aquilo. E muito tempo depois disso, quando o rei ficou livre da maldição, ele se aproximou de sua mulher Madayanati quando a época dela chegou. Mas Madayanati suavemente o afastou. Sob a influência da paixão o monarca não recordou aquela maldição. Ouvindo, no entanto, as palavras de sua mulher, o melhor dos reis ficou terrivelmente alarmado. E se lembrando da maldição ele se arrependeu amargamente do que tinha feito. Foi por essa razão, ó tu melhor dos homens, que o monarca contagiado pela maldição da brahmani nomeou Vasishtha para gerar um filho em sua rainha.'

185

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Arjuna perguntou, 'Ó gandharva, tu és conhecedor de tudo. Dize-nos, portanto, qual brâmane conhecedor dos Vedas seria digno de ser nomeado nosso sacerdote.'

O gandharva respondeu, ‘Há nestas florestas um santuário de nome Utkochaka. Dhaumya, o irmão mais novo de Devala, está lá dedicado a penitências ascéticas. O nomeiem, se desejarem, seu sacerdote.’

Vaisampayana disse, 'Então Arjuna, muito satisfeito com tudo o que tinha acontecido, deu àquele gandharva sua arma de fogo com as cerimônias apropriadas. E dirigindo-se a ele o Pandava também disse, 'Ó tu melhor dos gandharvas, que os cavalos que tu nos deste permaneçam contigo por algum tempo. Quando a ocasião chegar nós os pegaremos de ti. Abençoado sejas.' Então o gandharva e os Pandavas respeitosamente saudaram uns aos outros e deixaram as margens encantadoras do Bhagirathi e foram para onde queriam. Então, ó Bharata, os Pandavas foram para Utkochaka, o retiro sagrado de Dhaumya e instalaram Dhaumya como seu sacerdote. E Dhaumya, o principal de todos os conhecedores dos Vedas, recebendo-os com presentes de frutas selvagens e raízes (comestíveis), concordou em se tornar seu sacerdote. E os Pandavas, com sua mãe formando o sexto membro do grupo, tendo obtido aquele brâmane como sacerdote consideraram sua soberania e reino como já recuperados e a filha do rei Panchala como já obtida no Swayamavara. E aqueles touros da raça Bharata, tendo obtido o mestre Dhaumya como sacerdote, também se consideraram colocados sob um poderoso protetor. E Dhaumya de grande alma, conhecedor do verdadeiro significado dos Vedas e de todas as regras de moralidade, tornando-se o preceptor espiritual dos Pandavas virtuosos, fez deles seus Yajamanas (discípulos espirituais). E aquele brâmane, vendo aqueles heróis dotados de inteligência e força e perseverança como os celestiais, considerou-os como já restaurados, em virtude das suas próprias realizações, à sua soberania e reino. Então aqueles reis de homens, tendo tido as bênçãos proferidas sobre si por aquele brâmane, resolveram ir, acompanhados por ele, ao Swayamvara da princesa de Panchala.'

186

Swayamvara Parva

Vaisampayana disse, 'Então aqueles tigres entre homens, aqueles irmãos, os cinco Pandavas, foram para Panchala para ver aquele país e Draupadi e as festas (em vista de seu casamento). E aqueles tigres entre homens, aqueles opressores de todos os inimigos, seguindo com sua mãe, viram no caminho numerosos brâmanes procedendo juntos. E aqueles brâmanes, que eram todos brahmacharis, vendo os Pandavas, ó rei, perguntaram a eles, 'Para onde vocês estão indo? De

onde também vocês vêm?' E Yudhishthira respondeu a eles, dizendo, 'Ó touros entre brâmanes, saibam que nós somos irmãos viajando junto com nossa mãe. Nós estamos vindo de Ekachakra.' Os brâmanes então disseram, 'Vão neste mesmo dia à residência de Drupada no país dos Panchalas. Um grande Swayamvara ocorrerá lá, no qual uma grande soma de dinheiro será gasta. Nós também estamos indo para lá. Vamos todos juntos. Festas extraordinárias se realizarão (na residência de Drupada). O ilustre Yajnasena, também chamado de Drupada, tem uma filha que surgiu do centro do altar sacrifical. De olhos como pétalas de lótus e feições impecáveis e dotada de juventude e inteligência, ela é extremamente bela. E Draupadi de cintura esbelta e aspecto perfeitamente impecável, e que emite do corpo uma fragrância como a do lótus azul por duas milhas completas em volta de si, é a irmã de Dhrishtadyumna de braços fortes dotado de bravura, o (futuro) matador de Drona, que nasceu com uma armadura natural e espada e arco e flechas do fogo ardente, ele mesmo como um segundo Fogo. E a filha de Yajnasena escolherá um marido dentre os príncipes convidados. E nós estamos indo lá para ver a ela e as festas da ocasião, semelhantes às festas do céu. E àquele Swayamvara virão de várias terras reis e príncipes que são realizadores de sacrifícios nos quais os presentes aos brâmanes são grandiosos, que são devotados ao estudo, são santos, ilustres, e de votos rígidos, que são jovens e bonitos, e que são poderosos guerreiros em carros e educados em armas. Desejosos de ganhar (a mão da) moça aqueles monarcas todos darão de graça muita riqueza e vacas e comida e outros artigos de lazer. E recebendo tudo o que eles derem e testemunhando o Swayamvara, e desfrutando das festas, nós iremos a qualquer lugar que quisermos. E também vão àquele Swayamvara, de vários países, atores, e bardos cantores das glórias dos reis, e dançarinos, e narradores de Puranas, e arautos, e atletas poderosos. E vendo tudo isso e pegando o que será dado de graça pelos ilustres, vocês retornarão conosco. Vocês todos são belos e como os celestiais! Vendo vocês, Krishnâ pode, por acaso, escolher algum entre vocês superior ao resto. Este teu irmão de braços poderosos e vistoso e dotado de beleza também, dedicado a (vigorosos) combates, poderia, por acaso, ganhar grande riqueza.'

Ouvindo essas palavras dos brâmanes, Yudhishthira respondeu, 'Ó brâmanes, nós todos acompanharemos vocês para testemunhar o Swayamvara daquela moça, aquela excelente comemoração.'

187

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim abordados pelos brâmanes, os Pandavas, ó Janamejaya, foram em direção ao país dos Panchalas do sul governado pelo rei Drupada. E em seu caminho aqueles heróis viram Dwaipayana, aquele ilustre muni de alma pura, e totalmente impecável. E saudando devidamente o rishi e

sendo saudados por ele, depois que a sua conversa havia acabado, mandados por ele eles prosseguiram para a residência de Drupada. E aqueles poderosos combatentes em carruagens seguiram em passos lentos, ficando por algum tempo em belas florestas com lindos lagos que eles viram em seu caminho. Dedicados ao estudo, puros em suas práticas, amáveis, e de fala gentil, os Pandavas finalmente entraram no país dos Panchalas. E vendo a capital, como também o castelo, eles se hospedaram na casa de um oleiro. Adotando a ocupação brahmânica, eles começaram a levar uma vida de mendicantes. E nenhum homem reconheceu aqueles heróis durante a sua permanência na capital de Drupada.

Yajnasena sempre teve o desejo de entregar sua filha para Kiriti (Arjuna), o filho de Pandu. Mas ele nunca falou disso a ninguém. E, ó Janamejaya, o rei de Panchala, pensando em Arjuna, fez com que fosse feito um arco muito rígido que não pudesse ser curvado por ninguém exceto Arjuna. Fazendo um mecanismo ser construído no céu, o rei fixou um alvo anexado àquele mecanismo. E Drupada disse, 'Aquele que encordoar este arco e com estas flechas bem enfeitadas acertar o alvo acima da máquina obterá a minha filha.'

Vaisampayana continuou, 'Com essas palavras o rei Drupada proclamou o Swayamvara. Ao ouvi-las, ó Bharata, os reis de outras terras foram para a sua capital. E lá foram também muitos rishis ilustres desejosos de assistir o Swayamvara. E foram lá também, ó rei, Duryodhana e os Kurus acompanhados por Kama. E também muitos brâmanes superiores de todos os países. E os monarcas que chegaram foram todos recebidos com reverência pelo ilustre Drupada. Desejosos de ver o Swayamvara, os cidadãos, ruidosos como o mar, todos tomaram seus assentos em plataformas que foram construídas ao redor do anfiteatro. O monarca entrou no anfiteatro pelo portão nordeste. E o próprio anfiteatro que tinha sido construído em uma planície propícia e nivelada ao nordeste da capital de Drupada era cercado por belas mansões. E ele era cercado por todos os lados com paredes altas e um fosso com portas arqueadas aqui e acolá. O anfiteatro vasto era também sombreado por um dossel de várias cores. E, ressoando com as notas de milhares de trombetas, ele era perfumado com aloés negro, borrifado por toda a parte com água misturada com pasta de sândalo e enfeitado com guirlandas de flores. Ele estava cercado por mansões altas perfeitamente brancas e parecidas com os topos de Kailasa tocados pelas nuvens. As janelas daquelas mansões eram cobertas com redes trabalhadas em ouro, as paredes eram adornadas com diamantes e tapetes e tecidos caros e preciosos. Todas essas mansões enfeitadas com coroas e guirlandas de flores e perfumadas com excelentes aloés, eram todas brancas e sem mácula, como os pescoços dos cisnes. E a fragrância delas podia ser percebida da distância de um yojana (oito milhas). E cada uma delas era equipada com cem portas largas o suficiente para admitir uma multidão de pessoas, elas eram adornadas com camas e tapetes caros, e embelezadas com vários metais, elas pareciam com os cumes de Himavat. E naquelas sete casas célebres de vários tamanhos moravam os monarcas convidados por Drupada, cujos corpos estavam enfeitados com todos os ornamentos e que estavam cheios de desejo de sobrepujar uns aos outros. E os habitantes da cidade e do país que tinham chegado para ver Krishnâ e tomar

seus lugares nas excelentes plataformas construídas viram dentro daquelas mansões aqueles leões entre os reis que eram todos dotados da energia de grandes almas. E todos aqueles exaltados soberanos estavam enfeitados com a pasta fragrante do aloé negro. De grande generosidade, eles eram todos devotados a Brahma e protegiam seus reinos contra todos os inimigos. E por todos os seus bons feitos eles eram amados por todo o mundo.

Os Pandavas, também, entrando naquele anfiteatro, se sentaram com os brâmanes e contemplaram a riqueza inigualável do rei dos Panchalas. E aquela multidão de príncipes, brâmanes e outros, parecendo alegres ao verem o desempenho de atores e dançarinos, (grandes presentes de todos os tipos de riquezas eram feitos constantemente), começou a aumentar dia a dia. E isso durou, ó rei, vários dias, até que quando o décimo sexto dia estava completo a filha de Drupada, ó touro da raça Bharata, tendo se purificado entrou no anfiteatro, ricamente vestida e enfeitada com todos os ornamentos e levando em sua mão um prato de ouro (onde estavam as oferendas usuais de arghya) e uma guirlanda de flores. Então o sacerdote da linhagem lunar, um santo brâmane conhecedor de todos os mantras, acendeu o fogo sacrifical e despejou nele libações de manteiga clarificada com os devidos ritos. E agradando Agni por meio daquelas libações e fazendo os brâmanes proferirem a fórmula auspiciosa de bênçãos, parou os instrumentos musicais que estavam tocando ao redor. E quando aquele vasto anfiteatro, ó monarca, ficou totalmente silencioso, Dhrishtadyumna possuidor de uma voz profunda como o som do timbale ou das nuvens, segurando o braço de sua irmã, levantou-se no meio daquela multidão e disse, com uma voz alta e profunda como o ribombo das nuvens, estas palavras agradáveis de grande importância: 'Ouçam ó reis reunidos, este é o arco, aquele é o alvo, e estas são as flechas. Acertem a marca através do orifício da máquina com estas cinco flechas afiadas. Realmente eu digo que aquele possuidor de linhagem, beleza pessoal e força que realizar essa façanha grandiosa obterá hoje esta minha irmã, Krishnâ, como sua esposa.' Tendo assim falado aos monarcas reunidos o filho de Drupada então se dirigiu a sua irmã, recitando para ela os nomes e linhagens e realizações daqueles senhores da terra reunidos.'

188

(Continuação do Swayamvara Parva)

Dhrishtadyumna disse, 'Duryodhana, Durvisaha, Durmukha e Dushpradharshana, Vivinsati, Vikarna, Saha, e Duhsasana, Yuyutsu e Vayuvega e Bhimavegarava, Ugrayudha, Valaki, Kanakayu, e Virochana, Sukundala, Chitrasena, Suvarcha, e Kanakadhwaja, Nandaka, e Vahusali, e Tuhunda, e Vikata, esses, ó irmã, e muitos outros poderosos filhos de Dhritarashtra, todos heróis, acompanhados por Karna, vieram para obter a tua mão. Outros incontáveis monarcas ilustres, todos touros entre os kshatriyas, também vieram por ti. Sakuni, Sauvala, Vrisaka, e Vrihadvala, esses filhos do rei Gandhara, também vieram. OS

principais dentre todos os manejadores de armas, os ilustres Aswatthaman e Bhoja, enfeitados com todos os ornamentos também vieram por ti. Vrihanta, Manimana, Dandadhara, Sahadeva, Jayatsena, Meghasandhi, Virata com seus dois filhos Sankha e Uttara, Vardhakshemi, Susarma, Senavindu, Suketu com seus dois filhos Sunama e Suvarcha, Suchitra, Sukumara, Vrika, Satyadhriti, Suryadhwaja, Rochamana, Nila, Chitrayudha, Agsuman, Chekitana, o poderoso Sreniman, Chandrasena, o filho poderoso de Samudrasena, Jarasandha, Vidanda, e Danda, o pai e filho, Paundraka, Vasudeva, Bhagadatta dotado de grande energia, Kalinga, Tamralipta, o rei de Pattana, o poderoso guerreiro em carro Salya, o rei de Madra, com seu filho, o heroico Rukmangada, Rukmaratha, Somadatta da linhagem Kuru com seus três filhos, todos poderosos combatentes em carruagens e heróis, Bhuri, Bhurisrava, e Sala, Sudakshina, Kamvoja da linha Puru, Vrihadvala, Sushena, Sivi, o filho de Usinara, Patcharanihanta, o rei de Karusha, Sankarshana (Valadeva), Vasudeva (Krishna) o filho poderoso de Rukmini, Samva, Charudeshna, o filho de Pradyumna com Gada, Akrura, Satyaki, Uddhava de grande alma, Kritavarman, o filho de Hridika, Prithu, Viprithu, Viduratha, Kanka, Sanku com Gaveshana, Asavaha, Aniruddha, Samika, Sarimejaya, o heroico Vatapi Jhilli Pindaraka, o poderoso Usinara, todos esses da linhagem Vrishni, Bhagiratha, Vrihatkshatra, Jayadratha, o filho de Sindhu, Vrihadratha, Valhika, o poderoso quadrigário Srutayu, Uluka, Kaitava, Chitrangada e Suvangada, o altamente inteligente Vatsaraja, o rei de Kosala, Sisupala e o poderoso Jarasandha, esses e muitos outros reis, todos grandes kshatriyas célebres por todo o mundo, vieram, ó afortunada, por ti. Dotados de destreza, eles atirarão no alvo. E tu deverás escolher como marido aquele entre eles que atingir o alvo.'

189

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aqueles vigorosos príncipes enfeitados com brincos, competindo entre si e cada um se considerando talentoso com armas e dotado de força, ergueram-se brandindo suas armas. E embriagados com orgulho de beleza, bravura, linhagem, conhecimento, riqueza e juventude, eles eram como elefantes Himalayan na época do cio, com suas coroas partidas por excesso de suco temporal. E olhando uns para os outros com ciúmes e influenciados pelo deus do desejo eles levantaram de repente dos seus assentos reais, exclamando 'Krishnâ será minha!' E os kshatriyas reunidos naquele anfiteatro, todos desejosos de ganhar a filha de Drupada, pareciam com os celestiais (antigamente) ao redor de Umâ, a filha do rei das montanhas. Afligidos pelas flechas do deus de arco florido e com os corações completamente perdidos na contemplação de Krishnâ, aqueles príncipes desceram ao anfiteatro para ganhar a donzela Panchala e começaram a ter ciúmes até dos seus melhores amigos. E lá foram também os celestiais em seus carros, com os Rudras e os Adityas, os Vasus e os gêmeos Asvins, os Swadhas e todos os Marutas, e Kuvera com Yama andando adiante. E

lá foram também os Daityas e os Suparnas, os grandes nagas e os rishis celestes, os Guhyakas e os Charanas e Viswavasu e Narada e Parvata, e os principais gandharvas com apsaras. E Halayudha (Valadeva) e Janardana (Krishna) e os chefes das tribos Vrishni, Andhaka, e Yadava que obedeciam a liderança de Krishna estavam lá também, observando a cena. E vendo aqueles elefantes no cio, os cinco (Pandavas), atraídos por Draupadi como poderosos elefantes por um lago coberto com lótus, ou como fogo coberto com cinzas, Krishna, o principal dos heróis Yadu, começou a refletir. E ele disse para Rama (Valadeva): 'Aquele é Yudhishthira, aquele é Bhima com Jishnu (Arjuna), e aqueles são os heróis gêmeos.' E Rama examinando-os lentamente lançou um olhar de satisfação para Krishna. Mordendo seus lábios inferiores em fúria, os outros heróis, filhos e netos de reis, com olhos e corações e pensamentos fixos em Krishnâ, olhavam com olhos arregalados somente para Draupadi, sem reparar nos Pandavas. E os filhos de Pritha também, de braços poderosos, e os heróis gêmeos ilustres, contemplando Draupadi, foram todos igualmente atingidos pelas flechas de Kama. E com o local apinhado de rishis celestiais e gandharvas e suparnas e nagas e asuras e siddhas, e cheio de perfumes celestes e com flores celestes espalhadas, e ressoando com os timbales e o zumbido profundo de vozes infinitas, e ecoando com a música suave da flauta, da Vina, e do tambor, os carros dos celestiais mal podiam achar uma passagem pelo firmamento. Então aqueles príncipes, Karna, Duryodhana, Salwa, Salya, Aswatthaman, Kratha, Sunitha, Vakra, o soberano de Kalinga e Banga, Pandya, Paundra, o soberano de Videha, o chefe dos Yavanas, e muitos outros filhos e netos de reis, soberanos de territórios com olhos como pétalas de lótus, um depois do outro começaram a exibir sua destreza para (ganhar) aquela moça de beleza sem igual. Enfeitados com coroas, guirlandas, pulseiras e outros ornamentos, dotados de braços poderosos, possuidores de coragem e vigor e rebentando com força e energia, aqueles príncipes não podiam, nem mesmo em imaginação, curvar aquele arco de rigidez extraordinária.

E (alguns entre) aqueles reis ao tentarem, com os lábios distendidos, cada um segundo a sua força, educação, habilidade, e energia, encordoar aquele arco, foram atirados ao chão e ficaram perfeitamente imóveis por algum tempo. Com sua força esgotada e suas coroas e guirlandas soltas de seus corpos eles começaram a arquejar para respirar, e sua ambição de ganhar aquela moça formosa esfriou. Jogados por aquele arco rijo, e com suas guirlandas e pulseiras e outros ornamentos desordenados, eles começaram a proferir exclamações de angústia. E aquele grupo de monarcas, sem mais esperança de obter Krishnâ, parecia triste e pesaroso. E vendo a situação daquele monarcas, Karna, aquele principal de todos os manejadores de arcos, foi para onde o arco estava, e rapidamente erguendo-o e encordoando-o colocou as flechas na corda. E vendo o filho de Surya, Karna, da classe Suta, como o fogo, ou Soma, ou o próprio Surya, decidido a acertar o alvo, aqueles principais dos arqueiros, os filhos de Pandu, consideraram o alvo como já atingido e derrubado sobre a terra. Mas vendo Karna Draupadi falou ruidosamente, 'Eu não escolherei um suta como meu marido.' Então Karna, dando risada em vexação e lançando um olhar para o Sol, jogou de lado o arco já curvado a um círculo.

Então quando todos os kshatriyas desistiram da tarefa o heroico rei dos Chedis, poderoso como o próprio Yama (Plutão) o ilustre e resoluto Sisupala, o filho de Damaghosa, se esforçando para encordoar o arco, caiu sobre seus joelhos no chão. Então o rei Jarasandha, dotado de grande força e poderes, se aproximando do arco, ficou ali por um momento, fixo e imóvel como uma montanha. Atirado pelo arco, ele também caiu com os joelhos no chão, e erguendo-se, o monarca deixou o anfiteatro (retornando) para o seu reino. Então o grande herói Salya, o rei de Madra, dotado de grande força, ao se esforçar para curvar o arco foi lançado de joelhos ao chão. Finalmente quando naquele grupo de pessoas altamente respeitáveis todos os monarcas tinham virado assunto de conversas zombeteiras, aquele principal dos heróis, Jishnu, o filho de Kunti, desejou encordoar o arco e colocar as flechas na corda.'

190

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana continuou, 'Quando todos os monarcas tinham desistido de encordoar o arco, Jishnu de grande alma ergueu-se dentre a multidão de brâmanes sentados naquela reunião. E vendo Partha, possuidor da cor do estandarte de Indra, avançando em direção ao arco, os principais brâmanes agitando suas peles de veado ergueram um alto clamor. E enquanto alguns estavam desagradados havia outros que estavam satisfeitos. E alguns que lá estavam, possuidores de inteligência e precaução, dirigindo-se uns aos outros disseram, 'Ó brâmanes, como pode um brâmane, moço e inexperiente com armas e sem força (física), encordoar aquele arco que tão célebres kshatriyas como Salya e outros dotados de poder e educados na ciência e prática de armas não conseguiram? Se ele não alcançar sucesso nessa tarefa não experimentada que ele vai tentar realizar por um espírito de inconstância infantil, o grupo inteiro de brâmanes que aqui está fará um papel ridículo aos olhos dos monarcas reunidos. Portanto, proibamos este brâmane para que ele não tente encordoar o arco, o que ele está desejoso de fazer por vaidade, atrevimento infantil, ou mera inconstância.' Outros responderam, ‘Nós não seremos ridicularizados, nem nos exporemos ao desrespeito de alguém ou ao desgosto dos soberanos.’ Alguns comentaram, 'Este belo jovem é mesmo como a tromba de um poderoso elefante, cujos ombros e braços e coxas são tão robustos, que em paciência parece o Himavat, cujo modo de andar é como o do leão, e cuja bravura parece com a de um elefante no cio, e que está tão resoluto, que é provável que ele consiga realizar essa façanha. Ele tem força e resolução. Se ele não tivesse, ele nunca iria lá por vontade própria. Além disso, não há nada nos três mundos que os brâmanes, de todos os homens mortais, não possam realizar. Se abstendo de toda comida ou vivendo só do ar ou comendo frutas, perseverantes em seus votos, e emaciados e fracos, os brâmanes são sempre fortes em sua própria energia. Ninguém deve desrespeitar um brâmane sejam seus atos certos ou errados, considerando-o incapaz de

realizar qualquer tarefa grande ou pequena, repleta de felicidade ou dor. Rama, o filho de Jamadagni, derrotou em batalha todos os kshatriyas. Agastya, por sua energia Brahma, bebeu de um só gole o oceano insondável. Portanto, nós dizemos, 'Que este jovem curve o arco e o encordoe com facilidade' (e muitos disseram), 'Que assim seja.' E os brâmanes continuaram a falar entre si essas e outras palavras. Então Arjuna se aproximou do arco e ficou lá como uma montanha. E andando ao redor do arco e curvando a cabeça àquele dador de bênçãos, o senhor Isana, e lembrando-se de Krishnâ também, ele o pegou. E aquele arco que Rukma, Sunitha, Vakra, o filho de Radha, Duryodhana, Salya, e muitos outros reis talentosos na ciência e prática de armas não puderam encordoar nem com um grande esforço, Arjuna, o filho de Indra, aquela principal de todas as pessoas dotadas de energia e como o irmão mais novo de Indra (Vishnu) em poder encordoou em um piscar de olhos. E pegando as cinco flechas ele acertou o alvo e o fez cair ao chão pelo buraco na máquina acima da qual ele tinha sido colocado. Então ergueu-se um grande tumulto no firmamento, e o anfiteatro também ressoou com um clamor alto. E os deuses despejaram flores celestes sobre a cabeça de Partha, o matador de inimigos. E milhares de brâmanes começaram agitar suas peças de roupas superiores em alegria. E por toda parte os monarcas que tinham sido mal sucedidos proferiram exclamações de aflição e desespero. Flores choviam dos céus por todo o anfiteatro e os músicos começaram a tocar. Bardos e arautos começaram a cantar em tons suaves os louvores (do herói que realizou a façanha). E observando Arjuna, Drupada, aquele destruidor de inimigos, estava cheio de alegria. E o monarca desejou ajudar com seus exércitos o herói se a ocasião surgisse. E quando o tumulto estava em seu apogeu, Yudhishthira, o principal de todos os homens virtuosos, acompanhado por aqueles principais dos homens, os gêmeos, deixou rapidamente o anfiteatro para voltar para a sua casa temporária. E Krishnâ, vendo o alvo atingido e também Partha que era como o próprio Indra, que tinha acertado o alvo, estava cheia de alegria, e se aproximou do filho de Kunti com um manto branco e uma guirlanda de flores. E Arjuna, o realizador de façanhas inconcebíveis, tendo ganhado Draupadi por seu sucesso no anfiteatro, foi saudado com reverência por todos os brâmanes. E logo depois ele deixou a arena do torneio seguido de perto por ela que dessa maneira se tornou sua esposa.'

191

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando o rei (Drupada) expressou o desejo de entregar sua filha àquele brâmane (que tinha acertado o alvo), todos aqueles monarcas que tinham sido convidados para o Swayamvara, olhando uns para os outros, ficaram de repente cheios de raiva. E eles disseram, 'Preterindo-nos e tratando os monarcas reunidos como palha este Drupada deseja dar sua filha, aquela principal das mulheres, para um brâmane! Tendo plantado a árvore ele a corta quando ela

está para dar frutos. O patife não nos respeita, portanto vamos matá-lo. Ele não merece nosso respeito nem a veneração devida à idade. Devido a essas qualidades dele, nós, portanto, mataremos este canalha que insultou a todos os reis, junto com seu filho. Convidando todos os monarcas e os entretendo com comida excelente ele por fim nos desrespeitou. Nessa reunião de monarcas, como um conclave de celestiais, ele não vê um único monarca igual a ele mesmo? A declaração vêdica bem conhecida diz que Swayamvaras são para os kshatriyas. Os brâmanes não têm direito a participar de uma seleção de marido por uma donzela kshatriya. Ou, ó reis, se essa donzela não deseja escolher nenhum de nós para ser seu marido, que nós a lancemos ao fogo e voltemos para os nossos reinos. A respeito desse brâmane, embora ele tenha, por intromissão ou avareza, feito este insulto aos monarcas, ele mesmo assim não deve ser morto, pois nossos reinos, vidas, tesouros, filhos, netos, e quaisquer outras riquezas que temos, tudo existe para os brâmanes. Mas algo deve ser feito aqui (mesmo a ele), para que, por medo da desgraça e o desejo de manter o que devidamente pertence a cada classe, outros Swayamvaras não possam acabar dessa maneira.'

Tendo se dirigido uns aos outros dessa maneira, aqueles tigres entre os monarcas dotados de braços como bastões de ferro com pregos ergueram suas armas e se precipitaram sobre Drupada para matá-lo imediatamente. E Drupada vendo aqueles monarcas todos de uma vez de repente avançando em sua direção com raiva e com arcos e flechas procurou, por medo, a proteção dos brâmanes. Mas aqueles poderosos arqueiros (Bhima e Arjuna) dos Pandavas, capazes de castigar todos os inimigos, avançaram para resistir àqueles monarcas que vinham em direção a eles impetuosamente como elefantes na época do cio. Então os monarcas com mãos enluvadas e armas erguidas se apressaram com raiva sobre os príncipes Kuru, Bhima e Arjuna, para matá-los. Então o poderoso Bhima de realizações extraordinárias, dotado da força do trovão, arrancou como um elefante uma árvore grande e a despiu de suas folhas. E com aquela árvore, Bhima de braços fortes, o filho de Pritha, aquele triturador de inimigos, ficou parado, como o rei dos mortos manejador da maça (Yama), armado com sua maça aterradora, perto de Arjuna, aquele touro entre homens. E vendo aquela façanha de seu irmão, Jishnu, de inteligência extraordinária, ele mesmo também de atos inconcebíveis, ficou admirado. E, igual ao próprio Indra em realizações, sacudindo de si todo o medo ele ficou com o arco pronto para receber aqueles atacantes. E observando aquelas façanhas de Jishnu e seu irmão, Damodara (Krishna) de inteligência sobre-humana e façanhas inconcebíveis, dirigindo-se ao seu irmão, Halayudha (Valadeva), de energia feroz, disse, 'Aquele herói lá, com o andar parecido com o de um leão poderoso, que sacou o arco grande em sua mão, de quatro cúbitos completos de comprimento, é Arjuna! Não há duvida, ó Sankarshana, sobre isso, se eu sou Vasudeva. Aquele outro herói que arrancou rapidamente a árvore e ficou preparado para rechaçar os monarcas é Vrikodara! Pois ninguém no mundo, exceto Vrikodara, poderia hoje realizar tal façanha no campo de batalha. E aquele outro jovem de olhos pétalas de lótus, de quatro cúbitos completos de altura, e que anda como um leão poderoso, e ao mesmo tempo humilde, de aparência formosa e nariz proeminente e brilhante, que tinha, um pouco antes, deixado o anfiteatro, é o filho de Dharma (Yudhishthira). Os

outros dois jovens, como Kartikeya, são, eu suspeito, os filhos dos gêmeos Asvins. Eu soube que todos os filhos de Pandu junto com sua mãe Pritha escaparam do incêndio da casa de laca.' Então Halayudha de cor como a das nuvens descarregadas de chuva, dirigindo-se ao seu irmão mais novo (Krishna), disse com grande satisfação, 'Ó, eu estou feliz ao saber, como eu fico por pura boa fortuna, que a irmã do nosso pai, Pritha, com todos os principais dos príncipes Kaurava, escaparam (da morte)!'

192

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aqueles touros entre os brâmanes sacudiram suas peles de veado e recipientes de água feitos de cascas de coco exclamando, 'Não temam, nós lutaremos com o inimigo!' Arjuna sorridente dirigiu-se àqueles brâmanes exclamando, 'Fiquem de lado como espectadores (do combate). Despejando centenas de flechas equipadas de pontas retas eu controlarei, como cobras com mantras, todos esses monarcas furiosos.' Tendo dito isso o poderoso Arjuna, pegando o arco que tinha obtido como dote e acompanhado por seu irmão Bhima ficou imóvel como uma montanha. E vendo aqueles kshatriyas que eram sempre violentos em batalha com Karna adiante, os irmãos heroicos avançaram destemidamente sobre eles como dois elefantes avançando contra um elefante hostil. Então aqueles monarcas ávidos pela batalha ferozmente exclamaram, 'O massacre em batalha de alguém que deseja lutar é permitido.' E assim dizendo os monarcas avançaram subitamente contra os brâmanes. E Karna dotado de grande energia avançou contra Jishnu para lutar. E Salya, o rei poderoso de Madra, se apressou contra Bhima como um elefante avançando em fúria contra outro por uma elefanta, enquanto Duryodhana e outros envolveram-se em combate com os brâmanes, lutando com eles levemente e despreocupadamente. Então o ilustre Arjuna, vendo Karna, o filho de Vikartana (Surya), avançando em sua direção, puxou seu arco rijo e o perfurou com suas setas afiadas. E o ímpeto daquelas setas afiadas equipadas com energia violenta fez Radheya (Karna) desmaiar. Recuperando a consciência Karna atacou Arjuna com maior cuidado do que antes. Então Karna e Arjuna, ambos os mais notáveis dos guerreiros vitoriosos, desejosos de vencer um ao outro, lutaram loucamente. E tal era a leveza de mão que ambos demonstraram (cada um envolvido por uma chuva de setas do outro) que eles se tornaram invisíveis (para os espectadores de seu combate). 'Vê a força dos meus braços.' 'Observa como eu neutralizei essa tua façanha,' essas eram as palavras, inteligíveis somente para os heróis, com as quais eles se dirigiram um ao outro. E enraivecido achando que a força e energia dos braços de Arjuna era inigualável sobre a terra, Karna, o filho de Surya, lutou com grande energia. E aparando todas as flechas impetuosas atiradas nele por Arjuna, Karna proferiu um grito alto. E esse feito dele foi aplaudido por todos os guerreiros. Então dirigindo-se ao seu adversário Karna disse, 'Ó principal dos brâmanes, eu estou satisfeito em observar a energia dos teus braços que não conhecem descanso em

batalha e as tuas próprias armas adequadas para alcançar a vitória. Tu és a encarnação da ciência de armas, ou tu és Rama, aquele melhor dos brâmanes, ou o próprio Indra, ou o irmão mais novo de Indra, Vishnu, chamado também de Achyuta, que se disfarçando assumiu a forma de um brâmane e reunindo tal energia de braços agora luta comigo? Nenhuma outra pessoa exceto o próprio marido de Sachi ou Kiriti, o filho de Pandu, é capaz de lutar comigo quando eu estou zangado sobre o campo de batalha.' Então, ouvindo essas palavras dele, Phalguna respondeu, dizendo, 'Ó Karna, eu não sou nem a ciência de armas (personificada), nem Rama dotado de poderes sobre humanos. Eu sou somente um brâmane que é o principal de todos os guerreiros e de todos os manejadores de armas. Pela graça do meu preceptor eu me tornei talentoso no uso das armas Brahma e Paurandara. Eu estou aqui para te vencer em batalha. Portanto, ó herói, espera um pouco.'

Vaisampayana continuou, 'Assim abordado (por Arjuna), Karna, o filho adotivo de Radha, desistiu da luta, porque aquele poderoso combatente em carruagem achava que a energia de Brahma era sempre invencível. Enquanto isso em outra parte do campo os heróis poderosos Salya e Vrikodara, bem hábeis em batalha e possuidores de grande força e competência, desafiando um ao outro, envolveram-se em batalha como dois elefantes no cio. E eles golpeavam um ao outro com seus punhos cerrados e joelhos. E às vezes empurrando o outro para a frente e às vezes arrastando um ao outro, às vezes jogando o outro no chão com o rosto para baixo, e às vezes para os lados, eles lutaram, batendo um no outro com os punhos cerrados. E, combatendo com golpes duros como o choque de duas massas de granito, a arena ressoava com os sons de seu combate. Lutando dessa forma por poucos segundos, Bhima, o principal dos heróis Kuru, pegou Salya em seus braços e o arremessou longe. E Bhimasena, aquele touro entre homens, surpreendeu a todos (pela bravura de seu feito) pois embora ele tenha jogado Salya ao chão ele o fez sem machucá-lo muito. E quando Salya foi assim jogado e Karna foi tomado pelo medo, os outros monarcas ficaram todos alarmados. E eles cercaram Bhima rapidamente e exclamaram, 'Sem dúvida estes touros entre os brâmanes são excelentes (guerreiros)! Apuremos em que linhagem eles nasceram e onde eles residem. Quem pode combater Karna, o filho de Radha, em luta, exceto Rama ou Drona, ou Kiriti, o filho de Pandu? Quem também pode combater Duryodhana em batalha exceto Krishna, o filho de Devaki, e Kripa, o filho de Saradwan? Quem também pode derrubar em batalha Salya, aquele principal dentre os guerreiros poderosos, exceto o herói Valadeva ou Vrikodara, o filho de Pandu, ou o heroico Duryodhana? Que nós, portanto, desistamos dessa briga com os brâmanes. De fato, brâmanes, embora pecando, ainda assim devem sempre ser protegidos. E primeiro averiguemos quem eles são, para que depois disso nós possamos agradavelmente lutar com eles.'

Vaisampayana continuou, 'E Krishna, tendo visto aquela façanha de Bhima, acreditou que ambos eram os filhos de Kunti. E gentilmente dirigindo-se aos monarcas reunidos, dizendo, 'Esta donzela foi justamente conquistada (pelo brâmane),' ele os induziu a abandonar a luta. Talentosos em batalha, aqueles monarcas então desistiram de lutar. E aqueles melhores dos monarcas então

voltaram para os seus respectivos reinos, muito admirados. E os que tinham ido lá foram embora dizendo: 'A cena festiva acabou com a vitória dos brâmanes. A princesa de Panchala tornou-se noiva de um brâmane.' E cercados por brâmanes vestidos em peles de veado e de outros animais selvagens, Bhima e Dhananjaya passaram com dificuldade para fora da multidão. E aqueles heróis entre homens, mutilados pelos inimigos e seguidos por Krishnâ, ao saírem finalmente daquela multidão, pareciam com a lua cheia e o sol saindo das nuvens.

Enquanto isso Kunti, vendo que seus filhos estavam atrasados em voltar de sua ronda de mendicância, estava cheia de ansiedade. Ela começou a pensar em vários males que poderiam ter ocorrido com seus filhos. Uma vez ela pensou que os filhos de Dhritarashtra tendo reconhecido seus filhos os tinham matado. Em seguida ela temeu que alguns rakshasas cruéis e fortes dotados de poderes de ilusão os tinham matado. E ela se perguntou, 'Poderia o próprio Vyasa ilustre, (que mandou meus filhos para Panchala) estar sendo guiado por uma inteligência perversa?' Assim refletiu Pritha por causa do afeto por seus filhos. Então, na tranquilidade do fim de tarde, Jishnu, acompanhado por um grupo de brâmanes, entrou na residência do ceramista, como o sol coberto pelas nuvens aparecendo em um dia nublado.'

193

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aqueles filhos ilustres de Pritha, ao voltarem para a residência do oleiro, se aproximaram de sua mãe. E aqueles principais dos homens mostraram Yajnaseni para sua mãe como as esmolas que tinham obtido naquele dia. E Kunti, que estava dentro do quarto e não viu seus filhos, respondeu dizendo, 'Desfrutem todos (do que obtiveram).' Um momento depois ela viu Krishnâ e então disse, 'Oh, o que foi que eu disse?' E ansiosa por medo de pecar, e refletindo sobre como todos poderiam se livrar daquela situação, ela pegou a alegre Yajnaseni pela mão, se aproximou de Yudhishthira e disse, 'A filha do rei Yajnasena foi apresentada a mim por teus irmãos mais novos como as esmolas que eles obtiveram, e por ignorância, ó rei, eu disse o que era apropriado: 'Desfrutem todos do que foi obtido. Ó touro da raça Kuru, dze-me como as minhas palavras podem não se tornarem inverídicas, como o pecado pode não tocar a filha do rei de Panchala, e como também ela possa não ficar apreensiva.'

Vaisampayana continuou, 'Assim abordado por sua mãe aquele herói entre os homens, aquele principal descendente da linhagem Kuru, o rei inteligente (Yudhishthira), refletindo por um momento, confortou Kunti, e dirigindo-se a Dhananjaya, disse, 'Por ti, ó Phalguna, Yajnaseni foi ganha. É apropriado, portanto, que tu te cases com ela. Ó tu resistente a todos os inimigos, acendendo o fogo sagrado, aceita a mão dela com os ritos devidos.'

Arjuna ouvindo isso respondeu, 'Ó rei, não faças de mim um partícipe do pecado. A tua ordem não está de acordo com a virtude. Esse é o caminho seguido pelos pecaminosos. Tu deves casar primeiro, então Bhima de braços fortes e façanhas inconcebíveis, então eu mesmo, então Nakula, e por último, Sahadeva dotado de grande presteza. Vrikodara e eu, e os gêmeos e esta moça também, todos esperamos, ó monarca, as tuas ordens. Como esse é o estado das coisas, faze aquilo que depois de reflexão tu considerares apropriado, de acordo com a virtude, produtivo de fama, e benéfico para o rei de Panchala. Todos nós obedecemos a ti. Ó, comanda-nos como quiseres.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras de Jishnu, tão cheias de respeito e afeto, os Pandavas todos olharam para a princesa de Panchala. E a princesa de Panchala também olhou para todos eles. E após olharem para a ilustre Krishnâ aqueles príncipes se entreolharam. E tomando seus assentos, eles começaram a pensar somente em Draupadi. De fato, depois que aqueles príncipes de energia imensurável tinham olhado para Draupadi, o deus do desejo invadiu seus corações e continuou a oprimir todos os seus sentidos. Como a beleza de Panchali, que tinha sido modelada pelo próprio Criador, era superior à de todas as outras mulheres sobre a terra, ela podia cativar o coração de todas as criaturas. E Yudhishthira, o filho de Kunti, vendo seus irmãos mais novos, compreendeu o que estava se passando em suas mentes. E aquele touro entre os homens imediatamente se lembrou das palavras de Krishna-Dwaipayana. E o rei, então, por medo de uma divisão entre os irmãos, dirigindo-se a todos eles, disse, 'A auspiciosa Draupadi será esposa em comum de todos nós.'

Vaisampayana continuou, 'Os filhos de Pandu, então, ouvindo essas palavras de seu irmão mais velho, começaram a revolvê-las em suas mentes com grande alegria. O herói da linhagem Vrishni (Krishna, suspeitando que as cinco pessoas que ele tinha visto no Swayamvara eram ninguém mais do que os heróis da linhagem Kuru), acompanhado pelo filho de Rohini (Valadeva), chegou à casa do oleiro onde aqueles principais dos homens tinham se hospedado. Ao chegarem lá, Krishna e Valadeva viram sentados na casa do oleiro Ajatasanu (Yudhishthira) de braços bem desenvolvidos e longos, e seus irmãos mais jovens superando o esplendor do fogo sentados em volta dele. Então Vasudeva, se aproximando daqueles principais dos homens, os virtuosos filhos de Kunti, e tocando os pés daquele príncipe da raça Ajamida, disse, 'Eu sou Krishna.' E o filho de Rohini (Valadeva) também se aproximando de Yudhishthira, fez o mesmo. E os Pandavas, vendo Krishna e Valadeva, começaram a expressar grande alegria. E, ó tu principal da linhagem Bharata, aqueles heróis da linhagem Yadu depois disso tocaram também os pés de Kunti, a irmã de seu pai. E Ajatasatru, o principal da linha Kuru, observando Krishna, perguntou sobre o seu bem-estar e perguntou, 'Como, ó Vasudeva, tu pudeste nos reconhecer, estando nós vivendo disfarçados?' E Vasudeva sorridente respondeu, 'Ó rei, o fogo, mesmo o que esteja coberto, pode ser reconhecido. Quem mais entre os homens além dos Pandavas poderia mostrar tal poder? Ó resistentes a todos os inimigos, filhos de Pandu, por pura boa sorte vocês escaparam daquele fogo ardente. E também é só por pura boa sorte que o filho perverso de Dhritarashtra e seus conselheiros não

têm conseguido realizar seus desejos. Abençoados sejam! E cresçam em prosperidade como um fogo em uma caverna gradualmente crescendo e se espalhando por todos os lados. E para que nenhum dos monarcas os reconheça deixem-nos voltar para a nossa tenda.' Então, obtendo a permissão de Yudhishthira, Krishna, cuja prosperidade não conhece declínio, acompanhado por Valadeva, saiu rapidamente da residência do oleiro.'

194

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando os príncipes Kuru estavam voltando em direção à residência do oleiro, Dhrishtadyumna, o príncipe Panchala, os seguiu. E mandando embora todos os seus servidores, ele se escondeu em uma parte da casa do ceramista, desconhecido dos Pandavas. Então Bhima, aquele destruidor de todos os inimigos, e Jishnu, e os gêmeos ilustres, ao voltarem de sua ronda de mendicância à noite, alegremente deram tudo para Yudhishthira. Então Kunti de bom coração dirigindo-se à filha de Drupada disse, 'Ó amável, pega primeiro uma parte disso e a dedica aos deuses e dá para os brâmanes, alimenta aqueles que desejam comer e também aqueles que se tornaram nossos convidados. Divide o resto em duas metades. Dá uma dessas a Bhima, ó amável, este jovem de aparência formosa como a de um rei de elefantes, esse herói sempre come muito. E divide a outra metade em seis partes, quatro para esses jovens, uma para mim mesma, e uma para ti.' Então a princesa, ao ouvir essas palavras instrutivas de sua sogra, alegremente fez tudo o que havia sido mandada fazer. E aqueles heróis então todos comeram da comida preparada por Krishnâ. Então Sahadeva, o filho de Madri, dotado de grande presteza, espalhou no chão uma cama de erva kusa. Então aqueles heróis, cada um espalhando sobre essa as suas peles de veado, se deitaram para dormir. E aqueles principais dos príncipes Kuru se deitaram com as cabeças na direção sul. E Kunti se colocou abaixo da linha de suas cabeças, e Krishnâ na de seus pés. E Krishnâ embora estivesse deitada com os filhos de Pandu naquele leito de erva kusa na linha de seus pés como se ela fosse o seu travesseiro inferior, não se afligiu em seu coração nem pensou desrespeitosamente sobre aqueles touros entre os Kurus. Então aqueles heróis começaram a conversar entre si. E as conversas daqueles príncipes, cada um digno da liderança de um exército, eram extremamente interessantes, sendo sobre carros celestes e armas e elefantes, e espadas e flechas, e machados de batalha. E o filho do rei de Panchala escutou (de seu esconderijo) tudo o que eles disseram. E todos aqueles que estavam com ele viram Krishnâ naquele estado.

Quando amanheceu o príncipe Dhristadyumna saiu de seu esconderijo com grande pressa para contar para Drupada em detalhes tudo o que tinha acontecido na residência do ceramista e tudo o que ele tinha ouvido aqueles heróis falarem entre si durante a noite. O rei de Panchala estava triste porque ele não sabia que eram os Pandavas que tinham levado sua filha. E o monarca ilustre perguntou a

Dhristadyumna quando ele voltou, 'Oh, onde Krishnâ está? Quem a levou embora? Foi algum sudra ou alguém de baixo nível, ou algum vaisya pagador de tributos, que ao levar minha filha embora colocou seu pé sujo em minha cabeça? Ó filho, aquela coroa de flores foi jogada em um cemitério? Algum kshatriya de alto nascimento, ou alguém de ordem superior (brâmane) obteve minha filha? Alguém de nascimento inferior, por ter ganhado Krishnâ, colocou seu pé esquerdo em minha cabeça? Eu, ó filho, não sofreria, mas me sentiria imensamente feliz se minha filha fosse unida com Partha, aquele principal dos homens! Ó exaltado, me dize realmente quem ganhou a minha filha hoje? Ó, estão os filhos daquele principal dos Kurus, o filho de Vichitravirya, vivos? Foi Partha (Arjuna) que pegou o arco e acertou o alvo?'

195

Vaivahika Parva

Vaisampayana disse, 'Assim questionado, Dhrishtadyumna, aquele principal dos príncipes lunares, alegremente disse ao seu pai tudo o que tinha acontecido e por quem Krishnâ tinha sido conquistada. E o príncipe disse, 'Com olhos grandes e vermelhos, vestido em peles de veado, e parecendo com um celestial em beleza, o jovem que encordoou aquele principal dos arcos e trouxe ao chão o alvo fixado no alto foi logo cercado pelos principais dos brâmanes, que também lhe ofereceram suas homenagens pela façanha que ele tinha realizado. Incapaz de suportar a visão de um inimigo e dotado de grande energia, ele começou a mostrar sua coragem. E cercado pelos brâmanes ele parecia com o manejador do trovão, Indra, de pé no meio dos celestiais e dos rishis. E como uma elefanta seguindo o líder de uma manada Krishnâ alegremente seguiu aquele jovem agarrando-se à pele de veado dele. Então quando os monarcas reunidos, incapazes de suportar aquela visão, se levantaram furiosos e avançaram para lutar, lá ergueu-se outro herói que arrancando uma árvore grande avançou sobre aqueles reis, derrubando-os para a direita e para a esquerda como o próprio Yama atingindo as criaturas dotadas de vida. Então, ó monarca, os reis reunidos ficaram imóveis e olharam para aquele par de heróis, enquanto eles, parecendo o Sol e a Lua, levando Krishnâ com eles, deixaram o anfiteatro e foram para a residência de um oleiro nos subúrbios da cidade, e lá na residência do oleiro estava uma senhora semelhante a uma chama de fogo que, eu acho, é a mãe deles. E perto dela também estavam três outros principais dos homens cada um dos quais era como o fogo. E o par de heróis, tendo se aproximando dela prestaram homenagem aos seus pés, e eles disseram a Krishnâ para fazer o mesmo também. E deixando Krishnâ com ela, todos aqueles principais dos homens saíram para a ronda de suas visitas de mendicância. Algum tempo depois, quando eles voltaram, Krishnâ, pegando deles o que eles tinham obtido como esmolas, dedicou uma porção disso aos deuses e deu outra porção (em donativo) para brâmanes. E do que restou depois disso ela deu uma parte para aquela senhora venerável, e distribuiu o restante entre aqueles cinco principais dos homens. E ela pegou um pouco para si mesma e comeu depois de todos. Então, ó monarca, eles

todos se deitaram para dormir, Krishnâ deitada ao longo da linha de seus pés como seu travesseiro inferior. E a cama na qual eles se deitaram era feita de erva kusa sobre a qual foram estendidas suas peles de veado. E antes de dormir eles falaram sobre diversos assuntos em vozes profundas como a das nuvens negras. A conversa daqueles heróis indicou que eles não eram nem vaisyas nem sudras, nem brâmanes. Sem dúvida, ó monarca, eles são touros entre os kshatriyas, pois suas conversas eram sobre assuntos militares. Parece, ó pai, que a nossa esperança se realizou, pois nós ouvimos que todos os filhos de Kunti escaparam da conflagração da casa de laca. Pelo modo como o alvo foi derrubado por aquele jovem, e a força com a qual o arco foi encordoado por ele, e o modo no qual eu ouvi eles conversarem entre si prova conclusivamente, ó monarca, que eles são os filhos de Pritha viajando disfarçados.'

Ouvindo essas palavras de seu filho o rei Drupada ficou muito contente, e ele enviou a eles seu sacerdote e o mandou averiguar quem eles eram e se eles eram mesmo os filhos do ilustre Pandu. Assim ordenado, o sacerdote do rei foi até eles e elogiando a todos entregou a mensagem do rei devidamente, dizendo, 'Vocês que são dignos de preferência em tudo, o rei da terra dador de benefícios, Drupada, deseja saber quem são. Vendo este que derrubou o alvo, a sua alegria não conhece limites. Dando-nos todos as detalhes sobre a sua família e tribo, coloquem seus pés sobre as cabeças de seus inimigos e alegrem o coração do rei de Panchala com seus homens e o meu também. O rei Pandu foi um caro amigo de Drupada e era tido por ele em alta conta. E Drupada por longo tempo desejou entregar esta sua filha para Pandu como sua nora. Ó heróis de traços perfeitamente impecáveis, o rei Drupada teve por longo tempo em seu coração o desejo de que Arjuna de braços fortes e longos pudesse se casar com a filha dele segundo a lei. Se isso se tornou possível, nada poderia ser melhor, nada mais benéfico, nada mais conducente à fama e virtude, essa é posição de Drupada no que lhes diz respeito.'

Tendo dito isso, o sacerdote ficou calado e humildemente esperou uma resposta. Vendo-o sentado assim, o rei Yudhishthira ordenou Bhima que estava perto, dizendo, 'Que água para lavar seus pés e o arghya sejam oferecidos a este brâmane. Ele é o sacerdote do rei Drupada e, portanto, digno de grande respeito. Nós devemos homenageá-lo com mais do que as reverências comuns.' Então, ó monarca, Bhima fez como ordenado. Aceitando o culto assim oferecido a ele, o brâmane com o coração alegre sentou-se tranquilamente. Então Yudhishthira dirigiu-se a ele e disse, 'O rei dos Panchalas, por fixar um tipo especial de dote, deu sua filha segundo a prática da sua classe e não livremente. Este herói, por satisfazer aquela exigência, ganhou a princesa. O rei Drupada, portanto, não tem nada agora a dizer em relação à raça, classe, família e atitude daquele que realizou aquela façanha. De fato, todas as suas perguntas foram respondidas pelo arco encordoado e pelo alvo derrubado. E foi por fazer o que ele tinha ordenado que este herói ilustre trouxe Krishnâ consigo dentre os monarcas reunidos. Nessas circunstâncias, o rei da raça lunar não deve se entregar a quaisquer arrependimentos que somente podem fazê-lo infeliz sem corrigir o caso no mínimo. O desejo sempre nutrido pelo rei Drupada será realizado por esta bela

princesa que tem, eu penso, todos os sinais auspiciosos. Ninguém que fosse fraco poderia encordoar aquele arco, e ninguém de nascimento inferior e não habilidoso com armas poderia ter derrubado o alvo. Não cabe, portanto, ao rei dos Panchalas se afligir por sua filha hoje. E ninguém no mundo pode desfazer aquela ação de derrubar o alvo. Portanto, o rei não deve se afligir pelo que deve tomar seu rumo.'

Enquanto Yudhishthira estava dizendo tudo isso outro mensageiro do rei dos Panchalas, chegando lá às pressas, disse, 'O banquete (nupcial), está pronto.'

196

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana continuou, 'O mensageiro disse, 'O rei Drupada, em vista das núpcias de sua filha, preparou um bom banquete para a festa do noivo. Vão para lá depois de terminarem seus ritos diários. O casamento de Krishnâ se realizará lá. Não demorem. Estes carros enfeitados com lótus dourados puxados por cavalos excelentes são dignos de reis. Neles, vão para a residência do rei dos Panchalas.'

Vaisampayana continuou, 'Então aqueles touros entre os Kurus, dando licença para o sacerdote partir e fazendo Kunti e Krishnâ subirem juntas em um daqueles carros, subiram eles mesmos naqueles veículos esplêndidos e procederam na direção da residência de Drupada. Enquanto isso, ó Bharata, ouvindo de seu sacerdote as palavras que Yudhishthira tinha dito, o rei Drupada, para averiguar a classe à qual aqueles heróis pertenciam, manteve preparada uma grande coleção de artigos (requeridos pela lei para o casamento de cada uma das quatro classes). E ele manteve preparados frutos, guirlandas santificadas, cotas de malha, escudos, tapetes, vacas, sementes e vários outros artigos e implementos de agricultura. E o rei também reuniu, ó monarca, todos os artigos concernentes às outras artes e vários instrumentos e aparelhos de todos os tipos de esportes. E ele também juntou excelentes cotas de malha e escudos brilhantes, e espadas e cimitarras, de têmpera excelente, e belas carruagens e cavalos, e arcos de primeira classe e flechas bem adornadas, e várias espécies de projéteis ornamentados com ouro. E ele também manteve prontos dardos e foguetes e machados de batalha e vários utensílios de guerra. E havia naquela coleção camas e tapetes e várias coisas finas, e tecidos de vários tipos. Quando o grupo chegou na residência de Drupada, Kunti levando consigo a virtuosa Krishnâ entrou nos aposentos internos do rei. As damas da família do rei com corações alegres reverenciaram a rainha dos Kurus. Vendo, ó monarca, aqueles principais dos homens, cada um possuindo o modo de andar esportivo do leão, com peles de veado como a parte superior de suas roupas, olhos como os de touros poderosos, ombros largos, e braços longos como os corpos de cobras poderosas, o rei, e os ministros do rei, e o filho do rei, e os amigos e servidores do rei, todos ficaram muito contentes. Aqueles heróis se sentaram em excelentes assentos equipados

com escabelos, sem nenhum embaraço ou hesitação. E aqueles principais dos homens se sentaram com perfeito destemor naqueles assentos caros um depois do outro segundo a ordem de suas idades. Depois que aqueles heróis estavam sentados, servos homens e mulheres bem vestidos, e habilidosos cozinheiros trouxeram excelentes e caras iguarias dignas de reis em baixelas de ouro e de prata. Então aqueles principais dos homens jantaram naqueles pratos e ficaram satisfeitos. E depois que o jantar havia acabado, aqueles heróis entre os homens, ignorando todos os outros artigos, começaram a observar com interesse os vários utensílios de guerra. Vendo isso, o filho de Drupada e o próprio Drupada, junto com todos os seus principais ministros de estado, sabendo que os filhos de Kunti eram todos de sangue real, ficaram bem satisfeitos.'

197

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'Então o rei ilustre de Panchala, dirigindo-se ao príncipe Yudhishthira da forma aplicável aos brâmanes, alegremente inquiriu aquele filho ilustre de Kunti, dizendo, 'Nós devemos reconhecer vocês como kshatriyas, ou brâmanes, ou vocês são celestiais que se disfarçando como brâmanes estão sobre a terra e vieram para cá pela mão de Krishnâ? Ó dize-nos realmente, pois nós temos grandes dúvidas! Nós não ficaremos contentes quando as nossas dúvidas forem removidas? Ó destruidor de inimigos, o destino foi auspicioso para nós? Dize-nos a verdade de bom grado! A verdade torna os monarcas melhores do que sacrifícios e oferendas de tanques. Portanto, não nos digas o que é falso. Ó tu da beleza de um celestial, ó destruidor de inimigos, ouvindo a tua resposta eu farei os arranjos para o casamento da minha filha segundo a classe à qual vocês pertencem.'

Ouvindo essas palavras de Drupada, Yudhishthira respondeu, dizendo 'Não fiques desanimado, ó rei, que a alegria encha o teu coração! O teu desejo certamente foi realizado. Nós somos kshatriyas, ó rei, e filhos do ilustre Pandu. Saibas que eu sou o mais velho dos filhos de Kunti e estes são Bhima e Arjuna. Por eles, ó rei, a tua filha foi conquistada no meio da reunião de monarcas. Os gêmeos (Nakula e Sahadeva) e Kunti aguardam onde Krishnâ está. Ó touro entre homens, que a angústia saia do teu coração, pois nós somos kshatriyas. Tua filha, ó monarca, foi como um lótus somente transferida de um lago para outro. Ó rei, tu és nosso venerável superior e principal refúgio. Eu te disse toda a verdade.'

Vaisampayana continuou, 'Ao ouvir essas palavras os olhos do rei Drupada rolaram em êxtase. E cheio de encanto o rei não pode, por alguns momentos, responder a Yudhishthira. Controlando sua emoção com grande esforço, aquele destruidor de inimigos finalmente respondeu a Yudhishthira em palavras apropriadas. O monarca virtuoso perguntou como os Pandavas tinham escapado da cidade de Varanavata. O filho de Pandu disse ao monarca todos os detalhes da

sua fuga do palácio ardente de laca. Ouvindo tudo o que o filho de Kunti disse, o rei Drupada criticou Dhritarashtra, aquele soberano de homens. E o monarca deu todas as garantias a Yudhishthira, o filho de Kunti. E aquele principal dos homens eloquentes lá mesmo prometeu restaurar Yudhishthira ao seu trono paterno.

Então Kunti e Krishnâ e Bhima e Arjuna e os gêmeos, por ordem do rei, foram residir lá, tratados por Yajnasena com o devido respeito. Então o rei Drupada com seus filhos, confiantes por tudo o que tinha acontecido, se aproximando de Yudhishthira, disse, 'Ó tu de braços poderosos, que o príncipe Kuru Arjuna aceite com os ritos devidos a mão da minha filha neste dia auspicioso, que ele, portanto, realize os usuais ritos iniciatórios do casamento.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras de Drupada, o virtuoso rei Yudhishthira respondeu, dizendo, 'Ó grande rei, eu também terei que me casar.' Ouvindo-o, Drupada disse, 'Se isso te agradar, aceita tu mesmo a mão da minha filha com os ritos devidos. Ou entrega Krishnâ em casamento a qualquer um dos teus irmãos como quiseres.' Yudhishthira disse, 'A tua filha, ó rei, será a esposa em comum de todos nós! Isso foi ordenado, ó monarca, por nossa mãe. Eu ainda não sou casado, e Bhima também não o é entre os filhos de Pandu. Essa tua joia de filha foi ganha por Arjuna. Esta, ó rei, é a regra conosco, de sempre desfrutar igualmente de uma joia que possamos obter. Ó melhor dos monarcas, essa regra de conduta nós não podemos agora abandonar. Krishnâ, portanto, deverá se tornar nossa esposa se casando com todos nós. Que ela aceite as nossas mãos, um depois do outro, perante o fogo.'

Drupada respondeu, 'Ó descendente da linhagem Kuru, tem sido instruído que um homem pode ter muitas esposas. Mas nunca foi ouvido que uma mulher poderia ter muitos maridos! Ó filho de Kunti, como tu és puro e conheces as regras de moralidade, não cabe a ti cometer uma ação que seja pecaminosa e oposta aos costumes e aos Vedas. Por que, ó príncipe, o teu entendimento se tornou de tal modo?' Yudhishthira disse em resposta, 'Ó monarca, a moralidade é sutil. Nós não sabemos sua direção. Deixa-nos seguir o caminho trilhado pelos ilustres das eras antigas. A minha língua nunca proferiu uma inverdade. Meu coração também nunca se inclinou para o que é pecaminoso. Minha mãe assim ordenou, e meu coração também aprova isso. Portanto, ó rei, isso está totalmente de acordo com a virtude. Age de acordo com isso, sem quaisquer escrúpulos. Não tenhas nenhum receio, ó rei, acerca dessa questão.'

Drupada disse, 'Ó filho de Kunti, que a tua mãe, e meu filho Dhrishtadyumna e tu mesmo, decidam entre vocês o que deve ser feito. Digam-me o resultado das suas deliberações e amanhã eu farei o que for apropriado.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disso, ó Bharata, Yudhishthira, Kunti e Dhrishtadyumna discutiram sobre o assunto. Exatamente naquela hora, no entanto, o nascido na ilha (Vyasa), ó monarca, lá chegou no decorrer de suas viagens.'

198

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'Então todos os Pandavas e o ilustre rei dos Panchalas e todos os outros lá presentes se levantaram e saudaram com reverência o ilustre rishi Krishna (Dwaipayana). O rishi de grande alma saudou-os em retorno e depois de perguntar sobre o seu bem-estar sentou-se em um tapete de ouro. E mandados por Krishna (Dwaipayana) de energia incomensurável, aqueles principais dos homens todos se sentaram em assentos valiosos. Pouco depois, ó monarca, o filho de Prishata em tons gentis perguntou para o rishi ilustre acerca do casamento de sua filha. E ele disse, 'Como, ó ilustre, uma mulher pode tornar-se esposa de muitos homens sem ser maculada pelo pecado? Ó, dize-me realmente tudo a respeito disso.' Ouvindo essas palavras Vyasa respondeu, 'Essa prática, ó rei, sendo oposta ao costume e aos Vedas, tornou-se obsoleta. Eu desejo, no entanto, ouvir qual é a opinião de cada um de vocês sobre essa questão.'

Ouvindo essas palavras do rishi, Drupada falou primeiro dizendo, ‘A prática é pecaminosa em minha opinião, se opondo a ambos: ao costume e aos Vedas. Ó melhor dos brâmanes, em lugar nenhum eu vi muitos homens tendo apenas uma esposa. Os homens ilustres também das eras antigas nunca tiveram esse costume entre eles. O sábio nunca deve cometer um pecado. Eu, portanto, nunca poderia concordar com esse ato. Essa prática sempre me parece ser de moralidade duvidosa.’

Depois que Drupada tinha falado Dhrishtadyumna falou, dizendo 'Ó touro entre os brâmanes, ó tu de riqueza ascética, como pode, ó brâmane, o irmão mais velho, se ele é de uma boa disposição, se aproximar da mulher de seu irmão mais novo? Os caminhos da moralidade são sempre sutis, e, portanto, nós não os conhecemos. Nós não podemos, portanto, dizer o que está de acordo com a moralidade e o que não está. Nós não podemos fazer tal ato, portanto, com a consciência segura. De fato, ó brâmane, eu não posso dizer: 'Deixo Draupadi se tornar a mulher em comum de cinco irmãos.'

Yudhishthira então falou, dizendo, 'A minha língua nunca proferiu uma inverdade e o meu coração nunca se inclina para o que é pecaminoso. Se o meu coração aprova, isso nunca poderia ser pecaminoso. Eu ouvi no Purana que uma senhora de nome Jatila, a principal de todas as mulheres virtuosas pertencente à linhagem de Gotama se casou com sete rishis. Assim também a filha de um asceta, nascida de uma árvore, nos tempos antigos se uniu em casamento com dez irmãos todos tendo o mesmo nome de Prachetas e que eram todos de almas exaltadas por ascetismo. Ó principal de todos os que conhecem as regras de moralidade, é dito que a obediência aos superiores é sempre meritória. Entre todos os superiores, é sabido que a mãe é a principal. Ela mesma nos mandou desfrutar de Draupadi como nós fazemos com qualquer coisa obtida como esmolas. É por isso, ó melhor dos brâmanes, que eu considero o ato (proposto) como virtuoso.'

Kunti então disse, 'O ato é assim mesmo como o virtuoso Yudhishthira disse. Eu temo imensamente que, ó brâmane, as minhas palavras se tornem mentirosas. Como eu serei salva da inverdade?'

Quando eles todos tinham terminado de falar, Vyasa disse, 'Ó amável, como tu serás salva da consequência da inverdade? Essa mesma é a virtude eterna! Eu, ó rei dos Panchalas, eu não falarei sobre isso perante vocês todos. Mas somente tu me escutarás quando eu revelar como essa prática foi estabelecida e por que ela deve ser considerada como antiga e eterna. Não há dúvida de que o que Yudhishthira disse está perfeitamente de acordo com a virtude.'

Vaisampayana continuou, 'Então Vyasa, o ilustre mestre Dwaipayana, ergueu-se, e pegando a mão de Drupada o conduziu para um aposento privado. Os Pandavas e Kunti e Dhrishtadyumna da linhagem Prishata ficaram lá sentados, esperando pela volta de Vyasa e Drupada. Enquanto isso, Dwaipayana começou sua conversa com o ilustre monarca para explicar como a prática de poliandria não poderia ser considerada como pecaminosa.'

199

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'Vyasa continuou, 'Antigamente os celestiais uma vez tinham começado um grande sacrifício na floresta de Naimisha. Naquele sacrifício, ó rei, Yama, o filho de Vivaswat, tornou-se o matador dos animais consagrados. Yama, assim empenhado naquele sacrifício, (durante aquele período) ó rei, não matou um único ser humano. Com a morte estando suspensa no mundo, o número de seres humanos aumentou imensamente. Então Soma e Sakra e Varuna e Kuvera, os Sadhyas, os Rudras, os Vasus, os irmãos Asvins, esses e outros celestiais foram até Prajapati, o Criador do universo. Tomados pelo receio por causa do aumento da população humana no mundo eles se dirigiram ao Mestre da criação e disseram, 'Alarmados, ó senhor, pelo aumento de seres humanos na terra, nós viemos a ti buscando auxílio. De fato, nós ansiamos pela tua proteção.' Ouvindo essas palavras o Avô disse, 'Vocês não têm motivo para ficar assustados por esse aumento de seres humanos. Vocês todos são imortais. Não lhes cabe se assustar por causa de seres humanos.' Os celestiais responderam, 'Os mortais todos se tornaram imortais. Não há distinção agora entre nós e eles. Vexados pelo desaparecimento da toda distinção, nós viemos a ti para que tu possas nos distinguir deles.' O Criador então disse, 'O filho de Vivaswat está nesse momento ocupado no grande sacrifício. É por isso que os homens não estão morrendo. Mas quando o trabalho de Yama no sacrifício terminar os homens começarão a morrer novamente como antes. Fortalecido por suas respectivas energias, Yama, quando chegar a hora, varrerá aos milhares os habitantes da terra que mal terão então alguma energia restante neles.'

Vyasa continuou, ‘Ouvindo essas palavras do primeiro deus nascido, os celestiais voltaram ao local onde o grande sacrifício estava sendo realizado. E os poderosos se sentando ao lado do Bhagirathi viram um lótus (dourado) sendo carregado pela correnteza. E vendo aquele lótus (dourado) eles se admiraram muito. E entre eles, o principal dos celestiais, Indra, desejoso de averiguar de onde ele veio, seguiu pelo curso do Bhagirathi. E alcançando aquele local de onde a deusa Gangâ emerge perenemente, Indra viu uma mulher possuidora do esplendor do fogo. A mulher que tinha ido lá pegar água estava se banhando na corrente, chorando o tempo todo. As gotas de lágrimas que ela derramava, caindo na corrente estavam sendo transformadas em lótus dourados. O manejador do raio, vendo aquela visão extraordinária, se aproximou da mulher e perguntou a ela, ‘Quem és tu, senhora amável? Por que tu choras? Eu desejo saber a verdade. Ó, conta-me tudo.’

Vyasa continuou, 'A mulher respondeu, 'Ó Sakra, tu podes saber quem eu sou e por que, infeliz como sou, eu choro, somente se, ó chefe dos celestiais, tu vieres comigo pelo caminho que eu indicarei. Tu então verás porque eu choro.’ Ouvindo essas palavras da senhora, Indra a seguiu enquanto ela indicava o caminho. E logo ele viu, não longe do lugar onde ele estava, um belo jovem com uma jovem senhora sentados em um trono colocado sobre um dos topos de Himavat e jogando dados. Vendo aquele jovem, o chefe dos celestiais disse, 'Saibas, jovem inteligente, que este universo está sob o meu domínio.' Vendo, no entanto, que a pessoa abordada estava tão absorta nos dados que não tomou conhecimento do que ele disse, Indra foi tomado pela raiva e repetiu, ‘Eu sou o senhor do universo.’ O jovem que não era ninguém mais do que o deus Mahadeva (o deus dos deuses), vendo Indra cheio de cólera, somente sorriu, tendo olhado-o de relance. Por aquele golpe de vista, no entanto, o chefe dos celestiais ficou imediatamente paralisado e ficou lá como uma estaca. Quando o jogo de dados havia acabado, Isana se dirigiu à mulher que chorava e disse, 'Traze Sakra para cá, pois eu logo me ocuparei dele para que o orgulho não entre outra vez em seu coração.' Logo que Sakra foi tocado por aquela mulher, o chefe dos celestiais com membros paralisados, por aquele toque, caiu ao chão. O ilustre Isana de energia feroz então disse a ele, 'Nunca mais, ó Sakra, ajas dessa maneira. Remove esta pedra enorme, pois tua força e energia são imensuráveis, e entra no buraco (que ela revelará) onde aguardam alguns outros possuidores do esplendor do sol e que são todos como tu.' Indra, então, ao remover aquela pedra, viu uma caverna no leito daquele rei das montanhas, dentro da qual havia quatro outros parecidos com ele mesmo. Vendo a situação deles Sakra foi tomado pela angústia e exclamou, 'Eu serei assim como eles?' Então o deus Girisha, olhando em cheio para Indra com olhos arregalados, disse com raiva, 'Ó tu de cem sacrifícios, entra nesta caverna sem perda de tempo, pois tu por insensatez me insultaste.' Assim tratado pelo senhor Isana, o chefe dos celestiais, por causa daquela imprecação terrível, estava profundamente magoado, e com membros enfraquecidos pelo medo tremia como uma folha de uma figueira Himalayan sacudida pelo vento. E amaldiçoado inesperadamente pelo deus que possui um touro como seu veículo, Indra, com as mãos unidas e tremendo dos pés à cabeça, se dirigiu àquele deus feroz de manifestações multiformes, dizendo, 'Tu és, ó Bhava, o superintendente do

universo infinito!' Ouvindo essas palavras o deus de energia ardente sorriu e disse, 'Aqueles que têm tendências como a tua nunca obtêm a minha graça. Estes outros (dentro da caverna) foram uma vez como tu. Entra nesta caverna, portanto, e fica lá por algum tempo. O destino de vocês todos certamente será o mesmo. Todos vocês terão que nascer no mundo dos homens, onde, tendo realizado muitas façanhas difíceis e matando grande número de homens, vocês recuperarão pelos méritos de seus respectivos atos a região valiosa de Indra. Vocês realizarão tudo o que eu disse e muito mais além disso, e outros tipos de trabalhos.' Então aqueles Indras, de sua glória ceifada, disseram, 'Nós iremos das nossas regiões celestes até a região dos homens onde a salvação está ordenada para ser de aquisição difícil. Mas que os deuses Dharma, Vayu, Maghavat, e os gêmeos Asvins nos gerem naquela que será nossa mãe. Lutando com homens por meio de armas celestes e humanas nós voltaremos para a região de Indra.'

Vyasa continuou, 'Ouvindo essas palavras dos antigos Indras, o manejador do raio mais uma vez se dirigiu àquele principal dos deuses, dizendo, 'Em vez de eu mesmo ir, com uma porção da minha energia eu criarei de mim mesmo uma pessoa para a realização da tarefa (que tu designaste) para formar o quinto entre esses!' Vishwabhuk, Bhutadhaman, Sivi de grande energia, Santi o quarto, e Tejaswin, é dito que esses eram os cinco Indras de outrora. E o deus ilustre do arco formidável, por sua bondade, concedeu aos cinco Indras o desejo deles. E ele também nomeou aquela mulher de beleza extraordinária, que era ninguém mais do que a própria Sri celeste (deusa da beleza), para ser sua esposa em comum no mundo dos homens. Acompanhado por todos aqueles Indras, o deus Isana então foi até Narayana de energia incomensurável, o Infinito, o Imaterial, o Incriado, o Antigo, o Eterno, e o Espírito destes universos sem limites. Narayana aprovou tudo. Aqueles Indras então nasceram no mundo dos homens. E Hari (Narayana) pegou dois pelos de seu corpo, um dos quais era negro e o outro branco. E aqueles dois pelos entraram nos úteros de duas mulheres da linhagem Yadu, de nomes Devaki e Rohini. E um daqueles pelos, o que era branco, se tornou Valadeva. E o pelo que era negro nasceu como a pessoa de Kesava, Krishna. E aqueles Indras de antigamente que haviam sido confinados na caverna no Himavat são ninguém mais do que os filhos de Pandu, dotados de grande energia. E Arjuna entre os Pandavas, também chamado de Savyasachin (o que usa ambas as mãos com igual destreza) é uma porção de Sakra.'

Vyasa continuou, 'Assim, ó rei, aqueles que nasceram como os Pandavas são ninguém mais do que os Indras de antigamente. E a própria Sri celeste que foi designada como sua mulher é essa Draupadi de beleza extraordinária. Como poderia ela cuja refulgência é como a do sol ou da lua, cuja fragrância se espalha por duas milhas em volta, não nascer de modo extraordinário, de dentro da terra, pela virtude dos ritos sacrificais? A ti, ó rei, eu alegremente concedo outra bênção na forma de visão espiritual. Contempla agora os filhos de Kunti dotados de seus corpos celestes e sagrados de antigamente!'

Vaisampayana continuou, 'Dizendo isso, o santo brâmane Vyasa de atos generosos, por meio de seu poder ascético, concedeu visão divina ao rei. Então o rei viu todos os Pandavas com seus corpos antigos. E o rei viu que eles possuíam

corpos celestes, com coroas douradas e guirlandas celestes, e cada um parecia com o próprio Indra, com feições radiantes como fogo ou o sol, e enfeitados com todos os ornamentos, e bonitos, e jovens, com peitos largos e estaturas de cerca de cinco cúbitos. Dotados de todos os talentos e enfeitados com vestes celestes de grande beleza e guirlandas fragrantes de excelente feitio, o rei os viu assim como muitos deuses de três olhos (Mahadeva), ou Vasus, ou Rudras, ou os próprios Adityas. E, observando os Pandavas nas formas daqueles Indras antigos, e Arjuna também na forma de Indra surgido do próprio Sakra, o rei Drupada ficou muito satisfeito. E o monarca se admirou muito ao ver aquela manifestação de poder celeste sob profundo disfarce. O rei, olhando para sua filha, aquela principal das mulheres dotadas de grande beleza, como uma donzela celeste possuidora do esplendor do fogo ou da lua, a considerou como a esposa digna daqueles seres celestes, por sua beleza, esplendor e fama. E contemplando aquela visão maravilhosa, o monarca tocou os pés do filho de Satyavati, exclamando, 'Ó grande rishi, nada é miraculoso em ti!' O rishi então alegremente continuou, 'Em certo eremitério havia uma ilustre filha de um rishi, que, embora bela e casta, não obteve um marido. A moça gratificou, por meio de penitências ascéticas rígidas, o deus Sankara (Mahadeva). O senhor Sankara, satisfeito por suas penitências, disse a ela: 'Pede a bênção que desejas.' Assim abordada, a moça repetidamente disse ao Senhor Supremo concessor de benefícios, ‘Eu desejo obter um marido possuidor de todos os talentos.’ Sankara, o chefe dos deuses, satisfeito com ela, lhe deu a bênção que ela pediu, dizendo, 'Tu terás, moça amável, cinco maridos.' A moça, que tinha tido sucesso em satisfazer o deus, disse outra vez, 'Ó Sankara, eu desejo de ti um único marido possuidor de todas as virtudes.' O deus dos deuses, bem satisfeito com ela, falou outra vez, dizendo, 'Tu, ó donzela, te dirigiste a mim cinco vezes completas, repetindo, 'Dá-me um marido.' Portanto, ó amável, será assim mesmo como tu me pediste. Abençoada sejas. Tudo isso, no entanto, te acontecerá em uma vida futura!'

Vyasa continuou, 'Ó Drupada, essa tua filha de beleza celeste é aquela donzela. De fato, a impecável Krishnâ nascida na linhagem de Prishata foi pré-ordenada a se tornar a esposa em comum de cinco maridos. A divina Sri, tendo passado por penitências ascéticas severas, nasceu, por causa dos Pandavas, como tua filha, no decorrer do teu grande sacrifício. A deusa bela, servida por todos os celestiais, como consequência das suas próprias ações se torna a esposa (em comum) de cinco maridos. E é por isso que o autocriado a criou. Tendo escutado tudo isso, ó rei Drupada, faze o que quiseres.'

200

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'Drupada, ao ouvir isso, observou, ‘Ó grande rishi, foi só porque eu não tinha ouvido isso de ti que eu procurei agir da maneira que havia te dito. Agora, no entanto, que eu sei de tudo, eu não posso ser indiferente ao que foi

ordenado pelos deuses. Portanto eu resolvo realizar o que tu disseste. O nó do destino não pode ser desatado. Nada neste mundo é o resultado das nossas próprias ações. Aquilo que foi designado por nós em vista de assegurar um único noivo agora acabou em favor de muitos. Como Krishnâ repetidamente disse (em uma vida passada), 'Ó, dá-me um marido!' o próprio grande deus lhe deu a bênção que ela tinha pedido. O próprio deus sabe o que é certo ou errado nisso. Com respeito a mim, como Sankara assim ordenou, certo ou errado, nenhum pecado pode recair sobre mim. Que eles com corações felizes tomem, como ordenado, a mão de Krishnâ com os ritos.'

Vaisampayana continuou, 'Então o ilustre Vyasa, dirigindo-se a Yudhishthira o justo, disse, 'Este dia é um dia auspicioso, ó filho de Pandu! Neste dia a lua entrou na constelação chamada Pushya. Recebe a mão de Krishnâ hoje, antes dos teus irmãos!' Quando Vyasa tinha dito isso, o rei Yajnasena e seu filho fizeram os preparativos para o casamento. E o monarca mantinha preparados vários artigos caros como presentes de casamento. Então ele trouxe sua filha Krishnâ, enfeitada, depois de um banho, com muitas joias e pérolas. Então foram lá para testemunhar o casamento todos os amigos e parentes do rei, ministros de estado, e muitos brâmanes e cidadãos. E eles todos tomaram seus lugares de acordo com suas respectivas classes. Adornado com aquela multidão dos mais importantes dos homens, com seus pátios decorados com lótus e lírios espalhados sobre eles, e embelezado com fileiras de tropas, o palácio do rei Drupada, engrinaldado com diamantes e pedras preciosas, parecia o firmamento pontilhado de estrelas brilhantes. Então aqueles príncipes da linha Kuru, dotados de juventude e enfeitados com brincos, vestidos em vestes valiosas e perfumados com pasta de sândalo, banharam-se e realizaram os ritos religiosos usuais e acompanhados por seu sacerdote Dhaumya, que era possuidor do esplendor do fogo, entraram no salão do casamento um depois outro na devida ordem, e com os corações contentes, como touros poderosos entrando em um curral. Então Dhaumya, bom conhecedor dos Vedas, acendendo o fogo sagrado, despejou com os devidos mantras libações de manteiga clarificada no elemento ardente. E chamando Yudhishthira, Dhaumya, conhecedor dos mantras, o uniu com Krishnâ. Andando ao redor do fogo o noivo e a noiva tomaram as mãos um do outro. Depois que a união deles foi completada, o sacerdote Dhaumya, despedindo-se de Yudhishthira, aquele ornamento de batalhas, saiu do palácio. Então aqueles poderosos guerreiros em carros, aqueles perpetuadores da linhagem Kuru, aqueles príncipes vestidos em vestes magníficas, aceitaram a mão daquela melhor das mulheres, dia após dia em sucessão, auxiliados por aquele sacerdote. Ó rei, o rishi celeste me disse uma coisa muito maravilhosa e extraordinária em relação a esses casamentos, que a princesa ilustre de cintura esbelta recuperava a virgindade a cada dia depois de um casamento anterior. Depois que os casamentos haviam acabado, o rei Drupada deu àqueles poderosos guerreiros em carros diversos tipos de riquezas excelentes. E o rei deu a eles cem carros com emblemas dourados, cada um puxado por quatro corcéis com rédeas douradas. E ele lhes deu uma centena de elefantes todos possuindo marcas auspiciosas em suas têmporas e faces e semelhantes a cem montanhas com topos dourados. Ele também deu a eles cem empregadas todas no auge da juventude e vestidas em

mantos e ornamentos caros e coroas florais. E o monarca ilustre da raça lunar deu a cada um daqueles príncipes de beleza celeste, fazendo do fogo sagrado uma testemunha de seus presentes, muita riqueza e muitas vestes e ornamentos valiosos de grande esplendor. Os filhos de Pandu dotados de grande força, depois que seu casamento tinha terminado, e depois de terem obtido Krishnâ como uma segunda Sri junto com grande riqueza, passaram seus dias em alegria e felicidade, como muitos Indras, na capital do rei dos Panchalas.'

201

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'O rei Drupada, depois de sua aliança com os Pandavas, teve todos os seus medos dissipados. De fato, o monarca não mais temia nem mesmo os deuses. As senhoras da ilustre família de Drupada se aproximaram de Kunti e se apresentaram a ela, mencionando seus respectivos nomes, e reverenciaram os pés dela com as cabeças tocando o solo. Krishnâ também, vestida em seda vermelha e com seus pulsos ainda cercados com o fio auspicioso, saudando sua sogra com reverência, ficou contente diante dela com as palmas unidas. Pritha, com afeto, pronunciou uma bênção sobre sua nora dotada de grande beleza e de todos os sinais auspiciosos e possuidora de uma doce disposição e bom caráter, dizendo, 'Sê para os teus maridos como Sachi para Indra, Swaha para Vibhavasu, Rohini para Soma, Damayanti para Nala, Bhadra para Vaisravana, Arundhati para Vasishtha, Lakshmi para Narayana! Ó amável, sê a mãe de filhos heroicos e de vida longa, e possuidores de tudo o que possa te fazer feliz! Que a sorte e a prosperidade sempre estejam contigo! Cuida sempre dos teus maridos dedicados à realização de grandes sacrifícios. Sê devotada aos teus maridos. E que os teus dias sejam sempre passados em entreter e reverenciar devidamente convidados e desconhecidos que cheguem à tua residência, e os piedosos e os idosos, crianças e superiores. Sê instalada como a rainha do reino e da capital de Kurujangala, com teu marido Yudhishthira o justo! Ó filha, que toda a terra, conquistada pela bravura de teus maridos dotados de grande força, seja doada por ti para os brâmanes em um sacrifício de cavalo! Ó educada, quaisquer pedras preciosas que existam sobre a terra possuidoras de virtudes superiores, obtém-nas, ó afortunada, e sê feliz por cem anos completos! E, ó nora, como eu me regozijo de hoje te ver vestida em seda vermelha, assim eu me regozijarei outra vez, quando, ó ilustre, eu ver tu te tornares a mãe de um filho!'

Vaisampayana continuou, 'Depois que os filhos de Pandu estavam casados, Hari (Krishna) enviou a eles (como presentes) vários ornamentos de ouro engastados com pérolas e pedras preciosas negras (lápis lazúli). E Madhava (Krishna) também enviou a eles vestes caras e fabricadas em vários países, e muitos cobertores belos e macios e peles de grande valor, e muitas camas e tapetes e veículos valiosos. Ele também lhes enviou vasos às centenas, adornados com joias e diamantes. E Krishna também lhes deu servas aos

milhares, trazidas de vários países, e dotadas de beleza, juventude e talentos e enfeitadas com todos os ornamentos. Ele também deu a eles muitos elefantes bem treinados trazidos do país de Madra, e muitos cavalos excelentes em arreios caros, carros puxados por cavalos de porte excelente e dentes grandes. O matador de Madhu, de alma incomensurável, também lhes enviou moedas de ouro puro em crores sobre crores em pilhas separadas. E Yudhishthira o justo, desejoso de gratificar Govinda, aceitou todos aqueles presentes com grande alegria.'

202

Viduragamana Parva

Vaisampayana disse, 'As notícias foram levadas a todos os monarcas (que tinham ido à escolha de marido de Draupadi) por seus espiões de confiança, de que a bela Draupadi estava unida em casamento com os filhos de Pandu. E eles foram também informados de que o herói ilustre que tinha encordoado o arco e acertado o alvo era ninguém mais do que Arjuna, o principal dos guerreiros vitoriosos e de todos os manejadores de arco e flechas. E se tornou conhecido também que o guerreiro poderoso que tinha arremessado Salya, o rei de Madra, ao chão, e que em cólera tinha apavorado os monarcas reunidos por meio da árvore (que ele tinha arrancado), e que tinha tomado sua posição perante todos os inimigos com total destemor, era ninguém mais do que Bhima, aquele destruidor de tropas hostis, cujo toque apenas era suficiente para tirar as vidas de todos os inimigos. Os monarcas, ao serem informados de que os Pandavas tinham assumido o disfarce de brâmanes pacíficos, se admiraram muito. Eles até o momento sabiam somente que Kunti com todos os seus filhos tinha morrido queimada no incêndio da casa de laca. Eles, portanto, agora consideravam os Pandavas como pessoas que tinham voltado da região dos mortos. E se lembrando do esquema cruel idealizado por Purochana eles começaram a dizer, 'Ó, que vergonha para Bhishma e Dhritarashtra da família Kuru!'

Depois que a escolha de marido havia acabado, todos os monarcas (que foram lá), sabendo que Draupadi tinha se unido aos Pandavas, partiram para os seus próprios domínios. E Duryodhana, sabendo que Draupadi tinha escolhido o dono de corcéis brancos (Arjuna) como marido, ficou imensamente deprimido. Acompanhado por seus irmãos, Aswatthaman, seu tio (Sakuni), Karna e Kripa, o príncipe partiu com o coração pesado para a sua capital. Então Duhsasana, corando de vergonha, dirigiu-se ao seu irmão suavemente e disse, 'Se Arjuna não tivesse se disfarçado como um brâmane ele nunca teria conseguido obter Draupadi. Foi por aquele disfarce, ó rei, que ninguém pode reconhecê-lo como Dhananjaya. O destino, eu penso, é sempre supremo. O esforço é inútil, que vergonha para os nossos esforços, ó irmão! Os Pandavas ainda estão vivos!' Falando dessa forma um ao outro e culpando Purochana (por seu descuido), eles então entraram na cidade de Hastinapura, com os corações tristes e angustiados. Vendo que os filhos poderosos de Pritha haviam escapado da casa ardente de

laca e se aliado a Drupada, e pensando em Dhrishtadyumna e Sikhandin e nos outros filhos de Drupada todos habilidosos em combate, eles foram tomados pelo medo e dominados pelo desespero.

Então Vidura, sabendo que Draupadi tido sido ganha pelos Pandavas e que os filhos de Dhritarashtra tinham voltado (para Hastinapura) em vergonha, com seu orgulho humilhado, ficou cheio alegria. E, ó rei, se aproximando de Dhritarashtra, Kshattri disse, 'Os Kurus estão prosperando por boa sorte!' Ouvindo essas palavras de Vidura, o filho de Vichitravirya, adivinhando, disse em grande alegria, 'Que boa sorte, ó Vidura! Que boa sorte!' Por ignorância, o monarca cego entendeu que seu filho mais velho Duryodhana tinha sido escolhido pela filha de Drupada como marido. E o rei imediatamente pediu que vários ornamentos fossem feitos para Draupadi. E ele mandou que Draupadi e seu filho Duryodhana fossem trazidos com pompa para Hastinapura. Foi então que Vidura disse ao monarca que Draupadi tinha escolhido os Pandavas como maridos, e que aqueles heróis estavam todos vivos e em paz, e que eles foram recebidos com grande respeito pelo rei Drupada. E ele também informou Dhritarashtra de que os Pandavas estavam unidos com os muitos parentes e amigos de Drupada, cada um possuidor de grandes exércitos, e com muitos outros que tinham ido à escolha de marido.

Ouvindo essas palavras de Vidura, Dhritarashtra disse, 'Aqueles filhos são tão estimados por mim quanto eles eram por Pandu. Não, até mais. Ó, escuta porque o meu afeto por eles agora é ainda maior! Os filhos heroicos de Pandu estão bem e em paz. Eles conseguiram muitos amigos. Seus parentes, e outros que eles têm ganhado como aliados, são todos dotados de grande força. Quem entre os monarcas em prosperidade ou adversidade não gostaria de ter Drupada com seus parentes como aliado?'

Vaisampayana continuou, 'Tendo ouvido essas palavras do monarca, Vidura disse, 'Ó rei, que a tua mente permaneça assim sem mudar por cem anos!' Tendo dito isso Vidura voltou para a sua própria residência. Então, ó monarca, foram até Dhritarashtra, Duryodhana e o filho de Radha, Karna. Dirigindo-se ao monarca, eles disseram, 'Nós não podemos, ó rei, falar de nenhuma transgressão na presença de Vidura! Nós agora te encontramos sozinho, e portanto, diremos tudo o que queremos! O que é, ó monarca, que desejas fazer? Tu consideras a prosperidade dos teus inimigos como se essa fosse a tua, que elogias os Pandavas, ó principal dos homens, na presença de Vidura? Ó impecável, tu não ages, ó rei, do modo que deverias! Ó pai, nós devemos agora agir todos os dias de modo a enfraquecer (a força dos) Pandavas. Chegou a hora, ó pai, de deliberarmos juntos, para que os Pandavas não possam tragar a nós todos com nossos filhos e amigos e parentes.'

203

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Dhritarashtra respondeu dizendo, ‘Eu desejo fazer exatamente o que vocês recomendarem. Mas eu não desejo informar Vidura disso nem pela alteração de um músculo. Foi, portanto, ó filho, por isso que eu estava elogiando os Pandavas na presença de Vidura, para que ele não pudesse saber nem por um sinal o que está em minha mente. Agora que Vidura foi embora é hora, ó Suyodhana (Duryodhana), de me dizer o que tu pretendes, e o que, ó Radheya (Karna), tu também pretendes.'

Duryodhana disse; 'Que nós, ó pai, por meio de brâmanes habilidosos e de confiança, procuremos produzir desavenças entre os filhos de Kunti e Madri. Ou, que o rei Drupada e seus filhos, e todos os seus ministros de estado, sejam assediados com presentes de grande valor, para que eles possam abandonar a causa de Yudhishthira, o filho de Kunti. Ou que nossos espiões induzam os Pandavas a se instalarem nos domínios de Drupada, por descreverem para eles, separadamente, a inconveniência de residir em Hastinapura, para que, separados de nós, eles possam se instalar permanentemente em Panchala. Ou, que alguns espiões inteligentes, cheios de recursos, semeiem sementes de discórdia entre os Pandavas, fazendo-os ciumentos uns dos outros. Ou, que eles incitem Krishnâ contra seus maridos. Ela tem muitos maridos e isso não apresentará nenhuma dificuldade. Ou, deixemos que alguns procurem fazer os próprios Pandavas ficarem descontentes com Krishnâ, em cujo caso Krishnâ também ficará descontente com eles. Ou, ó rei, que algum espião inteligente, indo para lá, secretamente planeje a morte de Bhimasena. Bhima é o mais forte deles todos. Confiando em Bhima somente, os Pandavas costumavam nos desrespeitar antigamente. Bhima é feroz e valente e o (único) refúgio dos Pandavas. Se ele for morto, os outros ficarão privados de força e energia. Carentes de Bhima, que é seu único amparo, eles não mais se esforçarão para recuperar o reino. Arjuna, ó rei, é invencível em batalha se Bhima protege a sua retaguarda. Sem Bhima, Arjuna não é igual nem à quarta parte de Radheya. De fato, ó rei, os Pandavas conscientes da sua própria debilidade sem Bhima e da nossa força não vão realmente se esforçar para recuperar o reino. Ou se, ó monarca, eles vierem para cá e demonstrarem docilidade e obediência a nós, nós então procuraremos reprimi-los de acordo com os ditames da ciência política (como explicados por Kanika). Ou nós podemos tentá-los por meio de belas moças, então a princesa de Panchala ficará aborrecida com eles. Ou, ó Radheya, que mensageiros sejam despachados para trazê-los para cá, para que, quando chegarem, nós possamos através de agentes de confiança, por alguns métodos acima mencionados, fazê-los serem mortos. Esforça-te, ó pai, para empregar qualquer um desses (vários) métodos que pareça infalível para ti. O tempo passa. Antes que a sua confiança no rei Drupada, aquele touro entre homens, esteja estabelecida, nós podemos ter êxito, ó monarca, em uma batalha com eles. Mas depois que a sua confiança for estabelecida em Drupada, nós com certeza fracassaremos. Essas, ó pai, são as

minhas ideias para a derrota dos Pandavas. Julga se elas são boas ou ruins. O que, ó Karna, tu pensas?'

204

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim abordado por Duryodhana, Karna disse, 'Não me parece, ó Duryodhana, que o teu raciocínio é bem fundamentado. Ó perpetuador da linhagem Kuru, nenhum método terá sucesso contra os Pandavas. Ó príncipe corajoso, antes, por vários meios sutis, tu tentaste seriamente realizar os teus desejos. Mas mesmo assim tu fracassaste em matar teus inimigos. Eles estavam então vivendo perto de ti, ó rei! Eles eram então imaturos e bem jovens, mas tu ainda assim não pudeste feri-los. Eles estão agora vivendo longe, crescidos, bem desenvolvidos. Os filhos de Kunti, ó tu de resolução firme, não podem agora ser feridos por quaisquer maquinações sutis tuas. Essa é a minha opinião. Como eles são ajudados pelos próprios Destinos, e como eles estão desejosos de recuperar seu reino ancestral, nós nunca conseguiremos prejudicá-los por quaisquer meios em nosso poder. É impossível criar desunião entre eles. Não podem nunca ser desunidos aqueles que tomaram todos uma esposa comum. Nem nós conseguiremos desafeiçoar Krishnâ dos Pandavas por algum dos nossos espiões. Ela os escolheu como maridos quando eles estavam em adversidade. Ela os abandonaria agora que eles estão em prosperidade? Além disso mulheres sempre gostam de ter muitos maridos, Krishnâ realizaou seu desejo. Ela nunca poderá ser separada dos Pandavas. O rei de Panchala é honesto e virtuoso, ele não é avarento. Mesmo que nós oferecêssemos o nosso reino inteiro ele não abandonaria os Pandavas. O filho de Drupada também é possuidor de todas as habilidades, e tem afeição pelos Pandavas. Portanto, eu não penso que os Pandavas podem agora ser prejudicados por quaisquer meios sutis em teu poder. Mas, ó touro entre homens, é isto o que é bom e aconselhável para nós agora, atacar e derrotá-los até que eles sejam exterminados. Que esse modo de ação se recomende para ti. Contanto que o nosso partido esteja forte e o do rei dos Panchalas esteja fraco nós poderemos atacá-lo sem nenhum escrúpulo. Ó filho de Gandhari, enquanto os inúmeros veículos e animais, amigos, e tribos simpatizantes deles não estiverem reunidos, continua, ó rei, a mostrar a tua bravura. Enquanto o rei dos Panchalas junto com seu filho dotado de grande coragem não decidir lutar conosco, enquanto isso, ó rei, mostra a tua bravura. E, ó rei, exerce a tua destreza antes que aquele da tribo Vrishni (Krishna) venha com a hoste Yadava à cidade de Drupada, arrastando tudo diante de si, para restaurar os Pandavas ao seu reino paterno. Riquezas, todos os artigos de lazer, reino, não há nada que Krishna não possa sacrificar pelos Pandavas. O ilustre Bharata adquiriu toda a terra somente por sua bravura. Indra adquiriu a soberania dos três mundos somente pela bravura. Ó rei, a bravura é sempre louvada pelos kshatriyas. Ó touro entre os kshatriyas, a bravura é a principal virtude dos corajosos. Que nós,

portanto, ó monarca, com nosso exército grande composto de quatro tipos de tropas, derrotemos Drupada sem perda de tempo, e tragamos os Pandavas para cá. De fato, os Pandavas não podem ser derrotados por nenhuma política de conciliação, presentes, riquezas e subornos, ou desunião. Vence-os, portanto, por tua bravura. E vencendo-os por tua bravura, governa esta vasta terra. Ó monarca, eu não vejo nenhum outro meio pelo qual nós possamos realizar nosso objetivo.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras de Radheya, Dhritarashtra, dotado de grande força, o aplaudiu muito. O monarca então dirigiu-se a ele e disse, 'Tu, ó filho de Suta, és dotado de grande sabedoria e habilidoso com armas. Essas tuas palavras, portanto, favoráveis à exposição de coragem, combinam bem contigo. Mas que Bhishma, e Drona, e Vidura, e vocês dois, deliberem juntos e adotem a sugestão que leve ao nosso benefício.'

Vaisampayana continuou, 'Então o rei Dhritarashtra chamou todos aqueles ministros célebres e trocou ideias com eles.'

205

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Pedido por Dhritarashtra para dar sua opinião, Bhishma respondeu, 'Ó Dhritarashtra, uma rixa com os Pandavas é algo que eu não posso nunca aprovar. Como tu és para mim, assim foi Pandu sem dúvida. E os filhos de Gandhari são para mim como os de Kunti. Eu devo proteger a eles tanto quanto aos teus filhos, ó Dhritarashtra! E, ó rei, os Pandavas são tão próximos de mim quanto eles são do príncipe Duryodhana ou de todos os outros Kurus. Sob essas circunstâncias uma disputa com eles é algo que eu nunca gostaria. Fazendo um acordo com aqueles heróis, que metade da terra seja dada a eles. Este é sem dúvida o reino paterno daqueles principais da linhagem Kuru. E, ó Duryodhana, como tu vês este reino como tua propriedade paterna, os Pandavas também o veem como sua posse paterna. Se os renomados filhos de Pandu não obtiverem o reino, como pode este ser teu, ou de qualquer outro descendente da linhagem Bharata? Se tu consideras que tens legalmente o direito de tomar posse do reino, eu penso que eles também têm o direito de legalmente herdar a posse deste reino antes de ti. Dá a eles metade do reino quietamente. Isso, ó tigre entre homens, será benéfico para todos. Se tu agires de outra maneira o mal cairá sobre todos nós. Tu também serás coberto de desonra. Ó Duryodhana, te esforça para manter o teu bom nome. Um bom nome é, de fato, a fonte de força de um homem. É dito que alguém que perdeu sua reputação vive em vão. Um homem, ó Kaurava, não morre enquanto a sua fama durar. Um homem vive tanto quanto a sua fama permanece, e morre quando esta acaba. Segue, ó filho de Gandhari, a prática que é digna da linhagem Kuru. Ó tu de braços poderosos, imita os teus próprios ancestrais. Nós somos afortunados pelo fato de os Pandavas não terem perecido. Nós somos afortunados por Kunti estar viva. Nós temos sorte pelo vil Purochana,

sem poder realizar seu propósito, ter perecido. Desde que eu soube que os filhos da filha de Kuntibhoja tinham morrido queimados, ó filho de Gandhari, eu mal fui capaz de me encontrar com qualquer criatura viva. Ó tigre entre homens, sabendo do destino que tragou Kunti o mundo não considera Purochana tão culpado quanto te considera. Ó rei, a fuga, portanto, dos filhos de Pandu com vida daquela conflagração e seu reaparecimento acabam com a tua má reputação. Saibas, ó tu da linhagem Kuru, que enquanto aqueles heróis viverem o próprio manejador do trovão não poderá privá-los de sua parte do reino ancestral. Os Pandavas são virtuosos e unidos. Eles estão sendo injustamente afastados da parte igual do reino à qual têm direito. Se tu queres agir corretamente, se tu queres fazer o que é agradável para mim, e se tu procuras o bem-estar de todos, então dá metade do reino para eles.'

206

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois que Bhishma tinha acabado de falar, Drona falou, dizendo, 'Ó rei Dhritarashtra, é sabido por nós que amigos convocados para consulta devem sempre falar o que é certo, verdadeiro, e que conduza à fama. Ó majestade, eu tenho a mesma opinião que o ilustre Bhishma nessa questão. Que uma parte do reino seja dada aos Pandavas. Essa é a virtude eterna. Envia, ó Bharata, até Drupada sem perda de tempo um mensageiro de fala agradável, levando consigo um grande tesouro para os Pandavas. E que o homem vá até Drupada carregando presentes caros para ambos, os noivos e a noiva, e que este fale ao monarca do teu aumento de poder e dignidade resultante desta nova aliança com ele. E, ó monarca, que o homem saiba também que tu mesmo e Duryodhana ficaram muito contentes por causa do que aconteceu. Que ele diga isso repetidamente para Drupada e Dhrishtadyumna. E que ele fale também acerca da aliança como tendo sido extremamente apropriada e agradável para ti, e de tu mesmo sendo digno dela. E que o homem repetidamente concilie os filhos de Kunti e os de Madri (com palavras apropriadas). E por tua ordem, ó rei, que ornamentos em abundância de ouro puro sejam dados para Draupadi. E que, ó touro da raça Bharata, presentes apropriados sejam dados a todos os filhos de Drupada. Que o mensageiro então proponha a volta dos Pandavas para Hastinapura. Depois que os heróis tiverem a permissão (de Drupada), para virem para cá, que Duhsasana e Vikarna saiam com uma bela comitiva para recebê-los. E quando eles tiverem chegado a Hastinapura, que aqueles principais dos homens sejam recebidos com afeto por ti. E que eles sejam então instalados em seu trono paterno, de acordo com os desejos do povo do reino. Esse, ó monarca da linhagem de Bharata, é o que eu penso que deve ser o teu comportamento em relação aos Pandavas que são para ti assim como os teus próprios filhos.'

Vaisampayana continuou, 'Depois que Drona tinha parado de falar, Karna falou outra vez, 'Bhishma e Drona estão mal acostumados com a riqueza que é tua e

favores conferidos por ti! Eles são também sempre considerados por ti como teus amigos de confiança! O que pode, portanto, ser mais divertido do que ambos te darem conselhos que não são para o teu bem? Como pode o sábio aprovar esse conselho que é pronunciado bem por uma pessoa falando com má intenção mas cuidando de esconder a maldade de seu coração? De fato, em uma época de infortúnio, amigos não podem nem beneficiar nem prejudicar. Toda a felicidade de alguém ou o contrário depende do destino. Os homens que são sábios e os que são tolos, os jovens e os velhos, os que têm aliados e os que não têm, todos ficam, isto é visto em todo lugar, felizes ou tristes às vezes. É sabido por nós que houve, antigamente, um rei de nome Amvuvicha. Tendo sua capital em Rajagriha, ele era o rei de todos os chefes Magadhas. Ele nunca cumpria os seus deveres. Todo o seu esforço consistia em inalar o ar. Todos os seus assuntos estavam nas mãos de seu ministro. E seu ministro, chamado Mahakarni, tornou-se a autoridade suprema do estado. Considerando-se todo poderoso, ele começou a desrespeitar o rei. E o patife se apropriou de tudo o que pertencia ao rei, suas rainhas e tesouro e soberania. Mas a posse de tudo aquilo, ao invés de satisfazer sua avareza, somente serviu para inflamá-la mais. Tendo se apropriado de tudo o que pertencia ao rei, ele cobiçou o trono. Mas nós sabemos que mesmo com todos os seus melhores esforços ele não conseguiu adquirir o reino do monarca, seu mestre, mesmo que o último fosse desatento aos negócios e se contentasse somente em respirar o ar. O que mais pode ser dito, ó rei, além de que a soberania daquele monarca dependia do destino? Se, portanto, ó rei, este reino estiver estabelecido em ti pelo destino, este certamente continuará contigo, mesmo que todo o mundo se torne teu inimigo! Se, no entanto, o destino ordenou o contrário, por mais que tu te esforces ele não continuará teu! Ó erudito, lembrando-te de tudo isso, julga a honestidade ou não dos teus conselheiros. Averigua também quem entre eles é mau e quem falou bem e sabiamente.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras de Karna, Drona respondeu, 'Como tu és perverso é evidente que tu disseste isso por causa da maldade da tua intenção. É para prejudicar os Pandavas que tu nos criticas. Mas saibas, ó Karna, que o que eu disse é para o bem de todos e para a prosperidade da linhagem Kuru. Se tu consideras que tudo isso produzirá o mal, declara tu mesmo o que é para o nosso bem. Se o bom conselho que eu dei não for seguido, eu penso que os Kurus serão exterminados em pouco tempo.'

207

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois que Drona havia dito isso Vidura falou, dizendo, 'Ó monarca, teus amigos sem dúvida estão te dizendo o que é para o teu bem. Mas como tu estás relutante em escutar o que eles dizem, as palavras deles mal acham um lugar em teus ouvidos. O que o mais notável da família Kuru, Bhishma, o filho de Santanu, disse, é excelente e é para o teu bem. Mas tu não o escutas. O

preceptor Drona também disse muita coisa que é para o teu bem embora Karna, o filho de Radha, não o considere assim. Mas, ó rei, refletindo bem eu não acho que alguém possa ser melhor amigo para ti do que estes dois leões entre homens (Bhishma e Drona), ou alguém que possa sobrepujá-los em sabedoria. Estes dois, velhos em idade, em sabedoria, e em erudição sempre te consideraram, ó rei, e aos filhos de Pandu, com imparcialidade. Sem dúvida, ó rei da linhagem Bharata, eles são ambos, em virtude e veracidade, não inferiores a Rama, o filho de Dasaratha, e a Gaya. Nunca antes eles te deram algum mau conselho. Tu também, ó monarca, nunca os ofendeste. Por que, portanto, estes tigres entre os homens, que são sempre sinceros, te dariam agora um mau conselho, especialmente quando tu nunca os ofendeste? Dotados de sabedoria estes principais dos homens, ó rei, nunca te darão conselhos desonestos. Ó descendente da linhagem Kuru, é minha firme convicção que estes dois, conhecedores de todas as regras de moralidade, nunca, tentados por riqueza, proferirão algo que revele um espírito de parcialidade. O que eles disseram, ó Bharata, eu considero muito benéfico para ti. Sem dúvida, ó monarca, os Pandavas são teus filhos tanto quanto Duryodhana e os outros são. Aqueles ministros, portanto, que te dão algum conselho repleto de maldade para com os Pandavas não buscam realmente os teus interesses. Se há alguma parcialidade no teu coração, ó rei, para com os teus próprios filhos, aqueles que por seus conselhos procuram trazê-la para fora certamente não te fazem nenhum bem. Portanto, ó rei, estas pessoas ilustres dotadas de grande esplendor, eu penso, não disseram nada direcionado para o mal. Tu, no entanto, não compreendes isso. O que estes touros entre os homens disseram com relação à invencibilidade dos Pandavas é totalmente verdadeiro. Não penses de outra maneira sobre isso, ó tigre entre homens. Abençoado sejas! Poderia o forte Dhananjaya, o filho de Pandu, que usa a mão direita e a esquerda com igual habilidade, ser vencido em batalha pelo próprio Maghavat? Poderia o grande Bhimasena de braços fortes, possuidor do poder de dez mil elefantes, ser vencido em batalha pelos próprios imortais? Quem também que deseje viver poderia vencer em batalha os gêmeos (Nakula e Sahadeva) que são como os filhos do próprio Yama, e bem hábeis em combate? Como também poderia o mais velho dos Pandavas em quem a paciência, piedade, generosidade, verdade, e destreza sempre vivem juntos, ser conquistado? Aqueles que têm Rama (Valadeva) como aliado, e Janardana (Krishna) como conselheiro, e Satyaki como partidário, já derrotou todos em guerra. Aqueles que têm Drupada como sogro, e os filhos de Drupada, os irmãos heroicos, Dhristadyumna e outros da linhagem Prishata, como cunhados, são certamente invencíveis. Lembrando-te disso, ó monarca, e sabendo que sua reclamação ao reino já está diante de ti, te comporta virtuosamente em relação a eles. A mancha da calúnia está em ti, ó monarca, por causa daquela ação de Purochana. Lava-te disso agora por meio de um bom comportamento para com os Pandavas. Este teu bom comportamento, ó monarca, favorável aos Pandavas, será uma ação de grande benefício para nós, protegendo as vidas de todos nós que pertencemos à linhagem Kuru, e levando ao crescimento de toda a classe kshatriya! Nós antigamente guerreamos com o rei Drupada, e se pudermos agora tê-lo como aliado nós fortaleceremos o nosso partido. Os Dasarhas, ó rei, são numerosos e fortes. Saibas que, onde Krishna está, todos eles devem estar, e

onde Krishna está, a vitória também estará! Ó rei, quem, ao menos que tenha sido amaldiçoado pelos deuses, procuraria efetuar por meio da guerra aquilo que pode ser efetuado por conciliação? Sabendo que os filhos de Pritha estão vivos, os cidadãos e outros súditos do reino ficaram muito contentes e ávidos para vê-los. Ó monarca, age de um modo que seja agradável para eles. Duryodhana e Karna e Sakuni, o filho de Suvala, são pecaminosos, tolos e jovens, não os escutes. Tu és possuidor de todas as virtudes, e eu há muito tempo atrás te disse, ó monarca, que por um erro de Duryodhana os súditos deste reino seriam exterminados.'

208

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Ouvindo estes vários discursos, Dhritarashtra disse, ‘O erudito Bhishma, o filho de Santanu, e o ilustre rishi Drona, e tu mesmo também (Vidura), têm dito a verdade e também o que é mais benéfico para mim. De fato, como todos aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos heroicos de Kunti, são filhos de Pandu, assim eles são, sem dúvida, meus filhos segundo a lei. E como meus filhos têm direito a este reino, assim os filhos de Pandu certamente têm o mesmo direito. Portanto, te apressa em trazer para cá os Pandavas junto com sua mãe, tratando-os com consideração afetuosa. Ó tu da linhagem de Bharata, traze também Krishnâ de beleza celeste junto com eles. Por pura boa sorte os filhos de Pritha estão vivos, e somente por boa sorte aqueles poderosos guerreiros em carros obtiveram a filha de Drupada. É apenas por boa sorte que a nossa força aumentou e que Purochana pereceu. Ó tu de grande esplendor, e é por essa boa sorte que minha grande angústia acabou!'

Vaisampayana continuou, 'Então Vidura, por ordem de Dhritarashtra, foi, ó Bharata, até Yajnasena e os Pandavas. E ele viajou para lá levando consigo numerosas joias e várias espécies de riquezas para Draupadi e para os Pandavas e para Yajnasena também. Chegando à residência de Drupada, Vidura, conhecedor de todas as regras de moralidade e sagaz em todas as ciências, devidamente visitou e abordou o monarca. Drupada recebeu Vidura de forma apropriada e ambos perguntaram sobre o bem-estar um do outro. Vidura então viu lá os Pandavas e Vasudeva. Logo que os viu ele os abraçou com afeto e perguntou sobre o seu bem-estar. Os Pandavas também, junto com Vasudeva, na devida ordem, reverenciaram Vidura de inteligência imensurável. Mas Vidura, ó rei, em nome de Dhritarashtra, repetidamente perguntava com grande afeto sobre o seu bem-estar. Ele então deu, ó monarca, para os Pandavas, para Kunti e para Draupadi, e para Drupada e para os filhos de Drupada, as joias e vários tipos de riqueza que os Kauravas tinham enviado através dele. Possuidor de inteligência incomensurável, o modesto Vidura então, na presença dos Pandavas e Keshava, dirigiu-se ao bem educado Drupada desta maneira:

‘Com teus ministros e filhos, ó monarca, ouve que eu digo. O rei Dhritarashtra, com seus ministros, filhos e amigos, com alegria no coração, ó rei, repetidamente perguntou sobre o seu bem-estar. E, ó monarca, ele está muito satisfeito com esta aliança contigo. Assim também, ó rei, Bhishma de grande sabedoria, o filho de Santanu, com todos os Kurus, perguntaram sobre o teu bem-estar com todo o respeito. Drona também de grande sabedoria, o filho de Bharadwaja e teu caro amigo, abraçando-te mentalmente, perguntou sobre a tua felicidade. E, ó rei dos Panchalas, Dhritarashtra e todos os Kurus, por causa dessa aliança contigo se consideram supremamente abençoados. Ó Yajnasena, o estabelecimento dessa aliança contigo os fez mais felizes do que se eles tivessem adquirido um novo reino. Sabendo de tudo isso, ó monarca, permite aos Pandavas revisitarem seu reino ancestral. Os Kurus estão extremamente ávidos para ver os filhos de Pandu. Estes touros entre homens estiveram muito tempo ausentes (de seu reino). Eles assim como Pritha devem estar muito ansiosos para ver sua cidade. E todas as senhoras Kuru e os cidadãos e nossos súditos estão avidamente esperando para ver Krishnâ, a Princesa de Panchala. Portanto, é minha opinião, ó monarca, que tu deves, sem demora, dar permissão para os Pandavas irem para lá com sua esposa. E depois que os Pandavas ilustres, ó rei, tiverem recebido a tua permissão, eu enviarei a comunicação para Dhritarashtra por meio de mensageiros velozes. Então, ó rei, os Pandavas partirão com Kunti e Krishnâ.'

209

Rajya-labha Parva

Vaisampayana disse, ‘Ao ouvir essas palavras de Vidura, Drupada disse, ‘É assim mesmo como tu, ó Vidura de grande sabedoria, disseste. Venerável, eu também estou extremamente feliz por causa dessa aliança. É muito apropriado que estes príncipes ilustres voltem ao seu reino ancestral. Mas não é apropriado eu dizer isso por mim mesmo. Se os corajosos filhos de Kunti, Yudhishthira, Bhima e Arjuna, aqueles touros entre homens, os gêmeos, desejarem ir e se Rama (Valadeva) e Krishna, ambos conhecedores de todas as regras de moralidade, tiverem essa mesma opinião, então que os Pandavas vão para lá. Pois estes tigres entre homens (Rama e Krishna) estão sempre empenhados em fazer o que é agradável e benéfico para os filhos de Pandu.’

Ouvindo isso Yudhishthira disse, ‘Eu sou agora, ó monarca, com todos os meus irmãos mais novos, dependente de ti. Nós alegremente faremos o que tu quiseres ordenar.’

Vaisampayana continuou, ‘Então Vasudeva disse, ‘Eu sou de opinião que os Pandavas devem ir. Mas nós todos aceitaremos a opinião do rei Drupada que está familiarizado com todas as regras de moralidade.’

Drupada então falou, 'Eu certamente concordo com o que este principal dos homens pensa, com relação às circunstâncias. Pois os filhos ilustres de Pandu

são agora para mim assim como eles são, sem dúvida, para Vasudeva. O próprio filho de Kunti, Yudhishthira, não procura o bem-estar dos Pandavas tão seriamente quanto Kesava, este tigre entre homens.'

Vaisampayana continuou, 'Mandados pelo ilustre Drupada, os Pandavas, então, ó rei, e Krishna e Vidura, levando com eles Krishnâ, a filha de Drupada, e a renomada Kunti, viajaram em direção à cidade que mais tarde foi chamada de elefante (Hastinapura), parando em vários lugares pelo caminho para propósitos de lazer e divertimento. O rei Dhritarashtra, ao saber que aqueles heróis tinham se aproximado da capital, enviou os Kauravas para recebê-los. Aqueles que foram dessa forma enviados eram, ó Bharata, Vikarna de arco grande, e Chitrasena, e Drona aquele principal dos guerreiros, e Kripa da linhagem Gautama. Cercados por esses, aqueles heróis poderosos, com seu esplendor ressaltado por aquela multidão, lentamente entraram na cidade de Hastinapura. Toda a cidade ficou radiante, pois estava com uma multidão alegre de turistas animados pela curiosidade. Aqueles tigres entre homens alegraram os corações de todos os que os viram. E os Pandavas, queridos aos corações das pessoas, ouviam, enquanto prosseguiam, várias exclamações que os cidadãos, sempre desejosos de obedecer aos desejos daqueles príncipes, proferiam ruidosamente. Algum exclamavam, 'Aqui retorna aquele tigre entre homens, conhecedor de todas as regras de moralidade e que sempre nos protege como se nós fôssemos seus parentes próximos.' E em outro lugar eles diziam, 'Parece que Pandu, o rei querido por seu povo, retorna hoje da floresta, sem dúvida para fazer o que é agradável para nós.' E havia alguns que diziam, 'Que bem não é feito hoje para nós quando os filhos heroicos de Kunti voltam para a nossa cidade? Se nós alguma vez demos algo de graça em caridade, se nós alguma vez despejamos libações de manteiga clarificada no fogo, se nós temos algum mérito ascético, que os Pandavas, em virtude de todas essas ações fiquem em nossa cidade por uma centena de anos!'

Finalmente os Pandavas, ao chegarem ao local, reverenciaram os pés de Dhritarashtra, como também os do ilustre Bhishma. Eles também reverenciaram os pés de todos os outros que mereciam essa honra. E eles perguntaram sobre o bem-estar de todos os cidadãos (lá presentes). Finalmente, por ordem de Dhritarashtra, eles entraram nos aposentos que lhes tinham sido designados.

Depois que eles tinham descansado lá por algum tempo, eles foram convocados (à corte) pelo rei Dhritarashtra e Bhishma, o filho de Santanu. Quando eles chegaram o rei Dhritarashtra dirigiu-se a Yudhishthira e disse, ‘Escuta, ó filho de Kunti, com teus irmãos, o que eu digo. Dirijam-se para Khandavaprastha para que nenhuma diferença possa surgir outra vez (entre vocês e seus primos). Se vocês fixarem sua residência lá ninguém poderá prejudicá-los de modo algum. Protegidos por Partha (Arjuna), como os celestiais pelo raio, residam em Khandavaprastha, pegando metade do reino.’

Vaisampayana continuou, 'Concordando com o que Dhritarashtra disse, aqueles touros entre homens, reverenciando o rei, saíram de Hastinapura. E, contentes com metade do reino, eles se mudaram para Khandavaprastha, que era um deserto não cultivado. Então aqueles heróis de esplendor imorredouro, os

Pandavas, com Krishna em sua liderança, chegando lá, embelezaram o lugar e fizeram dele um segundo céu. E aqueles poderosos guerreiros em carros, escolhendo com a ajuda de Dwaipayana uma região sagrada e auspiciosa, realizaram certas cerimônias propiciatórias e mediram um trecho de terra para a sua cidade. Então, cercada por uma trincheira larga como o mar e por muros que alcançavam os céus, e branca como as nuvens fofas ou como os raios da lua, aquela principal das cidades parecia resplandecente como Bhogavati (a capital do reino inferior) decorada com os nagas. E ela era adornada com mansões suntuosas e numerosos portões, cada um equipado com um par de painéis que pareciam as asas abertas de Garuda. E ela era protegida por portas que pareciam nuvens e que eram altas como as montanhas Mandara, e, bem equipadas com numerosas armas de ataque, os mísseis dos inimigos não podiam fazer nem a mais fraca impressão nelas. E elas eram quase cobertas com dardos e outros projéteis semelhantes a cobras de língua dupla. As torres ao longo dos portões eram cheias de homens armados em curso de treinamento, e os muros eram alinhados com numerosos guerreiros por todo o seu comprimento. E lá havia milhares de foices afiadas e Sataghnis (máquinas que matavam uma centena de guerreiros) e numerosas outras máquinas nas ameias. Havia também grandes rodas de ferro fixadas nelas. E com tudo isso aquela principal das cidades era adornada. As ruas eram todas largas e planejadas de modo excelente, e não havia temor de acidentes nelas. E, enfeitada com incontáveis mansões, a cidade se tornou como Amaravati e veio a se chamar Indraprastha (como a cidade de Indra). Em uma encantadora e auspiciosa parte da cidade erguia-se o palácio dos Pandavas repleto com todos os tipos de riquezas e como a mansão do próprio tesoureiro celeste (Kuvera). E ela parecia uma massa de nuvens carregada de relâmpagos.

Quando a cidade estava construída foram lá, ó rei, numerosos brâmanes bons conhecedores de todos os Vedas e de todas as línguas, desejando morar lá. E foram também àquela cidade numerosos comerciantes de todas as direções, na esperança de ganhar riqueza. Foram lá também numerosas pessoas hábeis em todas as artes, desejando fixar residência. E ao redor da cidade foram dispostos muitos jardins encantadores adornados com numerosas árvores portando frutas e flores. Havia Amras (mangueiras) e Amaratakas, e Kadamvas e Asokas, e Champakas, e Punnagas e Nagas e Lakuchas e Panasas, e Salas e Talas (palmeiras) e Tamalas e Vakulas, e Ketakas com suas cargas fragrantes, belas e florescentes, e Amalakas grandes com ramos vergados pelo peso dos frutos, e Lodhras e Ankolas florescentes, e Jamvus (árvores de amoras pretas) e Patalas e Kunjakas e Atimuktas, e Karaviras e Parijatas e outras espécies numerosas de árvores, sempre adornadas com flores e frutos e animadas com criaturas emplumadas de várias espécies. E aqueles arvoredos verdejantes sempre ressoavam com as notas de pavões enlouquecidos e Kokilas (melros). E lá havia várias casas de lazer agradáveis, brilhantes como espelhos, e numerosos caramanchões de trepadeiras, e pequenos morros artificiais encantadores, e muitos lagos cheios até a borda de água cristalina, e tanques fragrantes com lótus e lírios e adornados com cisnes e patos e chakravakas (patos brahminy ou patos-ferrugíneos). E havia muitos reservatórios agradáveis cobertos com plantas

aquáticas excelentes. E havia também diversos açudes de grande beleza e dimensões. E, ó rei, a alegria dos Pandavas aumentava dia a dia em consequência da sua residência naquele reino grande que era povoado por homens virtuosos.

Assim, por causa do comportamento virtuoso de Bhishma e do rei Dhritarashtra em relação a eles, os Pandavas fixaram residência em Khandavaprastha. Adornada com aqueles cinco guerreiros poderosos, cada um igual ao próprio Indra, aquela principal das cidades parecia Bhogavati (a capital do reino inferior) adornada com os nagas. E, ó monarca, tendo fixado os Pandavas lá, o heroico Krishna, obtendo sua permissão, voltou com Rama para Dwaravati.'

210

Janamejaya disse, 'Ó tu que possui riqueza ascética, o que fizeram aqueles homens de grandes almas, meus antepassados, os ilustres Pandavas, depois de obterem o reino de Indraprastha? Como sua esposa Draupadi obedecia a todos eles? Como também não surgiram divergências entre aqueles soberanos ilustres de homens, todos ligados a uma só esposa, Krishnâ? Ó tu cuja riqueza é o ascetismo, eu desejo saber tudo em detalhes a respeito do comportamento em relação uns aos outros daqueles soberanos de homens depois de sua união com Krishnâ.'

Vaisampayana disse, 'Aqueles destruidores de inimigos, os Pandavas, tendo obtido seu reino por ordem de Dhritarashtra, passaram seus dias em alegria e felicidade em Khandavaprastha com Krishnâ. E Yudhishthira dotado de grande energia e sempre fiel à verdade, tendo obtido a soberania, governou a terra virtuosamente, ajudado por seus irmãos. E os filhos de Pandu, dotados de grande sabedoria e dedicados à verdade e virtude, tendo vencido a todos os seus inimigos, continuaram a viver lá em grande felicidade. E aqueles touros entre homens, sentados em assentos reais de grande valor, costumavam cumprir todas as funções de governo. E um dia, quando todos aqueles heróis ilustres estavam assim sentados, foi até eles o rishi celeste Narada, no decorrer de suas viagens. Vendo o rishi, Yudhishthira ofereceu a ele o seu próprio assento belo. E depois que o rishi celeste estava sentado, o sábio Yudhishthira devidamente lhe ofereceu o arghya com as próprias mãos. E o rei também informou o rishi sobre o estado de seu reino. O rishi, aceitando o culto, ficou bem satisfeito, e elogiando-o com bênçãos mandou o rei se sentar. Mandado pelo rishi, o rei tomou seu lugar. Então o rei enviou a notícia para Krishnâ (nos aposentos internos) da chegada do homem ilustre. Sabendo da chegada do rishi, Draupadi, purificando-se devidamente, foi com uma atitude respeitosa para onde Narada estava com os Pandavas. A princesa virtuosa de Panchala, reverenciando os pés do rishi celeste, ficou com as mãos unidas diante dele, devidamente velada. O ilustre Narada, pronunciando várias bênçãos sobre ela, mandou a princesa se retirar. Depois que Krishnâ tinha se retirado, o rishi ilustre, dirigindo-se em particular aos Pandavas

com Yudhishthira em sua liderança, disse, 'A renomada princesa de Panchala é esposa de vocês todos. Estabeleçam uma regra entre vocês, assim a desunião não surgirá. Havia, antigamente, célebres nos três mundos, dois irmãos chamados Sunda e Upasunda que viviam juntos e que não podiam ser mortos por ninguém a menos que um assassinasse o outro. Eles governavam o mesmo reino, viviam na mesma casa, dormiam na mesma cama, sentavam no mesmo assento, e comiam no mesmo prato. E ainda assim eles se mataram por causa de Tilottama. Portanto, ó Yudhishthira, preserva a amizade de vocês e faze o que não possa produzir discórdia entre vocês.'

Ao ouvir isso Yudhishthira perguntou, 'Ó grande muni, os asuras chamados Sunda e Upasunda eram filhos de quem? De onde surgiu a discórdia entre eles e por que mataram um ao outro? De quem era filha também esta Tilottama por cujo amor os irmãos enlouquecidos mataram um ao outro? Ela era uma apsara (deusa dos rios, ninfa) ou a filha de algum celestial? Ó tu cuja riqueza é o ascetismo, nós desejamos, ó brâmane, ouvir em detalhes como tudo aconteceu. De fato, a nossa curiosidade tornou-se grande.'

211

(Continuação Rajya labha Parva)

Vaisampayana disse, 'Ouvindo essas palavras de Yudhishthira, Narada respondeu, 'Ó filho de Pritha, escuta com teus irmãos enquanto eu narro esta velha história, ó Yudhishthira, exatamente como aconteceu. Antigamente um daitya poderoso de nome Nikumbha, dotado de grande energia e força nasceu na linhagem do grande asura, Hiranyakasipu. Deste Nikumbha nasceram dois filhos chamados Sunda e Upasunda. Ambos eram poderosos asuras dotados de grande energia e bravura terrível. Os irmãos eram ferozes e possuíam corações perversos. E aqueles daityas tinham a mesma determinação e estavam sempre dedicados a realizar as mesmas tarefas e objetivos. Eles sempre compartilhavam juntos a felicidade assim como a dor. Cada um falando e fazendo o que era agradável para o outro, os irmãos sempre estavam juntos, e nunca iam a nenhum lugar a menos que estivessem juntos. De exatamente a mesma disposição e hábitos, eles pareciam ser um indivíduo dividido em duas partes. Dotados de grande energia e sempre com a mesma resolução em tudo o que empreendiam, os irmãos gradualmente cresceram. Sempre tendo o mesmo propósito, desejosos de subjugar os três mundos, os irmãos, depois da devida iniciação, foram para as montanhas de Vindhya. E severas foram as penitências ascéticas que eles realizaram lá. Esgotados por fome e sede, com cabelos emaranhados sobre suas cabeças e vestidos em cascas de árvores, eles adquiriram suficiente mérito ascético finalmente. Sujando-se com poeira da cabeça aos pés, vivendo só do ar, ficando sobre os dedos dos pés, eles jogavam pedaços da carne de seus corpos ao fogo. Com os braços erguidos e olhar fixo, muito tempo foi o período pelo qual eles cumpriram seus votos. E durante o curso de suas penitências ascéticas, um

incidente extraordinário ocorreu. As montanhas de Vindhya, aquecidas por longos anos pelo poder de suas austeridades ascéticas, começaram a emitir vapor de todas as partes de seus corpos. E vendo a severidade das austeridades deles os celestiais ficaram alarmados. Os deuses começaram a produzir numerosas obstruções para impedir o progresso do ascetismo deles. Os celestiais repetidamente tentaram os irmãos por meio de todas as posses preciosas e das mais belas garotas. Os irmãos não quebraram seus votos. Então os celestiais mais uma vez manifestaram, perante os irmãos ilustres, seus poderes de ilusão. Pois parecia que suas irmãs, mães, esposas, e outros parentes, com cabelos e ornamentos e mantos desordenados, estavam correndo em direção a eles aterrorizados, perseguidos e golpeados por um rakshasa com uma lança na mão. E parecia que as mulheres imploravam a ajuda dos irmãos gritando, 'Ó salvem-nos!' Mas tudo isso foi por nada, pois, firmemente unidos a eles, os irmãos ainda assim não quebraram os votos. E quando foi percebido que tudo aquilo não produziu a menor impressão em nenhum dos dois, as mulheres e o rakshasa desapareceram de vista. Finalmente o próprio Avô, o Senhor Supremo que sempre procura o bem-estar de todos, foi àqueles grandes asuras e pediu para eles solicitarem a bênção que desejassem. Então os irmãos Sunda e Upasunda, ambos de grande bravura, contemplando o Avô, ergueram-se de seus assentos e ficaram com as palmas unidas. E ambos os irmãos disseram ao Deus, 'Ó Avô, se tu estás satisfeito com nossas austeridades ascéticas, e estás, ó senhor, propício a nós, então que nós tenhamos o conhecimento de todas as armas e de todos os poderes de ilusão. Que sejamos dotados de grande força, e que possamos assumir qualquer forma que quisermos. E por último, que nós também sejamos imortais.' Ouvindo essas palavras deles, Brahman disse, 'Exceto a imortalidade que vocês pedem, lhes será dado tudo isso que desejam. Solicitem alguma forma de morte pela qual vocês possam ainda assim ser iguais aos imortais. E já que vocês praticaram essas severas austeridades ascéticas só pelo desejo de soberania eu não posso lhes dar o benefício da imortalidade. Vocês realizaram suas penitências ascéticas para subjugar os três mundos. É por isso, ó Daityas poderosos, que eu não posso conceder a vocês o que vocês desejam.'

Narada continuou, 'Ouvindo essas palavras de Brahman, Sunda e Upasunda disseram, 'Ó Avô, que nós então não temamos nenhuma coisa criada, móvel ou imóvel, nos três mundos, exceto somente um ao outro!' O Avô então disse, 'Eu concedo a vocês o que vocês pedem, já que este é o seu desejo.' E concedendo a eles esta bênção o Avô os fez desistir de seu ascetismo, e voltou para a sua própria região. Então os irmãos, aqueles daityas poderosos, tendo recebido aqueles vários benefícios tornaram-se incapazes de serem mortos por alguém no universo. Eles então voltaram para a sua própria residência. Todos os seus amigos e parentes, vendo aqueles Daityas de grande inteligência coroados com sucesso na questão dos benefícios que tinham obtido, ficaram muito contentes. E Sunda e Upasunda então cortaram seus cabelos emaranhados e puseram ornamentos em suas cabeças. Vestidos em mantos e ornamentos caros, eles pareciam extremamente belos. Eles faziam a lua se erguer sobre a sua cidade todas as noites mesmo fora de época. E amigos e parentes entregaram-se à alegria e folia com corações contentes. ‘Coma’, ‘alimente-se’, ‘conte’, ‘fique feliz’,

‘cante’, ‘beba’, esses eram os sons ouvidos diariamente em todas as casas. E lá e cá erguiam-se altos tumultos de hilaridade misturados com aplausos que enchiam toda a cidade dos daityas que, sendo capazes de assumir qualquer forma que quisessem, se dedicavam a todos os tipos de diversão e esportes e mal reparavam no voo do tempo, considerando até mesmo um ano inteiro como um único dia.'

212

(Continuação do Rajya labha Parva)

Narada continuou, 'Logo que aquelas festas tiveram fim, os irmãos Sunda e Upasunda, desejosos da soberania dos três mundos, deliberaram e mandaram suas tropas serem organizadas. Obtendo a concordância de seus amigos e parentes, dos mais velhos da raça daitya e de seus ministros de estado, e realizando os ritos preliminares de partida, eles saíram durante a noite quando a constelação Magha estava em ascendência. Os irmãos partiram com um grande exército daitya vestido em armadura e armado com maças e machados e lanças e clavas. Os heróis daitya saíram em sua expedição com corações alegres, com os charanas (bardos) cantando laudatórios auspiciosos indicativos de seus triunfos futuros. Violentos em guerra, os irmãos daitya, capazes de ir a todos os lugares à vontade, ascenderam aos céus e foram para a região dos celestiais. Os celestiais sabendo que eles estavam chegando e conhecendo também as bênçãos concedidas a eles pelo Deus Supremo deixaram o céu e procuraram refúgio na região de Brahman. Dotados de bravura feroz, os heróis daitya logo subjugaram a região de Indra, e vencendo as diversas tribos de yakshas e rakshasas e todas as criaturas que percorriam os céus, foram embora. Aqueles poderosos guerreiros em carros em seguida subjugaram os nagas da região inferior, e então os habitantes do oceano e então todas as tribos de mlechchhas. Desejosos em seguida de subjugar toda a terra, aqueles heróis de domínio irresistível, convocando seus soldados, lhes deram ordens cruéis, 'Brâmanes e sábios reais (na terra) com suas libações e outros alimentos oferecidos em grandes sacrifícios, aumentam a energia e força dos deuses, como também sua prosperidade. Engajados em tais atos, eles são inimigos dos asuras. Todos nós, portanto, reunidos, devemos eliminá-los completamente da face terra!' Comandando seus soldados dessa forma na costa leste do grande oceano, e tendo tal resolução cruel, os irmãos asura seguiram para todas as direções. E aqueles que estavam realizando sacrifícios e os brâmanes que estavam ajudando naqueles sacrifícios os irmãos poderosos assassinavam imediatamente. E massacrando-os com violência eles partiam para algum outro lugar. Enquanto seus soldados jogavam na água os fogos sacrificais que estavam nos retiros dos munis de almas sob controle completo, as maldições proferidas pelos rishis ilustres em cólera malogravam por causa dos benefícios concedidos (por Brahman), e não afetavam os irmãos asura. Quando os brâmanes viram que suas maldições não produziam

o menor efeito como setas disparadas em pedras eles fugiam em todas as direções, abandonando seus ritos e votos. Mesmo aqueles rishis sobre a terra que eram coroados com sucesso ascético, e tinham as paixões sob total controle e estavam totalmente absortos em meditação na Divindade, por medo dos irmãos asura, fugiam como cobras à aproximação do filho de Vinata (Garuda, o comedor de cobras). Os retiros sagrados foram todos pisoteados e destruídos. Os jarros e recipientes sacrificais sendo quebrados, seus conteúdos (sagrados) eram espalhados pelo chão. Todo o universo ficou vazio, como se as suas criaturas tivessem todas sido abatidas durante a época da dissolução geral. E, ó rei, depois que os rishis tinham todos desaparecido e se fizeram invisíveis para ambos, os grandes asuras, decididos a destruí-los, começaram a assumir várias formas. Assumindo as formas de elefantes enlouquecidos com têmporas fendidas por excesso de sumo, o par asura, procurando os rishis que tinham se abrigado em cavernas, os enviavam para a região de Yama. Às vezes se tornando como leões e outra vez como tigres e desaparecendo no momento seguinte, por esses e outros métodos o par cruel, vendo os rishis, os assassinava imediatamente. Sacrifícios e estudos cessaram, e reis e brâmanes foram exterminados. A terra ficou completamente desprovida de sacrifícios e festivais. E as pessoas apavoradas proferiam gritos de ‘Oh’ e ‘Ai’ e toda compra e venda parou. Todos os ritos religiosos pararam, e a terra ficou desprovida de cerimônias sagradas e casamentos. A agricultura foi negligenciada e o gado não foi mais cuidado. Cidades e retiros ficaram desolados. E com ossos e esqueletos espalhados sobre si a terra assumiu um aspecto terrível. Todas as cerimônias em honra dos Pitris estavam suspensas, e o som sagrado de Vashat e todo o círculo de ritos propícios cessou. A terra ficou terrível de contemplar. O Sol e a Lua, os Planetas e Estrelas, e Constelações, e os outros habitantes do firmamento, testemunhando as ações de Sunda e Upasunda, sofreram profundamente. Subjugando todos os pontos do céu por meio de tais atos cruéis, os irmãos asura fixaram residência em Kurukshetra, sem um único rival.'

213

(Continuação do Rajya labha Parva)

Narada continuou, 'Então os rishis celestes, os siddhas, e os rishis de grande alma possuidores dos atributos de tranquilidade e autocontrole, vendo esse ato de massacre universal, ficaram aflitos com grande dor. Com paixões e sentidos e almas sob completo controle, eles então foram à residência do Avô, movidos por compaixão pelo universo. Chegando lá eles viram o Avô sentado com deuses, siddhas e brahmarshis em volta de si. Estava lá presente aquele Deus dos deuses, Mahadeva, e Agni, acompanhado por Vayu, e Soma e Surya e Sakra, e rishis dedicados à contemplação de Brahma, e os Vaikhanasas, os Valakhilyas, os Vanaprasthas, os Marichipas, os Ajas, os Avimudas, e outros ascetas de grande energia. Todos aqueles rishis estavam com o Avô, quando os celestiais e outros

rishis, se aproximando de Brahman com corações tristes, relataram a ele todas as ações de Sunda e Upasunda. E eles disseram ao Avô em detalhes tudo o que os irmãos asura tinham feito, e como eles o tinham feito, e em que sequência. Então todos os celestiais e os grandes rishis forçaram a questão perante o Avô. O Avô, ouvindo tudo o que eles disseram, refletiu por um momento e decidiu em sua mente o que ele deveria fazer. Resolvendo realizar a destruição dos irmãos asura, ele convocou Viswakarman (o arquiteto celeste). Vendo Viswakarman diante de si, o Avô possuidor de mérito ascético supremo o ordenou dizendo, 'Crie uma donzela capaz de cativar todos os corações.' Curvando-se ao Avô e recebendo sua ordem com reverência, o grande artífice do universo criou uma moça celeste com atenção cuidadosa. Viswakrit primeiro reuniu todos os traços bonitos sobre o corpo da donzela que criou. De fato, a moça celeste que ele criou era quase uma massa de pedras preciosas. E, criada com grande cuidado por Viswakarman, a donzela, em beleza, era inigualável entre as mulheres dos três mundos. Não havia nem uma mínima parte do corpo dela que por sua riqueza de beleza não pudesse atrair o olhar dos observadores. E como a própria Sri incorporada, aquela donzela de beleza extraordinária cativava os olhos e corações de todas as criaturas. E porque ela tinha sido criada com porções de todas as pedras preciosas usadas em medidas exatas o Avô deu a ela o nome de Tilottama. E assim que ele lhe deu vida a donzela se curvou a Brahman e com as palmas unidas disse, 'Senhor de todas as coisas criadas, qual tarefa eu devo realizar e para a qual eu fui criada?' O Avô respondeu, 'Vai, ó Tilottama, aos asuras Sunda e Upasunda. Ó amável, tenta-os com a tua beleza cativante. E, ó donzela, age de modo que os irmãos asura, por causa da riqueza da tua beleza, discutam entre si logo que eles lançarem seus olhos sobre ti.'

Narada continuou, 'Curvando-se ao Avô e dizendo, 'Assim será,' a donzela caminhou em volta do conclave celeste. O ilustre Brahman estava então sentado com o rosto virado para o leste, e Mahadeva com a face também em direção ao leste, e todos os celestiais com os rostos virados na direção norte, e os rishis com os rostos para todas as direções. Quando Tilottama andou pelo conclave dos celestiais, Indra e o ilustre Sthanu (Mahadeva) foram os únicos que conseguiram preservar sua tranquilidade mental. Mas, extremamente desejoso como Mahadeva estava (de contemplar Tilottama) quando a donzela (em seu progresso ao redor do conclave celeste) estava ao seu lado, outro rosto como um lótus totalmente desabrochado apareceu no lado sul de seu corpo. E quando ela estava atrás dele, outro rosto apareceu no oeste. E quando a donzela estava no lado do norte do grande deus, um quarto rosto apareceu no lado do norte de seu corpo. Indra (que estava ávido para contemplar a donzela) veio também a ter mil olhos, cada um grande e ligeiramente avermelhado, na frente, atrás e em seus flancos. E foi assim que o grande deus Sthanu veio a ter quatro rostos, e o matador de Vala, mil olhos. E com relação à massa de celestiais e aos rishis, eles viraram os rostos em todas as direções enquanto Tilottama andava ao redor deles. Exceto o próprio Avô divino, os olhares de todos aqueles personagens ilustres caíram sobre o corpo de Tilottama. E quando Tilottama partiu (para a cidade dos asuras) com sua fartura de beleza, todos consideraram a tarefa como já realizada. Depois que Tilottama

tinha ido embora, o grande deus que era a Primeira Causa do Universo dispensou todos os celestiais e os rishis.'

214

(Continuação do Rajya labha Parva)

Narada continuou, 'Enquanto isso os irmãos asura, que tinham subjugado a terra, não tinham nenhum rival. Quando a fadiga do esforço havia acabado, eles, tendo trazido os três mundos sob domínio igual, se consideraram como pessoas que não tinham mais nada para fazer. Tendo trazido todos os tesouros dos deuses, dos gandharvas, dos yakshas, dos nagas, dos rakshasas, e dos reis da terra, os irmãos começaram a passar os dias em grande felicidade. Quando eles viram que não tinham nenhum rival (nos três mundos), eles desistiram de todo o esforço e dedicaram seu tempo ao prazer e à alegria, como os celestiais. Eles experimentaram grande felicidade por se darem todos os tipos de prazer, tais como mulheres, e perfumes e coroas florais e iguarias, e bebidas e muitos outros objetos agradáveis em profusão. Em casas e florestas e jardins, em colinas e em florestas, onde quer que eles quisessem eles passavam o tempo em prazer e diversão, como os imortais. E aconteceu que um dia eles foram para propósitos de lazer para um planalto da cadeia de montanhas Vindhya, perfeitamente plano e pedregoso, e coberto com árvores florescentes. Depois que todos os objetos de desejo, todos do tipo mais agradável, tinham sido trazidos, os irmãos se sentaram em um assento excelente, com corações felizes e acompanhados por belas mulheres. E aquelas donzelas, desejosas de agradar aos irmãos, começaram uma dança em acompanhamento com música, e muitas cantavam docemente uma canção em louvor ao par poderoso.'

Enquanto isso Tilottama, vestida em uma única peça de seda vermelha, mostrando todo o seu encanto, se aproximou, colhendo flores selvagens em seu caminho. Ela avançou lentamente para onde aqueles asuras poderosos estavam. Os irmãos asura, embriagados com as grandes porções que tinham bebido, foram afetados ao verem aquela moça de beleza transcendente. Deixando seus assentos eles foram rapidamente para onde a donzela estava. Ambos estando sob a influência da luxúria, cada um procurava a moça para si mesmo. E Sunda agarrou aquela moça de belas sobrancelhas com a mão direita. Inebriados com os benefícios que tinham obtido, com poder físico, com a riqueza e as joias que tinham apanhado de todos os quadrantes, e com o vinho que tinham bebido, enlouquecidos com tudo aquilo, e influenciados por desejo ansioso, eles se dirigiram um ao outro, cada um contraindo a fronte com raiva, 'Ela é minha mulher, e portanto tua superior,' disse Sunda. 'Ela é minha mulher, e portanto tua cunhada', Upasunda respondeu. E eles disseram um ao outro, 'Ela é minha e não tua.' E logo eles estavam sob a influência da raiva. Enlouquecidos pela beleza da donzela, eles logo esqueceram o amor e afeto que tinham um pelo outro. Ambos, carentes de razão pela paixão, então ergueram suas maças aterradoras. Cada um

repetindo, ‘Eu fui o primeiro, Eu fui o primeiro’ (a pegar a mão dela) golpeou o outro. E os asuras ferozes, golpeados um pelo outro com a maça, caíram sobre a terra, com seus corpos banhados em sangue, como dois sóis desalojados do firmamento. E vendo isso as mulheres que tinham ido lá, e os outros asuras lá presentes, todos fugiram tremendo de angústia e medo e se refugiaram nas regiões inferiores. O próprio Avô de alma pura então foi até lá, acompanhado pelos celestiais e grandes rishis. E o Avô ilustre elogiou Tilottama e expressou seu desejo de lhe conceder uma bênção. A Divindade Suprema, perante Tilottama, desejosa de conceder um a ela um benefício, disse alegremente, 'Ó bela donzela, tu deves vagar na região dos Adityas. Teu esplendor será tão grande que ninguém será capaz de olhar para ti por nenhuma duração de tempo!' O Avô de todas as criaturas, concedendo este benefício a ela, e estabelecendo os três mundos em Indra como antes, voltou para a sua própria região.'

Narada continuou, ‘E foi assim que aqueles asuras, sempre unidos e inspirados pelo mesmo propósito, assassinaram um ao outro em fúria por Tilottama. Portanto, por afeto eu digo a vocês, ó principais da linhagem Bharata, que se vocês desejam fazer alguma coisa agradável para mim, façam algum acordo para que vocês não possam brigar uns com os outros por Draupadi.’

Vaisampayana continuou, 'Os ilustres Pandavas, assim ouvindo o grande rishi Narada, consultando uns aos outros, estabeleceram uma regra entre eles na presença do próprio rishi celeste dotado de energia incomensurável. E a regra que eles fizeram era que quando um deles estivesse com Draupadi qualquer um dos outros quatro que visse o outro daquela forma deveria se retirar para a floresta por doze anos, passando seus dias como um brahmacharin. Depois que os Pandavas virtuosos tinham estabelecido aquela regra entre eles mesmos, o grande muni Narada, satisfeito com eles, foi para onde desejava ir. Assim, ó Janamejaya, os Pandavas, incitados por Narada, estabeleceram uma regra entre eles em relação à sua esposa em comum. E foi por isso, ó Bharata, que nenhuma disputa nunca ocorreu entre eles.'

215

Arjuna-vanavasa Parva

Vaisampayana disse, ‘Os Pandavas, tendo fixado tal regra, continuaram a residir lá. Pela destreza de seus braços eles trouxeram muitos reis sob o seu domínio. E Krishnâ tornou-se obediente a todos os cinco filhos de Pritha, aqueles leões entre homens, de energia imensurável. Como o rio Saraswati enfeitado com elefantes, que se deleitam naquele rio, Draupadi se deleitou com seus cinco maridos heroicos e eles também se deleitaram com ela. E pelos Pandavas ilustres serem extremamente virtuosos em sua prática toda a linhagem dos Kurus, livre do pecado e feliz, cresceu em prosperidade.

Depois de algum tempo, ó rei, aconteceu que certos ladrões furtaram o gado de um brâmane, e enquanto eles estavam carregando o roubo o brâmane, privado de sua razão pela raiva, foi para Khandavaprastha e começou a criticar os Pandavas com palavras aflitas. O brâmane disse, 'Ó Pandavas, desse seu domínio o meu gado está agora mesmo sendo levado embora à força por canalhas desprezíveis e desgraçados! Persigam os ladrões. Ai, a manteiga sacrifical de um brâmane pacífico está sendo roubada por corvos! Ai, o chacal desprezível invadiu a caverna vazia de um leão! Um rei que pega a sexta parte da produção da terra sem proteger o súdito é considerado pelos sábios como a pessoa mais pecaminosa de todo o mundo. A riqueza de um brâmane está sendo roubada por ladrões! A própria virtude está sofrendo diminuição! Peguem-me pela mão, ó Pandavas, pois eu estou mergulhado na dor!’

Vaisampayana continuou, 'Dhananjaya, o filho de Kunti, ouviu essas palavras do brâmane chorando em dor amarga. Logo que ele ouviu essas palavras ele ruidosamente assegurou o brâmane, dizendo, 'Não temas.' Mas ocorreu que o aposento onde os Pandavas ilustres tinham suas armas estava então ocupado por Yudhishthira o justo, com Krishnâ. Arjuna, portanto, era incapaz de entrar ou, de ir sozinho com o brâmane, embora repetidamente suplicado (para fazer um ou outro) pelas palavras chorosas do brâmane. Convocado pelo brâmane, Arjuna refletiu com o coração triste, Ai, a riqueza deste brâmane inocente está sendo roubada! Eu devo sem dúvida secar suas lágrimas. Ele veio até o nosso portão, e está chorando até agora. Se eu não protegê-lo o rei será tocado pelo pecado por causa da minha indiferença, nossa própria irreligiosidade será citada por todo o reino, e nós incorreremos em um grande pecado. Se, desconsiderando o rei, eu entrar no aposento, sem dúvida eu estarei me comportando falsamente em relação ao monarca sem um inimigo. Por entrar no aposento eu incorro na pena de um exílio nas florestas. Mas eu devo observar tudo isso do alto. Eu não me importo se eu tiver que incorrer em pecado por desconsiderar o rei. Eu não me importo se eu tiver que ir às florestas e morrer lá. A virtude é superior ao corpo e permanece depois que o corpo perece!' Dhananjaya, chegando a essa decisão, entrou no aposento e falou com Yudhishthira. Saindo com o arco, ele alegremente disse ao brâmane, 'Procedamos, ó brâmane, com pressa, para que aqueles ladrões ordinários não fiquem muito à nossa frente. Eu te acompanharei e devolverei a tua riqueza que caiu nas mãos dos ladrões.' Então Dhananjaya,

capaz de usar ambos os braços com igual habilidade, armado com arco e coberto com armadura e dirigindo sua carruagem de guerra decorada com um estandarte, perseguiu os ladrões, e perfurando-os com suas flechas os obrigou a desistir dos despojos. Beneficiando o brâmane assim por lhe devolver suas vacas, e ganhando grande renome, o herói voltou à capital. Curvando-se a todos os mais velhos, e felicitado por todos, Partha finalmente se aproximou de Yudhishthira, e dirigindo-se a ele, disse, 'Dá-me permissão, ó senhor, para cumprir a promessa que fiz. Ao te ver com Draupadi eu violei a regra estabelecida por nós. Eu, portanto, irei para as florestas, pois foi esse o nosso acordo.' Então Yudhishthira, ouvindo de repente essas palavras dolorosas, ficou tomado pela tristeza, e disse em uma voz agitada, 'Por que!' Pouco depois, o rei Yudhishthira em aflição disse para seu irmão Dhananjaya de cabelo ondulado, que nunca se desviou de seus votos, estas palavras, 'Ó impecável, se eu sou uma autoridade digna de respeito, escuta o que eu digo, ó herói, eu sei perfeitamente bem a razão porque tu entraste em meu aposento e fizeste o que tu consideras como um ato desagradável para mim. Mas não há descontentamento em minha mente. O irmão mais novo pode, sem cometer uma transgressão, entrar na câmara onde o irmão mais velho está com sua esposa. É só o irmão mais velho que age contra as regras de retidão por entrar no quarto onde o irmão mais novo está com sua mulher. Portanto, ó tu de braços poderosos, desiste do teu propósito. Faze o que eu digo. A tua virtude não sofreu diminuição. Tu não me desrespeitaste.'

Arjuna, ouvindo isso, respondeu, 'Eu tenho ouvido, até de ti, que preocupar-se com ninharias não é permitido no cumprimento do dever. Eu não posso me desviar da verdade. A verdade é a minha arma.'

Vaisampayana continuou, 'Obtendo então a permissão do rei Arjuna se preparou para uma vida na floresta, e ele foi à floresta para viver lá por doze anos.'

216

(Continuação do Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando aquele propagador do renome da linhagem Kuru, Arjuna de braços fortes, partiu (para a floresta), brâmanes conhecedores dos Vedas caminharam atrás daquele herói ilustre até certa distância. Seguido por brâmanes conhecedores dos Vedas e seus ramos e dedicados à contemplação do Espírito Supremo, por pessoas habilidosas em música, por ascetas dedicados à Divindade, por narradores de Puranas, por narradores de histórias sagradas, por devotos levando vidas celibatárias, por Vanaprasthas, por brâmanes que gentilmente recitavam histórias celestes, e por várias classes de pessoas de palavras gentis, Arjuna viajou como Indra seguido pelos Maruts. E, ó tu da linhagem Bharata, aquele touro entre os Bharatas viu, enquanto viajava, muitas florestas encantadoras e pitorescas, lagos, rios, mares, províncias e águas. Finalmente, ao chegar à fonte do Ganges o herói poderoso pensou em se fixar lá.

Escuta agora, ó Janamejaya, a um feito extraordinário que aquele principal dos filhos de Pandu, de grande alma, fez, enquanto vivia lá. Quando aquele filho de Kunti, ó Bharata, e os brâmanes que o tinham seguido tomaram residência naquela região, o último realizou inúmeros Agnihotras (ritos sacrificais por acender o fogo sagrado). E, ó rei, por causa daqueles eruditos praticantes de votos e brâmanes ilustres, que nunca se desviavam do caminho da justiça, diariamente fixando e acendendo com mantras nas margens daquela corrente sagrada, depois da realização de suas abluções, fogos para seus sacrifícios, e despejando libações de manteiga clarificada nos mesmos, e venerando aqueles fogos com oferendas de flores, aquela região onde o Ganges entrava nas planícies tornou-se extremamente bela. Um dia aquele touro entre os Pandavas, enquanto residia naquela região no meio daqueles brâmanes, desceu (como de hábito) ao Ganges para realizar suas abluções. Depois que suas abluções tinham terminado, e depois que ele tinha oferecido oblações de água para seus antepassados falecidos, ele estava para se levantar da correnteza para realizar seus ritos perante o fogo sacrifical quando o herói poderoso, ó rei, foi puxado para o fundo da água por Ulupi, a filha do rei dos nagas, incitada pelo deus do desejo. E aconteceu que o filho de Pandu foi levado à mansão bela de Kauravya, o rei dos nagas. Arjuna viu lá um fogo sacrifical aceso para ele mesmo. Contemplando aquele fogo, Dhananjaya, o filho de Kunti, realizou seus ritos sacrificais com devoção. E Agni ficou muito satisfeito com Arjuna pelo destemor com que o herói despejou libações em sua forma manifesta. Depois que ele assim tinha realizado seus ritos perante o fogo, o filho de Kunti, vendo a filha do rei dos nagas, dirigiu-se a ela sorridente e disse, 'Ó bela menina, que ato impetuoso fizeste. Ó tímida! De quem é esta região bela, e de quem tu és filha?'

Ouvindo essas palavras de Arjuna, Ulupi respondeu, ‘Há um naga de nome Kauravya, nascido na linha de Airavata. Eu sou, ó príncipe, a filha de Kauravya, e meu nome é Ulupi. Ó tigre entre homens, vendo-te descer à corrente para realizar tuas abluções eu fui privada de razão pelo deus do desejo. Ó impecável, eu ainda não sou casada. Atormentada como estou pelo deus do desejo por tua causa, ó tu da linhagem Kuru, satisfaze-me hoje por te entregares a mim.’

Arjuna respondeu, 'Ordenado pelo rei Yudhishthira, ó amável, eu estou sob o voto de brahmacharin por doze anos. Eu não estou livre para agir do modo que eu quiser. Mas, ó percorredora das águas, eu ainda desejo te satisfazer (se eu puder). Eu nunca falei uma inverdade em minha vida. Dize-me, portanto, ó donzela naga, como eu posso agir para que, mesmo fazendo o que te agrada, eu não possa ser culpado de nenhuma inverdade ou violação ao dever.'

Ulupi respondeu, 'Eu sei, ó filho de Pandu, por que tu viajas sobre a terra, e por que tu foste mandado levar a vida de um brahmacharin pelo superior. Este mesmo era o acordo que todos vocês fizeram: que aquele entre vocês todos, que possuem a filha de Drupada como sua esposa em comum, que por ignorância entrasse no quarto onde um de vocês estivesse com ela deveria levar a vida de um brahmacharin nas florestas por doze anos. O exílio de qualquer um entre vocês, portanto, é só por causa de Draupadi. Tu estás somente cumprindo o dever

resultante desse voto. A tua virtude não pode sofrer nenhuma diminuição (por concordar com a minha solicitação). Além disso, ó tu de olhos grandes, é um dever ajudar os afligidos. A tua virtude não sofrerá diminuição por me ajudar. Oh, se (por essa ação), ó Arjuna, a tua virtude não sofrer nem uma pequena diminuição, tu poderás adquirir grande mérito por salvar a minha vida. Saibas que eu sou tua adoradora, ó Partha! Portanto, entrega-te a mim! Pois esta, ó senhor, é a opinião dos sábios (que um homem deve aceitar uma mulher que o solicita). Se tu não agires desse modo saibas que eu destruirei a mim mesma. Ó tu de braços poderosos, ganha grande mérito por salvar minha vida. Eu procuro a tua proteção, ó melhor dos homens! Tu proteges sempre, ó filho de Kunti, os aflitos e os desamparados. Eu procuro a tua proteção, chorando em tristeza. Eu te suplico, estando cheia de desejo. Portanto, faze o que é agradável para mim. Cabe a ti satisfazer meu desejo por te entregares a mim.'

Vaisampayana disse, 'Assim ouvindo as palavras da filha do rei dos nagas, o filho de Kunti fez tudo o que ela desejava, fazendo da virtude seu motivo. O poderoso Arjuna, passando a noite na mansão do naga se levantou com o sol da manhã. Acompanhado por Ulupi ele voltou do palácio de Kauravya para a região onde o Ganges entrava nas planícies. A casta Ulupi, se despedindo lá, voltou para sua própria residência. E, ó Bharata, ela concedeu a Arjuna uma bênção tornando-o invencível na água, dizendo, 'Toda criatura anfíbia, sem dúvida, será vencível por ti.'

217

(Continuação do Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Então o filho do manejador do raio narrou tudo àqueles brâmanes (que residiam lá com ele), fixados no leito de Himavat. Chegando ao local chamado Agastyavata, ele em seguida foi para o cume de Vasishtha. De lá o filho de Kunti procedeu para o cume de Bhrigu. Purificando-se com abluções e outros ritos lá, aquele principal dos Kurus doou para brâmanes muitos milhares de vacas e muitas casas. De lá aquele melhor dos homens procedeu para o retiro sagrado chamado Hiranyavindu. Realizando lá suas abluções, aquele principal dos filhos de Pandu viu muitas regiões sagradas. Descendo daquelas alturas aquele chefe de homens, ó Bharata, acompanhado pelos brâmanes, continuou sua jornada em direção ao leste, desejando ver as regiões que se situavam naquela direção. Aquele principal da linha Kuru viu muitas regiões de águas sagradas uma depois da outra. E contemplando na floresta de Naimisha o encantador rio Utpalini (cheio de lótus) e o Nanda e o Apara Nanda, o afamado Kausiki, e os poderosos rios Gaya e Ganges, e todas as regiões de águas sagradas, ele se purificou, ó Bharata, (com os ritos usuais), e deu muitas vacas aos brâmanes. Quaisquer regiões de águas sagradas e outros palácios santos que houvesse em Vanga e Kalinga, Arjuna visitou todos. Vendo-os todos e realizando as cerimônias apropriadas, ele doou muitas riquezas. Então, ó Bharata,

todos aqueles brâmanes que estavam seguindo o filho de Pandu se despediram dele no portão do reino de Kalinga, e desistiram de prosseguir com ele mais adiante. O valente Dhananjaya, o filho de Kunti, obtendo sua permissão, foi em direção ao oceano acompanhado somente por poucos servidores. Cruzando o país dos Kalingas o poderoso prosseguiu, vendo em seu caminho diversos países e locais sagrados e diversas mansões e casas encantadoras. Vendo a montanha Mahendra com os ascetas (residindo lá), ele foi para Manipura, procedendo lentamente pelo litoral. Contemplando todas as águas sagradas e outros lugares sagrados naquela província, o filho de Pandu de braços fortes finalmente foi, ó rei, ao virtuoso Chitravahana, o soberano de Manipura. O rei de Manipura tinha uma filha de grande beleza chamada Chitrangada. E aconteceu que Arjuna a viu no palácio de seu pai passeando em divertimento. Vendo a bela filha de Chitravahana, Arjuna desejou possuí-la. Indo ao rei (pai dela) ele lhe disse o que procurava. Ele disse, 'Dá-me tua filha, ó rei! Eu sou um ilustre filho de kshatriya.' Ouvindo isso o rei perguntou, 'De quem tu és filho?' Arjuna respondeu, 'Eu sou Dhananjaya, o filho de Pandu e Kunti'. O rei, ouvindo isso falou a ele estas palavras em tons gentis, 'Houve em nossa linhagem um rei de nome Prabhanjana, que não teve filhos. Para obter um filho, ele praticou penitências ascéticas rígidas. Por seu ascetismo severo, ó Partha, ele satisfez aquele deus dos deuses, Mahadeva, o marido de Umâ, o Senhor supremo que segura (o poderoso arco chamado) Pinaka. O Senhor ilustre concedeu a ele a bênção que cada descendente sucessivo de sua família teria um filho somente. Por causa daquela bênção somente um filho nasce a cada descendente sucessivo desta linhagem. Todos os meus antepassados (um depois do outro) tiveram cada um uma criança masculina. Eu, no entanto, tenho somente uma filha para perpetuar minha família. Mas, ó touro entre homens, eu sempre considero esta minha filha como meu filho. Ó touro da raça Bharata, eu devidamente fiz dela uma Putrikâ. Portanto, um entre os filhos que possam ser gerados nela por ti, ó Bharata, será o perpetuador da minha linhagem. Esse filho é o dote pelo qual eu posso conceder minha filha. Ó filho de Pandu, se assim escolheres, tu podes obtê-la por meio desse acordo.' Ouvindo as palavras do rei, Arjuna aceitou-as todas, dizendo, 'Que assim seja.' Recebendo a filha de Chitravahana (como esposa), o filho de Kunti residiu naquela cidade por três anos. Quando Chitrangada finalmente deu nascimento a um filho, Arjuna abraçou aquela bela princesa carinhosamente. E obtendo a permissão do rei (pai dela), ele partiu em suas viagens novamente.'

218

(Continuação do Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aquele touro da raça Bharata foi às águas sagradas nas margens do oceano sul, todas adornadas com os ascetas que lá residiam. E lá se situavam cinco regiões semelhantes dispersas onde também moravam muitos ascetas. Mas aqueles próprios cinco lagos eram evitados por todos eles. Aquelas águas sagradas se chamavam Agastya, e Saubhadra e

Pauloma de grande santidade, e Karandhama de grande auspiciosidade produzindo os frutos de um sacrifício de cavalo àqueles que lá se banhavam, e Bharadwaja, grande purificador de pecados. Aquele principal entre os Kurus, vendo aquelas cinco águas sagradas, e encontrando-as inabitadas, e averiguando também que elas eram evitadas pelos ascetas virtuosos que moravam perto, questionou aqueles homens pios com as mãos unidas, dizendo, 'Por que, ó ascetas, aqueles cinco lagos sagrados são evitados pelos reveladores de Brahma?' Ouvindo-o os ascetas responderam, 'Moram naquelas águas cinco grandes crocodilos que afastam os ascetas que tentam se banhar nelas. É por isso, ó filho da família Kuru, que aquelas águas são evitadas.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras dos ascetas, aquele principal dos homens dotado de braços poderosos, embora desaconselhado por eles, foi ver aquelas águas. Chegando ao excelente lago sagrado chamado Saubhadra por causa de um grande rishi, o bravo destruidor de todos os inimigos de repente mergulhou nele para tomar banho. Logo que aquele tigre entre homens mergulhou na água um crocodilo grande (que estava nela) o agarrou pela perna. Mas Dhananjaya, o filho de braços fortes de Kunti, aquele principal de todos os homens dotados de força, agarrou aquele habitante da água que se debatia e o arrastou à força para a margem. Mas arrastado pelo renomado Arjuna para a terra aquele crocodilo se tornou (transformado em) uma donzela bela enfeitada com ornamentos. Ó rei, aquela donzela encantadora de forma celeste parecia brilhar por sua beleza e aparência. Dhananjaya, o filho de Kunti, contemplando aquela visão incomum, perguntou àquela donzela com o coração satisfeito, 'Quem tu és, ó bela? Por que tu tens sido uma habitante das águas? Por que também tu cometes esse pecado terrível?' A donzela respondeu, dizendo, 'Eu sou, ó poderoso, uma apsara que se diverte nas florestas celestes. Eu sou, ó poderoso, Varga por nome, e sempre querida para o tesoureiro celeste (Kuvera). Eu tenho quatro outras companheiras, todas belas e capazes de ir a todos os lugares à vontade. Acompanhada por elas eu fui um dia à residência de Kuvera. No caminho nós vimos um brâmane de votos rígidos, e extremamente bonito, estudando os Vedas em solidão. Toda a floresta (na qual ele estava) parecia estar coberta com o esplendor ascético dele. Ele parecia ter iluminado toda a região como o próprio Sol. Vendo sua dedicação ascética daquela natureza e sua beleza maravilhosa, nós descemos naquela região para perturbar suas meditações. Eu mesma e Saurabheyi e Samichi e Vudvuda e Lata nos aproximamos daquele brâmane, ó Bharata, ao mesmo tempo. Nós começamos a cantar e a sorrir e a tentar de outras maneiras aquele brâmane. Mas, ó herói, aquele brâmane (jovem) não colocou seu coração nem uma vez em nós. Com a mente fixa em pura meditação, aquele jovem de grande energia não permitiu que seu coração vacilasse e, ó touro entre os kshatriyas, o olhar que ele lançou sobre nós foi um de cólera. E ele disse, nos fitando, 'Tornando-se crocodilos, percorram as águas por uma centena de anos.'

219

(Continuação do Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Varga continuou, 'Nós ficamos então, ó principal da linhagem Bharata, profundamente angustiadas por causa dessa maldição. Nós procuramos aplacar aquele brâmane de riqueza ascética que não se afastava de seu voto. Nos dirigindo a ele nós dissemos, 'Infladas com uma noção da nossa beleza e juventude, e incitadas pelo deus do desejo, nós agimos muito impropriamente. Cabe a ti, ó brâmane, nos perdoar! Realmente, ó brâmane, vir para cá tentar a ti de votos rígidos e riqueza ascética foi a morte para nós. Os virtuosos, no entanto, dizem que mulheres nunca devem ser mortas. Portanto cresce em virtude. Não cabe a ti nos matar assim. Ó tu que és conhecedor da virtude, é dito que um brâmane é sempre o amigo de todas as criaturas. Ó tu de grande prosperidade, que essas palavras dos sábios se tornem verdadeiras. Os eminentes sempre protegem aqueles que procuram proteção em suas mãos. Nós procuramos a tua proteção. Cabe a ti nos conceder o perdão.'

Vaisampayana continuou, 'Assim abordado o brâmane de alma virtuosa e bons atos e igual em esplendor, ó herói, ao sol ou à lua, tornou-se propício a elas. E o brâmane disse, 'As palavras cem e cem mil são todas indicativas de eternidade. A palavra cem, no entanto, como empregada por mim é para ser entendida como um período limitado e não indicativa de um período sem fim. Vocês, portanto, virando crocodilos, capturarão e afastarão os homens (por somente cem anos como explicado por mim). No fim desse período um indivíduo elevado vai arrastar vocês todas da água à terra. Então vocês retomarão suas formas reais. Eu nunca falei uma mentira nem de brincadeira. Portanto, tudo isso que eu disse deve vir a ocorrer. E aquelas águas sagradas (dentro das quais eu atribuo a vocês os seus lugares), depois que vocês forem libertadas por aquele indivíduo, se tornarão conhecidas no mundo inteiro pelo nome de Nari-tirthas (ou águas sagradas ligadas com os sofrimentos e a libertação de mulheres), e todas elas se tornarão sagradas e purificadoras de pecados aos olhos dos virtuosos e dos sábios.'

Vaisampayana continuou, 'Varga então dirigiu-se a Arjuna, e terminou seu discurso, dizendo, 'Ouvindo essas palavras do brâmane nós o saudamos com reverência e andamos ao redor dele. Deixando aquela região nós fomos embora com corações pesados, pensando enquanto prosseguíamos, 'Aonde iremos todas nós logo nos reunir com aquele homem que nos devolverá às nossas próprias formas (depois da nossa transformação)?' Enquanto estávamos pensando nisso, em quase um instante, ó Bharata, nós vimos o eminente rishi celeste Narada. Vendo aquele rishi de energia incomensurável, os nossos corações ficaram cheios de alegria. Saudando-o com reverência, ó Partha, nós ficamos diante dele, com rostos rubros. Ele perguntou de nós qual era a causa da nossa tristeza e nós dissemos tudo a ele. Ouvindo o que tinha acontecido o rishi disse, 'Nas terras baixas que margeiam o oceano sul há cinco regiões de águas sagradas. Elas são encantadoras e eminentemente santas. Vão para lá sem demora. Aquele tigre entre homens, Dhananjaya, o filho de Pandu de alma pura, logo as libertará, sem

dúvida, dessa situação difícil e triste.' Ó herói, ouvindo as palavras do rishi todas nós viemos para cá. Ó impecável, a verdade é que eu hoje fui libertada por ti. Mas aquelas minhas quatro amigas estão ainda dentro de outras águas aqui. Ó herói, faze uma boa ação por libertá-las também.'

Vaisampayana continuou, 'Então, ó monarca, o principal dos Pandavas, dotado de grande bravura, alegremente libertou todas elas daquela maldição. Erguendo-se das águas todas recuperaram as suas próprias formas. Aquelas apsaras então, ó rei, pareciam todas como antes. Libertando aqueles lagos sagrados (do perigo pelo qual eles tinham sido notórios), e dando permissão às apsaras para irem para onde elas escolhessem, Arjuna ficou desejoso de ver Chitrangada mais uma vez. Ele, portanto, foi em direção à cidade de Manipura. Chegando lá, ele viu no trono o filho que tinha gerado em Chitrangada, e que foi chamado pelo nome de Vabhruvahana. Vendo Chitrangada mais uma vez, Arjuna foi, ó monarca, em direção ao local chamado Gokarna.'

220

(Continuação do Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Arjuna de destreza incomensurável viu, uma após a outra, todas as águas sagradas e outros lugares santos que havia nas margens do oceano ocidental. Vibhatsu alcançou o local sagrado chamado Prabhasa. Quando o invencível Arjuna chegou àquela sagrada e encantadora região, o matador de Madhu (Krishna) soube disso. Madhava logo foi lá ver seu amigo, o filho de Kunti. Krishna e Arjuna se encontraram e abraçando um ao outro perguntaram sobre o seu bem-estar. Aqueles amigos queridos, que eram ninguém mais do que os rishis Nara e Narayana de outrora, se sentaram. Vasudeva perguntou a Arjuna acerca de suas viagens, dizendo, 'Por que, ó Pandava, tu estás vagando sobre a terra, contemplando todas as águas sagradas e outros lugares santos?' Então Arjuna lhe disse tudo o que tinha acontecido. Ouvindo tudo, aquele poderoso herói da linhagem Vrishni disse, 'Isso é como deve ser.' E Krishna e Arjuna, tendo se divertido como lhes agradava por algum tempo em Prabhasa, foram à montanha Raivataka passar alguns dias lá. Antes de eles chegarem a Raivataka aquela montanha foi, por ordem de Krishna, bem adornada por muitos artífices. Muita comida também, por ordem de Krishna, foi reunida lá. Desfrutando de tudo o que havia sido reunido lá para ele, Arjuna sentou-se com Vasudeva para ver os desempenhos dos atores e dançarinos. Então o Pandava de grande alma, dispensando todos eles com o respeito apropriado, deitou-se em uma cama bem enfeitada e excelente. Quando aquele de braços fortes havia se instalado naquela cama excelente ele descreveu para Krishna tudo acerca das águas sagradas, os lagos e as montanhas, os rios e as florestas que ele tinha visto. Enquanto ele estava falando disso, esticado sobre aquela cama celeste, o sono, ó Janamejaya, tomou conta dele. Ele se levantou de manhã, acordado por doces canções e notas melodiosas da Vina (violão, alaúde) e pelos laudatórios e

bênçãos dos bardos. Depois que tinha passado pelas cerimônias e ações necessárias ele foi afetuosamente abordado por aquele da linhagem Vrishni. Sobre um carro dourado, o herói então partiu para Dwaraka, a capital dos Yadavas. E, ó Janamejaya, para honrar o filho de Kunti a cidade de Dwaraka estava bem enfeitada, até mesmo todos os jardins e casas dentro dela. Os cidadãos de Dwaraka, desejosos de ver o filho de Kunti, começaram a fluir avidamente às vias públicas às centenas de milhares. Nas praças públicas e ruas, centenas e milhares de mulheres, misturadas com os homens, aumentaram a grande multidão de Bhojas, Vrishnis, e Andhakas que tinham se reunido lá. Arjuna foi recebido com respeito por todos os filhos dos Bhojas, dos Vrishnis, e dos Andhakas. E ele, em retorno, reverenciou aqueles que mereciam seu culto, recebendo suas bênçãos. O herói foi recebido com recepção afetuosa por todos os homens jovens da tribo Yadava. Ele repetidamente abraçou a todos os que eram iguais a ele em idade. Dirigindo-se então para a mansão encantadora de Krishna que era repleta de pedras preciosas e de todos os artigos de lazer, ele residiu lá com Krishna por muitos dias.'

221

Subhadra-harana Parva

Vaisampayana disse, 'Ó melhor dos monarcas, dentro de poucos dias depois disso começou na montanha Raivataka um grande festival dos Vrishnis e Andhakas. No festival da montanha dos Bhojas, dos Vrishnis e dos Andhakas, os heróis daquelas tribos começaram a doar muita riqueza aos brâmanes aos milhares. A região ao redor daquela colina, ó rei, era adornada com muitas mansões decoradas com pedras preciosas e muitas árvores artificiais de cor chamativa. Os músicos começaram a tocar em conjunto, os dançarinos começaram a dançar e os vocalistas a cantar. E os jovens da tribo Vrishni, dotados de grande energia, enfeitados com todos os ornamentos, e em seus carros decorados com ouro, pareciam muito belos. Os cidadãos, alguns a pé e alguns em carros excelentes, com suas esposas e seguidores estavam lá às centenas e aos milhares. E lá estava o senhor Haladhara (Valarama), perambulando à vontade, hilário com a bebida, acompanhado por Revati (sua esposa), e seguido por muitos músicos e vocalistas. Lá estava Ugrasena também, o poderoso rei da tribo Vrishni, acompanhado por suas mil esposas e seguido por cantores amáveis. E Raukmineya e Shamva também, sempre ferozes em batalha, perambulavam por lá, excitados com a bebida e enfeitados com coroas florais de grande beleza e com trajes caros, e se divertindo como um par de celestiais. E Akrura e Sarana e Gada, e Vabhru, e Nisatha, e Charudeshna, e Prithu, Viprithu, e Satyaka, e Satyaki, e Bhangakara, e Maharava, e Hardikya, e Uddhava, e muitos outros cujos nomes não são dados, acompanhados por suas esposas e seguidos por bandas de cantores, adornavam aquele festival da montanha. Quando aquele festival encantador de grandeza imensa começou, Vasudeva e Partha andavam por lá, juntos, observando tudo em volta. Enquanto assim passeavam eles viram a bela filha de Vasudeva, de nome Bhadra, enfeitada com todos os ornamentos, no

meio de suas servas. Logo que Arjuna a viu ele foi possuído pelo deus do desejo. Então, ó Bharata, aquele tigre entre homens, Krishna, observando Partha contemplá-la com atenção absorta, disse com um sorriso, 'Como é isso? Pode o coração de um homem que perambula pelas florestas ser agitado pelo deus do desejo? Esta é minha irmã, ó Partha, e a irmã uterina de Sarana. Abençoado sejas tu, o nome dela é Bhadra e ela é a filha favorita do meu pai. Dize-me se o teu coração está fixo nela, pois então eu mesmo falarei com meu pai.'

Arjuna respondeu, 'Ela é a filha de Vasudeva e a irmã de Vasudeva (Krishna), dotada de tanta beleza, a quem ela não poderia fascinar? Se esta tua irmã, esta donzela da linhagem Vrishni, se tornar minha esposa, realmente eu poderei obter prosperidade em tudo. Dize-me, ó Janardana, por quais meios eu posso obtê-la. Para consegui-la eu realizarei qualquer coisa que seja realizável por um homem.'

Vasudeva respondeu, 'Ó touro entre homens, a escolha de marido é ordenada para o casamento de kshatriyas. Mas ele é duvidoso (em suas consequências), ó Partha, porque nós não sabemos o temperamento e inclinação desta moça. No caso dos kshatriyas que são corajosos, um sequestro forçoso para propósitos de casamento é aprovado, como os eruditos dizem. Portanto, ó Arjuna, leva embora esta minha bela irmã pela força, pois quem sabe o que ela pode fazer em uma escolha de marido?' Então Krishna e Arjuna, tendo assim decidido o que deveria ser feito, enviaram alguns velozes mensageiros até Yudhishthira em Indraprastha, informando-o de tudo. Yudhishthira de braços fortes, tão logo soube do caso deu seu consentimento para isso.'

222

(Continuação do Subhadra harana Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Dhananjaya, informado do assentimento de Yudhishthira e averiguando, ó Janamejaya, que a moça tinha ido para a colina Raivataka, obteve o consentimento de Vasudeva também, depois de ter decidido em consulta com ele tudo o que precisava ser feito. Então aquele touro da raça Bharata, aquele principal dos homens, com o consentimento de Krishna, em seu carro bem construído de ouro, equipado com fileiras de pequenos sinos e com todos os tipos de armas, cujo ruído das rodas parecia o ribombo das nuvens e cujo esplendor era como o de um fogo ardente e que infligia terror nos corações de todos os inimigos e ao qual estavam unidos os corcéis Saivya e Sugriva, ele mesmo com sua armadura e armado com espada e com seus dedos envolvidos em luvas de couro, partiu, por assim dizer, em uma expedição de caça. Enquanto isso Subhadra, tendo prestado sua homenagem àquele príncipe das colinas, Raivataka, e tendo adorado as divindades e feito os brâmanes proferirem bênçãos sobre ela, e tendo também andado ao redor da colina, estava indo em direção a Dwaravati. O filho de Kunti, afligido pelas flechas do deus do desejo, avançou subitamente em direção à moça Yadava de feições impecáveis e a colocou à força

em seu carro. Tendo sequestrado aquela menina de sorrisos doces, aquele tigre entre homens procedeu em seu carro de ouro em direção à sua própria cidade (Indraprastha). Enquanto isso os servidores armados de Subhadra, vendo-a assim capturada e levada embora, correram todos gritando em direção à cidade de Dwaraka. Alcançando todos juntos a corte Yadava eles chamaram pelo nome de Sudharma, e relataram tudo acerca da coragem de Partha ao oficial principal da corte. O oficial chefe da corte, ao ouvir tudo daqueles mensageiros, soprou sua trombeta dourada de clangor alto, chamando todos às armas. Incitados por aquele som, os Bhojas, os Vrishnis e os Andhakas começaram a afluir de todos os lados. Os que estavam comendo deixaram sua comida, e os que estavam bebendo deixaram sua bebida. Aqueles tigres entre homens, aqueles grandes guerreiros das tribos Vrishni e Andhaka tomaram seus assentos sobre seus mil tronos de ouro cobertos com tapetes excelentes e matizados com pedras preciosas e corais e possuidores do brilho do fogo ardente. De fato eles tomaram seus lugares sobre aqueles tronos como fogos ardentes recebendo lenha para aumentar seu esplendor. E depois que eles estavam sentados naquela corte que era como um conclave dos próprios celestiais o oficial chefe da corte, ajudado por seus auxiliares, falou da conduta de Jishnu. Os orgulhosos heróis Vrishni, de olhos vermelhos pelo vinho, logo que souberam disso se levantaram de seus assentos, incapazes de tolerar o que Arjuna tinha feito. Alguns entre eles disseram, ‘Emparelhem nossos carros’, ‘Tragam nossas armas’, ‘Tragam nossos arcos caros e cotas de malha fortes’, e alguns ruidosamente chamaram seus aurigas para arrearem seus carros, e alguns, por impaciência, uniram eles mesmos seus cavalos enfeitados com ouro aos seus carros. E enquanto seus carros e armaduras e bandeiras estavam sendo trazidos, alto se tornou o tumulto daqueles heróis. Então Valadeva, branco e alto como o topo de Kailasa, enfeitado com guirlandas de flores selvagens e vestido em mantos azuis, e orgulhoso e embriagado com bebida, disse estas palavras:

'Ó homens insensatos, o que estão fazendo, enquanto Janardana está sentado silencioso? Sem saber o que está em sua mente futilmente nós rugimos em cólera! Que Krishna de grande alma anuncie o que ele propõe. Façam prontamente o que ele deseja fazer.' Então todos, ouvindo essas palavras de Halayudha que mereciam ser aceitas, exclamaram, 'Excelente! Excelente!' Eles todos então ficaram silenciosos. Com o silêncio tendo sido restaurado pelas palavras do inteligente Valadeva, eles tomaram seus lugares mais uma vez naquela assembleia. Então Rama, aquele opressor de inimigos, falou a Vasudeva, dizendo, 'Por que, ó Janardana, tu ficas sentado, olhando silenciosamente? Ó Achyuta, foi por tua causa que o filho de Pritha foi bem recebido e honrado por nós. Parece, no entanto, que o patife vil não merecia a nossa homenagem. Que homem nascido de uma família respeitável quebraria o prato depois de ter jantado dele? Mesmo que tal aliança seja desejável, ainda assim, se lembrando de todos os serviços que recebeu, quem haveria, desejoso de felicidade, de agir tão temerariamente? Aquele Pandava desrespeitando a nós e a ti também hoje ultrajou Subhadra, desejando (alcançar) sua própria morte. Ele colocou o pé na coroa da minha cabeça. Como eu, ó Govinda, tolerarei isso mansamente? Eu não deveria me ressentir, assim como uma cobra que é pisoteada? Sozinho eu hoje

tornarei a terra desprovida de Kauravas! Eu nunca vou concordar com essa violação de Arjuna.' Então os Bhojas, Vrishnis, e Andhakas lá presentes aprovaram tudo o que Valadeva tinha dito, e rugiram profundamente como um timbale ou as nuvens.'

223

Harana-harana Parva

Vaisampayana disse, 'Quando os heróis da tribo Vrishni começaram a falar repetidamente dessa maneira, Vasudeva proferiu estas palavras cheias de profunda importância e consistente com a moralidade verdadeira: ‘Gudakesa (o conquistador do sono ou aquele de cabelo ondulado), pelo que fez, não insultou nossa família. Ele sem dúvida, mais propriamente aumentou o nosso respeito. Partha sabe que nós da linhagem Satwata nunca somos interesseiros. O filho de Pandu também considera uma escolha de marido como duvidosa em seus resultados. Quem também concordaria em aceitar uma noiva de presente como se ela fosse um animal? Que homem há sobre a terra que venderia sua prole? Eu penso que Arjuna, vendo essas falhas em todos os outros métodos levou a donzela embora à força, segundo a lei. Esta aliança é muito apropriada. Subhadra é uma moça renomada. Partha também possui renome. Talvez, pensando em tudo isso, Arjuna a levou à força. Quem não desejaria ter Arjuna como amigo, ele que é nascido na linhagem de Bharata e do renomado Santanu, e o filho também da filha de Kuntibhoja? Eu não vejo, em todos os mundos com Indra e os Rudras, o homem que possa pela força vencer Partha em batalha, exceto o deus de três olhos Mahadeva. Seu carro é bem conhecido. Unidos a ele estão aqueles meus corcéis. Partha como guerreiro é bem conhecido, e sua leveza de mão é bem conhecida. Quem será igual a dele? Esta é a minha opinião: vão alegremente atrás de Dhananjaya e por conciliação parem-no e tragam-no de volta. Se Partha for para a sua cidade depois de ter nos vencido à força a nossa fama estará acabada. Não há ignomínia, no entanto, na conciliação.' Ouvindo, ó monarca, essas palavras de Vasudeva, eles fizeram como ele indicou. Parado por eles, Arjuna voltou para Dwaraka e foi unido em casamento com Subhadra. Reverenciado pelos filhos da tribo Vrishni, Arjuna, divertindo-se lá como lhe agradava, passou um ano inteiro em Dwaraka. O último ano do seu exílio o exaltado passou na região sagrada de Pushkara. Depois que os doze anos estavam completos ele voltou para Khandavaprastha. Ele se aproximou primeiro do rei e então adorou os brâmanes com atenção respeitosa. Finalmente o herói foi até Draupadi. Draupadi, por ciúmes, falou a ele, dizendo, 'Por que te demoras aqui, ó filho de Kunti? Vai para onde a filha da tribo Satwata está! A primeira esposa sempre é deixada de lado!' E Krishnâ lamentou muito dessa maneira. Mas Dhananjaya a acalmou repetidamente e pediu seu perdão. E voltando logo para onde Subhadra, vestida em seda vermelha, estava, Arjuna a enviou aos aposentos internos vestida não como uma rainha mas no traje simples de uma mulher do campo. Mas, chegando ao palácio, a renomada Subhadra parecia bela

naquele vestido. A célebre Bhadra de olhos grandes e levemente vermelhos primeiro reverenciou Pritha. Kunti por afeto cheirou a cabeça daquela menina de traços perfeitamente impecáveis, e pronunciou bênçãos infinitas sobre ela. Então aquela moça de rosto como a lua cheia foi rapidamente até Draupadi e a reverenciou, dizendo, 'Eu sou tua serva!' Krishnâ levantou depressa e abraçou a irmã de Madhava com afeição, e disse, 'Que o teu marido não tenha nenhum inimigo.' Bhadra então, com o coração encantado, disse a Draupadi, 'Que assim seja.' Daquele tempo em diante, ó Janamejaya, aqueles grandes guerreiros, os Pandavas, começaram a viver em felicidade, e Kunti também ficou muito feliz.'

Vaisampayana continuou, 'Quando aquele destruidor de inimigos, Kesava, de alma pura e olhos como pétalas de lótus, soube que o principal dos Pandavas, Arjuna, tinha chegado à sua própria cidade excelente de Indraprastha, ele foi para lá acompanhado por Rama e outros heróis e grandes guerreiros das tribos Vrishni e Andhaka, e por seus irmãos e filhos e muitos outros guerreiros corajosos. E Saurin chegou acompanhado por um exército grande que o protegia. E chegou lá com Saurin aquele opressor de inimigos, o extremamente generoso Akrura de grande inteligência e renome, o generalíssimo da brava hoste Vrishni. E lá também chegou Anadhrishti de grande coragem, e Uddhava de grande renome, de grande inteligência, de grande alma, e um discípulo do próprio Vrihaspati. E chegaram lá também Satyaka e Salyaka e Kritavarman e Satwata, e Pradyumna e Samva e Nisatha e Sanku, e Charudeshna, e Jhilli de grande coragem, e Viprithu também e Sarana de braços poderosos e Gada, o principal dos homens eruditos. Esses e muitos outros Vrishnis e Bhojas e Andhakas foram para Indraprastha, levando com eles muitos presentes nupciais. O rei Yudhishthira, sabendo que Madhava tinha chegado, enviou os gêmeos para recebê-lo. Recebida por eles, a hoste Vrishni de grande prosperidade entrou em Khandavaprastha bem enfeitada com bandeiras e emblemas. As ruas estavam bem varridas e regadas e decoradas com coroas florais e ramos. Elas foram, também, borrifadas com água de sândalo que era fragrante e refrescante. Todas as partes da cidade estavam cheias do doce perfume de aloés queimando. E a cidade estava cheia de pessoas alegres e saudáveis e adornada com comerciantes e negociantes. Aquele melhor dos homens, Kesava de braços poderosos, acompanhado por Rama e muitos dos Vrishnis, Andhakas e Bhojas, tendo entrado na cidade, foi reverenciado pelos cidadãos e brâmanes aos milhares. Finalmente Kesava entrou no palácio do rei que era como a mansão do próprio Indra. Vendo Rama, Yudhishthira o recebeu com as cerimônias devidas. O rei cheirou a cabeça de Kesava e o abraçou. Govinda, satisfeito com a recepção, humildemente reverenciou Yudhishthira. Ele também prestou homenagem a Bhima, aquele tigre entre homens. Yudhishthira, o filho de Kunti, então recebeu os outros homens principais das tribos Vrishni e Andhaka com as devidas cerimônias. Yudhishthira com reverência adorou alguns como seus superiores, e deu as boas-vindas a outros como iguais. E alguns ele recebeu com afeto e por alguns ele foi adorado com reverência. Então Hrishikesa de grande renome deu ao partido do noivo muita riqueza. E para Subhadra ele entregou os presentes nupciais que foram dados a ela por seus parentes. Krishna deu aos Pandavas mil carros de ouro equipados com fileiras de sinos, cada um dos quais tendo quatro corcéis guiados por quadrigários bem treinados. Ele

também lhes deu dez mil vacas pertencentes ao país de Mathura, que produziam muito leite e todas de cor excelente. Bem satisfeito, Janardana também lhes deu mil éguas com arreios de ouro e de cor branca como os raios da lua. Ele também lhes deu mil mulas, todas bem treinadas e possuidoras da velocidade do vento, com crinas de cores preta e branca. E ele de olhos de pétalas de lótus também deu a eles mil donzelas bem hábeis em ajudar no banho e com bebidas, jovens e virgens todas antes do seu primeiro período fértil, bem vestidas e de aparência excelente, cada uma usando cem peças de ouro em volta de seus pescoços, de peles perfeitas, enfeitadas com todos os ornamentos, e habilidosas em todos os tipos de serviço pessoal. Janardana também lhes deu centenas de milhares de destacamentos de cavalos do país dos Valhikas como o dote da excelente Subhadra. Aquele principal da linhagem de Dasarha também deu para Subhadra como seu pecúlio dez cargas de ouro de primeira qualidade possuindo o esplendor do fogo, algumas purificadas e algumas em estado de minério. E Rama, tendo o arado como sua arma e sempre amando a coragem, deu para Arjuna, como presente nupcial, mil elefantes com secreções fluindo em três correntes das três partes de seus corpos (a têmpora, as orelhas, e o ânus) cada um grande como um topo de montanha, irresistíveis em batalha, decorados com cobertas e sinos, bem enfeitados com outros ornamentos dourados, e equipados com tronos excelentes em suas costas. E aquela grande onda de riquezas e pedras preciosas que os Yadavas presentearam, junto com os tecidos e cobertores que representavam sua espuma, e os elefantes seus jacarés e tubarões, e as bandeiras suas algas flutuantes, aumentando em grandes proporções, se misturou com o oceano Pandu e o encheu até a borda, para a grande tristeza de todos os inimigos. Yudhishthira aceitou todos aqueles presentes e reverenciou todos aqueles grandes guerreiros das linhagens Vrishni e Andhaka. Aqueles heróis ilustres das linhagens Kuru, Vrishni e Andhaka passaram seus dias em lazer e alegria lá como homens virtuosos (depois da morte) nas regiões celestes. Os Kurus e os Vrishnis com corações alegres se divertiram lá, dando às vezes gritos altos misturados com aplausos. Passando lá muitos dias em esportes e alegria, e adorados pelos Kurus todo o tempo, os heróis Vrishni dotados de grande energia então voltaram à cidade de Dwaravati. E os grandes guerreiros das tribos Vrishni e Andhaka partiram com Rama na dianteira, levando com eles aquelas pedras preciosas da mais pura refulgência que haviam sido dadas a eles por aqueles principais da família de Kuru. E, ó Bharata, Vasudeva de grande alma permaneceu com Arjuna na cidade encantadora de Indraprastha. E os ilustres vagavam pelas margens do Yamuna à caça de cervos. E ele se divertiu com Arjuna perfurando com suas flechas veados e javalis selvagens. Então Subhadra, a irmã favorita de Kesava, deu à luz um filho ilustre, como a filha de Puloma, (a rainha do céu) dando à luz Jayanta. E o filho que Subhadra deu à luz tinha braços compridos, peito largo, e olhos tão grandes quanto os de um touro. Aquele herói e opressor de inimigos veio a se chamar Abhimanyu. E o filho de Arjuna, aquele destruidor de inimigos e touro entre homens foi chamado de Abhimanyu porque ele era destemido e colérico. E aquele grande guerreiro foi gerado na filha da tribo Satwata por Dhananjaya, como o fogo produzido em um sacrifício de dentro da madeira sami pelo processo de fricção. No nascimento daquela criança, Yudhishthira, o filho poderoso de Kunti, deu aos brâmanes dez mil vacas e

moedas de ouro. O menino desde os seus primeiros anos tornou-se o favorito de Vasudeva e de seu pai e tios, como a lua para todas as pessoas do mundo. Após seu nascimento, Krishna realizou os ritos usuais de infância. A criança começou a crescer como a Lua na quinzena clara. Aquele destruidor de inimigos logo se tornou familiarizado com os Vedas e adquiriu de seu pai a ciência de armas celestes e humanas, consistindo em quatro ramos e dez divisões.

Dotado de grande força, o menino também adquiriu o conhecimento de neutralizar as armas arremessadas nele por outros, e grande habilidade e rapidez de movimento para frente, para trás, transversal e circular. Abhimanyu se tornou como seu pai em conhecimento das escrituras e ritos de religião. E Dhananjaya, contemplando seu filho, ficava cheio de alegria. Como Maghavat contemplando Arjuna, o último contemplava seu filho Abhimanyu e ficava extremamente feliz. Abhimanyu possuía o poder de matar todos os inimigos e levava em seu corpo todos os sinais auspiciosos. Ele era invencível em batalha e tinha ombros largos como o touro. Possuindo um rosto largo como (o capelo) da cobra, ele era orgulhoso como o leão. Manejando um arco grande, sua bravura era como a de um elefante no cio. Possuidor de um rosto belo como a lua cheia, e de uma voz profunda como o som do tambor ou da nuvem, ele era igual a Krishna em coragem e energia, em beleza e em caráter. A auspiciosa Panchali também, de seus cinco maridos, obteve cinco filhos todos os quais eram heróis de primeira categoria e imóveis em batalha como as colinas. Prativindhya com Yudhishthira, Sutasoma com Vrikodara, Srutakarman com Arjuna, Satanika com Nakula, e Srutasena com Sahadeva, esses foram os cinco heróis e grandes guerreiros que Panchali deu à luz, como Aditi dando à luz os Adityas. E os brâmanes, por sua presciência, disseram a Yudhishthira que como o filho dele seria capaz de suportar como as montanhas Vindhya as armas do inimigo, ele deveria se chamar Prativindhya. E porque o filho que Draupadi teve com Bhimasena nasceu depois de Bhima ter realizado mil sacrifícios Soma ele veio a se chamar Sutasoma. E porque o filho de Arjuna nasceu após sua volta do exílio durante o qual ele tinha realizado muitas façanhas célebres aquele filho veio a se chamar Srutakarman, enquanto Nakula chamou seu filho de Satanika em homenagem a um sábio real desse nome, na linha ilustre de Kuru. O filho que Draupadi teve com Sahadeva nasceu sob a constelação chamada Vahni-daivata (Krittika), portanto ele foi chamado, em homenagem ao generalíssimo da hoste celeste, de Srutasena (Kartikeya). Os filhos de Draupadi nasceram cada um no intervalo de um ano, e todos se tornaram renomados e muito unidos uns com os outros. E, ó monarca, todos os seus ritos de infância e meninice, como Chudakarana e Upanayana, (a primeira raspagem da cabeça e investidura dos fios sagrados) foram realizadas por Dhaumya segundo a lei. Todos, de comportamento e votos excelentes, depois de terem estudado os Vedas, adquiriram de Arjuna o conhecimento de todas as armas, celestes e humanas. E, ó tigre entre reis, os Pandavas, tendo obtido filhos que eram iguais aos filhos dos celestiais e dotados de peitos largos, todos os quais se tornaram grandes guerreiros, se encheram de alegria.'

224

Khandava-daha Parva

Vaisampayana disse, 'Depois que os Pandavas tinham tomado residência em Indraprastha por ordem de Dhritarashtra, Bhishma começou a trazer outros reis sob o seu domínio. Todos os súditos (do reino) viviam muito felizmente dependendo de Yudhishthira o justo, como uma alma vivendo feliz dependendo de um corpo abençoado com marcas propícias e atos virtuosos. E, ó touro da raça Bharata, Yudhishthira prestava homenagem à virtude, prazer e lucro, em proporção criteriosa, como se cada um fosse um amigo querido para ele como o seu próprio ser. Parecia que as três buscas: virtude, prazer e lucro, tinham se personificado na terra, e entre elas o rei brilhava como uma quarta. Os súditos, tendo Yudhishthira como rei, obtiveram um monarca que era dedicado ao estudo dos Vedas, realizador de grandes sacrifícios, e protetor de todas as pessoas boas. Por causa da influência de Yudhishthira a boa sorte de todos os monarcas sobre a terra se tornou fixa, e seus corações se tornaram dedicados à meditação no Espírito Supremo, e a própria virtude começou a crescer de todos os modos por toda parte. E no meio de e ajudado por seus quatro irmão, o rei parecia mais resplandecente (do que pareceria se ele estivesse só), como um grande sacrifício que depende e é auxiliado pelos quatro Vedas. Muitos brâmanes eruditos com Dhananjaya em sua liderança, cada um como Vrihaspati, serviam ao monarca, como os celestiais ao Senhor da criação. Por grande afeição, os olhos e corações de todas as pessoas igualmente tinham grande encanto por Yudhishthira que era assim como a lua cheia sem uma mácula. As pessoas não tinham encanto por ele só porque ele era seu rei mas também por afeto sincero. O rei sempre fazia o que era agradável para eles. Yudhishthira de fala gentil e de grande inteligência nunca proferia qualquer coisa imprópria ou falsa ou insuportável ou desagradável. O melhor dos monarcas da linhagem de Bharata, dotado de grande energia, passava seus dias alegremente pelo bem-estar de todos como do seu próprio. Seus irmãos também, trazendo por sua energia outros reis sob o seu domínio, passavam seus dias em felicidade, sem nenhum inimigo para perturbar sua paz.

Depois de poucos dias, Vibhatsu, dirigindo-se a Krishna, disse, ‘Os dias de verão começaram, ó Krishna! Portanto, vamos às margens do Yamuna. Ó matador de Madhu, divertindo-nos lá na companhia de amigos, ó Janardana, nós voltaremos à noite.’ E Vasudeva disse, ‘Ó filho de Kunti, este é também meu desejo. Vamos, ó Partha, nos divertir nas águas como nos agradar, na companhia de amigos.’

Vaisampayana continuou, 'Então, ó Bharata, tendo conversado assim entre si, Partha e Govinda, com a permissão de Yudhishthira, saíram, cercados por amigos. Chegando a um local excelente (nas margens do Yamuna) conveniente para propósitos de lazer, coberto com numerosas árvores e com várias mansões altas que faziam o lugar parecer a cidade celeste, e dentro das quais tinham sido reunidos para Krishna e Partha numerosas iguarias caras e bem temperadas e bebidas e outros artigos de lazer e coroas florais e vários perfumes, o grupo entrou sem demora nos aposentos internos adornados com muitas pedras

preciosas de refulgência pura. Entrando naqueles aposentos, todos, ó Bharata, começaram a se divertir, segundo sua vontade. As mulheres do grupo, todas de quadris redondos e seios profundos e olhos bonitos, e modo de andar instável por causa do vinho começaram a se divertir lá por ordem de Krishna e Partha. Algumas entre as mulheres se divertiam como lhes agradava nas florestas, algumas nas águas, e algumas dentro das mansões, como instruídas por Partha e Govinda. Draupadi e Subhadra, um pouco embriagadas com vinho, começaram a dar de graça às outras mulheres que se divertiam as suas vestes e ornamentos valiosos. E algumas entre aquelas mulheres começaram a dançar de alegria, e algumas começaram a cantar, e algumas entre elas começaram a rir e a gracejar, e algumas a beber vinhos excelentes. Algumas começaram a obstruir o progresso umas das outras e algumas a brigar entre si, e a conversar entre si em particular. Aquelas mansões e as florestas, cheias com a música encantadora de flautas e violões e timbales, tornou-se a cena da Prosperidade personificada.

Quando esse era o estado das coisas, Arjuna e Vasudeva foram a certo local encantador (naquelas florestas), não longe do lugar onde os outros estavam. Ó monarca, Krishna de grande alma e aquele subjugador de cidades hostis, Arjuna, indo para lá, se sentaram sobre dois assentos muito caros. Vasudeva e Partha se divertiram lá conversando sobre muitas realizações passadas de coragem e outros assuntos. Quando Vasudeva e Dhananjaya que estavam lá sentados alegremente como os Asvins no céu certo brâmane chegou. O brâmane que chegou lá parecia com uma alta árvore Sala. Sua cor era como a do ouro fundido, sua barba era amarela clara tingida de verde, e a altura e largura de seu corpo tinham proporções exatas. De cabelos emaranhados e vestido em trapos, ele parecia o sol da manhã em esplendor. De olhos como pétalas de lótus e de uma cor morena, ele parecia estar queimando com refulgência. Vendo aquele principal dos brâmanes resplandecente com esplendor vir em direção a eles, ambos, Arjuna e Vasudeva se ergueram-se rapidamente de seus assentos e ficaram esperando (pelas ordens dele).'

225

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aquele brâmane dirigiu-se a Arjuna e Vasudeva da linhagem Satwata, dizendo, 'Vocês que estão agora tão perto de Khandava são os dois heróis mais notáveis da terra. Eu sou um brâmane voraz que sempre come muito. Ó tu da linhagem Vrishni, e ó Partha, eu lhes peço para me satisfazerem por me darem alimento suficiente.' Assim abordados pelo brâmane, Krishna e o filho de Pandu responderam, dizendo, 'Ó, dize-nos que espécie de comida te satisfará para que nós possamos nos esforçar para dá-la a ti.' O brâmane ilustre, assim respondido, disse àqueles heróis que tinham perguntado sobre o tipo de comida que ele procurava, 'Eu não desejo comer alimento comum. Saibam que eu sou Agni! Deem-me o alimento que me é adequado. Esta floresta de Khandava é

sempre protegida por Indra. E como ela é protegida pelo ilustre eu sempre fracasso em consumi-la. Nesta floresta vive, com seus seguidores e família, um naga, chamado Takshaka, que é amigo de Indra. E é por causa dele que o manejador do raio protege esta floresta. Muitas outras criaturas também estão assim protegidas aqui por causa de Takshaka. Desejando consumir a floresta eu não tive êxito em minhas tentativas por causa da destreza de Indra. Vendo-me brilhando, ele sempre despeja sobre mim água das nuvens. Portanto, eu não consigo consumir a floresta de Khandava, embora eu deseje muitíssimo fazer isso. Eu agora vim até vocês, vocês que são ambos habilidosos com armas! Se vocês me ajudarem eu certamente consumirei esta floresta, pois exatamente essa é a comida que é desejada por mim! Como vocês estão familiarizados com armas excelentes eu rogo a vocês para impedirem as chuvas de caírem e qualquer uma das criaturas de escapar, quando eu começar a consumir esta floresta!'

Janamejaya disse, ‘Por que o ilustre Agni desejava consumir a floresta de Khandava que estava cheia de várias criaturas vivas e era protegida pelo chefe dos celestiais? Quando Agni consumiu em cólera a floresta de Khandava era evidente que havia uma causa séria. Eu desejo, ó brâmane, ouvir tudo isso de ti em detalhes. Dize-me, ó sábio, como a floresta de Khandava foi consumida antigamente.’

Vaisampayana disse, 'Ó chefe de homens, eu narrarei para ti a história da conflagração de Khandava como contada por rishis no Purana. É dito, ó rei, no Purana, que havia um rei célebre de nome Swetaki que era dotado de força e destreza e que era igual ao próprio Indra. Ninguém sobre a terra se igualava a ele em sacrifícios, caridade e inteligência. Swetaki realizou os cinco grandes sacrifícios e muitos outros, em todos os quais os presentes para os brâmanes foram grandes. O coração daquele monarca, ó rei, estava sempre estabelecido em sacrifícios, ritos religiosos, e doações de todos os tipos. E o rei Swetaki de grande inteligência, ajudado por seus Ritwiks, realizou sacrifícios por muitos longos anos, até que aqueles sacerdotes sacrificais com os olhos atomentados pela contínua fumaça e ficando muito fracos deixaram aquele monarca, desejando nunca mais ajudar em seus sacrifícios. O rei, no entanto, repetidamente pediu àqueles Ritwiks para irem a ele. Mas eles não foram ao seu sacrifício por causa do estado doloroso de seus olhos. O rei, portanto, convidou pela ordem de seus próprios Ritwiks outros como eles, e completou o sacrifício que tinha começado. Depois que alguns dias tinham passado, o rei Swetaki desejou realizar outro sacrifício que deveria se estender por cem anos. Mas o monarca ilustre não conseguiu nenhum sacerdote para ajudá-lo nisso. O rei célebre então, com seus amigos e parentes, rejeitando toda indolência, repetidamente cortejou seus sacerdotes com grande persistência, por se curvar a eles, por palavras conciliadoras, e por presentes de riqueza. Todos eles, no entanto, se recusaram a realizar o propósito que aquele rei de energia imensurável tinha em vista. Então aquele sábio nobre, ficando zangado, se dirigiu àqueles brâmanes sentados em seus retiros, e disse, 'Se, ó brâmanes, eu fosse uma pessoa decaída, ou, se eu estivesse em falta com a homenagem e serviço a vocês, eu então mereceria ser abandonado sem escrúpulo por vocês e por outros brâmanes ao mesmo tempo. Mas como eu não

estou nem degradado nem em falta com as homenagens a vocês não cabe a vocês obstruírem a realização por mim do meu sacrifício ou me abandonar dessa forma, ó principais dos brâmanes, sem razão suficiente. Eu procuro, ó brâmanes, a sua proteção! Cabe a vocês serem auspiciosos para mim. Mas, ó principais dos brâmanes, se vocês me abandonarem só por inimizade ou qualquer motivo impróprio eu irei a outros sacerdotes pedir sua ajuda para o meu sacrifício, e cativando-os por palavras gentis e presentes eu descreverei para eles o trabalho que tenho à mão, para que eles possam realizá-lo.' Tendo dito isso o monarca ficou silencioso. E, ó destruidor de inimigos, uma vez que aqueles sacerdotes bem sabiam que não podiam ajudar no sacrifício do rei, eles fingiram estar zangados, e dirigindo-se àquele melhor dos monarcas disseram, 'Ó melhor dos reis, teus sacrifícios são incessantes! Por te ajudar sempre todos nós estamos exaustos. E como nós estamos cansados por causa daqueles trabalhos cabe a ti nos dar licença. Ó impecável, por perda de bom senso tu não podes esperar (mas nos solicitas com insistência repetidamente). Vai até Rudra! Ele ajudará no teu sacrifício!' Ouvindo essas palavras de censura e cólera o rei Swetaki ficou com raiva. E o monarca dirigiu-se às montanhas de Kailasa, e lá se dedicou ao ascetismo. E, ó rei, o monarca começou a cultuar Mahadeva, com atenção fixa, por cumprir os votos mais rígidos. E às vezes se privando de toda comida ele passou um longo período. O monarca comia somente frutas e raízes às vezes na décima segunda e às vezes na décima sexta hora todos os dias. O rei Swetaki ficou por seis meses, absorto em atenção, com os braços erguidos e olhos firmes, como o tronco de uma árvore ou uma coluna enraizada na terra. E, ó Bharata, Sankara, finalmente satisfeito com aquele tigre entre reis, que estava passando por essas penitências difíceis, se mostrou a ele. E o deus falou ao monarca em uma voz calma e grave, dizendo, 'Ó tigre entre reis, ó destruidor de inimigos, eu estou satisfeito com o teu ascetismo! Abençoado sejas! Pede agora a bênção que tu, ó rei, desejas.' Ouvindo essas palavras de Rudra de energia incomensurável, o sábio real curvou-se àquele deus e respondeu, dizendo, 'Ó ilustre, ó tu que és adorado pelos três mundos, se tu estás satisfeito comigo, então, ó deus dos deuses, ajuda-me tu mesmo, ó senhor dos celestiais, em meu sacrifício!' Ouvindo essas palavras faladas pelo monarca o deus ilustre ficou satisfeito, e disse sorridente, 'Nós mesmos não ajudamos em sacrifícios, mas como tu, ó rei, praticaste penitências severas, desejoso de obter uma bênção, eu ó destruidor de inimigos, ajudarei no teu sacrifício, sob, ó rei, esta condição.' E Rudra continuou, 'Se, ó rei dos reis, tu puderes, por doze anos, despejar sem intervalo libações de manteiga clarificada no fogo, tu mesmo levando todo o tempo a vida de um brahmacharin com atenção absorta, então tu obterás de mim o que tu pedes.' O rei Swetaki, assim abordado por Rudra, fez tudo o que lhe havia sido mandado fazer pelo manejador do tridente. E depois que doze anos tinham passado ele foi outra vez até Maheswara. E Sankara, o Criador dos mundos, ao ver Swetaki, aquele monarca excelente, imediatamente disse, com grande satisfação, 'Eu fui satisfeito por ti, ó melhor dos reis, com esse teu próprio ato! Mas, ó destruidor de inimigos, o dever de ajudar em sacrifícios devidamente pertence aos brâmanes. Portanto, ó opressor de inimigos, eu mesmo não vou ajudar no teu sacrifício hoje. Há na terra um brâmane exaltado que é uma porção do meu próprio ser. Ele é conhecido pelo nome de Durvasa. Aquele brâmane dotado de grande energia o

ajudará no teu sacrifício. Que, portanto, todas as preparações sejam feitas.' Ouvindo essas palavras proferidas por Rudra o rei, voltando para a sua própria capital, começou a reunir tudo o que era necessário. Depois que tudo tinha sido coletado, o monarca novamente se apresentou perante Rudra e disse, 'Todos os artigos necessários foram reunidos, e todos os meus preparativos estão completos, pela tua graça, ó deus dos deuses! Que eu, portanto, seja instalado no sacrifício amanhã.' Tendo ouvido essas palavras daquele rei ilustre Rudra convocou Durvasa e disse: 'Este, ó Durvasa, é o melhor dos monarcas chamado Swetaki. Por minha ordem, ó melhor dos brâmanes, ajuda o rei no sacrifício dele.' E o rishi Durvasa disse a Rudra, 'Que assim seja.' Então o sacrifício para o qual o rei Swetaki tinha feito aqueles preparativos ocorreu. E o sacrifício ilustre do monarca foi realizado segundo a lei na época apropriada. E os presentes, naquela ocasião, para os brâmanes foram grandes. E depois que o sacrifício daquele monarca tinha acabado, todos os outros sacerdotes que tinham chegado para assisti-lo partiram com a permissão de Durvasa. Todos os outros Sadasyas também, de energia incomensurável, que tinham sido instalados naquele sacrifício, então foram embora. Aquele monarca exaltado então entrou em seu próprio palácio, reverenciado por brâmanes exaltados conhecedores dos Vedas, elogiado por cantores de hinos laudatórios e felicitado pelos cidadãos.

Essa é a história daquele melhor dos monarcas, o sábio real Swetaki, que, quando chegou a hora, ascendeu para o céu, tendo ganhado grande renome sobre a terra, e acompanhado pelos Ritwiks e pelos Sadasyas que o tinham ajudado em vida.’

Vaisampayana continuou, 'Naquele sacrifício de Swetaki Agni bebeu manteiga clarificada por doze anos. De fato, manteiga clarificada tinha sido despejada na boca de Agni em uma correnteza contínua naquele período. Tendo bebido tanta manteiga Agni, saciado, não desejava beber manteiga outra vez da mão de ninguém mais em nenhum outro sacrifício. Agni ficou pálido, e tendo perdido a cor ele não podia brilhar como antes. Ele sentiu uma perda de apetite por indigestão, e a sua própria energia diminuiu e a doença o afligiu. Então quando o bebedor de libações sacrificais percebeu que sua energia estava diminuindo gradualmente ele foi à residência sagrada de Brahman que é adorado por todos. Se aproximando do Deus grandioso sentado em seu assento Agni disse, 'Ó exaltado, Swetaki (com seu sacrifício) me satisfez em excesso. Até agora eu estou sofrendo de indigestão a qual eu não posso dissipar. Ó Senhor do universo, eu estou sendo reduzido em esplendor e força. Eu desejo recuperar, através da tua graça, a minha própria natureza permanente.' Ouvindo essas palavras de Hutavaha, o ilustre Criador de todas coisas sorrindo respondeu a ele, dizendo, 'Ó exaltado, tu comeste, por doze anos, uma corrente contínua de manteiga sacrifical despejada em tua boca! É por isso que a doença te acometeu. Mas, ó Agni, não te aflijas por isso. Tu logo recuperarás a tua própria natureza. Eu dissiparei essa tua indigestão e a hora para isso é chegada. A terrível floresta de Khandava, aquela residência dos inimigos dos deuses, a qual tu antigamente uma vez reduziste a cinzas a pedido dos deuses, agora se tornou o lar de numerosas criaturas. Quando tu tiveres comido a gordura daquelas criaturas tu recuperarás a tua própria natureza. Segue para lá

com pressa para consumir aquela floresta com sua população viva. Tu então serás curado da tua enfermidade.' Ouvindo as palavras que saíram dos lábios da Divindade Suprema, Hutasana procedeu com grande velocidade e logo alcançou a floresta de Khandava em grande vigor. Chegando lá ele de repente inflamou-se furiosamente, ajudado por Vayu. Vendo Khandava em chamas os habitantes (da floresta) que lá estavam fizeram grandes esforços para extinguir o incêndio. Elefantes às centenas de milhares, apressados em fúria, trouxeram água em suas trombas e a espalharam sobre o fogo. Milhares de cobras de muitos capelos, loucas de raiva, começaram rapidamente a espalhar sobre o fogo muita água daqueles muitos capelos delas. E assim, ó touro da raça Bharata, as outras criaturas que residiam naquela floresta, por meio de vários instrumentos e esforços, logo extinguiram o fogo. Dessa maneira Agni queimou em Khandava repetidamente, até por sete vezes. E foi desse modo que o fogo ardente foi extinto muitas vezes pelos habitantes daquela floresta.'

226

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Havyavahana (Agni) em raiva e decepção, com sua doença não curada, voltou ao Avô. E ele descreveu para Brahman tudo o que tinha acontecido. O deus ilustre, refletindo por um momento, disse a ele, 'Ó impecável. Eu vejo um caminho pelo qual tu podes consumir a floresta de Khandava hoje à vista de Indra. Aqueles deuses antigos, Nara e Narayana, se encarnaram no mundo dos homens para realizar o trabalho dos celestiais. Eles são chamados na terra de Arjuna e Vasudeva. Eles estão agora mesmo na floresta de Khandava. Pede a eles para te ajudarem a consumir aquela floresta. Tu então consumirás a floresta mesmo se ela for protegida pelos celestiais. Eles vão certamente impedir a população de Khandava de escapar, e impedir Indra também (de ajudar alguém na fuga). Eu não tenho dúvida disso!' Ouvindo essas palavras Agni foi com pressa até Krishna e Partha. Ó rei, eu já te contei o que ele disse, tendo se aproximado do par ilustre. Ó tigre entre reis, ouvindo essas palavras de Agni que estava desejoso de consumir a floresta de Khandava contra a vontade de Indra, Vibhatsu disse a ele estas palavras bem adequadas à ocasião: ‘Eu tenho numerosas armas celestes excelentes com as quais eu posso lutar até com muitos manejadores do raio. Mas, ó exaltado, eu não tenho um arco adequado para a força dos meus braços, e que seja capaz de suportar o poder que eu posso aplicar em batalha. Por causa da rapidez das minhas mãos eu também preciso de flechas que nunca se esgotem. O meu carro também mal pode suportar a carga de flechas que eu desejaria manter perto de mim. Eu desejo corcéis celestes de branco puro, possuidores da velocidade do vento, e um carro possuidor do esplendor do sol cujo ruído das rodas pareça o ribombo das nuvens. Então, não há arma adequada para a energia de Krishna e com a qual Madhava possa matar nagas e pisachas. Ó exaltado, cabe a ti nos dar os meios pelos quais

o sucesso possa ser alcançado e pelos quais nós possamos impedir Indra de derramar suas chuvas sobre essa floresta extensa. Ó Pavaka, nós estamos preparados para fazer tudo o que a virilidade e a habilidade possam fazer. Mas, ó exaltado, cabe a ti nos dar os meios apropriados.'

227

(Continuação do Khandava daha parva)

Vaisampayana disse, 'Assim abordado por Arjuna, Hutasana de bandeira de fumaça, desejoso de uma entrevista com Varuna, se lembrou daquele filho de Aditi, aquele deus que protege um dos pontos dos céus e que tem seu lar na água e governa esse elemento. Varuna, sabendo que estava sendo lembrado por Pavaka, imediatamente apareceu perante aquele deus. O celestial de bandeira de fumaça acolheu com reverência o soberano das águas, aquele quarto dos Lokapalas, e disse àquele deus eterno dos deuses, 'Dá-me sem perda de tempo aquele arco e aljava, e também aquele carro com bandeira de macaco que foram obtidos do rei Soma. Partha realizará uma grande tarefa com Gandiva, e Vasudeva também com o disco! Dá ambos, portanto, para mim hoje.' Ouvindo essas palavras Varuna respondeu a Pavaka, dizendo, 'Bem, eu os dou.' Ele então deu aquela maravilhosa joia de arco que era dotado de grande energia. Aquele arco era o realçador da fama e realizações, e não podia ser danificado por nenhuma arma. Ele era a principal de todas as armas, e o destruidor de todas elas. Ele era o castigador de exércitos hostis e sozinho era igual a cem mil arcos. Ele era o multiplicador de reinos, e era matizado com cores excelentes. Ele era bem adornado, e belo de olhar, e sem uma marca de fraqueza ou dano em lugar algum. E ele era sempre reverenciado pelos celestiais e gandharvas. Varuna também deu duas aljavas inesgotáveis, e ele também deu um carro equipado com armas celestes e cuja bandeira portava um macaco grande. Unidos àquele carro estavam corcéis brancos como a prata das nuvens fofas, nascidos na região dos gandharvas, e enfeitados com arreios dourados, e que pareciam em velocidade o vento ou a mente. Ele estava equipado com instrumentos de guerra, e não podia ser vencido pelos celestiais ou pelos asuras. Seu esplendor era grandioso e os sons de suas rodas eram tremendos. Ele encantava o coração de toda criatura que o olhasse. Ele tinha sido feito por Viswakarman, o arquiteto do universo e um dos senhores da criação, depois de severa meditação ascética. Seu esplendor, como o do sol, era tão grande que ninguém podia fitá-lo. Ele era o próprio carro do qual o senhor Soma tinha vencido os Danavas. Resplandecente com beleza, ele parecia uma nuvem ao anoitecer refletindo a refulgência do sol poente. Ele estava equipado com um excelente mastro de bandeira de cor dourada e grande beleza. E lá sobre aquele mastro de bandeira repousava um macaco celeste de forma feroz como a de um leão ou um tigre. Colocado no alto, o macaco parecia disposto a queimar tudo o que visse. E sobre as (outras) bandeiras havia várias criaturas de grande tamanho, cujos rugidos e gritos faziam os soldados do inimigo desfalecerem. Então Arjuna, vestido em armadura e armado com espada, e com

seus dedos envoltos em luvas de couro, andando ao redor daquele carro excelente adornado com numerosas bandeiras e curvando-se aos deuses, subiu nele como um homem virtuoso no carro celeste que o leva para o céu. E erguendo aquele celestial e principal dos arcos criado por Brahman antigamente e chamado Gandiva Arjuna ficou cheio de alegria. E curvando-se a Hutasana, Partha dotado de grande energia pegou o arco e o encordoou forçosamente. Aqueles que ouviram o barulho que foi feito no momento em que o Pandava poderoso encordoou aquele arco tremeram de medo. E tendo obtido aquele carro e aquele arco, e as duas aljavas inesgotáveis, o filho de Kunti ficou contente e se achou competente para ajudar na tarefa. E Pavaka então deu a Krishna um disco com um mastro de ferro anexado a um buraco no centro. Aquela era uma arma ígnea e se tornou sua favorita. Tendo obtido aquela arma Krishna também ficou à altura da tarefa. Pavaka então, se dirigindo a Krishna, disse, 'Com esta, ó matador de Madhu, tu serás capaz sem dúvida de vencer em batalha até inimigos que não sejam humanos. Com esta arma, sem dúvida, tu serás superior em batalha aos homens e deuses, e rakshasas e pisachas, e daityas e nagas. E certamente com ela tu serás capaz de derrotar a todos. E, ó Madhava, lançada por ti em batalha em teus inimigos, esta arma irresistivelmente matará o inimigo e voltará novamente para as tuas mãos.' E o senhor Varuna, depois disso, deu a Krishna uma maça, de nome Kaumodaki, capaz de matar a todos os daityas e que produzia, quando arremessada, um ribombo como o do trovão. Então Arjuna e Achyuta cheios de alegria disseram a Pavaka, 'Ó exaltado, equipados com armas e sabendo usá-las, possuindo carros com bandeiras e mastros, nós somos agora capazes de lutar até com todos os celestiais e os asuras (juntos), sem falar do manejador do raio desejoso de lutar por causa do naga (seu amigo Takshaka).' Arjuna também disse, 'Ó Pavaka, quando Hrishikesa, dotado de energia abundante, se mover no campo de batalha com este disco na mão, não haverá nada nos três mundos que ele não será capaz de destruir por lançar esta arma. Tendo obtido o arco Gandiva e este par de aljavas inesgotáveis eu também estou preparado para conquistar em batalha os três mundos. Portanto, ó senhor, queima como quiseres, cercando esta floresta grande por todos os lados. Nós somos totalmente capazes de te ajudar.'

Vaisampayana continuou, 'Ao ouvir isso de Dasarha e Arjuna o deus ilustre então manifestou sua forma mais enérgica, pronto para consumir a floresta. Cercando-a todos os lados com suas sete chamas ele começou a consumir a floresta de Khandava, exibindo sua forma que tudo consome como aquela no fim do Yuga (ciclo). E, ó touro da raça Bharata, cercando aquela floresta e pegando-a por todos os lados com um rugido como o das nuvens, Agni fez todas as criaturas dentro dela tremerem. E, ó Bharata, aquela floresta queimando então parecia resplandecente como o rei das montanhas, Meru, refulgente com os raios do sol caídos sobre ele.'

228

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aqueles principais dos guerreiros em carros (Krishna e Arjuna), conduzindo seus carros e se colocando em lados opostos da floresta, começaram uma grande matança, por todos os lados, das criaturas residentes em Khandava. Em qualquer ponto em que as criaturas residentes em Khandava pudessem ser vistas tentando fugir, para lá se apressavam aqueles poderosos heróis (para impedir sua fuga). De fato aqueles dois carros excelentes pareciam ser somente um, e também os dois guerreiros neles apenas um indivíduo. E enquanto a floresta estava queimando, centenas e milhares de criaturas vivas, proferindo gritos terríveis, começaram a correr para todos os lados em todas as direções. Algumas tinham membros específicos queimados, algumas estavam chamuscadas pelo calor excessivo, algumas saíam, e algumas corriam para lá e para cá por medo. E algumas abraçando seus filhos, e algumas seus pais e irmãos, morriam tranquilamente sem, por excesso de afeição, serem capazes de abandonar aqueles que lhes eram queridos. E havia muitas lá que, mordendo seus lábios inferiores, se erguiam no ar e logo caíam girando no ardente elemento abaixo de si. E algumas eram vistas rolando sobre o solo com asas, olhos, e pés chamuscados e queimados. Aquelas criaturas eram todas vistas perecer quase imediatamente. Os tanques e lagos dentro daquela floresta, aquecidos pelo fogo ao redor, começaram a ferver, e os peixes e as tartarugas neles todos pereceram. Durante aquele grande massacre de criaturas vivas naquela floresta, os corpos em chamas de vários animais faziam parecer que o próprio fogo tinha assumido muitas formas. As aves que levantavam voo para escapar daquela conflagração eram todas perfuradas por Arjuna com suas flechas e, cortadas em pedaços, elas caíam no elemento ardente abaixo. Perfuradas completamente pelas flechas de Arjuna as aves caíam dentro da floresta ardente, proferindo gritos altos. Os habitantes da floresta, atingidos por aquelas setas, começaram a rugir e a gritar. O clamor que eles ergueram era como o tumulto terrível ouvido durante o batimento do oceano (nos tempos antigos). As poderosas chamas de fogo ardente alcançaram o firmamento, causando grande ansiedade nos próprios celestiais. Então todos os habitantes ilustres do céu foram em grupo ao deus de cem sacrifícios e mil olhos, seu chefe, aquele destruidor de asuras. Aproximando-se de Indra, os celestiais disseram, 'Por que, ó senhor dos imortais, Agni queima essas criaturas? Chegou a hora da destruição do mundo?'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras dos deuses, e ele mesmo vendo o que Agni estava fazendo, o matador de Vritra saiu para proteger a floresta de Khandava. E Vasava, o chefe dos celestiais, logo cobrindo o céu com massas de nuvens de todos os tipos começou a derramar chuva sobre a floresta ardente. Aquelas massas de nuvens às centenas e aos milhares, comandadas por Indra, começaram a despejar chuva sobre Khandava em pingos grossos como os mastros de bandeira dos carros de batalha. Mas as chuvas eram todas secadas completamente no próprio céu pelo calor do fogo e, portanto, não alcançavam o fogo em absoluto! Então o matador de Namuchi, ficando furioso com Agni, reuniu

massas enormes de nuvens e as fez produzir um aguaceiro pesado. Com as chamas competindo com aquelas chuvas pesadas, e com massas de nuvens sobre si, aquela floresta, cheia de fumaça e luzes de relâmpagos, tornou-se terrível de olhar.'

229

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Vibhatsu, o filho de Pandu, invocando suas armas excelentes, impediu aquela chuva de Indra por meio de uma chuva de suas próprias armas. E Arjuna de alma incomensurável logo cobriu a floresta de Khandava com incontáveis flechas como a lua cobrindo a atmosfera com um nevoeiro denso. Quando o céu acima daquela floresta estava assim coberto pelas flechas de Arjuna nenhuma criatura viva podia então escapar de baixo. E aconteceu que enquanto aquela floresta estava queimando Takshaka, o chefe dos nagas, não estava lá, tendo ido naquela hora ao campo de Kurukshetra. Mas Aswasena, o filho poderoso de Takshaka, estava lá. Ele fez grandes esforços para escapar daquele fogo, mas confinado pelas flechas Arjuna ele não conseguia achar um caminho. Foi então que a mãe dele, a filha de uma cobra, resolveu salvá-lo por engoli-lo primeiro. Sua mãe primeiro engoliu sua cabeça e então estava engolindo sua cauda. E desejosa de salvar seu filho a cobra do mar ergueu-se (acima da terra) enquanto ainda estava empenhada em engolir a cauda do filho. Mas Arjuna tão logo a viu escapando separou a cabeça dela do corpo por meio de uma flecha afiada. Indra viu tudo isso, e desejando salvar o filho do amigo o manejador do raio, por erguer um vento violento, fez Arjuna perder a consciência. Durante aqueles poucos momentos Aswasena conseguiu efetuar sua fuga. Vendo aquela manifestação do poder de ilusão, e enganado por aquela cobra, Arjuna ficou muito enfurecido. Ele em seguida cortou todo animal que procurava fugir pelos céus, em dois, três, ou mais pedaços. E Vibhatsu em fúria, e Agni, e Vasudeva também, amaldiçoaram a cobra que tinha escapado tão fraudulentamente, dizendo, 'Tu nunca serás famoso.' E Jishnu, se lembrando do logro praticado sobre si, ficou furioso, e cobrindo o firmamento com uma nuvem de flechas procurou lutar com aquele de mil olhos. O chefe dos celestiais também, vendo Arjuna com raiva, procurou lutar com ele, e lançou suas próprias armas violentas, cobrindo a larga extensão do firmamento. Então os ventos, fazendo um rugido alto e agitando todos os oceanos, juntaram massas de nuvens no céu, carregadas com torrentes de chuva. Aquelas massas de nuvens começaram a vomitar trovões e relâmpagos terríveis carregados com o estampido do trovão. Então Arjuna, possuindo o conhecimento de recursos, lançou a arma excelente chamada Vayavya com os mantras apropriados para dissipar aquelas nuvens. Com aquela arma a energia e a força do raio de Indra e aquelas nuvens foram destruídas. E as torrentes de chuva com as quais aquelas nuvens estavam carregadas foram todas completamente secadas, e o relâmpago que vibrava entre

elas foi também destruído. Em um instante o céu ficou limpo de poeira e escuridão, e uma brisa fresca e agradável começou a soprar e o disco do sol retomou seu estado normal. Então o comedor de manteiga clarificada (Agni), contente porque ninguém podia frustrá-lo, assumiu várias formas, e salpicado com a gordura exsudada pelos corpos das criaturas resplandeceu com todas as suas chamas, enchendo o universo com seu rugido. Então aves numerosas da tribo Garuda portando excelentes plumagens, vendo que a floresta era protegida por Krishna e Arjuna, desceram cheias de orgulho dos céus mais altos, desejosas de atingir aqueles heróis com suas asas como raios, bicos e garras. Numerosos nagas também, com rostos emitindo fogo, desceram do alto e se aproximaram de Arjuna, vomitando todo o tempo o veneno mais virulento. Vendo-os se aproximarem Arjuna os cortou em pedaços por meio de flechas imersas no fogo da sua própria fúria. Então aquelas aves e cobras, privadas de vida, caíram no elemento ardente abaixo. E foram lá também, desejosos de lutar, inúmeros asuras com gandharvas e yakshas e rakshasas e nagas proferindo gritos impressionantes. Armados com máquinas que vomitavam de suas gargantas bolas e projéteis de ferro, e catapultas para impulsionar pedras enormes, e foguetes, eles se aproximaram para atingir Krishna e Partha, com sua energia e força aumentadas pela fúria. Mas, embora eles despejassem uma perfeita chuva de armas, Vibhatsu, dirigindo-se a eles repreensivamente, cortou suas cabeças com suas próprias flechas afiadas. Aquele matador de inimigos, Krishna, também, dotado de grande energia, também fez um grande massacre de daityas e danavas com seu disco. Muitos asuras de poder incomensurável, perfurados pelas setas de Krishna e atingidos pela força de seu disco, ficavam inertes como refugos encalhados na margem pela violência das ondas. Então Sakra, o senhor dos celestiais, montado em seu elefante branco, avançou naqueles heróis, e erguendo seu raio que nunca podia partir em vão o arremessou com grande força. E o matador de asuras disse aos deuses, 'Estes dois estão mortos.' Vendo o violento raio ser arremessado por seu chefe, todos os celestiais pegaram suas respectivas armas. Yama, ó rei, pegou a maça distribuidora de morte, e Kuvera sua clava com pontas de ferro, e Varuna seu laço e míssil belos. E Skanda (Kartikeya) pegou sua lança comprida e ficou imóvel como a montanha de Meru. Os Asvins estavam lá com plantas resplandecentes nas mãos. Dhatri ficou com o arco na mão, e Jaya com uma maça grossa. Tvashtri de grande força ergueu com raiva uma montanha enorme e Surya ficou com um dardo brilhante, e Mrityu com um machado de batalha. Aryaman aproximou-se silenciosamente com uma clava terrível equipada de ferrões afiados, e Mitra ficou lá com um disco afiado como uma navalha. E, ó monarca, Pushan e Bhaga e Savitri, em cólera, avançaram em Krishna e Partha com arcos e cimitarras nas mãos. E os Rudras e os Vasus, os Maruts poderosos e os Viswedevas e os Sadhyas, todos resplandecentes com sua própria energia, esses e muitos outros celestiais, armados com várias armas avançaram contra aqueles louvados pelos homens, Krishna e Partha, para prostrá-los. Então foram vistos naquele grande conflito magníficos portentos por toda parte, privando todas as criaturas de seus sentidos, e parecidos com aqueles que aparecem no tempo da dissolução universal. Mas Arjuna e Krishna, destemidos e invencíveis em batalha, vendo Sakra e os outros celestiais preparados para a luta, esperaram tranquilamente, com arcos nas mãos. Habilidosos em batalha, aqueles heróis em

fúria atacaram a hoste de celestiais que avançava com suas próprias flechas como trovões. Os celestiais, repetidamente derrotados por Krishna e Arjuna, finalmente deixaram o campo de batalha por medo e procuraram a proteção de Indra. Os Munis que estavam testemunhando a batalha dos céus, vendo os celestiais derrotados por Madhava e Arjuna, ficaram cheios de admiração. Sakra também, repetidamente testemunhando a bravura deles em batalha, ficou muito satisfeito, e mais uma vez apressou-se para o ataque. O castigador de Paka então produziu uma pesada chuva de pedras, desejando averiguar a destreza de Arjuna, que era hábil para usar o arco até com a mão esquerda. Arjuna, em grande fúria, dissipou com suas flechas aquela chuva grossa. Então aquele de cem sacrifícios, vendo a chuva dissipada, mais uma vez produziu uma chuva grossa de pedras. Mas o filho do destruidor de Paka (Arjuna) satisfez seu pai por dissipar aquela chuva também com suas flechas velozes. Então Sakra, desejoso de derrotar o filho de Pandu, arrancou com suas mãos um grande topo de Mandara, com árvores altas nele, e o arremessou. Mas Arjuna dividiu aquele topo de montanha em mil pedaços com suas flechas rápidas e de bocas de fogo. Os fragmentos daquela montanha, ao caírem através dos céus, fizeram parecer que o sol e a lua e os planetas, deslocados de suas posições, estavam caindo na terra. Aquele topo enorme caiu sobre aquela floresta e por sua queda matou numerosas criaturas vivas que moravam em Khandava.'

230

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então os habitantes da floresta de Khandava, os danavas e rakshasas e nagas e lobos e ursos e outros animais selvagens, e elefantes com têmporas fendidas, e tigres, e leões de jubas e veados e búfalos às centenas, e aves, e várias outras criaturas, assustadas pelas pedras caindo e extremamente ansiosas, começaram a fugir em todas as direções. Elas viram a floresta (queimando por toda parte) e Krishna e Arjuna também prontos para abatê-los com suas armas. Assustadas pelos sons terríveis que eram audíveis lá, aquelas criaturas perdiam seu poder de movimento. Vendo a floresta queimando em inúmeros lugares e Krishna também pronto para golpeá-las com suas armas, todas elas davam rugidos terríveis. Com aquele clamor terrível como também com o rugido do fogo, todo o firmamento ressoou, por assim dizer, com a voz de nuvens portentosas. Kesava de cor escura e braços poderosos, para efetuar sua destruição, arremessava nelas seu grande e feroz disco resplandecente com sua própria energia. Os habitantes da floresta incluindo os danavas e os rakshasas, atingidos por aquela arma, eram cortados em centenas de pedaços e caíam na boca de Agni. Mutilados pelo disco de Krishna, os asuras ficavam lambuzados de sangue e gordura e pareciam nuvens noturnas. E, ó Bharata, aquele da linhagem Vrishni se movia ágil com a própria morte, matando pisachas e aves e nagas e outras criaturas aos milhares. O próprio disco, repetidamente lançado das mãos

de Krishna, o destruidor de todos os inimigos, voltava para as suas mãos depois de massacrar incontáveis criaturas. A face e a forma de Krishna, aquele espírito de todos os seres criados, se tornaram aterradores de ver enquanto ele estava assim empenhado na matança de pisachas, nagas e rakshasas. Ninguém entre os celestiais, que tinham se reunido lá, podia vencer Krishna e Arjuna em batalha. Quando os celestiais viram que eles não podiam proteger aquela floresta do poder de Krishna e Arjuna por extinguir aquele incêndio eles se retiraram de cena. Então, ó monarca, aquele de cem sacrifícios (Indra), vendo os imortais retrocederem, ficou cheio de alegria e aplaudiu Krishna e Arjuna. E quando os celestiais desistiram da luta, uma voz incorpórea, profunda e alta, dirigindo-se àquele de cem sacrifícios, disse, 'Teu amigo Takshaka, o chefe das cobras, não foi morto! Antes do incêndio começar em Khandava ele foi para Kurukshetra. Saibas por minhas palavras, ó Vasava, que ninguém é capaz de vencer Vasudeva e Arjuna em batalha! Eles são Nara e Narayana, aqueles deuses antigos conhecidos! Tu sabes qual é a energia e qual é a bravura deles. Invencíveis em batalha, aqueles melhores dos rishis antigos são invencíveis em todos os mundos! Eles merecem a adoração mais reverente de todos os celestiais e asuras, de yakshas e rakshasas e gandharvas, de seres humanos e kinnaras e nagas. Portanto, ó Vasava, cabe a ti sair daqui com todos os celestiais. A destruição de Khandava foi ordenada pelo Destino!' Então o chefe dos imortais, verificando que as palavras eram verdadeiras, abandonou sua ira e ciúmes, e voltou para o céu. Os habitantes do céu, ó monarca, vendo o ilustre Indra abandonar a luta, o seguiram com todos os seus soldados. Então aqueles heróis, Vasudeva e Arjuna, quando viram o chefe dos celestiais se retirar acompanhado por todos os deuses, deram um rugido leonino. E, ó monarca, Kesava e Arjuna, depois de Indra ter deixado a cena, ficaram extremamente contentes. Aqueles heróis então destemidamente ajudaram na queima da floresta. Arjuna dispersou os celestiais como o vento espalha as nuvens, e matou com chuvas de suas flechas inúmeras criaturas que moraram em Khandava. Mortas pelas flechas de Arjuna, nenhuma entre as incontáveis criaturas podia escapar da floresta ardente. Longe de lutarem com ele, nenhuma nem mesmo entre as mais fortes criaturas reunidas lá podia olhar para Arjuna cujas armas nunca eram infrutíferas. Às vezes perfurando cem criaturas com uma seta e às vezes uma única criatura com cem setas, Arjuna se movimentava por lá em seu carro. As próprias criaturas, carentes de vida, começaram a cair na boca de Agni (o deus do fogo), como se tivessem sido derrubadas pela própria morte. Nas margens de rios ou em planícies irregulares ou em crematórios, aonde quer que fossem, as criaturas (que viviam em Khandava) não encontravam alívio, pois onde quer que elas procurassem refúgio lá elas eram afligidas pelo calor. E hostes de criaturas rugiam de dor, e elefantes e veados e lobos soltavam gritos de aflição. A esse som os peixes do Ganges e do mar, e as várias tribos de Vidyadharas que moravam naquela floresta todos ficaram aterrorizados. Ó tu de braços poderosos, ninguém podia nem olhar para Arjuna e Janardana de cor escura, quanto mais lutar com eles. Hari matava com seu disco aqueles rakshasas e danavas e nagas que avançavam nele em bandos. De corpos enormes, suas cabeças e troncos eram cortados pelo rápido movimento do disco, e privados de vida eles caíam no fogo ardente. Satisfeitas com grandes quantidades de carne, sangue e gordura, as chamas se ergueram

até uma grande altura sem uma ondulante espiral de fumaça. Hutasana (o deus do fogo) com olhos ardentes e acobreados, e língua flamejante e boca larga, e os cabelos no topo de sua cabeça todos ígneos, bebendo, com a ajuda de Krishna e Arjuna, aquele rio como néctar de gordura animal, ficou cheio de alegria. Imensamente satisfeito, Agni derivou muita alegria.

E ocorreu que o matador de Madhu de repente viu um asura de nome Maya escapando da residência de Takshaka. Agni, tendo Vayu como seu condutor, assumindo um corpo com cabelos emaranhados na cabeça, e rugindo como as nuvens, perseguiu o asura, desejoso de consumi-lo. Vendo o asura, Vasudeva ficou com sua arma erguida, pronto para derrubá-lo, vendo o disco erguido e Agni perseguindo-o por trás para queimá-lo, Maya disse 'Corre para mim, ó Arjuna, e me protege!' Ouvindo sua voz aterrorizada Arjuna disse, 'Não temas.' Aquela voz de Arjuna, ó Bharata, pareceu dar a Maya sua vida. Como o filho piedoso de Pritha disse a Maya que não havia nada a temer, aquele da linhagem Dasarha não mais desejou matar Maya, que era o irmão de Namuchi, e Agni também não o queimou.'

Vaisampayana continuou, 'Protegido de Indra por Krishna e Partha, Agni dotado de grande inteligência queimou aquela floresta por quinze dias. E enquanto a floresta queimava Agni poupou apenas seis de seus habitantes, Aswasena, Maya, e quatro aves chamadas Sarngakas.'

231

(Continuação do Khandava daha Parva)

Janamejaya disse, 'Ó brâmane, conta-me por que e quando aquela floresta queimou daquela maneira Agni não consumiu as aves chamadas Sarngakas? Tu citaste, ó brâmane, o motivo de Aswasena e do danava Maya não terem sido consumidos. Mas tu não disseste até agora qual foi a causa da fuga dos Sarngakas. A fuga dessas aves, ó brâmane, me parece surpreendente. Nos dize por que eles não foram destruídos naquela conflagração terrível.'

Vaisampayana disse, 'Ó destruidor de todos os inimigos, eu te direi tudo quanto ao motivo pelo qual Agni não queimou aquelas aves durante a conflagração. Havia, ó rei, um grande rishi conhecido pelo nome de Mandapala, conhecedor de todos os shastras, de votos rígidos, dedicado ao ascetismo, e o principal de todos os homens virtuosos. Seguindo o mesmo caminho dos rishis que tinham parado seu fluido viril, aquele asceta, ó monarca, com todos os sentidos sob controle total, se dedicava ao estudo e à virtude. Tendo alcançado as margens opostas do ascetismo, ó Bharata, ele deixou sua forma humana e foi à região dos Pitris. Mas indo para lá ele fracassou em obter o (esperado) fruto de seus atos. Ele perguntou aos celestiais que estavam sentados ao redor do rei dos mortos quanto à causa de seu tratamento, dizendo, 'Por que essas regiões se tornaram inalcançáveis

para mim, regiões que eu pensei que tinham sido alcançadas por mim pelas minhas devoções ascéticas? Eu não realizei aqueles atos cujos frutos são essas regiões? Ó habitantes do céu, me digam por que essas regiões estão fechadas diante de mim! Eu farei o que me dará o fruto das minhas penitências ascéticas.'

Os celestiais responderam, ‘Saibas, ó brâmane, daqueles atos e coisas por causa dos quais os homens nascem devedores. Sem dúvida, é por ritos religiosos, estudos segundo a lei, e progênie que os homens nascem devedores. Essas dívidas são todas pagas por meio de sacrifícios, ascetismo e prole. Tu és um asceta e também realizaste sacrifícios, mas não tens nenhuma prole. Essas regiões estão fechadas para ti somente por falta de filhos. Gera filhos, portanto! Tu então desfrutarás de diversas regiões de felicidade. Os Vedas declaram que o filho resgata o pai de um inferno chamado Put. Então, ó melhor dos brâmanes, esforça-te para gerar prole.’

Vaisampayana continuou, 'Mandapala, ao ouvir as palavras dos habitantes do céu, refletiu como melhor ele poderia obter o maior número de prole dentro do mais curto período de tempo. O rishi, depois de reflexão, compreendeu que de todas as criaturas somente as aves eram abençoadas com fecundidade. Assumindo a forma de um Sarngaka o rishi se uniu com uma ave fêmea da mesma espécie chamada pelo nome de Jarita. E ele gerou nela quatro filhos que eram todos narradores dos Vedas. Deixando todos aqueles seus filhos com sua mãe naquela floresta, enquanto eles ainda estavam dentro dos ovos, o asceta foi até (outra esposa chamada pelo nome de) Lapita. E, ó Bharata, quando o sábio exaltado partiu pela companhia de Lapita, movida por afeição por sua prole, Jarita ficou muito zelosa. Embora abandonados por seu pai na floresta de Khandava, Jarita, ansiosa em seu afeto por eles, não pode abandonar sua prole, aqueles bebês rishis envolvidos em ovos. Movida por afeição materna, ela criou aquelas suas crianças, ela mesma adotando as ocupações apropriadas para a sua própria espécie. Algum tempo depois o rishi, ao vaguear por aquela floresta na companhia de Lapita, viu Agni vindo em direção a Khandava para queimá-la. Então o brâmane Mandapala, sabendo da intenção de Agni e se lembrando também de que seus filhos eram todos jovens, movido pelo medo, agradou ao deus do elemento ardente, aquele regente do universo, dotado de grande energia. E ele o fez, desejando falar em favor de sua prole implume. Dirigindo-se a Agni, o rishi disse, 'Tu és, ó Agni, a boca de todos os mundos! Tu és o carregador de manteiga sacrifical! Ó purificador (de todos os pecados), tu te moves invisível com o corpo de todas as criaturas! Os eruditos falam de ti como Um, e também como possuidor de natureza tripla. Os sábios realizam seus sacrifícios diante de ti, tomando-te como composto de oito (bocas). Os grandes rishis declaram que este universo é criado por ti. Ó tu que te alimentas da manteiga sacrifical, sem ti todo este universo seria destruído em um único dia. Reverenciando-te, os brâmanes, acompanhados por suas esposas e filhos, vão para eternas regiões obtidas por eles pela ajuda dos seus próprios atos. Ó Agni, os eruditos te descrevem como as nuvens nos céus carregadas de relâmpagos. Ó Agni, as chamas manifestadas por ti consomem a todas as criaturas. Ó tu de grande esplendor, este universo é criado por ti. Os Vedas são tua palavra. Todas as criaturas, móveis e imóveis,

dependem de ti. A água primeiramente depende de ti, assim como todo este universo. Todas as oferendas de manteiga clarificada e oblações de comida aos pitris são colocadas em ti. Ó deus, tu és o consumidor, tu és o criador e tu és o próprio Vrihaspati (em inteligência). Tu és os gêmeos Asvins, tu és Surya, tu és Soma, tu és Vayu.’

Vaisampayana continuou, 'Ó monarca, assim louvado por Mandapala, Agni foi gratificado por aquele rishi de energia incomensurável, e o deus, bem satisfeito, respondeu, 'Qual bem eu posso fazer para ti?' Então Mandapala com as palmas unidas disse ao carregador da manteiga clarificada, 'Quando tu queimares a floresta de Khandava poupa os meus filhos.' O ilustre portador de manteiga clarificada respondeu, 'Que assim seja.' Foi por isso então, ó monarca, que enquanto consumia a floresta de Khandava ele não efetuou a destruição dos filhos de Mandapala.'

232

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando o fogo resplandeceu na floresta de Khandava, as aves bebês ficaram muito aflitas e angustiadas. Cheias de ansiedade, elas não viram quaisquer meios de fuga. Sua mãe, a desamparada Jarita, sabendo que eles eram jovens demais para fugir, estava cheia de tristeza e lamentou alto. E ela disse, 'Oh, a terrível conflagração, iluminando todo o universo e queimando a floresta, se aproxima de nós, aumentando a minha dor. Estes bebês de mente imatura, sem penas e pés, e o único refúgio dos nossos ancestrais falecidos, me afligem. Oh, o fogo se aproxima, espalhando medo por toda parte, e lambendo com sua língua as árvores mais altas. Mas as minhas crianças implumes são incapazes de efetuar sua fuga. Eu mesma não sou capaz de escapar levando todos eles comigo. Nem sou capaz de abandoná-los, pois meu coração está aflito por sua causa. Quem entre os meus filhos eu deixarei para trás, e quem eu levarei comigo? Que (ato) eu devo fazer agora que seja compatível com o dever? O que também vocês, meus pequenos filhos, acham? Eu, mesmo por reflexão, não vejo nenhum meio de fuga para vocês. Eu cobrirei vocês com minhas asas e morrerei com vocês. Seu pai cruel me deixou algum tempo atrás, dizendo, 'Deste Jaritari, porque ele é o mais velho dos meus filhos, a minha linhagem dependerá. Meu segundo Sarisrikka gerará prole para o desenvolvimento da linhagem dos meus antepassados. Meu terceiro, Stamvamitra, será devotado ao ascetismo, e o mais jovem, Drona, se tornará o principal dos conhecedores dos Vedas.' Mas como esta calamidade terrível nos alcançou, quem eu levarei comigo? Como eu estou privada de bom senso, o que eu devo fazer que seja compatível com o dever? Eu não vejo, pelo exercício do meu próprio julgamento, a fuga dos meus filhos do fogo!'

Vaisampayana disse, 'Para sua mãe, que se entregava a essas lamentações, os bebês disseram, 'Ó mãe, abandonando a tua afeição por nós, vai para um lugar

onde não haja fogo. Se nós formos mortos aqui tu poderás ter outros filhos. Se tu, ó mãe, fores morta, nós não poderemos ter mais crianças em nossa linhagem. Refletindo sobre ambas essas calamidades chegou a hora, ó mãe, de tu fazeres o que é benéfico para a nossa raça. Não sejas influenciada pela afeição por tua prole, a qual promete destruir a nós e a ti. Se tu te salvares, o nosso pai, que está desejoso de alcançar as regiões de felicidade, poderá ter seus desejos realizados.'

Ouvindo o que os bebês disseram Jarita respondeu, 'Há um buraco aqui no chão perto desta árvore, pertencente a um camundongo. Entrem neste buraco sem perda de tempo. Vocês então não terão que temer o fogo. Depois que vocês tiverem entrado, eu, ó filhos, cobrirei sua entrada com poeira. Esse é o único meio que eu vejo de escapar do fogo ardente. Então quando o fogo se extinguir eu voltarei para cá para remover a poeira. Sigam esse meu conselho se vocês querem escapar do incêndio.'

As aves bebês responderam, 'Sem penas nós somos apenas algumas bolas de carne. Se nós entrarmos no buraco é certo que o camundongo carnívoro destruirá a todos nós. Vendo este perigo à nossa frente nós não podemos entrar no buraco. Ai, nós não vemos quaisquer meios pelos quais possamos escapar do fogo ou do camundongo. Nós não vemos como o ato de procriação do nosso pai pode ser impedido de se tornar inútil, e como também nossa mãe pode ser salva. Se nós entrarmos no buraco o camundongo nos destruirá, e se permanecermos onde estamos o fogo que percorre o céu nos destruirá. Refletindo sobre ambas as calamidades uma morte pelo fogo é preferível a uma morte por ser comido. Se nós formos devorados pelo camundongo dentro do buraco essa morte será certamente ignóbil, uma vez que a destruição do corpo pelo fogo é aprovada pelos sábios.'

233

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Ouvindo essas palavras de seus filhos, Jarita continuou, 'O pequeno camundongo saiu do buraco e foi apanhado por um falcão com suas garras que o carregou para longe daqui. Portanto, vocês podem sem medo entrar neste buraco agora.' Os jovens responderam, 'Nós não temos nenhuma certeza de que aquele camundongo foi levado pelo falcão. Pode haver outros ratos vivendo aqui. Deles nós todos temos medo. Ao passo que é duvidoso se o fogo se aproximará daqui. Nós já vemos um vento contrário soprando as chamas para longe. Se nós entramos no buraco a morte será certa nas mãos dos habitantes do buraco. Mas se permanecemos onde estamos a morte é incerta. Ó mãe, uma posição na qual morte é incerta é melhor do que uma na qual ela é certa. É teu dever, portanto, escapar, para que, se tu viveres, tu possas obter outros filhos igualmente bons.'

Sua mãe então disse, 'Ó filhos, eu mesma vi o falcão poderoso, aquela melhor das aves, mergulhar e voar para longe com o rato do buraco. E enquanto ele estava indo embora rapidamente eu o segui e pronunciei uma bênção sobre ele por ter levado embora o camundongo do buraco. Eu disse a ele: 'Ó rei dos falcões, porque tu estás voando para longe levando nosso inimigo, o camundongo, em tuas garras, que tu possas, sem um inimigo, viver no céu com um corpo dourado.' Depois quando aquele falcão devorou o rato, eu vim embora, obtendo sua permissão. Portanto, ó crianças, entrem neste buraco confiantemente. Vocês não têm nada a temer. O camundongo que era seu ocupante foi capturado e morto pelo falcão à minha vista.' Os jovens outra vez disseram, 'Ó mãe, nós não sabemos por nenhum meio se o camundongo foi morto pelo falcão. Nós não podemos entrar no buraco no chão sem estarmos certos do fato.' Sua mãe disse, 'Eu sei com certeza que o camundongo foi levado pelo falcão. Portanto, ó crianças, vocês não têm nada a temer, façam o que eu digo.' Os jovens novamente disseram, 'Nós não estamos dizendo, ó mãe, que tu estás dissipando nossos medos com uma história falsa. Pois o quer que seja feito por uma pessoa quando a sua razão está perturbada mal pode ser considerado como uma ação intencional da pessoa. Tu não tens sido beneficiada por nós, nem sabes quem nós somos. Por que, portanto, tu te esforças por nos proteger a tanto custo para ti mesma? Quem somos nós para ti? Tu és jovem e bela, e capaz de procurar teu marido. Vai ao teu marido. Tu obterás bons filhos novamente. Deixa que nós por entrarmos no fogo alcancemos regiões de felicidade. Se, no entanto, o fogo não nos consumir, tu poderás voltar e nos obter novamente.'

Vaisampayana disse, 'A mãe ave então, assim abordada por seus filhos, deixou-os em Khandava e foi depressa para um local onde não havia fogo e havia segurança. Então Agni rapidamente e com chamas ferozes se aproximou do local onde os filhos de Mandapala estavam. As aves jovens viram o fogo ardente indo em direção a elas. Então Jaritari, o mais velho dos quatro, na audição de Agni, começou a falar.'

234

(Continuação do Khandava daha Parva)

Jaritari disse, ‘A pessoa que é sábia permanece alerta em virtude da morte. Consequentemente, quando a hora da morte se aproxima, ela não sente aflições. Mas a pessoa de alma desorientada, que não permanece vigilante, quando chega a hora da morte sente as angústias da morte e nunca obtém a salvação.’

O segundo irmão, Sarisrikka, disse, 'Tu és paciente e inteligente. Chegou a hora em que as nossas vidas estão ameaçadas. Sem dúvida, só um único entre muitos se torna sábio e corajoso.'

O terceiro irmão, Stamvamitra, disse, ‘O irmão mais velho é chamado de protetor. É o irmão mais velho que salva (os mais jovens) do perigo. Se o próprio irmão mais velho falha em resgatá-los, o que podem os mais novos fazer?’

O quarto e mais novo irmão, Drona, disse, ‘O cruel deus do fogo, com sete línguas e sete bocas vem rapidamente em direção à nossa habitação, brilhando em esplendor e lambendo tudo em seu caminho.’

Vaisampayana continuou, ‘Tendo se dirigido uns aos outros dessa forma, os filhos de Mandapala então, cada um, devotamente dirigiu um hino laudatório para Agni. Ouve agora, ó monarca, esses hinos enquanto eu os recito.’

Jaritari disse, ‘Tu és, ó fogo, a alma do ar! Tu és o corpo da vegetação da Terra! Ó Sukra, a água é tua origem como tu és a origem da água! Ó tu de grande energia, as tuas chamas, como os raios do sol, se estendem acima, abaixo, atrás, e de cada lado.’

Sarisrikka disse, 'Ó deus de bandeira de fumaça, nossa mãe não é vista, e nós não conhecemos nosso pai! Nossas penas ainda não cresceram. Nós não temos ninguém para nos proteger exceto tu. Portanto, ó Agni, como nós somos bebês, protege-nos! Ó Agni, como nós estamos aflitos, protege-nos com aquela forma auspiciosa que tens e com aquelas tuas sete chamas! Nós procuramos proteção em tuas mãos. Somente tu, ó Agni, és o dador de calor (no universo). Ó senhor, não há ninguém mais (além de ti) que dá calor aos raios do sol. Ó, protege a nós que somos jovens e que somos rishis. Ó Havyavaha (carregador de manteiga sacrifical), tem a bondade de seguir daqui por alguma outra rota.'

Stamvamitra disse, ‘Somente tu, ó Agni, és tudo! Todo este universo está estabelecido em ti! Tu sustentas a todas as criaturas, e tu suportas o universo! Tu és o transportador de manteiga sacrifical, e tu és a própria manteiga sacrifical excelente! Os sábios te conhecem como um (como causa) e muitos (como efeitos)! Tendo criado os três mundos, tu, ó Havyavaha, novamente os destrói quando chega a hora, expandindo-te! Tu és a causa produtiva de todo o universo, e tu também és a essência na qual o universo se dissolve!’

Drona disse, ‘Ó senhor do universo, crescendo em força e permanecendo dentro de seus corpos, tu fazes a comida que as criaturas vivas comem ser digerida. Tudo, portanto, está estabelecido em ti. Ó Sukra, ó tu de cuja boca os Vedas emergiram, és tu quem assume a forma do sol, absorve as águas da terra e todo o suco líquido que a terra produz, e os devolve com o tempo na forma de chuva e faz tudo crescer! De ti, ó Sukra, são estas plantas e vegetações com folhagem verde! De ti surgiram estes tanques e lagos, e também o grande oceano que é sempre abençoado! Ó tu de raios ferozes, este nosso corpo (humano) depende de Varuna (o deus da água)! Nós somos incapazes de suportar o teu calor. Sê, portanto, nosso auspicioso protetor! Ó, não nos destruas! Ó tu de olhos da cor do cobre, ó tu de pescoço vermelho, ó tu cujo caminho é marcado pela cor preta, salva-nos por seguires ao longo de qualquer rota afastada, como de fato, o oceano salva a casa em suas margens!’

Vaisampayana continuou, ‘Assim abordado por Drona, aquele proferidor de Brahma, Agni, bem satisfeito com o que ouviu, e se lembrando também da promessa que tinha feito para Mandapala, respondeu a ele, dizendo, ‘Tu és um rishi, ó Drona! Pois o que tu disseste é Brahma (verdade vêdica). Eu farei tua vontade. Não temas! De fato, Mandapala me falou de vocês com o propósito de eu poupar seus filhos enquanto consumisse a floresta. As palavras que ele falou e o teu discurso também têm grande importância para mim. Dize o que eu devo fazer. Ó melhor dos brâmanes, eu fiquei muito satisfeito com o teu hino. Abençoado sejas, ó brâmane!’

Drona disse, ‘Ó Sukra, estes gatos nos incomodam todo dia. Ó Hutasana, os consome com seus amigos e parentes.’

Vaisampayana continuou, 'Então Agni fez o que os Sarngakas lhe pediram para fazer, dizendo a eles suas intenções. E, ó Janamejaya, aumentando em força, ele começou então a consumir a floresta de Khandava.'

235

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó tu da linhagem Kuru, o rishi Mandapala ficou muito ansioso por seus filhos, embora ele tivesse falado deles ao deus de raios ferozes. De fato, sua mente não estava em paz. Aflito por causa de seus filhos ele se dirigiu a Lapita (sua segunda mulher com quem ele então estava), dizendo, 'Ó Lapita, como meus filhos são incapazes de se locomover, como estarão eles? Quando o fogo crescer em força e o vento começar a soprar violentamente meus filhos mal poderão se salvar. Como sua mãe poderá resgatá-los? Aquela mulher inocente sofrerá de grande tristeza quando se encontrar incapaz de salvar sua prole. Oh, como ela se acalmará, proferindo várias lamentações por causa dos meus filhos que são todos incapazes de voar ou de elevar-se no ar? Oh, como

estará Jaritari, meu filho, e como estará Sarisrikka, e como estará Stamvamitra, e como estará Drona, e como também estará sua mãe desamparada?'

Ao rishi Mandapala que lamentava dessa maneira na floresta, Lapita, ó Bharata, assim respondeu, sob a influência dos ciúmes, 'Tu não precisas te preocupar com teus filhos que, como tu me asseguraste, são todos rishis dotados de energia e destreza! Eles não podem ter medo do fogo. Tu não falaste a Agni, na minha presença, em favor deles? O deus ilustre não te prometeu salvá-los? Um dos regentes do universo como Agni é, ele nunca falsificará suas palavras. Tu não tens ansiedade, nem o teu coração é inclinado a beneficiar os amigos. É somente por pensar nela, (Jarita), minha rival, que tu estás tão perturbado! Certo é que o amor que tens por mim não é igual ao que tu tiveste por ela a princípio. Aquele que tem dois partidos dividindo a sua atenção pode facilmente ver um daqueles sofrer todos os tipos de angústias, mas ele não deve desconsiderar o partido que está próximo ao seu coração. Então vai até Jarita, por quem teu coração está entristecido! Quanto a mim, eu de agora em diante vaguearei sozinha, como uma justa recompensa por ter me ligado a uma pessoa má.'

Ao ouvir essas palavras Mandapala respondeu, 'Eu não ando sobre a terra com tais intenções como tu imaginas. É só por causa de filhos que eu estou aqui. E aqueles que eu tenho estão em perigo. Aquele que rejeita o que tem por causa do que ele pode adquirir é uma pessoa má. O mundo o desrespeita e o insulta. (Portanto, eu devo ir). Quanto a ti mesma tu estás livre para fazer o que escolheres. Este fogo ardente que lambe as árvores causa tristeza ao meu coração ansioso e cria nele maus pressentimentos.'

Vaisampayana continuou, 'Enquanto isso, depois que o fogo tinha deixado o local onde os Sarngakas moravam, Jarita, muito ligada aos seus filhos, foi até lá rapidamente para ver como eles estavam. Ela verificou que todos tinham escapado do fogo e estavam perfeitamente bem. Vendo sua mãe, eles começaram a chorar, embora sãos e salvos. Ela também derramou lágrimas ao vê-los vivos. E ela abraçou, um a um, todos os seus filhos chorosos. Justamente naquela hora, ó Bharata, o rishi Mandapala chegou lá. Mas nenhum de seus filhos expressou alegria ao vê-lo. O rishi, no entanto, começou a falar a eles um depois do outro e a Jarita também, repetidamente. Mas nem seus filhos nem Jarita falaram qualquer coisa boa ou má a ele em retorno.'

Mandapala então disse, 'Quem entre estes é teu primogênito, e quem é o seguinte depois dele? E quem é o terceiro, e quem é o mais novo? Eu estou falando a ti aflitivamente, por que tu não me respondes? Eu te deixei, é verdade, mas eu não estava feliz onde estava.'

Jarita então disse, 'O que tu tens a ver com mais velho destes, e com o seguinte? E o que com o terceiro e com o mais novo? Vai agora até aquela Lapita de sorriso doce e dotada de juventude, a quem tu foste há algum tempo atrás, me achando imperfeita em tudo!' Mandapala respondeu, 'Em relação a mulheres, não há nada tão destrutivo de sua felicidade neste ou no outro mundo como uma coesposa e uma amante clandestina. Não há nada como essas duas para inflamar

o fogo da hostilidade e causar tal ansiedade. Mesmo a auspiciosa e bem comportada Arundhati, célebre entre todas as criaturas, ficou ciumenta do ilustre Vasishtha de grande pureza mental e sempre dedicado ao bem de sua esposa. Arundhati insultou até o sábio muni entre os sete (celestiais). Por causa de tais pensamentos insultantes dela ela se tornou uma estrela pequena, como fogo misturado com fumaça, às vezes visível e às vezes invisível, como um augúrio que não pressagia nenhum bem (entre uma constelação de sete estrelas brilhantes representando os Sete Rishis). Eu te procuro por causa das crianças. Eu nunca fui injusto contigo, como Vasishtha que nunca foi injusto com sua mulher. Tu, portanto, por teus ciúmes, te comportaste em relação a mim como Arundhati em relação a Vasishtha antigamente. Homens nunca devem confiar nas mulheres mesmo que elas sejam suas esposas. Mulheres, quando se tornam mães, não se dedicam muito a servir aos seus maridos.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disso todos os seus filhos se adiantaram para reverenciá-lo. E ele também começou a falar bondosamente a eles todos, dando-lhes todas as garantias.'

236

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Mandapala então se dirigiu aos seus filhos, dizendo, 'Eu tinha falado a Agni pela segurança de vocês todos. O deus ilustre me garantiu que realizaria o meu desejo. Por aquelas palavras de Agni, e conhecendo a disposição virtuosa de sua mãe, como também da grande energia que está em vocês mesmos, eu não vim aqui mais cedo. Portanto, ó filhos, não nutram em seus corações algum ressentimento com relação a mim. Vocês são todos rishis conhecedores dos Vedas. Até Agni os conhece bem.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo dado essas garantias aos seus filhos, o brâmane Mandapala tomando consigo sua esposa e filhos e deixando aquela região foi para uma outra região.

E foi assim que o deus ilustre de raios ferozes, tendo crescido em força, consumiu a floresta de Khandava com a ajuda de Krishna e Arjuna, pelo bem do mundo. E Agni, tendo bebido vários rios de gordura e medula, ficou muito satisfeito e se mostrou para Arjuna. Então Purandara, cercado pelos Maruts, desceu do firmamento e dirigiu-se a Partha e Kesava dizendo, 'Vocês realizaram uma façanha que nem um celestial poderia realizar. Peçam cada um uma bênção que não seja obtenível por nenhum homem. Eu estou satisfeito com vocês.'

Vaisampayana continuou, 'Então Partha pediu de Indra todas as suas armas. A isso Sakra de grande esplendor, tendo fixado o momento para dá-las, disse, 'Quando o ilustre Madhava ficar satisfeito contigo, então, ó filho de Pandu, eu te darei todas as minhas armas! Ó príncipe da linhagem Kuru, eu saberei quando

chegar a hora. Igualmente pelo teu ascetismo austero eu te darei todas as minhas armas de fogo e todas as minhas armas Vayavya, e tu também as aceitarás todas de mim.' Então Vasudeva pediu que sua amizade com Arjuna fosse eterna. O chefe dos celestiais concedeu ao inteligente Krishna a bênção que ele desejava. E tendo concedido esses benefícios para Krishna e Arjuna, o senhor dos Maruts, acompanhado pelos celestiais, ascendeu para o céu, tendo também falado com Hutasana (aquele cuja comida é a manteiga sacrifical). Agni também, tendo queimado aquela floresta com seus animais e aves por quinze dias, ficou satisfeito e parou de queimar. Tendo comido carne em abundância e bebido gordura e sangue, ele ficou muito satisfeito, e se dirigiu a Achyuta e Arjuna dizendo, 'Eu fui satisfeito por vocês dois tigres entre homens. Por minha ordem, ó heróis, vocês serão capazes de ir para onde quer que escolham!' Assim abordados pelo ilustre Agni, Arjuna e Vasudeva e o danava Maya também, aqueles três, tendo andado um pouco finalmente se sentaram nas margens encantadoras de um rio.'

Fim do Adi Parva.